Estudo comparativo dos Códigos de Pontuação de Ginástica Artística Feminina 2001 e 2006

Análise da sua influência na metodologia do treino e no ajuizamento das competições

Dissertação apresentada com vista à obtenção do grau de Mestre em Ciências do Desporto, na área de especialização em Treino de Alto Rendimento Desportivo, conforme o Decreto-Lei n.° 216/92 de 13 de Outubro.

Orientador: Doutor Manuel Botelho
Co-orientador: Doutor Carlos Araújo

Ana Isabel Azevedo Magalhães

Porto, 2007

Magalhães, A. I. A. (2007). Estudo comparativo dos Códigos de Pontuação de Ginástica Artística Feminina 2001 e 2006 - Análise da sua influência na metodologia do treino e no ajuizamento das competições. Dissertação de Mestrado na especialização de Treino de Alto Rendimento Desportivo apresentada à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto. Porto.

PALAVRAS CHAVE: GINÁSTICA ARTÍSTICA FEMININA, CÓDIGO DE PONTUAÇÃO, TREINADORES, GINASTAS, JUÍZES, METODOLOGIA DE TREINO, AJUIZAMENTO.

Ao meu avô, José da Conceição Magalhães (o meu Anjo da Guarda), do qual sinto muita falta e nunca me esqueço. Estarás para sempre comigo dentro do meu coração.

AGRADECIMENTOS

Para que a consecução deste árduo estudo fosse possível, embora dependa fundamentalmente de um trabalho individual por parte do autor, foi preciosa a colaboração de várias pessoas, que contribuíram em diversos campos, nomeadamente o humano, o científico e o pedagógico, pelo que gostaria de expressar aqui o meu profundo agradecimento. A concretização desta tarefa, inevitavelmente, só foi possível de concretizar devido à participação, ao estímulo, entusiasmo e apoio prestado por um vasto conjunto de pessoas que sem elas seria impossível chegar ao fim e às quais não posso deixar de exprimir o meu apreço:

Ao Prof. Dr. Manuel Botelho e ao Prof. Dr. Carlos Araújo, pela orientação e co-orientação, entusiasmo e incentivo demonstrados ao longo da realização deste trabalho. Por todo o conhecimento que me transmitiram, por todos os desafios que me criaram e por tudo o que levou a que eu evoluísse porque souberam criar as condições para que não desanimasse, para que pudesse realizar um trabalho à minha imagem. Pela sua disponibilidade, acompanhamento contínuo e preocupação e pela cedência de apoio bibliográfico que se tornou fundamental para o desenrolar e concretização deste trabalho sem os quais seria impossível a realização deste estudo. Mas sobretudo por acreditarem em mim e me apoiarem nos momentos mais difíceis e estarem sempre prontos a ajudar e dar mais do que uma palavra amiga, pelo seu acompanhamento e carinho, fazendo com que tudo fosse possível e se concretizasse pelas suas palavras de encorajamento. Sem eles nada teria sido possível.

Ao Prof. Dr. João Vilas-Boas, pela sua extrema compreensão ao longo de todo este processo.

Ao Prof. Dr. Rui Garcia, pela constante disponibilidade demonstrada desde que foi solicitada e sempre que foi precisa, pela sua orientação, explicação e sugestões (principalmente na concepção metodológica), além das suas palavras amigas, compreensivas e calorosas que muito me ajudaram e incentivaram a nível humano, além dos preciosos ensinamentos que me transmitiu.

Ao Mestre José Cachada, igualmente pela sua disponibilidade sempre que esta lhe foi pedida, constante preocupação, assim como os diálogos a nível académico e pessoal, além de toda a cedência de apoio bibliográfico por parte deste e análise realizada ao trabalho a nível do campo metodológico.

Ao Prof. Dr. José Ferreirinha e à Mestre Joana Carvalho pela preocupação e pela cedência de apoio bibliográfico.

À minha família (Pais, Padrinhos, Avó e Primos) pelo seu carinho, compreensão, incentivo e amizade demonstrada ao longo de toda a minha vida, ajudando-me sempre a ultrapassar os momentos mais difíceis e por todos os sacrifícios que fizeram para me poderem ver a realizar o sonho da minha vida e, especialmente, por toda a atenção que não lhes pude dispensar ao longo deste ano e por toda a atenção que eles me cederam, pela constante presença, por toda a confiança que têm em mim, e por me terem apoiado em tudo e estarem sempre ao meu lado e por terem acreditado e acreditarem sempre em mim, e, sem os quais não seria hoje quem sou.

Ao Hugo Abade, pela grande ajuda que me dispensou para a realização deste trabalho, bem como todo o seu carinho, compreensão, paciência, incentivo e encorajamento, transmitindo-me uma força especial para enfrentar todas as contrariedades encontradas.

À Diana Teixeira por todo o apoio e carinho demonstrados ao longo de uma vida, incentivo, amizade e paciência, que se tornaram fundamentais na realização deste trabalho. Pela grande afeição, bem-querer e amizade que nos une! Por todas as repreensões mas também por todos os elogios. Por seres sempre verdadeira e querer sempre o melhor para mim e dizer-me sempre as verdades, mesmo que por vezes não sejam o que se quer ouvir. Obrigada pelas vezes que me trazes para a realidade e me fazes ver as coisas de outra perspectiva, por vezes a mais correcta.

A todos os meus amigos, que tanto prezo, pela atenção que não lhes pude dispensar. Pelo incentivo, grande amizade e constante preocupação demonstrada, querendo agradecer especialmente à Paula Gonçalves, ao Sérgio Duro e ao Vítor Zacarias, pelo constante alento dispensado e por estarem sempre "lá" nos momentos mais difíceis da minha vida, nunca me criticando mas sim apoiando-me, orientando-me, questionando, mas sempre para fazer de mim uma pessoa melhor e ajudarem-me a por vezes não cometer os mesmos erros.

Ao Futebol Clube de Gaia, e em particular ao Rui Aguiar, pela sua compreensão, pelo seu apoio e incentivo. E às minhas atletas, que de uma forma directa e indirecta constituem parte da razão pela qual este estudo existe…

Ao meu Departamento de Educação Física, da Escola Secundária Dr. Bernardino Machado (Figueira da Foz), em especial à Rosa Gravato, ao Carlos Gonçalves e à Filomena ("Meninha"), por toda a ajuda e compreensão para que fosse possível realizar este trabalho e chegar ao fim. Pela sua ajuda a nível de escola e a nível pessoal, pelas suas palavras, compreensão, incentivo e encorajamento em fases difíceis, às quais nunca me negaram nada e sempre me ajudaram exaustivamente naquilo que estava ao seu alcance.

À minha escola, na qual trabalho, mas em especial ao excelente Conselho Executivo (por toda a sua preocupação, compreensão e ajuda, nunca negando nem dificultando nada a nenhum nível), a todos os Funcionários da Secretaria (pela disponibilidade, ajuda, opiniões e esclarecimentos), do Bar (pelo incentivo e palavras quando notavam que algo não estava bem comigo) e a todos os restantes Funcionários da escola pela sua simpatia e disponibilidade. Assim como a todos os alunos da escola, principalmente aos meus, prejudicados não só pelo trabalho de Mestrado mas pelos problemas de saúde da professora. Sempre foram compreensivos e extremamente carinhosos, colocando-me sempre em primeiro lugar, incentivando-me e apoiando-me em tudo e para tudo.

E, por último, a todos os treinadores e juízes que prestaram uma importante colaboração para os resultados obtidos no estudo sobre o tema em questão. Pela disponibilidade demonstrada e compreensão, pela atenção prestada, aliadas às informações cedidas.

Reconheço que sem a colaboração destas pessoas, a sua disponibilidade e ajuda, a realização deste trabalho não teria sido possível.

Gostaria igualmente de agradecer a todas as pessoas que, embora indirectamente, colaboraram de alguma maneira e foram muito importantes para a conclusão do estudo.

A todos o meu muito obrigado!!!

ÍNDICE GERAL

I. Introdução 3

II. Revisão da Literatura 9

2.1. Breve Referência Histórica da Ginástica Artística 9

2.2. Caracterização da Ginástica Artística 14

2.3. Breve Referência e Caracterização dos Códigos de Pontuação da Ginástica Artísitica Feminina 20

2.4. Análise e Comparação dos Códigos de Pontuação de Ginástica Artística Feminina da Federação Internacional de Ginástica (FIG) de 2001 e 2006 23

2.4.1. Regulamento para os participantes nas competições 25

2.4.1.1. Regulamentos para as ginastas 25

2.4.1.2. Regulamentos para os treinadores 27

2.4.1.3. Regulamentos para os Juízes 29

2.4.1.3.1. Funções do Comité Técnico da FIG (CTF) 29

2.4.1.3.2. Regulamentos para as juízes, estrutura, composição e funções dos júris nos aparelhos 32

2.4.2. Regulamentos Gerais 42

2.4.2.1. Avaliação dos Exercícios 42

2.4.2.2. Tabela das Faltas Gerais e Penalizações 51

2.4.2.3. Directrizes Técnicas/Reconhecimento técnico dos elementos 55

2.4.3. Aparelhos 58

2.4.3.1. Saltos 58

2.4.3.2. Paralelas Assimétricas 62

2.4.3.2.1. Exigências Específicas PA 62

2.43.3.2.2. Fórmulas Ligações PA 63

2.4.3.2.3. Composição PA 64

2.4.3.2.4. Os diferentes grupos nas PA 64

2.4.3.2.5. Valores dos elementos de dificuldade nas PA nos CP 2001 e 2006 65

2.4.3.3. Trave Olímpica 67

2.4.3.3.1. Exigências Específicas TR 67

2.4.3.3.2. Fórmulas Ligações TR 68

2.4.3.3.3. Composição TR 68

2.4.3.3.4. Os diferentes grupos na TR 69

2.4.3.3.5. Valores dos elementos de dificuldade na TR nos CP 2001 e 2006 70

2.4.3.4. Solo 72

2.4.3.4.1. Exigências Específicas Solo 72

2.4.3.4.2. Fórmulas Ligações Solo 74

2.4.3.4.3. Composição Solo 75

2.4.3.4.4. Os diferentes grupos no Solo 76

2.4.3.4.5. Valores dos elementos de dificuldade na Solo nos CP 2001 e 2006 77

2.4.4. Síntese da Comparação e Análise dos Códigos 80

III. Objectivos 87

IV. Campo Metodológico 91

4.1. Grupo de estudo 91

4.1.1. Caracterização do Grupo de Estudo 92

4.1.2. Análise do Grupo de Estudo 94

4.1.3. Caracterização do Grupo de Estudo dos Treinadores 100

4.1.4. Caracterização do Grupo de Estudo das Juízes 106

4.2. Metodologia 112

4.2.1. Processo de recolha de dados 112

4.2.1.1. A Entrevista 112

4.2.1.2. Procedimentos 120

4.2.2. Processo Analítico 121

4.2.2.1. Análise de Conteúdo 121

4.2.3. *Corpus* 124

4.2.4. Sistema Categoria 125

V. Apresentação e Discussão dos Resultados 131

5.1. Apresentação, Análise, Interpretação e Discussão das transcrições das Entrevistas realizadas aos Treinadores de GAF 131

5.1.2. Questão 2.1.4 do Guião da Entrevista efectuada aos treinadores: No seu ver é importante ter sido atleta (ex-ginasta) de GA, para ser um bom treinador da modalidade? (Justifique/Argumente a resposta dada) 131

5.1.3. Questão 2.1.5 do Guião da Entrevista efectuada aos treinadores: Em relação ao Código de Pontuação de Ginástica Artística Feminina (CP 2006), 135

considera terem existido grandes mudanças/alterações em relação ao último Código em Vigor (CP 2001)?

5.1.3.1. Questão 2.1.5.1 do Guião da Entrevista efectuada aos treinadores: Se sim, quais considera terem sido as mais significativas? 136

5.1.3.2. Questão 2.1.5.2 do Guião da Entrevista efectuada aos treinadores: Das mudanças/alterações verificadas, quais são no seu entender, as vantagens e desvantagens? 143

5.1.3.3. Questão 2.1.5.3 do Guião da Entrevista efectuada aos treinadores: Está satisfeito com estas mudanças/alterações do CP? (Justifique em função da sua participação presente no treino) 154

5.1.4. Questão 2.1.6 do Guião da Entrevista efectuada aos treinadores: Em relação ao seu trabalho como treinador, procedeu a mudanças ao nível da metodologia de treino, em virtude das alterações verificadas no CP 2006? Ou por outro lado, essas mudanças não alteraram de forma significativa a sua metodologia de treino aplicada ao longo de uma época ou de um ciclo olímpico? 165

5.1.4.1. Questão 2.1.6.1 do Guião da Entrevista efectuada aos treinadores: Se respondeu não, justifique porque considera que não terem sido necessárias alterações ao nível do treino. 168

5.1.4.2. Questão 2.1.6.2 do Guião da Entrevista efectuada aos treinadores: Se respondeu sim, quais as principais mudanças que teve de fazer na sua metodologia de treino. Quais os exercícios que deixou de treinar (se deixou) e quais os que começou a treinar (se tal se verificou)? Acompanhada pelas questões que se seguem: 2.1.6.2.1 No aquecimento? 2.1.6.2.2 Na flexibilidade? 2.1.6.2.3 No trabalho de força (preparação física)? 2.1.6.2.4 Na coreografia (ballet)? Neste momento dá a mesma importância a esta componente de treino da GAF ou mudou alguma coisa? 2.1.6.2.5 Nos saltos? 2.1.6.2.6 Nas paralelas assimétricas? 2.1.6.2.7 Na trave? 2.1.6.2.8 No solo? 2.1.6.2.9 Em relação às novas ligações de elementos possíveis, nas PA, na TR e no SO? (Devido à valorização que é dada actualmente

pelo CP às ligações). 173

5.1.5. Questão 2.1.7 do Guião da Entrevista efectuada aos treinadores: Considera que as alterações verificadas no CP vieram trazer mais exactidão no ajuizamento das ginastas e maior credibilidade à modalidade? (Justifique/Argumente a resposta dada) 187

5.1.6. Questão 2.1.8 do Guião da Entrevista efectuada aos treinadores: Uma vez que actualmente se pode ultrapassar a fasquia máxima dos 10 pontos, concorda com a alteração do CP que veio permitir o estabelecimento de recordes na GA? Não veio este facto deturpar o significado e o objectivo principal da GA (atingir a nota máxima), algo raro e inatingível, a perfeição, que tanto caracterizava a modalidade? (Justifique/Argumente a resposta dada) 199

5.1.7. Questão 2.1.9 do Guião da Entrevista efectuada aos treinadores: Tendo em consideração que o risco de executar exercícios de maior valor (VD) pode valorizar o exercício de uma atleta e levar a uma vitória, por outro lado, a penalização por queda é muito elevada (0.80 p.) e pode levar à consequente derrota. Na sua opinião, vale ou não a pena correr o risco de executar os elementos mais difíceis, e quais as situações em que colocará os seus ginastas numa ou noutra opção. 212

5.1.8. Questão 2.1.10 do Guião da Entrevista efectuada aos treinadores: Comparativamente ao CP anterior vários elementos deixaram de ter valor de dificuldade (VD) enquanto que outros passaram a ter mais valor de dificuldade (VD). Acha que de uma forma geral isso foi positivo ou negativo? Existe algum ou alguns elementos com que não está de acordo em ter(em) sido alterado(s)? 219

5.1.9. Questão 2.1.11 do Guião da Entrevista efectuada aos treinadores: Verifica que as novas alterações vieram facilitar a participação competitiva (resultados) dos seus ginastas? 229

5.1.10. Questão 2.1.12 do Guião da Entrevista efectuada aos treinadores: Como treinador, sente-se mais motivado? 231

5.1.11. Questão 2.1.13 do Guião da Entrevista efectuada aos treinadores: Os atletas sentem-se mais motivados? 234

5.1.12. Questão 2.1.14 do Guião da Entrevista efectuada aos treinadores: Deseja acrescentar alguma informação ou algum pormenor relativamente à alteraçãp do CP que no seu entender possa ser relevante? 239

5.2. Apresentação, Análise, Interpretação e Discussão às transcrições das Entrevistas realizadas às Juízes de GAF 245

5.2.1. Questão 2.2.4 do Guião da Entrevista efectuada às Juízes: Em relação ao Código de Pontuação de Ginástica Artística Feminina (CP 2006), considera terem existido grandes mudanças/alterações em relação ao último Código em vigor (CP 2001)? 246

5.2.1.1. Questão 2.2.4 (Continuação) do Guião da Entrevista efectuada às Juízes: Em relação ao Código de Pontuação de Ginástica Artística Feminina (CP 2006), considera terem existido grandes mudanças/alterações em relação ao último Código em vigor (CP 2001)? E Questão 2.2.4.1 do Guião da entrevista efectuada aos Juízes: Se sim, quais considera terem sido as mais significativas?. 246

5.2.1.2. Questão 2.2.4.2 do Guião da Entrevista efectuada aos Juízes: Das mudanças/alterações verificadas, quais são no seu entender, as vantagens e desvantagens? 254

5.2.2. Questão 2.2.5 do Guião da Entrevista efectuada aos Juízes: Em relação ao seu trabalho como juiz, quais as principais mudanças, diferenças e dificuldades verificadas e sentidas? 268

5.2.3. Questão 2.2.6 do Guião da Entrevista efectuada aos Juízes: Acha mais fácil pontuar com o novo CP? 279

5.2.3.1. Questão 2.2.6 (Continuação) do Guião da Entrevista efectuada aos Juízes: Acha mais fácil pontuar com o novo CP? (Justifique/Argumente a resposta dada) 280

5.2.4. Questão 2.2.7 do Guião da Entrevista efectuada aos Juízes: Considera que as alterações verificadas no CP vieram trazer mais exactidão no ajuizamento das ginastas e maior credibilidade à modalidade? 288

5.2.4.1. Questão 2.2.7 (Continuação) do Guião da Entrevista efectuada aos Juízes: Considera que as alterações verificadas no CP vieram trazer mais exactidão no ajuizamento das ginastas e maior credibilidade à modalidade? (Justifique/Argumente a resposta dada) 291

5.2.5. Questão 2.2.8 do Guião da Entrevista efectuada aos Juízes: Um vez que actualmente se pode ultrapassar a fasquia máxima dos 10 pontos, concorda com a alteração do CP que veio permitir o estabelecimento de recordes na GA? Não veio este facto deturpar o significado e o objectivo principal da GA (atingir a nota máxima), algo raro e inatingível, a perfeição, que tanto caracterizava a modalidade? 302

5.2.5.1. Questão 2.2.8 (Continuação) do Guião da Entrevista efectuada aos Juízes: Um vez que actualmente se pode ultrapassar a fasquia máxima dos 10 pontos, concorda com a alteração do CP que veio permitir o estabelecimento de recordes na GA? Não veio este facto deturpar o significado e o objectivo principal da GA (atingir a nota máxima), algo raro e inatingível, a perfeição, que tanto caracterizava a modalidade? (Justifique/Argumente a resposta dada) 305

5.2.6. Questão 2.2.9 do Guião da Entrevista efectuada aos Juízes: Considera que esta mudança irá trazer uma maior justiça na atribuição de notas? 323

5.2.6.1. Questão 2.2.9 (Continuação) do Guião da Entrevista efectuada às Juízes: Considera que esta mudança irá trazer uma maior justiça na atribuição de notas? (Justifique/Argumente a resposta dada) 324

5.2.7. Questão 2.2.10 do Guião da Entrevista efectuada às Juízes: Deseja acrescentar alguma informação ou algum pormenor relativamente à alteração do CP, que no seu entender possa ser relevante? 332

5.3. Apresentação, Análise, Interpretação e Discussão das questões comuns às

transcrições das Entrevistas do Grupo de Estudo (treinadores e juízes). 339

5.3.1. Questão 2.1.5/ 2.2.4 do Guião da Entrevista, efectuada aos Treinadores/ Juízes (respectivamente): Em relação ao Código de Pontuação de Ginástica Artística Feminina (CP 2006), considera terem existido grandes mudanças/alterações em relação ao último Código em vigor (CP 2001)? 339

5.3.1.1. Questão 2.1.5.1/ 2.2.4.1 do Guião da Entrevista, efectuada aos Treinadores/ Juízes (respectivamente): Em relação ao Código de Pontuação de Ginástica Artística Feminina (CP 2006), considera terem existido grandes mudanças/alterações em relação ao último Código em vigor (CP 2001)? Se sim, quais considera terem sido as mais significativas? 340

5.3.2. Questão 2.1.5.2/ 2.2.4.2 do Guião da Entrevista, efectuada aos Treinadores/ Juízes (respectivamente): Das mudanças/alterações verificadas, quais são no seu entender, as vantagens e desvantagens? 245

5.3.3. Questão 2.1.7/ 2.2.7 do Guião da Entrevista, efectuada aos Treinadores/ Juízes (respectivamente): Considera que as alterações verificadas no CP vieram trazer mais exactidão no ajuizamento das ginastas e maior credibilidade à modalidade? 355

5.3.3.1. Questão 2.1.7/ 2.2.7 do Guião da Entrevista, efectuada aos Treinadores/ Juízes (respectivamente): Considera que as alterações verificadas no CP vieram trazer mais exactidão no ajuizamento das ginastas e maior credibilidade à modalidade? (Justifique/Argumente a resposta dada) 357

5.3.4. Questão 2.1.8/ 2.2.8 do Guião da Entrevista, efectuada aos Treinadores/ Juízes (respectivamente): Um vez que actualmente se pode ultrapassar a fasquia máxima dos 10 pontos, concorda com a alteração do CP que veio permitir o estabelecimento de recordes na GA? Não veio este facto deturpar o significado e o objectivo principal da GA (atingir a nota máxima), algo raro e inatingível, a perfeição, que tanto caracterizava a modalidade? 363

5.3.4.1. Questão 2.1.8/ 2.2.8 do Guião da Entrevista, efectuada aos Treinadores/ Juízes (respectivamente): Um vez que actualmente se pode ultrapassar a fasquia máxima dos 10 pontos, concorda com a alteração do CP que veio permitir o estabelecimento de recordes na GA? Não veio este facto deturpar o significado e o objectivo principal da GA (atingir a nota máxima), algo raro e inatingível, a perfeição, que tanto caracterizava a modalidade? (Justifique/Argumente a resposta dada) 364

5.3.5. Questão 2.1.14/ 2.2.10 do Guião da Entrevista, efectuada aos Treinadores/ Juízes (respectivamente): Deseja acrescentar alguma informação ou algum pormenor relativamente à alteração do CP, que no seu entender possa ser relevante? 374

VI. Conclusões 386

6.1. Treinadores 386

6.2. Juízes 387

VII. Referências Bibliográficas 392

VIII. Anexos

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1: Diferenças ao nível das abreviaturas/ terminologias nos Códigos de Pontuação 2001 e 2006 24

Quadro 2: Diferenças ao nível dos regulamentos respeitante às ginastas nos Códigos de Pontuação 2001 e 2006..... 25

Quadro 3: Diferenças ao nível dos regulamentos respeitante aos treinadores nos Códigos de Pontuação 2001 e 2006 27

Quadro 4: Diferenças ao nível dos regulamentos respeitante o Comité Técnico da FIG nos Códigos de Pontuação 2001 e 2006 29

Quadro 5: Diferenças ao nível dos regulamentos respeitante aos Juízes nos Códigos de Pontuação 2001 e 2006 32

Quadro 6: Diferenças ao nível dos regulamentos respeitante ao Júri nos Aparelhos (Painel de Juízes) nos Códigos de Pontuação 2001 e 2006 35

Quadro 7: Diferenças ao nível dos regulamentos respeitante às funções do Júri A nos Códigos de Pontuação 2001 e 2006 36

Quadro 8: Diferenças ao nível dos regulamentos respeitante às funções do Júri B nos Códigos de Pontuação 2001 e 2006 38

Quadro 9: Diferenças ao nível dos regulamentos respeitante às funções dos assistentes, secretárias, colocação do júri nos aparelhos (painel de juízes) nos Códigos de Pontuação 2001 e 2006 39

Quadro 10: Diferenças ao nível dos regulamentos respeitante ao cálculo das notas nos Códigos de Pontuação 2001 e 2006 41

Quadro 11: Diferenças ao nível da avaliação dos exercícios nos Códigos de Pontuação 2001 e 2006 42

Quadro 12: Diferenças ao nível da avaliação dos exercícios relativamente às componentes da nota A nos Códigos de Pontuação 2001 e 2006 44

Quadro 13: Diferenças ao nível da avaliação dos exercícios relativamente às componentes da nota B nos Códigos de Pontuação 2001 e 2006 48

Quadro 14: Diferenças ao nível da avaliação dos exercícios relativamente às saídas nos 48

Códigos de Pontuação 2001 e 2006 ……..……..

Quadro 15: Diferenças ao nível das deduções específicas para os exercícios curtos nos Códigos de Pontuação 2001 e 2006 …… 49

Quadro 16: Diferenças ao nível do reconhecimento de dificuldades iguais ou diferentes nos Códigos de Pontuação 2001 e 2006 …… 49

Quadro 17: Diferenças ao nível do reconhecimento de novos saltos e elementos nos Códigos de Pontuação 2001 e 2006 ……..…… 50

Quadro 18: Diferenças ao nível das deduções das faltas nos Códigos de Pontuação 2001 e 2006 …… 51

Quadro 19: Diferenças ao nível das deduções das faltas gerais realizadas pelo júri B ……. 52

Quadro 20: Diferenças ao nível das deduções das faltas gerais realizadas pelo júri A ……. 53

Quadro 21: Diferenças ao nível das deduções das faltas gerais realizadas pelo júri A (após consulta do júri superior) da nota final …….. 54

Quadro 22: Diferenças ao nível das deduções das faltas gerais realizadas pela cronometrista nas anotações escritas à A[1] …….. 54

Quadro 23: Diferenças ao nível das deduções das faltas gerais realizadas pelas juízes de linha nas suas anotações escritas à Presidente do Júri do Aparelho ……. 55

Quadro 24: Os diferentes grupos nos saltos nos Códigos de Pontuação 2001 e 2006 ……. 59

Quadro 25: EE dos CP de 2001 e 2006 – paralelas assimétricas ……..…… 63

Quadro 26: Ligações possíveis nas paralelas assimétricas nos CP 2001 e 2006 …… 63

Quadro 27: Composição nas paralelas assimétricas nos CP 2001 e 2006 …….. 64

Quadro 28: Os diferentes grupos nas paralelas assimétricas nos CP 2001 e 2006 65

Quadro 29: Valores dos elementos de dificuldade nas paralelas assimétricas nos CP 2001 e 2006 …….. 65

Quadro 30: EE dos CP de 2001 e 2006 – trave ……..…… 67

Quadro 31: Ligações possíveis na trave nos CP 2001 e 2006 ……..…….. 68

Quadro 32: Composição na trave nos CP 2001 e 2006 ……..……. 68

Quadro 33: Os diferentes grupos na trave nos CP 2001 e 2006 …… 69

Quadro 34: Valor dos elementos gímnicos e pivots na trave nos CP 2001 e 2006 ……. 70

Quadro 35: Valor dos elementos acrobáticos na trave nos CP 2001 e 2006 ……..…. 71

Quadro 36: Saídas na trave nos CP 2001 e 2006 ……..…… 72

Quadro 37: EE dos CP de 2001 e 2006 – solo ……..……. 73

Quadro 38: Ligações possíveis no solo nos CP 2001 e 2006 ……..…… 74

Quadro 39: Composição no solo nos CP 2001 e 2006 ……..…… 75

Quadro 40: Os diferentes grupos no solo nos CP 2001 e 2006 ……..……. 76

Quadro 41: Valor dos elementos gímnicos e pivots no solo nos CP 2001 e 2006 …….. 77

Quadro 42: Valor dos elementos acrobáticos no solo nos CP 2001 e 2006 ……..…… 79

Quadro 43: Caracterização do Grupo de Estudo …… 92

Quadro 44: Principais características dos treinadores e juízes entrevistados …….. 95

Quadro 45: Idade ……..…… 96

Quadro 46: Anos de actividade na GA como atleta ……..…… 99

Quadro 47: Anos de actividade na GA como treinador ……..…… 99

Quadro 48: Anos de actividade na GA como juiz ……...…… 99

Quadro 49: Idade dos treinadores ……..… 101

Quadro 50: Anos de actividade na GA como atleta dos treinadores ……..…… 105

Quadro 51: Anos de actividade na GA como treinador pelos treinadores ……..…… 105

Quadro 52: Anos de actividade na GA como juiz pelos treinadores ……. 105

Quadro 53: Idade das juízes …….. 110

Quadro 54: Anos de actividade na GA como atleta das juízes …… 110

Quadro 55: Anos de actividade na GA como treinador pelas juízes ……..…… 110

Quadro 56: Anos de actividade na GA como juiz pelas juízes ……..…… 111

Quadro 57: Análise da Questão: "No seu ver é importante ter sido atleta (ex-ginasta) de GA, para ser um bom treinador da modalidade? Justifique/ Argumente a resposta dada" ……. 132

Quadro 58: Análise da Questão: "Em relação ao código de Pontuação de Ginástica Artística

Feminina (CP 2006), considera terem existido grandes mudanças/alterações em relação ao último Código em vigor (CP 2001)? Se sim, quais considera terem sido as mais significativas?" 136

Quadro 59: Análise da Questão: "Das mudanças/alterações verificadas, quais são no seu entender, as vantagens e as desvantagens?" 143

Quadro 60: Análise da Questão: "Está satisfeito com estas mudanças/alterações do CP? (Justifique em função da sua participação presente no treino)" 156

Quadro 61: Análise da questão: "Em relação ao seu trabalho como treinador, procedeu a mudanças ao nível da metodologia de treino, em virtude das alterações verificadas no CP 2006? Ou por outro lado, essas mudanças não alteraram de forma significativa a sua metodologia de treino aplicada ao longo de uma época ou de um ciclo olímpico?" 165

Quadro 62: Análise da questão: "Se respondeu não, justifique porque considera que não terem sido necessárias alterações ao nível do treino." 168

Quadro 63: Análise da questão: "Se respondeu sim, quais as principais mudanças que teve de fazer na sua metodologia de treino. Quais os exercícios que deixou de treinar (se deixou) e quais os que começou a treinar (se tal se verificou)? No aquecimento? Na flexibilidade? No trabalho de força (preparação física)? Na coreografia (ballet)? Neste momento dá a mesma importância a esta componente de treino da GAF ou mudou alguma coisa? Nos saltos? Nas paralelas assimétricas? Na trave? No solo?" 173

Quadro 64: Análise da questão: "Em relação às novas ligações de elementos possíveis, nas PA, na TR e no SO? (Devido à valorização que é dada actualmente pelo CP às ligações)." ... 180

Quadro 65: Análise da questão: "Considera que as alterações verificadas no CP vieram trazer mais exactidão no ajuizamento das ginastas e maior credibilidade à modalidade?" 187

Quadro 66: Análise da Questão (continuação): "Considera que as alterações verificadas no CP vieram trazer mais exactidão no ajuizamento das ginastas e maior credibilidade à modalidade? (Justifique/Argumente a resposta dada)" 188

Quadro 67: Análise da questão: "Uma vez que actualmente se pode ultrapassar a fasquia máxima dos 10 pontos, concorda com a alteração do CP que veio permitir o estabelecimento de recordes na GA? Não veio este facto deturpar o significado e o objectivo principal da GA (atingir a nota máxima), algo raro e inatingível, a perfeição, que tanto caracterizava a

modalidade?" ……. 199

Quadro 68: Análise da Questão (continuação): "Um vez que actualmente se pode ultrapassar a fasquia máxima dos 10 pontos, concorda com a alteração do CP que veio permitir o estabelecimento de recordes na GA? Não veio este facto deturpar o significado e o objectivo principal da GA (atingir a nota máxima), algo raro e inatingível, a perfeição, que tanto caracterizava a modalidade? (Justifique/Argumente a resposta dada)" ……. 201

Quadro 69: Análise da questão: "Tendo em consideração que o risco de executar exercícios de maior valor (VD) pode valorizar o exercício de uma atleta e levar a uma vitória, por outro lado, a penalização por queda é muito elevada (0.80 p.) e pode levar à consequente derrota. Na sua opinião, vale ou não a pena correr o risco de executar os elementos mais difíceis, e quais as situações em que colocará os seus ginastas numa ou noutra opção." …….. 212

Quadro 70: Análise da questão: "Comparativamente ao CP anterior vários elementos deixaram de ter valor de dificuldade (VD) enquanto que outros passaram a ter mais valor de dificuldade (VD). Acha que de uma forma geral isso foi positivo ou negativo? Existe algum ou alguns elementos com que não está de acordo em ter(em) sido alterado(s)?" ……. 220

Quadro 71: Análise da questão: "Verifica que as novas alterações vieram facilitar a participação competitiva (resultados) dos seus ginastas?" …….. 229

Quadro 72: Análise da questão: "Como treinador, sente-se mais motivado?" ……. 231

Quadro 73: Análise da questão: "Os atletas sentem-se mais motivados?" …….. 234

Quadro 74: Análise da questão: "Deseja acrescentar alguma informação ou algum pormenor relativamente à alteração do CP, que no seu entender possa ser relevante?" ……. 239

Quadro 75: Análise da Questão: "Em relação ao código de Pontuação de Ginástica Artística Feminina (CP 2006), considera terem existido grandes mudanças/alterações em relação ao último Código em vigor (CP 2001)? Se sim, quais considera terem sido as mais significativas?" …….. 246

Quadro 76: Análise da Questão: "Das mudanças/alterações verificadas, quais são no seu entender, as vantagens e as desvantagens?" ……. 254

Quadro 77: Análise da Questão: "Em relação ao seu trabalho como juiz, quais as principais mudanças, diferenças e dificuldades verificadas e sentidas?" ……. 268

Quadro 78: Análise da questão: "Acha mais fácil pontuar com o novo CP?" ……. 279

Quadro 79: Análise da Questão (continuação): "Acha mais fácil pontuar com o novo CP? (Justifique/Argumente a resposta dada)" ……. 280

Quadro 80: Análise da questão: "Considera que as alterações verificadas no CP vieram trazer mais exactidão no ajuizamento das ginastas e maior credibilidade à modalidade?" …… 288

Quadro 81: Análise da Questão (continuação): "Considera que as alterações verificadas no CP vieram trazer mais exactidão no ajuizamento das ginastas e maior credibilidade à modalidade? (Justifique/Argumente a resposta dada)" ……. 291

Quadro 82: Análise da questão: "Um vez que actualmente se pode ultrapassar a fasquia máxima dos 10 pontos, concorda com a alteração do CP que veio permitir o estabelecimento de recordes na GA? Não veio este facto deturpar o significado e o objectivo principal da GA (atingir a nota máxima), algo raro e inatingível, a perfeição, que tanto caracterizava a modalidade?" …… 302

Quadro 83: Análise da Questão (continuação): "Um vez que actualmente se pode ultrapassar a fasquia máxima dos 10 pontos, concorda com a alteração do CP que veio permitir o estabelecimento de recordes na GA? Não veio este facto deturpar o significado e o objectivo principal da GA (atingir a nota máxima), algo raro e inatingível, a perfeição, que tanto caracterizava a modalidade? (Justifique/Argumente a resposta dada)" ……. 305

Quadro 84: Análise da questão: "Considera que esta mudança irá trazer uma maior justiça na atribuição de notas?" ……... 323

Quadro 85: Análise da Questão (continuação): "Considera que esta mudança irá trazer uma maior justiça na atribuição de notas? (Justifique/Argumente a resposta dada)" ……... 324

Quadro 86: Análise da questão: "Deseja acrescentar alguma informação ou algum pormenor relativamente à alteração do CP, que no seu entender possa ser relevante?" ……. 332

Quadro 87: Análise da Questão: "Em relação ao código de Pontuação de Ginástica Artística Feminina (CP 2006), considera terem existido grandes mudanças/alterações em relação ao último Código em vigor (CP 2001)? Se sim, quais considera terem sido as mais significativas quer para treinadores quer para juízes?" ……. 340

Quadro 88: Análise da Questão: "Em relação ao código de Pontuação de Ginástica Artística Feminina (CP 2006), considera terem existido grandes mudanças/alterações em relação ao último Código em vigor (CP 2001)? Se sim, quais considera terem sido as mais significativas

no total da grupo de estudo?" …… 342

Quadro 89: Análise da Questão: "Das mudanças/alterações verificadas, quais são no seu entender (Treinadores e Juízes), as vantagens e as desvantagens?" ……... 345

Quadro 90: Análise da Questão: "Das mudanças/alterações verificadas, quais são no seu entender (Grupo de estudo: Treinadores e Juízes), as vantagens e as desvantagens?" ……... 149

Quadro 91: Análise da questão: "Considera que as alterações verificadas no CP vieram trazer mais exactidão no ajuizamento das ginastas e maior credibilidade à modalidade?" …… 355

Quadro 92: Análise da questão: "Considera que as alterações verificadas no CP vieram trazer mais exactidão no ajuizamento das ginastas e maior credibilidade à modalidade? (Treinadores e Juízes)" ……... 356

Quadro 93: Análise da Questão: "Considera que as alterações verificadas no CP vieram trazer mais exactidão no ajuizamento das ginastas e maior credibilidade à modalidade? (Justifique/Argumente a resposta dada)" …… 357

Quadro 94: Análise da Questão: "Considera que as alterações verificadas no CP vieram trazer mais exactidão no ajuizamento das ginastas e maior credibilidade à modalidade? (Justifique/Argumente a resposta dada)" …… 360

Quadro 95: Análise da questão: "Um vez que actualmente se pode ultrapassar a fasquia máxima dos 10 pontos, concorda com a alteração do CP que veio permitir o estabelecimento de recordes na GA? Não veio este facto deturpar o significado e o objectivo principal da GA (atingir a nota máxima), algo raro e inatingível, a perfeição, que tanto caracterizava a modalidade?" …… 363

Quadro 96: Análise da Questão: "Um vez que actualmente se pode ultrapassar a fasquia máxima dos 10 pontos, concorda com a alteração do CP que veio permitir o estabelecimento de recordes na GA? Não veio este facto deturpar o significado e o objectivo principal da GA (atingir a nota máxima), algo raro e inatingível, a perfeição, que tanto caracterizava a modalidade?" …… 364

Quadro 97: Análise da Questão (continuação): "Um vez que actualmente se pode ultrapassar a fasquia máxima dos 10 pontos, concorda com a alteração do CP que veio permitir o estabelecimento de recordes na GA? Não veio este facto deturpar o significado e o objectivo principal da GA (atingir a nota máxima), algo raro e inatingível, a perfeição, que 365

tanto caracterizava a modalidade? (Justifique/Argumente a resposta dada)" …….

Quadro 98: Análise da Questão (continuação): "Um vez que actualmente se pode ultrapassar a fasquia máxima dos 10 pontos, concorda com a alteração do CP que veio permitir o estabelecimento de recordes na GA? Não veio este facto deturpar o significado e o objectivo principal da GA (atingir a nota máxima), algo raro e inatingível, a perfeição, que tanto caracterizava a modalidade? (Justifique/Argumente a resposta dada)" ……. 368

Quadro 99: Análise da questão: "Deseja acrescentar alguma informação ou algum pormenor relativamente à alteração do CP, que no seu entender possa ser relevante?" ……. 374

Quadro 100: Análise da questão: "Deseja acrescentar alguma informação ou algum pormenor relativamente à alteração do CP, que no seu entender possa ser relevante?" …….. 375

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1: Função exercida 95

Figura 2: Divisão por sexo 95

Figura 3: Divisão por Nacionalidade 96

Figura 4: Percentagem de indivíduos que exercem uma Actividade Profissional para além da Ginástica Artística 96

Figura 5: Habilitações Académicas 97

Figura 6: Nível de Formação como Treinador 97

Figura 7: Nível de Formação como Juiz 98

Figura 8: Actividade Profissional para além da Ginástica 98

Figura 9: Sexo dos treinadores 100

Figura 10: Nacionalidade dos treinadores 100

Figura 11: Habilitações Académicas dos treinadores 101

Figura 12: Nível de Formação como Treinador dos treinadores 101

Figura 13: Nível de Formação como Juiz dos treinadores 102

Figura 14: Percentagem de treinadores que realizam uma actividade profissional para além da GA 102

Figura 15: Actividade Profissional dos treinadores para além da GA 103

Figura 16: Papel desempenhado e papel actualmente desempenhado como Treinador pelos treinadores 104

Figura 17: Sexo das juízes 106

Figura 18: Nacionalidade das juízes 106

Figura 19: Habilitações Académicas das juízes 106

Figura 20: Nível de Formação como Treinador pelas Juízes 107

Figura 21: Nível de Formação como Juiz pelas Juízes 107

Figura 22: Percentagem de juízes que realizam uma actividade profissional para além da GA ... 108

Figura 23: Actividade Profissional das juízes para além da Ginástica …… 108

Figura 24: Género de provas já pontuadas pelas juízes ……..…… 108

Figura 25: Categoria das juízes ……..…… 110

Figura 26: Percentagem de juízes que para além da sua actividade como juiz, encontram-se actualmente ligadas ao treino ……..…….. 111

Figura 27: Percentagem de importância de ter sido ex-atleta (ex-ginasta) para ser um bom treinador da modalidade ……..…… 131

Figura 28: Percentagem de opinião em relação ao facto de terem existido grandes mudanças/alterações do último código de pontuação em vigor (CP 2001) em relação ao actual código de pontuação de ginástica artística feminina (CP 2006) ……..……. 135

Figura 29: Percentagem de opinião em relação ao facto de estarem satisfeitos ou não com as mudanças/alterações do CP (tendo em conta a sua participação no treino) ……. 154

Figura 30: Percentagem de indivíduos que alteraram a sua metodologia de treino em função das mudanças verificadas ao nível do novo CP 2006 …… 165

Figura 31: Percentagem de indivíduos que consideram que as alterações verificadas no CP vieram trazer mais exactidão no ajuizamento das ginastas e maior credibilidade à modalidade ... 188

Figura 32: Percentagem de indivíduos que concordam com a mudança e alteração do CP actual que se pode ultrapassar a fasquia máxima dos 10 pontos, e que veio permitir o estabelecimento de recordes na GA? Não vindo desta maneira deturpar o significado e o objectivo principal da GA (atingir a nota máxima), algo raro e inatingível, a perfeição, que tanto caracterizava a modalidade …… 200

Figura 33: Percentagem de indivíduos que considera terem existido grandes mudanças/alterações em relação ao último Código em vigor (CP 2001), em relação ao Código de Pontuação de GAF (CP 2006) …….. 246

Figura 34: Percentagem de indivíduos que concordam com a mudança e alteração do CP actual que se pode ultrapassar a fasquia máxima dos 10 pontos, e que veio permitir o estabelecimento de recordes na GA? Não vindo desta maneira deturpar o significado e o objectivo principal da GA (atingir a nota máxima), algo raro e inatingível, a perfeição, que tanto caracterizava a modalidade. ……... 305

Figura 35: Percentagem de indivíduos que consideram que esta mudança irá trazer uma maior

justiça na atribuição de notas ……. 324

Figura 36: Percentagem de indivíduos total da grupo de estudo que considera terem existido grandes mudanças/alterações em relação ao último Código em vigor (CP 2001), em relação ao Código de Pontuação de Ginástica Artística Feminina (CP 2006) ……... 339

Figura 37: Percentagem de indivíduos que concordam com a mudança e alteração do CP actual que se pode ultrapassar a fasquia máxima dos 10 pontos, e que veio permitir o estabelecimento de recordes na GA? Não vindo desta maneira deturpar o significado e o objectivo principal da GA (atingir a nota máxima), algo raro e inatingível, a perfeição, que tanto caracterizava a modalidade …… 363

Figura 38: Percentagem de indivíduos que concordam com a mudança e alteração do CP actual que se pode ultrapassar a fasquia máxima dos 10 pontos, e que veio permitir o estabelecimento de recordes na GA? Não vindo desta maneira deturpar o significado e o objectivo principal da GA (atingir a nota máxima), algo raro e inatingível, a perfeição, que tanto caracterizava a modalidade …… 364

RESUMO

Neste estudo analisamos e comparamos os Códigos de Pontuação de 2001 e 2006 de Ginástica Artística Feminina, tendo em consideração que as suas exigências orientam e obrigam à concretização de um conjunto de movimentos variados que, por sua vez, caracterizam a modalidade. Através desta análise, poderemos prever algumas das tendências actuais do desenvolvimento da ginástica artística feminina, e compreender, mais especificamente, a organização, formação e principais alterações nos exercícios executados pelas ginastas, na metodologia de treino e no ajuizamento.

O nosso estudo pretende analisar o entendimento que os Treinadores e Juízes de Ginástica Artística Feminina de Alta Competição têm relativamente às alterações do Código de Pontuação FIG, entre 2001 e 2006, designadamente na influência que estas tiveram ao nível da metodologia de treino e na forma de ajuizamento das competições.

Foi nosso objectivo estudar e comparar os Códigos de Pontuação de 2001 e 2006, procurando relacionar as modificações efectuadas de um para o outro, com a metodologia de treino e com o ajuizamento. Ambicionando igualmente relacionar cada um dos Códigos a fim de verificar as vantagens e as desvantagens do actual código (2006) tendo em consideração as novas exigências e tendências.

Este trabalho concretizou-se pela realização de entrevistas a treinadores e juízes sendo o nosso grupo de estudo sido constituído por 21 indivíduos, dos quais 4 eram do sexo masculino (treinadores) e 17 do sexo feminino (4 treinadores e 13 juízes).

Como procedimento estatístico optámos por realizar um estudo descritivo e uma análise de conteúdo.

Os principais resultados permitiram concluir que os Códigos de Pontuação sofreram uma evolução significativa, mas não alteraram de forma expressiva a metodologia de treino. Os juízes consideraram que as constantes alterações do CP se torna algo nefasto para o correcto e justo ajuizamento, por não haver uma base de trabalho tão fixa como no Código anterior.

PALAVRAS CHAVE: GINÁSTICA ARTÍSTICA FEMININA, CÓDIGO DE PONTUAÇÃO, GINASTAS, TREINADORES, JUÍZES, METODOLOGIA DE TREINO, AJUIZAMENTO.

ABSTRACT

In this study we analyse and compare the Codes of Points of 2001 and 2006 of Women's Artistic Gymnastics, having in consideration that they demands the realization of a set of movements that characterize the modality. With this analysis, we will be able to predict some of the current tendencies of the women's artistic gymnastics, and more specifically to understand the organization, formation and main alterations in the exercises executed by the gymnasts, in the methodology of training and in the judgement.

Our study intends to analyse the understanding of what the Coaches and Judges of Women's Artistic Gymnastics of High Competition have relatively to the alterations of the Code of Points FIG, between 2001 and 2006, namely in the influence that these had at the level of the methodology of training and in the form of judging of the competitions.

The aim of research was to study and to compare the Codes of Points of 2001 and 2006, trying to relate the effective modifications from one to another, with the methodology of training and with the judgement. Aspiring equally to relate each of the Codes in order to check the advantages and the disadvantages of the current code (2006) having in consideration the new demands and tendencies.

This study was made through interviewing coaches and judges. Our group of study was been constituted by 21 individuals: 4 male coaches and 17 female coaches (4)/ judges (13).

As statistical proceeding we carry out a descriptive study and an analysis of content.

The main results allowed the conclusion that the Codes of Points suffered a significant evolution, but did not alter the methodology of training in a substancial way. The judges considered that the constant alterations of the Code of Points become negative for the correct and fair judgement since there was not a working base as stable as in the previous Code.

KEY WORDS: WOMEN'S ARTISTIC GYMNASTICS, CODE OF POINTS, GYMNASTS, TRAINERS, JUDGES, METHODOLOGY OF TRAINING, JUDGEMENT

.

RÉSUMÉ

Dans cette étude nous analysons et comparons les Codes de Pointage de 2001 et 2006 de Gymnastique Artistique Féminine, vu que leurs exigences guident et obligent à la concrétisation d'un ensemble de mouvements variés qui, à son tour, caractérisent la modalité. Avec cette analyse, nous pourrons prévoir certaines des tendances actuelles du développement de la gymnastique artistique féminine, et comprendre, plus spécifiquement, l'organisation, la formation et les principales modifications dans les exercices exécutés par les gymnastes, dans la méthodologie d'entraînement et dans le jugement.

Notre étude prétend analyser la connaissance que les Entraîneurs et les Juges de la Gymnastique Artistique Féminine de Haute Compétition ont à l'égard des modifications du Code de Pointage FIG, entre 2001 et 2006, notamment dans l'influence que celles-ci ont eu au niveau de la méthodologie d'entraînement et dans la forme de jugement des compétitions.

Ça a été notre objectif d'étudier et de comparer les Codes de Pointage de 2001 et 2006, cherchant à rapporter les modifications effectuées d'un pour l'autre, avec la méthodologie d'entraînement et avec le jugement. En ambitionnant également rapporter chacun des Codes afin de vérifier les avantages et les désavantages de l'actuel code (2006) vu les nouvelles exigences et les tendances.

Ce travail s'est concrétisé par la réalisation d'entrevues à des entraîneurs et juges en étant notre groupe d'étude été constitué par 21 personnes, desquelles 4 étaient du sexe masculin (entraîneurs) et 17 du sexe féminin (4 entraîneurs et 13 juges).

Comme procédure statistique nous avons opté de réaliser une étude descriptive et une analyse de contenu.

Les principaux résultats ont permis de conclure que les Codes de Pointage ont souffert une évolution significative, mais ils n'ont pas modifié de forme expressive la méthodologie d'entraînement. Des Juges ont considéré que les constantes modifications de Code de Pointage se redent quelquefois négatives pour le correct et juste jugement pour ne pas y avoir une base de travail aussi fixe que dans le Code précédent.

MOTS CLEFS: GYMNASTIQUE ARTISTIQUE FÉMININE, CODE DE POINTAGE, GYMNASTES, ENTRAÎNEURS, JUGES, MÉTHODOLOGIE D'ENTRAÎNEMENT, JUDGEMENT

ABREVIATURAS

Ai - Apoio Invertido

ASS – Assistente

A¹ – Júri A

A² – Júri A

Bi - Barra inferior

Bs - Barra superior

B¹ – Júri B

C – I – Concurso I (Qualificação)

C – II – Concurso II (Concurso Individual Múltiplo)

C – III – Concurso III (Final por Aparelhos)

C – IV – Concurso IV (Final por Equipas)

CM - Campeonatos do Mundo

CP – Código de Pontuação

CTF - Comité Técnico Feminino

ED – Elementos de Dificuldade

EE - Exigências Específicas (Segundo CP 2001)

EGR - Exigências de Grupos de Elementos (Segundo CP 2006)

FIG – Federação Internacional de Ginástica

FPG - Federação Portuguesa de Ginástica

GAF - Ginástica Artística Feminina

JO - Jogos Olímpicos

NP – Nota de Partida

PA - Paralelas Assimétricas

PV - Parte(s) de Valor — A-, B-, C (Segundo CP 2001)

RT - Regulamento Técnico

S – Solo (Segundo CP 2001)

SC - Saltos de Cavalo (Segundo CP 2001)

SEC - Secretária

SO – Solo (Segundo CP 2006)

ST – Saltos (Segundo CP 2006)

TR – Trave Olímpica

VA - Valor Aditivo (Segundo CP 2001)

VD - Valor de Dificuldade — D-, E- e ^{s}E (Segundo CP 2001)

VD - Valor de Dificuldade — A-, B-, C-, D-, E-, E-, F- e G, etc. (Segundo CP 2006)

VL - Valor de Ligação

% - Percentagem

> - Maior

≥ - Maior ou igual

INTRODUÇÃO

I. INTRODUÇÃO

Hoje em dia, devido ao ritmo vertiginoso imposto pelo contexto civilizacional em que nos encontramos inseridos, há uma exigência que nos leva a um sentido de especialização, de rentabilização e de optimização de capacidades e competências que se repercutem em todas as áreas do saber e de actuação. A grande procura pela melhoria da qualidade de vida e pelo fruir de todas as suas potencialidades faz com que a luta seja constante e diária. Apesar de que, numa sociedade que se diz pluralista, há toda uma rede de influências (factores economicistas, interesses políticos, "pressões" dos *mass media*...) que conduzem a uma cultura do facilitismo e do socialmente aceite, o que é, por vezes, inimigo do saber fazer e do gosto de fazer (Araújo, 2002).

Na actualidade o desporto de alto rendimento é visto como uma actividade profissional altamente exigente, onde os atletas são constantemente levados a extremos e submetidos a elevadíssimos níveis de stress, quer psicológicos como fisiológicos. Logo, os atletas que conseguem ter uma maior e melhor capacidade de recuperação dos sucessivos esforços que têm dia a dia, mês a mês, e anos sem conta, são os atletas considerados mais bem sucedidos a nível desportivo. (Soares, 1995, cit. *in* Santos, 1995)

"A Ginástica Artística, anteriormente designada por Desportiva, é uma modalidade muito complexa, não só pelo facto de englobar vários aparelhos que pressupõem movimentação bastante diferenciada, mas também porque as exigências colocadas ao nível da execução são muitíssimo elevadas. Muitos dos elementos gímnicos são de grande complexidade e não estão ao alcance da maioria dos nossos jovens" (Araújo, 2002, pp.7).

A Ginástica Artística (GA) tem apresentado uma contínua evolução ao longo dos anos e caracteriza-se por ser uma modalidade extremamente complexa e exigente. Esse desenvolvimento verifica-se ao nível do Regulamento Técnico, sendo este influenciado pelo próprio progresso das ginastas e dos respectivos aparelhos gímnicos. Segundo Côrte-Real (2002), nos últimos anos a Ginástica Artística Feminina (GAF) atingiu níveis de exigência muito elevados sofrendo uma evolução técnica bastante acentuada.

Internacionalmente é uma modalidade que atrai a atenção de muitos espectadores, sendo que esta simpatia se deve provavelmente, à crescente evolução da ginástica e ao crescimento do grau de dificuldade dos exercícios, transformando as competições no mais completo espectáculo

de destreza, harmonia, raça e perfeição dos movimentos, resultando numa evolução, ano após ano, ampliando os limites do corpo humano (Dianno et al, 1989).

Segundo Araújo & Moreira (2004), no que diz respeito à regulamentação competitiva, pode-se comprovar a existência do Código de Pontuação (CP), que é um documento perfeitamente definido e orientador, onde se discriminam, rigorosamente, os aspectos de ordem técnica e os aspectos de ordem logística.

"O Código dá bastantes indicações sobre a forma de organização das competições, contribuindo para a sua homogeneização." (Araújo & Moreira, 2004, pp.7)

Tendo em atenção a evolução no que diz respeito aos diferentes níveis e diversos regulamentos, apercebemo-nos de uma preocupação e vontade evidente no sentido de tornar a modalidade mais atractiva, uma vez que as exigências de cada CP, proporcionam um variadíssimo número e conjunto de movimentos sobre os aparelhos que fazem parte da modalidade.

Araújo & Moreira (2004) referem que os juízes são os responsáveis pela aplicação e cumprimento das normas do Código. Estes são formados pelas federações nacionais e internacionais, tendo de frequentar o curso de formação de juízes, onde lhes são ministrados conhecimentos específicos e critérios de análise e avaliação a cumprir. Após a formação, os juízes são sujeitos a rigorosos exames, quer a nível teórico quer a nível prático, com a finalidade de avaliação, de forma a mostrarem habilitações para o desempenho das suas funções tendo em atenção os conhecimentos alcançados, relativos aos vários capítulos pelos quais o CP é composto.

O CP da Federação Internacional de Ginástica (FIG) tem exigências, que levam à necessidade de cumprir e apresentar elementos técnicos de várias ordens, diferentes composições e ligações, distribuídas pelos vários aparelhos. Sendo assim, é necessário um completo conhecimento a nível do CP para a obtenção de resultados satisfatórios.

Este estudo, na sua estruturação e concepção, reflecte de algum modo, o percurso evolutivo gímnico quer a nível dos códigos de pontuação quer a nível da própria metodologia de treino, assim como a vivência prática que nos ensina a sua funcionalidade e a consciência da realidade gímnica portuguesa. Para isso, irão ser abordados um conjunto de vertentes que coexistem, na perspectiva de se facultar a compreensão, a reflexão, a análise, a facilitação e a optimização do CP na execução dos exercícios gímnicos e seus objectivos.

Com o nosso estudo pretendemos analisar e comparar os CP de 2001 e 2006, procurando relacionar as alterações sofridas pelo CP 2006, com a influência destas sobre a metodologia de treino e o ajuizamento. Foi igualmente nosso propósito descrever e relacionar os dois CP, tendo em consideração o ponto de vista de treinadores e juízes relativamente aos factores que daí advêm.

A estrutura do estudo procura responder às questões de investigação, de acordo com os objectivos previamente formulados. Em referência aos estudos relacionados com o tema investigado, procurámos fornecer alguma consistência teórica através da revisão da literatura e, sequencialmente, apresentaremos os resultados, discussões e conclusões do estudo realizado.

O corpo do trabalho apresenta-se composto por 7 capítulos e uma secção de anexos, obedecendo à seguinte estrutura:

Capítulo 1 – Procura introduzir os principais aspectos abordados no estudo partindo das investigações que referenciam as questões pesquisadas, além de justificar a pertinência atribuída ao estudo e a população escolhida, descrevendo a seguir, no capítulo 3, os objectivos da pesquisa.

Capítulo 2 – Composto pela revisão da literatura, procuramos caracterizar a GA e analisar os CP em estudo e as evidentes mudanças, alterações que o último CP (2006) sofreu tendo em conta o anterior (2001), para melhor compreender as tendências de evolução da modalidade e a forma como as modificações do novo CP influenciaram as metodologias de treino aplicadas e o ajuizamento. Tentando fundamentar aspectos teóricos no quadro prático da questão da Ginástica Artística Feminina, assim como, evidenciar os benefícios atribuídos e as influências que este pode ter.

Capítulo 3 – Refere-se à apresentação dos objectivos do estudo.

Capítulo 4 – Reporta-se à metodologia utilizada na realização do trabalho. Descreve as questões relacionadas com o grupo de estudo, a análise estatística adoptada, o *instrumentarium* utilizado e os seus procedimentos de aplicação.

Capítulo 5 – Apresenta os resultados da pesquisa de acordo com o tema e as variáveis em estudo, assim como, discute os resultados, analisando-os, interpretando-os e comparando-os com outros estudos realizados. Devido à escassez da bibliografia relativamente ao nosso tema,

optamos por expor a apresentação e discussão dos resultados num só capítulo para uma melhor compreensão dos resultados.

Capítulo 6 - Refere-se às principais conclusões do estudo de acordo com os resultados.

Capítulo 7 - Apresenta a bibliografia consultada para a realização do estudo.

Por fim, apresentámos os anexos.

REVISÃO DA LITERATURA

II. REVISÃO DA LITERATURA

2.1. Breve Referência Histórica da Ginástica Artística

A história da Ginástica confunde-se com a história do Homem. Segundo Ramos (1982), a Ginástica é compreendida como a prática do exercício físico e "vem da Pré-história, afirma-se na Antiguidade, permanece na Idade Média, fundamenta-se na Idade Moderna e sistematiza-se nos primórdios da Idade Contemporânea". No Homem pré-histórico a actividade física tinha um papel indispensável para a sua sobrevivência, principalmente na necessidade vital de atacar e defender-se. O exercício físico de carácter utilitário e sistematizado de forma rudimentar, era transmitido através das gerações e fazia parte dos jogos, rituais e festividades.

Desde as mais antigas civilizações, o homem sempre demonstrou interesse, empenho e dedicação no que respeita aos exercícios físicos. Prova disso, são alguns vestígios da cultura passada da humanidade, nomeadamente os murais egípcios, que exibem e apresentam atletas a praticar diversas modalidades.

Segundo Nunes (2000) conjuntos de dançarinos acrobatas exibiam-se na arena em danças sagradas executadas perante um touro, com saltos mortais e outros por cima e para cima do animal, acontecimento este praticado na cultura Minoica.

Os Gregos Antigos amavam e praticavam os exercícios físicos, tendo para tal criado complexos de edifícios, específicos para a prática das actividades físicas, aos quais atribuíram o nome de *Gymnasium*. Ginástica era o conjunto das acções desenvolvidas no *Gymnasium* (Nunes, 2000). Os ideais culturais gregos foram perpetuados e copiados pelos Romanos, tendo estes construído os primorosos complexos dos "centros desportivos" que, após a queda do Império Romano, foram negligenciados, tendo mais tarde sido aperfeiçoados e transformados em locais de acolhimento de eventos gímnicos. Mas antes disso acontecer, a queda do Império influenciou negativamente a Educação Física, assim como todas as outras actividades, retirando-lhes importância e originando a "fase negra" – Idade das Trevas.

Nunes (2000) refere que o médico romano Claudius Galeno deu um importante contributo para a Humanidade, devido ao seu esforço em elevar os jogos físicos a um objectivo modo de vida e aos seus escritos sobre a Educação Física daquele tempo.

Na Idade Média os acrobatas eram considerados apenas fonte de entretenimento e nada mais. Infelizmente, a acrobacia no solo veio a sofrer nessa época um descrédito muito acentuado, pelo facto de ser essencialmente praticada por escravos treinados para distrair os seus donos (Albuquerque, 1995). Este autor, refere que todas as actividades corporais durante a Idade Média, entraram em decadência pelo facto de o corpo ser ignorado e até desprezado pelos cristãos, chegando mesmo a ser objecto de sacrifícios para purificar a alma.

O Renascimento da Ginástica aconteceu praticamente passados 1500 anos porque, até então, na Antiguidade Clássica e mesmo durante a Idade Média, exceptuando as actividades militares e as de desígnio de preparação para a guerra, a prática de exercícios acrobáticos era tudo o que havia.

Já no século XVI, Rabelais e Montaigne referiam a extrema utilidade e interesse do exercício físico, apesar do portador das ideias pedagógicas da educação física, que foram aplicadas e postas em prática na Alemanha, ter sido Rousseau (1712/1778) (Federação Portuguesa de Ginástica, 2000).

A partir do século XIX a ginástica sofreu uma grande evolução com o confronto de três grandes escolas de estilos gímnicos bem diferentes: a escola Alemã, a Sueca e a Francesa (Langlade e Langlade, 1970). Os mesmos autores referem ainda que no final do século XIX, começaram a verificar influências mútuas das várias escolas e movimentos gímnicos que levaram à universalização da Ginástica. Os Pedagogos especializados em Ginástica começaram a observar, comparar e discutir métodos e linhas orientadoras diferentes nas várias escolas, resultando esta reflexão crítica numa junção dos métodos gímnicos.

Segundo a Federação Portuguesa de Ginástica (2000), Guts Muths (1759-1839) foi considerado o "pai da ginástica escolar", tendo as suas ideias, sido posteriormente desenvolvidas e aprofundadas por outros mentores. De entre eles, destaca-se Friederich Ludwig Jahn (1775-1852) pela criação que fez em 1811, mais especificamente em Hasenheim, com o primeiro ginásio ao ar livre. O método por si utilizado ultrapassava "o simples Quadro corporal", sendo o seu objectivo "formar homens capazes de defender a Pátria" (Albuquerque, 1995). A sua preocupação era desenvolver jovens fortes para fins militares e libertar a Alemanha do domínio napoleónico, descurando desta forma a vertente da educação (Nunes, 2000). "Turnen" foi o nome atribuído ao sistema de Jahn, que englobava um conjunto de actividades físicas ligadas a diferentes domínios e que, no decorrer do tempo, deu origem à Ginástica Desportiva. O

excessivo envolvimento político de Jahn e da sua Ginástica levou a lutas ideológicas e nomeadamente patrióticas, que originou a proibição do seu sistema e a sua interdição na Alemanha, pelo ocupante Francês no período de 1820 a 1842. Este factor culminou em perseguições, levando um elevado número de atletas alemães a emigrar para diversas partes do mundo durante esta época, situação que proporcionou o desenvolvimento gímnico (Borrmann, 1980; Albuquerque, 1995 e Federação Portuguesa de Ginástica, 2000).

Segundo Carvalho (2000), a interrupção e captura do seu impulsionador, Jahn, originou um desastre para o movimento, pois a ginástica, também viria a ser proibida, conduzindo os ginastas a levarem os seus aparelhos para o interior.

Segundo a FFG (Federação Francesa de Ginástica, 1986), no final do século XIX, forma-se um movimento social e político considerável devido ao número de sociedades de Ginástica existente na maior parte dos países da Europa. A Ginástica foi criada como se de um sistema se tratasse para desta forma melhorar, aumentar e aperfeiçoar as capacidades físicas e morais do indivíduo e do próprio ser humano. Tudo isto como uma forma de regeneração de uma população e de fortalecimento contra as invasões. Indivíduos políticos, era como consideravam os ginastas, que suportaram por muito tempo as vicissitudes da história. Muito antes de conseguir atingir parte da forma que a caracteriza nos nossos dias, a G.A. teve uma comprida e demorada evolução, tendo sido retiradas algumas das modalidades.

Em 1799 surgiu o primeiro instituto privado de ginástica em Copenhaga, tendo sido mais tarde criado o Instituto Militar de Ginástica, no qual estudou Pehr Henrik Ling (1776 – 1893). Foi este que lançou as bases da ginástica sueca, desenvolvida posteriormente pelo seu filho Hjalmar Ling (1880 – 1885) (Federação Portuguesa de Ginástica, 2000).

Em 1881, surge a Federação Europeia de Ginástica, tendo passado a designar-se FIG em 1921 (Albuquerque, 1995). Antes disso a Ginástica era considerada uma actividade de acaso, pois não seguia normas, aparelhos, regras ou mesmo traje em comum (Nunes, 2000).

Os Jogos Olímpicos (JO) iniciaram-se em 1896, onde a pedido de Pierre de Coubertin, o modelo de ginástica de aparelhos escolhido foi o alemão, sendo a organização das provas da competência do Comité Olímpico Internacional (COI) a partir de 1900 em Paris (Nunes, 2000).

O 1º Campeonato do Mundo (CM) teve lugar em 1903, tendo a partir dessa data vindo a realizar-se de 4 em 4 anos, intercalados com os JO, que se realizam desde 1896, mas do qual apenas

fazia parte o concurso masculino. Em 1928 passou igualmente a fazer parte a competição feminina. As provas eram formadas por equipas compostas por doze ginastas, com exercícios nos aparelhos, e de conjunto no solo. Nos JO de Melbourne, em 1956, desaparece a ginástica de grupo e a GA alcança finalmente a forma actual com os seis aparelhos para a Ginástica Artística Masculina (GAM) e os quatro aparelhos para a GAF (Nunes, 2000). A partir desta data, a aposta nestes quatro aparelhos para a GAF e as suas particularidades foi significativa, tanto ao nível da parte artística, como mais tarde, na introdução da música nos exercícios de solo. O nível da dificuldade dos elementos a executar, também aumentou envolvendo maior destreza e risco (Martin, 1999).

A G.A. surge e assume, logo após a 2.ª Grande Guerra Mundial, a forma segundo o qual hoje temos acesso e com a qual nos deparámos na sua real prática, como uma modalidade, que ao mesmo tempo consegue ser bastante espectacular e completa.

Como refere Peixoto (1994), de uma forma geral, os Desportos Gímnicos, assim como a Ginástica Artística específica, têm mostrado um desenvolvimento e progresso contínuo ao longo dos séculos. Segundo este mesmo autor, a Ginástica Artística, tendo em atenção os grupos ou organizações de carácter distinto e os seus conteúdos, levando à realização de um variadíssimo número e conjuntos de movimentos sobre os aparelhos que fazem parte da modalidade.

Tendo Portugal atravessado muitas e diversificadas fases no que diz respeito ao desenvolvimento desta modalidade, em várias ordens e direcções. Isto porque apesar das suas características e o próprio envolvimento social marcarem alguns pontos decisivos, por outro lado as condições materiais têm sido um dos factores negativos.

As competições internacionais de ginástica eram inicialmente destinadas apenas para alguns países europeus. Só mais tarde é que os Estados Unidos foram admitidos e, só em 1952, foi aberto pela FIG para os países do resto do mundo. Este constituiu um indicador da tendência desportiva que a ginástica começava a ganhar, ao mesmo tempo que despontava o século XX (Albuquerque, 1995).

Em relação aos JO a Ginástica é oficialmente representada com as seguintes modalidades: GAM desde 1908 em Londres, GAF desde 1928 em Amesterdão, Ginástica Rítmica desde 1984 em Los Angeles e Trampolins desde 2000 em Sidney. Sem carácter competitivo, a Ginástica Geral tem sempre iluminado as Cerimónias de Abertura dos Jogos, caracterizando-se como um

dos pontos altos destes eventos, onde a criatividade e a expressão corporal estão notoriamente presentes na participação sincronizada de um grande número de ginastas Nunes (2000). A mesma autora referiu que os primeiros clubes portugueses que se dedicaram à ginástica surgiram ainda no século XIX, mas só muito tardiamente a modalidade adquiriu algum desenvolvimento.

Em 1863, o Colégio Militar Normal de Lisboa introduziu a ginástica nos seus currículos, tendo a Escola Académica aderido à actividade, que em 1867 se tornou disciplina "obrigatória" nos liceus. Em 1875 foi fundado o Ginásio Clube Português (GCP) por iniciativa de Luciano Cordeiro e de Rodrigo Afonso Pequita. Após o Ginásio, no início do século XX, seguiu-se o Ateneu Comercial de Lisboa, a Associação Cristã da Mocidade de Lisboa, entre outros. Porém, a Ginástica voluntária mantinha-se rudimentar e só apenas nos saraus é que as actividades dos clubes surgiam (Nunes, 2000).

À ginástica aplicada, praticamente só se dedicavam o GCP, Ateneu Comercial de Ginástica, Sport Club do Porto e Lisboa Ginásio Clube (LGC), na ginástica masculina e com alguma indefinição na escolha dos aparelhos. Leccionada pelo alemão Niko Flatau, a classe do LGC incluiu no seu trabalho em 1941 saltos de mesa alemã (Nunes, 2000).

A orgânica internacional aperfeiçoou-se criando regras e regulamentos mais limitados, especialmente com a "chegada" dos países de Leste e do Japão, nos primeiros anos da 2ª metade do século. Mas para Portugal estes factores pouco se reflectiram, os trabalhos dos clubes continuavam dispersos e não surgia nenhuma orgânica aglutinadora. Se nos anos quarenta emergiram algumas ideias de fundar uma federação, elas não se concretizaram, verificando-se mais tarde, alguma dificuldade na participação das ginastas nos JO por falta de uma entidade representadora.

Desta forma surgiu uma forte determinação de clubes mais dedicados à ginástica, liderados pelo GCP, de estudarem a hipótese e viabilidade de se unirem em federação, surgindo assim, após algumas dificuldades, a Federação Portuguesa de Ginástica (FPG) numa reunião a 20 de Novembro de 1950, sem nunca ter atingido no entanto uma relevância de destaque a nível internacional (Albuquerque, 1995).

2.2. Caracterização da Ginástica Artística

"A Ginástica dos últimos anos é, cada vez mais, caracterizada por movimentos de grande amplitude, com pormenores técnicos de execução muito rigorosos e precisos advindo daí, para quem vê, a sensação de que é tudo muito fácil, e por outro lado, para quem sabe/conhece, a constatação do perfeccionismo da execução e da aprendizagem. Ao contrário do que há cerca de duas ou três décadas acontecia, hoje em dia, os ginastas aprendem de imediato, os elementos na sua máxima correcção técnica possível, e nas amplitudes máximas que lhes são permitidas em função das suas características individuais." (Araújo, 2002, pp.9)

Em relação à história e evolução natural da G.A., é deveras possível prever algumas das tendências do seu desenvolvimento, mais especificamente a aspectos ligados à segurança e espectacularidade a realizar por futuros ginastas nas suas exibições desportivas.

Carvalho (2001) refere que tendo em atenção a evolução no que diz respeito aos diferentes níveis e diversos regulamentos, apercebemo-nos de uma vontade evidente no sentido e preocupação para que a modalidade se torne mais atractiva, para todos aqueles que a vêm, contrariando desta forma o cansaço do espectador, impedindo que uma competição se torne muito demorada, "maçadora" e deveras desagradável e desconfortável para aquele que a assiste, privilegiando e defendendo desta maneira a modalidade, tornando-a, igualmente, num produto vendável e rentável.

Segundo Martin (1999) cit. Almeida (2003) as dificuldades financeiras nesta modalidade são bastante evidentes, sendo dessa maneira um factor bastante limitante para o seu desenvolvimento. A G.A. tem sido cada vez mais explorada, através do espectáculo, da exibição ou da própria competição que proporciona como forma de angariação de fundos. Nos nossos dias, os ginastas de alto gabarito e com nome a nível internacional já são muito bem recompensados a nível monetário pela sua presença em competições e encontros a nível internacional, estando a um passo ou no bom caminho para atingir, quem sabe, a tão desejada e merecida profissionalização da actividade que exerce com tanta dedicação e carinho. Assistindo-se, desta maneira, ao início de uma nova era na G.A.. Carvalho (2004) menciona a necessidade de tornar cada vez mais complexo e difícil o acesso a performances e resultados mais elevados, faz com que haja um reflexo, mais evidente e pronunciado a dois níveis diferentes, verificando-se e sendo uma tendência perfeitamente normal e natural de qualquer modalidade competitiva: o nível de dificuldades apresentadas pelos ginastas torna-se cada vez maior, pois as suas

ligações, múltiplas rotações e exigências, faz com que sejam criadas cada vez mais uma maior e muito complexa barreira de difícil transposição. Os códigos de pontuação sofreram uma evolução muito significativa, tendo sido alterado muito das suas inúmeras regras e valores atribuídos aos diferentes elementos gímnicos, tendo sido valorizados alguns e em contrapartida outros foram bastante desvalorizados. Antigamente a parte da beleza e elegância era bastante valorizada em prol das acrobacias, agora inverteu-se um pouco os papéis. Logicamente que o ideal é um equilíbrio entre as duas vertentes, mas hoje em dia a acrobática tem bastante peso. Apesar de na maioria dos casos, ser de execução bastante difícil e de facto complexo para quem o faz e ensina, não o é, muitas vezes, para quem assiste, principalmente para os espectadores, público em geral (infelizmente, pois a maioria deles não tem uma verdadeira noção do trabalho, do perigo e da complexidade da maioria dos exercícios. Ou porque são tão belos ou porque os ginastas os executam com tanta *supless* e facilidade, que se torna imperceptível aos olhos exteriores). Criando por vezes nos ginastas, desta forma, uma maior ansiedade a nível psicológico, o que, directa e indirectamente, irá influenciar ou não, o seu rendimento e performance desportiva. A execução desta modalidade torna-se cada vez mais difícil, não só a nível físico como também a nível psicológico; seguindo-se desta forma a necessidade da exigência realizada aos próprios atletas para que desta forma eles consigam atingir ou alcançar os lugares de top, os mais cimeiros, faz com que se levante um problema, que é o da responsabilidade e o da segurança dos atletas, facto este, que faz com que realizem os exercícios que dominem por completo, isto tendo em atenção e consideração as regras estipuladas. Por vezes pode-se colocar, desnecessariamente, em risco a integridade física dos ginastas e por conseguinte da própria modalidade, visto ser muito elevada, por vezes, a ânsia e a vontade de vencer, pois esta associa-se cada vez mais e melhor à qualidade dos materiais e aparelhos que faz com que por vezes se corram riscos desnecessários na execução de elementos que os atletas ainda não dominam por completo mas que estão dispostos a arriscar, devido às cada vez melhores condições proporcionadas. São na sua totalidade, factores fundamentais e deveras importantes, visto influenciarem de forma dramática e por vezes de uma maneira drástica o desempenho e o estado psicológico do atleta. Não contando com a própria competição em si, que só por si é geradora de um aumento percentual muito considerável do estado de ansiedade dos ginastas, em conjunto com os anteriormente referidos.

A G.A. pelo simples facto de a prestação, a performance e os resultados dos atletas dependerem apenas de si próprio e da sua própria prestação, é um desporto individual, sendo, igualmente, um desporto técnico, tendo em conta o seu grau elevado de tecnicidade. E, como o atleta não

condiciona de forma directa a acção do adversário, é, ainda, considerado um desporto fechado. Sendo uma modalidade que em termos e além das exigências das posturas corporais, implica e solicita a totalidade do corpo a nível muscular uma vez que desenvolve os mais pequenos músculos, áreas essas muitas vezes esquecidas e até mesmo negligenciadas em outras modalidades, daí ser muito mais do que um simples desporto bonito de se ver e observar. A ginástica contribui em grande escala para o aumento da agilidade, flexibilidade, coordenação, equilíbrio, assim como desenvolve a força e a potência.

Segundo Loken e Willoughgy (1967), a ginástica desenvolve, entre outras, a coragem, o espírito de iniciativa, o estado de alerta, a precisão, qualidades estas mentais, não se ficando somente pelos factores físicos. Sendo a ginástica um desporto individual, de acordo com os mesmos autores, pela repetição, ela desenvolve acções que podem permitir o sucesso na realização dos elementos técnicos assim como o ginasta ser capaz de ultrapassar os seus próprios medos, devendo ser capaz de passar por cima dos seus mais íntimos receios. Isto tudo através da sua força de vontade, ou de outras características tão bem conhecidas mas por vezes muito difíceis de aplicar como a auto-confiança, perseverança e auto-disciplina, que a ginástica profundamente actua.

Outros autores referem e consideram que os ginastas de alto rendimento, que têm uma vontade e força de tal ordem impressionante e são capazes de lutar e de se ultrapassar a si mesmos e aos outros, são seres deveras e extremamente especiais.

Segundo Araújo (2002) a prática efectiva da Ginástica fornece informações que de outra maneira (pelo estudo, pela visualização ou pela recepção de informação) não seriam adquiridas na sua totalidade.

Uma ginasta de alto nível deve ser encarada como uma figura diferente do vulgar dos mortais (Saint-Géniès, 1998). Daí que a constante motivação, controle da Ansiedade, para poder pretender a perfeição, aguentar os esforços, o trabalho e a competição individual, são determinadas características psicológicas que os ginastas devem ter, segundo e de acordo com a mesma autora.

Em sintonia e acompanhamento com o aspecto acrobático, deverão estar os aspectos estéticos e coreográficos, pois estes ganham cada vez mais evidência e importância no que diz respeito à apreciação dos ginastas e á sua avaliação, pontuação. Mais uma razão, para que não haja

qualquer dúvida sobre os ginastas serem ou terem de ser personagens bastante especiais como já tinha sido referido anteriormente. Logo é necessário trabalhar todos os aspectos em consonância uns com os outros, não bastando treiná-los separadamente, pois a composição terá de ser colocada ao mesmo nível.

Tendo em atenção e consideração as exigências internacionais de participação em competições, no que diz respeito à idade, a ginástica é considerada uma modalidade que tem um início e um fim bastante precoces. O facto de antigamente a participação em competições internacionais poder ser iniciada aos trezes anos de idade, fazia com que tivesse que se realizar um início bastante prematuro, visto o longo caminho que o ginasta tinha de percorrer. O mesmo acontece com o fim da carreira de um ginasta que depende de muitos e vários factores, tais como causas inerentes ao desenvolvimento orgânico, tais como os factores morfológicos que inclui o aumento de peso e de altura, a ansiedade, a pressão, … entre muitos outros.

Actualmente realiza-se uma triagem conducente à selecção de jovens talentos. Há uma postura de lealdade e respeito pelas competências de cada desportista, o que se revela num verdadeiro esforço de avaliação das capacidades e possibilidades dos jovens, não se criando falsas expectativas neles próprios, nos pais e nos treinadores com ilusões de um êxito fictício. (Araújo, 2002)

“As técnicas gímnicas aprendem-se melhor quando iniciadas e implementadas em idades precoces, devido à maior plasticidade das estruturas músculo-tendinosas e articulações, e fundamentalmente, devido ao facto de o sistema nervoso ainda se encontrar em maturação, permitindo adaptações e uma mais fácil interiorização de “trajectos” motores e sensoriais.” (Araújo, 2002, pp. 10 e 11)

Para além do início e fim prematuros da modalidade, na maioria dos casos, as exigências internacionais de participação nas competições são igualmente responsáveis pela elevada exigência e necessidade de uma boa preparação a nível técnico e a nível do próprio treino em si da modalidade em questão.

O código FIG tem exigências, que faz com que haja uma necessidade de cumprir e apresentar elementos técnicos de várias ordens e diferentes composições e ligações, sendo estas distribuídas e referentes a quatro aparelhos para as ginastas e seis para os ginastas. Logicamente, o treino terá de ser bastante diversificado e completo, pois esta situação referida

anteriormente faz com que tenha uma implicação directa no treino, tornando-o, segundo Pereira (1997), pela complexidade e dificuldade técnica e requisito e necessidade de trabalho intrínsecas a esta modalidade, muito exigente e trabalhosa no que diz respeito às horas e dias de treino semanais. O treino desta modalidade, "exige" uma grande e elevada disponibilidade em termos temporais e uma grande abstracção, abstinência e até mesmo recusa de muitas outras actividades. Para quem está num regime de alto rendimento, treinam em média, seis dias por semana, em que a carga horária diária situa-se entre as três e as quatro horas. Aliada às actividades escolares que no nosso país ocupam grande parte do dia do indivíduo, não deixa e não sobra quase tempo nenhum para outras actividades mais de laser, tais como brincar, estar com os amigos, ir ao cinema, etc. A G.A. é, por isso, considerada uma modalidade de grande sacrifício. A estrutura orgânica escolar a nível nacional, apresenta uma grande incompatibilidade com os horários de treino devido à elevada sobrecarga dos horários escolares. Só se existissem Escolas de Desporto, como assim acontece em países em que a ginástica está mais desenvolvida, é que esta situação poderia ser contornada e bastante atenuada. Pois segundo Gadjos (1986), somente este processo daria origem a um recrutamento correcto e unicamente dos mais talentosos, assegurando uma unidade e orientação metódica de tal ordem benéfica para o atleta, não só a nível do processo de educação e de ensino para os treinos, como em relação às próprias obrigações escolares, para além de observações indispensáveis no plano médico, de alimentação, alojamento e segurança social.

Para uma melhor compreensão do universo da Ginástica e sua evolução, torna-se necessário analisar a sua estrutura organizacional a nível mundial.

A FIG é a organização mais antiga e com maior abrangência internacional na área da Ginástica. Está subordinada ao COI, sendo responsável pelas modalidades gímnicas. É portanto o organismo com maior poder e influência na Ginástica mundial. Actualmente é dividida em sete áreas técnicas, sendo seis relativas às modalidades competitivas (GAM, GAF, Ginástica Rítmica, Ginástica Acrobática, Trampolins e Ginástica Aeróbica Desportiva) e uma relativa à Ginástica Geral que tem carácter demonstrativo.

A FIG é um órgão que tem como objectivo orientar, regulamentar, controlar, divulgar e promover eventos na área da Ginástica. Tem a sua origem na Federação Europeia de Ginástica estabelecida em 23 de Julho de 1881 (Nunes, 2000).

Segundo Borrmann (1980), a ginástica competitiva surgiu em festivais onde a avaliação dos ginastas era feita por pontos. Inicialmente, podiam obter uma pontuação de 1 a 5 por cada exibição, tendo sido mais tarde estabelecida uma escala de 1 a 10 pontos. A GA é actualmente, uma das modalidades olímpicas mais populares, devido à sua espectacularidade e ao facto de ser muito exigente. Requer capacidades de diferentes níveis, como a força, expressão artística e coragem (Fédération Internationale de Gymnastique, 1999).

A GA caracteriza-se por ser uma modalidade extremamente complexa nos aspectos técnicos e muito exigente do ponto de vista físico. É uma das poucas modalidades onde as deficiências no desempenho técnico são penalizadas por regulamento.

Se em outros tempos o regulamento exigia a execução de todos os aparelhos, actualmente a ginasta pode escolher um ou mais aparelhos, dentro da sua especialidade, contribuindo para a classificação da equipa ou para a final por aparelho. Apenas os ginastas que executarem todos os aparelhos, podem ser classificados no concurso geral individual.

A Ginástica tem vindo a demonstrar uma evolução constante e muito rápida, com um ritmo bastante acelerado. A partir da década de setenta, devido às modificações das regras, às exigências do CP e as suas mudanças, assim como o próprio aperfeiçoamento dos aparelhos vieram permitir diferentes movimentos, novas adaptações e diferentes solicitações. Numa tentativa de diminuir riscos elevados de lesão nas ginastas, os aparelhos gímnicos têm vindo a sofrer alterações durante as duas últimas décadas, no sentido de aumentar a sua capacidade de absorção de impactos. Este facto tem levado a que os treinadores, suportados por um sentimento de segurança, arrisquem constantemente a realização de elementos de maior dificuldade (Zetaruk, 2000).

2.3. Breve Referência e Caracterização dos Códigos de Pontuação da Ginástica Artística Feminina

De forma a conferir ao presente estudo um suporte teórico devidamente alicerçado, julgamos ser, de todo, relevante, fazer uma alusão, ainda que breve e sucinta, ao CP da FIG – seus propósitos e objectivos.

Assim, e em primeiro lugar, importa referir que é ao Comité Técnico da FIG – tido como o organismo máximo da Ginástica a nível mundial – sobre quem recai a tarefa de preparação, elaboração e ratificação deste documento.

O CP, para além do seu papel informativo – ao pretender funcionar como um verdadeiro compêndio agregador de todas as regras, normas e disposições regulamentares (que incluem quer os direitos, quer os deveres de cada um dos intervenientes nas competições de GA: ginastas, treinadores e juízes), - apresenta um precioso papel pedagógico – ao fornecer a ginastas e treinadores directrizes gerais, no sentido de conduzir e orientar o desenvolvimento do seu trabalho (primeiro, na definição, escolha e selecção dos elementos considerados mais relevantes, segundo o juízo e interpretação de cada treinador, ao processo individual de planeamento técnico e, consequentemente, na construção dos exercícios de competição).

Todavia, o objectivo último do CP é, sem dúvida, o de "permitir determinar o melhor ginasta em qualquer competição (FIG, 2001). Para isso, o Comité Técnico da FIG teve a preocupação de munir o Código, de princípios claros e objectivos, "para desenvolver a compreensão, os conhecimentos e as capacidades dos Juízes" (FIG, 2001), no sentido de assegurar uma avaliação uniforme e padronizada dos exercícios de GA, em todos os níveis competitivos, sejam eles de âmbito regional, nacional ou internacional.

Segundo Vidal (2002), por sua vez, países com baixo nível de desenvolvimento, são aconselhados a aplicação de um programa de competição modificado adequado, que satisfaça as suas necessidades específicas, tendo em consideração os diversos grupos etários e o respectivo nível de desenvolvimento.

Vidal (2002) refere que o CP 2001 de GAF, foi criado com o intuito de vigorar por um prazo que abarca-se os dois próximos ciclos olímpicos (2001 – 2008). No entanto, tal não se veio a reflectir nem verificar perante tão extenso período e, sendo a GA, uma modalidade eminentemente técnica e em permanente evolução, o CP não se quer como um documento imutável; antes o

próprio, avança com a ressalva de a ele poderem "ser feitas pequenas adendas e clarificações" (FIG, 2001).

Romão (1999) refere que todas as actividades organizadas, seja de que âmbito forem, que pretendam enveredar pela vertente competitiva, necessitam de possuir regulamentos objectivos de avaliação e/ou taxativa que lhes proporcione diferenciar níveis de desempenho dos diversos intervenientes. Sendo assim, na GA, é o CP, elaborado pela FIG, o documento que regulamenta os parâmetros de avaliação, permitindo assim uma intervenção do Júri de uma forma padronizada e favorecendo uma, desejada, sintonia na avaliação dos esquemas apresentados pelos atletas. Também serve de documento orientador para o processo de treino por determinar, de alguma forma, as tendências evolutivas da modalidade a nível mundial. Segundo o mesmo autor, a uniformidade possibilitada pela existência do CP, é conducente de uma maior sintonia de interesses e consequentemente de esforços integrados, no sentido de um desenvolvimento harmonioso da modalidade, com abrangência mundial.

"A dificuldade de um esquema, nunca deve ser forçada em detrimento de uma execução perfeita sob o ponto de vista da técnica e da atitude. O conteúdo dos esquemas devem corresponder às aptidões do/a ginasta, segundo o princípio: o ginasta deve dominar completamente o seu corpo. Segurança, elegância e amplitude de movimentos, representam o trunfo para o sucesso de um esquema apresentado em competição" (adaptado do CP GAM, FIG, 1985, cit. Romão, 1999).

Segundo Araújo (2002), o Código de Pontuação (FIG, 2001) é claro quanto à sua filosofia geral; os ginastas devem fazer bem os seus Exercícios, porque é de efeito estético superior e porque garantem a sua própria segurança, incentivando a que cada um apresente apenas os elementos que realmente executa na perfeição. O facto de as penalizações por execução serem igualmente rigorosas para quem vai apresentar um elemento simples ou um complexo ajuda os praticantes a "situarem-se" no seu verdadeiro nível gímnico, e desincentiva as tentativas de execução de elementos com complexidade "acima das suas possibilidades", na esperança de que "calhe" bem. O código está estruturado para que seja "premiado" o ginasta que faz um elemento de baixa dificuldade e executa bem, em detrimento do ginasta que arrisca fazer um elemento de maior dificuldade mas "falha" ou faz mal, (a penalização por fazer mal ultrapassa na maioria das vezes a diferença de valor entre o elemento fácil e o difícil, e, assim, ao fazer o elemento fácil sem penalização, o ginasta obtém nota superior ao que fez difícil mas foi penalizado na execução).

Segundo o Código de Pontuação (FPG, 2001; 2006), cada treinador deve conhecer o Código de Pontuação e agir de acordo com as regras estipuladas e especificadas. Os treinadores devem comportar-se de forma desportiva e leal em todos os momentos a competição.

Só assim conseguirão planear e orientar o seu treino, preparando da melhor forma possível as ginastas para as competições gímnicas.

Segundo o Código de Pontuação (FPG, 2001; 2006), todas as ginastas devem ser informadas sobre o Código de Pontuação e agir de acordo com as regras que nele estão especificadas, para assim ver a sua performance ajuizada correctamente, com justiça e de acordo com o estipulado pelo Código de Pontuação. Só desta forma e de acordo com as regras mencionadas, no que diz respeito às suas responsabilidades e direitos, lhes serão garantidos esses mesmos direitos.

O CP é um documento produzido e actualizado após cada competição importante, pelo Comité Técnico Feminino (CTF) da FIG, pois é o organismo máximo da ginástica a nível mundial.

Segundo Teixeira (2006) às doze primeiras páginas de regras de classificação, atribuiu-se o nome de CP pela primeira vez em 1949. este já levava em conta o princípio da divisão da avaliação em três factores: a dificuldade, a combinação e a execução. Para o desenvolvimento da modalidade, este primeiro documento foi de extrema importância, tendo desta forma, em 1954 surgido uma nova edição, ligeiramente mais evoluída (Ferreirinha, 1995).

A finalidade do CP é, não só possibilitar um julgamento mais objectivo e uniforme dos juízes, relativamente aos exercícios enunciados, como ajudar os ginastas e treinadores na preparação e construção dos seus exercícios (Federação Internacional de Ginástica, 2006). Desta forma, segundo Ferreirinha (1995) cit. Teixeira (2006, pp. 16), "o CP assume-se como um dado regulador de todas as competições determinando as funções e normas de funcionamento para todos os intervenientes. Assim todos os envolvidos numa competição, devem cumprir as normas por ele estabelecidas". Assim como afinar as regras de ajuizamento no sentido de confirmar uma avaliação objectiva, identificando os melhores ginastas em qualquer competição.

Neste trabalho pretendemos analisar as regras de dois CP, 2001 e 2006, onde vamos poder verificar diferenças bastante acentuadas, que nos permitirão compreender melhor a evolução que a ginástica sofreu entre 2001 e 2006. De salientar que durante os quatros anos de vigência de ambos os códigos, eles estão sujeitos a algumas precisões importantes, para facilitar a sua aplicação e no sentido de ir ao encontro da evolução pretendida.

2.4. Análise e Comparação dos Códigos de Pontuação de Ginástica Artística Feminina da Federação Internacional de Ginástica (FIG) de 2001 e 2006

A análise e comparação dos Códigos de Pontuação (CP) que irá ser realizada neste estudo, terá em atenção, de uma forma geral, a evolução destes ao longo dos tempos, mais concretamente dos dois últimos ciclos olímpicos, especificamente, o Código de Pontuação de Ginástica Artística Feminina, edição 2001 e o Código de Pontuação de Ginástica Artística Feminina, edição 2006. Isto deve-se ao facto das mudanças verificadas terem sido bastante elevadas e significativas, não tendo, até ao momento, sido verdadeiramente ponderadas, analisadas e estudadas, afim de se ter uma real noção do efeito que poderão ter (ou não) no panorama gímnico actual.

Os dois códigos foram projectados para serem utilizados em todas as competições sob a jurisdição da Federação Internacional de Ginástica (FIG): Campeonatos do Mundo, Jogos Olímpicos, Taças do Mundo — qualificação e Finais e eventos especiais criados pela FIG.

No CP de 2001 o Comité Técnico Feminino (CTF) da FIG recomenda às Uniões Continentais e às suas Federações membros, a utilização do código de pontuação em todas as competições internacionais — continentais, regionais, competições entre nações (equipas) e convites internacionais — assim como nas competições nacionais por escalões, afim de promover o desenvolvimento e evolução da Ginástica Artística através de todo o mundo (FIG, 2001).

No CP 2006, é também referido a utilização do CP pelas Federações filiadas na FIG e Uniões Continentais, bem como a sua adopção em Jogos Multi-Desportivos e Torneios.

A utilização dos documentos em questão tem outros objectivos, como: uniformizar a avaliação nas quatro fases das competições oficiais da FIG - Qualificação (C-I), Final por Equipas (C-IV), Concurso Individual Múltiplo (C-II) e Final por Aparelhos (C-III); orientar as ginastas e os treinadores na construção dos seus exercícios de competição; dar a conhecer as directrizes gerais para o comportamento das ginastas, treinadores e juízes durante a competição; aferir as regras de ajuizamento no sentido de assegurar uma avaliação dos exercícios o mais objectiva possível e, segundo o CP 2006, assim assegurar-se a identificação das melhores ginastas em qualquer competição e servir de base para desenvolver a compreensão, os conhecimentos e as capacidades das Juízes Internacionais de GAF da FIG (FIG, 2001 e 2006).

Quer um, quer outro CP, referem que para países com um baixo nível de desenvolvimento da ginástica é aconselhada a aplicação do Programa de Competição Modificada para a Qualificação

e respectivas Finais, que deve ser definido pelas autoridades técnicas continentais e regionais, de acordo com a idade e o nível de desenvolvimento. Além do que foi supradito anteriormente, o CP 2006 orienta ainda sua utilização para as competições de Juniores.

Nos CP são utilizadas abreviaturas de forma a simplificar e facilitar a identificação de vários termos gímnicos. De seguida são expostas as várias modificações verificadas de um CP para o outro.

Quadro 1: Diferenças ao nível das abreviaturas/ terminologias nos Códigos de Pontuação 2001 e 2006

Código 2001	Código 2006
SC - Saltos de Cavalo	ST - Saltos
S - Solo	SO - Solo
PV – Parte(s) de Valor – A-, B-, C-	-
VD – Valor de Dificuldade – D-, E- e ^{SUPER}E	VD – Valor de Dificuldade – A-, B-, C-, D-, E-, F-, e G, etc.
VA – Valor Aditivo	-
EE – Exigências Específicas	-
-	EGR – Exigências de Grupos Elementos

Através da análise do Quadro 1, constatamos que além de algumas alterações, verificaram-se igualmente remodelações ao nível das abreviaturas/ terminologias. Os saltos de cavalo (SC) deixaram de ter essa designação, tendo passado a chamar-se saltos (ST). Isso deveu-se essencialmente à mudança verificada ao nível do aparelho que neste momento se denomina por "mesa de saltos". No solo, a abreviatura (S) foi reformulada para SO e no que diz respeito às abreviaturas/terminologias partes de valor (PV), valor aditivo (VA) e exigências especificas (EE), deixaram de existir no CP 2006. relativamente ao valor de dificuldade (VD), continua a ser uma terminologia comum aos dois códigos, havendo no entanto um acréscimo de elementos inferiores aos existentes no CP anterior, devido à extinção das PV, que foram colocadas juntamente com o VD no CP 2006. Ainda no CP mais recente, surgem as exigências de grupos elementos (EGR).

2.4.1. Regulamento para os participantes nas competições

2.4.1.1. Regulamentos para as ginastas

Quadro 2: Diferenças ao nível dos regulamentos respeitante às ginastas nos Códigos de Pontuação 2001 e 2006

Código 2001	Código 2006
Aparelhos As ginastas **podem** colocar um tapete suplementar (até 10 cm) sobre os tapetes de recepção regulamentares (20cm).	**Aparelhos** As ginastas **devem** colocar um tapete suplementar (até 10 cm) sobre os tapetes de recepção regulamentares (20cm) nos ST e para as saídas nas PA e na TR. O tapete suplementar não pode ser deslocado durante o exercício. A ginasta pode colocar o trampolim para a chamada sobre o tapete suplementar de 10 cm (PA/TR).
Aparelhos Com autorização escrita do CTF, a ginasta pode subir as duas barras (5 cm cada uma) se os seus pés ou a bacia tocam o tapete. Para subir as barras das PA a ginasta deve antes do treino de pódium apresentar um pedido escrito.	**Aparelhos** Com autorização escrita da Presidente do Júri Superior, a ginasta pode subir as duas barras (5 cm cada uma) se os seus pés ou a bacia tocam o tapete. Para subir as barras das PA a ginasta ou o seu treinador devem apresentar um pedido por escrito à Presidente do Júri Superior, 24 horas antes do treino de podium ou apresentar este requerimento de acordo com o RT da FIG que dirige a competição.
Nas PA a ginasta pode beneficiar da presença do treinador para os elementos D/E e ^{S}E. Quando este elemento é no início do exercício, poderá haver uma segunda pessoa (treinador ou ginasta) para remover o trampolim.	A ginasta pode beneficiar de assistência no *podium* durante todo o exercício de PA. Uma segunda pessoa (treinador ou ginasta) é autorizada a estar sobre o *podium* para remover o trampolim.
Regras para o aquecimento Qualificação – I, Final por equipas IV, Final do Concurso Individual Múltiplo – II e Final por Aparelhos III - ST: mínimo dois (2) saltos	**Regras para o aquecimento** Qualificação – I, Final por equipas IV, Final do Concurso Individual Múltiplo – II e Final por Aparelhos III - ST: mínimo dois (2) saltos; três (3) para a Qualificação para Conc. III
Não são autorizadas protecções ao nível das ancas ou outra parte do corpo. As ginastas podem usar ligaduras, desde que fixadas convenientemente. É autorizada a utilização de estafas na PA.	É permitido utilizar estafas nas PA, ligaduras e punhos de protecção (da cor da pele); devem estar bem fixas, em bom estado e duma cor e estilo que não seja prejudicial ao aspecto estético da prestação e da competição.

Pela análise do Quadro 2 podemos observar as alterações no que respeita à conduta que as ginastas devem ter durante uma competição. Uma diferença importante, é o facto de no CP 2006 ser "obrigatório" a utilização de um tapete suplementar (até 10 cm) sobre os tapetes de recepção regulamentares (20 cm) nos ST e para as saídas nas paralelas assimétricas (PA) e trave (TR), não podendo este ser movido durante a realização do exercício. Anteriormente as ginastas podiam fazer uso desse tapete suplementar, neste momento devem utilizá-lo. Caso isso não se verifique, após consulta do Júri Superior por parte do Júri A, este último faz uma dedução grave (0.50 p.) à nota final da ginasta no aparelho onde tal situação ocorreu.

Segundo o CP 2006 a ginasta pode colocar o trampolim, caso tenha necessidade disso, para a chamada nos exercícios de PA e TR. No que se refere à subida das duas barras (5 cm cada uma) nas PA, caso a ginasta toque com os pés ou a bacia no tapete, no CP 2001 esta deveria dirigir um pedido de autorização por escrito antes do treino de *pódium*[1] ao CTF, para este lhe emitir um consentimento escrito. Actualmente, a ginasta (ou o treinador) terá que apresentar esse requerimento à Presidente do Júri Superior exactamente vinte e quatro horas antes do treino de *pódium*, afim de obter a devida autorização escrita, tendo em atenção o Regulamento Técnico (RT) da FIG que dirige a competição.

No CP 2001, nas PA a ginasta só tinha direito à presença do treinador durante a realização de elementos de dificuldade D/E e SUPERE, tendo que se ausentar após o término deste (s). Um segundo indivíduo (treinador ou ginasta) podia estar no *pódium* para a remoção do trampolim caso o elemento fosse realizado no início do exercício. Actualmente, a ginasta pode beneficiar da assistência do treinador no *pódium* durante todo o exercício de PA, estando uma segunda pessoa (treinador ou ginasta) autorizada a estar sobre o *pódium* para remover o trampolim.

Antes do início da competição, nas quatro fases das competições oficiais FIG (Qualificação (C - I), Concurso Individual Múltiplo (C – II), Final por Aparelhos (C – III) e Final por Equipas (C – IV)), cada ginasta tem direito em todos os aparelhos a um determinado tempo de aquecimento no *podium*. A única diferença verificada foi ao nível da qualificação para o Concurso III (Final por Aparelhos) nos ST, onde no CP 2006 é permitida a realização de três saltos de aquecimento, enquanto que no CP anterior, eram permitidos dois saltos de aquecimento para todas as fases das competições oficiais FIG.

Já no que concerne às protecções usadas pelas ginastas, no CP 2001 não era autorizada a utilização de protecções ao nível das ancas ou outra parte do corpo, sendo somente permitido o uso de ligaduras, desde que fixadas convenientemente. No CP 2006 é consentido trazer ligaduras e punhos de protecção (da cor da pele), desde que se encontrem bem fixos, num bom estado de conservação e duma cor e estilo que não seja prejudicial ao aspecto estético da prestação e da competição.

[1] Treino de *Pódium*

2.4.1.2. Regulamentos para os treinadores

Quadro 3: Diferenças ao nível dos regulamentos respeitante aos treinadores nos Códigos de Pontuação 2001 e 2006

Código 2001	Código 2006
N.º de Treinadores (as) admitidos na área da competição Concurso Individual múltiplo – II e Final por Aparelhos – III Para cada ginasta – um/uma (1) treinador (a)	**N.º de Treinadores (as) admitidos na área da competição** Concurso Individual múltiplo – II e Final por Aparelhos – III Para cada ginasta – um/uma (1) treinador (a) (PA – 2 pessoas)
É permitido aos treinadores (as) Estar no *pódium* após o aparecimento da luz verde - nas PA para retirar o trampolim e apoiar a ginasta durante todo o exercício, quando forem executados elementos D/E/^{SUPER}E (1 treinador/a). Quando estes elementos forem executados no princípio do exercício, poderá então haver uma segunda pessoa (treinador/a ou ginasta) para retirar o trampolim.	**É permitido aos treinadores (as)** Estar no *pódium* após o aparecimento da luz verde - nas PA para retirar o trampolim e apoiar a ginasta durante todo o exercício (1 treinador/a). Uma segunda pessoa (treinador/a ou ginasta) é autorizada a estar sobre o *podium* apenas para retirar o trampolim, após o que deve abandoná-lo imediatamente.
É permitido aos treinadores (as) Estar na zona de protecção ao *pódium*, nos ST, nas PA e TR para aconselhar as ginastas durante o período de recuperação de uma queda.	**É permitido aos treinadores (as)** Estar na zona de protecção ao *pódium*, nas PA e TR para aconselhar as ginastas durante o período de recuperação de uma queda.
Não é permitido aos treinadores (as) Mudar a altura do aparelho sem permissão do Presidente do Júri da Competição	**Não é permitido aos treinadores (as)** Mudar a altura do aparelho sem a permissão do Presidente do Júri Superior.
Não é permitido aos treinadores (as) Pedir informações ao Júri A e B durante as competições, sobre o julgamento da competição.	**É permitido ao treinador (a)** Informar-se junto do Júri A sobre a avaliação do conteúdo do exercício (nota A) da sua ginasta (art. RT 8.4) *
O chefe da delegação pode dirigir um pedido de informações por escrito ao Presidente do Júri de Competição em caso de acontecimentos imprevisíveis ou excepcionais.	*

Cada treinador deve actuar tendo em conta as regras estipuladas no CP, devendo, para tal, ter um total domínio e conhecimento do mesmo, acrescida à responsabilidade de manter um comportamento exímio em todos os momentos da competição.

Relativamente ao número de treinadores(as) que são permitidos na área da competição, no CP 2001, no respeitante ao C - II e C - III era admitido um(a) treinador(a) para cada ginasta em todos os aparelhos. No CP 2006 isso mantém-se, com a excepção das PA, em que para cada ginasta podem haver dois treinadores na área competitiva.

No CP actual, após o início do exercício nas PA, o treinador pode estar no *pódium* para retirar o trampolim e apoiar a ginasta durante a execução de todo o exercício, sendo autorizada uma segunda pessoa apenas para retirar o trampolim, devendo abandonar imediatamente o local (*pódium*) após ter terminado essa acção. No CP de 2001, era igualmente permitida a uma segunda pessoa (treinador/ginasta) retirar o trampolim, mas tal só se verificava caso houvesse um elemento de dificuldade realizado no princípio do exercício da ginasta. Isto, porque o

treinador podia acompanhar a sua ginasta durante todo o exercício, mas somente quando fossem executados elementos de dificuldade acrescido (D/E e ^{SUPER}E).

Enquanto que no código mais antigo era permitido aos treinadores(as) estar na zona de protecção ao *pódium* em três aparelhos dos quatro aparelhos existentes na GAF (ST, PA e TR), para aconselhar as ginastas durante o período de recuperação de uma queda, neste momento é só permitido em dois deles (PA e TR).

Quanto à mudança da altura do aparelho por parte dos treinadores, esta só é autorizada após a permissão do Presidente do Júri da Competição (CP 2001) ou do Presidente do Júri Superior (CP 2006), que têm nos dois CP basicamente as mesmas funções, tendo havido simplesmente uma alteração na nomenclatura.

No que se refere aos pedidos de esclarecimentos solicitados pelos treinadores ao Júri A e B durante as competições sobre o julgamento desta, tal não era permitido segundo o CP 2001. Neste momento e, com base no CP 2006, é permitido ao treinador (a) informar-se junto do Júri A sobre a avaliação do conteúdo do exercício da sua ginasta (nota A). Antigamente, o chefe da delegação, somente podia dirigir um pedido de informações por escrito ao Presidente do Júri de Competição em caso de acontecimentos imprevisíveis ou excepcionais. Actualmente, poderá haver uma reclamação que terá de seguir procedimentos detalhados para os pedidos de revisão de notas. Podem exclusivamente ser pedidas informações sobre a nota A (conteúdo), não sendo permitido solicitar informações sobre a nota B (execução). Este pedido deverá ser feito verbalmente pelo treinador à Presidente do Aparelho (Juiz A^{1}), imediatamente após a publicação da nota ou pelo menos, o mais tardar, até ao final do exercício da ginasta seguinte. Esse pedido tem que ser confirmado por escrito o mais rápido possível pelo treinador à Presidente do Aparelho (Juiz A^{1}) que, após a recepção do pedido de informação, deve informar imediatamente a juiz A^{2} e a Supervisora do Aparelho. Se a A ^{1}, A ^{2} e a Supervisora do Aparelho estiverem de acordo, a decisão pode ser tomada imediatamente. Se o pedido for aceite, o caso fica concluído. Porém, se não concordarem com o pedido ou se não houver acordo entre as três intervenientes no processo, o Presidente do Júri Superior tem que ser consultado e a decisão final pertencerá a este. Não é possível recorrer da decisão final, devendo esta ser tomada o mais tardar até ao final da rotação para o C - I, C - II e C – IV e antes de ser mostrada a nota da ginasta seguinte no C – III. É importante referir ainda que os pedidos de informação com atraso serão rejeitados e não é permitido às Federações apresentar protestos contra ginastas de outras Federações. Estes pedidos de informação representam um acordo de pagamento com a respectiva Federação

Nacional: USD 300 — para o primeiro protesto; USD 500 — para o segundo protesto e USD 1000 — para o terceiro e seguintes pedidos. Esta quantia tem que ser paga no mesmo dia ao Presidente do Júri Superior que a enviará, juntamente com a cópia de todos os pedidos de informação para o Secretário Geral da FIG o mais breve possível, nos dez dias seguintes à competição. Se o pedido de informação inicial receber uma resposta favorável ao treinador, então qualquer reclamação partirá de 300 USD. Este princípio é aplicado para o 2° pedido — 500 USD e o 3º 1000 USD e todos os pedidos seguintes. O pagamento inicial é feito com base na resposta da 1ª reclamação. O pagamento de cada reclamação sem sucesso será transferido para a Fundação da FIG.

Só o facto de já ser permitido o treinador informar-se sobre a avaliação do conteúdo do exercício da sua ginasta, revela uma das muitas evoluções presentes no código actual, pois era algo que não era permitido no anterior. Apesar de tudo, pode ser uma solução para as possíveis injustiças resultantes do erro humano, que está presente em todas as situações da vida e que por vezes ocorre de forma não intencional por parte dos juízes.

2.4.1.3. Regulamentos para os Juízes

2.4.1.3.1. Funções do Comité Técnico da FIG (CTF)

Os membros do CTF da FIG actuam nas competições oficiais da FIG (FPG, 2001).

Os membros do CTF da FIG constituem o Júri Superior e actuam como Supervisoras nos Aparelhos em todas as competições oficiais da FIG (FPG, 2006).

Quadro 4: Diferenças ao nível dos regulamentos respeitante o Comité Técnico da FIG nos Códigos de Pontuação 2001 e 2006

Código 2001	Código 2006
Presidente do CTF A Presidente do CTF e/ou a sua substituta preside o **Júri da Competição** como Presidente e, juntamente com os membros do CTF, tem de cumprir certas responsabilidades estipuladas. Cumprimento dos deveres do Júri de Competição.	**Presidente do CTF** A Presidente do CTF ou/a seu/sua representante servirá de Presidente do **Júri Superior**. As suas responsabilidades encontram-se pré-definidas. Cumprimento dos deveres do Júri Superior.
A Presidente do CTF Controla constantemente a avaliação feita pelos Júris dos Aparelhos e ocupa-se de todos os erros graves no julgamento.	**A Presidente do CTF** Controla o trabalho da Supervisora do Aparelho e intervém sempre que necessário. Excepto em caso de reclamações, não é permitido em nenhuma circunstância mudar uma nota depois de ela ser aprovada pela Supervisora do Aparelho.

Membros do CTF Durante cada fase da competição, cada um serve como membro do Júri de Competição ou como Presidente do Júri de Aparelhos.	**Membros do CTF** Durante cada fase da competição, os membros do CTF ou os seus representantes servem como membros do Júri Superior ou como Supervisora em cada Aparelho.
As juízes devem: Estar presente no local da competição 1h30m antes do seu início.	As juízes têm a responsabilidade de: Estar presente no local da competição com antecedência estipulada.
Em caso de uma acção arbitrária contra uma juiz, ela tem o direito de entregar um protesto … ao Júri da Competição, se a acção foi iniciada pelo Chefe dos Aparelhos ou … ao Júri de Apelo, se a acção foi iniciada pelo Júri da Competição. Júri de Apelo (RT FIG 7.8.3) O Júri de Apelo é constituído por: - dois membros do Comité Executivo nomeados pelo Comité Executivo (um deles actua como Presidente) e - um membro do CTF (que não esteja envolvido nas decisões do Júri de Competição, nem faça parte do processo de pontuação no aparelho em questão) nomeado pelo CTF. O Júri de Apelo observa o conjunto de cada sessão da competição e resolve todos os protestos feitos pelas juízes, que foram avisadas ou excluídas pelo Júri de Competição. O Júri da Competição e o respectivo Júri do Aparelho podem ser consultados no processo de preparação das decisões apropriadas.	Em caso de uma acção arbitrária contra uma juiz, ela tem o direito de entregar um protesto … ao Júri Superior, se a acção foi iniciada pela Supervisora dos Aparelhos ou … ao Júri de Apelo, se a acção foi iniciada pelo Júri Superior.
O Juramento das Juízes: "Declaro por minha honra, na qualidade de juiz, que não me deixarei guiar senão pelo espírito de lealdade e dignidade desportivas e comprometo-me a avaliar conscienciosamente o trabalho apresentado, sem olhar nem à pessoa nem a nação."	O **Juramento das Juízes** (RT 7.12): "Em nome de todas as juízes e oficiais prometo que cumpriremos as nossas funções nestes Campeonatos do Mundo (ou qualquer outro evento oficial da FIG), com total imparcialidade, respeitando e cumprindo todas as regras, com o verdadeiro espírito desportivo."

Pela análise do Quadro 4 verificamos a alteração de nomenclatura de Júri da Competição para Júri Superior, sendo esta a função da Presidente do CTF ou do(a) seu/sua representante na competição e que a irá presidir.

A Presidente do CTF, que é igualmente Presidente do Júri de Competição (CP 2001) / Presidente do Júri Superior (CP 2006), verifica as tarefas e funções realizadas pelo Júri do Aparelho (CP 2001) / Supervisora do Aparelho (CP 2006). Verifica-se uma excepção no novo código, que em caso de reclamação, não é permitido em nenhuma circunstância mudar a nota depois de ela ser aprovada pela Supervisora do Aparelho.

No que se refere aos Membros do CTF, em ambos os CP as suas funções mantêm-se. Porém, a denominação para quem estes efectuam o seu papel é que se alterou (como foi anteriormente referido).

No que diz respeito à hora que as juízes deviam estar presentes antes do início da competição, enquanto que antigamente estava convencionado 1h30m antes do seu começo, neste momento deverá estar-se presente no local da competição “com antecedência estipulada”.

Em relação há existência de uma acção arbitrária contra uma juiz, esta tem direito de entregar um protesto e reivindicar os seus direitos afim de realizar a sua defesa. Para isso, terá que seguir os trâmites estipulados pelo regulamento. Mais uma vez, as diferenças verificadas prendem-se com a terminologia que, uma vez modificada, vai influenciar quase todos os itens do CP.

Pela análise do Quadro 4 podemos constatar que o juramento das juízes foi alterado de um CP para o outro. Segundo o CP 2001, no juramento das júizes constava o seguinte: “declaro por minha honra, na qualidade de juiz, que não me deixarei guiar senão pelo espírito de lealdade e dignidade desportivas e comprometo-me a avaliar conscienciosamente o trabalho apresentado, sem olhar nem à pessoa nem a nação.” Segundo o CP 2006 podemos verificar que “em nome de todas as juízes e oficiais prometo que cumpriremos as nossas funções nestes Campeonatos do Mundo (ou qualquer outro evento oficial da FIG), com total imparcialidade, respeitando e cumprindo todas as regras, com o verdadeiro espírito desportivo.”

2.4.1.3.2. Regulamentos para as juízes, estrutura, composição e funções dos júris nos aparelhos

Quadro 5: Diferenças ao nível dos regulamentos respeitante aos Juízes nos Códigos de Pontuação 2001 e 2006

Código 2001	Código 2006
O Júri da Competição É constituído por: - a Presidente do CTF, que é igualmente Presidente do Júri de Competição e - dois membros do CTF, nomeados pelo CTF.	**O Júri Superior** Constituído por: - a Presidente do CTF, que é igualmente Presidente do Júri Superior e - membros do CTF, que actuam como Supervisoras em cada Aparelho ou servem como membros do Júri Superior.
O Júri da Competição Controla constantemente a avaliação feita pelos Júris dos Aparelhos e ocupa-se de todos os erros graves no julgamento.	**O Júri Superior** Controla o trabalho da Supervisora do Aparelho e intervém sempre que necessário. Excepto em caso de reclamações, não é permitido em nenhuma circunstância mudar uma nota depois dela ser aprovada pela Supervisora do Aparelho.
Durante a competição, a **Presidente do CTF**: Preside ao Júri de Competição	Durante a competição, a **Presidente do CTF**: Preside ao Júri Superior
A Presidente do Júri do Aparelho (membro do CTF) Supervisiona o trabalho das assistentes e cronometristas.	**A Presidente do Júri do Aparelho (A^1)** *(Funções do Júri A)* A A^1 supervisiona o trabalho das assistentes (cronometristas e juízes de linha) e das secretárias, de acordo com o que se encontra estipulado.
A Presidente do Júri do Aparelho (membro do CTF)	**Supervisora do Aparelho (membro do CTF)**
A Presidente do Júri do Aparelho (membro do CTF) Juntamente com o Júri A, decide quando: A ginasta não se apresenta no início ou final do exercício.	*(Funções do Júri A)* O Júri A decide se a ginasta não se apresenta no início ou final do exercício.
A Presidente do Júri do Aparelho (membro do CTF) No caso de desacordo entre a A^1 e A^2, intervêm para decidir a Nota de Partida.	**Supervisora do Aparelho (membro do CTF)** Em caso de desacordo entre a A^1 e a A^2 a Presidente do Júri do Aparelho (A^1) poderá solicitar a opinião da Supervisora do Aparelho.
A Presidente do Júri do Aparelho (membro do CTF) Providencia para que sejam retiradas da Nota Final, as deduções por tempo, linha e faltas de comportamento, antes que a nota seja mostrada.	**A Presidente do Júri do Aparelho (A^1)** *(Funções do Júri A)* A A^1 controla se as deduções neutras de tempo, saída da superfície autorizada e faltas de comportamento foram retiradas da Nota Final, antes da nota ser mostrada.
O desvio máximo permitido entre a dedução média do júri B e a dedução do controlo é: 0.15 p. para notas médias entre 9.60 p. – 10.00 p. 0.25 p. para notas médias entre 9.00 p. – 9.59 p. 0.35 p. para notas médias abaixo de 9.00 p.	A nota de execução (Nota B) O desvio máximo permitido é o seguinte: > 0.0 – 0.4 0.1 > 0.4 – 0.6 0.2 > 0.6 – 1.0 0.3 > 1.0 – 1.5 0.4 > 1.5 – 2.0 0.5 > 2.0 0.6

Através da análise do Quadro anterior podemos constatar a alteração da terminologia verificada anteriormente em relação a alguns dos intervenientes nas competições gímnicas, uma vez que as suas funções mantêm-se basicamente as mesmas.

No CP 2001 das várias funções que o Júri de Competição se tinha de ocupar, entre elas estava incluído o constante controlo da avaliação feito pelos Júris dos Aparelhos, como já foi referido, pois o Presidente do CTF era igualmente Presidente do Júri de Competição. Já no CP 2006 verifica-se o mesmo papel, onde a Presidente do CTF ou a sua representante servirá de Presidente do Júri Superior, tendo basicamente as mesmas funções do código anterior, incluindo o controle do trabalho da Supervisora do Aparelho e a sua intervenção sempre que necessária, havendo uma excepção caso haja reclamações. Nesta situação não é permitido alterar uma nota em nenhuma circunstância depois desta já ter sido aprovada pela Supervisora do Aparelho.

No que diz respeito à Presidente do Júri do Aparelho (membro do CTF), no CP 2001 uma das suas funções era supervisionar o trabalho das assistentes e cronometristas, o que, neste momento, cabe à Presidente do Júri do Aparelho (A^1), estando incluída nas funções do Júri A. A A^1 supervisiona o trabalho das assistentes (cronometristas e juízes de linha) e das secretárias. Enquanto que antigamente a Presidente do Júri do Aparelho era um membro do CTF, neste momento a A^1 é considerada a Presidente do Júri do Aparelho, sendo a Supervisora do Aparelho, o membro do CTF.

Nas situações onde a ginasta não se apresenta no início ou final do exercício a decisão da dedução era realizada pela Presidente do Júri do Aparelho (membro do CTF) juntamente com o Júri A, o que neste momento não se verifica, já que tal decisão fica ao somente à responsabilidade da Júri A.

Em relação à falta de consenso que poderia existir entre a Júri A^1 e a A^2, a Presidente do Júri do Aparelho (membro do CTF), no CP 2001 intervinha para decidir a nota A (nota de partida). Em 2006, na mesma situação, a Presidente do Júri do Aparelho (A^1) poderá solicitar a opinião da Supervisora do Aparelho que estabelece a nota A após consulta e acordo com as duas Juízes. Caso não haja acordo entre a Júri A e a Supervisora do Aparelho, a decisão da nota A fica submetida ao Júri Superior. A Supervisora do Aparelho deve informar a(s) Juízes em questão sobre a decisão e depois afixar a nota (excepto no caso de reclamação).

Enquanto que no CP 2001 quem controlava as deduções neutras de tempo, saída da superfície autorizada e faltas de comportamento (sendo estas retiradas da nota final antes desta ser mostrada) era a Presidente do Júri do Aparelho (o membro do CTF). Neste momento isso cabe igualmente ao Presidente do Júri do Aparelho (A^1) e não ao membro do CTF que, neste caso, corresponde à Supervisora do Aparelho. Estas diligências fazem parte das funções do Júri A.

Segundo o CP 2001, no caso de notas impossíveis ou exageradas, a Presidente do Júri do Aparelho (membro do CTF) tinha o direito de intervir de forma a assegurar que a ginasta recebesse uma nota justa e correcta. Esta, após consultar o Júri de Competição podia intervir junto do Júri B no momento oportuno, tanto imediatamente após o exercício como no final da rotação para ser visto o vídeo da competição. A dedução média do Júri B (obtida através das deduções intermédias, após a eliminação da dedução mais alta e da mais baixa) é retirada à nota de partida, obtendo-se desta forma a nota final. O desvio máximo permitido entre a dedução média do Júri B e a dedução do controlo era de 0.15 p. (para notas médias entre 9.60 p. – 10.00 p.), de 0.25 p. (para notas médias entre 9.00 p. – 9.59 p.) e de 0.35 p. (para notas médias abaixo de 9.00 p.). Com a aprovação do Júri da Competição, a Presidente do Júri do Aparelho (membro do CTF) podia aplicar a dedução base (média da dedução + dedução controlo) / 2, sendo esta decisiva. Já no CP 2006 o desvio máximo permitido sofreu uma alteração significativa, uma vez que, actualmente, não se pode estipular o desvio tendo em conta a possível nota a obter pela ginasta, como acontecia anteriormente. Não pode haver previsões de notas, pelo facto de não haver um limite máximo de nota final a atingir como havia anteriormente (nota 10.00 p.). Deste modo, teve de se realizar um ajustamento desse desvio máximo permitido: caso a nota de execução de controlo se encontre entre 0.0 p. e 0.4 p. o desvio máximo permitido é de 0.1 p.; entre 0.4 p. e 0.6 p. é de 0.2 p.; para deduções que se encontrem entre 0.6 p. e 1.0 p. é de 0.3 p.; entre 1.0 p. e 1.5 p. é de 0.4 p.; entre 1.5 p. e 2.0 p. é de 0.5 p.; e, por fim, para mais de 2.0 p. de deduções, o desvio máximo permitido para a nota de execução (Nota B) é de 0.6 p.

De acordo com o CP 2006, a Supervisora do Aparelho (membro do CTF) deve intervir quando a nota B (execução) atribuída por uma Juiz é impossível ou se a média desta nota é também inaceitável: quando a diferença entre as deduções dos Juízes é superior ao desvio permitido e quando a nota B é significativamente diferente da nota da Supervisora.

Se for necessária uma intervenção da Supervisora do Aparelho, esta pode ajustar uma ou mais notas B após consulta e acordo com a respectiva(s) Juiz(es) e assim publicar a nota. Caso não cheguem a acordo, o Júri Superior é solicitado para que uma ou várias notas B sejam ajustadas e se decida a nota B, informação e decisão que será transmitida à(s) juiz(es) em questão pela Supervisora do Aparelho que, só depois, autorizará a publicação da nota.

Em relação à nota A (dificuldade) a Supervisora do Aparelho deve intervir caso acredite que esta esteja incorrecta, caso haja desacordo entre a A^1 e a A^2 ou entre o júri A e a própria Supervisora (após consulta e acordo com as duas Juízes, esta estabelece a nota A, sendo a nota por ela

afixada). Caso não haja acordo, a situação é submetida para o Júri Superior. Após a decisão desta entidade (em conjunto com os restantes membros), os juízes são informados da sua deliberação através da Supervisora do Aparelho que depois afixará a nota. Isto processar-se-á desta forma caso não haja reclamação, pois caso isso aconteça, nenhuma nota poderá ser alterada pelo Presidente do Júri Superior depois de ter sido afixada pela Supervisora do Aparelho.

Quadro 6: Diferenças ao nível dos regulamentos respeitante ao Júri nos Aparelhos (Painel de Juízes) nos Códigos de Pontuação 2001 e 2006

Código 2001	Código 2006
O Júri nos Aparelhos **Júri B** A principal responsabilidade do Júri B é avaliar as faltas de execução, apresentação e valor artístico durante o exercício.	**O Júri nos Aparelhos (Painel de Juízes)** **Júri B** A principal responsabilidade do Júri B é avaliar as faltas de execução, composição e valor artístico durante o exercício.
A composição do júri nas diferentes competições: **- CM e JO** Um (1) membro do CTF (presidente) A (2) – Júri A B (6) – Júri B Total = nove (9) juízes **- Torneios Internacionais** **Opção nº 1** A (2) – Júri A, em que a A^1 é igualmente Presidente do Júri do Aparelho e a A^2 serve também de juiz nº 1 para o júri B B (6) juízes nas quais está incluída a A^2 do júri A Total = sete (7) juízes **Opção nº 2** A (2) – Júri A em que a A^1 é igualmente Presidente do Júri do Aparelho B (4) – juízes Total = seis (6) juízes **- Competições por Equipa** A (2) – Júri A em que a A^1 é também Presidente do Júri do Aparelho B (4) – juízes nas quais estão incluídas a A^1 e A^2 do júri A Total = quatro (4) juízes	**A estrutura do Júri nos Aparelhos nos diferentes tipos de competições é a seguinte:** **- CM e JO** 2 juízes A em que a A^1 é de Presidente do Júri do Aparelho Painel de 8 juízes **Convites Internacionais** 2 Juízes A em que a A^1 é Presidente do Júri do Aparelho Painel de 6 juízes *Nota: As juízes A^1 e A^2 podem também ter as funções de B^1 e B^2 quando no total há menos de 6 juízes por aparelho.*

Pela análise do Quadro anterior, verificamos que no CP 2001 a principal responsabilidade do Júri B nos Aparelhos era avaliar as faltas de execução, apresentação e o valor artístico da atleta durante a realização do seu exercício. No CP actual, o Júri B desempenha os mesmos deveres com o acréscimo das falhas de composição.

Em relação à composição e estrutura do Júri nos Aparelhos nos diferentes tipos de competições, em CM e JO, a diferença entre os códigos verifica-se ao nível do presidente do Júri do Aparelho, uma vez que no código actual deixa de ser o membro do CTF para passar a ser o Júri A^1,

havendo deste modo o decréscimo de um elemento no painel de Juízes. Já em relação a Torneio Internacionais a segunda opção relativa ao painel de Juízes do CP 2001, foi adoptada no CP 2006, como se pode constatar através da análise do Quadro 6.

Quanto às Competições por Equipas, no CP 2001 o Painel do Júri nos Aparelhos era composto por um total de 4 Juízes. Neste momento não existe uma norma específica a seguir para este tipo de competições, adoptando-se os critérios para o género de prova em causa.

Quadro 7: Diferenças ao nível dos regulamentos respeitante às funções do Júri A nos Códigos de Pontuação 2001 e 2006

Código 2001	Código 2006
Funções do Júri A A A^1 serve de assistente à Presidente do Júri do Aparelho e coordena o Júri A.	**Funções do Júri A** A A^1 é Presidente do Júri do Aparelho, desempenha as funções de Júri A e serve de assistente a Supervisora do Aparelho.
Funções do Júri A As (2) duas juízes do Júri A apontam em símbolos todo o conteúdo do exercício, avaliam independentemente e determinam em comum a nota de partida (NP) do exercício. É permitida a troca de impressões.	**Funções do Júri A** O júri A aponta todo o conteúdo do exercício em símbolos, avalia independentemente e com justiça, após o que determina em comum o conteúdo da nota A do exercício. É permitida a troca de impressões.
Funções do Júri A A A^2 introduz no computador a nota de partida.	**Funções do Júri A** A A^2 introduz no computador a Nota A.
Funções do Júri A Em caso de desacordo entre A^1 e a A^2, a A^1 poderá solicitar a opinião do membro do CTF (Presidente do Júri do Aparelho).	**Funções do Júri A** Em caso de desacordo entre a A^1 e a A^2, a Presidente do Júri do Aparelho (A^1) poderá solicitar a opinião da Supervisora do Aparelho.
Funções do Júri A São responsáveis pela Nota de Partida (em décimos de ponto, por ex.: 9.60) que é introduzida no computador o mais rápido possível. A **Nota de Partida** do exercício inclui: - execução dos elementos de valor A -, B –e C exigidos; - valor de dificuldade para os D -, E -, e ^{SUPER} E; - valor de ligações; - as deduções para: - Exigências específicas que faltem; - Exercícios sem saída ou saída não autorizada. - nota "0" para um salto de cavalo inválido.	**Funções do Júri A** A Nota A (Conteúdo) do exercício inclui: - Valor de Dificuldade; - Valor das Ligações; - Exigência de Grupos de Elementos. O Júri A decide quando a ginasta executa um Salto nulo (nota "0").
Funções do Júri A Após a competição, devem proceder a uma avaliação aprofundada, baseada na análise dos registos de vídeo, sob a direcção e colaboração dos membros do CTF, em particular com as respectivas Presidentes dos Júris dos Aparelhos e - Submeter este relatório o mais rápido possível, o mais tardar (1) mês após a competição.	**Funções do Júri A** Após a competição o Júri A deve apresentar um relatório sobre a competição, segundo as instruções da Presidente do CTF. Em conjunto com a Supervisora do Aparelho e outros membros do CTF, deve proceder a uma avaliação aprofundada das notas A e B baseada na análise dos registos de vídeo e - Submeter este relatório o mais rápido possível após a competição, de acordo com o estabelecido pela Presidente do CTF.
-	**Função do Júri A** O Júri A deduz da Nota Final a ajuda durante - os Saltos - o Exercício - as Saídas.
Júri A - No 2001 é junto da Presidente do Júri do Aparelho (membro CTF)	**Função do Júri A** O Júri A deve relatar à Supervisora do Aparelho o comportamento anti desportivo do treinador.

No que diz respeito às funções desempenhadas pelo Júri A, verifica-se pela análise do Quadro anterior algumas alterações passíveis de serem referenciadas, nomeadamente o facto de no CP

2001 a A^1 servir de assistente à Presidente do Júri do Aparelho, o que neste momento não se verifica, sendo a A^1 a Presidente do Júri do Aparelho e assistente da Supervisora do Aparelho. Outra das diferenças verificada prende-se com a nota A (determinada pela júri A) que antigamente era denominada por nota de partida (NP) e não excedia os 10.00 p. Actualmente essa nota não tem limite de pontuação. Enquanto que A^2 introduzia a nota de partida no computador, agora introduz a nota A.

Em caso de desacordo entre as duas Júris A, anteriormente a A^1 solicitava a opinião do membro do CTF (Presidente do Júri do Aparelho), hoje em dia requerer o parecer à Supervisora do Aparelho (membro do CTF).

No CP 2001 a responsabilidade do Júri A pela nota de partida do exercício incluía a execução dos elementos de valor exigidos e de dificuldade, valor de ligações, deduções para as exigências específicas que faltassem e exercícios sem saída ou saída não autorizada. No CP 2006 o Júri A obtém a nota A (conteúdo do exercício) tendo em conta o valor de dificuldade, o valor das ligações e as exigências de grupos de elementos.

Tendo como base o CP 2001 o Júri A deveria submeter o relatório realizado sobre a competição sob a direcção e colaboração dos membros do CTF e em particular das respectivas Presidentes dos Júris dos Aparelhos, até ao máximo de um mês. Neste momento, segundo o CP 2006, este relatório deve seguir as instruções da Presidente do CTF e em conjunto com a Supervisora do Aparelho e outros membros do CTF, é realizada uma avaliação aprofundada, devendo o relatório ser submetido o mais rapidamente possível após a competição, de acordo com o estabelecido pela Presidente do CTF.

No código actual, a dedução da nota final da ajuda realizada durante os saltos, os exercícios e as saídas, passa a ser função executada pelo Júri A, enquanto que no CP anterior estava incluído nas funções e deduções realizadas pelo Júri B. Já em relação ao comportamento anti-desportivo do treinador, é actualmente função do Júri A relatar à Supervisora do Aparelho tal acontecimento, enquanto que no CP 2001 este era referido junto da Presidente do Júri do Aparelho.

Quadro 8: Diferenças ao nível dos regulamentos respeitante às funções do Júri B nos Códigos de Pontuação 2001 e 2006

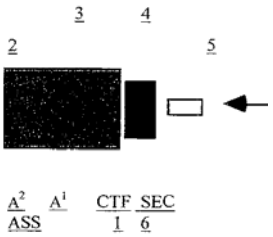
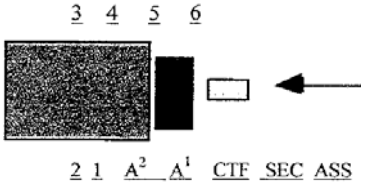
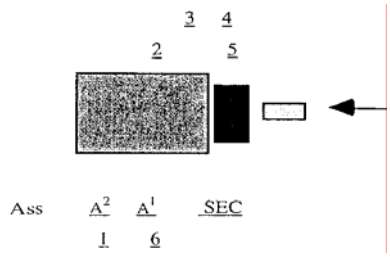
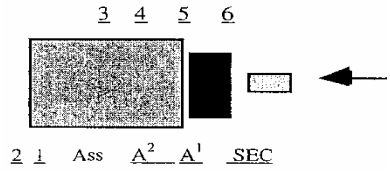
Código 2001	Código 2006
Funções do Júri B Devem registar as deduções para: Ajuda durante o salto, exercício e/ou saída (PA, TR, S).	**Funções do Júri B** *Nota: As deduções de ajuda passaram para a competência e responsabilidade da Júri A.* (Função do Júri A: O Júri A deduz da Nota Final a ajuda durante - os Saltos - o Exercício - as Saídas.)
Funções do Júri B Podem avaliar em cinco centésimas de ponto (ex.: 0,55 p.)	**Funções do Júri B** Avaliam em décimos de ponto (ex.: 0,50 p.)
Funções do Júri B Devem preencher a folha de nota com rapidez e de forma bem legível, assiná-la e introduzir com exactidão e rapidez as suas deduções no computador separadamente para: - soma das deduções para as faltas gerais, faltas específicas a ajudas e - soma das faltas ligadas à execução artística (trave e solo).	**Funções do Júri B** Devem preencher a folha de nota com rapidez e de forma bem legível, assiná-la e introduzir as suas deduções no computador por: - faltas de execução/técnica (faltas gerais e específicas) - faltas de composição - faltas ligadas à expressão artística.
-	**Funções do Júri B** Em caso de cálculo manual, as 6 notas B devem ser mostradas simultaneamente.

Pela análise do Quadro 8, constatamos que o Júri B realizava as deduções referentes às ajudas durante o salto, exercício e/ou saída (PA, TR, S). Presentemente as deduções de ajuda passaram para a competência e responsabilidade da Júri A.

Antigamente a avaliação por parte do Júri B poderia ser até às cinco centésimas de ponto, enquanto que actualmente isso não se verifica, sendo apenas permitida a avaliação em décimos de ponto.

Uma das alterações relevantes que se verificou, foi o facto das deduções realizadas por parte do Júri B abrangerem actualmente as falhas de execução/técnica (faltas gerais e específicas), faltas de composição e as faltas ligadas à expressão artística, enquanto que no CP 2001 o Júri B realizava as somas das deduções para as faltas gerais, faltas específicas a ajudas e para as faltas ligadas à execução artística (TR e SO).

Quadro 9: Diferenças ao nível dos regulamentos respeitante às funções dos assistentes, secretárias, colocação do júri nos aparelhos (painel de juízes) nos Códigos de Pontuação 2001 e 2006

Código 2001	Código 2006
Funções das Assistentes São sorteadas de entre as juízes com Brevet e prestar as funções de: - juíz de linha no solo, para assinalar as saídas do praticável. - juíz crononometrista nas PA, TR, S (no caso de não cumprimento, deve informar a secretária por escrito).	**Funções das Assistentes** São sorteadas de entre as juízes com Brevet e prestar as funções de: - juízes de linha no SO e ST, para assinalar as saídas fora das zonas autorizadas. - juiz cronometrista para PA, TR e SO. - controla as tentativas permitidas para o aquecimento (ST) (no caso de não cumprimento, deve informar o Júri A por escrito).
Funções das Secretárias As Secretárias estão sob a direcção do membro do CTF (Presidente do Júri do Aparelho).	**Funções das Secretárias (SEC)** Sob a supervisão da A^1 as secretárias são responsáveis pela correcta introdução de todos os dados no computador.
Colocação do Júri nos Aparelhos (Painel de Juízes) A Presidente do Júri do Aparelho deve estar alinhada com o centro do Aparelho.	**Colocação do Júri nos Aparelhos (Painel de Juízes)** A A^1 deve estar alinhada com o centro do aparelho.
Colocação do Júri nos Aparelhos (Painel de Juízes) -	**Colocação do Júri nos Aparelhos (Painel de Juízes)** As juízes de linha nos ST devem sentar-se no canto mais afastado do lado da recepção.
Colocação do Júri nos Aparelhos (Painel de Juízes) Exemplo: 2 3 4 5 1 ASS A^2 A^1 CTF SEC 6 ou 1 2 3 ASS A^2 A^1 CTF SEC 4 5 6	**Colocação do Júri nos Aparelhos (Painel de Juízes)** Exemplo: 2 3 4 5 1 ASS A^2 A^1 SEC 6 *A colocação do Júri B deve ser à volta do aparelho, no sentido dos ponteiros do relógio, a começar pela esquerda da Presidente.*
Colocação das Juízes no Salto de Cavalo (disposição das juízes do **Cavalo**)  ou  Imagens retiradas FPG (2001)	**Colocação das Juízes nos Saltos** (disposição das juízes da **Mesa de Saltos**)  ou  Imagens retiradas FPG (2006)

As assistentes no CP 2001 desempenhavam funções de juiz de linha no solo, para assinalar as saídas no praticável. Actualmente realizam a mesma função acrescida do controlo dos ST onde assinalam as saídas fora das zonas autorizadas. As assistentes desempenham ainda a tarefa de

cronometristas nas PA, TR e SO para controlar a duração do exercício na TR e SO e velar pelo cumprimento do tempo de interrupção quando há uma queda (TR), assim como controlar o tempo de paragem autorizado após uma queda (PA). Controlam o início do exercício após o aparecimento da luz ver e zelam pelo cumprimento do tempo de aquecimento autorizado. No CP actual, além do que foi referido as assistentes também controlam as tentativas permitidas para o aquecimento nos ST. Por fim, caso o estipulado no CP não fosse cumprido esta deveria informar a Secretária por escrito. Já no CP 2006, no caso de não cumprimento as assistentes devem informar o Júri A por escrito.

Antigamente as Secretárias estavam sobre a direcção do membro do CTF (Presidente do Júri do Aparelho), enquanto que actualmente encontram-se sob a supervisão da A^1, continuando, no entanto, a ser responsáveis pela correcta introdução de todos os dados no computador.

Relativamente à colocação do Júri nos Aparelhos, no CP 2001 a Presidente do Júri do Aparelho deveria estar alinhada com o centro do aparelho, enquanto que no CP 2006 é a A^1 (que neste código desempenha o papel de Presidente do Júri do Aparelho).

No código actual aparece a referência às juízes de linha nos ST, algo que não sucedia no CP anterior, uma vez que esta função era-lhes apenas atribuída no SO. Desta forma, as juízes de linha nos ST devem sentar-se no canto mais afastado do lado da recepção.

Como se pode constatar nos exemplos expostos no Quadro 9, a colocação do júri nos aparelhos sofre no CP 2006 uma redução de um elemento, nomeadamente o membro do CTF, devendo ainda a colocação do Júri B, segundo o mesmo CP, ser à volta do aparelho, no sentido dos ponteiros do relógio, a começar pela esquerda da Presidente.

Pela análise do referido Quadro podemos ainda constatar a nova disposição das juízes da mesa de saltos (CP 2006), em relação a disposição das juízes no salto de cavalo (CP 2001). À semelhança dos restantes aparelhos, desaparece igualmente o membro do CTF. De referenciar ainda a mudança de terminologia em relação ao aparelho, devido à sua alteração estrutural: antigamente este aparelho era denominado por salto de cavalo sendo realizado no cavalo e neste momento é designado por saltos sendo executado na mesa de saltos.

Quadro 10: Diferenças ao nível dos regulamentos respeitante ao cálculo das notas nos Códigos de Pontuação 2001 e 2006

Código 2001	Código 2006
Cálculo das Notas Nota de Partida Júri A – Deduções Júri B Deduções (Execução + Artística)	**Cálculo das Notas** Nota Júri A + Nota do Júri B – Deduções neutras Nota do Júri B (10 p. – deduções) Deduções (Execução/Artística + Composição)
-	**Validade das Notas** Nos casos em que a nota mostrada ao público no mostrador electrónico difere da nota que deu entrada oficialmente no computador da juiz, a nota válida é a que foi registada no comando electrónico da juiz.

O cálculo das notas sofreu igualmente alterações de um código para o outro. No CP 2001, da nota de partida obtida pelo Júri A retirava-se o valor das deduções realizadas pelo Júri B, onde se incluíam as faltas de execução e as faltas correspondentes à parte artística. No CP 2006, à nota A (conteúdo) atingida soma-se a nota B, atribuída pelo Júri B, que inclui as deduções relativas às faltas de execução/artística realizadas pelas ginastas, mais as faltas referentes à composição. Desse total de deduções, retira-se aos 10.00 p. da nota B, limite máximo permitido para essa nota. O cálculo final das notas no CP actual efectuam-se através da soma da nota A e da nota B, menos as deduções neutras que possam existir durante a realização do exercício e que serão retiradas à nota final.

No CP 2006, no que diz respeito à validade das notas, é ainda referido que em caso da nota mostrada ao público no mostrador electrónico diferir da nota que deu entrada oficialmente no computador da juiz, considera-se como válida a nota que foi registada no comando electrónico da juiz.

2.4.2. Regulamentos Gerais

2.4.2.1. Avaliação dos Exercícios

Quadro 11: Diferenças ao nível da avaliação dos exercícios nos Códigos de Pontuação 2001 e 2006

Código 2001	Código 2006
Componente da Avaliação - Os exercícios são avaliados a partir de 10.00 p. em paralelas assimétricas, trave olímpica e solo. - Os Saltos de Cavalo são avaliados a partir do valor do salto, de acordo com a tabela de saltos.	**Componente da Avaliação** A execução/performance em todos os aparelhos é avaliada a partir de 10.00 p.
Nota A (Nota de Partida/Conteúdo) A nota A (Nota de Partida) em Paralelas Assimétricas, Trave e Solo inclui: **- Partes de Valor 2.60 p.** Estrutura do exercício (A, B e C) **- Exigências Específicas 1.20 p.** **- Bonificações 1.20 p.** - Dificuldades (D, E e SUPER E) - Ligações **Total 5.00 p.**	**Nota A (Conteúdo)** A nota A em PA, TR e SO inclui: -Valor de Dificuldade (VD) - 9 elementos de maior valor mais a saída - Exigência de Grupos de elementos **2.50p. – 0.50 p. cada exigência** - Valor de Ligações Nos Saltos a nota A é o Valor de Dificuldade
Nota B (Execução) A nota B inclui deduções por faltas em - Composição - Execução - Valor Artístico (Trave e Solo) **Total 5.00 p.**	**Nota B (Performance)** A nota B inclui deduções por faltas de - Composição - Execução - Apresentação Artística **Total 10.00 p.**
Nota Final Se a ginasta cumprir todas as partes de valor exigidas (A-, B-, C-) e as exigências específicas de cada aparelho, com execução, combinação e expressão artísticas perfeitas, pode alcançar a nota de **8.80 p.** A esta nota pode ser adicionado **Valor Aditivo** por **dificuldades e ligações** até **1.20 p.** **A Nota Final Perfeita é 10.00 p.** **A Nota Final** é calculada através da fórmula **Nota A menos a Nota B = Nota Final**	**Cálculo da Nota Final** Não há nota A limite. **Nota B:** as deduções de execução, composição e expressão artística são adicionadas e em seguida subtraídas da nota de 10.0 p. **Nota A + Nota B = Nota Final**
Componentes da Nota A **Partes de Valor (PV) e Dificuldades (2.60)** **Exigências Específicas (EE) (1.20 p.)** **Valor Aditivo (1.20 p.)** **- Os Elementos de Dificuldade (ED)** **- Valor de Ligações (VL)**	**Componentes da Nota A** **Valor de Dificuldade (VD)** **Exigências de Grupos de Elementos (2.50 p.)** **Valor de Ligações**

Segundo o CP 2001, o sistema de avaliação foi desenvolvido no sentido de garantir a inclusão de Partes de Valor A, B e C, que formam a "estrutura básica do exercício". Foi também integrado um "Sistema Aditivo" para Valor de Dificuldades D, E e SUPERE e Valor de Ligação, para permitir uma valorização razoável do número de dificuldades apresentadas bem como para as ligações de alto nível. A fórmula de pontuação baseava-se no sistema 10.00 p.. O código foi projectado

no sentido de encorajar a variedade e criatividade nas composições, qualidades artísticas e estilo pessoal assim como a mestria das dificuldades.

Como podemos confirmar pela análise do Quadro 11, os exercícios eram avaliados no máximo a partir de 10.00 p. em PA, TR e SO. Nos ST eram avaliados a partir do valor do salto de acordo com a tabela destes. Segundo o CP 2006, a componente de avaliação relativa à execução/performance passa a ser avaliada a partir de 10.00 p. em todos os aparelhos, sendo esta uma das grandes alterações verificadas no novo código, pois antigamente, como comprovaremos de seguida, era avaliada a partir de 5.00p. Em relação aos ST, no CP 2006 a nota A é o valor de dificuldade.

De acordo com o CP 2001, a nota A (nota de partida/conteúdo) em PA, TR e SO incluía as partes de valor (estrutura do exercício, que englobava a obrigatoriedade da realização de elementos A, B e C) que através do seu total cumprimento era atribuída a pontuação máxima desta componente, mais especificamente 2.60 p. Outra das componentes da nota A eram as exigências específicas (EE), onde se obteria mais 1.20p. da nota A, caso as seis exigências estabelecidas para cada aparelho fossem cumpridas pela ginasta. Por último, referenciamos as bonificações, que dizem respeito ao valor aditivo (1.20 p.) distribuído pelos elementos de dificuldade (ED) e o valor de ligações (VL) anteriormente referenciados. A nota máxima possível de todas as componentes da nota A era de 5.00p, bem como para a nota B, relativa à execução. Esta nota incluía deduções por faltas em composição, execução e valor artístico. Se a ginasta cumprisse todas as partes de valor exigidas (A-, B-, C-) e as exigências específicas de cada aparelho, com execução, combinação e expressão artísticas perfeitas, poderia alcançar a nota de 8.80p. A esta podia ser adicionado o valor aditivo por dificuldades e ligações até atingir 1.20 p., o máximo possível de bonificações que uma ginasta poderia obter, mesmo que no seu total ultrapassasse esse valor. A nota final perfeita era o tão inatingível 10.00 p., sendo calculada através da fórmula: Nota A menos a Nota B.

No CP 2006 a nota A inclui o valor de dificuldade (VD), os 9 elementos de maior valor mais a saída, a exigência de grupos de elementos (EGR) (tendo cada uma das exigências o valor de 0.50 p. num total de 2.50 p. das cinco EGR a cumprir) e o valor de ligações. Tudo isto leva a que não haja uma nota A limite como se verificava no CP anterior. No que diz respeito à nota B (performance), se a ginasta apresentar uma execução perfeita, uma composição e combinação com expressão artística excelente, pode atingir a nota 10.0 p., enquanto que no CP 2001 somente conseguiria atingir 5.0 p. Esta foi uma mudança notória na estrutura de ajuizamento da

GA. A nota B inclui, actualmente, deduções por faltas de composição, execução e apresentação artística. Presentemente a nota final é obtida através da soma da nota A e da Nota B (sendo a nota B obtida pela subtracção das suas deduções ao total dos 10.00 p. máximos que se pode atingir nesta nota).

Quadro 12: Diferenças ao nível da avaliação dos exercícios relativamente às componentes da nota A nos Códigos de Pontuação 2001 e 2006

Código 2001	Código 2006
Componentes da Nota A **Partes de Valor (PV) (2.60 p.) e Dificuldades** O Código de Pontuação tem uma tabela de elementos específicos para cada aparelho, nas quais cada elemento é identificado com uma sequência de números. … 101 a 199 – partes de valor A … 201 a 299 – partes de valor B … 301 a 399 – partes de valor C … 401 a 499 – dificuldades D … 501 a 599 – dificuldades E … 601 a 699 – dificuldades SUPER E As partes de valor que formam a estrutura do exercício, são avaliados progressivamente da seguinte forma: partes de valor A = 0.10 p. partes de valor B = 0.30 p. partes de valor C = 0.50 p. Para as partes de valor as exigências são as seguintes: 2 A = 0.20 p. 3 B = 0.90 p. 3 C = 1.50 p. Os elementos são contabilizados por ordem cronológica.	**Componentes da Nota A** **Valor de Dificuldade (VD)** O Código de Pontuação contém uma tabela de elementos específicos a cada aparelho, nas quais cada elemento é identificado com uma sequência de números. … 101 a 199 – Dificuldade - A … 201 a 299 – Dificuldade - B … 301 a 399 – Dificuldade - C … 401 a 499 – Dificuldade - D … 501 a 599 – Dificuldade - E … 601 a 699 – Dificuldade – F … 701 a 799 – Dificuldade – G A = 0.10 p. B = 0.20 p. C = 0.30 p. D = 0.40 p. E = 0.50 p. F = 0.60 p. G = 0.70 p. 9 elementos de maior valor mais a saída
Componentes da Nota A **Exigências Específicas (EE) (1.20 p.)** Devem ser cumpridas seis (6) exigências em cada aparelho. Os elementos A – podem ser utilizados para preencher as EE, sempre que estejam descritos nas tabelas dos elementos ou sejam habitualmente reconhecidos. Por cada EE que falte são deduzidos 0.20 p. da Nota A. Um elemento pode cumprir mais do que uma EE; no entanto um elemento não pode ser repetido para preencher outra EE.	**Componentes da Nota A** **Exigências de Grupos de Elementos (EGR) (2.50 p.)** Devem ser cumpridas cinco (5) exigências de grupos de elementos em cada aparelho. O valor de cada EGR é 0.50 p.. O máximo possível é de 2.50 p.. Os EGR devem estar incluídos nos 9 VD de maior valor mais a saída. Um elemento **não** pode preencher mais do que um EGR.
Componentes da Nota A **Valor Aditivo (1.20 p.)** **- Os Elementos de Dificuldade (ED)** Elementos D + 0.10 p. Elementos E + 0.20 p. Super E + 0.30 p.	-
Componentes da Nota A **Valor Aditivo (1.20 p.)** **- Valor de Ligações (VL)** Para os elementos de dificuldade e/ou ligações serem	**Componentes da Nota A** **Valor de Ligações (VL)** Os elementos que descem de valor podem ser usados

contabilizados na Nota A, não podem ser executados com graves erros de execução (-0.30 p.) em cada um desses elementos. São consideradas **ligações indirectas** (unicamente séries acrobáticas no solo) as ligações em que, entre os elementos acrobáticos com voo e sem apoio das mãos (grupo 5) e os mortais (grupo 6, 7, 8), são executados elementos acrobáticos A- com voo e apoio de mãos ligados directamente. (grupo 5 por exemplo rondada flic-flac, etc. considerados como elementos preparatórios).	para VL. Para uma ligação ser reconhecida tem que ser realizada sem queda. São consideradas **ligações indirectas** (unicamente séries acrobáticas no solo) as ligações em que são ligados directamente elementos acrobáticos com voo e apoio das mãos e os mortais (grupo 3 por exemplo rondada flic-flac, etc. considerados elementos preparatórios).

No CP 2006, no que se refere ao valor de dificuldade (VD), somente serão contabilizados os nove elementos de maior VD mais a saída. Estes elementos terão que estar incluídos na Tabela de Elementos do CP, que se encontra receptivo a qualquer tipo de alargamento de acordo com as necessidades. O VD será sempre reconhecido pelo júri, exceptuando as situações em que não forem cumpridas as exigências técnicas do elemento.

No que se refere às partes de valor e/ou dificuldades no CP 2001, e ao valor de dificuldade no CP 2006, a mesma PV e o mesmo VD durante um exercício só pode ser contabilizado uma única vez. Se for executado uma segunda vez, não é tomado em consideração (facto este comum aos dois códigos). No CP 2001 os elementos não podiam ser repetidos numa outra ligação para atribuição de valor aditivo.

Uma diferença considerável entre os dois códigos é o facto de no CP 2001 os elementos serem contabilizados por ordem cronológica, logo, a realização de um elemento de maior dificuldade poderia ser utilizado para "cobrir" uma PV inferior que ainda não tivesse sido preenchida. No CP 2006, são os elementos de maior valor que são contabilizados, nomeadamente os nove mais a saída.

Através da análise do Quadro 12 podemos verificar que os códigos contêm tabelas de elementos específicos para cada aparelho, nos quais cada elemento é identificado com uma sequência de números. No CP 2001 as sequências 101 a 399 correspondiam às partes de valor A-, B-, C-, (101 a 199, 201 a 299, 301 a 399, respectivamente), as restantes, 401 a 699 englobavam as dificuldades D, E e ^{SUPER} E (401 a 499, 501 a 599 e 601 a 699, respectivamente). As PV formavam a estrutura do exercício e eram avaliadas progressivamente: PV A (0.10 p.), PV B (0.30 p.) e PV C (0.50 p.), sendo exigidos dois A (0.20 p.), três B (0.90 p.) e três C (1.50 p.), totalizando 2.60 p. Durante o exercício só era possível contabilizar uma vez a mesma parte de valor e/ou dificuldade e, caso fosse executado uma segunda vez, o seu valor não era tomado em

consideração. No CP 2006 deixam de ser consideradas as PV e passam a vigorar exclusivamente os VD (A -, B-, C-, D-, E-, F-, G-), deixando igualmente de existir os elementos de dificuldade SUPER E, sendo substituídos pelos elementos de dificuldade F-, havendo um aumento de mais um grupo de VD, o G-, logo mais uma sequência de números na tabela dos elementos específicos de cada aparelho (701 a 799). O valor com que os elementos são avaliados sofreu igualmente alterações: VD A (0.10 p.), VD B (0.20 p.), VD C (0.30 p.), VD D (0.40 p.), VD E (0.50 p.), VD F (0.60 p.) e VD G (0.70 p.), sendo considerados os nove elementos de maior valor mais a saída.

As exigências específicas (EE) faziam parte das componentes da nota A do CP 2001 e para a ginasta obter o valor de 1.20 p. tinha de cumprir as seis estipuladas para cada aparelho, sendo deduzidos 0.20 p. da nota A por cada EE em falta. Os elementos A-, podiam ser utilizados para preencher as EE, assim como, um elemento podia cumprir mais do que uma EE, apesar de não poder ser repetido para preencher outra EE. No CP 2006 esta componente da nota A (EE) deixa de existir e passa a ser necessário cumprir cinco exigências de grupos de elementos (EGR) em cada aparelho, sendo deduzidos 0.50 p. por cada EGR em falta, obtendo um máximo possível de 2.50 p. Os EGR devem estar incluídos nos nove VD de maior valor mais a saída, sendo que um elemento não pode preencher mais do que um EGR.

Em relação aos elementos de dificuldade (ED) que faziam parte do valor aditivo (1.20 p.) nas componentes da nota A no CP 2001, deixam de existir como forma de bonificação no CP 2006, uma vez que estão incluídas no VD dessa nota. O valor da bonificação no CP 2001 para o ED D- era de 0.10 p., para o ED E- era de 0.20 p. e para os SUPER E era de 0.30 p.

No CP 2001, para que os elementos de dificuldade e/ou ligações fossem contabilizados na Nota A, não podiam ser executados com graves erros de execução em cada um desses elementos (-0.30 p.), sendo avaliados de forma progressiva, conforme o seu grau de dificuldade. As dificuldades D-, E- ou Super E substituíam um elemento de dificuldade inferior como A-, B- ou C- que faltasse e simultaneamente recebiam os pontos de bonificação por ED, como podemos verificar no Quadro 12.

No CP 2006, os elementos que baixam de valor podem ser na mesma usados para o VL e, para uma ligação ser reconhecida, tem que ser realizada sem queda, enquanto que no CP 2001, para serem contabilizados na Nota A, os elementos de dificuldade e/ou ligações não podiam ser

executados com graves erros de execução em cada um dos elementos (como foi anteriormente referido).

As ligações nas PA, TR e SO obtêm-se através de ligações únicas e difíceis. As suas fórmulas encontram-se descritas em cada um dos aparelhos (fórmulas estas que serão referenciadas mais à frente no nosso estudo nos respectivos aparelhos, onde verificaremos as diferenças encontradas de um CP para outro), sendo avaliadas com + 0.10 p. ou + 0.20 p., valores que se mantêm de um CP para o outro.

No que diz respeito às regras a cumprir para ser atribuída o VL, de uma forma geral mantêm-se. A grande diferença verifica-se na existência de valor aditivo no CP 2001, onde era estabelecido um limite (Valor Aditivo de 1.20 p. que incluía as bonificações dos ED e do VL), enquanto que no CP 2006 não existe tal valor aditivo, não sendo estabelecido qualquer limite, podendo ser uma forma de determinar a diferença de pontuação de umas ginastas para outras.

No CP actual continua a haver bonificação para os dois tipos de ligações: directas e indirectas. As últimas só poderão existir no SO e na realização de ligações acrobáticas, fora isso, todas as ligações devem ser directas, onde não poderá haver qualquer tipo de hesitação ou paragens entre os elementos, passos suplementares entre os elementos, pousar o pé na trave entre os elementos, desequilíbrio entre os elementos, assim como balanço suplementar dos braços/pernas na execução dos elementos acrobáticos ou de dança.

Em ambos os CP os elementos não podem ser repetidos numa outra ligação para a atribuição do VL, mas os elementos nas PA e elementos acrobáticos na TR e no SO podem ser executados duas vezes dentro de uma mesma ligação. Numa ligação de três ou mais elementos, o segundo elemento (e/ou os seguintes) pode ser utilizado uma segunda vez: a primeira como último elemento da ligação e a segunda como primeiro elemento de uma nova ligação. Numa ligação a ordem dos elementos de dificuldade é livre.

No CP 2001 e 2006 podem ser utilizados todos os elementos acrobáticos com voo, assim como os elementos de dança C- ou mais, como se encontra especificado nas fórmulas apresentadas nas tabelas de ligações, referidas mais à frente no estudo.

Quadro 13: Diferenças ao nível da avaliação dos exercícios relativamente às componentes da nota B nos Códigos de Pontuação 2001 e 2006

Código 2001	Código 2006
Componentes da Nota B - Faltas de postura (posição), faltas de estética e faltas técnicas - Faltas gerais durante o exercício - Faltas de execução e recepção - Faltas específicas da composição - Faltas específicas de execução - Faltas específicas de valor artístico - Outras faltas (ajuda e menos do que 5 elementos)	**Componentes da Nota B** - Faltas de postura (posição), faltas de estética e faltas técnicas - Faltas gerais durante o exercício - Faltas de execução e recepção - Faltas específicas da composição - Faltas específicas de execução - Faltas específicas de valor artístico

Quadro 14: Diferenças ao nível da avaliação dos exercícios relativamente às saídas nos Códigos de Pontuação 2001 e 2006

Saídas	
CP 2001	**CP 2006**
Saídas nas PA e na TR - Falta de Saída Ex. Queda em vez de Saída • - 0.50 p. pela queda – Júri B • +0.00 p. por falta de EE – Júri A • - 0.30 p. da NP – Júri A Saída não autorizada nas PA • +0.00 p. por falta de EE – Júri A • - 0.30 p. da NP – Júri A • Não conta EV Recepção não é feita sobre os pés cada vez – não há EV	- Sem saída, Saída A ou B - recebe 0.00 p. - Saída C - recebe 0.30 p. - Saída D ou de maior valor - recebe 0.50 p. Saídas nas PA e na TR Se na saída a ginasta já iniciou o mortal quando acontece a queda: • - 0.80 p. pela queda – Júri B • +0.00 p. por falta de EGR – Júri A Se na saída a ginasta ainda não iniciou o mortal quando acontece a queda (falta de saída): • - 0.80 p. pela queda – Júri B • -0.30 p. pela falta de tentativa de saída – Júri B • +0.00 p. por falta de EGR – Júri A

Pela análise do Quadro 14 verificamos que houveram algumas alterações no que se refere à avaliação das saídas. No CP 2001, a falta de saída nas PA e TR, poderia verificar-se senão houvesse realização de saída ou acontecesse uma queda em vez da saída, não sendo cumprida a EE exigida (logo esta não era contabilizada na NP, o que significava menos 0.20 p. nesta nota). Além disso havia uma dedução para a falta de saída de 0.30 p. da NP, deduções estas realizadas pela júri A. Caso houvesse queda seria ainda deduzido 0.50 p. pelo Júri B. A realização de uma saída não autorizada (não se encontra na tabela de elementos do CP) originava igualmente uma dedução por parte do Júri A de 0.30 p., acrescida ao facto de não cumprir a EE e de não contabilizar o EV.

No CP actual um exercício realizado sem saída, com saída de VD A- ou B- recebe 0.00 p., logo não é atribuído o valor da EGR. Caso realize saída de VD C- recebe 0.30 p. e se o elemento for de valor D- ou superior, recebe 0,50 p. Quanto às saídas na PA e na TR, caso a ginasta já tenha iniciado o mortal quando acontece a queda é penalizada pelo Júri B em 0.80 p., não sendo

contabilizada a EGR pelo Júri A. Porém, se a ginasta ainda não iniciou o mortal quando acontece a queda é considerada falta de saída, como se ela não tivesse realizado a tentativa de execução da saída, havendo dessa forma uma dedução de 0.30 p., além de 0.80 p. pela queda, realizadas pelo Júri B, não contabilizando também a EGR pelo Júri A. No que se refere às recepções e recepções das saídas, quando estas não são realizadas sobre os pés não é contabilizado o elemento.

Quadro 15: Diferenças ao nível das deduções específicas para os exercícios curtos nos Códigos de Pontuação 2001 e 2006

Deduções específicas para os exercícios curtos	
CP 2001	**CP 2006**
Se o exercício é muito curto serão deduzidos **2.00 p.** na Nota Final. Nas PA por exercícios com menos de 5 elementos; Na TR e no SO por exercícios com menos de 30 segundos. A estas deduções serão adicionadas as respectivas deduções por falta de PV, EE e exercício sem saída à Nota A e, à Nota B, as respectivas deduções por faltas de execução, composição e componente artística (TR e SO).	Se o exercício é muito curto serão deduzidos **5.00 p.** na Nota Final. Nas PA por exercícios de 5 elementos ou menos; Na TR e no SO por exercícios com menos de 30 segundos. Adiciona-se as deduções da Nota e por faltas de execução/expressão artística e composição.

No que diz respeito aos exercício curtos, mais concretamente as deduções específicas, como se pode analisar no Quadro anterior, antigamente eram deduzidos 2.00 p. na nota final, sendo neste momento deduzidos 5.00 p., demonstrando uma subida considerável de um código para o outro, penalizando bastante quem não cumpre o mínimo exigido (exercícios na TR e no SO com menos de trinta segundos e exercícios de PA com menos de cinco elementos no CP 2001 e cinco elementos ou menos no CP 2006). Neste último adiciona-se ainda as deduções da nota e por faltas de execução/expressão artística e composição. No CP 2001 às deduções referidas eram adicionadas as respectivas deduções por falta de PV, EE e exercício sem saída à nota A e, as respectivas deduções por falta de execução, composição e componente artística (TR e SO) à nota B.

Quadro 16: Diferenças ao nível do reconhecimento de dificuldades iguais ou diferentes nos Códigos de Pontuação 2001 e 2006

Reconhecimento de dificuldades iguais ou diferentes	
CP 2001	**CP 2006**
- O apoio é sobre um braço ou dois braços - As entradas são executadas como elementos durante o exercício - a chamada para os saltos gímnicos é sobre um ou dois pés	- O apoio é feito sobre um braço ou dois braços ou é livre - As pernas estão unidas ou afastadas nos mortais e nos Tkatchevs nas PA

Os elementos são considerados diferentes se estão identificados com números diferentes ou, com o mesmo número, quando o apoio é sobre um braço ou dois braços no CP 2001 e quando o apoio é feito sobre um braço ou dois braços ou é livre no CP 2006. No CP antigo as entradas eram executadas como elementos durante o exercício e a chamada para os saltos gímnicos é realizada sobre um ou dois pés. No CP actual os elementos são considerados diferentes se estão identificados com o mesmo número e as pernas estão unidas ou afastadas nos mortais e nos Tkatchevs nas PA. Estas foram as diferenças encontradas de um CP para o outro, sendo os restantes itens referenciados semelhantes entre os dois CP.

Quadro 17: Diferenças ao nível do reconhecimento de novos saltos e elementos nos Códigos de Pontuação 2001 e 2006

CP 2001	CP 2006
Homologação de novos saltos, elementos e ligações	**Reconhecimento de novos saltos e elementos**
- Os treinadores e as ginastas podem apresentar novos saltos e elementos (PV e Dificuldades) e novas ligações que não tenham sido ainda executados e/ou não aparecem na Tabela de Elementos.	- Os treinadores e as ginastas são encorajados a apresentar novos saltos e elementos que não tenham sido ainda executados e/ou não aparecem na Tabela de Elementos.
- Todos os novos saltos, elementos e ligações (executados pela primeira vez numa competição oficial FIG: Campeonato do Mundo, Taça do Mundo ou os Jogos Olímpicos, etc.) devem ser submetidos à apreciação do CTF, por correio electrónico, fax ou por correio em qualquer altura do ano.	- Todos os novos saltos, elementos (executados pela primeira vez numa competição oficial FIG: Campeonato do Mundo, Taça do Mundo ou os Jogos Olímpicos, etc.) devem ser submetidos à apreciação do CTF, por correio electrónico, fax ou por correio em qualquer altura do ano.
- O CTF decide: o valor de partida dos saltos novos (grupo e número do salto) o valor de novos elementos (PV e dificuldades) o valor das novas ligações, que não estejam dentro das ligações já estipuladas.	- O CTF avalia: o valor de dificuldade de novos saltos (grupo e número do salto) o valor de dificuldade de novos elementos.
Os saltos novos, elementos e ligações podem ser submetidos em todos as outras Competições Internacionais ao Director Técnico ou à Representante Técnica da FIG.	Os saltos novos e elementos podem ser submetidos em todos as outras Competições Internacionais ao Director Técnico ou à Representante Técnica da FIG.
Os novos elementos apenas aparecerão nos Suplementos ao Código, somente quando forem submetidos, confirmados e também executados numa competição oficial FIG.	Os novos elementos apenas aparecerão nas Actualizações ao Código, somente quando forem submetidos, confirmados e também executados numa competição oficial FIG.
Suplementos ao Código FIG Após as competições oficiais FIG, o Comité Técnico FIG publica o Suplemento ao Código que incluem - todos os novos elementos e variações com um número e figura; - novas ligações com valor, que não estejam incluídas nas regras já estabelecidas; - todas as modificações ou interpretações necessárias resultantes da evolução da ginástica documentada pelas análises efectuadas.	Actualizações do Código FIG Após as competições oficiais FIG, o Comité Técnico FIG publica as Actualizações ao Código que incluem - todos os novos elementos e variações com um número e figura.

No que diz respeito ao reconhecimento de novos saltos e elementos, a única diferença significativa de um CP para o outro prende-se com o reconhecimento de novas ligações. No CP 2006 essa questão deixa de existir, sendo somente reconhecidos novos saltos e elementos, pois no que respeita às ligações, as fórmulas estipuladas em cada um dos aparelhos retira essa necessidade de reconhecimento. Para um novo elemento ou ligação ser reconhecido, deve ser executado com sucesso. Outra alteração verificada foi na terminologia que passa de suplemento ao código FIG para actualizações do código FIG. No restante, as regras estabelecidas mantêm-se de um CP para o outro.

2.4.2.2. Tabela das Faltas Gerais e Penalizações

Quadro 18: Diferenças ao nível das deduções das faltas nos Códigos de Pontuação 2001 e 2006

Faltas	CP 2001	CP 2006
Ligeiras	0.05	-
Pequenas	0.10	0.10
Médias	0.20	0.30
Graves	0.30	0.50
Muito graves	0.50/ou mais	0.80

No que se refere às faltas gerais e às penalizações, houve uma mudança bastante significativa de um CP para o outro. No novo CP deixou de haver faltas ligeiras (- 0.05 p.) e manteve-se o valor para as faltas pequenas (- 0.10 p.), tendo as restantes sofrido um aumento significativo no que se refere às penalizações. As faltas médias que no CP 2001 correspondiam a uma dedução de 0.20 p., no CP de 2006 equivalem a 0.30 p., as graves passaram de 0.30 p. para 0.50 p. e, por sua vez, as faltas consideradas muito graves (como as quedas) passaram de uma dedução de 0.50 p. para 0.80 p. (tendo registado uma subida bastante acentuada). Todas elas elevam cada vez mais a exigência da modalidade e a constante necessidade de perfeição, sem hipótese para qualquer falha ou erro, privilegiando e distinguindo desta forma quem realiza realmente os elementos gímnicos e acrobáticos da melhor forma possível. Desta forma será mais justa a avaliação e a própria classificação para diferenciar uma ginasta da outra, indo de encontro à principal característica da modalidade, a beleza de movimentos e a sua perfeição.

Quadro 19: Diferenças ao nível das deduções das faltas gerais realizadas pelo júri B

	Faltas de execução	CP						
		CP 2001				CP 2006		
Faltas Gerais/ Deduções Pelo Júri B		Postura do corpo, de estética e faltas técnicas						
	Pernas ou joelhos afastados	Cada vez	Ligeiras/ Pequenas 0.05/0.10 < largura ombros		Médias 0.20 ≤ largura ombros	Cada vez	Pequenas 0.10 < largura ombros	Médias 0.30 > largura ombros
	Afastamento Antero-posterior insuficiente	Cada vez	Ligeiras/ Pequenas 0.05/0.10 < 20º	Médias 0.20 ≤ 20º < 45º	Muito graves 0.50/ou mais > 45º desce valor	Cada vez	Pequenas 0.10	Médias 0.30
	Posição incorrecta dos m.i. nos elementos de dança	Cada vez	Ligeiras/ Pequenas 0.05/0.10	Médias 0.20		Cada vez	Pequenas 0.10	
	Posição do corpo nos elementos de dança					Cada vez	Pequenas 0.10	Médias 0.30
	Precisão (cada movimento tem a definição de uma posição inicial e uma posição final. Cada fase do movimento tem que mostrar perfeito controlo)					Cada vez	Pequenas 0.10	
	Gímnicos – rotação a menos (rotação incompleta) Acrobáticos – rotação a menos e a mais	Cada vez	Ligeiras/ Pequenas 0.05/0.10 ≤ 45º	Médias 0.20 > 45º < 90º	Muito graves 0.50/ou mais > 90º desce valor	Para que seja atribuído o respectivo VD é necessário que as piruetas terminem exactamente no final da rotação		Para as rotações a menos atribui-se um VD inferior.
	Desvio em relação à vertical para as rotações terminadas	Cada vez	Ligeiras/ Pequenas 0.05/0.10 > 10º ≤ 30º	Médias 0.20 > 30º				
	Durante todo o exercício							
	Flexibilidade insuficiente		Ligeiras/ Pequenas 0.05/0.10	Médias 0.20		Pequenas 0.10		
	Não terminar os gestos – colocação da cabeça e dos braços no final dos movimentos		Ligeiras/ Pequenas 0.05/0.10	Médias 0.20				
	Falta de ritmo e de tempo (TR e SO)		Ligeiras/ Pequenas 0.05/0.10	Médias 0.20				
	Valor artístico insuficiente		Ligeiras/ Pequenas 0.05/0.10	Médias 0.20	Grave 0.30			
	Movimentos para manter o equilíbrio							
	Movimentos suplementares do tronco para manter o equilíbrio	Cada vez	Ligeiras/ Pequenas 0.05/0.10	Médias 0.20	Grave 0.30	Cada vez	Pequenas 0.10	Médias 0.30
	Ligeiro sobressalto ou ajuste dos pés	Cada vez	Ligeiras/ Pequenas 0.05/0.10			Cada vez	Pequenas 0.10	Muito graves Máximo 0.70
	Passos suplementares	Por cada passo num máximo de 4	Ligeiras/ Pequenas 0.10			Cada vez	Pequenas 0.10	Muito graves Máximo 0.70
	Grande passo ou salto	Cada vez	Médias 0.20			Cada vez (cerca 1m)	Médias 0.30	Muito graves Máximo 0.70
	Falta de postura do corpo					Cada vez	Pequenas 0.10	Médias 0.30

	Faltas de Execução					
	Ajuste das mãos, deslocação das mãos suplementar ou apoio suplementar das mãos	Cada vez	**Ligeiras/ Pequenas** 0.05/0.10			
	Tocar/raspar o aparelho ou o tapete com os pés contrariamente à técnica (PA e TR)	Cada vez	**Ligeiras/ Pequenas** 0.10			
	Bater no aparelho ou tapete com os pés contrariamente à técnica (PA e TR)	Cada vez	**Médias** 0.20 sobre o aparelho	**Grave** 0.30 sobre o tapete		
	Agarrar-se ao aparelho para evitar uma queda (PA e TR)	Cada vez	**Grave** 0.30			
	Tocar/raspar o aparelho com as mãos-braços sem cair contra o aparelho				**Grave** 0.30	
	Ajuda	**Muito graves** 0.50			Passa a ser responsabilidade da Júri A	0.80 NF Não há VD, VL e EGR

Quadro 20: Diferenças ao nível das deduções das faltas gerais realizadas pelo júri A

Faltas Gerais/ Deduções Pelo Júri A (A^1 – A^2)	**Falta de EE (Exigências Especificas)**	**CP**						
		CP 2001			**CP 2006**			
		PA, TR e SO Cada vez	0.20 NP		Passou de EE a EGR (Exigência de Grupo de Elementos)	Não bonifica 0.50 do cumprimento necessário de cada umas das 5 EGR	
	Não mostrar o nº do salto previsto (não há ded. se o salto não corresponde ao nº anunciado)	SC	0.20 NF				
	EE não cumprida no 2º Salto	SC	Nota Final: 1 ponto da média dos 2 saltos				
	Salto nulo	SC	"0"				
	Falta de saída Ex. queda em vez de saída	PA/TR	0.30 NP	Não há EE			
	Saída não autorizada	PA	0.30 NP	Não há EE e EV			
	Não aguentar 2'' no elemento de equilíbrio	TR	Não há EV				
	Execução de elementos ou ligações com faltas de 0.30 ou + por cada elemento	PA, TR e SO Cada vez	Não há VA (VL e VD)		Execução ou ligação com queda	PA, TR e SO	Não há VL
	Recepção dos mortais não é feita em 1º lugar sobre os pés	Cada vez	Não há EV		Cada vez	Não há VD, VL e EGR	
	Exercícios curtos	PA – menos de 5 elementos TR e SO – menos de 30''		2.00 NF	PA – 5 elementos ou menos TR e SO – menos de 30''		5.00 NF
	Chamada fora da superfície autorizada				SO	Não há VD, VL e EGR	
	Não se apresentar à Presidente Júri do Aparelho no início ou no final do exercício				Gin/Apar	0.30 da NF	

	Comportamento do treinador					
	Ajuda	Cada vez	Função Júri B 0.50	Ver se não havia contagem de PV, VD, VL e EE por parte Júri A	PA/ TR/ SO Cada vez	0.80 NF Não há VD – VL - EGR
	Ajuda no Salto	SC	Nota 0.00			
	Ajuda nas PA, TR e SO	PA, TR e SO Cada vez	Não há EV, EE e VA			
	Assistência (treinador toca a ginasta nas PA)				Cada vez	0.50 NF
	Sinais, conselhos verbais, gritos, etc. do treinador à sua ginasta				0.30	

Quadro 21: Diferenças ao nível das deduções das faltas gerais realizadas pelo júri A (após consulta do júri superior) da nota final

Faltas Gerais/ Deduções Pelo Júri A (Após consulta do Júri Superior) da Nota Final	**Faltas Gerais**	**CP**					
		CP 2001			**CP 2006**		
		Comportamento da ginasta / Irregularidades no aparelho					
	Fatos não idênticos (para as ginastas da mesma equipa)	Equipa	1X sobre o total da equipa	0.20	Equipa	Retirado 1X da nota total da ginasta	0.30
	Não se apresentar à Presidente Júri antes e/ou após o exercício	Gin/Apar	0.20		Gin/Apar	Responsabilidade da Júri A, não é necessário consulta do Júri Superior	0.30 da NF
	Protecções incorrectas e inestéticas	Gin/Apar	0.20		Gin/Apar	0.10	
	Utilização incorrecta da magnésia	Gin/Apar	0.20		Gin/Apar	0.10	
	Não utilizar o tapete de recepção suplementar				Gin/Apar	0.50	
	Retirar as molas do trampolim				Gin/Apar	0.50	
	Mover o tapete suplementar				Gin/Apar	0.50	
	Competir na ordem de passagem incorrecta				0.80 C-I e IV no total da **Nota Final**		

Quadro 22: Diferenças ao nível das deduções das faltas gerais realizadas pela cronometrista nas Anotações escritas à A[1]

Anotações escritas pela cronometrista à A[1]	**Faltas Gerais/ Deduções**	**CP**				
		CP 2001 (À Presidente do Júri do Aparelho)		**CP 2006**		
	Começar o exercício com a luz vermelha	Gin/Apar	0.50	Gin/Apar	"0"	
	Ultrapassar o tempo do exercício (TR e SO)	Gin/Apar	0.10	Gin/Apar	< 2'' 0.10	> 2'' 0.30

Quadro 23: Diferenças ao nível das deduções das faltas gerais realizadas pelas juízes de linha nas Anotações escritas à Presidente do Júri do Aparelho

Anotações escritas pelas juízes de linha à Presidente do Júri do Aparelho			
Faltas Gerais/ Deduções	CP		
	CP 2001		CP 2006
Saídas do Aparelho (SO)	Gin/Apar Cada vez	0.10	

2.4.2.3. Directrizes Técnicas/Reconhecimento técnico dos elementos

Para os elementos das diferentes dificuldades serem reconhecidos devem condizer com uma execução técnica específica.

No que diz respeito à recepção dos mortais com rotação longitudinal (piruetas), a grande diferença verificada de um CP para o outro é o facto de no CP de 2001, se as rotações fossem incompletas, o elemento poderia ser considerado se esta fosse realizada a faltar menos de 90º no total da rotação, sendo realizadas as devidas deduções, correspondentes ao ângulo determinado: rotações incompletas - de termino da rotação de 0 – 45º, dedução ligeira/pequena; de > 45º - 90º, dedução média. Se faltassem 90º na rotação atribuía-se ao elemento de dificuldade um valor inferior, de acordo com o CP. Já no CP 2006, todas as piruetas devem terminar exactamente no final da rotação para serem contabilizadas com o respectivo VD, pois se tal não se verificar atribui-se um VD inferior. Esta alteração deve-se à extrema dificuldade que por vezes existia em determinar a que ângulo tinha sido realizada a rotação incompleta e para desta forma beneficiar quem realmente domina o elemento de dificuldade.

No CP 2001 não é referido as recepções nos ST, mas neste momento, no CP 2006, o que foi referido também se aplica a todas as recepções nos ST.

No que diz respeito às quedas na recepção, no CP 2006 só é atribuído o VD e a EGR se a recepção for realizada sobre o apoio dos pés em primeiro lugar. Além disso, nas duas situações referidas não é atribuído VL (quando uma execução ou ligação é realizada com queda, não há VL).

No CP 2001 basicamente verifica-se a mesma situação no que diz respeito às quedas. Nos ST (saltos de cavalo como era designado), mais especificamente no 2º voo, o salto era válido se a recepção fosse realizada em primeiro lugar sobre os pés e considerado nulo (0.00 p.), se a recepção não fosse feita em primeiro lugar sobre os pés. Nas PA, para nos elementos com voo

serem atribuídas as respectivas PV e EE era necessário agarrar a barra com as duas mãos (pega momentânea). Já na TR, quer nos elementos gímnicos quer nos acrobáticos, a recepção tinha de ser realizada com um ou dois pés na trave para lhe serem atribuídas as PV e as EE, pois caso isso não acontecesse estas não eram atribuídas ao exercício da ginasta. Por fim, no SO, para serem contabilizadas as PV e as EE nos mortais, a sua recepção teria de ser realizada em primeiro lugar com os pés.

Nas PA, no CP 2001, no balanço para o apoio invertido (AI), rotações em AI e mudanças de pegas em salto, era analisada a colocação do corpo em relação à vertical e realizadas as respectivas deduções. No CP 2006 estas continuam a ser idênticas para o balanço para o AI, até 10º em relação à vertical não há dedução, entre os 10º e os 30º há uma dedução ligeira/pequena no CP 2001 e uma pequena no CP 2006. Para uma colocação do corpo em relação à vertical maior que 30º há uma dedução média de 0.30 p. no CP 2006 (enquanto que no CP 2001 era de apenas 0.20 p.). No CP actual, um elemento só é considerado como realizado quando não sofre qualquer tipo de dedução, pois se assim acontecer, não há valor VD. O AI só é considerado como realizado quando todas as partes do corpo estão colocadas nos 10º em relação à vertical.

No que diz respeito aos elementos circulares, no CP de 2006, estes têm que atingir pelos menos os 30º em relação à vertical para que o elemento não baixe de valor. Se terminar entre os 10º e os 30º é considerada boa execução.

Nos elementos com rotação em AI e mudanças de pegas saltadas, no CP 2006, se terminar nos 10º em relação à vertical não há dedução. Se terminar entre os 10º e os 30º sofre uma dedução pequena (0.10 p.), enquanto que, se o seu termino for maior de 30º, a sua penalização será considerada grave e terá uma dedução de 0.50 p..

Nos elementos “E” a rotação tem de ser iniciada antes do AI para receber o respectivo valor (VD) pois, caso isso não se verifique, será atribuído um valor de dificuldade inferior, será reconhecido como o elemento de valor inferior do código, como balanço em suspensão com rotação (que são os elementos que não atingem a vertical). Os elementos que devem chegar ao AI mas que não atingem os 10º exigidos e que não estão no código, descem de valor (1VD) e são deduzidos pelo júri B. Se o elemento se encontrar dentro dos 10º exigidos, não há dedução a nenhum nível. Entre 10º e 30º, considera-se um VD inferior, acção esta realizada pelo júri A. Se for maior que 30º, o júri B realizará uma dedução pequena ou média (0.10 p. ou 0.30 p.), consoante o grau em que este ficou da vertical.

As restantes deduções de execução são realizadas pelo júri B, que as aplica por falta de postura do corpo e amplitude dos elementos.

Para os elementos de dança na TR e no SO, mais especificamente os pivots/giros e saltos com rotação, houveram algumas alterações de um CP para o outro. Para estes elementos, no CP 2001 o aumento nas rotações era de 360º nos pivots (giros) e de 180º nos pivots. No CP de 2006, este aumento realiza-se de forma semelhante, mas faz-se a distinção nos aparelhos: para os pivots/giros o aumento das rotações é de 180º na TR e de 360º no SO, regra esta que se aplica igualmente para as rotações a menos. Portanto, no SO, se uma ginasta realizar rotação a menos para 3/1 pivots/giros, estes tornam-se ou são considerados 2/1 voltas e não 3/1 voltas. Na TR, 2/1 pivots/giros incompletos tornam-se 1 1/2 voltas. Já no CP de 2001, somente quando faltassem 90º na rotação é que se atribuía ao elemento de dificuldade um valor inferior que, se considerava sempre o elemento de 180º inferior para o respectivo elemento realizado num dos dois aparelhos em questão. Quando faltava menos que 90º para terminar a rotação, eram efectuadas as respectivas deduções: ligeiras/pequenas (0.05 p./0.10 p.) para rotações incompletas de 0º a 45º; e médias (0.20 p.) para as que terminassem a mais de 45º e entre 90º do final da rotação completa.

Além de tudo o que foi referido, é necessário ter em atenção inúmeros factores (referidos no CP 2006) sobre os pivots/giros que devem ser levados em consideração. Estes elementos devem ser sempre realizados sobre as meias pontas, mantendo uma forma fixa e precisa durante toda a rotação (a perna de apoio pode estar flectida ou estendida que não contribuirá para a alteração do valor de dificuldade). O apoio do calcanhar irá determinar o término do grau de rotação do pivot/giro. Quando os pivots/giros são realizados com a perna livre à horizontal esta deve ser mantida durante toda a rotação porque, se a perna fica abaixo da horizontal, atribui-se o VD inferior.

Podem ser utilizadas várias técnicas para os saltos com rotação, como o engrupado, encarpado ou pernas estendidas, no início, durante ou final da rotação. Todos os saltos gímnicos com rotação devem terminar de uma forma precisa.

Na TR e SO as ligações directas de saltos ou elementos acrobáticos na mesma direcção são reconhecidos aquando da recepção.

Para os saltos com afastamento dos MI de 180º (grande afastamento) a avaliação continua a ser idêntica entre os CP. No que se refere aos saltos, à sua amplitude e posição das pernas, basicamente não houveram grandes alterações. Para saltos com faltas ligeiras/pequenas e pequenas incorrecções, no CP 2001 e 2006 respectivamente, realiza-se a respectiva dedução. Para faltas consideradas superiores são atribuídos aos elementos o valor de dificuldade inferior. Com excepção do salto engrupado e do salto "pistola" (salto engrupado com uma perna horizontal) que no CP 2001, as deduções destes antes de lhes ser atribuído o valor do salto realmente executado (valor inferior), estavam compreendidas as ligeiras/pequenas e as médias. Neste momento, no CP 2006, estes saltos são considerados elementos de dificuldade A.

2.4.3. Aparelhos

2.4.3.1. Saltos

Segundo CP 2001 e 2006 (FIG 2001, 2006) para as juízes terem uma orientação em relação à direcção do salto realizado pelas ginastas e efectuar as devidas deduções deverá ser marcado um corredor ao centro de todo o tapete de recepção, distando 50 cm de cada um dos lados do tapete, a partir da Mesa de Saltos, para desta forma servir também de indicativo à avaliação das juízes no que se relaciona com o comprimento e a altura do 2º voo. As deduções para as recepções realizadas fora desta zona serão atribuídas caso a atleta não faça a recepção nem termine o salto numa posição estável dentro da zona delimitada, sendo o contacto inicial fundamental e definitivo. NO CP 2001 deveria ser feita uma marca a um metro da zona de recepção que se encontrava mais próxima do aparelho. Isto porque quando a recepção se efectuasse nesta zona a ginasta teria uma penalização de 0.50 p., devido à ausência de 2º voo e proximidade do aparelho após a finalização do salto, algo que no CP 2006 não se verifica. No actual CP, caso as linhas de marcação do corredor de saltos forem ultrapassadas, serão deduzidos 0.10 p., para a recepção fora do corredor de saltos com um pé, e 0.30 p., para as situações em que a atleta realize a recepção fora do corredor de saltos com os dois pés. Estas deduções serão realizadas pelas juízes de linha da nota final e a informação será efectuada por escrito à A^1 do Aparelho.

A ginasta tem que realizar saltos que se encontrem na Tabela de Saltos e que se encontram distribuídos por cinco grupos. Se seguida serão expostos os cinco grupos existentes em cada um dos códigos e quais as diferenças verificadas de um para o outro. A distinção de um grupo para o outro é realizada tendo em consideração as características de cada um dos voos do salto

(o primeiro e segundo voo). Sendo a especificidade do primeiro voo a principal factor identificativo para cada um dos grupos, com excepção do grupo I e II que se distinguem pela ausência de rotação no eixo transversal no segundo voo. Já os grupos IV e V diferenciam-se dos outros grupos pela existência de rondada antes do primeiro voo e, um do outro pela presença ou não de rotação no eixo longitudinal e pelo tipo de rotação que se realiza.

Quadro 24: Os diferentes grupos nos saltos nos Códigos de Pontuação 2001 e 2006

Grupos	Código 2001	Código 2006
I	Saltos sem mortais (quedas faciais, Yamachitas) e com ou sem rotação à volta do eixo longitudinal no 1º e/ou 2º voo;	Quedas faciais, Yamashitas, rondadas sem rotações no eixo transversal e com ou sem rotação à volta do eixo longitudinal no 1º e/ou 2º voo;
II	Quedas faciais com ou sem 360º de rotação no eixo longitudinal durante o 1º voo e rotação à frente ou atrás no eixo transversal, com ou sem rotação à volta do eixo longitudinal no 2º voo;	Quedas faciais com ou sem 360º de rotação no eixo longitudinal durante o 1º voo e rotação à frente no eixo transversal, com ou sem rotação à volta do eixo longitudinal no 2º voo;
III	Quedas faciais com 180º de rotação no eixo longitudinal durante o 1º voo (*Tsukahara*) e rotação à frente ou atrás no eixo transversal, com ou sem rotação no eixo longitudinal durante o 2º voo;	Queda facial com 90º ou 180º de rotação no eixo longitudinal durante o 1º voo (*Tsukahara*) e rotação atrás no eixo transversal, com ou sem rotação no eixo longitudinal durante o 2º voo;
IV	Rondada (Yourchenko) durante o 1º voo e rotação no eixo transversal à frente ou atrás com ou sem rotação no eixo longitudinal no 2º voo;	Rondada (Yourchenko) com ou sem rotação longitudinal (360º) durante o 1º voo e rotação no eixo transversal atrás com ou sem rotação no eixo longitudinal no 2º voo;
V	Rondada com 180º ou 360º de rotação no eixo longitudinal durante o 1º voo e rotação no eixo transversal à frente ou atrás com ou sem rotação no eixo longitudinal no 2º voo.	Rondada com 180º de rotação no eixo longitudinal durante o 1º voo e rotação no eixo transversal à frente com ou sem rotação no eixo longitudinal no 2º voo.

Pela análise do Quadro anterior verificamos algumas alterações na divisão dos grupos nos saltos. No grupo I, além das quedas faciais e dos *Yamashitas* foram incluídas as rondadas (PC 2006). Já no que diz respeito ao grupo II a modificação encontra-se ao nível das rotações realizadas no segundo voo, mais concretamente às rotações realizada no eixo transversal. Segundo o CP 2001 (FIG, 2001) no segundo voo era possível apresentar uma rotação à frente ou atrás no eixo transversal, enquanto que no CP 2006 só é possível realizar saltos com rotação à frente no eixo transversal durante o segundo voo. Em relação ao grupo III as alterações sofridas prendem-se com o primeiro e segundo voo dos saltos, mais especificamente com a rotação no eixo longitudinal realizada durante o primeiro voo (*Tsukahara*), que no CP 2001 era permitido rotação de 180º e no CP 2006 acrescentou-se a rotação de 90º, e com a rotação no eixo transversal efectuada durante o segundo voo, que no CP actual só é possível realizar

rotação atrás no eixo transversal, enquanto que no CP anterior era permitido atrás ou à frente. No que concerne aos restantes grupos, segundo Teixeira (2006) as rondadas (*Youchenko*) com entrada semelhante no primeiro voo, rondada (*Yourchenko*) com ou sem rotação longitudinal (360º) durante o primeiro voo, no CP 2006 passam a pertencer ao mesmo grupo no novo código, mais concretamente ao grupo IV. O que irá implicar uma entrada por parte da ginasta sempre em apoio dorsal (de costas). Este facto também se verifica no grupo IV do CP 2001, mas não estava incluída a rotação longitudinal (360º) durante o primeiro voo pois esta encontrava-se integrada no grupo V (que para além desta continha igualmente a rondada com 180º de rotação no eixo longitudinal durante o primeiro voo). Já no que se refere ao segundo voo do grupo IV, no CP 2006 deixa de existir a rotação no eixo transversal à frente passando a vigorar somente a atrás, isto porque no CP 2001 havia a possibilidade de optar por uma ou por outra rotação transversal no segundo voo. Por fim, no grupo V estarão somente as rondadas com rotação de 180º ao contrário do que se verificava no CP 2001 onde estavam incluídas as de 360º que no código actual de uniram ao grupo IV pelas razões anteriormente apontadas. O facto de só ser realizada rondada com 180º de rotação no eixo longitudinal durante o 1º voo faz com que a entrada neste grupo seja sempre em apoio facial (de frente) tendo desta forma uma entrada diferente do grupo anterior no que se refere ao primeiro voo. Esta situação implica que só seja permitido realizar uma rotação à frente no eixo transversal no 2º voo. Algo que não se verificava no CP 2001, como podemos constatar pela análise do Quadro.

Devido ás alterações verificadas ao nível das componentes de avaliação, principalmente na de execução, tudo isto deu origem a uma adaptação (necessária e fundamental) que se tornasse lógica, credível e aplicável tendo em conta a transformação da nota final sofrida em cada aparelho. Segundo Teixeira (2006) os saltos que estavam incluídos nos diferentes grupos no código anterior eram distinguidos pelo VD atribuído tendo em conta o seu grau de exigência (VD – A-, correspondia a saltos ≤ 8.20 p.; VD – B-, de 8.30 a 8.90 p.; C-, 9.00 a 9.40 p; D-, incluía saltos de 9.50 a 9.70 p.; E-, de 9.80 a 9.90p e por último, ^{SUPER} E, que equivalia à nota máxima de 10.00p). A mesma autora refere que no CP actual o valor do salto é atribuído tendo em conta o seu grau de dificuldade, deixando desta forma de haver a atribuição dos respectivos VD como se verificava no CP 2001.

Segundo o CP 2001 e 2006 (FIG, 2001 e 2006) no que concerne às exigências a ginasta deve, de forma manual ou electrónica, afixar o número do salto que prevê ou tenciona executar, antes deste ser executado, não sendo penalizada se realizar um diferente daquele que foi mostrado.

No caso de não apresentar (não afixar) o número do salto que vai fazer é retirada uma dedução média à nota final (no CP 2006) e à nota de partida (no CP 2001) do salto apresentado.

No que ser refere ao número de saltos realizado pela ginasta nos vários concursos existentes (C-I, C-II, C-III e C-IV), no CP 2001 estava estipulado a realização de um único salto somente no C-I, o de Qualificação, nos restantes eram realizados dois saltos diferentes (no C-III, Final por Aparelhos além de diferentes deviam ser executados dois saltos de grupos diferentes), e a nota final era obtida através da média dos dois saltos. No CP 2006, quer no C-I, Concurso de Qualificação, C-II, Concurso Individual Múltiplo e no C-IV, Finais por Equipas, a ginasta deve efectuar um salto onde a nota deste é tomada em consideração. A nota do primeiro salto realizado no C-I, conta par o total da equipa e/ou para o total do C-II mas, caso as ginastas pretenderem qualificar-se para C-III devem realizar dois saltos no C-I e não apenas um, seguindo as regras especificas para este concurso (no C-III os dois saltos devem ter um 2º voo diferente, e a nota final é obtida de igual forma como no CP 2001, média dos dois saltos).

No CP 2001 (FIG, 2001) era retirado 1.00 p. da nota final (média dos dois saltos) caso a ginasta executasse o mesmo salto duas vezes no C-II e no C-IV e na situação em que eram executados dois saltos do mesmo grupo no C-III. Já quando era executado só um salto no C-II, C-III e C-IV, a nota final nos saltos era a nota do salto efectuado a dividir por dois. Estas deduções das exigências específicas que faltavam eram feitas pelo Júri A e lançadas no computador pela secretária. No que concerne ao CP 2006 (FIG, 2006) são retirados 2.00 p. da média dos dois saltos (nota final) quando no C-I e C-III os dois saltos executados não têm um 2º voo diferente. No C-III quando é executado apenas um salto dos dois exigidos, a nota final obtém-se pela divisão do salto efectuado por dois. Enquanto que o apoio na mesa de saltos só com uma mão tem uma dedução de 2.00 p. no CP 2001 sofria uma penalização de apenas 1.00 p. sempre que haja um salto inválido (0.00 p.) ou um alto que receba uma penalização por "apoio de uma só mão na Mesa de Saltos" o Júri A e a Supervisora devem promover uma revisão de vídeo, enquanto no CP anterior tal tarefa era desempenhada pelo Júri da Competição.

No CP 2001 o Júri A fornecia a nota de partida do salto executado, no CP 2006, introduz o valor do salto realizado.

Em relação às deduções específicas do Júri B as faltas ligeiras (0.05 p.) deixam de existir, iniciando as deduções pelas pequenas (0.10 p.).

No que respeita o 1º voo, a rotação incompleta à volta do eixo longitudinal no CP 2006 o máximo de dedução é até à falta média, enquanto que no CP 2001 poderia ser deduzida até à falta grande. Já na impulsão, os braços flectidos vai da falta pequena à grande, e no CP anterior podia ir da ligeira à muito grande.

2.4.3.2. Paralelas Assimétricas

Nas PA uma das alterações verificadas de um CP para o outro prende-se com a dedução ao nível das corridas autorizadas na entrada. Em ambos, desde que a atleta não tenha tocado no aparelho nem no trampolim nem tenha passado por baixo das PA na primeira tentativa, é autorizada uma segunda corrida na entrada sem qualquer tipo de penalização. No CP 2006, após a segunda tentativa sem sucesso a ginasta deve iniciar o exercício. No CP 2001, caso a ginasta executasse uma terceira tentativa esta teria uma dedução de 0.50 p.

Quando há uma queda da ginasta do aparelho ou sobre este nos dois CP é permitida uma interrupção de 30 segundos antes de voltar a subir para o aparelho e continuar a realizar o seu exercício. Enquanto que anteriormente a ginasta era avisada através de um sinal sonoro dez segundos antes do final desse período de interrupção. Actualmente será avisada aos dez segundos, aos vinte segundos e ainda nos trinta segundos, antes do final do tempo limite de interrupção. No CP 2006 caso a ginasta não retome as PA no tempo limite de trinta segundo o exercício é considerado como terminado.

2.4.3.2.1. Exigências Específicas PA

No CP 2006, "cada EGR tem um valor de 0.50 p.. As exigências para os cinco Grupos de Elementos devem estar incluídos entre os nove elementos de dificuldade de mais valor (VD) e a saída." (FIG, 2006)

No CP 2001, das cinco exigências especificas cada uma valia 0.20 p.

Quadro 25: EE dos CP de 2001 e 2006 – paralelas assimétricas

Código 2001	Código 2006
Uma passagem do bi para o bs com valor mínimo de dificuldade B;	Uma passagem (voo) do bs para o bi;
Uma segunda passagem do bs para o bi com valor mínimo de dificuldade B;	Uma passagem (voo) do bi para o bs;
Um elemento em voo com valor mínimo de dificuldade B, para agarrar o mesmo banzo, incluindo elementos com contra-movimento, passagem por cima do banzo, torpedos ou mortal de retoma no mesmo banzo;	Um elemento em voo no mesmo banzo;
Um elemento do grupo 3 (Balanços por baixo e Voltas livres), 6 (*Stalders*) ou 7 (Balanços circulares e Torpedos), unicamente de valor de dificuldade C;	Um elemento próximo da barra do grupo 2 (Balanços atrás, Voltas livres), 4 (*Stalders*), ou 5 (Gigantes com pés), excluindo elementos em voo e balanços para apoio invertido;
Um elemento de saída com valor mínimo de dificuldade C nos Concursos de Qualificação, Equipas e Individual Múltiplo e com valor mínimo de dificuldade D na Final por Aparelhos.	Saída: sem saída, saída A ou B – atribui-se 0.00p, saída C – atribui-se 0.30p, saída D ou de maior valor – atribui-se 0.50p.

Podemos verificar que tanto no CP de 2001 como no de 2006 a ginasta tem cinco EE para cumprir e que as alterações passam não pelos elementos pedidos, mas pelo facto de neste código actual não ser necessário um valor mínimo para o elemento, como podemos verificar no caso do código de 2001. Neste código não é exigido realizar a saída com um VD pré-definido (C/D ou mais). A ginasta pode assim realizar a saída dentro das suas capacidades e será avaliada pelo VD da saída (A e B=0.00 pontos, C=0.3 pontos e D ou maior=0.5 pontos). Na quarta EE, apenas houve alteração nos grupos de elementos da tabela deste aparelho, continuando a pedir os mesmos elementos.

2.4.3.2.2. Fórmulas Ligações PA

Quadro 26: Ligações possíveis nas paralelas assimétricas nos CP 2001 e 2006

Código 2001		Código 2006	
C (fase de voo) + D	0,10 Pontos	D (voo) + C (voo ou rotação) – executado nesta ordem	0,10 Pontos
		D + D	
D + D		D + E	
D + E ou mais	0,20 Pontos	D (voo no mesmo banzo ou bi para bs) + C ou mais no bs (voo ou rotação) – executado nesta ordem	0,20 Pontos
		D + E (um dos elementos com voo)	
		E + E	

Nas paralelas assimétricas apenas podemos verificar que no código de 2006 surgiram mais opções de ligações directas, principalmente a bonificar 0.20 pontos.

2.4.3.2.3. Composição PA

Quadro 27: Composição nas paralelas assimétricas nos CP 2001 e 2006

Código 2001		Código 2006	
Falta de variedade na escolha dos elementos e ligações e equilíbrio entre elementos com piruetas e fase de voo.	0.05 a 0.10	Mais de um elemento antes da entrada.	0.30
Falta de distribuição progressiva dos elementos no sentido de criar pontos culminantes.	0.05 a 0.10	Falta de um elemento sem voo com rotação longitudinal (360º).	0.30
Utilização insuficiente de todo o aparelho (espaço e direcção).	0.10		
Posição engrupada no bi para agarrar o bs, volta completa sobre os pés (mais do que uma vez) para agarrar o bs e volta de 180º sobre os pés para agarrar o bs.	0.10	Menos do que dois tipos de pegas (palmares, dorsais ou cubitais) diferentes.	0.30
Balanço à frente no bs, colocar os pés no bi com ou sem rotação de 180º.	0.10	Mudança de banzo sem executar um elemento.	c.v. 0.10
¾ de gigante à frente com ou sem mudança de pegas saltando.	0.10	Balanço vazio.	0.30
Executar mais de dois elementos iguais directamente ligados com a saída.	0.10	Executar mais de dois elementos iguais directamente ligados com a saída.	0.10
Balanço vazio.	0.10	Não tentar executar saída.	0.30
Balanço intermédio.	0.30		

Podemos ver que no CP de 2006 a composição é mais objectiva e concreta nas suas exigências, impondo assim determinados aspectos considerados mais importantes num exercício. Verificamos que apenas se manteve o balanço vazio e a realização de mais de dois elementos iguais directamente ligados com a saída. Como já foi referido, podemos verificar que as penalizações estão mais elevadas.

2.4.3.2.4. Os diferentes grupos nas paralelas assimétricas

Neste aparelho os elementos encontram-se distribuídos por grupos. No CP de 2006, esta divisão foi reduzida para apenas seis grupos, enquanto que no CP 2001, a divisão dos elementos era distribuída por oito grupos. Verifica-se uma junção de elementos, que anteriormente se encontravam em diferentes grupos.

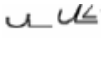
Quadro 28: Os diferentes grupos nas paralelas assimétricas nos CP 2001 e 2006

Grupos	Código 2001	Código 2006
I	Entradas	Entradas
II	Balanços atrás, Contra-movimento	Balanços atrás, Voltas livres
III	Balanços por baixo e Voltas livres	Gigantes faciais, dorsais e cubitais
IV	Gigantes faciais e Balanços circulares atrás	*Stalders*
V	Gigantes dorsais e Balanços circulares à frente	Gigantes com pés
VI	*Stalders*	Saídas
VII	Balanços circulares e Torpedos	
VIII	Saídas	

Nas paralelas assimétricas vamos analisar os elementos que subiram ou desceram de valor relativamente aos dois CP.

2.4.3.2.5. Valores dos elementos de dificuldade nas PA nos CP 2001 e 2006

Quadro 29: Valores dos elementos de dificuldade nas paralelas assimétricas nos CP 2001 e 2006

Grupos	Descrição do elemento	Símbolo	Valor	
			(CP 2001)	(CP 2006)
I	102. Saltar com ½ volta (180º) e báscula facial para apoio no banzo inferior (bi) ou passar os mi entre as pegas para apoio no bi.		B	A
	411. Saltar para apoio facial passageira no banzo superior (bs) – volta livre para apoio invertido bs em pegas dorsais, mistas ou palmares.		C	D
II	101. Balanço atrás para apoio invertido com mi afastados (corpo encarpado).		B	A
IV (C. 2001) III (C. 2006)	505. Balanço à frente, contra-movimento e passar para trás com o corpo encarpado para suspensão (Tkatchev).		D	E
	705. Balanço à frente com ½, e continuar em ½ volta, contra-movimento passar para trás com os mi afastados por cima da bs para suspensão (Schuschunova).		E	G
	606. Virada para fora das barras – contra movimento e mortal à frente de mi afastados para suspensão bs em pegas palmares.		E	F
	707. Apoio invertido bs – balanço à frente entre as barras e mortal atrás empranchado com 1 ½ (540º) para suspensão na bs (Hristakieva).		Super E	G
V (C. 2001) III (C. 2006)	711. Apoio invertido bs – grande balanço circular à frente em pegas cubitais, mortal à frente por cima da bs para suspensão na bs em pegas palmares na bs (mortal Mo).		E	G

VIII (C. 2001) **VI (C. 2006)**	301. Apoio facial bs – balanço por baixo do bs e mortal à frente engrupado ou encarpado com 1/1 (360º) pirueta.		D	C
	401. Apoio facial bs – balanço por baixo do banzo e mortal à frente engrupado ou encarpado com 1 ½ volta (540º).		E	D
	403. Apoio facial bs – balanço por baixo da barra com ½ volta (180º) e mortal atrás engrupado com 1/1 pirueta (360º) (kraeker).		E	D
	605. Apoio invertido bs – descer entre as barras, balanço à frente e duplo mortal atrás engrupado com 2/1 pirueta (720º) (Fabrichinova).		Super E	F
	706. Apoio invertido bs – descer entre as barras, balanço à frente e duplo mortal atrás empranchado com 2/1 pirueta (720º) (Ray).		Super E	G
	609. Volta de apoio facial atrás na bi ou bs – torpedo com 1/1 pirueta (360º) e mortal à frente.		Super E	F
	311. Apoio invertido bs – *stalder* atrás passando por apoio invertido e mortal atrás engrupado ou encarpado.		D	C

No Quadro 29, estão mencionados os elementos que sofreram alterações de valor no CP de 2006 em relação ao CP 2001. Podemos ver, que apenas quinze elementos tiveram mudanças de valor e somente em quatro deles foi verificada uma descida de importância.

No que se refere às entradas, verificou-se uma descida e uma subida, de valor, o que não se afigura significativo.

No Grupo II, (balanços atrás, voltas livres) apenas o apoio invertido com os mi afastados baixou de valor, dando maior importância ao apoio invertido de mi unidos, uma vez que este tem uma dificuldade técnica acrescida, acompanhada de um dispêndio energético superior. Relativamente às saídas, verificou-se apenas uma descida de valor.

Neste aparelho, as maiores diferenças foram constatadas no Grupo III (gigantes faciais, dorsais e cubitais) (Federação Internacional de Ginástica, 2006), onde se verificaram apenas subidas de valor.

2.4.3.3. Trave Olímpica

2.4.3.3.1. Exigências Específicas TR

No Quadro seguinte podemos verificar as diferenças das EE na trave nos dois CP estudados.

Quadro 30: EE dos CP de 2001 e 2006 – trave

Código 2001	Código 2006
Uma série acrobática de dois ou mais elementos com voo (obrigatoriamente, um mortal ou elemento acrobático com voo e sem apoio das mãos executado sobre a Trave);	Ligação de pelo menos dois elementos de dança, sendo um com afastamento antero-posterior dos MI de 180º (somente em posição transversal);
Uma série directa de dança ou dança/acrobática com um mínimo de dois elementos (elementos dos Grupos 4 e 5 não são permitidos nas séries);	Pivot sobre um pé;
Um pivot de 360º sobre um pé ou joelho (apoio alternado da mão);	Uma série acrobática, no mínimo de dois elementos em que um é um mortal;
Um salto com afastamento antero-posterior dos MI de 180º;	Elementos acrobáticos em diferentes direcções (à frente/atrás);
Saída com valor mínimo de dificuldade C nos Concursos de Qualificação, Equipas e Individual Múltiplo e com valor mínimo D na Final por Aparelhos.	Saída: sem saída, saída A ou B – atribui-se 0.00p., saída C – atribui-se 0.30p., saída D ou de maior valor – atribui-se 0.50p.

Também na trave o número de EE permaneceu idêntico, sendo a maior alteração, o surgimento de elementos acrobáticos em diferentes direcções, proporcionando uma maior variedade nos exercícios. Conservou-se o *pivot* e a saída, sendo este último, idêntico às paralelas assimétricas, ou seja, não necessita de um valor de dificuldade específico, sendo contabilizado e adicionado à Nota A o valor da saída executada.

Surgiram alterações na série directa de dança ou dança/acrobática, com um mínimo de dois elementos e no salto com afastamento antero-posterior dos mi a 180º. Neste último CP, é apenas necessário uma ligação de pelo menos dois elementos de dança, sendo um dos elementos com afastamento antero-posterior dos mi a 180º. A exigência da série acrobática de dois ou mais elementos com vôo (obrigatoriamente, um mortal ou um elemento acrobático com vôo sem apoio das mãos executado sobre a trave) foi também alterada, tendo sido apenas exigido que um dos elementos da série seja um mortal. Surgiu ainda, uma nova exigência, que se relaciona com o próprio exercício, que terá de ser composto por elementos acrobáticos em diferentes direcções (à frente/à retaguarda).

Se analisarmos as componentes das EE, podemos encontrar uma forte aposta e valorização dos elementos acrobáticos, preterindo-se os elementos gímnicos.

2.4.3.3.2. Fórmulas Ligações TR

Quadro 31: Ligações possíveis na trave nos CP 2001 e 2006

Código 2001		Código 2006	
Ligações de dois elementos acrobáticos com voo (excepto saída)			
C + C C + D B + E ou mais	0,10 Pontos	C + C/D B + E	0,10 Pontos
		C + E D + D	0,20 Pontos
Ligações directas de dois elementos de dança diferentes ou dois elementos de dança/acrobático (ou inverso)		Ligações Mistas	
C + C ou mais (mínimo C)	0,10 Pontos	C + C ou mais (excepto com saídas)	0,10 Pontos
Ligações de três elementos acrobáticos com voo, incluindo entrada e saída (saída mínimo D).		Ligações de três elementos acrobáticos, incluindo entrada e saída (saída mínimo D).	
B + B + D	0,10 Pontos	B + B + D	0,10 Pontos
C + C + C (máximo dois elementos iguais) B + C + D B + B + E	0,20 Pontos	B + B + E C + C + C (2 elementos podem ser iguais) B + C + D	0,20 Pontos

Na trave podemos verificar muitas semelhanças, mas mais uma vez, nota-se uma tendência no que diz respeito ao aumento das ligações. Como podemos constatar ao nível dos dois elementos acrobáticos com vôo, houve o acréscimo de duas ligações com bonificação de 0.20 pontos.

2.4.3.3.3. Composição TR

Quadro 32: Composição na trave nos CP 2001 e 2006

Código 2001		Código 2006	
Falta de elementos acrobáticos para a frente/lado e para trás.	c.v. 0.10	Mais de um elemento antes da entrada.	0.30
Uso demasiado de elementos de dança do mesmo tipo.	0.05 a 0.10	Entrada que não está na tabela.	0.10
Mais do que um salto para apoio ventral.	c.v. 0.10	Mais do que uma ½ volta sobre os dois pés com os MI estendidos (apenas é permitido executar uma vez).	0.10 (em todo o ex.)
Falta de equilíbrios entre elementos acrobáticos e de dança.	0.05 a 0.10	Mais do que um salto gímnico para apoio ventral ou facial.	c.v. 0.10
Falta de distribuição progressiva de elementos para criar pontos culminantes.	0.05 a 0.10	Falta de um movimento próximo da trave com uma parte do corpo e/ou cabeça a tocar na trave e uso insuficiente da trave no seu comprimento.	0.10
Uso insuficiente de toda a superfície do aparelho (espaço e direcção) e falta de um movimento próximo da trave.	0.10	Não tentar executar saída.	0.30

Podemos verificar na trave a existência de algumas diferenças a nível dos dois códigos, tendo-se mantido no CP de 2006, a impossibilidade da realização de mais do que um salto gímnico para apoio ventral ou facial e a falta de um movimento próximo da trave. As penalizações de composição são, igualmente mais elevadas no CP mais recente, mas com menos diferenças em relação ao aparelho anterior.

2.4.3.3.4. Os diferentes grupos na TR

O exercício de trave deve apresentar uma variedade de elementos acrobáticos e de dança, desde rolamentos, apoios invertidos, elementos com ou sem fase de vôo e mortais, a saltos gímnicos, *pivots*, ondas do corpo e equilíbrios. A apresentação artística é fundamental, devendo a ginasta projectar um estilo pessoal através da elegância e originalidade na coreografia e nas ligações de todos os elementos.

Quadro 33: Os diferentes grupos na trave nos CP 2001 e 2006

Grupos	Código 2001	Código 2006
I	Entradas	Entradas
II	Saltos gímnicos	Saltos gímnicos
III	Pivots/giros	Pivots/giros
IV	Ondas do corpo	Ondas e posições de equilíbrio
V	Posições de equilíbrio	Rolamentos, aranhas, flics flacs e mortais
VI	Rolamentos	Saídas
VII	*Renversements*	
VIII	Mortais	
IX	Saídas	

Podemos, mais uma vez, verificar que no CP de 2006 desapareceram alguns grupos, como é o caso do Grupo V (referente ao CP de 2001), das posições de equilíbrio, que se agregaram ao Grupo IV do CP de 2006, das ondas do corpo. Dos nove grupos existentes no CP de 2001 passaram a vigorar seis no CP de 2006. Isto não quer dizer que os elementos pelos quais os grupos eram constituídos tenham desaparecido, mas que simplesmente, se unificaram com outros grupos.

Passaremos agora às alterações que surgiram nos elementos da trave nos grupos que foram considerados mais relevantes.

No Quadro seguinte podemos ver os elementos gímnicos que sofrerem alterações em 2006.

2.4.3.3.5. Valores dos elementos de dificuldade na TR nos CP 2001 e 2006

Quadro 34: Valor dos elementos gímnicos e pivots na trave nos CP 2001 e 2006

Grupos	Descrição do elemento	Símbolo	Valor	
			(C. 2001)	(C. 2006)
II	202. Salto de espargata com ½ volta (180º).		C	B
	103. Salto de carpa em posição transversal ou lateral (ângulo de afastamento 180º).		B	A
	203. Salto de carpa com ½ volta (180º) na posição transversal ou lateral.		C	B
	303. Salto de carpa com 1/1 volta (360º) na posição transversal ou lateral.		D	C
	104. Salto de carpa com afastamento lateral dos mi para apoio facial na trave ou com volta de apoio atrás (Furnon), também com ¼ volta (90º).		B	A
	204. Salto de carpa com afastamento lateral dos mi para apoio facial na trave com ½ volta (180º) ou com volta de apoio atrás.		C	B
	304. Salto de carpa com afastamento lateral dos mi para apoio facial na trave com 1/1 volta (360º) ou com volta de apoio atrás.		D	C
	205. Salto cadete com ½ volta (180º) para avião (mi livre acima da horizontal) ou saltar com ½ volta (180º) afastando o mi livre acima da horizontal – chamada com 1 pé.		C	B
	307. Salto enjambé com troca dos mi e ¼ de volta (90º) para grande afastamento dos mi lateral ou encarpado com os mi afastados (ângulo de afastamento 180º) (Johnson).		D	C
	407. Salto enjambé com troca dos mi (ângulo de afastamento 180º) e ¼ de volta (90º) para grande afastamento dos mi lateral ou encarpado com os mi afastados (Johnson) com ½ (180º) volta suplementar.		E	D
	108. Salto de carpa com os mi unidos em posição lateral ou transversal (ângulo do corpo – 90º).		B	A
	208. Salto de carpa com os mi unidos em posição lateral (Sekerova) ou transversal (ângulo do corpo – 90º) com ½ volta (180º).		C	B
	209. Salto *Cambré* com um dos mi estendido e o outro flectido atrás (salto anel), também salto de camelo com o mi de chamada flectido (chamada sobre um ou dois pés), mi de trás à altura da cabeça, cabeça inclinada atrás.		C	B
	210. Salto em extensão com 1/1 volta (360º) recepção livre.		C	B
	310. Salto em extensão com 1 ½ volta (540º) recepção livre.		D	C

	111. Salto de gato com ½ volta (180º) joelhos à ou acima da horizontal.		B	A
	211. Salto de gato com 1/1 volta (360º) joelhos à ou acima da horizontal.		C	B
	112. Salto engrupado com ½ volta (180º) joelhos à ou acima da horizontal.		B	A
	212. Salto engrupado com 1/1 volta (360º) joelhos à ou acima da horizontal.		D	B
	313. Salto engrupado com um dos mi estendido à frente na posição transversal, com 1/1 volta (360º) joelhos à ou acima da horizontal.		D	C
III	501. Pivot de 3/1 voltas sobre um mi (Okino).		E	F
	205. Pivot *plongé* de ½ volta (180º) em posição de grande afastamento dos MI sem tocar a trave com o mi livre (permitindo o toque passageiro de uma mão).		C	B
	108. 1/1 a 1 ½ voltas em posição de deitada facial – apoio sucessivo das mãos autorizado.		B	A

No que respeita aos elementos acrobáticos, podemos constatar pelo Quadro 35, as alterações impostas pelo CP 2006.

Quadro 35: Valor dos elementos acrobáticos na trave nos CP 2001 e 2006

Grupos	Descrição do elemento	Símbolo	Valor	
			(C. 2001)	(C. 2006)
VII (C. 2001) **V (C. 2006)**	108. Roda com fase de voo antes ou depois do apoio das mãos.		B	A
	417. Roda sem mãos em posição lateral ou transversal.		C	D
	517. Rondada sem mãos.		C	E
VIII (C. 2001) **V (C. 2006)**	518. Mortal à frente encarpado.		D	E
	618. Mortal à frente engrupado com ½ pirueta (180º) com chamada a dois pés (Grigoras).		E	F
	619. *Twist* engrupado (chamada atrás com ½ volta, mortal à frente).		E	F
	420. Mortal à retaguarda empranchado com os MI unidos.		D	E
	620. Mortal à retaguarda engrupado com 1/1 pirueta (360º) (Schriskova).		E	F
	720. Mortal à retaguarda empranchado com 1/1 pirueta (360º).		E	G

Pela análise do Quadro 35 podemos verificar algumas alterações nas saídas realizadas na trave. Também neste aparelho consideramos apenas os elementos que sofreram alteração.

Quadro 36: Saídas na trave nos CP 2001 e 2006

Grupos	Descrição do elemento	Símbolo	Valor	
			(C. 2001)	(C. 2006)
IX (C. 2001) VI (C. 2006)	602. Duplo mortal à frente engrupado.		E	F
	303. Salto em extensão à frente com 1/1 volta (360º) e mortal à frente engrupado, encarpado ou empranchado.		D	C
	604. Mortal à retaguarda empranchado com 3/1 piruetas (1080º).		E	F
	505. Duplo mortal à retaguarda encarpado.		D	E
	705. Duplo mortal à retaguarda engrupado ou encarpado com 1/1 (360º) durante o 1º mortal.		E	G

Dos trinta e sete elementos, vinte e quatro desceram de valor, diferença esta, bastante significativa, relativamente aos elementos que aumentaram de valor.

Nos elementos gímnicos, os saltos onde se verificaram alterações, baixaram de valor, assim como os *pivots*.

A roda e a rondada sem mãos aumentaram de valor e os elementos acrobáticos com mortais tiveram todos, uma alteração para um valor de dificuldade superior. Nas entradas verificou-se uma descida e uma subida, o que não se afigura significativo.

Onde verificamos maiores diferenças, foram nos grupos V (rolamentos, aranhas, flics-flacs e mortais) e VI (saídas) onde se verificaram praticamente subidas de valor em todos os elementos.

Alguns elementos de base, como o caso dos rolamentos à frente com mãos, a roda, o *salto de gato*, o *salto engrupado* e o *avião* foram eliminados do CP 2006.

2.4.3.4. Solo

2.4.3.4.1. Exigências Específicas Solo

Analisando o Quadro seguinte, relativamente às EE do solo, podemos verificar que este aparelho nos mostra sem dúvida, diferenças mais significativas do que os anteriores.

Quadro 37: EE dos CP de 2001 e 2006 – solo

Código 2001	Código 2006
Uma série acrobática com dois mortais (uma série deve conter pelo menos três elementos acrobáticos);	Passagem de pelo menos dois elementos de dança diferentes, um sendo com afastamento antero-posterior de 180º (somente em posição transversal);
Três mortais diferentes durante o exercício;	Uma série acrobática com dois mortais diferentes.
Um pivot sobre um MI com valor mínimo B;	Dois mortais em direcções diferentes (à frente e atrás)
Uma ligação directa de dança com pelo menos dois elementos, cada um com chamada a um pé;	Mortais com dupla rotação no eixo transversal (duplo) e com rotação no eixo longitudinal (pirueta).
Saída (último mortal / ligação directa de mortais) com valor mínimo de dificuldade C nos Concursos de Qualificação, Equipas e Individual Múltiplo e com valor mínimo D na Final por Aparelhos.	Saída: sem saída, saída A ou B – atribui-se 0.00p., saída C – atribui-se 0.30p., saída D ou de maior valor – atribui-se 0.50p.

Verificou-se que apenas se manteve a série gímnica de dois elementos e uma série acrobática (com mortais diferentes), e que se eliminou o *pivot*. As diferenças mais significativas no que diz respeito a este aparelho verificaram-se ao nível da exigência de um duplo mortal (rotação no eixo transversal) e de uma pirueta (rotação no eixo longitudinal) elevando assim a dificuldade no solo. Foi também dada muita importância aos mortais de direcções diferentes, valorizando assim a variedade. A saída contém a mesma regra relativamente aos aparelhos anteriores, onde foi eliminada a exigência do valor mínimo de dificuldade.

Relativamente ao VA (Federação Internacional de Ginástica, 2001), os exercícios poderão nesta componente, ser valorizados em 1.20 pontos. As ginastas poderão utilizar, na obtenção dos pontos, ED D, E e ^{super} E e ligações de elementos (valor de ligação). No que se refere ao novo código (Federação Internacional de Ginástica, 2006), já não são contabilizados os ED, mas apenas as ligações e a ginasta não tem limite de bonificação, uma vez que quanto mais ligações apresentar mais alta será a nota final A.

No CP 2001 (Federação Internacional de Ginástica, 2001), os elementos de maior dificuldade, para serem contabilizados com bonificação, não podiam ser realizados com graves erros de execução, ou seja, as deduções por falhas técnicas não deviam ultrapassar os 0.30 pontos. Ao executar um ED D, a ginasta era valorizada com 0.10 pontos, 0.20 pontos por cada elemento E e 0.30 pontos por cada elemento ^{super} E. Como já foi referido, os ED D, E e ^{super} E podiam substituir um elemento de PV que falte e, simultaneamente, receber pontos de bonificação por elemento de maior dificuldade. No CP de 2006, este aspecto já não se verifica, uma vez que os elementos só são contabilizados se estiverem dentro dos dez de maior valor, como foi referido atrás, não existindo bonificação para os restantes elementos. Ainda neste CP, a ginasta poderá realizar um

elemento que diminua de valor devido à incorrecção da sua execução, (sendo contabilizado e atribuído o valor do elemento abaixo).

No CP 2001, para a obtenção dos VL eram utilizados elementos de A a ^{super} E, e no novo código de A a G, sendo as ligações bonificadas em 0,10 ou 0,20 pontos consoante o valor dos elementos que compõem a ligação.

2.4.3.4.2. Fórmulas Ligações Solo

Quadro 38: Ligações possíveis no solo nos CP 2001 e 2006

<table>
<tr><th colspan="2">Código 2001</th><th colspan="2">Código 2006</th></tr>
<tr><td colspan="2">Ligações acrobáticas indirectas de dois mortais</td><td colspan="2">Ligações acrobáticas indirectas</td></tr>
<tr><td>C + D ou mais (não menos do que C)</td><td>0,10 Pontos</td><td>C + D
A + A + D (o A pode ser o mesmo)</td><td>0,10 Pontos</td></tr>
<tr><td colspan="2">Ligações acrobáticas indirectas e directas de três ou mais mortais e/ou elementos acrobáticos com voo sem apoio das mãos</td><td rowspan="2">C + E</td><td rowspan="2">0,20 Pontos</td></tr>
<tr><td>A + A + D (mínimo)</td><td>0,10 Pontos</td></tr>
<tr><td colspan="2">Ligações directas de dois elementos de dança diferentes ou dois elementos de dança/acrobático (ou inverso)</td><td colspan="2">Ligações acrobáticas directas</td></tr>
<tr><td>C + C ou mais (mínimo C)</td><td>0,10 Pontos</td><td rowspan="2">A + A + D (o A pode ser o mesmo)
B + D
C + C</td><td rowspan="2">0,10 Pontos</td></tr>
<tr><td colspan="2">Ligações acrobáticas directas de dois mortais e/ou elementos acrobáticos com voo sem apoio das mãos</td></tr>
<tr><td>D + B
E + A
C + C</td><td>0,10 Pontos</td><td rowspan="2">A + E
B + E
C + D</td><td rowspan="2">0,20 Pontos</td></tr>
<tr><td>D + C
E + B ou mais</td><td>0,20 Pontos</td></tr>
</table>

No solo podemos verificar que a divisão das ligações no CP de 2001 é composta por quatro partes: i) ligações acrobáticas indirectas de dois mortais; ii) ligações acrobáticas indirectas e directas de três ou mais mortais e/ou elementos acrobáticos com vôo sem apoio das mãos; iii) ligações directas de dois elementos de dança diferentes ou dois elementos de dança/acrobático (ou inverso) e iv) ligações acrobáticas directas de dois mortais e/ou elementos acrobáticos com vôo sem apoio das mãos. No CP de 2006 (Federação Internacional de Ginástica, 2006) a divisão é apenas realizada em dois grupos, ligações acrobáticas indirectas e directas.

Podemos ver pelo Quadro 38, que apenas surgiu uma ligação nova, com uma bonificação de 0,20 pontos. As ligações directas de dois elementos de dança diferentes ou dois elementos de dança/acrobático (ou inverso) foram totalmente eliminadas, deixando de ter qualquer valor. Esta omissão veio desvalorizar muito as séries gímnicas, dando uma importância acrescida à parte acrobática, reforçando e apoiando a tendência que a modalidade irá seguir. Esta alteração assume-se de extrema importância uma vez que irá ditar o futuro da ginástica de solo, dando cada vez mais significado à espectacularidade, uma vez que os elementos e ligações acrobáticas são uma característica marcante da modalidade.

A ligação A + E foi agora valorizada com 0,20 pontos, sendo no código de 2001 (Federação Internacional de Ginástica, 2001) apenas de 0,10 pontos. Verifica-se assim a grande importância que se pretende dar à realização de elementos de grande VD.

As ligações devem ser directas, com excepção no solo onde as ligações também podem ser indirectas.

As ligações são construídas com combinações únicas e difíceis de PV e ED superior em paralelas assimétricas, trave e solo. As fórmulas para as ligações são específicas de cada aparelho (Federação Internacional de Ginástica, 2001 e 2006). Os elementos podem ser executados duas vezes dentro de uma mesma ligação, não podendo, no entanto, ser repetidos numa outra ligação para atribuição de VA (2001) e VL (2006).

Um elemento pode ser executado duas vezes durante a mesma ligação directa para obter o valor de ligação, não podendo contar segunda vez como PV (2001) e VD (2006).

2.4.3.4.3. Composição Solo

Quadro 39: Composição no solo nos CP 2001 e 2006

Código 2001		Código 2006	
Elementos de dança do mesmo tipo, mortais com rotações no eixo longitudinal ou transversal (mais do que dois) e utilização exagerada de mortais à frente/laterais e para trás.	0.05 a 0.10	Mais do que um salto para a posição de deitada.	c.v. 0.10
Mais do que um salto para a posição de deitada.	c.v. 0.10		
Falta de distribuição progressiva de elementos para criar pontos culminantes.	0.05 a 0.10	Falta de elementos próximo do solo e falta de passagens com elementos de dança.	0.10
Uso insuficiente de toda a superfície do aparelho (espaço e direcção).	0.10		

Analisando a composição no solo através do Quadro 39, podemos verificar que no CP 2006, foram retirados alguns parâmetros relativamente ao CP 2001.

Actualmente no CP de 2006, as faltas de composição são apenas referentes a mais do que um salto para a posição de deitada, à falta de elementos próximo do solo e à falta de passagens com elementos de dança.

2.4.3.4.4. Os diferentes grupos na Solo

Os exercícios de solo, como foi referido para a trave, devem apresentar uma variedade de elementos acrobáticos e de dança. A apresentação artística é fundamental, devendo a ginasta projectar um estilo pessoal através da elegância e originalidade na coreografia assim como nas ligações de todos os elementos.

Quadro 40: Os diferentes grupos no solo nos CP 2001 e 2006

Grupos	Código 2001	Código 2006
I	Saltos gímnicos	Saltos gímnicos
II	Pivots/giros	Pivots/giros
III	Apoios invertidos	Rolamentos e passagens por apoio invertido
IV	Rolamentos	Mortais à frente e elementos sem apoio de mãos
V	*Renversements*	Mortais atrás
VI	Mortais à frente	
VII	Mortais laterais e *twists*	
VIII	Mortais atrás	

Mais uma vez, verificamos uma diminuição dos grupos de um CP para o outro, agrupando-se vários dos elementos num só grupo.

Passaremos agora às alterações, que surgiram nos elementos do solo nos vários grupos, que foram consideradas mais importantes.

2.4.3.4.5. Valores dos elementos de dificuldade no Solo nos CP 2001 e 2006

Quadro 41: Valor dos elementos gímnicos e pivots no solo nos CP 2001 e 2006

Grupos	Descrição do elemento	Símbolo	Valor	
			(C. 2001)	(C. 2006)
I	102. Salto de espargata transversal ou lateral, também com 1/2 volta (180°).		B	A
	202. Salto de espargata com 1/1volta (360º).		C	B
	103. Salto engrupado afastando os mi em grande afastamento antero-posterior durante o voo.		B	A
	103. Salto *enjambé* atrás com chamada a um pé com ¼ ou ½ volta (90º ou 180º) (*jeté en tournant*).		B	A
	106. Salto de carpa ½ volta (180º) para apoio ventral.		B	A
	107. Salto de carpa com os MI afastados, também com ½ volta (180º).		B	A
	108. Salto de carpa com os mi afastados para apoio ventral (Schuschunova), também com ½ volta (180º).		B	A
	207. Salto de carpa com os MI afastados com 1/1 volta (360º) (Popa).		C	B
	208. Salto de carpa com os mi afastados com 1/1 volta (360º) para apoio ventral.		C	B
	208. Saltar à horizontal com 1 ½ volta (540º), mi unidos para apoio ventral.		C	B
	109. Salto de anel (pé de trás à altura da cabeça, cabeça inclinada atrás).		B	A
	109. Salto anel ou salto com um mi estendido e o outro flectido atrás (o mi de trás à altura da cabeça, cabeça inclinada atrás).		B	A
	110. Salto em extensão com 1 ½ volta (540°), chamada a 2 pés.		B	A
	209. Salto de cadete para posição selada com um mi estendido e o outro flectido atrás (*Boucher*) pé de trás à altura da cabeça, cabeça inclinada atrás.		C	B
	210. Salto em extensão com 2/1 voltas (720°°), chamada a 2 pés.		C	B
	111. Salto de gato com 1/1 volta (360°), joelhos à horizontal.		B	A
	112. Salto cadete para prancha facial (avião).		B	A
	211. Salto de gato com 1 ½ volta (540°) (*Garrison*), joelhos à horizontal.		C	B
	211. Salto de gato com 2/1 voltas (720º) (*Benten*), joelhos à horizontal.		D	B

	113. Salto engrupado com 1/1 volta (360°), joelhos à horizontal.		B	A
	213. Salto engrupado com 1 ½ voltas (540°), chamada a dois pés.		C	B
	213. Salto engrupado com 2/1 voltas (720º), também para apoio facial (*Ziganshiva*).		D	B
	214. Salto engrupado (um mi estendido à horizontal, à frente com 1 ½ volta (540°).		C	B
	314. Salto engrupado com uma perna estendida à frente com 2/1 voltas (720°).		D	C
II	201. Pivot/giro com 2/1 volta (720°) sobre um mi – mi livre à vontade abaixo da horizontal.		C	B
	301. Pivot/giro com 3/1 (1080°) sobre um mi – mi livre à vontade abaixo da horizontal.		D	C
	302. Pivot/giro com 2/1 voltas (720°) com o mi livre à horizontal desde o início até ao fim da rotação.		D	C
	304. Pivot/giro com 2/1 volta (720°) sobre um mi, para prancha facial (avião) (2 seg.).		D	C
	107. Pivot/giro com 1/1 volta (360°) em posição engrupada sobre um mi livre à vontade.		B	A
	307. Pivot/giro com 2/1 voltas (720°) em posição engrupada sobre um mi – mi livre à vontade.		D	C
	208. Duplos círculos de pernas afastadas (Homma).		C	B
	206. Saltar à frente com ½ volta (180º) – mortal atrás empranchado.		C	B

Neste aparelho, dos vinte e quatro saltos gímnicos e oito *pivots* que sofreram alterações, todos eles tiveram descida de valor, havendo assim uma desvalorização destes elementos. Este facto, vai de encontro à "mítica" gímnica desta modalidade e o que mais a caracteriza: os elementos acrobáticos – em detrimento dos gímnicos. Estes últimos, no CP anterior, estavam a ser demasiadamente valorizados, influenciando desta forma, a escolha dos elementos de composição e de elaboração dos exercícios na trave e no solo. Anteriormente, os treinadores e atletas (com base no CP de 2001) utilizavam mais os elementos gímnicos, por uma questão de segurança e até mesmo de facilidade, desvalorizando, indirectamente, os elementos acrobáticos. A espectacularidade deverá estar presente em todas as competições e encontros gímnicos e isso só se consegue privilegiando a harmonia entre os elementos acrobáticos e os gímnicos. Mas este facto, não invalida, a extrema necessidade de realizar os exercícios com segurança e consciência das capacidades e limitações de cada ginasta, tentando ultrapassar os seus limites

e atingir *performances* inesquecíveis e de extrema beleza, que provoquem o fascínio, admiração e respeito por esta tão exigente modalidade.

Foram também retirados deste código os *pivots* acrescidos de meia rotação, logo, no caso de uma ginasta executar, por exemplo, um duplo *pivot* e meio, este é contabilizado com o valor de um duplo *pivot*.

Quadro 42: Valor dos elementos acrobáticos no solo nos CP 2001 e 2006

Grupos	Descrição do elemento	Símbolo	Valor	
			(C. 2001)	(C. 2006)
VI (C. 2001) **IV (C. 2006)**	201. Mortal à frente engrupado ou encarpado com ½ pirueta (180º).		A	B
V (C. 2001) **VI (C. 2006)**	601. Mortal à retaguarda empranchado com 3 ½ piruetas (1260°).		E	F
	204. "Tempo" com ½ pirueta (180°).		A	B
	702. Duplo mortal à retaguarda, engrupado com 2/1 piruetas (720°) (Silivas).		Super E	G
	603. Duplo mortal atrás empranchado.		E	F
	603. Duplo mortal atrás empranchado com 1/1 pirueta (360º) (Tchusovitina).		Super E	G
	206. Saltar à frente com ½ volta (180º) – mortal atrás empranchado.		C	B

Pela análise do Quadro 42, verificamos que nos elementos acrobáticos com mortais, sete sofreram alterações e, ao contrário do que sucedeu nos elementos gímnicos, só um dos elementos teve descida de valor, tendo havido um aumento nos restantes, facto que vai de encontro ao que anteriormente foi referido e defendido. Estas subidas de valor, vêm orientar e influenciar a escolha e inclusão de um maior número de elementos acrobáticos com mortais, que irão valorizar o conjunto do exercício.

Esta alteração vai privilegiar a dificuldade, que se constitui como um dos factores fundamentais para distinguir de forma mais justa e clara, as várias ginastas. De acordo com as regras do CP 2001 (Federação Internacional de Ginástica, 2001) a valorização de certos elementos levava a que se cumprissem facilmente a maior parte das exigências, o que não permitia valorizar as melhores ginastas.

Com este novo código, além de se valorizar quem realiza elementos acrobáticos de maior dificuldade e em maior número, também se destaca a ginasta que realiza o menor número de falhas possíveis, pois as penalizações prejudicam claramente o resultado final do exercício. Estes factores têm-se evidenciado claramente nas actuais competições e ditam o futuro e a tendência da GAF.

No CP de 2006, se os mortais com rotações longitudinais (piruetas) não terminarem correctamente, são considerados os elementos abaixo e por consequência diminuem de valor, como, por exemplo, uma tripla pirueta (rotação no eixo longitudinal de 1080º) executada com uma rotação incompleta, passa a ser considerada dupla pirueta e meia (rotação no eixo longitudinal de 900º), sendo consequentemente desvalorizada (de elemento E passa a D).

Como verificamos na trave, também no solo alguns elementos de base foram retirados, como o é caso dos rolamentos à retaguarda para apoio invertido, a roda, os *saltos engrupados* e os *saltos de gato* que não constam no CP 2006.

2.4.4. Síntese da Comparação e Análise dos Códigos

Através de uma análise e comparação dos CP de 2001 e 2006, iremos referenciar alguns aspectos e alterações da evolução na GAF numa perspectiva geral e específica em cada aparelho.

No surgimento deste novo CP, apareceram algumas transformações a vários níveis. Relativamente às componentes da Nota A, o VD, como é agora designado, não tem limite de valor, mas sim uma contagem dos dez elementos de maior dificuldade que constituem o exercício, incluindo a saída e na trave, além da saída, também o *pivot*. A ginasta pode assim arriscar para tentar atingir um VD elevado ou executar elementos de menor valor de acordo com as suas capacidades, não havendo, como sucedia no código de 2001, uma penalização pelos elementos que faltam e um valor fixo (2.80 p.), se realizasse todas as exigências propostas. Com esta alteração vamos poder assistir a uma diversidade de elementos, uma vez que as atletas vão apresentar elementos de maior valia, na tentativa, cada vez maior, de atingir um valor superior no VD.

Nas EE, verificou-se que o cumprimento de todas as exigências propicia à ginasta um valor superior (2.50 p.) relativamente ao código de 2001 (1.00 p.), oferecendo assim, uma grande importância a esta componente.

Nos saltos, as diferenças que se encontraram foram ao nível da exigência em relação ao 2º vôo, que tem que ser diferente nos dois saltos (com mortais em direcções diferentes no 2º vôo ou não existindo mortal). No CP de 2001 os saltos apenas teriam que ser de grupos diferentes.

Nas paralelas assimétricas, após a análise realizada, podemos verificar que não se constataram grandes diferenças, à excepção da não exigência de um valor mínimo nos elementos das EE, o que dá à ginasta um maior reportório nas suas escolhas.

Na trave e no solo as diferenças já se apresentam mais significativas, uma vez que ao baixar-se o valor dos elementos gímnicos e ao aumentar-se o valor dos elementos acrobáticos, existe uma maior tendência para a execução de elementos acrobáticos.

Neste código observamos uma redução nas EE em relação aos saltos gímnicos e uma descida de quase todos estes elementos, tendo em conta o seu valor anterior. Em contrapartida, verificamos que alguns elementos acrobáticos conservam ou aumentam o VD, podendo assim, privilegiar uma maior espectacularidade para quem assiste à modalidade, uma vez que a parte acrobática vai estar significativamente mais presente nos exercícios.

Por outro lado, estas alterações também podem, originar e levar a um maior número de falhas e erros na execução dos elementos, devido à sua exigência e dificuldade.

No VL, somente as ligações são contabilizadas, facto que não sucedia no CP 2001, pois para além de contarem as ligações, também contabilizavam os ED. Esta componente poderia ir até 1.20 de bonificação, no CP de 2001. No CP 2006 o VD não tem um limite máximo de pontuação, não apresentando um valor fixo como se verificava no CP 2001, logo a ginasta pode realizar o máximo de ligações possíveis. O VL também sofreu alguns ajustes, aumentando assim algumas ligações com uma bonificação de 0.20 pontos, e como consequência, um aumento na nota final, indo de encontro ao que referiu Enchun (1992), mencionando que o grau de dificuldade de um exercício passa por simples ligações dos ED já existentes, uma vez que é cada vez mais complicado o incremento do número de rotações transversais e longitudinais, podendo assim ser possível o desenvolvimento da modalidade.

Relativamente às componentes da Nota B, destacamos a composição, que pensamos estar mais objectiva e rigorosa em alguns aparelhos, nomeadamente nas paralelas assimétricas onde, por exemplo, é pedido um elemento sem vôo, com uma rotação longitudinal de 360º, assim como a existência de utilização de mais que uma pega diferente durante a realização do exercício e a penalização de efectuar mudança de banzos sem executar um elemento do código.

No solo, devido às alterações na avaliação da execução, podemos já assistir a ginastas com grande nível perderem competições por pequenos deslizes. Este código tem sido ajustado e reformulado para melhorar esse aspecto, tentando beneficiar e privilegiar quem realiza elementos de maior VD, desde que não tenham falhas graves de execução.

Com este intuito, algumas penalizações relativas à composição do exercício (caso do duplo mortal, a pirueta de 360º e a série acrobática de dois mortais) passaram a fazer parte das EE, sendo por isso mais valorizadas as ginastas que as cumprem. Esta reformulação passou a representar uma mais valia que anteriormente passava quase despercebida.

Estas alterações têm como principal objectivo favorecer as ginastas que arriscam elementos de maior dificuldade, pois tendo em atenção as exigências do novo código ao nível da execução (que é extremamente elevada), a ginasta tem que ser compensada de alguma forma, para valer a pena arriscar.

Com a filosofia deste novo CP torna-se extremamente importante a perfeição técnica, uma vez que as penalizações são bastante elevadas.

Isto poderá levar os treinadores e as ginastas a sentirem uma insegurança e desmotivação na aplicação e realização de elementos que não estão consistentes, porque no CP de 2006, é retirado à ginasta, 0.80 pontos por cada falha grave, não compensando em nada, o risco de executar elementos mais difíceis.

A presença de mortais com ou sem rotações e diferentes posições corporais tem tendência a ser mais elevada, uma vez que o CP de 2006 leva as ginastas a realizarem mais elementos acrobáticos, comparativamente aos gímnicos. Este facto, vai também promover a modalidade e o encantamento que a ginástica pode representar para as pessoas que assistem, assim como para as que praticam.

No CP de 2001 apareceu uma elevada saturação de saltos gímnicos, sendo este facto flagrante na trave e no solo, onde as ginastas procuravam valores de bonificação tanto nos elementos em si, como nas ligações entre eles. Sendo elementos de menor possibilidade de falha e dando as exigências necessárias às ginastas, o código de 2001 demonstrou fortes tendências para a realização de elementos com beleza, elegância e flexibilidade na execução dos saltos de dança, tanto no solo como na trave. Neste novo código, esta tendência não se verifica, vindo contrariar o que estava anteriormente estabelecido, uma vez que privilegia os elementos acrobáticos, em detrimento dos elementos gímnicos. A subida de alguns elementos acrobáticos e a descida dos elementos gímnicos, poderá fazer com que as ginastas optem mais por elementos acrobáticos, anulando assim um pouco as tendências do outro código, pela desmotivação da sua execução.

A expressão artística está cada vez mais presente de código para código, onde se tornam cada vez mais explícitos e rigorosos os critérios de avaliação desta componente.

Podemos também referir, a extinção de alguns elementos de base na trave e no solo, por se terem tornado demasiado acessíveis para serem considerados como ED.

OBJECTIVOS

III. OBJECTIVOS

O nosso estudo pretende analisar o entendimento que os Treinadores e Juízes de Ginástica Artística Feminina de Alta Competição têm relativamente às alterações do Código de Pontuação FIG, entre 2001 e 2006, designadamente na influência que estas tiveram ao nível da metodologia de treino e na forma de ajuizamento das competições. Contribuir para um melhor entendimento e compreensão das alterações e mudanças ocorridas no CP proporcionando e fornecendo algumas respostas aos intervenientes desta modalidade. Traçando a direcção que a GAF tende a seguir actualmente, no que respeita à sua evolução e posicionamento.

Convém ainda referir que a realização deste trabalho centrado neste tema estabelece-se numa tarefa difícil em função do escasso apoio bibliográfico existente e encontrado. Logo, com este estudo ambicionamos e desejamos colaborar e contribuir para um melhor conhecimento relativamente a esta matéria.

De uma forma geral, o nosso estudo visa analisar e comparar as diferenças entre as regras estabelecidas pelo CP de 2001 e as do CP de 2006 e de que forma as alterações do actual CP contribuíram para a metodologia de treino assim como do próprio ajuizamento realizado pelas juízes.

Tendo em conta a problemática exposta, tentamos perceber quais as expectativas de cada um dos intervenientes do nosso grupo de estudo em relação à questão orientadora.

Desta forma enumeramos os seguintes objectivos específicos do estudo:

- Aferir da importância de ter sido atleta de GA para uma melhor compreensão e entendimento da modalidade.
- Verificar se as alterações observadas no actual CP foram bastante significativas.
- Analisar se houve vantagens e/ou desvantagens com a implementação do novo CP para a competição de GAF.
- Enumerar as vantagens e desvantagens do ponto de vista dos seus intervenientes (treinadores e juízes) que se encontram no terreno.

- Analisar o efeito das alterações no CP ao nível da metodologia de treino e do ajuizamento, a sua influência, aplicação e implicação.
- Verificar se as alterações introduzidas no CP trouxeram mais exactidão no ajuizamento e maior credibilidade à modalidade.
- Analisar o efeito produzido no meio gímnico pela inexistência de nota limite.
- Verificar se ocorreram mudanças ao nível da participação e dos resultados competitivos.
- Avaliar a influência ao nível da motivação nos treinadores e nos atletas.
- Avaliar as principais mudanças, diferenças e dificuldades verificadas pelos juízes na concretização do seu trabalho com o actual CP.
- Averiguar se o CP de 2006 veio trazer uma maior facilidade na realização do ajuizamento por parte das juízes.
- Verificar se esta mudança trouxe uma maior justiça na atribuição de notas.

Campo Metodológico

IV. Campo Metodológico

4.1 Grupo de estudo

O grupo de estudo do nosso trabalho foi constituído por 21 sujeitos, mais concretamente 13 Juízes e 8 Treinadores, dos quais 4 pertencem ao sexo masculino e 17 ao sexo feminino. À excepção de um dos sujeitos do grupo de estudo ser de origem chinesa, todos os restantes são de nacionalidade portuguesa e com idades compreendidas entre os 25 e os 64 anos e com uma média de idades de 38,19 anos.

Todos os sujeitos por nós seleccionados têm uma grande e vasta experiência, sendo esta bastante significativa ao nível da GAF, tanto no caso das Juízes como dos Treinadores. Outros dos critérios pelos quais o grupo estudado foi composto e que nos levou a escolhê-los e seleccioná-los, no caso das juízes, foi o posicionamento no Ranking Nacional de Juízes, assim como os seus anos de ligação à modalidade, que em alguns casos se verifica ser a nível das duas funções em questão no nosso estudo (o de juiz e o de treinador, apesar de terem sido entrevistados na função em que exercem um maior relevo). Outro dos critérios foi os seus resultados desportivos e experiência como técnicos, ao longo de vários anos, assim como o facto de já terem sido técnicos de selecção regional e nacional e de algumas das suas atletas, terem pertencido ou pertencerem a selecções nacionais e terem participado (participarem) e representado (representarem) Portugal nas competições mais importantes a nível internacional.

Todas as variáveis respeitantes ao grupo de estudo, e por nós analisadas, encontram-se em anexo.

Para uma Caracterização do nosso grupo de estudo, importa consultar o Quadro 43.

4.1.1 Caracterização do Grupo de Estudo

Quadro 43: Caracterização do Grupo de Estudo

	1.1 Sexo	1.2 Idade	1.3 Nacionalidade	1.4 Habilitações Académicas	1.5 Nível de Formação		1.6 Actividade Profissional	Qual?	2.1.1 Anos de actividade na GA		
					Treinador	Juíz			Atleta	Treinador	Juiz
T1	Masculino	42	Portuguesa	Doutoramento	Nível III - FIG	Internac. Cat. II	Sim.	Prof. Universitário	14	20	22
T2	Masculino	46	Portuguesa	Mestrado	Formador	Nacional	Sim.	Prof. Universitário	8	30	12
T3	Masculino	44	Portuguesa	Mestrado	Nível I	Nacional	Sim.	Prof. Ensino Secundário	6	18	
T4	Feminino	30	Portuguesa	Mestrado	Grau III - FPG	Internac. Cat. IV	Sim.	Prof. Universitário	13	13	14
T5	Masculino	34	Portuguesa	Mestrado	Nível I	Nacional	Sim.	Prof. Ed. Física	0	15	10
T6	Feminino	44	Chinesa	Licenciatura	Nível II - China	Nacional Cat. I	Não		12	21	17
T7	Feminino	41	Portuguesa	Licenciatura	Nível II	Nacional	Sim.	Prof. Ed. Física	14	20	22
T8	Feminino	40	Portuguesa	Licenciatura	Nível I	Nacional Cat. I	Sim.	Relações Públicas/Comercial Aquafitness	10	22	22
J1	Feminino	59	Portuguesa	Doutoramento	Nível III	Internacional A	Sim.	Prof. Universitário	14	32	30
J2	Feminino	30	Portuguesa	Mestrado	Nível III	Internacional - Cat. III	Sim.	Prof. Ed. Física e Prof. Ensino Superior	13	13	14
J3	Feminino	25	Portuguesa	Licenciatura	Nível I	Nacional Cat. I	Sim.	Prof. Ed. Física	13	6	6
J4	Feminino	30	Portuguesa	Mestrado	Nível I	Nacional Cat. I	Sim.	Prof. Ed. Física	0	4	4
J5	Feminino	44	Portuguesa	12º Ano	Nível I	Nacional Cat. II	Não		4	26	23
J6	Feminino	27	Portuguesa	Licenciatura	Nível I	Nacional Cat. I	Sim.	Responsável Estagiária de HACCP Nova Empresa Alimentar	11	7	6
J7	Feminino	25	Portuguesa	12º Ano	Nível I	Nacional Cat. I	Não		12	8	6
J8	Feminino	34	Portuguesa	Licenciatura	Nível I	Nacional Cat. I	Sim.	Prof. Ed. Física	13	12	13
J9	Feminino	47	Portuguesa	Mestrado	Curso Intern. Trein.	Curso Intercontinental Juízes GAF	Sim.	Prof. Ed. Física	12	6	24
J10	Feminino	64	Portuguesa	Licenciatura		Membro CT/FIG	Sim.	Escritora de Livros Didácticos	15	35	40
J11	Feminino	35	Portuguesa	Licenciatura	Nível I	Internacional - Cat. III	Sim.	Prof. Ed. Física	5	4	15
J12	Feminino	31	Portuguesa	Licenciatura	Nível I	Nacional Cat. I	Sim.	Prof. Ed. Física	4	1	10
J13	Feminino	30	Portuguesa	Licenciatura	Nível I	Nacional Cat. I	Sim.	Prof. Ed. Física	9	6	15

Quadro 43: Caracterização do Grupo de Estudo (continuação)

	2.1 Treinador							
	2.1.2 Papéis desempenhados como treinador				2.1.3 Papel actualmente desempenhado como treinador			
	TJ (Iniciação)	TJ (Aperfeiçoamento)	Treino (Competição)	Treino (Alto Rendimento)	TJ (Iniciação)	TJ (Aperfeiçoamento)	Treino (Competição)	Treino (Alto Rendimento)
T1	X	X	X	X				X
T2	X	X	X	X	X	X	X	
T3	X	X	X	X			X	
T4	X	X	X	X		X	X	X
T5	X	X	X	X		X	X	X
T6			X	X			X	X
T7	X	X	X	X	X	X	X	X
T8	X	X	X	X	X	X	X	

	2.2 Juízes																
	2.2.1 Categoria								2.2.2 Tipo de prova que já pontuou								
	Internacional				Nacional				JO	CM	TM	CE	TI	CN	Taça Port./Dia Olimp.	Outras Provas Nac.	CD
	Cat. I	Cat. II	Cat. III	Cat. IV	Cat. I	Cat. II	Cat. III	Cat. IV									
J1	Cat. I/ A								JO	CM	TM	CE	TI	CN	Taça Port./Dia Olimp.	Outras Provas Nac.	CD
J2			Cat. III/ B										TI	CN	Taça Port./Dia Olimp.	Outras Provas Nac.	CD
J3					Cat. I									CN	Taça Port./Dia Olimp.	Outras Provas Nac.	CD
J4					Cat. I									CN	Taça Port./Dia Olimp.	Outras Provas Nac.	CD
J5						Cat. II							TI	CN	Taça Port./Dia Olimp.	Outras Provas Nac.	CD
J6					Cat. I									CN	Taça Port./Dia Olimp.	Outras Provas Nac.	CD
J7					Cat. I									CN	Taça Port./Dia Olimp.	Outras Provas Nac.	CD
J8					Cat. I									CN	Taça Port./Dia Olimp.	Outras Provas Nac.	CD
J9	Cat. I/ A									CM	TM	CE	TI	CN	Taça Port./Dia Olimp.	Outras Provas Nac.	CD
J10	Cat. I/ A								JO	CM	TM	CE	TI	CN	Taça Port./Dia Olimp.	Outras Provas Nac.	CD
J11			Cat. III/ B									CE	TI	CN	Taça Port./Dia Olimp.	Outras Provas Nac.	CD
J12					Cat. I								TI	CN	Taça Port./Dia Olimp.	Outras Provas Nac.	CD
J13					Cat. I									CN	Taça Port./Dia Olimp.	Outras Provas Nac.	CD

4.1.2 Análise do Grupo de Estudo

Após a exposição do Quadro 43, iremos fazer a sua análise para desta forma realizar uma breve caracterização dos indivíduos por nós entrevistados, que pode ser visualizada em Quadros e em Figuras.

O grupo de estudo (como podemos comprovar pelo Quadro 44 foi constituído por 21 sujeitos ligados à GAF, dos quais oito (38,09%) são treinadores e treze (61,90%) são juízes. Dos entrevistados só quatro (19,04%) são do sexo masculino, que correspondem e representam os treinadores a nível da ginástica feminina, sendo os restantes dezassete (80,95%) do sexo feminino. Este deve-se ao facto de a maioria dos entrevistados serem juízes (do sexo feminino) porque só recentemente alguns indivíduos do sexo masculino começaram a realizar efectivamente o curso de juízes de GAF, pois antigamente só assistiam ao curso para se actualizarem e informarem das novas regras para realizarem o seu planeamento a nível de treino ou então apenas assistiam por mera curiosidade de aprendizagem e actualização acerca da modalidade. Quanto às idades do grupo de estudo, dois (9,52%) dos indivíduos encontram-se no intervalo dos 20 – 25 anos, cinco (23,80%) no intervalo dos 26 – 30 anos, quatro (19,04%) no dos 31 – 35, um (4,76%) no dos 36 – 40 anos, cinco (23,80%) no dos 41 – 45, dois (9,52%) no do 46 – 50, um (4,76%) no do 56 – 60 e por último, um (4,76%) no do 61 – 65. Em relação à nacionalidade vinte (95,23%) são portugueses e um (4,76%) é de nacionalidade chinesa. Relativamente às habilitações literárias dois (9,52%) têm o 12º ano, dez (47,61%) a licenciatura, sete (33,33%) o mestrado e dois (9,52%) o doutoramento, revelando desta forma um nível que podemos considerar bastante razoável a nível das habilitações académicas.

Quadro 44: Principais características dos treinadores e juízes entrevistados

	N	%
FUNÇÃO:		
Treinador	8	38,09%
Juíz	13	61,90%
SEXO		
Masculino	4	19,04%
Feminino	17	80,95%
IDADE:		
20 - 25 anos	2	9,52%
26 - 30 anos	5	23,80%
31 – 35 anos	4	19,04%
36 – 40 anos	1	4,76%
41 - 45 anos	5	23,80%
46 - 50 anos	2	9,52%
56 - 60 anos	1	4,76%
61 – 65 anos	1	4,76%
NACIONALIDADE:		
Portuguesa	20	95,23%
Chinesa	1	4,76%
HABILITAÇÕES ACADÉMICAS:		
12º Ano	2	9,52%
Licenciatura	10	47,61%
Mestrado	7	33,33%
Doutoramento	2	9,52%

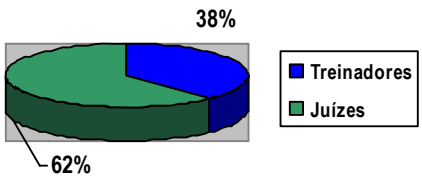


Figura 1: Função exercida

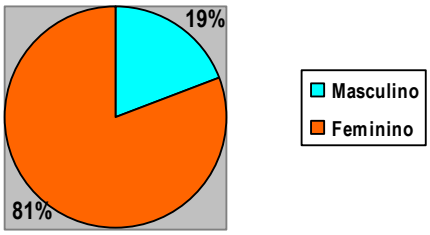


Figura 2: Divisão por sexo

Pela análise da Figura 1, 38% dos indivíduos do estudo são treinadores e 62% são juízes. Os treinadores e os juízes por nós entrevistados são os mais credenciados na actualidade em

termos de currículo, ranking e experiência a nível de treino e de ajuizamento tendo em consideração a realidade gímnica portuguesa.

Na totalidade o grupo de estudo é maioritariamente feminino (81%) e os restantes 19% são masculinos.

Como podemos verificar pela análise do Quadro 45 a média das idades é de 38,19 anos de idade, registando-se um intervalo entre os 25 e os 64 anos.

Quadro 45: Idade

	N	Média	Mediana	Moda	Desvio Padrão	Mínimo	Máximo
Idade	21	38,19	35,00	30	10,496	25	64

No que concerne à nacionalidade, já anteriormente referenciada, 95% são de nacionalidade portuguesa e 5% Chinesa, como se verifica pela análise da Figura 3.

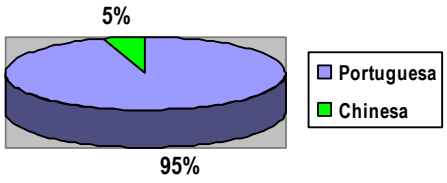


Figura 3: Divisão por Nacionalidade

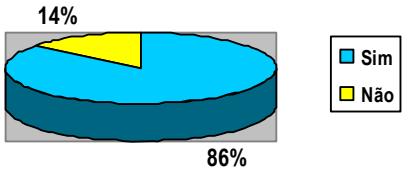


Figura 4: % de indivíduos que exercem uma Actividade Profissional para além da Ginástica Artística

Pela análise da Figura 4, 86% do grupo de estudo exerce uma actividade profissional para além da GA, e só 14% é que não. Isto, de uma forma indirecta confirma que é difícil trabalhar em alto rendimento em Portugal quando os seus profissionais têm de manter uma profissão paralela, umas vezes por opção outras vezes por necessidade.

Em relação às habilitações literárias já expostas na Figura 5, a licenciatura é aquela que mais se destaca com 10 dos indivíduos, sete obtiveram o grau de mestre, dois apresentam o doutoramento e somente dois só concluíram o 12ºano, o que revela uma forte formação a nível do grau académica dos inquiridos em causa.

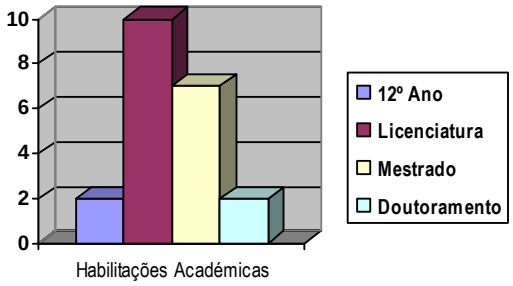


Figura 5: Habilitações Académicas

Já no que concerne à sua formação como treinadores, pela análise da Figura 6 podemos concluir que a maioria possui o nível I (12=57,14%), de seguida temos o nível III (3=14,28%) e tirando o único caso omisso (não nos foi facultada tal informação por um dos entrevistados) todos os restantes revelam um nível de formação diferenciada, formação nível II (1=4,76%), assim como a formação nível III FIG com 4,76% da amostra, tendo as restantes a mesma percentagem. Sendo assim, seguimos com o nível II (realizado na China), o curso internacional de treinadores por um dos elementos da amostra e por fim, um elemento onde somente desempenhou funções de formador devido à sua experiência e por opção de quem organizava as formações. Esta análise em termos de formação de cada um como treinador torna-se um pouco ambígua, visto a maior parte dos entrevistados não ter a certeza absoluta do seu grau de formação, o que faz com que seja uma análise subjectiva e não objectiva como seria o nosso objectivo principal.

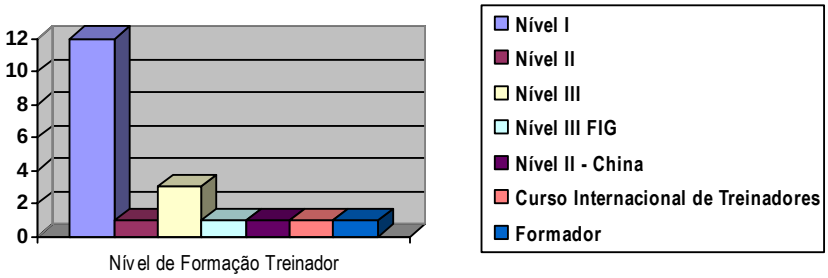


Figura 6: Nível de Formação como Treinador

Já em relação à sua formação como juiz verificamos o seguinte: treze (61,90%) têm formação nacional (doze (57,14%) a nível de GAF e um (4,76%) a nível de GAM)). No que diz respeito às juízes de GAF, onze (52,38%) são de categoria I e uma (4,76%) destes elementos apresenta categoria II a nível nacional (considerada uma categoria inferior no ranking, mas por razões subjacentes ao nosso estudo e que de nada invalida as suas opiniões devido ao seu passado, historial e experiência, consideramos crucial e imprescindível inclui-las no trabalho); os restantes elementos do grupo de estudo têm formação internacional a vários níveis, tais como Internacional A - Curso Intercontinental (2=9,52%), Internacional B (3=14,28%), Internacional – Categoria II GAM (1=4,76%) e Internacional A – Membro do CT/FIG (Comité Técnico/ Federação Internacional de Ginástica) (1=4,76%).

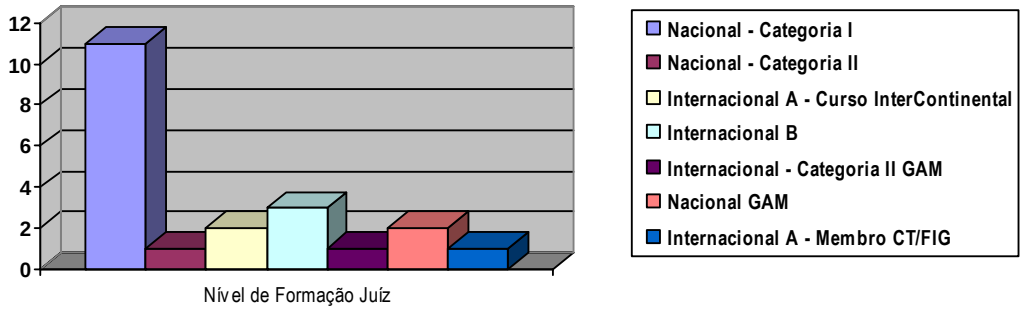


Figura 7: Nível de Formação como Juiz

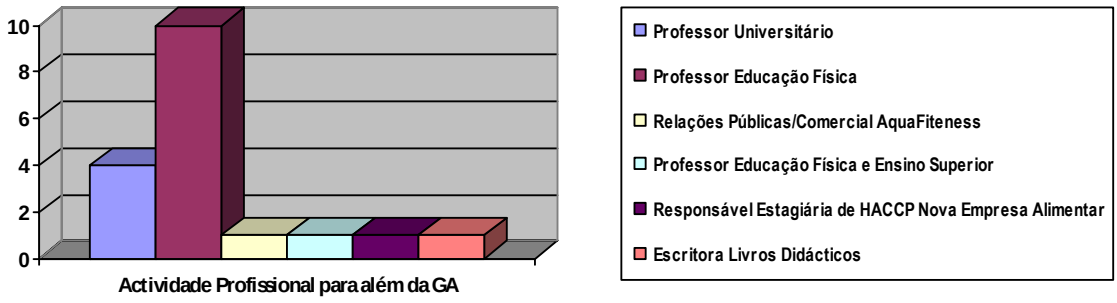


Figura 8: Actividade Profissional para além da Ginástica

Dos dezoito indivíduos do grupo de estudo (86%) que têm actividades paralelas à própria modalidade, somente três (14%) "vivem" (se subsidiam) dos rendimentos da modalidade, e o destaque vai para a categoria profissional de Professor de Educação Física (10=47,6%), seguindo-se a de Professor Universitário, em número de quatro (19%). De seguida iremos

destacar as seguintes actividades profissionais, todas elas com 4,76% (onde somente um elemento da amostra representa cada uma delas): relações públicas/comercial aquafitness, de seguida quer professor de educação física quer professor do ensino superior, depois temos um elemento estagiário responsável da HACCP nova empresa alimentar e por fim uma entrevistada que é escritora de livros didácticos.

Quadro 46: Anos de actividade na GA como atleta

Anos de Actividade na GA como Atleta	N	Média	Mediana	Moda	Desvio Padrão	Mínimo	Máximo
	21	9,62	12,00	13	4,674	0	15

No que diz respeito aos anos investidos pelos indivíduos entrevistados na GA como atleta, podemos afirmar que o nosso grupo de estudo apresenta, como confirmámos pelo Quadro 46, uma média de 9,62 ± 4,674 anos de idade. No entanto, alguns elementos do grupo de estudo não praticaram a modalidade em causa (2=9,52%) e houve um que praticou 15 anos (1=4,76%).

Quadro 47: Anos de actividade na GA como treinador

Anos de Actividade na GA como Treinador	N	Média	Mediana	Moda	Desvio Padrão	Mínimo	Máximo
	21	15,19	13,00	6	9,973	1	35

Pela análise do Quadro 47, em relação aos anos de experiência como treinadores de GA, esta expressa uma média de 15,19 ± 9,973 anos de idade, e por fim há um treinador que só exerce esta actividade há um ano (4,76%) e um também (4,76%) que apresenta um máximo de 35 anos de actividade como treinador de GA.

Quadro 48: Anos de actividade na GA como juiz

Anos de Actividade na GA como Juiz	N	Média	Mediana	Moda	Desvio Padrão	Mínimo	Máximo
	20	16,25	14,50	6	9,014	4	40

No que concerne aos anos de actividade exercidos como juiz, podemos dizer que todos eles exerceram, apesar de ter havido um caso omisso (não nos foi dito os anos de juiz por um - 4,76% dos entrevistados) visto este ter exercido a função na ginástica masculina.

4.1.3 Caracterização do Grupo de Estudo dos Treinadores

Realizando a análise tendo somente em conta os treinadores e os seus pontos de vista, iremos na mesma realizar uma breve caracterização dos indivíduos por nós entrevistados, que pode ser visualizada em Quadros e em Figuras. Sendo assim, são oito o total de treinadores por nós entrevistados dos quais quatro (50%) são do sexo masculino e quatro (50%) do sexo feminino, como se pode comprovar pela Figura 9. Assim como na Figura 10, verificamos que a maioria dos treinadores são de origem portuguesa (7=87%) e apenas um de nacionalidade chinesa (1=13%).

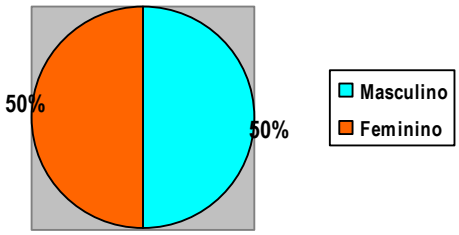


Figura 9: Sexo dos treinadores

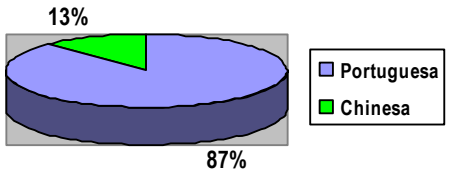


Figura 10: Nacionalidade dos treinadores

Quadro 49: Idade dos treinadores

Idade dos Treinadores	N	Média	Desvio Padrão	Mínimo	Máximo
	8	40,13	5,463	30	46

No que diz respeito às idades dos treinadores estas variam entre os 30 e os 46 anos de idade, perfazendo uma média de 40,13 ± 5,463 anos de idade como podemos constatar pela análise do Quadro 49.

No que concerne às suas habilitações literárias, a Figura 11 indica-nos, já como se verificou na análise global do grupo de estudo, uma forte formação académica dos entrevistados, o que denota uma certa preocupação e importância demonstradas da sua parte a nível deste campo. Daí, que um possui o doutoramento (1=12,5%), depois temos o mestrado (4=50%) que representa metade da amostra dos treinadores e a restante percentagem possui a licenciatura (3=37,5%).

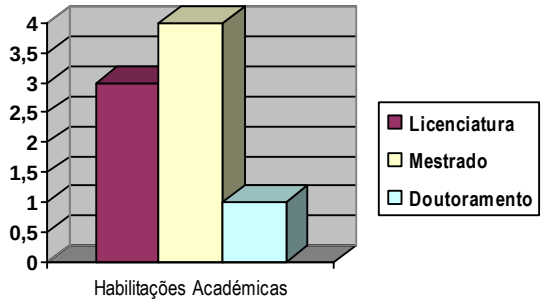


Figura 11: Habilitações Académicas dos treinadores

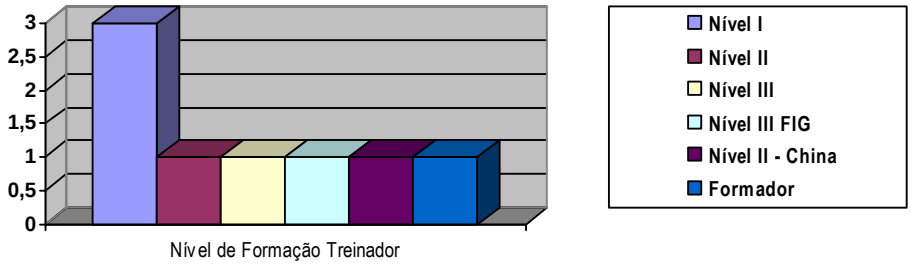


Figura 12: Nível de Formação como Treinador dos treinadores

Relativamente às suas formações como treinadores, alguns deles já realizaram algumas de diferentes tipos e a vários níveis, logo não conseguiram especificar completamente o seu grau (ou nível) de formação como treinador, tendo a maioria dado somente a sua opinião, havendo uma percentagem dos entrevistados que não respondeu com certeza absoluta em relação a este assunto. Mas mesmo assim, pela análise da Figura 12 denotamos que o maior nível de formação por eles apresentado é o nível I (3=37,5%), seguida do nível II (1=12,5%), depois o nível III (1=12,5%), assim como o nível III FIG (1=12,5%), continuando com o nível II realizado na China (1=12,5%) e por fim, o nível de formador (1=12,5%), para o qual este treinador era quase sempre requisitado na maioria das formações como treinador a nível de Portugal.

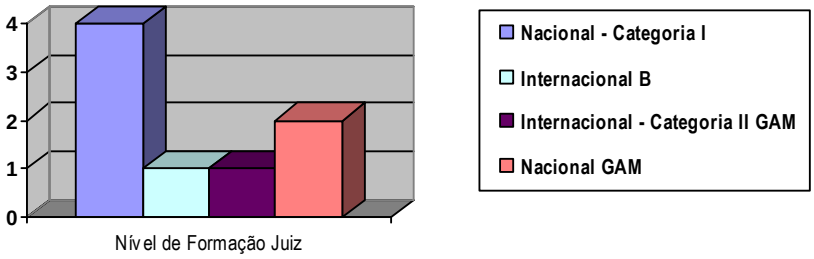


Figura 13: Nível de Formação como Juiz dos treinadores

Pela análise da Figura 13 podemos concluir que todos os treinadores também possuem formação como juiz, havendo várias explicações ou razões para tal facto, dominar e estar cada vez mais "dentro" da modalidade, das suas regras e consequentemente das suas mudanças, mantendo-se desta forma sempre actualizados, o que faz uma certa lógica para a sua preparação anual e quem sabe olímpica, conseguindo desta forma seguir as tendências e a evolução gímnica. Daí que a maioria possui formação de juiz nacional feminina categoria I (4=50%), de seguida temos igualmente a mesma categoria mas na parte masculina, visto haver treinadores masculinos (2=25%, juiz nacional masculino categoria I). A nível internacional uma treinadora (1=12,5%) possui formação internacional categoria B GAF e um treinador possui formação internacional, categoria II GAM (1=12,5%).

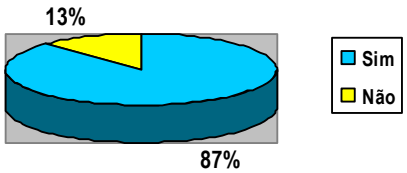


Figura 14: % de treinadores que realizam uma actividade profissional para além da GA

Pela análise da Figura 14 anterior só 13% (1) é que não realiza uma actividade profissional para além da ginástica artística. Devendo-se, talvez, às condições impostas pelo nosso país ou não implementadas, não só a nível económico mas como também a nível do próprio sistema educativo e da própria sociedade e governo, que querem e gostam de obter resultados, mas para os quais não fornecem qualquer tipo de condições, além de dificultarem certas situações em vez de facilitar. Por exemplo, no que diz respeito à disponibilidade dos nossos atletas para treinar devido à sua carga horária escolar ser muito elevada, além de outros factores subjacentes a todos os enunciados. Oitenta e sete por cento do nosso grupo de estudo de treinadores por nós recolhida, tem toda uma actividade profissional para além da GA o que por um lado invalida por completo o pleno sucesso desta, visto o tempo de preparação ser igualmente escasso e muito reduzido, em comparação com outras nações e populações gímnicas.

Na sequência do que acabou de ser dito e observando a Figura 15 que se segue, dos sete elementos (87% dos oito em questão) que possuem uma actividade profissional para além, "paralela" à da GA, destaca-se o de professor universitário (que neste caso se torna bastante vantajoso a nível dos possíveis estudos efectuados e realizados regularmente e com a obtenção de um certo objectivo a nível do treino de alto rendimento) com 3=37,5%, de seguida, e com a mesma percentagem o professor de educação física e por fim, um treinador que realiza como actividade profissional para além da GA a de relações públicas/comercial aquafitness (1=12,5%).

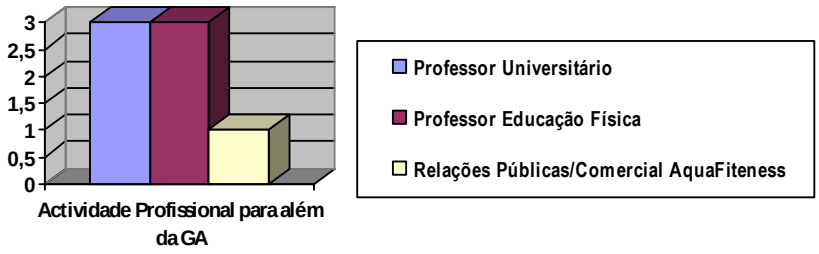


Figura 15: Actividade Profissional dos treinadores para além da GA

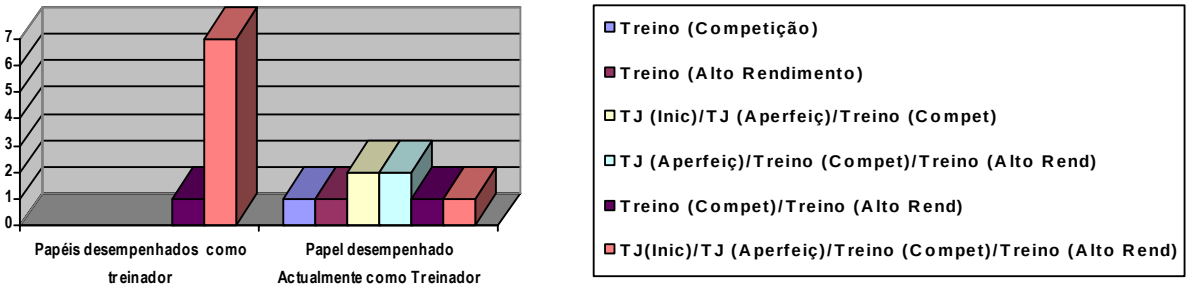


Figura 16: Papel desempenhado e papel actualmente desempenhado como Treinador pelos treinadores

Dos vários níveis de treino que podemos reconhecer enquanto treinadores, no nosso estudo optámos por fazer as seguintes divisões: (1) treino de jovens de iniciação, (2) treino de jovens de aperfeiçoamento, que mais tarde, de uma forma natural será encaminhado para o da competição, (3) treino de competição e por fim (4) treino de alto rendimento (onde inclui selecções ou futuras ginastas com potencial ou provas dadas para posteriores atletas de alto rendimento que já representam (ram) Portugal a nível internacional ou mais cedo ou mais tarde o irão fazer).

Desta forma, pela análise da Figura 16, a anterior, podemos afirmar que temos treinadores bastante conceituados e experientes, quase todos eles (7=87,5%) já passaram por todas as fases de treino, enquanto somente um desempenhou o papel de treinador a nível do treino de competição e do treino de alto rendimento. Logo as fasquias mais altas (12,5%), os restantes, como já foi referido, desempenharam e passaram por todas as fases e níveis até chegar ao alto rendimento (de uma forma progressiva).

Actualmente, temos de tudo um pouco. Vários treinadores a realizar quer iniciação, quer aperfeiçoamento, entre outros… daí que um (12,5%) dos treinadores desempenhe o papel de treinador somente de competição, de seguida outro (1=12,5%) que representa somente o de alto rendimento. Com 25%, temos dois treinadores que desempenham o papel de treinadores de jovens de iniciação, treino de jovens de aperfeiçoamento e treino de competição. Com a mesma percentagem referida anteriormente (2=25%), temos treinadores que representam o treino de jovens de aperfeiçoamento, o treino de competição e o treino de alto rendimento. Depois temos um (12,5%) treinador que neste momento só desempenha o papel de treinador de competição e de alto rendimento, e, por fim, um treinador (1=12,5%) que actualmente representa as quatro fases por nós descritas na elaboração do nosso inquérito: treino de jovens de iniciação, treino de jovens de aperfeiçoamento, treino de competição e treino de alto rendimento.

Quadro 50: Anos de actividade na GA como atleta dos treinadores

Anos de Actividade na GA como Atleta	N	Média	Desvio Padrão	Mínimo	Máximo
	8	9,63	4,838	0	14

Pela análise do Quadro 50 dos treinadores entrevistados, só um deles é que não praticou esta modalidade (desta forma a justificação para 0 anos como mínimo), tendo os restantes praticado em média 9,63 ± 4,838 anos, registando-se um máximo de 14 anos de prática por parte de dois dos treinadores.

Quadro 51: Anos de actividade na GA como treinador pelos treinadores

Anos de Actividade na GA como Treinador	N	Média	Desvio Padrão	Mínimo	Máximo
	8	19,88	5,111	13	30

Já em relação aos anos de actividade na GA como treinador, o Quadro 51 indica-nos que estes treinadores o são no mínimo há 13 anos e no máximo há 30 anos, fazendo desta forma uma média de 19,88 ± 5,111 anos como treinadores desta modalidade, tempo este bastante substancial e significativo. O que nos indica o grau de experiência e conhecimento por parte destes indivíduos e da nossa realidade portuguesa.

Quadro 52: Anos de actividade na GA como juiz pelos treinadores

Anos de Actividade na GA como Juiz	N	Média	Desvio Padrão	Mínimo	Máximo
	7	17	5,132	10	22

No que se refere aos anos de actividade praticada como juiz pelos treinadores na GA, podemos ver através da análise do Quadro 52 que houve um caso omisso. Visto isto, pela observação do Quadro, podemos concluir que a média de anos como juiz é de 17 ± 5,132, com 10 anos no mínimo de prática e um máximo de 22, concluindo desta forma, que de uma forma directa ou indirecta o treino e o ajuizamento estão interligados.

4.1.4 Caracterização do Grupo de Estudo das Juízes

Desta vez, efectuando a análise tendo somente em conta as juízes e os seus pontos de vista, apresentamos uma caracterização dos indivíduos por nós entrevistados, que pode ser visualizada em Quadros e em Figuras. Sendo assim, são treze o total de juízes por nós entrevistados dos quais todos (100%) são do sexo feminino e de nacionalidade portuguesa, como se pode comprovar nas duas Figuras 17 e 18. O facto de antigamente só os indivíduos do género feminino poderem pontuar competições de GAF, limitou e provocou esta comprovação e estes resultados da percentagem da amostra de juízes em termos do sexo.

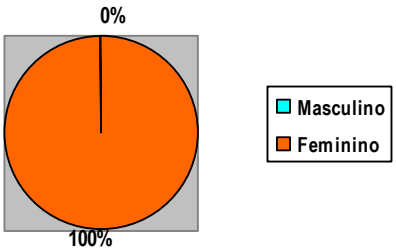


Figura 17: Sexo das juízes

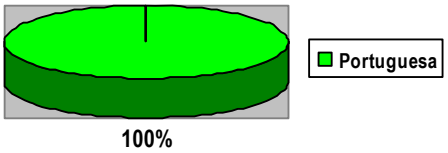


Figura 18: Nacionalidade das juízes

Como podemos ver na Figura 19 que se segue, em relação às habilitações académicas das juízes, estas analisam-se basicamente da mesma forma que foi feito a nível global do grupo de estudo e a nível individual (particularmente para os treinadores) pois nota-se um forte investimento a este nível, apresentam-se, apenas como grau mínimo, a obtenção do ensino secundário (2=15,4%), seguindo-se a licenciatura (7=53,8%) que se destaca claramente, depois o mestrado (3=23,1%) e por fim o doutoramento (1=7,7%).

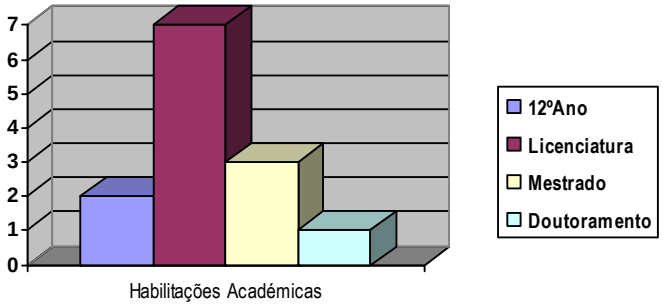


Figura 19: Habilitações Académicas das juízes

Já no que respeita ao nível de formação como treinadores por parte das juízes do grupo de estudo, podemos afirmar pela análise da Figura 20 que se segue que com 69,2% (9) temos o nível I, seguindo-se o nível III com 15,4% (2) e por fim, com 7,7%, uma juiz com o curso internacional e treinadores, não tendo especificado o nível que correspondia.

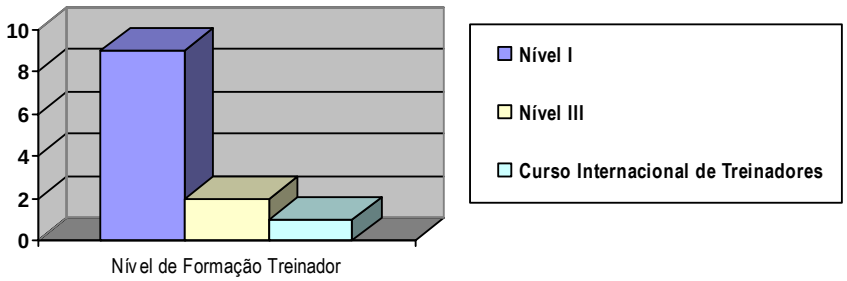


Figura 20: Nível de Formação como Treinador pelas Juízes

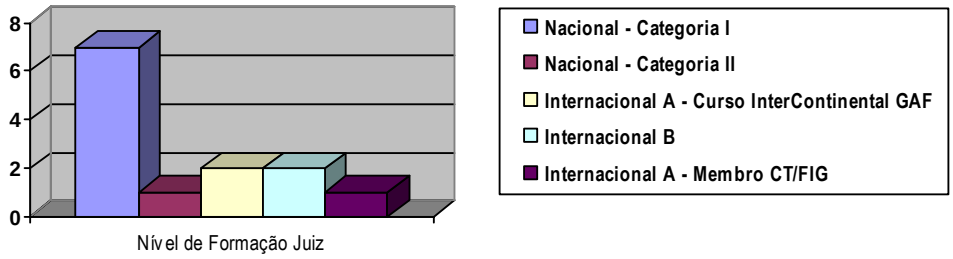


Figura 21: Nível de Formação como Juiz pelas Juízes

Pela análise da Figura 21 anterior, há em primeiro lugar que ressalvar e destacar a participação de uma juiz Internacional A que é ao mesmo tempo membro do CT/FIG e faz parte das juízes de apelo nas provas FIG, o que é uma mais valia para o nosso estudo, não desmerecendo as restantes, que também apresentam um currículo invejável de profunda distinção. Passando desta forma à parte descritiva, podemos dizer que para a concretização do nosso estudo contribuíram juízes com formação nacional categoria I (7=53,8%) e categoria II (1=7,7%), juízes com formação internacional A (curso intercontinental GAF) (2=15,4%), internacional A (membro CT/FIG) (1=7,7%) e internacional B (2=15,4%).

Pela análise da Figura 22, 15% (2) das juízes não realiza qualquer actividade profissional para além da GA, ao contrário do que se verifica com os restantes 85% (11 elementos do grupo de estudo).

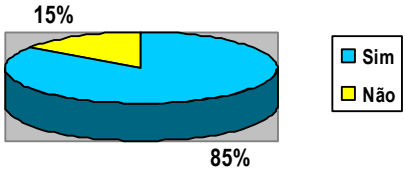


Figura 22: % de juízes que realizam uma actividade profissional para além da GA

Da percentagem de juízes que realiza uma actividade profissional para além da ginástica, podemos observar, pela Figura 23, que a maioria das juízes são professoras de educação física (7=53,8%), depois temos as restantes quatro com profissões diferentes o que faz com que as suas percentagens sejam iguais (1=7,7%), distribuídas da seguinte forma: professora universitária, professora de educação física e do ensino superior, estagiária responsável de HACCP nova empresa alimentar e por fim uma escritora de livros didácticos.

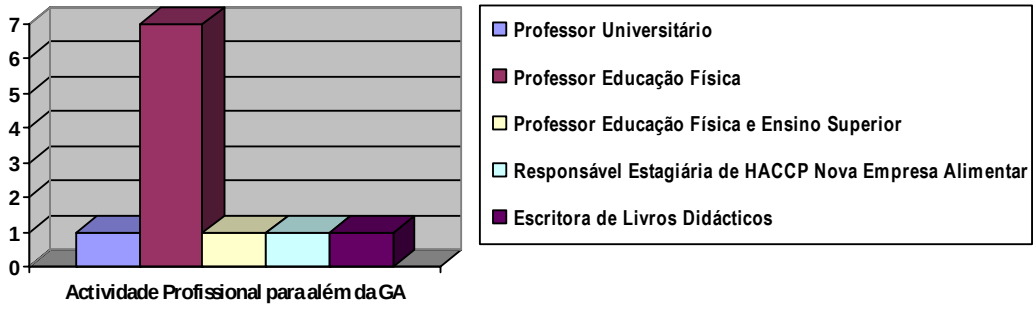


Figura 23: Actividade Profissional das juízes para além da Ginástica

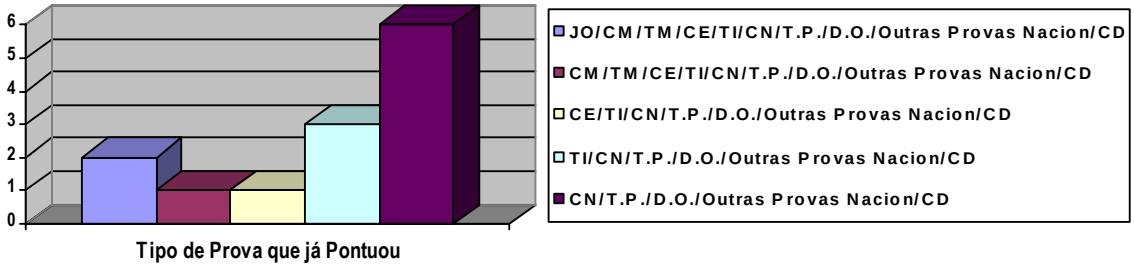


Figura 24: Género de provas já pontuadas pelas juízes

Em relação ao tipo de provas já pontuadas pelas nossas juízes, pela Figura anterior podemos comprovar que é e há um leque muito elevado e variado, o que vem demonstrar a sua experiência e credibilidade para o nosso estudo. Tentando resumir e descrever a Figura podemos dizer que houveram juízes que já foram convocadas para pontuar e pontuaram Jogos Olímpicos, Campeonatos do Mundo, Taças do Mundo, Campeonatos da Europa, Torneios Internacionais, Campeonatos Nacionais, Taça de Portugal, Dia Olímpico, outras provas a nível nacional e campeonatos a nível distrital (2=15,4% da amostra representativa das juízes); depois temos uma juiz (7,7%) que também já pontuou Campeonatos do Mundo, Taças do Mundo, Campeonatos da Europa, Torneios Internacionais, Campeonatos Nacionais, Taça de Portugal, Dia Olímpico, outras provas a nível nacional e campeonatos a nível distrital, faltando-lhe só os tão ambicionados Jogos Olímpicos, ao contrário do que se verificou com as duas juízes anteriores; de seguida, igualmente com 7,7% temos uma juíza que já pontuou tudo (Campeonatos da Europa, Torneios Internacionais, Campeonatos Nacionais, Taça de Portugal, Dia Olímpico, outras provas a nível nacional e campeonatos a nível distrital) com excepção dos Jogos Olímpicos, Campeonatos do Mundo e Taças do Mundo; a partir daqui temos as que pontuaram Torneios Internacionais, Campeonatos Nacionais, Taça de Portugal, Dia Olímpico, outras provas a nível nacional e campeonatos a nível distrital (3=23,1%) e por último as juízes que o tipo de prova que pontuaram até ao momento foram as seguintes, Campeonatos Nacionais, Taça de Portugal, Dia Olímpico, outras provas a nível nacional e campeonatos a nível distrital (6=46,2%).

Daí que pela Figura 25 voltamos a referir a categoria pela qual as juízes estão credenciadas, para de uma forma consistente reforçar o valor pelo qual o nosso grupo de juízes do estudo é composto, a maioria delas é pela categoria I nível nacional (7=53,8%), de seguida temos a categoria A nível Internacional (3=23,1%), seguida da B também de nível Internacional (2=15,4%) e por último a categoria II, nível nacional (1=7,7%). Como já foi referido anteriormente esta última juiz apesar de estar a ocupar a categoria II de nível nacional, de nada invalida as suas opiniões, reflexões e sugestões vista a sua vasta experiência.

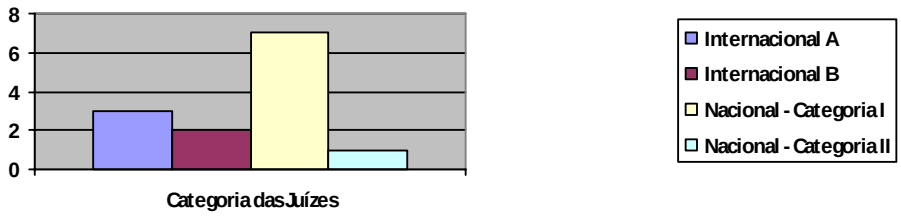


Figura 25: Categoria das juízes

Quadro 53: Idade das juízes

Idade	N	Média	Desvio Padrão	Mínimo	Máximo
	13	37,00	12,734	25	64

Pela análise do Quadro 53 concluímos que a média das idades das juízes é de 37 ± 12,734 anos de idade, está diferença verificada deve-se ao facto de o mínimo de idade ser de 25 anos e o máximo de 64, demonstrando desta forma a grande amplitude de idades existente no nosso grupo de estudo e desta forma, talvez, de opiniões.

Quadro 54: Anos de actividade na GA como atleta das juízes

Anos de Actividade na GA como Atleta	N	Média	Desvio Padrão	Mínimo	Máximo
	13	9,62	4,770	0	15

Em relação aos anos de praticantes da modalidade só uma juiz é que não a exerceu, praticou, daí a existência de um mínimo de zero. O máximo de anos de prática no activo na actividade de GA como atleta foi de quinze anos, registando-se desta forma uma média de 9,62 ± 4,77 anos.

Quadro 55: Anos de actividade na GA como treinador pelas juízes

Anos de Actividade na GA como Treinador	N	Média	Desvio Padrão	Mínimo	Máximo
	13	12,31	11,265	1	35

No Quadro 55 podemos observar os anos de actividade que as nossas juízes tiveram como treinadoras (pois uma coisa não invalida a outra e a maioria das juízes são treinadores ou já o foram, e vice-versa), perfazendo desta forma uma média de 12,31 ± 11,265 anos, um mínimo de experiência como treinadora de somente um ano, e de destacar, o máximo registado, de 35 anos

de actividade como treinadora para além da sua actividade como juiz, o que é algo de louvar e enaltecer a dedicação, carinho e empenho perante esta modalidade que tantos apaixona e fascina pelo seu encanto e beleza.

Quadro 56: Anos de actividade na GA como juiz pelas juízes

Anos de Actividade na GA como Juiz	N	Média	Desvio Padrão	Mínimo	Máximo
	13	15,85	10,723	4	40

Na continuação do que foi referido anteriormente, pela análise do Quadro 56, temos a observação dos anos de actividade na GA como juiz, e perante tal Quadro podemos concluir que a média de anos já é bastante significativa, registando-se 15,85 ± 10,723 anos. O mínimo de anos na actividade foi de quatro anos (o que corresponde a um ciclo olímpico), e o máximo, de salientar mais uma vez, os quarenta anos de actividade exercida nesta modalidade por uma juiz. O percurso como juiz nesta modalidade é complicado e necessita de muito empenho e dedicação, daí o nosso orgulho em todas as nossas juízes que tentam mostrar e realizar o seu melhor para mais cedo ou mais tarde representarem o nosso país da melhor forma possível e que tanto nos orgulham.

Para terminar, das 13 juízes entrevistadas oito encontram-se ligadas ao treino, enquanto as restantes cinco não, como podemos confirmar pela Figura seguinte.

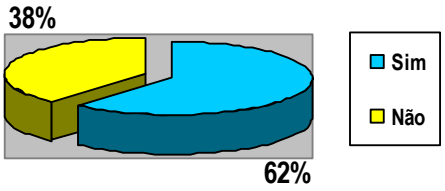


Figura 26: % de juízes que para além da sua actividade como juiz, encontram-se actualmente ligadas ao treino

Pela análise na Figura 26 mais de metade das juízes (62%) estão ligadas ao treino enquanto as restantes (38%) já estiveram, mas actualmente não se encontram ligadas ao treino, mas mesmo assim são resultados com alguma relevância.

4.2. Metodologia

O nosso trabalho é um estudo de âmbito descritivo seguindo uma determinada metodologia específica.

4.2.1 Processo de recolha de dados

Uma das características essenciais num estudo é a necessidade de adequação entre o objecto de investigação e a metodologia a utilizar.

Tendo em conta e levando em atenção a natureza complexa e subjectiva das questões por nós apresentadas, coloca-se a necessidade de uma abordagem tipo qualitativa para nos permitir interpretar e analisar de uma forma mais adequada possível, tendo em conta a riqueza e a singularidade do nosso estudo. Neste sentido, parece-nos que a metodologia mais apropriada para tratar este género de assunto implicará a utilização da técnica de entrevista. Daí que, o instrumento por nós utilizado para a nossa recolha de dados foi a entrevista, mais especificamente, a semi-estruturada.

4.2.1.1 A Entrevista

Esta necessidade por nós sentida, a da realização da entrevista, vai de encontro à definição de entrevista dada por Cervo e Bervian (1996) onde os autores nos dizem que a entrevista não é uma simples conversa, mas é uma conversa orientada para um objectivo definido - recolher, através de um interrogatório ao informante, dados para pesquisa. Assim, recorre-se à entrevista sempre que há necessidade de obter dados que não podem ser encontrados em registos e fontes documentais e que podem ser fornecidos por certas pessoas, de tal forma que esses dados serão utilizados para o estudo de factos, como de casos ou opiniões. Desta forma, para colmatar a "falta" de dados, relativamente ao nosso objecto de estudo, que nem sempre podem ser encontrados através de outros tipos de instrumentos, decidimos realizar o nosso trabalho recorrendo à entrevista. Esta nossa opção parece-nos correcta, uma vez que Cervo e Bervian (1996) consideram que a entrevista é um procedimento adequado quando quisermos completar dados extraídos de outras fontes.

Para Pais (1996) uma das muitas funções de uma entrevista, principalmente no que diz respeito a uma das centrais é a tentativa de atingir aquilo que não pode ser visto ou percepcionado, tendo

como uma das funções principais chegar ao desconhecido, aquilo que ainda não foi visto, pelo menos ao entrevistado.

Uma vez especificada a informação de que necessitávamos, teríamos de decidir qual o tipo de entrevista que forneceria essa informação. Grenenik e Moser, em 1962, citados por Bell (1997), situam os diferentes tipos de entrevistas no que chamam um "*continuum* de formalidade": num extremo, encontra-se a entrevista completamente formalizada, em que o entrevistador se comporta, tanto quanto possível, como uma máquina; no outro extremo, está a entrevista completamente informal, cuja forma é determinada por cada entrevistado.

Para Quivy & Campenhoudt (1998) são três os tipos de entrevista existentes: a não directiva ou não estruturada, a semi-directiva ou semi-estruturada e a directiva ou fechada.

Os autores referem que este tipo de entrevista, a semi-directiva ou semi-estruturada, é uma das mais usadas no âmbito da investigação social e será a que por nós irá ser utilizada. A nossa escolha incide no facto de neste género de entrevista o entrevistado é convidado a responder de forma exaustiva, pelas suas palavras e através das suas referências, a uma ou várias questões gerais caracterizadas pela ambiguidade. Concomitantemente, se por algum factor ou razão específica, ou por vezes não específica, este não responder ou abordar um dos temas de forma tranquila ou natural, quem está a entrevistar o indivíduo poderá ainda colocar uma nova questão ao entrevistado na tentativa de atingir o cerne da questão, "encaminhando-o" ou "conduzindo-o" para este (Ghiglione e Matalon, 1993).

No nosso estudo, optámos por realizar uma entrevista de tipo semidirectivo ou semi-estruturado que, segundo Quivy e Campenhoudt (1992), é certamente a entrevista mais utilizada em investigação social. É semidirectiva no sentido em que nem é inteiramente aberta, nem encaminhada por um grande número de perguntas precisas. Geralmente, o investigador dispõe de uma série de perguntas-guia, relativamente abertas, a propósito das quais é imperativo receber uma informação da parte do entrevistado, mas não colocará todas as perguntas necessariamente na ordem em que as anotou e sob a formulação prevista, deixando ser, tanto quanto possível, o entrevistado a falar para que este possa expressar aberta e livremente as suas opiniões, com as palavras que desejar e na ordem que lhe convier. O investigador esforçar-se-á simplesmente por reencaminhar a entrevista para os objectivos, cada vez que o entrevistado deles se afastar, e por colocar as perguntas às quais o entrevistado não chega por si próprio, no momento mais apropriado e de forma tão natural quanto possível. Assim, na

entrevista, procurámos não interferir para não influenciar a narrativa, só o fazendo para o caso de algum dado não parecer ou não ser claro quanto ao seu significado. De salientar que optámos por gravar as entrevistas para serem, posteriormente, transcritas na íntegra.

Devemos ainda referir que as entrevistas se realizaram seguindo a proposta ou o convite do entrevistado, pelo que algumas delas foram efectuadas na residência do próprio entrevistado, outras nos locais de trabalho, mas tudo sugerido pelos próprios entrevistados, ou algumas, indirectamente, aconselhadas ou propostas por nós. De acrescentar, ainda, que o acolhimento dos pedidos de entrevista foi sempre positivo e de expressa disponibilidade, não obstante a sobrecarga de tempo que a recolha implicou.

Segundo Cachada (2003), a entrevista é uma das técnicas de recolha de dados utilizadas na investigação qualitativa. Consiste na forma oral de inquérito e permite a recolha de opiniões e ideias dos entrevistados sobre determinado tema. O objectivo fundamental é o de perceber qual a opinião dos entrevistados sobre o assunto que está a ser investigado ou abordado.

Segundo Denzin (2000), a entrevista é uma das formas mais poderosas e comuns através da qual procuramos entender o ser humano. Vivemos numa sociedade de entrevista, cujos membros acreditam que a entrevista pode gerar informação importante sobre experiências vividas e dos seus significados.

Costa (1991) lembra-nos ainda que a entrevista permite o emprego de competências cognitivas interpessoais sendo os sujeitos colocados numa situação em que falam da sua vida, que tão bem conhecem, não sendo confrontados com conteúdos que ou têm de ser verdadeiros ou falsos.

Em relação às entrevistas semi-estruturadas, estas são formais, directivas e as questões colocadas são, também elas, semi-estruturadas. Este tipo de entrevistas serve de base à recolha de informação individual, no sentido de estar a ser tomada como uma amostra da realidade. Neste tipo de entrevistas, tanto o pesquisador como o entrevistado, oferecem mútua compreensão bem como mútuo suporte. Ao utilizar as entrevistas semi-estruturadas tivemos, ainda, a possibilidade de obter alguns dados comparáveis entre os entrevistados.

Para Quivy e Campenhoudt (1998) uma entrevista semi-estruturada, como não é completamente aberta nem fechada, é desta forma habitual o investigador colocar um conjunto de perguntas-

guia, de cunho relativamente aberto, sobre as informações as quais o entrevistador pretende obter e recolher. Como já foi referido deve-se, dentro de um certo limite, deixar o entrevistado falar da forma mais aberta possível sobre o assunto e o tema que se está a abordar e tratar, deixando-o falar pelas suas palavras e com as que quiser e entender, devendo, o entrevistador, simplesmente conduzir e direccionar a entrevista para os objectivos que se pretende atingir e estudar, pois no decorrer no seu discurso, por vezes estes tendem a afastar-se um bocado destes. Assim, justifica-se desta forma a necessidade e as funções exercidas por um guião/orientador, que se torna e funciona como um enquadramento e faz com que haja maior precisão. Quando nos referimos ao enquadramento estamos a falar no sentido de não deixar o narrador fugir ou sair do campo de pesquisa; e precisão na medida em que o narrador não fornece de forma natural o pedido de informação (Poirier *et al*., 1999).

Como já dissemos, as entrevistas foram realizadas individualmente no local escolhido pelos entrevistados e de acordo com as suas disponibilidades pessoais e profissionais.

Segundo Sacks (1992), não é correcto confiar unicamente nas notas recolhidas bem como na memória que se tem da entrevista. Deste modo, o autor, recomenda o uso da gravação áudio e a respectiva transcrição. Assim sendo, as entrevistas foram gravadas por sistema de gravação digital (armazenadas no computador), transcritas na íntegra e as gravações conservadas para posterior tratamento analítico, nomeadamente através da análise do seu conteúdo, de acordo com Bardin (1995) e Grawitz (1993).

E foi sobre a transcrição das entrevistas, devidamente autorizada bem como submetida ao próprio, que se procedeu então à análise de conteúdo das mesmas, de acordo com os princípios já anteriormente referenciados.

Neste estudo, no sentido de procurar cumprir os objectivos propostos, optámos por sujeitar a uma análise de conteúdo do tipo confirmatório um conjunto de questões sobre o CP bem como a transcrição das entrevistas aos indivíduos do grupo de estudo.

De um modo muito sumário, e porque não podem deixar de ser tidas em conta na técnica da entrevista, vamos fazer uma breve referência às principais fontes de erro.

No processo de entrevista, de acordo com Vicente *et al.* (1996), o entrevistador e o entrevistado podem ser potenciais fontes de erro, de tal modo que a interacção que se estabelece entre os

intervenientes é muitas vezes determinante de uma boa ou má entrevista. Cada pessoa tem um determinado *background* de características e predisposições psicológicas para a entrevista: enquanto algumas dessas características são rapidamente observáveis como a raça ou o sexo, outras não são tanto. Contudo, tanto entrevistador como entrevistado, com base nas percepções iniciais que cada um tem do outro, formarão atitudes e expectativas. Também a entrevista é um processo interactivo e tanto o entrevistador como o entrevistado captam e reagem aos comportamentos específicos do outro e a partir de um comportamento do entrevistador ou do entrevistado, o outro percebe esse comportamento de tal modo que o faz desenvolver uma atitude dessa percepção.

Assim, entrevistador e entrevistado são potenciais fontes de erro. Do lado do entrevistado, os erros surgem por incapacidade de resposta às questões colocadas ou à falta de vontade em responder com precisão, levando a respostas ambíguas que acabarão por não ir ao encontro do objectivo da pergunta. Do lado do entrevistador, tanto as características que lhe são inerentes como pessoa, como a forma como desempenha o seu papel de entrevistador são factores que podem levar ao erro. Daí afirmarmos que nas entrevistas que fizemos tentámos evitar as possíveis fontes de erro apontadas por diversos estudiosos da matéria.

Para a construção e validação do instrumento de pesquisa, seguimos Garcia (2006) que nos diz e apresenta os oito passos a seguir para a validação de uma entrevista semi-estruturada: (I) a realização de uma revisão bibliográfica exaustiva a fim de isolar as grandes categorias de onde sairão as perguntas a realizar na entrevista; (II) a elaboração de um primeiro modelo de entrevista; (III) a sujeição desse modelo a um corpo de peritos; (IV) seguida da introdução das alterações sugeridas por esses mesmos peritos; (V) depois realizar entrevistas a elementos do universo do estudo a fim de verificar o grau de compreensão destes relativamente às perguntas e do grau de adequação das respostas às expectativas do pesquisador; (VI) executar uma discussão dos resultados obtidos com o corpo de peritos que entenderá, ou não, introduzir novas alterações ao modelo; (VII) e caso haja necessidade de alterações, proceder a partir do n.º 4, quantas vezes forem necessárias; (VIII) e por fim, caso não sejam necessárias alterações, passar à fase de aplicação da entrevista.

A construção do guião para a entrevista adveio da revisão da literatura e da experiência como atleta, treinadora e juiz. A elaboração deste guião teve duas fases, passando de uma primeira versão para uma segunda, já definitiva, as quais poderão ser consultadas em Anexo.

Depois foram seleccionados dois sujeitos, um treinador e outro juiz, a quem foi aplicada a primeira versão do guião da entrevista no sentido de verificar, sobretudo, se havia um entendimento absoluto de todos os factores apresentados, e com o objectivo de aperfeiçoar o guião inicial, construindo um definitivo para a efectivação final das entrevistas alvo de análise para o estudo. Inicialmente verificamos que as questões inicialmente formuladas se mostraram insuficientes e por vezes inadequadas, tendo sido prontamente corrigidas e aprovadas.

Após este procedimento, aplicámos a entrevista, a fim de se aferir se o guião da mesma estaria de acordo com os nossos objectivos e iria de encontro às questões que pretendíamos analisar: concretamente, até que ponto as alterações induzidas pelo novo CP influenciam a metodologia de treino e o ajuizamento e qual a sua opinião relativamente a este novo CP.

A transcrição destas entrevistas podem ser consultados nos Anexos, bem como o guião final da entrevista e que foi por nós utilizado neste estudo.

Após as pequenas correcções realizadas e depois da aplicação das entrevistas, e sendo os sujeitos a quem estas foram aplicadas bastante conceituados e entendidos no assunto, o grupo de peritos decidiu não realizar uma segunda etapa de entrevistas para validação do guião da entrevista pois ficou satisfeito o binómio pergunta/resposta.

Após a aprovação por parte dos peritos, finalmente, passámos à aplicação (em concreto) das entrevistas, solicitando desta forma, a todos os sujeitos do grupo de estudo que respondessem às questões por nós formuladas de forma coerente, sincera e objectiva.

Para Hill & Hill (2005) é de extrema importância e utilidade a explicação aos entrevistados do verdadeiro objectivo da entrevista. Tal explicação tende a aumentar a boa vontade do correspondente e dessa forma criar uma atitude mais cooperante pois leva o entrevistado a pensar que o *expert* no tema é ele/ela e que o investigador quer aprender com ele. Os mesmos autores indicam que durante a realização da entrevista, o investigador deve estar completamente à vontade, não se retrair e não ter medo de pedir qualquer tipo de esclarecimentos/informações um bocado mais detalhadas se assim for necessário. Mas, o mais importante, é que as questões sejam introduzidas de maneira "neutra", além de que, sempre que possível, é útil a gravação das entrevistas pois torna-se muito mais fácil na análise da informação recolhida que posteriormente deve ser estudada por meio de uma observação simples de conteúdo. "Este tipo de análise é um processo de codificação dos dados das entrevistas…" (Hill & Hill, 2005, pag. 75).

Todas as entrevistas foram realizadas durante o mês de Março, estando todas elas transcritas na íntegra nos Anexos.

Procurámos com as entrevistas obter as respostas livres dos sujeitos, utilizando praticamente e preferencialmente questões abertas. Estas não sugerem respostas, permitindo que os elementos do grupo de estudo se expressem revelando o que é mais importante para eles e identificar quadros de referência e influências motivacionais complexas.

Segundo Hill & Hill (2005) há dois tipos de perguntas: abertas e fechadas. Perguntas abertas, as que requerem uma resposta construída, construtiva e respondida pelo entrevistado, ou seja, a pessoa responde com as suas próprias palavras; perguntas fechadas, requerem, neste caso, que o respondente tenha de escolher entre respostas alternativas fornecidas pelo autor. Os dois tipos de perguntas têm vantagens e desvantagens. As vantagens das abertas é que podem dar mais informação, muitas das vezes dão informação mais "rica" e detalhada e por vezes dão informações inesperadas; as das fechadas, é que são fáceis de aplicar e também faculta as análises estatísticas para estudar as respostas, além de muitas das vezes ser possível examinar os dados de maneira sofisticada. No tocante às desvantagens das duas, em relação às abertas, muitas vezes as respostas têm de ser "interpretadas", é preciso muito tempo para codificar as respostas, sendo normalmente preciso utilizar pelo menos dois avaliadores na "interpretação" e codificação das respostas sendo estas muito mais difíceis de analisar de maneira estatisticamente sofisticada e também a análise requer muito tempo; já em relação às perguntas fechadas, as desvantagens são o facto de por vezes a informação das respostas ser pouco "rica" e por vezes as respostas também conduzem a conclusões simples demais.

As questões fechadas, segundo Albarello *et al.* (1995), não devem comportar qualquer ambiguidade e devem ser de fácil compreensão. Apresentam, no entanto, o perigo de ditarem ou induzirem uma resposta, dado não permitirem qualquer variante. Cervo e Bervian (1996) referem que este tipo de questões são padronizadas, fáceis de codificar e de analisar.

Ferreira (2000) afirma que as questões abertas se tornam mais motivantes porque vão permitir que os entrevistados exprimam livremente as suas opiniões assim como as suas atitudes, não os "obrigando" a optar por uma resposta qualquer dentro de um conjunto de opções que podem ser consideradas insatisfatórias ou pouco adequadas.

As questões abertas surgem quase sempre de um contexto e recorrem à memória. Têm respostas com uma grande variabilidade e, consequentemente, são de maior dificuldade de analisar e codificar.

Foddy (1996) refere que os principais efeitos de formato associados às perguntas fechadas são os seguintes: tendência para preferir os valores intermédios da escala de avaliação proposta; tendência para optar por respostas socialmente mais aceitáveis ou desejáveis; tendência para escolher a resposta que se lê em primeiro lugar; tendência para privilegiar a última opção da resposta que se ouve; e, por fim, tendência para que as avaliações sejam afectadas pelos últimos tópicos ou pelos limites de referência.

Relativamente aos pressupostos subjacentes à utilização de perguntas fechadas, aquele mesmo autor refere que os inquiridos consideram as perguntas fechadas mais fáceis de responder (para além de ajudar os inquiridos a decidirem qual o tipo de resposta apropriado, os conjuntos pré-fornecidos de opções de resposta funcionam, inevitavelmente, como indicações que auxiliam as respectivas memórias, avançando informação que de outro modo seria provavelmente esquecida) e mais fáceis de analisar (a pretensão de que as perguntas fechadas produzem informação mais facilmente analisável do que as abertas é um facto, uma vez que as respostas dos inquiridos estão condicionadas por opções de resposta pré-estabelecidas e apresentando, por isso, menos diversidade).

Para a realização do nosso estudo optamos por perguntas abertas de forma a aproveitar as vantagens que estas nos oferecem e que já foram anteriormente por nós expostas.

No nosso estudo aparecem algumas respostas dos nossos entrevistados como “não sei”, não tendo estas sido incluídas no guião da nossa entrevista, mas segundo Hill & Hill (2005, pág. 131) “por vezes torna-se aconselhável (ou necessário) incluir a resposta “Não Sei” em algumas perguntas. Normalmente, isto acontece em perguntas que requerem um conhecimento específico do respondente sobre o tema da pergunta. É assim muito importante evitar incluir a resposta “Não Sei”…”

4.2.1.2 Procedimentos

De seguida iremos referir os procedimentos que foram efectuados.

Começámos por contactar os sujeitos que pretendíamos utilizar no nosso trabalho, explicando os objectivos e o âmbito do nosso estudo e pedindo-lhes autorização para realizar a entrevista. Depois de recebida a resposta, solicitámos autorização para a marcação do dia, hora e local, voltando a referir que a entrevista iria ficar registada em modo áudio, pois a entrevista iria ser gravada para posteriormente ser transcrita na sua totalidade, tendo obtido, igualmente, uma resposta positiva.

Quanto à administração das entrevistas, procedemos à sua recolha durante o mês de Março de 2007, ou seja, durante grande parte do período pré-competitivo. A metodologia utilizada foi sempre a mesma.

Em relação às condições de realização das mesmas, o tempo médio de duração de cada entrevista foi de vinte minutos, tendo-se apresentado e verificado uma variação e uma oscilação de cinco a trinta e cinco minutos (o mínimo registado foi de cinco minutos e o máximo de trinta e cinco minutos). Já em relação às transcrições das entrevistas, podemos dizer que a duração média verificada para a transcrição destas foi de sete horas, variando entre as cinco e dez horas de transcrição (cinco horas o mínimo e dez horas o máximo).

Para terminar, e como já referimos várias vezes, devemos salientar que tentámos sempre, quer junto dos Treinadores, quer junto dos Juízes que contactámos, transmitir a ideia de três princípios fundamentais subjacentes à realização das entrevistas e que são defendidos por Wolf (1988): dar informação sobre a natureza, os objectivos e a realização da entrevista; pedir a colaboração do sujeito; e garantir o anonimato e a confidencialidade.

Quanto à utilização da entrevista e para a concretização do nosso propósito, decidimos, com base numa análise minuciosa e detalhada, entrevistar oito Treinadores e treze Juízes, uma vez que este número nos parece equilibrado se tivermos em conta o princípio de que tínhamos dois grupos de estudo e tendo em conta a realidade portuguesa. Além de, igualmente, ter em consideração as características dos sujeitos.

No final todas as entrevistas foram transcritas e os textos resultantes foram posteriormente analisados.

Finalmente, passámos à análise das entrevistas realizadas, utilizando, para tal, a técnica de análise de conteúdo.

Foi realizada a Análise de Conteúdo da transcrição das entrevistas aos responsáveis pela parte do treino e do ajuizamento, concretamente, treinadores e juízes, de GAF em Portugal.

4.2.2 Processo Analítico

4.2.2.1 Análise de Conteúdo

Smith (1987) considera que a análise de dados de uma investigação qualitativa é altamente complicada e tem sido um tema polémico entre diversos autores, na medida em que, para além da diferente perspectiva teórica adoptada pelos investigadores, as técnicas de recolha de dados são diversificadas, levando cada uma delas a problemas específicos, e exigindo métodos de análise de conteúdo próprios, mas sobre os quais não existe ainda consenso, quer no que respeita ao processo de identificar o conhecimento de um indivíduo a partir de um extracto oral ou escrito, quer de o representar.

Quivy & Campenhoudt (1992, p. 225) consideram que "melhor do que qualquer outro método de trabalho, a análise de conteúdo (ou pelo menos algumas das suas variantes) permite, quando incide sobre um material rico e penetrante, satisfazer harmoniosamente as exigências do rigor metodológico e da profundidade inventiva, que nem sempre são conciliáveis".

Bardin (1977, p. 9) considera que "a análise de conteúdo oscila entre os dois pólos do rigor da objectividade e da fecundidade da subjectividade".

Ainda de acordo com o autor anterior a análise de conteúdo é um processo que procura investigar qualquer tipo de comunicação. Bardin (1977, p. 33) generaliza o termo e afirma que "tudo o que é dito ou escrito é susceptível de ser submetido a uma análise de conteúdo" procurando-se, desta forma, conhecer o lado "oculto" das palavras, onde para isso se concretizar, se utilizam procedimentos sistemáticos, evidenciando os indicadores que permitam inferir sobre uma outra realidade, com o objectivo de fornecer mais informações ao leitor crítico da mensagem (Ferreira, 2000).

Bardin (1977) designa o termo análise de conteúdo como sendo um conjunto de técnicas de análise das comunicações com a finalidade de alcançar, por meios, acções e procedimentos

sistemáticos e objectivos da descrição do conteúdo das mensagens, indicadores. Estes (quantitativos ou não) permitem a inferência de conhecimentos e informações relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens.

Segundo Berelson (1952, 1968) cit. Carmo e Ferreira (1998), a análise de conteúdo é considerada como sendo uma técnica de investigação, pois possibilita realizar uma descrição objectiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto nas comunicações, tendo por objectivo a sua interpretação. Analisando esta definição, podemos dizer que é objectiva, porque a análise deve ser efectuada de acordo com determinadas regras, obedecer a instruções suficientemente claras e precisas para que investigadores diferentes, trabalhando sobre o mesmo conteúdo, possam obter os mesmos resultados; é sistemática, porque a totalidade do conteúdo deve ser ordenado e integrado em categorias previamente escolhidas em função dos objectivos que o investigador quer atingir, e é quantitativa, na medida em que na maior parte das vezes é calculada a frequência dos elementos considerados significativos.

Utilizando uma definição mais recente de análise de conteúdo, Bliss *et al* (1983 cit. Martins, 1989), refere que uma análise de conteúdo é um esforço de dar a conhecer algumas ideias e noções dos dados, pelo menos a quem estiver envolvido ou sensibilizado com a investigação. Neste contexto, entendemos por análise de dados os procedimentos que podemos usar para dar significado aos milhares de frases registadas durante a recolha dos dados, isto é, e mais especificamente, a análise de dados, segundo Glaser e Strauss (1967), refere-se ao processo que tem como consequência identificar temas e construir hipóteses sugeridas pelos dados e procurar evidências para tais temas e hipóteses.

Assim, e de acordo com Martins (1989), podemos dizer que por aplicação de um método de análise de conteúdo das respostas, o investigador constrói conceitos sobre aquilo que julga serem as ideias dos sujeitos e categorias de resposta, de tal modo que esses conceitos são os resultados da investigação.

Depois da definição dos objectivos da análise de conteúdo, passámos à escolha dos documentos que vão ser sujeitos a análise, isto é, ao *corpus* ou conjunto de documentos escolhidos para se proceder posteriormente à análise: transcrições das entrevistas.

Após estas etapas, passámos à definição de categorias que, segundo Grawitz (1993), são rubricas significativas, em função das quais o conteúdo será classificado e eventualmente

quantificado; estas categorias podem provir de duas fontes: do próprio documento em análise (por exemplo, das respostas no caso de se tratar de uma entrevista) e de um certo conhecimento geral do domínio a que diz respeito. Um problema que esta categorização pode apresentar diz respeito ao número de categorias, já que estas não devem ser numerosas, nem demasiadamente pormenorizadas ou, pelo contrário, serem em número insuficiente e demasiadamente englobantes e, por conseguinte, de fronteiras imprecisas.

Depois da definição de categorias torna-se necessário proceder à definição de três tipos de unidades: 1) unidade de registo, que é o segmento mínimo de conteúdo que se considera necessário para poder proceder à análise, colocando-o numa dada categoria; a escolha desta unidade de registo depende dos objectivos estabelecidos e do quadro teórico orientador da investigação; 2) unidade de contexto, que constitui o segmento mais longo de conteúdo que o investigador considera quando caracteriza uma unidade de registo, sendo a unidade de registo o mais curto (por exemplo, se a palavra for considerada a unidade de registo, a unidade de contexto poderá ser a frase); é importante considerar a unidade de contexto para assegurar a fidelidade e a validade da análise, uma vez que unidades de registo e de contexto muito longas levantam dificuldades à sua validade interna; 3) unidade de enumeração, que é a unidade em função da qual se procede à quantificação.

Não podemos deixar de fazer referência à fidelidade e à validade da análise de conteúdo.

A fidelidade, segundo Carmo e Ferreira (1998), diz respeito ao problema de garantir que diferentes codificadores cheguem a resultados idênticos (fidelidade intercodificadores) e que um mesmo investigador, ao longo do trabalho, aplique de forma igual os critérios e codificação (fidelidade intracodificador). De acordo com Martins (1989), a fidelidade de uma análise depende da sua capacidade de poder ser repetida levando aos mesmos resultados. Para tal, não podemos esquecer que um segundo analista só deverá poder comparar os seus resultados com os do primeiro se tiver usado o mesmo método de análise; assim, a fidelidade está relacionada com a extensão em que a análise explicita operacionalmente os seus princípios de actuação, isto é, a possibilidade que ela apresenta de ser comunicada.

A validade, de acordo com Carmo e Ferreira (1998), refere-se àquilo que o investigador pretendia medir; assim, uma análise de conteúdo será válida quando a descrição que se fornece sobre o conteúdo tem significado para o problema em causa e reproduz fielmente a realidade

dos factos. A validade, segundo Martins (1989), depende da aceitabilidade dos resultados, quer por outros investigadores, quer pelos seus potenciais utilizadores.

Segundo Cachada (2003), a análise de conteúdo por nós utilizada, é uma técnica muito usada nas ciências sociais e humanas. O objectivo fundamental desta técnica de tratamento de informação é o de perceber a essência das mensagens contidas em documentos ou no discurso de alguém.

Para concretizar este nosso estudo recorremos à análise de conteúdo, uma vez que esta técnica facilita as pesquisas que se reportam à investigação empírica, tendo ainda como vantagem permitir trabalhar sobre entrevistas, sem dúvida, uma fonte preciosa que, de outra forma, não poderiam por nós ser utilizadas no nosso estudo (Vala, 1986).

A análise de conteúdo é uma das técnicas de tratamento de informação mais utilizadas na investigação empírica no âmbito das diferentes ciências sociais e humanas uma vez que, como refere Vala (1986, p. 104), o objectivo da análise de conteúdo é "efectuar inferências, com base lógica explicitada, sobre as mensagens cujas características foram inventariadas e sistematizadas" e que Bardin (1995, p. 42) define como sendo "um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objectivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens", isto é, que permitam descrever e inferir sobre o conteúdo das mensagens. Trata-se, pois, de uma técnica e não de um método que tem a vantagem de "poder exercer-se sobre material que não foi produzido com o fim de servir a investigação empírica" (Vala, 1986, p. 107) o que permite recorrer a material não estruturado, nomeadamente, entrevistas (idem).

Ainda, segundo Bardin (1995) a análise de conteúdo desempenha duas funções. Com a função heurística estabelece-se uma descoberta e uma exploração do material e com a função de administração de prova confirmam-se ou não as hipóteses ou afirmações provisórias.

4.2.3 *Corpus*

Numa primeira fase, definida por Bardin (1995) de pré-análise, procedemos à escolha dos documentos a analisar. Desta forma, o *corpus* do nosso estudo, isto é, o conjunto de documentos a ser objecto de análise, é constituído por:

a) Transcrições das entrevistas efectuadas ao grupo de estudo, nomeadamente, aos vários intervenientes da GAF em Portugal, nomeadamente os Treinadores que trabalham no Alto Rendimento e lidam directamente com o CP FIG e são responsáveis pela parte do treino, e às Juízes que trabalham com os CP ao longo dos vários ciclos olímpicos e que se destacam no ranking de juízes e são responsáveis pela parte do ajuizamento.

A nossa escolha incidiu nestes documentos tendo em consideração que o nosso objectivo de estudo é saber quais os efeitos deste novo CP (das modificações sofridas) na alteração da metodologia de treino e ajuizamento, parecendo-nos que a análise destes documentos é fundamental, para desta forma analisar concretamente, até que ponto as alterações induzidas pelo novo CP influenciam a metodologia de treino e o ajuizamento e qual a sua opinião relativamente a este novo CP.

A constituição do *corpus* de estudo é uma etapa relacionada com a escolha e selecção do material a analisar. Para a sua concretização, segundo Bardin (1977)), deveremos respeitar quatro regras na escolha e selecção do *corpus*: a) a regra da exaustividade, que implica que após a recolha de informações e constituição o *corpus* de estudo, nenhum dos seus elementos possa ser excluído; b) a da representatividade, que pressupõe a utilização de um grupo de estudo representativo do universo global em estudo para que os resultados obtidos possam, até certo ponto, ser generalizados; c) a da homogeneidade, que implica uma recolha de documentos e informações efectuada de modo uniforme; d) a da pertinência, em que as informações recolhidas têm de ser coerentes com os objectivos em análise.

Por conseguinte, esta pareceu-nos a forma mais adequada de podermos dar resposta aos "problemas" por nós colocados.

4.2.4 Sistema Categorial

Neste estudo, no sentido de procurar cumprir os objectivos propostos, optámos por sujeitar a uma análise de conteúdo do tipo confirmatório a transcrição das entrevistas anteriormente referidas.

Assim sendo, foi definido a *priori* um sistema categorial, tendo como ponto de partida a revisão da literatura, os objectivos e o guião das entrevistas.

Interessa pois, neste momento, proceder à categorização que, no fundo, não é mais do que uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto, por diferenciação e, de seguida, por reagrupamento segundo o género, com os critérios previamente definidos. As categorias são rúbricas ou classes, as quais reúnem um grupo de elementos sob um título genérico, agrupamento esse efectuado em razão dos caracteres comuns desses mesmos elementos (Bardin, 1995).

No decurso da organização da codificação é fundamental proceder à escolha das unidades de análise, das regras de enumeração e das categorias. Importa ainda perceber como é que estas categorias se expressam nas entrevistas que iremos mais à frente, analisar, ou seja, que palavras é que evidenciam cada uma das categorias (unidade de registo) e em que contexto (unidade de contexto).

Segundo Bardin (1995, p. 104) a unidade de registo "é uma unidade de significação e corresponde ao segmento de conteúdo a considerar como unidade de base, visando a categorização e a contagem frequencial", em que geralmente são utilizadas quer a "palavra" quer o "tema". Ainda segundo o mesmo autor (Bardin (1995), p. 107) a função da unidade de contexto é a de facilitar a compreensão na codificação da unidade de registo correspondendo "ao segmento de mensagem cujas dimensões (superiores à unidade de registo) são óptimas para que se possa compreender a significação exacta da unidade de registo".

Escolhidas as unidades, há então que definir as regras de enumeração que, dependendo dos objectivos da análise, podem ser:

I. A presença:

II. A frequência;

III. A frequência ponderada;

IV. A intensidade;

V. A direcção;

VI. A ordem;

VII. E a co-ocorrência.

No caso do nosso estudo a regra mais importante é, sem dúvida, a presença através da qual verificámos se é ou não significativa determinada unidade de registo, funcionando, se for caso disso, como indicador pertinente, ou não, para a nossa análise.

Assim sendo, para o nosso estudo, a partir da revisão da literatura, dos objectivos e do guião das entrevistas, definimos o sistema categorial constituído pelas seguintes categorias:

I. Experiência como Atleta;

II. Alterações do Código de Pontuação;

III. Repercussões do Novo Código de Pontuação;

IV. Ajuizamento;

V. Justiça Desportiva.

Apresentação e Discussão dos Resultados

V. Apresentação e Discussão dos Resultados

Após explicitadas as principais características dos sujeitos entrevistados e a metodologia utilizada, procedermos à análise de conteúdo das transcrições das entrevistas, apresentando, em seguida, os Quadros relativos a cada uma das perguntas. O guião da entrevista, assim como alguns dos seus principais conteúdos encontram-se, respectivamente, em Anexo.

Nesta parte do trabalho pretendemos efectuar uma análise da frequência com que as unidades de contexto, referentes a cada uma das unidades de registo, inseridas em cada uma das categorias em estudo podem ser observadas nos Quadros e nos textos. Seguir-se-á a respectiva apresentação e discussão dos resultados.

Esta análise é efectuada para cada um dos grupos em estudo, treinadores e juízes, sendo no final efectuada uma análise comparativa e conjunta entre os resultados evidenciados e apresentados entre e pelos dois grupos.

5.1 Apresentação, Análise, Interpretação e Discussão das transcrições das Entrevistas realizadas aos Treinadores de GAF

5.1.2 Questão 2.1.4 do Guião da Entrevista efectuada aos treinadores: No seu ver é importante ter sido atleta (ex-ginasta) de GA, para ser um bom treinador da modalidade? (Justifique/Argumente a resposta dada)

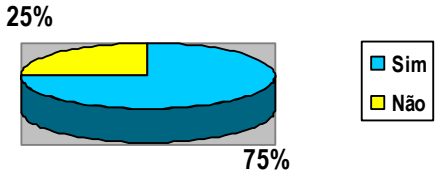


Figura 27: % de importância de ter sido ex-atleta (ex-ginasta) para ser um bom treinador da modalidade

Pela análise da Figura 27 as respostas por nós obtidas foram de 75% para o sim, é importante ter sido ex-atleta da modalidade para ser um bom treinador, e 25% responderam que não, que não consideravam ser uma condição necessária. Apesar de estes resultados não ditarem ou expressarem exactamente ou concretamente o que foi dito pelos que responderam sim, é uma questão que irá ser exposta e analisada já de seguida.

Quadro 57: Análise da Questão: "No seu ver é importante ter sido atleta (ex-ginasta) de GA, para ser um bom treinador da modalidade? Justifique/ Argumente a resposta dada"

CATEGORIA	UNIDADE DE REGISTO	ENUMERAÇÃO/ QUANTIFICAÇÃO		UNIDADE DE CONTEXTO
		N	%	
	1) Sim	6	75,00%	
	2) Não	2	25,00%	
EXPERIÊNCIA COMO ATLETA	3) Aquisição de experiência pela prática (importante ter passado pela prática gímnica)	5	62,50%	"Sim, não é obrigatório mas tem algumas vantagens. Acho que, primeiro quem foi ginasta e tem aquela experiência toda, acho que entende mais, mais o interior, do que quem não fez."; "Facilita, se essa prática gímnica for acompanhada de uma preocupação em entender o porquê daquilo que se está a fazer"; "é importante ter passado pela prática." "…ou seja, há factores que interferem na formação de um treinador que são estudadamente e diariamente facilitados pela prática anterior."
	4) É importante mas não obrigatório	4	50,00%	"É importante, não sendo obrigatório…"; "Importante pode ser, mas não necessariamente, …"
	5) Não é importante, somente ajuda	1	12,50%	"Não, mas ajuda, ajuda, nada mais que isso."
	6) É importante mas não uma condição essencial, decisiva	4	50,00%	"É importante mas não é uma condição essencial para se ser um treinador desta modalidade. Eu sou treinador desta modalidade e não fui praticante.";"…é uma modalidade muito exigente, muito técnica, e por isso mesmo demora algum tempo, e eu sei disso por experiência própria, que demora bastante tempo, demora vários anos a uma pessoa a entrar verdadeiramente na modalidade de uma forma muito séria. Até lá uma pessoa tem que investir imenso, tem mesmo que investir vários anos da sua vida de uma forma muito árdua e estudar muito para poder entrar na modalidade. É importante mas não acho, não penso que seja decisivo."; "…não é um factor impeditivo para ser um bom treinador, é muito incerto. Há pessoas que nunca passaram pela ginástica artística e é um bom treinador, sendo portanto muito subjectivo."; "O que não quer dizer que uma pessoa que não tenha sido ginasta, mas se for interessada, motivada e tentar aprender sempre mais e mais não consiga atingir e alcançar uma fasquia alta também como treinador."
	7) É importante porque facilita a transmissão e o processo ensino-aprendizagem	4	50,00%	"A prática gímnica é mais importante do que propriamente ter sido um bom atleta, facilita a aprendizagem, facilita as rotinas, facilita o entendimento…"; "Sim porque acho que se passa por situações que depois é mais fácil explicar às jovens atletas."; "Em termos técnicos também penso que sim,

EXPERIÊNCIA COMO ATLETA				porque o facto de sentirmos e termos noção dos movimentos também conseguimos transmitir melhor a forma de os realizar e alguns "truques" que nós conseguimos executar e fazer para diminuir a dificuldade. Portanto acho que é e foi bastante importante."

Para a análise relativa à questão "No seu ver é importante ter sido atleta (ex-ginasta) de GA, para ser um bom treinador da modalidade? Justifique/ Argumente a resposta dada" que se insere na **categoria** (dentro da unidade de análise) **experiência como atleta** foram criadas sete unidades de registo como podemos observar no Quadro 57: uma primeira que tem haver com a concordância da importância de ter sido ex-ginasta para ser um bom treinador; uma segunda onde há a discordância sobre o facto de que para ser um bom treinador não é ou não será necessário ter passado pela prática desta modalidade; e depois temos a terceira, a quarta, a quinta, a sexta e a sétima unidade de registo que tentam sustentar e justificar de alguma forma a primeira e segunda unidades.

Verificamos que as unidades de registo mais frequentes são, por ordem decrescente e tendo somente em conta (por momento) as duas primeiras: sim, é importante ter sido atleta (ex-ginasta) de GA para ser um bom treinador da modalidade (6=75%); e não, não é importante ter sido atleta (ex-ginasta) de GA para ser um bom treinador da modalidade (2=25%).

E como forma de justificação das duas primeiras unidades foram desenvolvidas as seguintes, de maneira a explicar o porquê das suas respostas, neste caso, das suas opiniões registadas nas unidades de registo anteriores. Desta forma o terem surgido as restantes e seguintes unidades que irão ser descritas igualmente por ordem decrescente (tendo em conta o total do grupo de treinadores (8) para cada uma das restantes unidades): aquisição de experiência pela prática (importante ter passado pela prática gímnica) (5=62,50%); é importante mas não obrigatório (4=50,00%); é importante mas não uma condição essencial, decisiva (4=50,00%); é importante porque facilita a transmissão e o processo ensino-aprendizagem (4=50,00%); e, por fim, não é importante, somente ajuda (1=12,50%). A obtenção destas últimas unidades foram retiradas após uma elevada e consistente análise do conteúdo de todas as entrevistas realizadas que podem ser consultadas em anexo como forma de complementar o que está a ser exposto e analisado. Isto, obviamente deverá e poderá ser realizado para todas as respostas de todas as entrevistas realizadas a todos os elementos do grupo de estudo do trabalho.

Parece-nos igualmente importante fazermos aqui uma reflexão, ainda que breve, sobre as resposta dadas pelos treinadores sobre esta questão pois o Quadro pode não expressar de forma clara as suas verdadeiras intenções e opiniões, devido à forma como às vezes se pode interpretar uma resposta ou se pode expressar essa mesma resposta.

Quase todos os entrevistados caminharam na mesma direcção no que diz respeito às suas opiniões sobre a questão em causa. De uma forma ou de outra vão quase todos de encontro ao mesmo tipo de raciocínio. Apesar de acharem que é um factor importante ter-se passado pela prática gímnica, não consideram obrigatório, como sendo uma condição essencial, decisiva para se ser um bom treinador. Contudo, acham que é importante ter passado pela prática. Como foi referido por T1 e afirmado pelo T2, "há factores que interferem na formação de um treinador que são estudadamente e diariamente facilitados pela prática anterior. A prática gímnica é mais importante do que propriamente ter sido um bom atleta pois facilita a aprendizagem, facilita as rotinas, facilita o entendimento…". "Facilita, se essa prática gímnica for acompanhada de uma preocupação em entender o porquê daquilo que se está a fazer", pois "essa aprendizagem poderia no futuro proporcionar-lhes um trajecto mais eficiente, mais facilitado para uma futura carreira de treinadores", podendo, no entanto, não ser muito significativa caso não haja a mínima preocupação em perceber e entender, mas somente em cumprir com aquilo que lhes é dito, transmitido e estipulado pelo treinador. Daí que o T2, refira que "por outro lado, quem nunca fez pode ser um bom treinador, desde que consiga perceber e entender bem o movimento humano e depois participe de uma prática gímnica de alguns anos, até se integrar com esse ambiente, isso é fundamental." Não se podendo nem devendo generalizar os casos. Mas todos concordam que pode ser importante e que é meio caminho, porque senão o percurso e o trajecto a percorrer é e será muito mais difícil. Verificando-se o mesmo tipo de resposta no T4, T6, T7 e T8. O T3, refere que não é importante "mas ajuda, ajuda, nada mais que isso", indo apesar de tudo, de encontro ao referido anteriormente. No entender deste treinador ajuda, mas não se lembra de nenhum grande ginasta que tenha sido um grande treinador. E lembra-se de alguns grandes treinadores que, ou foram fracos ginastas ou nem sequer foram ginastas. Referindo ainda que em Portugal é muito difícil ingressar no mundo da ginástica, principalmente na artística, devido ao *tabu* existente e algum preconceito em torno do facto de não se ter sido ginasta, e que já para o próprio ex-ginasta se torna complicado. E na maioria dos outros países tal não acontece. O T5 também concorda com o T3, "É importante mas não é uma condição essencial para se ser um treinador desta modalidade. Eu sou treinador desta modalidade e não fui praticante. Não gostava

muito de me centrar no meu exemplo, mas em outros exemplos de outros treinadores de grande sucesso na GAF, eles não foram praticantes sequer de Ginástica. É muito importante porque as pessoas têm um contacto muito grande com a modalidade, é uma modalidade muito exigente, muito técnica, e por isso mesmo demora algum tempo, e eu sei disso por experiência própria, que demora bastante tempo, demora vários anos a uma pessoa a entrar verdadeiramente na modalidade de uma forma muito séria. Até lá uma pessoa tem que investir imenso, tem mesmo que investir vários anos da sua vida de uma forma muito árdua e estudar muito para poder entrar na modalidade. É importante mas não acho, não penso que seja decisivo."

5.1.3 Questão 2.1.5 do Guião da Entrevista efectuada aos treinadores: Em relação ao Código de Pontuação de Ginástica Artística Feminina (CP 2006), considera terem existido grandes mudanças/alterações em relação ao último Código em vigor (CP 2001)?

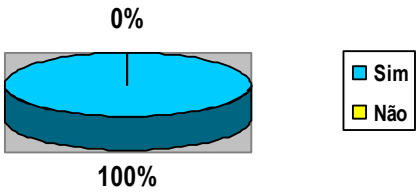


Figura 28: % de opinião em relação ao facto de terem existido grandes mudanças/alterações do último código de pontuação em vigor (CP 2001) em relação ao actual código de pontuação de ginástica artística feminina (CP 2006)

Em relação às mudanças que se verificaram de um código de pontuação para outro (questão esta incluída na **categoria, alterações do código de pontuação),** o grupo de estudo de treinadores por nós entrevistados foi unânime no que diz respeito a este sector (assunto). Todos concordam com o facto de terem existido grandes mudanças/alterações neste código de pontuação (CP 2006) em relação ao último código em vigor (CP 2001) (8=100%), como podemos verificar pela Figura.

5.1.3.1 Questão 2.1.5.1 do Guião da Entrevista efectuada aos treinadores: Se sim, quais considera terem sido as mais significativas?

Quadro 58: Análise da Questão: "Em relação ao código de Pontuação de Ginástica Artística Feminina (CP 2006), considera terem existido grandes mudanças/alterações em relação ao último Código em vigor (CP 2001)? Se sim, quais considera terem sido as mais significativas?"

CATEGORIA	UNIDADE DE REGISTO	ENUMERAÇÃO/ QUANTIFICAÇÃO		UNIDADE DE CONTEXTO
		N	%	
	1) Sim	8	100,00%	
	2) Não	0	00,00%	
ALTERAÇÕES DO CÓDIGO DE PONTUAÇÃO	3) Não haver limite para a dificuldade (nota A)	2	25,00%	"…o não haver limite para a dificuldade"
	4) A importância da execução devido à exigência (elevado aumento de valor em relação às penalizações da nota B)	4	50,00%	"…o grande aumento do valor e portanto, do papel e da importância da execução que aumentou para o dobro…"; "…e ao nível de execução está mais exigente, é um facto, está muito exigente ao nível de execução…"; "…haver um valor muito elevado para as penalizações, deduções, nomeadamente para as quedas…"
	5) Forma de aplicação dessas regras	2	25,00%	"…a forma de aplicação dessas regras de execução."; "…todas aquelas alterações na forma de pontuar e na análise…"
	6) Inexistência da nota máxima dos 10 pontos, ausência da nota limite	4	50,00%	"…ausência dessa nota limite altera necessariamente a forma de vermos a ginástica…"; "O fim da nota máxima…"; "…a passagem da pontuação, em termos visuais e exteriores, de 10 para ilimitada."; "…o facto dos dez pontos, da nota máxima ter deixado de existir."
	7) Desvalorização de alguns elementos de dificuldade	2	25,00%	"…a pressão que um ou outro dá a elemento de coeficiente dificuldade é que poderá alterar, porque uns eram B e passaram a C…"; "…a descida de alguns elementos de dificuldade."
	8) Desvalorização, diminuição do valor de elementos unilaterais	1	12,50%	"…a diminuição do valor de elementos unilaterais…"
	9) Clara separação entre a nota de dificuldade e a nota de execução	1	12,50%	"Há uma separação muito clara entre nota de dificuldade e nota de execução, …"
	10) Nos saltos e na trave	1	12,50%	"Do meu ponto de vista mais para os saltos e para a trave, teria mais em atenção a estes dois."
	11) Mudanças a nível da técnica	1	12,50%	"Eu acho que existiu algumas mudanças técnicas neste caso."
	12) Eliminação de alguns elementos do código de pontuação	1	12,50%	"Para já houve elementos que deixaram de vigorar no código."; "…só o facto de terem sido retirados alguns elementos vem dificultar a ginástica."
	13) Em termos de ligações	1	12,50%	"Em termos de ligações, é assim, não sabendo ou não

ALTERAÇÕES DO CÓDIGO DE PONTUAÇÃO	estas tornaram-se muito mais complexas			conseguindo executar alguns elementos mais difíceis que estão no código também as ligações tornam-se um bocadinho impossíveis."
	14) Avaliação artística	1	12,50%	"…a parte artística, a pontuação da parte artística é muito subjectiva, porque depende muito do gosto de cada juiz e de a juiz gostar de A, B ou C. E quando a nota artística tem um determinado valor, muitas vezes pode-se jogar com isso."
	15) Exclusivamente do ponto de vista estratégico e não sob o ponto de vista técnico	1	12,50%	"Portanto sob o ponto de vista estratégico parece-me haver alterações. Sob o ponto de vista técnico não me perece que tenham havido grandes alterações."
	16) A orgânica das exigências específicas de cada aparelho	1	12,50%	"…foi mesmo dentro da orgânica das exigências específicas de cada aparelho, em que também houveram algumas modificações importantes, não quero dizer que tenha sido uma reviravolta de 180º, mas muita coisa mudou, nomeadamente em termos de ligações."

Como já referimos todos os treinadores acharam ter existido grandes alterações e modificações de um código de pontuação para outro, visto terem sido tão significativas, daí o elevado número de resultados obtidos no que diz respeito àquelas que eles consideram serem as mais significativas ("à primeira vista"). Neste momento, devido à sua novidade e as alterações serem muito recentes, tudo depende das suas interpretações e das suas aplicações práticas no momento (no terreno). Mais tarde podem aperceber-se que talvez esse ou este pode não ser o melhor caminho e alterarem completamente o seu planeamento, modo de actuar, de pensar e mudar completamente as suas prioridades que ao início pareceriam as mais correctas e indicadas para este novo código, e, obviamente, depois de já terem passado por algumas experiências a nível competitivo e interpretar outras competições ou estudos que forem feitos e apresentados.

O ser treinador é um cargo controverso e que ocupa muito tempo a quem o desempenha. A capacidade de liderança e de organização de procedimentos no desenvolvimento de estratégias a nível da organização, interpretação e planeamento é indispensável. Por outro lado, é necessária também uma boa capacidade relacional na interacção com outros órgãos, como os próprios atletas, treinadores adjuntos, departamento médico, direcção, etc., onde é um interlocutor privilegiado.

Contudo, relativamente à questão "Em relação ao código de Pontuação de Ginástica Artística Feminina (CP 2006), considera terem existido grandes mudanças/alterações em relação ao último Código em Vigor (CP 2001)? Se sim, quais considera terem sido as mais significativas?",

que continua incluída na **categoria, alterações do código de pontuação,** o Quadro 58 mostra-nos quinze unidades de registo, entre as quais, nas duas primeiras não há qualquer dúvida, onde todos apontaram para o sim, consideraram ter existido grandes modificações e transformações no último código em vigor tendo como referencia o anterior (CP 2001). Em relação às unidades de registo mais referidas temos em primeiro a importância da execução devido à exigência (elevado aumento de valor em relação às penalizações da nota B) e, com a mesma percentagem, a inexistência da nota máxima dos dez pontos pela ausência da nota limite (tendo cada uma destas unidades de registo obtido 50,00% (4) das respostas referenciadas por parte dos treinadores entrevistados); de seguida temos o facto de não haver limite para a dificuldade (nota A). Assim como foi registada outra unidade de registo, que se prende com a forma de aplicação dessas regras, além da desvalorização de alguns elementos de dificuldade igualmente mencionada por parte de alguns dos entrevistados (2=25%, para cada uma destas três unidades de registo citadas); e por fim, temos as seguintes unidades: a desvalorização e a diminuição do valor de elementos unilaterais; a clara separação entre a nota de dificuldade e a nota de execução; as mudanças significativas nos saltos e na trave; as mudanças a nível da técnica; a eliminação de alguns elementos do código de pontuação; em termos de ligações estas tornaram-se muito mais complexas; a própria avaliação artística; outra das mudanças significativas referenciadas por um (mas indirectamente citada por outros) trata-se exclusivamente do ponto de vista estratégico e não sob o ponto de vista técnico e, por fim, a orgânica das exigências específicas de cada aparelho (1=12,50%, que obteve cada uma destas nove últimas unidades referenciadas nesta questão).

Contudo, todas as unidades que foram destacadas e desenvolvidas estão de uma forma ou de outra interligadas e relacionadas umas com as outras.

O T2 refere e resume o seguinte “Se nós pensarmos que a ginástica era feita tendo por base uma nota limite, a ausência dessa nota limite altera necessariamente a forma de vermos a ginástica, mas isto sob o ponto de vista única e exclusivamente estratégico. Não acredito que sob o ponto de vista técnico tenham havido, não só agora, mas nos últimos doze anos, grandes alterações. Sob o ponto de vista estratégico sim, mas não sobre as alterações dos pontos básicos, os gigantes continuam a ser, a flexibilidade é a mesma, a nível da tonificação (tonicidade) há processos um pouco mais evoluídos, mas resultam, quase sempre, invariavelmente na mesma forma, os elementos base continuam a ser trabalhados da mesma forma, a pressão que um ou outro dá a um elemento de coeficiente dificuldade é que poderá

alterar, porque uns eram B e passaram a C-, uns eram C- passaram a B-, mas apenas isso. Mas mais uma vez é na estratégia de escolha do movimento, porque depois de escolher os movimentos não me parece que tenham havido mudanças. A não ser em aspectos fundamentais, no que diz respeito quer à feminina quer à masculina, a diminuição, isso sim, a diminuição do valor de elementos unilaterais, respeitando o seguinte; aquilo que era valorizado e executado, deixou de ser tão valorizado, o que leva as pessoas a pensar se vale a pena ou não e aí, parece-me que, pedagogicamente e sob ponto de vista da saúde física, teve grande repercussão, porque nós evitamos assim o reforço muscular de uma forma unilateral e treinamos o atleta muito mais equilibrado. Por exemplo, estar a fazer gigantes com um braço só, naturalmente que tem de haver o reforço de um dos braços, de um dos lados e isso provoca alterações. Ao desvalorizar um bocado isso, não há dúvida que isto é um processo pedagógico que facilita, assim como o deixar de promover movimentos que passam pelo e para contorcionismo. Deste modo os treinadores não são levados a pegar em qualquer atleta e trabalhar esses elementos e só se for entendido dessa forma pelo treinador, aquelas que tiverem jeito usufruem, mas isso é um pressuposto que elas já morfologicamente têm condições, não havendo um trabalho excessivo só para ir à procura de um ou outro elemento, podendo incorrer em erros que no meu entender podem ser nefastos à atleta. Por isso é melhor assim porque não sendo tão valorizados só farão aquelas atletas que naturalmente poderão executar e não há tentativa de estar a forçar as atletas. Portanto sob o ponto de vista estratégico parece-me haver alterações. Sob o ponto de vista técnico não me perece que tenham havido grandes alterações."

Para que haja competição é necessário seguir certas normas e regras que estão estipuladas desde o início para cada um dos seus intervenientes cumprirem e orientarem-se. Esse documento que regulamenta todas as competições a nível internacional, e é proposto ser usado por cada país que pratica ou representa a modalidade, atribui-se o nome de Código de Pontuação. Este estabelece e determina as funções e regras de funcionamento para todos que fazem parte da realidade gímnica e de uma competição, como todos os elementos do júris, treinadores e ginastas, como estes devem actuar e proceder segundo as normas estabelecidas nesse documento regulador e imprescindível, além da necessidade o obrigatoriedade do seu cumprimento (como já foi várias vezes referido).

O CP é actualizado de 4 em 4 anos, de Ciclo em Ciclo Olímpico pela FIG (como já foi várias vezes referido). São realizadas actualizações ou mudanças por parte do Comité Técnico da FIG, onde têm e levam em consideração e por base, uma análise e observação bastantes cuidada

das tendências e do desenvolvimento da GAF ao longo de todos (últimos) ciclos olímpicos em cada um dos aparelhos, após uma constatação das competições internacionais mais importantes e mais marcantes no panorama gímnico. Assim como os resultados de trabalhos e estudos científicos e o próprio desenvolvimento da estrutura de cada aparelho. Isto era o que era efectuado até à última edição, a de 2006 do CP.

Apesar de discordarem de muitas das alterações realizadas ao CP ao longo das últimas edições que foram produzidas, para Arkaev & Suchilin (2004) este é o principal instrumento de desenvolvimento da ginástica, pois é por aqui que todos se guiam e fazem as suas preparações e planeamentos, para assim cumprir o que lá se encontra estipulado.

Minusa (2000) também concorda com os autores anteriormente referidos, tendo uma opinião semelhante, com base de que O CP desde 1997 fomenta a unilateralidade e a acrobatização da GA, perdendo-se qualidades que caracterizam ou distinguiam a modalidade como virtuosismo e a originalidade dos atletas e treinadores.

São exemplos disso os despegues cuja largada da barra se efectuava com um só braço e que passou a ter igual valor aos mesmos elementos com a largada da barra com os dois braços. Isto foi realizado propositadamente com a intenção de desmotivar e desencorajar os treinadores e os atletas a realizá-los para a sua devida segurança (FIG, 1993).

“A perda de bonificações para elementos ou ligações especiais quando os mesmos apresentam faltas médias ou graves, denota a intenção de desencorajar os atletas a executá-lo para que apenas os apresentem quando houver uma significativa margem de segurança, pois sabem que o risco não compensa” (Carvalho, 2000).

Já em relação às mais salientadas podemos destacar o que o T5 nos refere: “há muitas alterações muito importantes, das quais, a principal para já, em termos de aparência do código, é logo o facto dos dez pontos, da nota máxima ter deixado de existir. Há uma separação muito clara entre nota de dificuldade e nota de execução. Isso é outra questão importante, em termos da contabilidade das notas de dificuldade as coisas modificaram-se completamente, traz algumas vantagens e alguns inconvenientes …, e ao nível de execução está mais exigente, é um facto, está muito exigente ao nível de execução, não sei se chega para os parâmetros actuais, não sei se tem feito a diferença ou não, por aquilo que me parece às vezes sim outras vezes não, mas… houve de facto grandes alterações.” A T7 também confirma e reafirma o que já foi

dito: “a importância da correcção, da técnica e a descida de alguns elementos de dificuldade.” E para terminar, o T8 faz referência, de uma forma global a todas as unidades, de forma muito directa e por vezes indirecta, e refere o possível trajecto e caminho pelo qual a ginástica vai enveredar, apesar de numa forma “fria” parecer um pouco exagerada, talvez provocada por alguma desmotivação e desgosto pelo rumo que as coisas estão a tomar e para as quais o novo código aponta, mas será que estará longe da verdade?! Da nossa realidade?! Desta forma passo a citar T8: “Eu acho que existiram algumas mudanças técnicas neste caso. Para já houve elementos que deixaram de vigorar no código. O que para ginastas mais jovens e nomeadamente no nosso país as coisas tornaram-se bastante mais complicadas. Só o facto de não haver determinados elementos para se conseguir compor um exercício, portanto só aí torna-se mais difícil, porque se só contam os elementos que estão no código, logo, se os elementos mais simples não estão no código é mais difícil de construir os exercícios. Portanto, logo a partir daí, só o facto de terem sido retirados alguns elementos vem dificultar a ginástica. Em termos de ligações, é assim: não sabendo ou não conseguindo executar alguns elementos mais difíceis que estão no código também as ligações tornam-se um bocadinho impossíveis. Portanto é assim um bocadinho um rolo, uma bola de neve. E acho que houve uma mudança que para mim, e penso que toda a gente pensa assim, é muito relativa, ou seja, a parte artística, a pontuação da parte artística é muito subjectiva, porque depende muito do gosto de cada juiz e de a juiz gostar de A, B ou C. E quando a nota artística tem um determinado valor, muitas vezes pode-se jogar com isso. Portanto, tudo que seja subjectivo, neste momento acho que o código está um bocado subjectivo em relação a isso, a esse nível também. Para além disso, a alteração dos descontos, das deduções, nomeadamente as quedas, por um lado uma ginasta pode fazer mais e arriscar e o facto de arriscar pode-lhe valer uma queda e perde tudo naquilo que conseguiu adquirir e portanto, será que vale a pena arriscar tanto?! Portanto essas são as mais significativas. Portanto em termos da avaliação artística, subjectiva, em termos de haver um valor muito elevado para as penalizações, deduções, nomeadamente para as quedas e o facto de terem sido retirados alguns elementos mais simples que facilitavam muitos países e aqueles países que não estão tão desenvolvidos a nível da ginástica.”

“A Ginástica Artística é uma das modalidades olímpicas mais populares e cuja prática é geralmente conotada como sendo altamente difícil e complexa” (Ferreirinha, 2007, pp. 1). O mesmo autor refere que são realizadas algumas análises depois de cada Campeonato do Mundo (CM) e Jogos Olímpicos (JO) pela Federação Internacional de Ginástica (FIG), apenas como

forma de abordagem de alguns dos aspectos importantes e a observação de quantidades e evoluções de alguns parâmetros da composição dos exercícios nos respectivos aparelhos. Não descurando que "por outro lado, a identificação do treino de GA como sendo um processo de longo prazo, sendo necessários vários anos para uma ginasta alcançar o nível da elite mundial, obrigando também à selecção do respectivo conteúdo" (Ferreirinha, 2007, pp. 1)

Segundo Ferreirinha (2007), torna-se complicado para uma ginasta ser competitiva ao mais alto nível, porque devido há existência de dezenas e centenas de elementos no CP, neste caso no de 2006, torna-se praticamente impossível uma preparação e o treino de todos eles nos vários aparelhos devido à exigência de variedade deste código. Logo o teor do treino deverá reger-se e centrar-se nas regras impostas pela modalidade mas também seguir a linha das atletas que apresentam as melhores prestações de alto nível no momento actual.

Daí ser o ser necessária uma maior análise sistemática dos currículos e programas de treino, Salmela *et al.* (1987) citado por Ferreirinha (2007), pois estes reconhecem que deveria haver uma maior dedicação dos cientistas do desporto na aérea do desenvolvimento de talentos em GA.

Segundo Carvalho (2000), "uma das grandes polémicas sobre o CP nos últimos tempos foi uma proposta para a avaliação dos exercícios de competição baseada numa filosofia segundo a qual a nota não teria o actual limite de 10.00 pontos (Fink, 1992). Tal alteração, por sua vez, tornaria possível na GA o conceito de "record". Entre vários argumentos contra a nova proposta, um foi exactamente o facto de o conceito "nota 10" estar tão implementado e conhecido pelo público geral que seria mau destruir o "10" como significado da perfeição. Refira-se que, para alguns, o efeito "record" teria exactamente mais impacto no público, logo mais espectacularidade."

Carvalho (2000) refere "que é com a intenção de salvaguardar a componente artística da modalidade GAF que o CP sobrevaloriza alguns elementos gímnicos (não acrobáticos), ou seja, para que as ginastas não deixem de apresentá-los nos seus exercícios de competição atribuíram-lhes valores elevados de dificuldade. Se essa atitude garante ou estimula a continuidade dos elementos gímnicos na modalidade, também podemos pensar que o facto de as ginastas abdicarem de elementos acrobáticos, de igual ou inferior valor, mas certamente mais espectaculares, contribua para uma menor espectacularidade da modalidade". Algo que contraria e não se verifica neste momento com este novo CP e com os resultados por nós obtidos.

5.1.3.2 Questão 2.1.5.2 do Guião da Entrevista efectuada aos treinadores: Das mudanças/alterações verificadas, quais são no seu entender, as vantagens e desvantagens?

Quadro 59: Análise da Questão: "Das mudanças/alterações verificadas, quais são no seu entender, as vantagens e as desvantagens?"

CATEGORIA	UNIDADE DE REGISTO		ENUMERAÇÃO/ QUANTIFICAÇÃO		UNIDADE DE CONTEXTO
			N	%	
ALTERAÇÕES DO CÓDIGO DE PONTUAÇÃO	**VANTAGENS**	1) Valorização da qualidade do factor execução	3	37,50%	"…no que respeita à execução é importante e desde sempre foi importante e todos os códigos disseram isso, que aquilo que as ginastas fazem, aliás a característica própria da ginástica é diferente de muitos outros desportos, é que não é só o que é que a ginasta faz mas como faz, e a execução tem a ver com isso, como é que as ginastas fazem os seus elementos, os seus exercícios."; "Outro aspecto positivo é a valorização que é dada à execução, que me parece que é, que o princípio está correcto, e que só vale a pena arriscar elementos quando eles estão de facto feitos de uma forma, maneira correcta e sem perigo para o praticante."
		2) Diferenciação e distinção das boas ginastas das muito boas no factor execução	2	25,00%	"…é importante de facto que seja possível distinguir as boas das muito boas também no factor execução."; "Há vantagens para diferenciar um excelente atleta de um muito bom atleta e dai para baixo."
		3) Ausência de limite para a dificuldade (nota A), conteúdo de elementos que as ginastas apresentam no seu exercício	4	50,00%	"…a ausência de limite para a dificuldade, para a nota A, para o conteúdo de elementos que as ginastas apresentam no seu exercício."; "Dentro da pontuação, uma das vantagens é não haver um limite e portanto se ter a ideia de que um bom ginasta tem de ser bom e perfeito ou mais ou menos e perfeito."; "As desvantagens foi que basicamente o tecto que existia da nota máxima é um facto que prejudicava de alguma maneira ginastas que conseguissem fazer mais e mais dificuldade, é um facto. Isso traz a vantagem de podermos ver exercícios com maior dificuldade sem tecto, porque nós sabíamos que havia exercícios com notas que partiam no código anterior de 10,500 e no fundo isso não lhes valia para nada e exercícios menos difícil podiam ser valorizados. Isso é um aspecto muito positivo."
		4) Ausência da nota limite dos 10 pontos	3	37,50%	"É importante porque de facto até ao momento havia, com o problema de a nota ter de estar cingida ao dez, fazia com que pelo menos a partir de metade do ciclo olímpico houvesse muitas ginastas que partissem da nota máxima dez mas não eram todas iguais, e portanto já aí à partida

					não havia uma igualdade de circunstancias perante as concorrentes."; "Quando era a pontuação de 10p, não havia tanto essa ideia, porque havia ginastas que podiam fazer mais coisas e não faziam porque não valia a pena e portanto acabava por algumas ginastas não serem beneficiadas.";" As desvantagens foi que basicamente o tecto que existia da nota máxima é um facto que prejudicava de alguma maneira ginastas que conseguissem fazer mais e mais dificuldade, é um facto. Isso traz a vantagem de podermos ver exercícios com maior dificuldade sem tecto, porque nós sabíamos que havia exercícios com notas que partiam no código anterior de 10,500 e no fundo isso não lhes valia para nada e exercícios menos difícil podiam ser valorizados. Isso é um aspecto muito positivo."
ALTERAÇÕES DO CÓDIGO DE PONTUAÇÃO	**VANTAGENS**	5) Não haver necessidade de mudança de CP de quatro em quatro anos (de ciclo olímpico em ciclo olímpico)	1	12,50%	"…o facto de a nota, da anterior nota ser feita como era que era feita e tinha limite de dez, fazia com que, era uma das grandes razões para que o código tivesse que ser alterado de 4 em 4 anos, desta forma, e aliás é um objectivo e eu julgava inclusive que ele nunca mais precisasse de ser mudado, mas pronto, podem ter que ser feitas algumas alterações, mas pelo menos já não há a necessidade de em 4 em 4 anos mudar."
		6) Melhorar o planeamento a longo prazo das carreiras das ginastas	1	12,50%	"E isso permite, em primeiro lugar, que os treinadores possam planear a mais longo prazo a carreira das suas atletas,…"
		7) Comparação de resultados desportivos ao longo de uma carreira gímnica	1	12,50%	"…permite que se possam comparar resultados desportivos quando uma atleta é júnior, sénior, juvenil e iniciada. Coisa que antigamente não era, na medida em que, também agora não é tão necessário fazerem-se adaptações ao código para esses escalões mais novos. As desvantagens, eu não vejo desvantagens nenhumas."
		8) Aumento da dificuldade	1	12,50%	"A vantagem é de que há um aumento da dificuldade…"
		9) Factor evolução	1	12,50%	"Havendo agora um recorde, pontuamos 12p, 13p, 14p, 15p, 16p e vai havendo sempre alguém que consegue pontuar mais um bocadinho e isso é aliciante para vermos que realmente estamos a evoluir, se estamos a fazer mais coisas. Quando era a pontuação de 10p, não havia tanto essa ideia, porque havia ginastas que podiam fazer mais coisas e não faziam porque não valia a pena e portanto acabava por algumas ginastas não serem beneficiadas."
		10) Factor diferenciação ao alto nível	2	25,00%	"Outra vantagem do novo código situa-se ao alto nível. Há vantagens para diferenciar um excelente atleta de um muito bom atleta e dai para baixo."; "As vantagens é que ganha quem faz muito e bem feito, e perfeito."
		11) Diminuição da dificuldade dos valores dos gímnicos	1	12,50%	"Ainda por cima com a diminuição do valor dos gímnicos, …"
		12) Favorece quem tem mais dificuldade	2	25,00%	"O código está a favorecer quem tem mais dificuldade, tem nota de partida mais alta e quem é bom cada vez melhor,

					quem é fraca cada vez mais distante, mais distancia em relação aos bons. Eu acho que para a parte de Portugal, que estamos aqui a viver, não é tão bom, não favorece, mas depende de cada ginasta."
		13) Vence quem faz muito e perfeito	1	12,50%	"As vantagens é que ganha quem faz muito e bem feito, e perfeito."
	VANTAGENS	14) Para os países mais desenvolvidos na modalidade	1	12,50%	"As vantagens são para os países desenvolvidos na ginástica. Países que têm condições têm todas as vantagens porque conseguem lutar sempre por lugares mais altos."
ALTERAÇÕES DO CÓDIGO DE PONTUAÇÃO		15) Não é tão necessário ter de realizar adaptações aos escalões mais novos	1	12,50%	"E isso permite, em primeiro lugar, que os treinadores possam planear a mais longo prazo a carreira das suas atletas, permite que se possam comparar resultados desportivos quando uma atleta é júnior, sénior, juvenil e iniciada. Coisa que antigamente não era, na medida em que, também agora não é tão necessário fazerem-se adaptações ao código para esses escalões mais novos."
		16) Aumento da dificuldade	1	12,50%	"… há um aumento da dificuldade… mas ao mesmo tempo é uma desvantagem…"; " depende da maneira como se olha e analisa"; "A desvantagem é que esse aumento da dificuldade nem sempre é bem sucedido."
	DESVANTAGENS	17) Inexistência de um factor de diferenciação evidente e específico nos mais jovens (uma maior diferenciação nas exigências específicas)	2	25,00%	"Para os mais pequenos, porque o código é para todos, é mais difícil, embora agora já tenha havido alterações que vão-se adequando, agora já houve outra alteração com os números mais pequenos, porque houve uma fase em que não se conseguiam ver muito bem as diferenças, porque as ginastas não faziam nada das exigências."; "…não tem uma diferenciação nas exigências específicas que lhe façam diferenciar muito o seu número."; "As desvantagens é nos escalões mais novos, que miúdas que fazem mais alguma coisa em relação às outras e que são pontuadas exactamente da mesma maneira. Nós não temos código adaptado. Os rapazes já têm, mas as raparigas como não têm, acho que fazem mais qualquer coisinha mas que ainda não é o suficiente para haver diferença."
ALTERAÇÕES DO CÓDIGO DE PONTUAÇÃO		18) Falta de pontuação taxativa na composição	1	12,50%	"Não há na composição uma pontuação taxativa, tipo 4 ou 5 décimos se não faz isto ou aquilo. Agora já vai havendo, por exemplo tem de fazer um duplo e uma pirueta e isso veio modificar e melhorar um bocadinho essas coisas que eu estou a dizer."
		19) Novas mudanças fizeram com que os exercícios ficassem todos iguais provocando uma monotonia	1	12,50%	"Em alguns aparelhos as mudanças fizeram com que os esquemas fiquem todos iguais, que mudem para o mesmo."

		na visualização dos esquemas			
		20) Esquemas muito acrobáticos o que os torna demasiadamente masculinos, basicamente devido ao facto de os gímnicos terem descido de valor e a valorização dos elementos acrobáticos	2	25,00%	"Os esquemas estão acrobáticos, parece um esquema de masculina só que com música e nem dá quase tempo para fazer coreografia. O importante é treinar as acrobacias, alguns gímnicos para preencher as exigências específicas, porque não dá valor nenhum se fizeres mais."; "…é que agora é acrobacia, acrobacia, acrobacia, quando se faz tanta acrobacia é completamente impossível estar-se, há pouco tempo para coreografia, ponto número um, e ponto número dois, as ginastas estão muito mais cansadas e ponto número três, têm que ter muito mais tempo, necessitam de muito mais tempo para se concentrar antes das séries acrobáticas."
		21) A quase ausência de realização de elementos gímnicos devido à sua desvalorização	1	12,50%	"Por exemplo no solo agora só há séries, "não há" gímnicos, os gímnicos mudaram de valor, baixaram de valor e não há ligações e portanto já ninguém faz gímnicos."
	D	22) Ausência de ligações gímnicas	1	12,50%	"O importante é treinar as acrobacias, alguns gímnicos para preencher as exigências específicas, porque não dá valor
	E	23) Realização de gímnicos somente para preencher as exigências específicas	1	12,50%	nenhum se fizeres mais. Há poucos, para não dizer quase nenhum D gímnico e portanto não vale a pena estar a perder tempo com aquilo."
ALTERAÇÕES DO CÓDIGO DE PONTUAÇÃO	**S** **V** **A** **N** **T** **A** **G** **E** **N** **S**	24) Falta de percepção/entendimento e associação do público devido à inexistência da nota máxima dos 10 pontos (que era considerada como uma referência, algo cultural)	1	12,50%	"Os aspectos que eu acho que são mais negativos, é que para o publico julgo que deixou de existir uma "bitola", e no fundo era algo cultural, que as pessoas, até hoje toda a gente diz nota dez para qualquer coisa e associam isso à ginástica, e isso perdeu-se."
		25) Inexistência de uma referência para o público e para a comunicação social	1	12,50%	"Eu penso que as pessoas hoje ouvem falar num 15.500 e não sabem o que é, e é difícil explicar. Eu sou comentar na televisão, tenho esse privilégio mas também tenho essa dificuldade. E sinto essa dificuldade, as pessoas, aparecer um 15 ou um 15.500, as pessoas não sabem o que é. Não sabem em relação à referência, não têm agora uma referência. E isso em termos da comunicação social penso que é uma desvantagem."
		26) A necessidade de realizar os 10 elementos mais valiosos	1	12,50%	"Depois em termos das próprias alterações do código eu julgo que houve algumas prejudiciais, em meu entender em alguns aparelhos, o facto de se pedirem os dez elementos mais valiosos, faz com os exercícios estejam neste momento muito compridos, tanto na masculina como na feminina."
		27) A inexistência, praticamente, de coreografia	2	25,00%	Os esquemas estão acrobáticos, parece um esquema de masculina só que com música e nem dá quase tempo para fazer coreografia."; "Os exercícios de solo deixaram de ter praticamente coreografia, hoje em dia, no meu entender os exercícios de solo estão piores do que há 20 anos atrás em

					termos estéticos, em termos daquilo que é a venda da própria modalidade para o exterior, eu penso que estão piores. Nos anos 80 era possível ver esquemas com 3 séries acrobáticas e com muita coreografia em que as pessoas se deliciavam com as prestações das atletas."; "Ainda por cima com a diminuição do valor dos gímnicos, com a qual eu até concordo, mas o que é que isso veio trazer, é que agora é acrobacia, acrobacia, acrobacia, quando se faz tanta acrobacia é completamente impossível estar-se, há pouco tempo para coreografia, ponto número um, e ponto número dois, as ginastas estão muito mais cansadas e ponto número três, têm que ter muito mais tempo, necessitam de muito mais tempo para se concentrar antes das séries acrobáticas. Conclusão, hoje em dia, ainda há pouco tempo estava a ler um artigo na Internacional Gímnics, de uma coreografa muito conhecida, que é a Adriana Pope, que faz as coreografias da China, da França e da Roménia, etc, e ela dizia… perguntaram-lhe qual era a maior dificuldade com este código de pontuação, e ela dizia, a minha maior dificuldade é ter tempo para fazer coreografia, o meu trabalho quase que não é preciso, necessário."
ALTERAÇÕES DO CÓDIGO DE PONTUAÇÃO	**DESVANTAGENS**	28) Exercícios muito extensos	1	12,50%	"…o facto de se pedirem os dez elementos mais valiosos, faz com os exercícios estejam neste momento muito compridos, …"
		29) Necessidade de treinar nova qualidade física no treino da ginástica, a Resistência	1	12,50%	"Há exercícios que não acabam mais e isso apela a uma nova qualidade física que não estava tão presente no treino da ginástica que é a resistência."
		30) Pode originar uma possível falta de comunicação entre o público e a atleta	1	12,50%	"Os exercícios de solo deixaram de ter praticamente coreografia, hoje em dia, no meu entender os exercícios de solo estão piores do que há 20 anos atrás em termos estéticos, em termos daquilo que é a venda da própria modalidade para o exterior, eu penso que estão piores. Nos anos 80 era possível ver esquemas com 3 séries acrobáticas e com muita coreografia em que as pessoas se deliciavam com as prestações das atletas. Hoje em dia é muito mais complicado, antigamente havia muita comunicação entre público e atleta e agora, hoje em dia é praticamente, completamente impossível."
		31) Não favorece Portugal	2	25,00%	"Eu acho que para a parte de Portugal, que estamos aqui a viver, não é tão bom, não favorece, mas depende de cada ginasta."; "As vantagens são para os países desenvolvidos na ginástica."; "Acho que para países que ainda estão em desenvolvimento da ginástica e que não há grandes perspectivas para desenvolver mais acho que isto não veio nem vem ajudar em nada. Isto sinceramente, porque não acho que é pelo código estar com mais dificuldade, ou seja, mais difícil de atingir determinadas coisas que vai motivar

					as pessoas, pelo contrário, acho que desmotiva, porque nunca se vai conseguir atingir e alcançar determinada fasquia. E não era por ter um nível baixo que outros não poderiam subir ou que não se conseguiria chegar lá em cima, porque quem estava em cima, quem estava lá vai continuar a estar, quem não estava, dificilmente estará um dia."
		32) Excesso de acrobacia	1	12,50%	"… é que agora é acrobacia, acrobacia, acrobacia, quando se faz tanta acrobacia é completamente impossível estar-se, há pouco tempo para coreografia, ponto número um, e ponto número dois, as ginastas estão muito mais cansadas e ponto número três, têm que ter muito mais tempo, necessitam de muito mais tempo para se concentrar antes das séries acrobáticas."
		33) Inexistência de um bom código adaptado para as mais jovens	1	12,50%	"As desvantagens é nos escalões mais novos, que miúdas que fazem mais alguma coisa em relação às outras e que são pontuadas exactamente da mesma maneira. Nós não temos código adaptado. Os rapazes já têm, mas as raparigas como não têm, acho que fazem mais qualquer coisinha mas que ainda não é o suficiente para haver diferença."
	DESVANTAGENS	34) Diferenciação e distanciamento cada vez maiores entre as ginastas	1	12,50%	"O código está a favorecer quem tem mais dificuldade, tem nota de partida mais alta e quem é bom cada vez melhor, quem é fraca cada vez mais distante, mais distância em relação aos bons. Eu acho que para a parte de Portugal, que estamos aqui a viver, não é tão bom, não favorece, mas depende de cada ginasta."
ALTERAÇÕES DO CÓDIGO DE PONTUAÇÃO		35) Qualidade de execução e dificuldade cada vez mais elevadas	2	25,00%	"…também exige muito em termos de execução, em qualidade de execução. Para quem não tem qualidade mesmo na fase de dificuldade, na parte da dificuldade é uma desvantagem, logo é dois lados."; "…. não acho que é pelo código estar com mais dificuldade…, ou seja, mais difícil de atingir determinadas coisas que… se vai conseguir atingir e alcançar determinada fasquia."
		36) Provoca desmotivação	1	12,50%	"Acho que para países que ainda estão em desenvolvimento da ginástica e que não há grandes perspectivas para desenvolver mais acho que isto não veio nem vem ajudar em nada. Isto sinceramente, porque não acho que é pelo código estar com mais dificuldade, ou seja, mais difícil de atingir determinadas coisas que vai motivar as pessoas, pelo contrário, acho que desmotiva, porque
		37) Para países que ainda estão em desenvolvimento da modalidade e não têm grandes perspectivas para a desenvolver, este novo CP não veio ajudar em nada	1	12,50%	nunca se vai conseguir atingir e alcançar determinada fasquia. E não era por ter um nível baixo que outros não poderiam subir ou que não se conseguiria chegar lá em cima, porque quem estava em cima, quem estava lá vai continuar a estar, quem não estava, dificilmente estará um dia."

Dentro ainda da mesma **categoria**, **alterações do código de pontuação,** o Quadro 59 relativamente à questão "Das mudanças/alterações verificadas, quais são no seu entender, as vantagens e desvantagens?", mostra-nos a existência de inúmeras unidades de registo (trinta e sete) que são distribuídas pelas vantagens e pelas desvantagens consideradas pelos nossos treinadores e que serão apresentadas por ordem decrescente de frequência, as quais iremos diferenciar e iniciar pelas vantagens, seguido das desvantagens como se apresenta no Quadro: em relação às vantagens, relativamente à importância atribuída às mudanças/alterações verificadas pelos indagados em relação ao novo CP (2006) conseguimos encontrar quinze unidades de registo por parte dos nossos entrevistados, após uma exaustiva análise às suas resposta em relação à questão em causa. Essas quinze unidades de registo referentes às vantagens são, por ordem decrescente de frequência, as seguintes: uma primeira, relativa à ausência de limite para a dificuldade (nota A), conteúdo de elementos que as ginastas apresentam no seu exercício (4=50,00%); uma segunda e uma terceira onde uma delas se prende com a valorização da qualidade do factor execução (3=37,50%) e a outra com ausência da nota limite dos 10 pontos (3=37,50%); a quarta, quinta e sexta unidade obtiveram a mesma percentagem de resposta (2=25,00%), uma delas relacionando-se com a diferenciação e distinção das boas ginastas das muito boas no factor execução, a outra com o factor de haver desta forma uma maior diferenciação ao alto nível e por último, a vantagem dos que acham que este CP favorece quem realiza mais dificuldade. Por último teremos a sétima, oitavo, nona, décima, décima primeira, décima segunda, décima terceira, décima quarta e décima quinta unidade de registo que obtiveram somente uma única referência cada por parte dos entrevistados (12,50%), não deixando, no entanto, de serem mais ou menos importantes do que as apresentadas anteriormente. Simplesmente são pontos de vista sobre os quais se torna igualmente importante reflectir, independentemente do número de respostas e da respectiva percentagem obtida e que englobam aspectos bastante pertinentes para o estudo em questão. Começaremos portanto, pelo facto de desta forma não haver necessidade de mudança de CP de quatro em quatro anos (de ciclo olímpico em ciclo olímpico) (1=12,50%), seguindo-se, com a mesma percentagem, a melhoria do planeamento a longo prazo das carreiras das ginastas, assim como a comparação de resultados desportivos ao longo de uma carreira gímnica. Outra das vantagens podemos dizer que é o aumento da dificuldade, assim como o factor evolução, a diminuição da dificuldade dos valores dos gímnicos, e o caso de vencer quem faz muito e perfeito. O CP torna-se vantajoso, na opinião de um treinador, para os países mais

desenvolvidos na modalidade e outro acha que já não é tão necessário ter de realizar adaptações aos escalões mais novos.

Já em relação às desvantagens foram verificadas após uma aturada observação relativamente às suas respostas, das quais originaram vinte e dois tipos de unidades de registo, totalizando, na generalidade da questão em si (a partir do momento que não se realiza a divisão entre vantagens e desvantagens) a existência de trinta e sete unidades de registo a esta questão (como já tinha sido referido anteriormente), mostrando a forma como os treinadores, apesar de mostrarem bastante confiança e convicção, talvez ainda não tenham conseguido obter uma opinião suficiente consistente e indo de encontro uns com os outros, apesar, de como já referi anteriormente, a dificuldade está na interpretação das suas respostas, palavras, termos aplicados, porque por vezes, de forma indirecta alguns tocam nos mesmos pontos, têm os mesmos pontos de vista e vão de encontro ao mesmo caminho, percurso, tipo de pensamento. A dificuldade está na interpretação que este CP ainda está a criar e precisa de uma reflexão bastante ponderada, sem qualquer precipitação devido à prematura mudança do CP em relação ao anterior e da sua aplicação por cada um deles. Daí que em relação às desvantagens que existem no entender dos treinadores em relação às mudanças/alterações verificadas podemos mostrar, como já foi dito, a existência de vinte e duas unidades que também serão anunciadas por ordem decrescente de frequência: uma primeira relativa à inexistência de um factor de diferenciação evidente nos mais jovens (uma maior diferenciação nas exigências específicas) (2=25,00%); a segunda unidade de registo tem haver com o facto de os esquemas estarem muito acrobáticos o que os torna demasiadamente masculinos, basicamente devido ao facto de os gímnicos terem descido de valor e a valorização dos elementos acrobáticos (2=25,00%); a terceira, quarta e quinta prendem-se com o seguinte: a inexistência, praticamente, de coreografia (2=25,00%), o facto de não favorecer Portugal (2=25,00%) e a qualidade de execução e dificuldade cada vez estarem mais elevadas (2=25,00%). Seguindo-se desta forma as seguintes unidades que ainda faltam mencionar, não tendo sido ainda referidas as inúmeras desvantagens por alguns dos entrevistados como: o aumento da dificuldade (1=12,50%); a falta de pontuação taxativa na composição (1=12,50%); outra das desvantagens mencionadas por um dos treinadores é o facto de as novas mudanças fazerem com que os exercícios sejam todos iguais provocando uma monotonia na visualização dos esquemas (1=12,50%); outra é a quase ausência de realização de elementos gímnicos devido à sua desvalorização (1=12,50%); a ausência de ligações gímnicas (1=12,50%); o que leva à realização de gímnicos somente para

preencher as exigências específicas (1=12,50%); a falta de percepção/entendimento e associação do público devido à inexistência da nota máxima dos 10 pontos (que era considerada como uma referência, algo cultural) (1=12,50%); a inexistência de uma referência para o público e para a comunicação social (1=12,50%); a necessidade de realizar os 10 elementos mais valiosos (1=12,50%); o facto dos exercícios estarem muito extensos (1=12,50%), logo… leva a uma necessidade de treinar uma nova qualidade física no treino da ginástica, a Resistência (1=12,50%). Outra das desvantagens enumeradas é o facto de poder originar uma possível falta de comunicação entre o público e a atleta (1=12,50%). O Excesso de acrobacia (1=12,50%), a inexistência de um bom código adaptado para as mais jovens (1=12,50%) assim como a diferenciação e distanciamento cada vez maiores entre as ginastas (1=12,50%), levando, desta forma, finalmente às duas ultimas unidades, a vigésima primeira e a vigésima segunda, que fazem com que um treinador opine, ache e tenha quase a certeza que uma das desvantagens deste novo CP é provocar a desmotivação (1=12,50%) e que para países que ainda estão em desenvolvimento da modalidade e não têm grandes perspectivas para a desenvolver, que este novo CP não veio ajudar em nada (1=12,50%).

Minusa (2000) também levanta bastantes questões e é crítico no que respeita aos papéis dos comités técnicos da FIG na transformação, alteração, modificação e desenvolvimento, aperfeiçoamento e crescimento da GA, atribuindo a culpa aos agentes gímnicos pela cada vez maior implementação da acrobacia na ginástica em detrimento de valores como a originalidade e o virtuosismo. Chegando mesmo a questionar-se, que com as regras que vigoravam no ano de 2000, se a GA no futuro continuaria a ser tão apreciada, admirada, aplaudida e popular.

O T1 diz o seguinte: “Se é muito importante como é que elas fazem, é importante de facto que seja possível distinguir as boas das muito boas também no factor execução. Passando para a outra alteração que tem a haver com a ausência de limite para a dificuldade, para a nota A, para o conteúdo de elementos que as ginastas apresentam no seu exercício. É importante porque de facto até ao momento havia, com o problema de a nota ter de estar cingida ao dez, fazia com que pelo menos a partir de metade do ciclo olímpico houvesse muitas ginastas que partissem da nota máxima dez mas não eram todas iguais, e portanto já aí à partida não havia uma igualdade de circunstâncias perante as concorrentes. Mais, um que para mim me é muito significativo e porque eu trabalhei nisso num trabalho de mestrado que fiz, o facto de a nota, (da anterior nota) ser feita como era e tinha limite de dez, … era uma das grandes razões para que o código tivesse que ser alterado de 4 em 4 anos, … e desta forma, aliás é um dos objectivos deste novo

CP, eu julgava inclusive que ele nunca mais precisasse de ser mudado, mas pronto, podem ter que ser feitas algumas alterações, mas pelo menos já não há a necessidade de em 4 em 4 anos mudar. E isso permite, em primeiro lugar, que os treinadores possam planear a mais longo prazo a carreira das suas atletas, permite que se possam comparar resultados desportivos quando uma atleta é júnior, sénior, juvenil e iniciada. Coisa que antigamente não era, na medida em que, também agora não é tão necessário fazerem-se adaptações ao código para esses escalões mais novos. As desvantagens, eu não vejo desvantagens nenhumas." Enquanto que o T8 afirma que "as vantagens são para os países desenvolvidos na ginástica. Países que têm condições têm todas as vantagens porque conseguem lutar sempre por lugares mais altos. A nível das desvantagens é tudo aquilo que já disse anteriormente. Acho que para países que ainda estão em desenvolvimento da ginástica e que não há grandes perspectivas para desenvolver mais acho que isto não veio nem vem ajudar em nada. Isto sinceramente, porque não acho que é pelo código estar com mais dificuldade, ou seja, mais difícil de atingir determinadas coisas, que vai motivar as pessoas. Pelo contrário, acho que desmotiva, porque nunca se vai conseguir atingir e alcançar determinada fasquia. E não era por ter um nível baixo que outros não poderiam subir ou que não se conseguiria chegar lá em cima, porque quem estava em cima, quem estava, lá vai continuar a estar, quem não estava, dificilmente estará um dia."

Ferreirinha (1995) refere que como as Notas de Partida (NP) são diferentes logo desde início em relação às concorrentes de uma competição, as Notas Finais (NF) que cada uma das participantes (ginastas) atingirem, por um lado não terão o mesmo significado para todas as atletas.

Ferreirinha (1995, pp. 4) refere que "a NF é a nota atribuída a cada ginasta após a apresentação do seu exercício de competição, em cada aparelho, em função das regras estabelecidas no Código Internacional de Pontuação".

Além de que, "a NP é a nota que a atleta se propõe atingir, para a qual treina antes da competição e que, de acordo com a execução apresentada, pode ser reconhecida ou não pelo Júri. È determinada em função da estrutura que o treinador dá à composição dos exercícios de competição (Ferreirinha, 1995, pp. 4).

Segundo Ferreirinha (1995, pp. 5) "a NP reconhecida é anunciada pelo Júri após a prestação competitiva de cada ginasta, significando a pontuação máxima que a mesma poderia obter caso atingisse a perfeição na sua execução, ou seja, fosse cem por cento eficaz".

Existem muitas dúvidas, muitas questões, e o que para uns são vantagens para outros são consideradas desvantagens, como a T3 que nos diz: "a vantagem é de que há um aumento da dificuldade… mas ao mesmo tempo é uma desvantagem, o aumento da dificuldade é vantajoso e é desvantajoso, depende da maneira como se olha e analisa. É vantajoso porque tornou a modalidade mais espectacular, quer dizer, alguém que está de fora, para já consegue perceber quanto é que vale cada nota, depois percebe-se a tentativa de aumentar a dificuldade em muitos dos esquemas. A desvantagem é que esse aumento da dificuldade nem sempre é bem sucedido."

Numa observação sobre algumas das inovações, mudanças e renovações da FIG nos últimos anos, Fink (2003) referiu que os CM por aparelhos e as Taças do Mundo ajudaram o crescimento da ginástica, dando origem a uma evolução, desenvolvimento e crescimento na dificuldade apresentada pelos atletas especialistas e a um aumento no número de atletas masculinos a participarem em competições de alto nível. Pistas estas deixadas pela o autor numa análise realizada por ele sobre as tais inovações. Factores estes que não se verificaram na GAF, imputando o motivo pelo aumento da idade obrigatória de 16 anos para participar nas competições de elevado nível internacional, mundiais por parte das ginastas. Este acha que a intenção era e é boa, mas admite ter provocado de certa forma efeitos negativos, pois as mais jovens continuam a treinar de forma intensiva e muito activa (e têm competições para as suas idades), mas também o actual CP não compensa nem recompensa os exercícios que as atletas mais maduras podem apresentar.

Logo, para Fink (2003) no que diz respeito ao CP é necessário criarem-se regras e normas mais simples e principalmente que sejam compreensíveis para o público em geral, assim como é extremamente importante, para o ajuizamento, que estes (juízes) possam distinguir mais as atletas, uma vez que as actuais notas do júri B (execução), não possibilita uma grande distinção entre os melhores ginastas.

Talvez daqui a algum tempo as unidades de registo enunciadas por cada um dos entrevistados, tendo em conta as unidades de contexto, já sejam muito mais precisas, e haja mais concordância, não havendo desta forma tanta heterogeneidade nas respostas e haja mais homogeneidade, reduzindo desta forma o número de unidades, tornando-se mais específico nas próprias questões que se fornecem e são elaboradas de forma aberta.

Os nossos entrevistados revelam que o seu percurso, enquanto treinadores, assumiu um carácter de primordial importância na escolha do seu percurso de vida; tal como referiram Templin, Woodford e Mulling, em 1982, citados por Costa e Sousa (1998), a decisão individual está relacionada com a influência de uma grande variedade de experiências e de agentes de socialização, de tal modo que as percepções pessoais, o significado dos outros, as experiências e as ideias sobre o treino, o passado desportivo, entre muitos outros, podem ser elementos que atraem o sujeito para a profissão. Nesta mesma linha de ideias, Carvalho (1996b) fala em atractivos e facilitadores como os recursos que facilitam a entrada para a profissão ou influenciam a escolha de uma carreira, referindo que, para os futuros treinadores, o desejo de treinar modalidades desportivas é um dos factores fundamentais, acrescentando a identificação com determinado treinador, a continuidade de uma ocupação de família e a relação com pessoas significativas (pais, amigos, professores e treinadores).

De um modo geral, podemos afirmar que grande parte dos estudos analisados têm demonstrado que as experiências positivas vivenciadas no desporto constituem a principal influência para se tornarem treinadores.

Quando comparada com outras modalidades, os nossos entrevistados, à semelhança do que acontece com treinadores de outras áreas e com outras pessoas não directamente ligadas ao treino, ainda consideram que é atribuída menos importância à modalidade de Ginástica Artística e que esta possui um estatuto inferior às outras modalidades do *curriculum* desportivo; no entanto, devemos acrescentar que os entrevistados referem ter esperança de que esta situação irá mudar com o tempo.

5.1.3.3 Questão 2.1.5.3 do Guião da Entrevista efectuada aos treinadores: Está satisfeito com estas mudanças/alterações do CP? (Justifique em função da sua participação presente no treino)

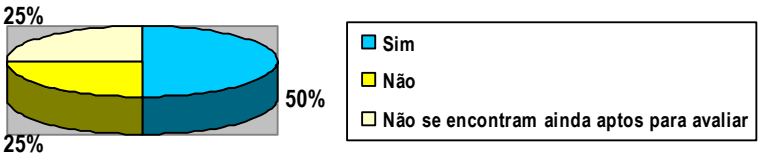


Figura 29: % de opinião em relação ao facto de estarem satisfeitos ou não com as mudanças/alterações do CP (tendo em conta a sua participação no treino)

Em relação ao caso das mudanças/alterações que se verificaram de um código de pontuação para outro e do seu nível de satisfação, o grupo de estudo de treinadores por nós entrevistados foi muito pouco unânime no que diz respeito a esta questão. Como podemos verificar pela Figura 29, quatro responderam que sim, estão satisfeitos (50%), dois que não (25%) e os restantes dois não foram capazes de dar uma resposta concreta visto, na opinião deles, nesta altura, ainda não se encontrarem aptos para realizar esse tipo de avaliação. E, ainda houve outro treinador que respondeu, de uma forma indirecta, que sim, mas que "não estou nem deixo de estar, mas não posso dizer que me é indiferente, pelo facto de, … porque acho que a ginástica caminha no sentido de tornar o acto competitivo, que me parece que pode ser pedagogicamente muito útil, a pessoa competir sob o aspecto de formação pessoal do individuo e das crianças, parece-me, no meu entender que torna mais justo, ou seja, poderá ser mais justo aquilo que vamos assistir agora, com o novo código" e, por esta razão foi incluído nas respostas positivas. Assim como o T3 que afirma "depois se estou satisfeito com as alterações do código de pontuação, … eu acho este código mais inteligente que o anterior, mas também não estou satisfeito nem deixo de estar, tenho que aceitar e cumprir aquilo que me dão e apresentam." Já em relação ao *não conseguirem ainda ter uma opinião formada em relação a esta questão*, uma resposta muito clara da T7 afirmando o seguinte: "Pois não sei. Porque veio… achei que aquilo tinha que se mudar, mas ainda não sei se é para melhor ou se é para pior. Não sei. Ainda não estou apta a avaliar. Em termos de treino é igual. Quando se faz a construção dos esquemas tem que se ir buscar os elementos que valem mais, mas em termos de formação faço exactamente o mesmo treino." Indo desta forma exactamente ao encontro do que nos diz o T5 (que também ainda não tem uma resposta muito clara para dar em relação à pergunta) pois "acho que ainda é um bocadinho cedo para ter uma resposta muito clara acerca disto tudo que está a acontecer. Eu acho que os processos de formação ainda não chegaram suficientemente longe, julgo que vamos necessitar de alguns anos e de algumas gerações, de uma geração pelo menos de ginastas para perceber o que é que isso nos traz em termos do nosso treino. Mas como já disse, há coisas positivas e há coisas negativas, eu sinceramente não gosto do tamanho dos esquemas, acho que os esquemas estão demasiadamente compridos, na masculina isto ainda se nota mais do que na feminina. Os esquemas estão muito compridos, e os esquemas apelam agora (em paralelas também agora) … a uma nova característica que é a resistência, que eu julgo que não faz parte, não tem que fazer parte da Ginástica Artística. Fazer exercícios com 20 elementos nas paralelas, que é o que está a acontecer em alguns dos casos, julgo que não tem que acontecer, porque há elementos de ligação que têm que ser feitos, os bicos pino têm que

ser feitos, alguns movimentos não podem deixar de ser feitos, e fazer o exercício com 20 não tem nada a ver com o exercício com 12, que era aquilo que se fazia anteriormente, ou com 13 ou com 14, e portanto eu acho que isto é negativo para a modalidade. Depois para além disso não consigo ter uma resposta muito clara."

Quadro 60: Análise da Questão: "Está satisfeito com estas mudanças/alterações do CP? (Justifique em função da sua participação presente no treino)"

CATEGORIA	UNIDADE DE REGISTO		ENUMERAÇÃO/ QUANTIFICAÇÃO		UNIDADE DE CONTEXTO
			N	%	
		1) Sim	4	50,00%	
		2) Não	2	25,00%	
		3) Indecisos	2	25,00%	
REPERCUSSÕES DO NOVO CÓDIGO DE PONTUAÇÃO	**Sim**	4) Evolução da modalidade	2	25,00%	"Sim, estou satisfeito com estas alterações do código de pontuação, ao contrário de muita gente que criticou e mesmo antes de ficar definitivo reivindicavam o dez como tradição e achavam que ele se devia manter, eu nunca defendi essa ideia sempre achei que o código devia caminhar para isto,…"
		5) Pelo facto de já acontecer noutras modalidades	1	12,50%	" …que é uma ideia mais parecida com aquilo que já acontece noutras modalidades gímnicas, como os trampolins."
		6) Torna a modalidade mais justa	1	12,50%	"Para nós era-nos mais favorável o processo anterior, mas não deixo de o considerar mais justo, de ser mais justo aquilo que está agora. Realmente nós conseguimos resultados desportivos que em termos de valor era mais próximo, mas que a nível de desempenho estava muito distante e então agora vai ser mais visível essa distância, ou seja, pode ser mais visível. A distância do nível do desempenho entre os vários países agora pode ser bem mais visível, clara e transparente."
		7) Pedagogicamente muito útil	1	12,50%	"…um aspecto dos aspectos, porque acho que a ginástica caminha no sentido de tornar o acto competitivo, que me parece que pode ser pedagogicamente muito útil, a pessoa competir sob o aspecto de formação pessoal do individuo e das crianças, parece-me, no meu entender que torna mais justo, ou seja, poderá ser mais justo aquilo que vamos assistir agora, com o novo código."
		8) Não limita o treino em função de atingir a nota máxima dos 10 pontos	2	25,00%	"…ao contrário de muita gente que criticou e mesmo antes de ficar definitivo reivindicavam o dez como tradição e achavam que ele se devia manter, eu nunca defendi essa ideia sempre achei que o código devia caminhar para isto,…"; "ou seja, poderá ser mais justo aquilo que vamos assistir agora, com o novo código.

					Isto, porque necessariamente nós ouvíamos as atletas que executavam, por estratégia deles, dos treinadores ou das equipas técnicas, elementos, esquemas de elevado coeficiente competitivo, com muitos elementos de dificuldade e que normalmente não resultavam em bons resultados desportivos. Acontecia que nós víamos atletas com desempenhos fora-de-série, muito acima da média, que por vezes conseguiam ser espectaculares ao ponto de serem eles o motivo do gosto e da atracção pela ginástica, mas que na ânsia de fazerem estes desempenhos haviam uma ou outra incorrecção, pequenos desacertos, que resultavam, invariavelmente, em que eles não conseguiam alcançar os resultados desportivos ambicionados. Isto, em contra ponto com outras estratégias de trabalho em que as atletas limitavam-se a fazer única e exclusivamente aquilo que era exigido pelo código para obterem a nota 10, procuravam através do treino intensificar e trabalhar ao ínfimo pormenor para não cometerem erros, com a segurança importante, o que efectivamente tornava os esquemas muito seguros, resultando em esquemas seguros e muito correctos, mas que não eram propriamente os esquemas mais atractivos e mais apelativos para as pessoas gostarem de ginástica, mas que conseguiam obter os resultados e eram bons resultados desportivos, parecendo-me haver um pouco de injustiça."
REPERCUSSÕES DO NOVO CÓDIGO DE PONTUAÇÃO	**Sim**	9) Torna a modalidade mais atractiva e mais interessante	1	12,50%	"Na forma como as coisas estão actualmente, quem fizer mais tem vantagem, até certo ponto, desde que faça correcto e, então parece-me que é bem mais justo do que permitir atletas que façam muito menos, desde que façam bem, consigam obter bons resultados. Ajuda à ginástica. Tem os seus erros, que é o facto das pessoas quererem ir além das suas capacidades, mas parece-me que pode tornar a ginástica mais justa, mais atractiva e mais interessante."
		10) O novo CP não se reflecte muito em termos de participação a nível do treino	1	12,50%	"Fico contente e satisfeito com estas alterações, mas em termos de participação do treino, acho que o novo código não se reflecte muito."
		11) Vantagem que os elementos de maior dificuldade bem efectuados resultarão em bons resultados desportivos	1	12,50%	"Na forma como as coisas estão actualmente, quem fizer mais tem vantagem, até certo ponto, desde que faça correcto e, então parece-me que é bem mais justo do que permitir atletas que façam muito menos, desde que façam bem, consigam obter bons resultados."
		12) Termina a limitação de realizar e fazer única	1	12,50%	"Isto, em contra ponto com outras estratégias de trabalho em que as atletas limitavam-se a fazer única

		e exclusivamente exercícios para aquilo que era exigido pelo CP para obterem a nota máxima limite – os 10 pontos			e exclusivamente aquilo que era exigido pelo código para obterem a nota 10, procuravam através do treino intensificar e trabalhar ao ínfimo pormenor para não cometerem erros, com a segurança importante, o que efectivamente tornava os esquemas muito seguros, resultando em esquemas seguros e muito correctos, mas que não eram propriamente os esquemas mais atractivos e mais apelativos para as pessoas gostarem de ginástica, mas que conseguiam obter os resultados e eram bons resultados desportivos, parecendo-me haver um pouco de injustiça."
		13) Em termos nacionais não tem qualquer tipo, o mínimo de repercussão	1	12,50%	"Fico contente e satisfeito com estas alterações, mas em termos de participação do treino, acho que o novo código não se reflecte muito. Acho que nos devemos situar, pois seria para mim absurdo dizer que em termos nacionais e, estamos a falar da ginástica feminina, isto tem qualquer tipo de repercussão. Não tem o mínimo de repercussão,…"
REPERCUSSÕES DO NOVO CÓDIGO DE PONTUAÇÃO	**Sim**	14) Em termos nacionais irá distanciar-nos mais dos resultados internacionais, será cada vez maior a *decalage* e a diferença entre os outros países e o nosso será cada vez mais acentuada	1	12,50%	"Não tem o mínimo de repercussão, a não ser que os nossos resultados desportivos podem, com o tempo, nos próximos anos, daqui a 3 ou 4 anos, em vez de nos aproximarmos, nos distanciarmos dos resultados internacionais, ou seja, isto foi alterado à pouco tempo e ainda não deu tempo suficiente aos países da frente começarem a utilizar na plenitude os usufrutos de um novo código. Quando isso acontecer, a decalage, a diferença entre esses países e o nosso país, vai ser mais acentuada, porque eles estão em condições de trabalhar e aproveitar aquilo que o código lhes está a dar. Se nós já nem sequer com o outro código ou muito dificilmente conseguíamos ter esquemas que nos permitissem ambicionar chegar à nota 10, não é por causa do código abrir… que nós vamos… não é… ou seja, o novo código não vai interferir na nossa capacidade, a não ser no aspecto negativo. Estou convencido que nos próximos 5-6 anos, dando tempo aos países de ponta pegar nos atletas que agora normalmente têm 9-10 anos e promoverem um tipo de trabalho de 5 ou 6 anos, a diferença em relação ao nosso pais, infelizmente penso que vai ser bem mais acentuada."
		15) O processo anterior era-nos mais favorável, apesar de considerar este mais justo	1	12,50%	"Para nós era-nos mais favorável o processo anterior, mas não deixo de o considerar mais justo, de ser mais justo aquilo que está agora. Realmente nós conseguimos resultados desportivos que em termos de valor era mais próximo, mas que a nível de desempenho estava muito distante e então agora vai ser mais visível essa distância, ou seja, pode ser mais visível. A distância do nível do desempenho entre os

					vários países agora pode ser bem mais visível, clara e transparente."
		16) Não influenciaram muito em termos de treino	1	12,50%	"Em termos de código, … repara as minhas ginastas são de nível intermédio, as mudanças do código não influenciam muito. Depois se estou satisfeito com as alterações do código de pontuação, … eu acho este código mais inteligente que o anterior, mas também não estou satisfeito nem deixo de estar, tenho que aceitar e cumprir aquilo que me dão e apresentam."
		17) Houve alterações no trabalho realizado em cada um dos aparelhos	1	12,50%	"Estou satisfeita com as mudanças, embora se tenham alterado algumas coisas no trabalho que se tem em cada aparelho. Por exemplo, em todos os aparelhos, à excepção da trave, onde se verificaram alterações de menor nível, em todos os restantes aparelhos houveram alterações."
		18) Houve uma grande diferença, alteração no tipo de treino realizado nos Saltos	1	12,50%	"Quem quiser ser especialista de saltos de cavalo, agora tem de realizar um salto à frente e um salto a trás, … No cavalo é essa a grande diferença que acho que veio alterar o treino, o meu especialmente não, porque não tenho especialistas no cavalo, mas alteraria com certeza totalmente. Alterou totalmente o trabalho dos finalistas dos Campeonatos do Mundo e por ai adiante, porque tiveram de fazer saltos completamente diferentes."
REPERCUSSÕES DO NOVO CÓDIGO DE PONTUAÇÃO	**Sim**	19) O aumento da exigência do trabalho ao nível de todos os tipos de pegas (3) realizadas nas PA	1	12,50%	"Por exemplo nas paralelas, para mim houve mudanças porque nós aqui em Portugal trabalhamos pouco ou, falando por mim, trabalho pouco pega facial, dorsal e cubital. Trabalho mais em facial, despegues e primeiro preocupo-me com isso e, só depois… que
		20) Necessidade de treinar despegues	1	12,50%	está mal, eu sei que não está bem… Mas o novo código veio obrigar-me a fazer uma coisa que eu já devia fazer, portanto acho que foi positivo. Porque tenho de... trabalhar as 2 pegas e até já … as 3 pegas, …"
		21) Necessidade de treinar cada vez mais exercícios mais difíceis para os esquemas apresentarem os dez melhores elementos e desta forma serem cada vez mais valiosos	1	12,50%	"… para depois fazer a que der mais jeito e há exercícios em cubital que são todos mais difíceis, que se tornam mais difíceis e portanto mais valiosos."
		22) Mudanças muito positivas e significativas a nível da formação pois obriga a treinar e a fazer muitas mais coisas o que torna a ginasta muito mais versátil e	1	12,50%	"Mudou muito nesse campo e mesmo na formação e acho que isso foi muito positivo. Veio alterar também, por exemplo têm que fazer um exercício com uma rotação de 360º e também veio obrigar que as ginastas façam esse tipo de exercício ou uma volta livre com pirueta ou um gigante com pirueta, que acho que foram mudanças positivas, para as pessoas

REPERCUSSÕES DO NOVO CÓDIGO DE PONTUAÇÃO	**Sim**	completa			trabalharem as coisas que se fazem nas paralelas, porque senão as pessoas só trabalham despegues, só trabalham passagens para cima, passagens para baixo, que são aquelas que estão nas exigências específicas. Desta forma veio obrigar a fazer mais coisas, que acho que é muito bom."
REPERCUSSÕES DO NOVO CÓDIGO DE PONTUAÇÃO	**Não**	23) Esquemas demasiadamente compridos	1	12,50%	"… e há coisas negativas, eu sinceramente não gosto do tamanho dos esquemas, acho que os esquemas estão demasiadamente compridos, na masculina isto ainda se nota mais do que na feminina. Os esquemas estão muito compridos, …"
		24) Novas mudanças do CP apelam a uma nova característica da GA – a Resistência	1	12,50%	"… e os esquemas apelam agora, em paralelas também agora, apelam a uma nova característica que é a resistência, que eu julgo que não faz parte, não tem que fazer parte da ginástica artística."
		25) Muito exigente e demasiadamente exagerado	1	12,50%	"Algumas não. Está muito exigente. Por exemplo paralelas, os ângulos nas paralelas, tudo isto é muito exigente, e muitas vezes é demais, ninguém faz todas como a China ou como a Ucrânia, que são aquelas… logo treino de…, é logo meio ponto, mais daí logo meio ponto, é demais, acho que é muito exagerado, agora no último momento alterou o código e é mais difícil, …"
		26) Falta de reuniões para chegar a um consenso e clarificação de certos aspectos e dúvidas que surgem para desta forma ajudar a entender melhor as novas regras do CP e assim fazer um bom planeamento de treino, quer a curto como a longo prazo	1	12,50%	"… ainda não nos encontrarmos para tiramos dúvidas, por exemplo na trave, tem que ter 3 direcções de mortais, mortais à frente e atrás, mesmo que seja uma série acrobática, se não tem um movimento de lado ou à frente não conta a exigência."
		27) Elementos gímnicos muito exigentes acrescidos ao facto de terem descido de valor	1	12,50%	"E gímnicos muito exigentes, e gímnicos baixar a valorização, de ligação já não conta, agora só conta a ligação de acro-gímnica. E muito exigente, agora mais pormenores, por exemplo anel, tipo salto de anel, tem que ser perna afastada ou perna junta, muito exigente."
		28) As mudanças do CP levam a que o nível de treino seja bastante complicado, muito limitativo e condicionado	2	25,00%	"Não fiquei muito satisfeita com estas mudanças no treino, é complicado, complicado. Tem várias desvantagens, ou faz bem ou tira."; "Não. Não estou satisfeita exactamente porque me sinto limitada."; "…a participação delas em competições muitas das vezes é
		29) Dificulta a construção dos	1	12,50%	condicionada exactamente pelo código porque se ela, se não se consegue construir um determinado

REPERCUSSÕES DO NOVO CÓDIGO DE PONTUAÇÃO	**Não**		esquemas em cada aparelho devido aos exercícios/elementos a incluir			exercício, também é difícil ir competir para ter zero, ou ter menos, não sei quanto."
			30) Difícil definir objectivos	1	12,50%	"Qual é neste momento o objectivo… não é… ao irmos a uma prova… minimamente ter uma nota positiva, e para ginastas jovens é difícil, apesar de haver um código simplificado cá em Portugal que eu também não estou de acordo em muitas coisas, …"
			31) Fasquia alta demais para a realidade Portuguesa quando deveriam estar mais simplificadas, principalmente para as mais jovens	1	12,50%	"… acho que a fasquia está também um bocadinho alta, acho que há coisas que podiam ser um bocadinho mais simplificadas para as mais jovens, não é para elas terem grandes notas, notas altas, não é para elas pensarem que fazem muito e que já têm notas muito altas, é na tentativa de elas conseguirem fazer e mostrar alguma coisa…"
			32) Provoca desmotivação a nível do treino	1	12,50%	"…para as motivar a treinar mais e depois então atingir determinadas fasquias."
REPERCUSSÕES DO NOVO CÓDIGO DE PONTUAÇÃO	**INDECISOS**	**Pouco clara**	33) O tempo do processo de formação de treino ainda é muito insuficiente	1	12,50%	"Acho que ainda é um bocadinho cedo para ter uma resposta muito clara acerca disto tudo que está a acontecer. Eu acho que os processos de formação ainda não chegaram suficientemente longe, julgo que vamos necessitar de alguns anos e de algumas gerações, de uma geração pelo menos de ginastas para perceber o que é que isso nos traz em termos do nosso treino. Mas como já disse, há coisas positivas e há coisas negativas,…"
		Ainda sente alguma falta de aptidão para avaliar	34) Em termos de treino, de formação é exactamente o mesmo tipo de treino	1	12,50%	"Pois não sei. Porque veio… achei que aquilo tinha que se mudar, mas ainda não sei se é para melhor ou se é para pior. Não sei. Ainda não estou apta a avaliar. Em termos de treino é igual. Quando se faz a construção dos esquemas tem que se ir buscar os elementos que valem mais, mas em termos de formação faço exactamente o mesmo treino."

Como já referimos todos os treinadores acharam terem existido grandes alterações e modificações de um CP para outro, daí o elevado número de resultados obtidos no que diz respeito aquelas que eles consideram serem as mais significativas ("à primeira vista"). Pois neste momento, visto ainda ser tudo muito recente, tudo depende das percepções, das interpretações e das respostas que cada dia-a-dia, durante o treino, lhe vai dar e principalmente que as competições vão ditar, não só em termos de resultados, estratégias e na melhor forma de aplicação das novas mudanças, regras.

Quanto à questão "Está satisfeito com estas mudanças/alterações do CP? (Justifique em função da sua participação presente no treino)", que se encontra incluída na **categoria**, **repercussões do novo código de pontuação,** neste caso a nível da sua presença no treino, a maioria dos treinadores não conseguiu ser completamente claro, ao contrário de outros. Alguns têm a certeza absoluta quando afirmam que estão satisfeitos com as modificações, outros, pelo contrário, e, por fim, alguns ainda estão muito indecisos porque acham que é muito prematuro dar tal resposta com pleno fundamento e convicção visto que a aplicação de um código só se nota passado algum tempo, e não enquanto as alterações continuam a ser uma constante, até porque está tudo numa fase de experimentação, onde o erro será ou poderá ser permitido devido às várias interpretações, estratégias e objectivos do próprio momento e de futuras circunstâncias. E torna-se um tanto "caricato", o facto de algumas das justificações, que servem para corroborar o sim de alguns, serem utilizadas para justificar o não (a insatisfação) de outros, daí o interessante deste estudo, dos seus resultados e da sua "ambiguidade".

Relativamente à questão em causa "Está satisfeito com estas mudanças/alterações do CP? (Justifique em função da sua participação presente no treino)" o Quadro 60 mostra-nos a existência de variadas unidades de registo, perfazendo um total de trinta e quatro, que vamos dividir em três (mais concretamente tendo como referência as primeiras unidades de registo) para "dentro" dessas incluir as restantes, para desta forma se tornar mais clara e mais fácil a realização da interpretação dos dados obtidos.

O Quadro 60 apresenta-nos as três primeiras unidades que são a do sim (4=50,00%): dos sujeitos do grupo de estudo metade estão satisfeitos com as transformações ocorridas, enquanto que outros não (2=25,00%); e por fim, temos os indecisos, se assim lhes podemos chamar (ou atribuir esta unidade de registo) (2=25,00%), mas de facto ainda não conseguem nem se sentem aptos a dar uma resposta clara sobre a questão em si, apesar de as suas justificações serem bastante plausíveis.

Em relação às restantes unidades de registo iremos começar por aquelas que nos respondem (justificam) na positiva (neste caso o sim, estão satisfeitos) e será realizada, como já aconteceu com as anteriores por ordem decrescente: das dezanove que iremos enumerar, começaremos pelo facto de ter sido considerado bom para a evolução da modalidade (2=25,00%); o caso de não limitar o treino em função de atingir a nota máxima dos 10 pontos (2=25,00%); pelo facto de já acontecer noutras modalidades (1=12,50%); assim como torna a modalidade mais justa

(1=12,50%); pedagogicamente é muito útil (1=12,50%); e torna a modalidade mais atractiva e mais interessante (1=12,50%). Num outro registo temos: o novo CP não se reflecte muito em termos de participação a nível do treino (1=12,50%); e tem a vantagem que os elementos de maior dificuldade bem efectuados resultarão em bons resultados desportivos (1=12,50%); desta forma termina a limitação de realizar e fazer única e exclusivamente exercícios para aquilo que era exigido pelo CP (anterior) para obterem a nota máxima limite dos 10 pontos (1=12,50%); um treinador entendeu que em termos nacionais não tem qualquer tipo, o mínimo de repercussão (1=12,50%) e que em termos nacionais irá distanciar-nos mais dos resultados internacionais, sendo cada vez maior a *decalage* e a diferença entre os outros países e o nosso (1=12,50%); um outro afirma que o processo anterior era-nos mais favorável, apesar de considerar este mais justo (1=12,50%); também há um treinador para quem as alterações não influenciaram muito em termos de treino (1=12,50%) enquanto que para outro já houve alterações no trabalho realizado em cada um dos aparelhos (1=12,50%). E, finalmente, um registo com um treinador cada: houve, principalmente, uma grande diferença, alteração no tipo de treino realizado nos Saltos (1=12,50%); o aumento da exigência do trabalho ao nível de todos os tipos de pegas (das três neste caso) realizadas nas PA (1=12,50%); e a necessidade de treinar despegues (1=12,50%); a necessidade de treinar cada vez exercícios mais difíceis para os esquemas apresentarem os dez melhores elementos e desta forma serem cada vez mais valiosos (1=12,50%). Daí que, de uma forma bastante resumida, uma treinadora considera as mudanças muito positivas e significativas a nível da formação pois obriga a treinar e a fazer muitas mais coisas o que torna a ginasta muito mais versátil e completa (1=12,50%).

Já no que diz respeito à unidade de registo do não (o de não estarem satisfeitos com as mudanças ocorridas no CP), e uma curiosidade muito interessante, é o facto de a justificação para a satisfação dos treinadores com a mudanças para outros tornam-se factores para justificarem a sua insatisfação, apesar de uma maneira ou de outra dizerem a mesma coisa, mas em contextos diferentes e com pontos de vista opostos. A partir daí incluímos das doze restantes unidades de registo que ainda faltam, dez, são as seguintes (referentes ao não): os treinadores referiram o facto de as mudanças do CP levam a que o nível de treino seja bastante complicado, muito limitativo e condicionado (2=25,00%); que os esquemas se tornem demasiadamente compridos (1=12,50%); que leva a que essas novas mudanças do CP apelem a uma nova característica da GA – a Resistência (1=12,50%) (O t5 refere que “Os esquemas estão muito compridos, e os esquemas apelam… (em paralelas também) … a uma nova característica que é

a resistência, que eu julgo que não faz parte, não tem que fazer parte da ginástica artística. "); além de outros treinadores pensarem que estas mudanças do CP o tornam muito exigente e demasiadamente exagerado (1=12,50%), além de haver outra lacuna no entender do mesmo treinador que são a falta de reuniões para chegar a um consenso e clarificação de certos aspectos e dúvidas que surgem para desta forma ajudar a entender melhor as novas regras do CP e assim fazer um bom planeamento de treino, quer a curto como a longo prazo (1=12,50%). Outros dos aspectos negativos referenciados é o facto de os elementos gímnicos estarem muito exigentes, acrescidos ao facto de terem descido de valor (1=12,50%). Além de que dificulta a construção dos esquemas em cada aparelho devido aos exercícios/elementos a incluir (1=12,50%), é difícil definir objectivos (1=12,50%), a fasquia está alta demais para a realidade Portuguesa quando deveria estar mais simplificada, principalmente para as ginastas mais jovens (1=12,50%) o que no entender de uma treinadora provoca uma desmotivação a nível do treino (1=12,50%).

Já em relação às duas últimas unidades de registo que nos falta mencionar, optamos por incluí-las na unidade dos indecisos, apesar de duas das unidades anteriormente referidas terem sido proferidas por um dos(as) treinadores(as) e incluídas na unidade do não. Isto porque duas das suas justificações se incluíam no grupo dos insatisfeitos com as mudanças, unidade anterior a esta. Daí que dois dos treinadores incluídos nesta unidade (indecisos, por considerarem pouco claro e ainda se sentirem com alguma falta de aptidão para avaliar) acharem que o tempo do processo de formação de treino ainda é muito insuficiente (1=12,50%) e o outro que, em termos de treino de formação, é exactamente o mesmo tipo de treino (1=12,50%).

De uma forma geral esta questão torna-se um bocado polémica mas ao mesmo tempo bastante relevante porque apesar da experiência dos entrevistados há factores que causam uma certa dúvida, controvérsia e discussão, daí a inúmera quantidade de unidades encontradas e registadas. Pois se calhar, neste momento, as suas reflexões e opiniões poderiam não mudar muito mas ser um bocadinho mais diferentes ou variadas, ou muito pelo contrário, muito mais exactas e precisas. O que não quer dizer que estas não sejam ou que lhes tire qualquer tipo de validade, pois, muito pelo contrário, são muito válidas, interessantes e bastantes pertinentes.

5.1.4 Questão 2.1.6 do Guião da Entrevista efectuada aos treinadores: Em relação ao seu trabalho como treinador, procedeu a mudanças ao nível da metodologia de treino, em virtude das alterações verificadas no CP 2006? Ou por outro lado, essas mudanças não alteraram de forma significativa a sua metodologia de treino aplicada ao longo de uma época ou de um ciclo olímpico?

Quadro 61: Análise da questão: "Em relação ao seu trabalho como treinador, procedeu a mudanças ao nível da metodologia de treino, em virtude das alterações verificadas no CP 2006? Ou por outro lado, essas mudanças não alteraram de forma significativa a sua metodologia de treino aplicada ao longo de uma época ou de um ciclo olímpico?"

CATEGORIA	UNIDADE DE REGISTO	ENUMERAÇÃO/ QUANTIFICAÇÃO		UNIDADE DE CONTEXTO
		N	%	
REPERCUSSÕES DO NOVO CÓDIGO DE PONTUAÇÃO	1) Sim	2	25,00%	
	2) Não	6	75,00%	

Relativamente à questão "Em relação ao seu trabalho como treinador, procedeu a mudanças ao nível da metodologia de treino, em virtude das alterações verificadas no CP 2006? Ou por outro lado, essas mudanças não alteraram de forma significativa a sua metodologia de treino aplicada ao longo de uma época ou de um ciclo olímpico?", pertencente à **categoria**, **repercussões do novo código de pontuação**, o Quadro 61 e a Figura 30 mostram-nos duas unidades de registo: os indivíduos que não procederam a mudanças significativas relativamente à sua metodologia de treino aplicada devido às mudanças verificadas no CP 2006 (6 respostas=75,00%) e as que responderam que sim devido às alterações verificadas, mudando a sua metodologia ao nível do treino (2 resposta=25,00%).

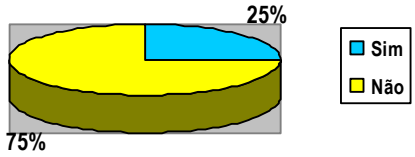


Figura 30: % de indivíduos que alteraram a sua metodologia de treino em função das mudanças verificadas ao nível do novo CP 2006

A análise e estudo dos resultados obtidos em cada competição torna-se extremamente importante na condução do processo de treino e preparação das ginastas, para qualquer que seja o objectivo (Ferreirinha, 2005).

Matveiev (1981) diferencia dois modelos de competição: as (1) desportivas e as (2) preparatórias, onde estas últimas têm como função avaliar as classificações para modificar as regras orientadoras da preparação física, técnica, etc.. Atribuindo-lhes desta forma, igualmente o nome de provas de controlo ou competições niveladoras, uma espécie de etapa, no caminho para as verdadeiras competições desportivas.

Ukran (1978) inclui o plano de resultados anuais das competições na lista de documentos de planeamento e controlo a longo prazo, quando se refere ao planeamento de treino.

Assim como Gajdos (1983) também abrange o controlo de resultados nas competições como tarefa essencial na elaboração do plano a longo prazo e anual, referindo-se mesmo à necessidade de se planearem competições de controlo.

Still (1993), referindo-se ao planeamento do treino no período competitivo, apresenta a necessidade de algumas competições serem tratadas como competições de treino com o objectivo de aferir o ajustamento de cada ginasta à competição escolhida como importante.

Platonov (1988) afirma que na prática desportiva podemos dividir as competições em categorias tendo em conta a função e o seu objectivo (como por exemplo: competições de preparação, de controlo, eliminatórias e principais). A análise e estudo dos resultados obtidos em cada competição torna-se extremamente importante na condução do processo de treino e preparação das ginastas, para qualquer que seja o objectivo (Ferreirinha, 2005).

Matveiev (1981) diferencia dois modelos de competição: as (1) desportivas e as (2) preparatórias, onde estas últimas têm como função avaliar as classificações para modificar as regras orientadoras da preparação física, técnica, etc.. Atribuindo-lhes desta forma, igualmente o nome de provas de controlo ou competições niveladoras, uma espécie de etapa, no caminho para as verdadeiras competições desportivas.

Ukran (1978) inclui o plano de resultados anuais das competições na lista de documentos de planeamento e controlo a longo prazo, quando se refere ao planeamento de treino.

Assim como Gajdos (1983) também abrange o controlo de resultados nas competições como tarefa essencial na elaboração do plano a longo prazo e anual, referindo-se mesmo à necessidade de se planearem competições de controlo.

Still (1993), referindo-se ao planeamento do treino no período competitivo, apresenta a necessidade de algumas competições serem tratadas como competições de treino com o objectivo de aferir o ajustamento de cada ginasta à competição escolhida como importante.

Platonov (1988) afirma que na prática desportiva podemos dividir as competições em categorias tendo em conta a função e o seu objectivo (como por exemplo: competições de preparação, de controlo, eliminatórias e principais).

A partir da última questão analisada e aplicada colocam-se logo de seguida duas que irão ser comentadas e ponderadas, tais como "se respondeu não, justifique porque considera não terem sido necessárias alterações ao nível do treino" e "se respondeu sim, quais as principais mudanças que teve de fazer na sua metodologia de treino. Quais os exercícios que deixou de treinar (se deixou) e quais os que começou a treinar (se tal se verificou)? No aquecimento? Na flexibilidade? No trabalho de força (preparação física)? Na coreografia (ballet)? Neste momento dá a mesma importância a esta componente de treino da GAF ou mudou alguma coisa? Nos saltos? Nas paralelas assimétricas? Na trave? No solo?". Estas são todas questões que, apesar daqueles que responderam não, em relação ao não terem mudado significativamente a sua metodologia de treino, também poderem opinar ou indicar algumas das mudanças por eles realizadas. Reflexo este, de certa forma "obrigatório", devido a certas mudanças de regras e exigências que, forçosamente levam a algumas alterações por mais pequenas ou mínimas que sejam. Não tendo sido o caso verificado ao nível do CP 2006 em relação ao de 2001 em termos muito significativos pela maioria dos nossos entrevistados.

Sendo assim, neste caso iniciaremos pela a avaliação à questão em que a resposta foi negativa por parte dos treinadores.

5.1.4.1 Questão 2.1.6.1 do Guião da Entrevista efectuada aos treinadores: "Se respondeu não, justifique porque considera não terem sido necessárias alterações ao nível do treino".

Quadro 62: Análise da questão: "Se respondeu não, justifique porque considera não terem sido necessárias alterações ao nível do treino."

CATEGORIA	UNIDADE DE REGISTO	ENUMERAÇÃO/ QUANTIFICAÇÃO		UNIDADE DE CONTEXTO
		N	%	
REPERCUSSÕES DO NOVO CÓDIGO DE PONTUAÇÃO	1) Não foram necessárias mudanças que se possam considerar significativas ao nível da própria metodologia de treino	6	75,00%	"Não, significativamente não. Porque isto são alterações que podem alterar o planeamento da carreira de uma ginasta. Não porque eu acho que elas alteravam-se exactamente quando o código se alterava de 4 em 4 anos, isso é que acontecia, que de 4 em 4 anos podíamos ter que alterar metodologias. Metodologias… altera-se algumas componentes do planeamento, agora metodologia do treino propriamente dita…"; "Não alterou nada, absolutamente nada."; "Não, em termos de metodologia não. … as mudanças não foram significativas."; "Não, em termos de metodologia de treino não alterou significativamente."; "…não houve assim uma mudança significativa."
	2) Pode ser uma forma de alterar o planeamento (altera-se algumas componentes do planeamento), mas não a metodologia de treino	1	12,50%	"Não, significativamente não. Porque isto são alterações que podem alterar o planeamento da carreira de uma ginasta. Não porque eu acho que elas alteravam-se exactamente quando o código se alterava de 4 em 4 anos, isso é que acontecia, que de 4 em 4 anos podíamos ter que alterar metodologias. Metodologias… altera-se algumas componentes do planeamento, agora metodologia do treino propriamente dita…"
	3) Alterações ao nível do trabalho da força	1	12,50%	"Em relação ao de 2001 para o de 2006, há sempre pequenas alterações sim, que se tem que fazer em função de algumas alterações que aparecem, mas não são significativas, é isso que eu estava a dizer, significativas acho que não. As alterações que considero é mais a nível e trabalho de força."
	4) Trabalhar em função do desempenho e capacidades das ginastas	2	25,00%	"Não alterou nada, absolutamente nada. Eu trabalho em função daquilo que elas podem fazer e mais nada. Não tenho a mínima intenção de alterar o que seja neste plano."; "Na fasquia em que eu estou a trabalhar neste momento, não tive que alterar, na fase de treino em que estou com elas, como elas são jovenzinhas não tive que alterar grandemente porque elas estão na aquisição de elementos básicos, e a aquisição desses elementos básicos são para um código, para outro, para outro e/ou para outro. Sem a aquisição desses elas não podem partir para mais difíceis. E portanto, não tive que fazer

				grandes alterações ou praticamente não fiz alterações."
REPERCUSSÕES DO NOVO CÓDIGO DE PONTUAÇÃO	5) Escolha mais abrangente de elementos de dificuldade, a necessidade de uma maior amplitude de escolhas a todos os níveis	3	37,50%	"…se tiverem como a finalidade única a obtenção de elevados rendimentos desportivos, aquilo que eu aconselho é a escolha de uma forma mais abrangente de saídas no que diz respeito à possibilidade de desempenho de outros elementos de dificuldade, no sentido de que a atleta não se restrinja de uma forma eventual a fazer apenas um duplo, ou seja, começar a trabalhar mais cedo noutro género de exercícios, que não restrinjam a evolução futura."; "Em relação às mais velhas, claro que depois uma pessoa tem que treinar mais aqueles elementos que valem mais e que preencham as exigências."; "No entanto eu penso que se estivesse com treino de alto rendimento aí sim teria que fazer algumas alterações, nomeadamente em termos de treino de algumas ligações, etc."
	6) Maior empenho na elaboração dos esquemas e na escolha de determinados elementos	1	12,50%	"Faço mais contas quando é para decidir se determinado elemento entra ou não no esquema, já se fazia e pensava antes, antigamente, mas agora pensasse um bocadinho mais e fazem-se mais contas quanto aos ganhos ou perdas em termos de pontos. Implicou um cuidado maior na elaboração dos esquemas."
	7) Alterou a formação – Necessidade de treinar a Resistência	1	12,50%	"O que vai alterar e vai alterar logo desde a formação é esta questão da resistência."
	8) Importância que a componente coreográfica assume e lhe é atribuída neste CP 2006	3	37,50%	"Não dou menos importância, muito antes pelo contrário."; "E se as ginastas não estiverem bem preparadas a esse nível, julgo que vão perder ainda mais. Eu julgo que ainda ganhou mais força e mais valor ainda neste código, no entanto em termos de espectacularidade e de venda para o público piorou. Ou seja, é muito exigente nesse aspecto, mas as pessoas nem se apercebem de que há uma coreografia no solo, …"; "Dou a mesma importância à coreografia que já dava."; "A nível de coreografia e do ballet daria a mesma importância ou ainda mais a essa componente porque a parte artística neste momento está fortemente pontuada."
	9) Realizar somente os saltos gímnicos que têm maior valor	1	12,50%	"…nos saltos gímnicos que se faz mais aqueles que valem mais, mas de resto tem sido tudo igual."

Dos 75,00% dos entrevistados que responderam não terem sido necessárias realizar alterações significativas a nível da metodologia de treino, deve-se ao facto, de e em todos os ciclos olímpicos e com as constantes mudanças dos códigos de pontuação, há sempre necessidade de pequenos ajustes, que por vezes podem até ser substanciais, simples, ou ligeiras adaptações que têm que ser obrigatoriamente realizadas devido às mudanças das regras e das próprias

exigências em cada aparelho. O próprio valor de cada elemento que pode baixar ou valorizar, as prioridades daquele ciclo olímpico por vezes tem, … em termos de preferências de saltos, tendências e escolhas, etc., etc.….

No Quadro 62 que diz respeito à questão "Se respondeu não, justifique porque considera não terem sido necessárias alterações ao nível do treino", podemos verificar a existência de nove unidades de registo: uma primeira que tem a ver com o facto de não terem sido necessárias mudanças que se possam considerar significativas ao nível da própria metodologia de treino (que corresponde a 6 respostas = 75% do grupo de estudo total de treinadores, mas que também se poderia atribuir 100% ao total dos que responderam não, mas vamos cingir-nos à totalidade do grupo deestudo de treinadores entrevistados, os oito); depois temos a segunda unidade que nos indica que pode ser uma forma de alterar o planeamento (altera-se algumas componentes do planeamento), mas não a metodologia de treino (1=12,50%); a terceira unidade fala-nos das alterações que um dos treinadores considera necessária neste momento ao nível do trabalho da força (1=12,50%) (opinião esta contrária ao que o T8 nos diz que: "Em termos de preparação física mantinha, não acho que tinha que aumentar as cargas". A quarta prende-se com o facto de se ter de trabalhar em função do desempenho e capacidades das ginastas (2=25,00%). Depois encontramos a quinta unidade que se refere à escolha mais abrangente de elementos de dificuldade, a necessidade de uma maior amplitude de escolhas a todos os níveis (3=37,50%). A sexta foi referida por um dos entrevistados como a necessidade de um maior empenho na elaboração dos esquemas e na escolha de determinados elementos (1=12,50%). A sétima com a insistente referência por parte de um dos entrevistados sobre a alteração a nível da formação devido à necessidade de treinar uma nova componente, a Resistência (que no entender dele não deveria fazer parte da ginástica em si, ou ser um ponto crucial, fundamental, como o que começa a ser para se conseguir atingir todos os objectivos pretendidos (1=12,50%). A oitava tem a ver com a importância que a componente coreográfica assume e lhe é atribuída neste CP 2006 (3=37,50%). E por fim, a nona, que se resume ao facto de agora só se realizarem os saltos gímnicos que têm maior valor (1=12,50%).

Como nos afirmam vários dos entrevistados, não fizeram mudanças muito significativas a nível da metodologia de treino, mas tiveram que fazer opções e modificações. No entanto não consideram significativas na própria metodologia da modalidade. O T1 afirma o seguinte: "Não, significativamente não. Porque isto são alterações que podem alterar o planeamento da carreira de uma ginasta. Não porque eu acho que elas alteravam-se exactamente quando o código se

alterava de 4 em 4 anos, isso é que acontecia, que de 4 em 4 anos podíamos ter que alterar metodologias. Metodologias… alteram-se algumas componentes do planeamento, agora metodologia do treino propriamente dita não sei, e por acaso, como já vi aqui algumas perguntas mais à frente, quando muito no treino de força, de preparação física, porque de facto o que acontece é que os exercícios começam a ser mais extensos e eventualmente para se conseguir e para incluir mais dificuldades no exercício, mas não sei se isso se pode chamar metodologia do treino. Portanto, aquilo que mudei, mudei nas mesmas circunstâncias em que mudava de 4 em 4 anos, e aquilo que eu acho é que se calhar não vou ter que passar a mudar de 4 em 4 anos. Em relação ao de 2001 para o de 2006, há sempre pequenas alterações sim, que se tem que fazer em função de algumas alterações que aparecem, não são significativas, é isso que eu estava a dizer, significativas acho que não. As alterações que considero são mais a nível de trabalho de força." Como podemos ver, este inquirido acha que são sempre necessárias alterações, mas neste caso mais a nível da componente física, da preparação física devido à necessidade acrescida de as ginastas neste momento terem mais força e resistência (como vai ser referida mais à frente) para desempenhar elementos de dificuldade mais exigentes ao nível de todas as fases dos seus esquemas, devido à valorização e necessidade de realizar os dez elementos de maior valor, tornando desta forma os esquemas mais extensos, como já foi referido por vários treinadores. Outro treinador refere que, "contudo posso deixar aqui a dica que quem nos clubes ou nas selecções dos escalões etários mais baixos, se tiverem como finalidade única a obtenção de elevados rendimentos desportivos, aquilo que eu aconselho é a escolha de uma forma mais abrangente de saídas no que diz respeito à possibilidade de desempenho de outros elementos de dificuldade, no sentido de que a atleta não se restrinja de uma forma eventual a fazer apenas um duplo, ou seja, começar a trabalhar mais cedo noutro género de exercícios, que não restrinjam a evolução futura. Por exemplo: os saltos à frente no solo, os saltos à retaguarda, procurar não restringir com duplos, com piruetas, ou seja, ser mais abrangente, procurar ter a possibilidade de no futuro ter uma maior amplitude de escolha, para conseguir fazer o máximo de dificuldades possível e construir o melhor esquema possível, no sentido de estar sempre a fazer mais, mais e mais, …". Já o T5 refere o seguinte "Não, em termos de metodologia de treino não alterou significativamente. O que vai alterar e vai alterar logo desde a formação é esta questão da resistência. Que é uma questão que, nós próprios, eu julgo que não estudamos muito na ginástica e que vamos ter que estudar e investigar mais, e o impacto dos esquemas nos mais jovens. Porque nos mais jovens é suposto eles fazerem esquemas simples, fáceis, bem feitos e não sei até que ponto, não sei com que idade ainda,

sinceramente, em termos científicos não há nada que me diga, a partir de que idade é que eu hei-de e devo começar a trabalhar e a treinar exercícios mais complexos, mais compridos digamos assim, com mais tempo. Isso é uma questão que eu acho que com o desenrolar do ciclo olímpico, nós vamos chegando a essa conclusão empiricamente mas também em termos científicos julgo que é preciso estudar." E quanto à questão da coreografia (*ballett*) a sua opinião em relação a esta componente a nível do treino é a seguinte "não dou menos importância, muito antes pelo contrário. Porque a questão é que, o código não dá tempo, não dá espaço, mas aquele espaço ou é bem aproveitado ou então já estamos a perder três décimos, e tudo… por causa da composição. E pior, o código é muito exigente e se for levado à "letra", há as questões da mímica, da expressão facial e da expressão corporal, etc., que não têm a ver com aqueles três décimos mas tem a ver com algo mais. E se as ginastas não estiverem bem preparadas a esse nível, julgo que vão perder ainda mais. Eu julgo que ainda ganhou mais força e mais valor ainda neste código, no entanto em termos de espectacularidade e de venda para o público piorou. Ou seja, é muito exigente nesse aspecto, mas as pessoas nem se apercebem de que há uma coreografia no solo, e portanto é aí que eu defendo que há algumas coisas que não estão bem." Já o T8 refere que "Na fasquia em que eu estou a trabalhar neste momento, não tive que alterar, na fase de treino em que estou com elas, como elas são jovenzinhas não tive que alterar grandemente porque elas estão na aquisição de elementos básicos, e a aquisição desses elementos básicos são para um código, para outro, para outro e/ou para outro. Sem a aquisição desses elas não podem partir para mais difíceis. E portanto, não tive que fazer grandes alterações ou praticamente não fiz alterações. No entanto, eu penso que se estivesse com treino de alto rendimento aí sim teria que fazer algumas alterações, nomeadamente em termos de treino de algumas ligações, etc. E agora não estou a ver assim muito bem aquilo que precisava de alterar mais. A nível de coreografia e do ballet daria a mesma importância ou ainda mais a essa componente porque a parte artística neste momento está fortemente pontuada. Em termos de preparação física mantinha, não acho que tinha que aumentar as cargas."

Segundo Ferreirinha (1995) é difícil controlar o rendimento que uma atleta atinge em competição, não se torna nada fácil conseguir verificar esse proveito atingido por parte da ginasta, e um dos factores para isso deve-se ao caso de os dados que de uma forma geral são utilizados para esse resultado não ultrapassam a simples observação do número total de pontos alcançados e a classificação final conseguida.

"Os treinadores de Ginástica habitualmente não utilizam quaisquer instrumentos que lhes indiquem, objectivamente, o grau ou nível de rendimento das suas atletas em prestações competitivas, ou seja, apenas através de análises empíricas é possível concluir se a ginasta fez uma prova com elevado rendimento ou não" (Ferreirinha, 1995, pp. 3).

5.1.4.2 Questão 2.1.6.2 do Guião da Entrevista efectuada aos treinadores: Se respondeu sim, quais as principais mudanças que teve de fazer na sua metodologia de treino. Quais os exercícios que deixou de treinar (se deixou) e quais os que começou a treinar (se tal se verificou)? Acompanhada pelas questões que se seguem: 2.1.6.2.1 No aquecimento? 2.1.6.2.2 Na flexibilidade? 2.1.6.2.3 No trabalho de força (preparação física)? 2.1.6.2.4 Na coreografia (ballet)? Neste momento dá a mesma importância a esta componente de treino da GAF ou mudou alguma coisa? 2.1.6.2.5 Nos saltos? 2.1.6.2.6 Nas paralelas assimétricas? 2.1.6.2.7 Na trave? 2.1.6.2.8 No solo? 2.1.6.2.9 Em relação às novas ligações de elementos possíveis, nas PA, na TR e no SO? (Devido à valorização que é dada actualmente pelo CP às ligações).

Quadro 63: Análise da questão: "Se respondeu sim, quais as principais mudanças que teve de fazer na sua metodologia de treino. Quais os exercícios que deixou de treinar (se deixou) e quais os que começou a treinar (se tal se verificou)? No aquecimento? Na flexibilidade? No trabalho de força (preparação física)? Na coreografia (ballet)? Neste momento dá a mesma importância a esta componente de treino da GAF ou mudou alguma coisa? Nos saltos? Nas paralelas assimétricas? Na trave? No solo?"

CATEGORIA	UNIDADE DE REGISTO	ENUMERAÇÃO/ QUANTIFICAÇÃO		UNIDADE DE CONTEXTO
		N	%	
REPERCUSSÕES DO NOVO CÓDIGO DE PONTUAÇÃO	1) As alterações do CP 2006 mudaram a metodologia de treino	1	12,50%	"A algumas coisas já te respondi anteriormente, que essas alterações mudaram a metodologia de treino."
	2) Alteração completa da filosofia de aprendizagem na formação	1	12,50%	"No caso … é mais difícil, porque ela já está numa fase mais avançada, há coisas que ela tem dificuldade mesmo que eu mude. Eu já tentei mudar e mudei, portanto fiz essas alterações, mas tenho mais dificuldade porque ela é maior. Mas por exemplo … já alterei completamente a minha filosofia de aprendizagem, tenho que lhe fazer outras coisas. Se calhar neste momento não faz nada de especial, porque está a fazer muitas coisas que tem que fazer, para depois quando for grande poder usufruir delas."

REPERCUSSÕES DO NOVO CÓDIGO DE PONTUAÇÃO	3) Mudou a nível do solo	1	12,50%	"Mudei muita coisa e por exemplo no solo também."
	4) Inclusão de mais elementos acrobáticos	1	12,50%	"Eu acho que em termos de início não mudei nada, porque eu já fazia saltos à frente, saltos a trás, piruetas, duplos, já os fazia todos. Mas quanto à inclusão desses elementos num número, a metodologia de treino para colocar num número, já estou a pensar em fazer mais elementos acrobáticos num número e isso altera muito a metodologia de treino, porque se tem de fazer durante o ano todo mais coisas."
	5) Mudar de estratégia para usufruir e beneficiar da nova metodologia de treino	1	12,50%	"Não posso por exemplo chegar à altura competitiva e só fazer os elementos que elas têm a fazer, pois tenho de continuar um bocadinho os outros elementos para ver se os consigo meter dentro do número, porque dá para meter, em vez de ter 3 séries pode pôr 4 e isso beneficia bastante e portanto ai alterou. Mas por exemplo nesse aspecto, relativamente à pergunta anterior, não acho que seja uma vantagem."
	6) Alterações necessárias e verificadas ao nível da flexibilidade	1	12,50%	"Na flexibilidade alterei sim, mas não foi devida às mudanças do código."
	7) Alterações necessárias e verificadas ao nível do trabalho de força (preparação física)	1	12,50%	"No trabalho de força, na preparação física sim."
	8) Alterações específicas em relação a alguns elementos	1	12,50%	"As alterações foram específicas para alguns elementos, devido à inclusão desses elementos, devido à alteração do código, ou seja, eu já os devia fazer, em termos de um bom treinador faria – os, não estou a dizer que sou má treinadora, mas no código de pontuação anterior não eram tão importantes e uma pessoa vai protelando e não faz e, portanto agora e ainda bem, sinto-me obrigada a fazer e fico contente, porque era uma coisa que eu sentia que não fazia e que me faltava."
	9) Realização de mais treino coreográfico (*ballett*)	2	25,00%	**"**Em termos de coreografia/ballet mudou no treino mas não foi por causa do código. Estou a fazer mais coreografia mais ballet porque estava a faltar isso no treino mesmo para qualquer código."; "Não dou menos importância, muito antes pelo contrário. Porque a questão é que, o código não dá tempo, não dá espaço, mas aquele espaço ou é bem aproveitado ou então já estamos a perder 3 décimos, e tudo… por causa da composição. E pior, o código é muito exigente e se for levado à letra, há as questões da mímica, da expressão facial e da expressão corporal, etc, que não tem haver com aqueles 3 décimos mas tem haver com mais e é de cada vez. E se as ginastas não estiverem bem preparadas a esse nível, julgo que vão perder ainda mais. Eu julgo que ainda ganhou

				mais força e mais valor ainda neste código, no entanto em termos de espectacularidade e de venda para o público piorou. Ou seja, é muito exigente nesse aspecto, mas as pessoas nem se apercebem de que há uma coreografia no solo, e portanto é aí que eu defendo que há algumas coisas que não estão bem."
REPERCUSSÕES DO NOVO CÓDIGO DE PONTUAÇÃO	10) Nas PA mudanças realizadas a nível das pegas (utilização das 3) e no trabalho das rotações	1	12,50%	"Nas paralelas assimétrica as mudanças estão nas pegas, no tipo de pegas e no trabalho das rotações, isto porque, por exemplo, para … ela ainda nem sequer está a fazer rotações ainda que estejam no código, porque é pequena e ainda não consigo fazer isso e estou a fazer o que já fazia com os outros que estão nas exigências específicas e que já estavam nos outros códigos."
	11) Mudanças principalmente ao nível da trave	1	12,50%	"Mudei. Principalmente, mais claramente na trave."
	12) Muito exigente a nível das ligações na trave	1	12,50%	"Por exemplo, agora é tudo ligações, então temos de treinar tudo ligado. Preparar o terreno para depois ligar os saltos. Um salto de dificuldade recepção ligado…. Mudou mais este ponto de vista. Só mais trave, de resto, é difícil mudar, não mudou tanto."
	13) Tecnicamente em termos de metodologia de treino tornou-se muito mais exigente	1	12,50%	"Tecnicamente há mais exigência, aplicação da técnica mais baixa… esse ponto de vista na ginástica não permite muito."

O Quadro 63, relativo à questão "Se respondeu sim, quais as principais mudanças que teve de fazer na sua metodologia de treino. Quais os exercícios que deixou de treinar (se deixou) e quais os que começou a treinar (se tal se verificou)? No aquecimento? Na flexibilidade? No trabalho de força (preparação física)? Na coreografia (ballet)? Neste momento dá a mesma importância a esta componente de treino da GAF ou mudou alguma coisa? Nos saltos? Nas paralelas assimétricas? Na trave? No solo?", que continua a pertencer à **categoria** (dentro da unidade de análise) **repercussões do novo código de pontuação,** mostra-nos a existência de treze unidades de registo, retiradas das unidades de contexto, que são, por ordem decrescente de frequência: mudanças a nível da realização de mais treino coreográfico (*ballett*), que engloba os programas, os objectivos e as estratégias (2 respostas=25,00%). Nesta unidade encontramos, ou mais concretamente, incluímos mais uma resposta (perfazendo desta forma os 25,00% de respostas) pois optámos por incluir a resposta dada pelo treinador que afirmou não ter realizado grandes altercações significativas ao nível da sua metodologia de treino embora a sua opinião sobre o assunto da coreografia, igualmente já referida e mencionada anteriormente na questão anterior. Mas, visto estarmos no caso das mudanças e ele neste momento dar mais importância e esta componente, achamos pertinente e do interesse do estudo inclui-lo, de abranger a sua

resposta sobre o assunto nesta unidade, apesar de ele pertencer aos que afirmam não terem alterado de forma significativa as suas metodologias de treino; seguem-se as que desta forma, com as próprias alterações do CP 2006, mudaram a metodologia de treino no seu entender - duas treinadoras (2=25,00%) que responderam sim; resultando desta maneira a alteração completa da filosofia de aprendizagem na formação (1=12,50%); a mudança verificada ao nível do solo (1=12,50%); assim como a inclusão de mais elementos a nível acrobático (1=12,50%); as próprias mudanças a nível de estratégia, para usufruir e beneficiar da nova metodologia de treino (1=12,50%); as alterações necessárias e verificadas ao nível da flexibilidade (1=12,50%); assim como as alterações necessárias e verificadas ao nível do trabalho de força (preparação física) (1=12,50%); tendo sido também citadas as alterações específicas em relação a alguns elementos (1=12,50%), nas PA mudanças realizadas a nível das pegas (utilização das 3) e no trabalho das rotações (1=12,50%), assim como mudanças principalmente ao nível da trave (1=12,50%), mudanças a nível da valorização das ligações, muito exigente a nível das ligações na trave (1=12,50%) e, finalmente, mudanças a nível da técnica porque em termos de metodologia de treino tornou-se muito mais exigente (1=12,50%).

Com esta questão pretendemos saber o que mais preocupa os treinadores aquando do exercício da sua actividade profissional, dando-lhe a oportunidade de expressar as suas opiniões, frustrações, pensamentos, reflexões e mudanças que implementaram ou implementariam no caso se dependessem apenas de si e neste caso mais propriamente dos CP.

Verificamos que os entrevistados referem que, em primeiro lugar, procederiam a mudanças ao nível da adequação metodológica e até pedagógica. Mudanças estas de base ou de raiz, como sejam, por exemplo, a reformulação em termos de formação indicando novos objectivos e novas estratégias para esta modalidade. Os treinadores consideram que esta é uma questão de fulcral importância e intimamente relacionada com os métodos de treino e com a permanência das atletas na modalidade por tão exigente que por vezes é. Os sujeitos chamam a atenção para a discrepância que se verifica em muitos clubes e países entre aquilo que é exigido no CP e as possibilidades, ao nível de cada clube e país, que têm para a sua concretização.

A T4 refere que a nível do próprio aquecimento em si (activação geral) não alterou nada significativamente, mas já em relação ao trabalho de força (preparação física), para desta forma argumentar e completar o que referiu em relação às suas mudanças a este nível, esta expõe o seguinte, mencionando inclusive o seu trabalho de flexibilidade: “no trabalho de força, na

preparação física sim. Por exemplo a … e a … agora estão a trabalhar em dorsal e estão a trabalhar para *Endos*, os *Stalder* ao contrário e os dorsais, portanto estão a trabalhar pinos, a aguentarem pino nesta posição, força só força, não estou a dizer o trabalho com flexibilidade e, por exemplo, mesmo de flexibilidade se falamos nisso sim, por exemplo a … já faz exercício de ombros para cubitais, para ter os ombros mais encaixados, nessa flexibilidade nela, por exemplo a … não alterou em nada. Na força, ângulos pinos olímpicos, para fazer os tais *Endos*, mas de resto em termos gerais nada, não alterei nada." Acrescentando ainda que "as alterações foram específicas para alguns elementos, devido à inclusão desses elementos, devido à alteração do código, ou seja, eu já os devia fazer, em termos de que um bom treinador os faria, não estou a dizer que sou má treinadora, mas no código de pontuação anterior não eram tão importantes e uma pessoa vai protelando e não faz e, portanto, agora e ainda bem, sinto-me obrigada a fazer e fico contente, porque era uma coisa que eu sentia que não fazia e que me faltava." O que só confirma que de uma forma ou de outra todos os treinadores estão dependentes dos códigos de pontuação, tendo por vezes que modificar e treinar exercícios que antigamente nem lhes ocorreria treinar ou incluir.

Já em relação aos saltos, o mesmo entrevistado diz que "não mudei porque não tenho especialistas e não tenho necessidade. Mas quer dizer, não e sim, como é que hei-de explicar isto… Por exemplo a … já fez na vida dela queda mortal, já fez *tsukahara* encarpado, já estão aqui grupos diferentes, mas dantes não era preciso, portanto ela fazia um ou outro conforme o que ela quisesse pôr na prova, o que ela estivesse a fazer bem. Hoje em dia, para se tentar tornar especialista ela está a fazer um salto atrás e um salto à frente, não quer dizer que tenha mudado nada, só está a fazer é os dois e dantes não os fazia porque não tinha intenção, só se fosse às finais é que tinha de fazer dois grupos diferentes. Neste momento sim, mas acho que não é pelas alterações do código, é porque que neste momento a tenho com possibilidades de fazer isso." Tendo-se verificado mesmo ao nível da trave em que não alterou nada a nível do treino, um contra-senso no que diz respeito à mudança da metodologia de treino realizada pela T6 que nos diz que aquela mudança que se tornou mais clara e evidente a nível da sua metodologia de treino foi exactamente na trave olímpica "mudei. Principalmente, mais claramente na trave. Por exemplo, agora é tudo ligações, então temos de treinar tudo ligado. Preparar o terreno para depois ligar os saltos. Um salto de dificuldade recepção ligado…. Mudou mais este ponto de vista. Só mais trave, de resto, é difícil mudar, não mudou tanto. Tecnicamente há mais exigência, aplicação da técnica mais baixa… esse ponto de vista na

ginástica não permite muito", sendo a opinião da T4 no que diz respeito às ligações mas em relação a outro dos aparelhos da modalidade, no solo, que "no solo …, é o trabalho durante mais tempo de muitos elementos acrobáticos. Por exemplo, os elementos gímnicos mudaram de valor, não há ligações, não treino ligações, mas treino os elementos na mesma da mesma forma que treinava antes, só não treino as ligações, porque não são tão importantes, mas como isto está sempre a mudar, qualquer dia vão aparecer outra vez e é só trabalhar as ligações."

Gomes (2002) realizou um estudo sobre a composição dos exercícios de solo em GAF. Neste trabalho a autora analisou todas as regras que determinam a estrutura de base da realização dos exercícios no solo, assim como os elementos que podem ser utilizados nas competições relativas àquele aparelho. Além de ter observado as participantes no campeonato nacional português, espanhol e inglês, também observou as Jornadas Olímpicas da Juventude Europeia (JOJE), em 2001, perfazendo um total de 120 ginastas juniores.

Os principais resultados obtidos permitiram concluir que, as ginastas portuguesas cumpriram todas as Exigências Específicas requeridas pelo CP 2001, o que não se verificou em todas as outras ginastas. O seu estudo também concluiu que, quando analisados os mortais mais efectuados pelas ginastas, as atletas portuguesas não realizaram nenhum elemento de dificuldade superior a C-, enquanto que todos os elementos efectuados pelas ginastas inglesas e participantes nas Jornadas Olímpicas da Juventude Europeia se apresentaram de coeficiente de dificuldade superior a C-. Assim como nenhuma ginasta realizou elementos ^{super} E- e que se constataram diferenças estatisticamente significativas relativas aos elementos D- e E-, quando efectuada a análise comparativa entre Portugal/Inglaterra e Portugal/Jornadas Olímpicas da Juventude Europeia.

Desta forma introduzimos já a próxima questão da entrevista, sobre as possíveis ligações no novo CP e a sua consequente análise e reflexão sobre o que os nossos entrevistados opinaram.

Iniciaremos logo por aquilo que o T1 acha sobre a questão em relação às ligações, mais concretamente, o que os treinadores pensam da **categoria**, **repercussões do novo código de pontuação,** no que se refere à questão "Em relação às novas ligações de elementos possíveis, nas PA, na TR e no SO? (Devido à valorização que é dada actualmente pelo CP às ligações)." Tendo o T1 respondido que "há muita valorização mas o nível de exigência também aumentou. E como aqui em Portugal, nós normalmente ainda não chegamos ao nível de aproveitar as ligações, na maioria dos aparelhos, nas paralelas, na trave, também, uma ou outra mas

raramente, no solo, também uma ou outra mas também raramente, como elas aumentaram a dificuldade, sinceramente para nós não é muito importante porque ainda estamos no ponto de conseguir incluir nos exercícios, maior número de elementos de elevada dificuldade, as ligações ainda são secundárias, e portanto, acho que não deve ser uma grande preocupação, é uma preocupação sim, mas isso não é em Portugal, é em geral, é uma preocupação que vem á *posterior*, primeiro conseguir os elementos e depois ligá-los." O T2 foi muito sucinto na sua opinião "quanto às ligações, a única coisa que normalmente se consegue é uma maior amplitude de escolha e no meu entender quando há uma maior amplitude de escolha é sempre favorável." O T3 encontra-se de acordo com o que o T1 pois a sua declaração em relação às ligações possíveis e existente no CP, resume-se ao seguinte "no solo, nos saltos tento juntar mais elementos. Nos restantes aparelhos gostava mas ficamos pelo gostava." E assim vão sendo as restantes opiniões em relação à nossa própria realidade gímnica. Continuando e retirando alguns excertos das entrevistas, desta vez da do T4 "nas paralelas não mudei nada porque não consigo que as minhas atletas estejam nesse nível."; "Agora há mais ligações mas são mais difíceis, mas nem as outras… quer dizer, as outras a … já algumas delas podia fazer e se calhar vai fazer exactamente da mesma forma, seguido, não vai ter valorização, mas ela vai fazê-lo da mesma forma. Portanto não fiz alteração nenhuma porque não estou nessa fase."; "Relativamente à trave exactamente a mesma coisa, as ligações que havia antes, por exemplo a que a … faz, está a fazê-la na mesma e as que poderia estar a fazer, ainda não consegue estar nesse nível, já está a treinar, mas eu acho que não é pela alteração do código, é por ela estar a chegar a essa fase de não fazer os elementos sozinhos e então agora começar a ligá-los. No solo em relação a ligações …, por exemplo, teve agora uma alteração até grande muito recentemente, sensivelmente há um mês. A … estava a treinar pirueta e meia pirueta, pirueta atrás pirueta à frente, porque era C- + C- e valia 0,1; agora a pirueta desceu de valor, para B-, portanto já não está a fazer. Está a treinar outras ligações que acho que já existiam no código anterior e mesmo existindo no código anterior não consigo dizer que para ela foi uma alteração. Porque ela é nova e quando começou a alterar o código ela ainda estava numa fase que tanto lhe fazia ser o código anterior ou o seguinte. Por isso não constituiu uma alteração em termos de treino." E por fim, além de termos tido dois dados omissos, não responderam a esta questão, terminamos com a mesma pertinência dos restantes treinadores onde a T7 afirma que "não porque as ligações valem muito pouco. Por exemplo, no solo uma miúda faz pirueta e meia pirueta, é dificílimo e é um C-. Agora até pirueta engrupada é B-, não é nada e é dificílimo." O que podemos concluir que para já os treinadores portugueses não valorizam muito o facto de poderem realizar ligações pois

ainda não se encontram nesse nível de preocupação pois no seu ver há coisas muito mais importantes de treinar e de apostar e não vale a pena arriscar pois são elementos dificílimos para depois não arrecadar qualquer vantagem, e até, por vezes, muito pelo contrário. As bonificações que tanto se queriam alcançar, às vezes por uma ou duas décimas transformam-se em perdas demasiadamente exageradas e devido à excessiva exigência a nível da execução, na nota B neste momento. São estes factores aliados aos que já foram referenciados que fazem com que na realidade portuguesa os treinadores "coloquem" de lado, ou até mesmo para "trás" as ligações possíveis com variadíssimos elementos de dificuldade existentes. Em relação ao T5, em que a sua opinião, declaração apresentada para esta pergunta foi de momento "teoricamente excluída", algo propositado e que teve uma intenção. Situação esta que como já referimos, tem um propósito que será esclarecido e apresentado na questão seguinte, pois este divagou um pouco, e não respondeu muito directamente e concretamente ao que pretendíamos na questão em causa. Logo, o seu discurso vai fazer um cruzamento e vai servir de excelente ligação entre esta e a próxima pergunta porque são comentários de extrema importância e principalmente de reflexão e ponderação.

Desta forma tudo que foi anteriormente exposto, pode ser analisado, verificado e comprovado pelo Quadro 64 que se segue.

Quadro 64: Análise da questão: "Em relação às novas ligações de elementos possíveis, nas PA, na TR e no SO? (Devido à valorização que é dada actualmente pelo CP às ligações)."

CATEGORIA	UNIDADE DE REGISTO	ENUMERAÇÃO/ QUANTIFICAÇÃO		UNIDADE DE CONTEXTO
		N	%	
REPERCUSSÕES DO NOVO CÓDIGO DE PONTUAÇÃO	1) O aumento do nível de exigências provocou uma valorização das ligações	3	37,50%	"Há muita valorização mas o nível de exigência também aumentou."; "Agora há mais ligações mas são mais difíceis, …".
	2) Em Portugal normalmente ainda não se atingiu essa fase, ao nível de aproveitar as possíveis ligações existentes nos aparelhos, havendo somente algumas excepções	4	50,00%	"E como aqui em Portugal, nós normalmente ainda não chegamos ao nível de aproveitar as ligações, na maioria dos aparelhos, nas paralelas, na trave, também, uma ou outra mas raramente, no solo, também uma ou outra mas também raramente,…"; "Nas paralelas não mudei nada porque não consigo que as minhas atletas estejam nesse nível."; "já algumas delas podia fazer e se calhar vai fazer exactamente da mesma forma, seguido, não vai ter valorização, mas ela vai fazê-lo da mesma forma. Portanto não fiz alteração nenhuma porque não estou nessa fase."; "Conclusão, com a nossa realidade portuguesa está a ficar muito mais complicado para nós acompanharmos aquilo que se faz lá fora. Porque não dá para escolher, nós temos

				mesmo que ensinar. Este código põe a "nú" quem não tem sistemas bem organizados. E nesse aspecto nós estamos com dificuldades, temos dificuldades e temos que olhar a longo prazo, e parece-me até que o processo de formação em Portugal, se nós, nós temos que ser inteligentes, se quisermos fazer igual aos outros vamos perder, então temos que fazer diferente e como é que eu penso que podemos fazer diferente, é apostando em metodologias de longo prazo."
REPERCUSSÕES DO NOVO CÓDIGO DE PONTUAÇÃO	3) A maior preocupação é o de incluir exercícios e o maior número de elementos de elevada dificuldade	3	37,50%	"… como elas aumentaram a dificuldade, sinceramente para nós não é muito importante porque ainda estamos no ponto de conseguir incluir os exercícios, maior numero de elementos de elevada dificuldade, as ligações ainda são secundárias, e portanto, acho que não deve ser uma grande preocupação, é uma preocupação sim, mas isso não é em Portugal é em geral, é uma preocupação que vem à posterior, primeiro conseguir os elementos e depois ligá-los."; "Relativamente à trave exactamente a mesma coisa, as ligações que havia antes, por exemplo a que … faz, está a fazê-la na mesma e as que poderia estar a fazer, ainda não consegue estar nesse nível, já está a treinar, mas eu acho que não é pela alteração do código, é por ela estar a chegar a essa fase de não fazer os elementos sozinhos e então agora começar a ligá-los."; "Tudo parte exactamente da mesma técnica. O que é que eu acho, acho que, hoje em dia porque os exercícios têm que ser mais compridos, porque há uma exigência muito grande, não basta uma pega tem que ser duas, não se pode fazer só para pino tem que se fazer com cambiada, tem que se fazer mesmo despegues, tem que se fazer passagens para cima e para baixo, tem que se fazer tudo e mais alguma coisa, não há forma, não há volta a dar-lhe. Temos que ensinar todas as famílias."
	4) É sempre favorável devido há maior amplitude de escolhas que oferece	1	12,50%	"Quanto às ligações, a única coisa que normalmente se consegue é uma maior amplitude de escolha e no meu entender quando há uma maior amplitude de escolha é sempre favorável."
	5) Tentativa de realizar ligações nos aparelhos que estão mais ao alcance do nível apresentado pelas atletas portuguesas (por exemplo, mais ao nível do solo…)	2	25,00%	"No solo, nos saltos tento juntar mais elementos. Nos restantes aparelhos gostava mas ficamos pelo gostava."; "No solo em relação a ligações …, por exemplo, teve agora uma alteração até grande muito recentemente, sensivelmente há um mês. A … estava a treinar pirueta e meia pirueta, pirueta a trás pirueta à frente, porque era C + C e valia 0,1; agora a pirueta desceu de valor, para B, portanto já não está a fazer. Está a treinar outras ligações que acho que já existiam no código anterior e mesmo existindo no código anterior não consigo dizer que para ela foi uma alteração.".
	6) As ligações não levaram a uma	1	12,50%	"Porque ela é nova e quando começou a alterar o código

REPERCUSSÕES DO NOVO CÓDIGO DE PONTUAÇÃO	alteração em termos de treino			ela ainda estava numa fase que tanto lhe fazia ser o código anterior ou o seguinte. Por isso não constituiu uma alteração em termos de treino."
	7) As ligações por vezes alteram-se de um CP para outro porque os elementos de dificuldade descem ou sobem simplesmente de valor	1	12,50%	"O que é que nós vamos alterar, de um código para o outro, isso tem sido sempre feito, há um elemento que deixa de valer tanto e passa a haver outro elemento que vale mais e nós rapidamente nos adaptamos. Eu acho que a alteração para este código em termos de metodologia de treino é mais essa adaptação técnica do que propriamente a adaptação, uma coisa extraordinária ou que nos faça mudar muita coisa na formação. Faz-nos mudar alguma coisa na formação, mas no sentido de que fazemos neste momento, temos que abrir mais famílias."
	8) Não se justifica correr o risco de realizar as ligações porque valem muito pouco	2	25,00%	"Agora há mais ligações mas são mais difíceis, mas nem as outras… quer dizer, as outras … já algumas delas podia fazer e se calhar vai fazer exactamente da mesma forma, seguido, não vai ter valorização, mas ela vai fazê-lo da mesma forma. Portanto não fiz alteração nenhuma porque não estou nessa fase."; "Não porque as ligações valem muito pouco. Por exemplo, no solo uma miúda faz pirueta e meia pirueta, é dificílimo e é um C. Agora até pirueta engrupada é B, não é nada e é dificílimo."

Logo, quanto à questão "Em relação às novas ligações de elementos possíveis, nas PA, na TR e no SO? (Devido à valorização que é dada actualmente pelo CP às ligações)", que permanece na **categoria**, **repercussões do novo código de pontuação**, qual seria a opinião dos treinadores entrevistados em relação a este assunto, o Quadro 64 mostra-nos um ligeiro equilíbrio de respostas apesar das oito unidades observadas, mas que de uma maneira ou de outra vão de encontro umas às outras. Portanto podemos dizer o que referem e pensam em relação ao factor das ligações, e que é o seguinte: em Portugal normalmente ainda não se atingiu essa fase, ao nível de aproveitar as possíveis ligações existentes nos aparelhos, havendo somente algumas excepções (4 respostas =50,00%), o aumento do nível de exigências provocou uma valorização das ligações (3=37,50%), a maior preocupação é o de incluir exercícios e o maior número de elementos de elevada dificuldade (3=37,50%), existindo igualmente uma tentativa de realizar ligações nos aparelhos que estão mais ao alcance do nível apresentado pelas atletas portuguesas (por exemplo, mais ao nível do solo…) (2=25,00%), não se justifica correr o risco de realizar as ligações porque valem muito pouco (2=25,00%), mas um treinador acha que é sempre favorável devido há maior amplitude de escolhas que oferece (1=12,50%), enquanto que outro dos entrevistados afirma que as ligações não levaram a uma alteração em termos de treino

(1=12,50%), e por fim, que as ligações por vezes alteram-se de um CP para outro porque os elementos de dificuldade descem ou sobem simplesmente de valor (1=12,50%).

Como o T5 nos diz e faz reflectir "Eu acho que em termos de metodologia do treino não há uma alteração profunda porque a base da ginástica é a mesma. E nós aquilo que fazíamos anteriormente em termos do ensino da ginástica basicamente é a mesma coisa. O que é que nós vamos alterar, de um código para o outro, isso tem sido sempre feito, há um elemento que deixa de valer tanto e passa a haver outro elemento que vale mais e nós rapidamente nos adaptamos. Eu acho que a alteração para este código em termos de metodologia de treino é mais essa adaptação técnica do que propriamente a adaptação, uma coisa extraordinária ou que nos faça mudar muita coisa na formação. Faz-nos mudar alguma coisa na formação, mas no sentido de que fazemos neste momento, temos que abrir mais famílias. O que é que acontece, e isto muito particularmente nas paralelas assimétricas, que não é linear, é um aparelho em que não é linear. No solo nós temos séries à frente e séries atrás, nos saltos temos saltos à frente, atrás e *euchenkos* e na trave, temos uma série de elementos técnicos que vai havendo uma evolução mas não há muito a inventar. Mas nas paralelas podemos ter pega dorsal, cubital, facial, … movimentos para a frente para trás, com cambiada e sem cambiada, despegues, passagens para baixo e passagem para cima, etc., e tudo isto é de uma versatilidade enorme, há muitas formas de fazer paralelas, muitas e nós vemos uma final de paralelas assimétricas, vemos uma ucraniana, uma chinesa, uma russa, uma americana e uma romena, podem estar as cinco a lutar pelo título mundial, e estão a fazer coisas completamente diferentes, o que não é bem assim no solo. Tudo parte exactamente da mesma técnica. O que é que eu acho, acho que, hoje em dia, porque os exercícios têm que ser mais compridos, porque há uma exigência muito grande, não basta uma pega têm que ser duas, não se pode fazer só para pino tem que se fazer com cambiada, têm que se fazer mesmo despegues, têm que se fazer passagens para cima e para baixo, tem que se fazer tudo e mais alguma coisa, não há forma, não há volta a dar-lhe. Temos que ensinar todas as famílias. E isso é que em termos metodológicos me parece. Se havia há uns tempos atrás a possibilidade de nos concentrarmos numa determinada família, agora hoje em dia isso não acontece. Nós no ensino temos que ensinar, não diria tudo, mas têm que dominar… uma gama muito grande de famílias. No solo isso também acontece, é um facto, mas por acaso nesse aspecto até acho que está menos exigente do que o código anterior. Eu lembro-me, por exemplo, de uns exercícios dos anos 80 que toda a gente gosta muito porque é uma referência muito importante, eu acho que o solo dos anos 80 é uma referência muito importante,

porque a partir dos anos 90 há um decréscimo do agrado das pessoas em relação ao solo, pelo menos é essa a minha ideia. Nos anos 80 as "miúdas" especializavam-se muito claramente nos saltos atrás, e hoje em dia não se vê muito mais dificuldade do que aquilo que se via há 20 anos atrás, a Silivaz fez duplo com dupla, e hoje em dia quantos duplos com dupla há?! Poucos. Faziam não sei quantos duplos com pirueta e agora quantos duplos com pirueta é que há, é os mesmos ou pouco mais, se calhar. E, o que é que há, há um maior número de coisas que as ginastas têm que aprender. Há 20 anos atrás elas tinham que aprender muito menos. E o que me parece é que então em termos das paralelas assimétricas isto está brutal. Porque havia ginastas que faziam uma passagem, isto finais de Jogos Olímpicos, faziam uma passagem, um despegue, faziam gigantes ou à frente ou atrás, e faziam duplo empranchado de saída, e faziam umas piruetas todas bonitinhas, estava tudo direitinho e chegava-lhes, hoje em dia isso não é assim, e este código veio agravar isso, há muitas famílias, não basta só aprender, não se podem especializar… estou-me a lembrar do esquema da Diana Teixeira (a nossa última ginasta olímpica e a melhor de todos os tempos), que ela com duas piruetas, o mesmo elemento, com duplo empranchado de saída e com um despegue fazia finais lá fora, e hoje em dia isso é completamente impossível. Para já porque não pode repetir o movimento, e o movimento valia E e já vale muito menos. Depois complexificou-se, tem que fazer muito mais coisas, um conjunto enorme de exigências. Fazia uma passagem atrás, dava voltinha subia para o banzo de cima… também iria aprender se necessitasse, iria aprender mais, mas não precisou de aprender, não precisou e hoje em dia isso não é assim. Eu não me lembro de a ver fazer gigantes dorsais ou cubitais em esquema. Não precisava. E hoje em dia é impossível, completamente impossível. E portanto, ela sabia-os fazer, mas se não os soubesse fazer, também fazia o mesmo esquema. Hoje em dia não, hoje em dia há muito mais coisas que as ginastas precisam de saber. O que eu penso é que ao nível da formação, em termos da formação está a mudar, é que nós precisamos e temos de ensinar muito mais coisas. Conclusão, com a nossa realidade portuguesa está a ficar muito mais complicado para nós acompanharmos aquilo que se faz lá fora. Porque não dá para escolher, nós temos mesmo que ensinar. Este código põe a "nú" quem não tem sistemas bem organizados. E nesse aspecto nós estamos com dificuldades, temos dificuldades e temos que olhar a longo prazo, e parece-me até que o processo de formação em Portugal, se nós, nós temos que ser inteligentes, se quisermos fazer igual aos outros vamos perder, então temos que fazer diferente e como é que eu penso que podemos fazer diferente, é apostando em metodologias de longo prazo. Ou seja, não querer que as ginastas aos 13, 14, 15 anos já estejam no máximo do seu rendimento, mas apostar que elas até aos 20 anos possam fazer um

crescimento, e isso é possível. Aliás, vê-se lá fora que ainda por cima, passando dos 17, 18 anos é possível fazer então esse desenvolvimento, essa transferência. Como isso vai no sentido daquilo que a FIG quer que é um aumento das médias das idades das atletas nas grandes competições internacionais e nacionais, como é óbvio, eu penso que isso pode ser um novo modelo de organização da nossa GA, nós aqui no Ginásio Clube Português estamos a tentar fazer essa alteração, fazer essa modificação, haver uma clara transposição daquilo que era o modelo anterior, em que muito cedo se tinha que fazer tudo, não, muito cedo tem que se aprender muito coisa, mas daí até em termos competitivos as miúdas estarem prontas julgo vai uma grande diferença. Em relação ao facto de as ginastas aguentarem ou não até aos 20, vinte e tal anos, eu julgo que isso depois tem a ver com os processos de gestão das carreiras e tem a ver com os processos de gestão pedagógica. Aí tem que haver um rompimento com o passado, no meu entender. É uma modalidade super exigente, super exigente mesmo, mas é preciso passar pela adolescência, é preciso saber passar pela adolescência, ou das duas uma, ou se faz a opção de se passar pela adolescência, e eu estou a dizer isto no sentido das condições que existem em Portugal, que são limitadas, muito limitadas e tu sabes, e ou se faz uma opção de carreira a longo prazo ou se faz uma opção muito clara até aos 16, 17 anos as miúdas estarem muito fortes, mas depois esse processo, essa opção pode levar a problemas no futuro. E portanto há aqui gestões que têm que ser feitas, e eu acho que isso é tão individual, tão individualizado, que é difícil haver receitas para essa situação."

Marques (1993) refere que a problemática da detecção e selecção de talentos desportivos se tem caracterizado, entre outros factores centrais, por uma visão parcial, o que indica que não se encontra integrada dentro do conceito de talento desportivo, referindo-se sobre a valorização desajustada de algumas componentes biológicas.

Hoje em dia o início da sua preparação, das crianças e jovens, deverão direccionar-se apenas para atingirem o seu período maximal num prazo de 6 a 9 anos, e não mal iniciam a sua prestação desportiva onde ambicionam desde logo elevados resultados desportivos (Arkaev & Suchilin, 2004; Hofmann, 1999; Touricheva, 1986, Smolevsky, 1978, citados por Ferreirinha, 2007). Daí que o mesmo autor refere que as referências que deverão servir de base para essa preparação não se deverá limitar às particularidades dos atletas da elite mundial da actualidade, apesar da importância de uma observação atenta e pormenorizada das suas prestações.

"É evidente que a preparação desportiva de atletas a longo prazo é um processo complexo e delicado, que necessita de permanente actualização de metodologias, uma vez que os pressupostos da preparação desportiva se vão alterando de acordo com o desenvolvimento da modalidade, com o nível de conhecimentos emergentes das constantes investigações no âmbito das ciências do desporto e, principalmente, à medida do aumento das exigências físicas e técnicas que as prestações maximais determinam" (Platonov (1988) citado por Ferreirinha (2007, pp.3)).

A preparação desportiva com vista ao alto rendimento é um processo de longa duração que deve ser extremamente cuidada e planeada no âmbito do treino desportivo.

Não se deveria pensar tanto na quantidade de estímulos de treino mas considerar mais a qualidade dos estímulos de treino, logo, não basta definir somente o volume e a intensidade das cargas mas também controlar e realizar uma orientação mais precisa e exigente, obrigando desta forma a ir para além das normas gerais (Marques e Oliveira, 2001) Hoje em dia o início da sua preparação, das crianças e jovens, deverão direccionar-se apenas para atingirem o seu período maximal num prazo de 6 a 9 anos, e não mal iniciam a sua prestação desportiva onde ambicionam desde logo elevados resultados desportivos (Arkaev & Suchilin, 2004; Hofmann, 1999; Touricheva, 1986, Smolevsky, 1978, citados por Ferreirinha, 2007). Daí que o mesmo autor refere que as referências que deverão servir de base para essa preparação não se deverá limitar às particularidades dos atletas da elite mundial da actualidade, apesar da importância de uma observação atenta e pormenorizada das suas prestações.

"É evidente que a preparação desportiva de atletas a longo prazo é um processo complexo e delicado, que necessita de permanente actualização de metodologias, uma vez que os pressupostos da preparação desportiva se vão alterando de acordo com o desenvolvimento da modalidade, com o nível de conhecimentos emergentes das constantes investigações no âmbito das ciências do desporto e, principalmente, à medida do aumento das exigências físicas e técnicas que as prestações maximais determinam" (Platonov (1988) citado por Ferreirinha (2007, pp.3)).

A preparação desportiva com vista ao alto rendimento é um processo de longa duração que deve ser extremamente cuidada e planeada no âmbito do treino desportivo.

Não se deveria pensar tanto na quantidade de estímulos de treino mas considerar mais a qualidade dos estímulos de treino, logo, não basta definir somente o volume e a intensidade das cargas mas também controlar e realizar uma orientação mais precisa e exigente, obrigando desta forma a ir para além das normas gerais (Marques e Oliveira, 2001)

5.1.5 Questão 2.1.7 do Guião da Entrevista efectuada aos treinadores: Considera que as alterações verificadas no CP vieram trazer mais exactidão no ajuizamento das ginastas e maior credibilidade à modalidade? (Justifique/Argumente a resposta dada)

Quadro 65: Análise da questão: "Considera que as alterações verificadas no CP vieram trazer mais exactidão no ajuizamento das ginastas e maior credibilidade à modalidade?"

CATEGORIA	UNIDADE DE REGISTO	ENUMERAÇÃO/ QUANTIFICAÇÃO		UNIDADE DE CONTEXTO
		N	%	
AJUIZAMENTO	1) Sim	4	50,00%	"No sentido daquilo que já respondi a propósito da outra pergunta, sim."; "Considero é que as alterações justificadas no código permitem isso tudo."; "Sim considero."
	2) Não	2	25,00%	"Não. Para já porque já disse que há coisas que são muito relativas. Nomeadamente a parte artística, quer dizer ali algumas diferenças de décimos faz com que uma ginasta possa perder ou ganhar, e portanto a avaliação é muito subjectiva. E depois o facto de não haver uma nota base a atingir, dependendo do número de elementos que se faça e do valor que eles tenham. Em relação à parte artística, coreográfica acho que está muito subjectiva, o facto de não haver um valor fixo, um valor máximo, tudo vai depender da quantidade de elementos e de valor que eles têm portanto, torna-se subjectivo também. Eu acho que não gere mais credibilidade à modalidade, acho que não veio ajudar em nada este novo código. … o facto de as deduções, penalizações também estarem muito elevadas, tudo isso torna tudo muito subjectivo. Portanto, não vejo que venha ajudar em alguma coisa em relação à ginástica."
	3) Indecisos (Sim e Não)	2	25,00%	"Sim e Não"; "Tenho dúvidas em relação a isto. Tenho muitas dúvidas."

O Quadro 65, relativamente à questão "Considera que as alterações verificadas no CP vieram trazer mais exactidão no ajuizamento das ginastas e maior credibilidade à modalidade?", dividiu a possibilidade de respostas pelos nossos entrevistados em três tipos de unidade de registo, inseridas na **categoria** (dentro da unidade de análise), **ajuizamento**, a do sim (4

respostas=50,00%), a segunda unidade de registo, a do não (2 respostas=25,00%), e por fim a terceira e última unidade desta análise, a dos indecisos, dos entrevistados que visto as alterações verificadas serem muito recentes ainda não conseguem ter uma opinião concreta, clara ou até mesmo com alguma objectividade como se veio a verificar nalgumas respostas anteriores, duas respostas correspondentes a 25,00% dos entrevistados (tendo em conta a unidade de contexto obtida).

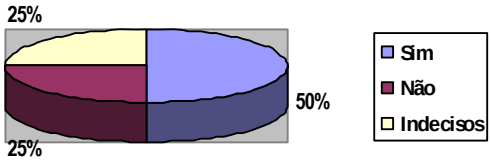


Figura 31: % de indivíduos que consideram que as alterações verificadas no CP vieram trazer mais exactidão no ajuizamento das ginastas e maior credibilidade à modalidade

Quadro 66: Análise da Questão (continuação): "Considera que as alterações verificadas no CP vieram trazer mais exactidão no ajuizamento das ginastas e maior credibilidade à modalidade? (Justifique/Argumente a resposta dada)"

CATEGORIA	UNIDADE DE REGISTO		ENUMERAÇÃO/ QUANTIFICAÇÃO		UNIDADE DE CONTEXTO
			N	%	
AJUIZAMENTO	**Sim**	1) Permite distinguir as ginastas muito boas das boas	2	25,00%	"… na medida em que permite distinguir as ginastas muito boas das boas."; "Mais fácil estabelecer diferenças entre as ginastas."
		2) A inexistência de tecto faz a diferença	2	25,00%	"Antigamente as ginastas boas e muito boas podiam ser classificadas de igual forma na medida em que tinham o mesmo tecto e na verdade, ou seja, elas eram diferentes e eram consideradas iguais, e neste momento são diferentes e são consideradas diferentes, logo, acho bem."; "Porque quando a escala é muito pequenina e há muitos bons ginastas, é muito difícil colocá-los, metê-los todos os ginastas dentro de uma escala pequenina e fazer com que haja justiça entre eles. Agora é mais fácil, a amplitude é maior, portanto, a probabilidade de se conseguir seriar os ginastas na classificação, no resultado e na nota, de uma forma justa é maior."
		3) Há alterações que permitem isso, uma maior exactidão e credibilidade	1	12,50%	"Considero é que as alterações justificadas no código permitem isso tudo."
		4) Tudo está dependente de um número variado de factores e componentes	1	12,50%	"Agora seria ingenuidade da minha parte, pois tudo depende da interpretação das juízes daquilo que estiver no código, depende da postura, depende da

		que não são controláveis			ética, depende da atitude, que são coisas que ultrapassam o código. O código como uma estrutura de apoio parece-me que está nesse sentido, contudo continuo a achar que há comportamentos, situações ou elementos desajustados na sua avaliação, das dificuldades e tudo isso. Continuo a achar que há uma instabilidade e uma inconstância que é perniciosa para a ginástica no que diz respeito ao código da ginástica artística feminina, que está constantemente a sofrer alterações e isso é completamente abominável. Agora se eu conseguir diferenciar e tentar analisar apenas a direcção dessas alterações, parece-me que tem vindo com alguns pontos, mas não há regra sem excepção, no sentido de dar maior credibilidade à ginástica e tentar atenuar comportamentos que são eticamente reprováveis."
		5) Há alguns argumentos e elementos que parecem caminhar nesse sentido	1	12,50%	"…O código como uma estrutura de apoio parece-me que está nesse sentido, … "
		6) Há uma instabilidade e uma inconstância que é perniciosa para a ginástica no que diz respeito ao CP da GAF	1	12,50%	"Continuo a achar que há uma instabilidade e uma inconstância que é perniciosa para a ginástica no que diz respeito ao código da ginástica artística feminina, que está constantemente a sofrer alterações e isso é completamente abominável."
AJUIZAMENTO	**Sim**	7) Instabilidade constante com as constantes modificações que o CP sofre	1	12,50%	"Continuo a achar que há uma instabilidade… no que diz respeito ao código da ginástica artística feminina, que está constantemente a sofrer alterações…"
		8) Tentar atenuar comportamentos eticamente reprováveis	1	12,50%	"Agora se eu conseguir diferenciar e tentar analisar apenas a direcção dessas alterações, parece-me que tem vindo com alguns pontos, mas não há regra sem excepção, no sentido de dar maior credibilidade à ginástica e tentar atenuar comportamentos que são eticamente reprováveis."
		9) Permite que haja uma maior justiça	1	12,50%	"Sim considero. Porque quando a escala é muito pequenina e há muitos bons ginastas, é muito difícil colocá-los, metê-los todos os ginastas dentro de uma escala pequenina e fazer com que haja justiça entre eles. Agora é mais fácil, a amplitude é maior, portanto, a probabilidade de se conseguir seriar os ginastas na classificação, no resultado e na nota, de uma forma justa é maior. Mais fácil estabelecer diferenças entre as ginastas."
		10) Este CP está, é mais exacto, directo e claro	1	12,50%	"Acho que sim. Pelo menos na trave, nota-se, se ela faz assim tiras isto, se ela faz assim tiras quanto, ou não contas, não vale. É mais exacto, mais directo. Em relação por exemplo, ao anel, porque é muito duvidoso, tu podes ficar mais por cima ou mais para baixo, e não sei quê, e anteriormente, antigamente, um bocadinho a

AJUIZAMENTO					baixo passa o nível, não há dedução, se tudo fez bem, agora não, está mais claro, para juízes, está mais fácil distinguir, alguns elementos pelo menos, e no último código não, então tornaram mais difícil de treinar, mais exigência, em termos da escolha de elementos,..., ao ponto, favorece para ginastas, enquanto que para algumas miúdas já… exige a pensar se vai continuar ou não a realizá-los."
	Não	11) Não considero que traga mais exactidão e credibilidade apesar de o considerar mais exacto em certos aspectos	1	12,50%	"Depende das idades, como já disse há bocado. Acho que este código para miúdas mais pequenas não se adequa. Agora para as mais velhas, é isso, eu acho que quem faz muito e bem, é a miúda que ganha, não falha. Portanto considero que seja mais exacto."
		12) A parte artística (coreografia) está, é muito relativa e subjectiva	1	12,50%	"Não. Para já porque já disse que há coisas que são muito relativas. Nomeadamente a parte artística, quer dizer ali algumas diferenças de décimos faz com que uma ginasta possa perder ou ganhar, e portanto a avaliação é muito subjectiva."; "Em relação à parte artística, coreográfica acho que está muito subjectiva, o facto de não haver um valor fixo, um valor máximo, tudo vai depender da quantidade de elementos e de valor que eles têm portanto, torna-se subjectivo também."
		13) A eliminação de uma nota base (do tecto) a atingir	1	12,50%	"E depois o facto de não haver uma nota base a atingir, …"
		14) Este CP não gere mais credibilidade	1	12,50%	"Eu acho que não gere mais credibilidade à modalidade, acho que não veio ajudar em nada este novo código."
		15) O CP está dependente do número de elementos que se realize e do seu valor	1	12,50%	"…, dependendo do número de elementos que se faça e do valor que eles tenham."; "…, tudo vai depender da quantidade de elementos e de valor que eles têm portanto, torna-se subjectivo também."
		16) Elevado valor de dificuldade	1	12,50%	"É assim, actualmente o código tudo depende do número de elementos que se faça, o valor deles, etc., etc., o valor de dificuldade vai sendo cada vez maior consoante aquilo que as ginastas conseguem fazer,…"
		17) Deduções e penalizações extremamente elevadas	1	12,50%	"… mas por outro lado, o facto de as deduções, penalizações também estarem muito elevadas, tudo isso torna tudo muito subjectivo. Portanto, não vejo que venha ajudar em alguma coisa em relação à ginástica."
	Indecisos	18) O facto da componente execução (júri B) estar muito mais, extremamente exigente	2	25,00%	"Acho que algumas alterações, por exemplo o facto das quedas valerem mais, de existirem descontos mais exactos: só há descontos de 1, 3 e 5, portanto os juízes não podem fazer descontos de 2, para uma coisa que não é 1 nem é 3, ou é 1 ou é 3, ou tira 1 ou tira 3."; "Quanto ao valor, teria que se alterar no sentido que deixa de ser 10p o limite e portanto convém que, se as pontuações são maiores, também os descontos para a

					mesma coisa também sejam maiores, mas é gradual para todos os descontos, não vejo que seja uma coisa má."; "Porque há questões que eu acho que nas deduções, 1, 3, 5 (décimos), isto no que diz respeito especialmente ao júri B o 1, 3, 5 trouxe coisas que eu acho a meu ver que são negativas. Eu sou mais a favor de deduções mais graduais."; "Eu penso que existem deduções que são exageradas, há deduções que não têm bom senso, esta é uma delas, e mais não faz a distinção entre as cambiadas de movimentos à retaguarda que é suposto terminarem em pino, ou cambiadas que começam em pino para a frente, como é o caso daquelas cambiadas para a pega cubital, que esses movimentos não são para serem feitos antes, existem até movimentos antes que vão para a pega cubital mas têm um valor superior, essas cambiadas são altamente desvalorizadas. O que é que passou a acontecer, deixou de existir, deixaram de se fazer. E isso beneficiou a ginástica… julgo que não, beneficiou a actuação das juízes… julgo que não."
AJUIZAMENTO	**Indecisos**	19) A aplicação real, da mesma forma, na prática do CP por parte das juízes	2	25,00%	"Não sei se depois na prática os juízes aplicam todos da mesma forma. Não quero com isto estar a dizer mal dos juízes, não é isso… eu própria como juiz não sei se aplico da forma mais correcta, os 0,8 de desconto sim, mas depois há outros descontos em que a modalidade por si só é subjectiva: eu olho e vejo uma coisa e tu olhas e vês outra; eu olho e vejo que ela não abriu bem espargata e tu olhas e vês que ela não abriu em espargata e também não tem grande altura, … portanto, ela por si só é um bocadinho subjectiva."; "…estou-me a recordar do último Campeonato da Europa, e houve claramente um código, no CE há 3 ou 4 sub-divisões, 4 sub-divisões, e na última sub-divisão actuam as 8 melhores equipas do último Europeu, são as 8 melhores equipas da Europa normalmente, mais coisa menos coisa, e claramente nós estamos com atenção, e há um código para estas equipas e há outro código para as outras equipas, há um código muito diferente, em termos de execução isso é notório, é muito claro, o que é que isto nos traz, traz que as micro-deduções deixaram de existir, ou é um décimo ou não é, e coisas que dantes podiam ser penalizadas com meio décimo hoje em dia tem que ser com 1 décimo. Coisas que têm 1 décimo e que dantes podiam ir para 2 décimos, ir para o três é muito grande a diferença e há juízes que preferem ficar no 1, mas se calhar se for outra ginasta de outro país, se calhar a mesma dedução vai para o 3."; "beneficiou a actuação das juízes… julgo que não."; "…vou dizer aquilo que

					julgo que acontece, julgo que há juízes que nessas circunstâncias, na dúvida entre o 1 e o 5 tiram 3, e isso é mau. Não estão a agir consoante as regras. Aquilo que estão a querer fazer é ficar lá no meio quando a nota sair, a nota delas estar lá nas 4 e não sair."
		20) Melhorou, mas ao mesmo tempo há aspectos muito idênticos que não são tão perceptíveis	1	12,50%	"Neste sentido as alterações vieram melhorar, porque há uma discrepância maior de quem não faz para quem faz. Porém, para aquelas que são muito idênticas, há coisas que não são tão perceptíveis."
		21) As alterações ocorridas no CP relativas às exigências específicas e ao valor dos exercícios	1	12,50%	"Há outras mudanças no código, o facto das exigências específicas estarem diferentes e terem outro tipo de exercícios e valor. Quanto ao valor, teria que se alterar no sentido que deixa de ser 10p o limite e portanto convém que, se as pontuações são maiores, também os descontos para a mesma coisa também sejam maiores, mas é gradual para todos os descontos, não vejo que seja uma coisa má. Quanto ao facto das exigências específicas serem diferentes, acho que veio melhorar e diferenciar melhor as ginastas e ser menos subjectivo."
		22) A composição já não está tão subjectiva como antigamente se verificava, tornou-se mais exacta	1	12,50%	"Dantes era subjectivo, o facto por exemplo da composição, que era o quê? Cada grupo, cada país decidia que a composição era, quem não faz, quem já faz piruetas, quem já faz não seio o quê… e agora não, agora mesmo nas próprias exigências específicas já tem algumas coisas que são obrigatórias e portanto se faz, faz e, se não faz, não faz, é desta forma mais fácil, mais exacto."
AJUIZAMENTO	**Indecisos**	23) A evidente má construção do CP (um enorme exemplo disso reside ao nível das PA)	1	12,50%	"Existem casos até específicos que eu acho que o código está extraordinariamente mal construído é o caso das cambiadas nas paralelas, e em que a situação eu acho que é gravíssima, e que está em termos internacionais uma grande discussão, e julgo que toda a gente que eu falo está contra isto, que em termos das cambiadas, como tu sabes que és juiz, a partir dos 10º, até aos 10º não desconta, de 10º até 30º desconta 1 décimo e a partir de 30º desconta meio ponto. Isto a meu ver é dificultar o trabalho do juiz, ponto número um, porque se ela rodar a 31º por lei ela vai ter meio ponto, é dificultar a tarefa do atleta porque não dá uma margem ao atleta para poder fazer as coisas, e a 31º ou a 90º é a mesma coisa, não pode ser, 30º e 31º que devia ser mais ou menos, basicamente a mesma coisa é 4 décimos de diferença, e é impossível a um juiz, por muito bem treinado que ele esteja conseguir fazer essa distinção."
		24) A questão dos CP reside na formação pessoal das pessoas e	1	12,50%	"E portanto, aquilo que me parece, quem é que sai prejudicado com isto tudo e no meio disto tudo, … são as atletas. Tenho algumas dúvidas que este sistema vá

AJUIZAMENTO	**Indecisos**	não na construção dos próprios CP em si mas na sua correcta aplicação			resolver o problema que a FIG quis, que foi o problema dos juízes interferirem nos resultados finais… eu acho que isso tem haver com uma questão de formação pessoal das pessoas, não tanto com o código. Se o outro código fosse bem aplicado esse problema nunca teria existido. Se o código for mal aplicado o problema existe na mesma, o actual código dá azo a que isso aconteça na mesma. Portanto, basicamente é isso."

No que se refere à questão "Considera que as alterações verificadas no CP vieram trazer mais exactidão no ajuizamento das ginastas e maior credibilidade à modalidade? (Justifique/Argumente a resposta dada)", que dá continuidade à **categoria**, **ajuizamento**, o Quadro 66 mostra a existência de vinte e quatro "sub-unidades de registo" dentro dos argumentos apresentados para as últimas três unidades de registo expostas no Quadro anterior a este (a primeira referente ao sim, a segunda ao não e a última aos indecisos), tendo as suas justificações sido agrupadas em vinte e quatro unidades de registo, como podemos constatar no Quadro 66, que passaremos deste já a anunciar: permite distinguir as ginastas muito boas das boas (2=25,00%); a inexistência de tecto faz a diferença (2=25,00%); há alterações que permitem isso, uma maior exactidão e credibilidade (1=12,50%); tudo está dependente de um número variado de factores e componentes que não são controláveis (1=12,50%); há alguns argumentos e elementos que parecem caminhar nesse sentido (1=12,50%); há uma instabilidade e uma inconstância que é perniciosa para a ginástica no que diz respeito ao CP da GAF (1=12,50%); assim como uma instabilidade durável com as constantes modificações que o CP sofre (1=12,50%); o tentar atenuar comportamentos eticamente reprováveis (1=12,50%); permite que haja uma maior justiça (1=12,50%); e por fim, a última unidade apresentada pelos treinadores que responderam sim, diz-nos que este CP é mais exacto, directo e claro (1=12,50%). As seguintes unidades apresentadas corresponderão ao não, como podemos verificar no Quadro e são as seguintes: uma das entrevistadas não considera que este novo CP traga mais exactidão e credibilidade apesar de o considerar mais exacto em certos aspectos (1=12,50%); a parte artística (coreografia) é muito relativa e subjectiva (1=12,50%); o facto de ter havido a eliminação de uma nota base (do tecto) a atingir (1=12,50%); este CP não gere mais credibilidade (1=12,50%); o CP está dependente do número de elementos que se realize e do seu valor (1=12,50%); o exagerado elevado valor de dificuldade (1=12,50%); e por fim, as deduções e penalizações são extremamente elevadas (1=12,50%). E por fim passaremos às "unidades", justificações e argumentos apresentados por aqueles treinadores que ainda estão

um pouco relutantes e indecisos em relação ao novo CP, à sua exactidão e credibilidade. Passando já de seguida às últimas unidades a apresentar das vinte e quatro retiradas das entrevistas sobre esta questão em causa: o facto da componente execução (júri B) estar muito mais exigente (2=25,00%); da aplicação real e da mesma forma na prática do CP por parte das juízes (2=25,00%); o facto de ter melhorado, mas ao mesmo tempo há aspectos muito idênticos que não são tão perceptíveis (1=12,50%); as alterações ocorridas no CP relativas às exigências específicas e ao valor dos exercícios (1=12,50%); a composição já não está tão subjectiva como antigamente se verificava, tornou-se mais exacta (1=12,50%); a evidente má construção do CP (um enorme exemplo disso reside ao nível das PA) (1=12,50%), e por fim, mas algo bastante pertinente e importante, um dos entrevistados refere que a questão dos CP reside na formação pessoal das pessoas e não na construção dos próprios CP em si mas na sua correcta aplicação (1=12,50%).

De um factor ninguém pode duvidar e somos testemunhas disso, é da completa entrega destes profissionais de ginástica à modalidade em questão, da qualidade dos seus desempenhos e do seu profundo orgulho em fazer parte desta equipa gímnica, e da vontade de melhorar cada vez mais e progredir para levar a Ginástica Artística feminina cada vez o mais longe possível. Dentro das possibilidades que nos apresentam. Seguindo e respeitando sempre os aspectos pedagógicos que são cada vez mais importantes na formação de uma ginastas.

No que respeita à parte que foi considerada como a dos “indecisos”, sobre o facto de colocarem algumas ou até muitas dúvidas, interrogações, subjectividade em relação a algumas ou quase todos as alterações verificadas no CP e se estas vieram de facto trazer uma maior exactidão a nível do ajuizamento e uma maior credibilidade à modalidade, tem bastante pertinência, porque na prática as coisas tornam-se completamente diferentes, quer a nível de treino quer a nível da própria avaliação, quer durante a preparação (o treino) quer durante a competição. Eles próprios dizem que não sabem, têm dúvidas. No entanto expõem tanto os factores negativos como os positivos que já tinham sido expostos por outros mas noutras unidades, devido à convicção de alguns e à desconfiança (plausível) de outros. Daí a divisão por unidades, para de uma forma ou de outra, reforçar, que de uma maneira ou de outra, todos vão de encontro, por vezes escolhendo ou optando por caminhos diferentes, ter ao mesmo ponto de vista e seguindo um raciocínio, que não é tão diferente quanto possa parecer à primeira vista, pois estão todos no mesmo “barco”, a lutar pelos mesmos objectivos. Como nos afirma o T5, relativamente à unidade de registo por nós apontada numa dos indecisos, o facto da componente execução (júri B) estar

muito mais exigente, este justifica-se e não só, para além do exemplo que já foi exposto e colocado na unidade de contexto, com o seguinte (de forma a completar o seu raciocínio): "porque há questões que eu acho que nas deduções, 1, 3, 5 (décimos), isto no que diz respeito especialmente ao júri B o 1, 3, 5 trouxe coisas que eu acho a meu ver que são negativas. Eu sou mais a favor de deduções mais graduais. Sei porque e partindo do princípio que quando vamos lá fora por Portugal, não falo inter-clubes, para não centralizar na questão do clube e não centralizar a questão no juiz do clube, porque eu acho, não quero acreditar que isso exista, mas sei que existe entre países. E isto nós todos sabemos. E nós vamos lá fora, e estou-me a recordar do último Campeonato da Europa (CE), e houve claramente um código, no CE há três ou quatro sub-divisões, quatro sub-divisões, e na última sub-divisão actuam as oito melhores equipas do último Europeu, são as oito melhores equipas da Europa normalmente, mais coisa menos coisa, e claramente nós estamos com atenção, e há um código para estas equipas e há outro código para as outras equipas. Há um código muito diferente, em termos de execução isso é notório, é muito claro, o que é que isto nos traz, traz que as micro-deduções deixaram de existir, ou é um décimo ou não é, e coisas que dantes podiam ser penalizadas com meio décimo hoje em dia tem que ser com um décimo. Coisas que têm um décimo e que dantes podiam ir para dois décimos, ir para os três é muito grande a diferença e há juízes que preferem ficar no um, mas se calhar se for outra ginasta de outro país, se calhar a mesma dedução vai para o três. Existem casos até específicos que eu acho que o código está extraordinariamente mal construído é o caso das cambiadas nas paralelas, e em que a situação eu acho que é gravíssima, e que está em termos internacionais uma grande discussão, e julgo que toda a gente que eu falo está contra isto, que em termos das cambiadas, como tu sabes que és juiz, a partir dos 10º, até aos 10º não desconta, de 10º até 30º desconta um décimo e a partir de 30º desconta meio ponto. Isto a meu ver é dificultar o trabalho do juiz, ponto número um, porque se ela rodar a 31º por lei ela vai ter meio ponto, é dificultar a tarefa do atleta porque não dá uma margem ao atleta para poder fazer as coisas, e a 31º ou a 90º é a mesma coisa, não pode ser, 30º e 31º que devia ser, mais ou menos, basicamente, a mesma coisa é quatro décimos de diferença, e é impossível a um juiz, por muito bem treinado que ele esteja conseguir fazer essa distinção. Eu penso que existem deduções que são exageradas, há deduções que não têm bom senso, esta é uma delas, e mais não faz a distinção entre as cambiadas de movimentos à retaguarda que é suposto terminarem em pino, ou cambiadas que começam em pino para a frente, como é o caso daquelas cambiadas para a pega cubital, que esses movimentos não são para serem feitos antes, existem até movimentos antes que vão para a pega cubital mas têm um

valor superior, essas cambiadas são altamente desvalorizadas. O que é que passou a acontecer, deixou de existir, deixaram de se fazer. E isso beneficiou a ginástica… julgo que não, beneficiou a actuação das juízes… julgo que não. Julgo eu, aqui porque estou a falar para a gravação, não posso dizer aquilo que já sei, vou dizer aquilo que julgo que acontece, julgo que há juízes que nessas circunstâncias, na dúvida entre o um e o cinco tiram três, e isso é mau. Não estão a agir consoante as regras. Aquilo que estão a querer fazer é ficar lá no meio quando a nota sair, a nota delas estar lá nas quatro, entre as quatro notas e não sair. E, portanto, aquilo que me parece, quem é que sai prejudicado com isto tudo e no meio disto tudo, … são as atletas. Tenho algumas dúvidas que este sistema vá resolver o problema que a FIG quis, que foi o problema dos juízes interferirem nos resultados finais… eu acho que isso tem a ver com uma questão de formação pessoal das pessoas, não tanto com o código. Se o outro código fosse bem aplicado esse problema nunca teria existido. Se o código for mal aplicado o problema existe na mesma, o actual código dá azo a que isso aconteça na mesma. Portanto, basicamente é isso".

Borteleto (2001) descreve a existência de duas dimensões importantes na GA: o carácter objectivo (técnica) e o carácter subjectivo (expressão). O carácter objectivo tem haver com o conjunto de todos os elementos e componentes da GA, que são palpáveis, concretos e que correspondem directamente ao trabalho físico e mecânico da modalidade, incluindo os modelos técnicos e metodológicos. O carácter subjectivo diz respeito à estética, à expressão, sendo estes factores essenciais para o desenvolvimento harmonioso da *performance* nesta modalidade, o que permite manter a característica "artística".

Segundo Marques (1993) na GAF as prestações podem ser mais valorizadas se as acções desportivas mostrarem demonstrações estéticas próprias, porque a própria avaliação da competição valoriza estes aspectos.

"O espectáculo desportivo, ao oportunizar vivências estéticas desperta o imaginário humano permitindo o afloramento de emoções que podem reflectir a indiferença, o simples agrado, o prazer verdadeiro e o êxtase" (Martins, 1996, pp.31)

A GAF para além de ser uma modalidade cujos objectivos e resultados se centram especialmente na evolução técnica dos elementos, possui várias características estéticas que lhe atribuem a beleza e espectacularidade. Garufi (1986) refere mesmo que os aspectos estéticos e criadores são os elementos mais característicos e significantes da ginástica.

D'Amico e Cedeño (2000) definem a GAF como a expressão prática dos possíveis movimentos, equilíbrios e posições realizadas pelo corpo humano, executados de forma ampla, estética, segura e elegante. A este propósito, Bortoleto (2000) refere que são essas características estéticas que lhe garantem em grande parte o sucesso adquirido ao longo dos tempos, trazendo o respeito e a admiração de muitos daqueles que tiveram oportunidade de observá-la.

Na mesma linha de pensamento, Martins (1996) menciona que a contemplação de um espectáculo desportivo não parece ser um acto passivo, mesmo para o mais simples observador, entende-se que a leitura que o público faz daquilo que viu, a forma como vivenciou aquela situação e o modo como a compreendeu, fornecem-lhe dados necessários e estimulando-o a formular um juízo estético acerca do espectáculo.

Quem é conhecedor da GAF facilmente consegue perceber o porquê do êxito da ginasta Svetlana Khorkina. Efectivamente esta ginasta é pontuada muitas vezes com notas superiores e outras ginastas tecnicamente mais evoluídas, aspecto que nos parece estar relacionado com a forma de executar todos os movimentos sendo esteticamente agradável de ver a trabalhar.

Marques (1993) explica, desta forma, a preocupação de atletas e treinadores em cuidarem particularmente, nos seus processos e treino, as potencialidades estéticas dos movimentos desportivos. Este autor ainda refere que há mesmo treinadores e atletas que valorizam mais os aspectos estéticos e artísticos do que as capacidades atléticas.

Segundo Benigno (2003) a conclusão a que se pode chegar é que o carácter subjectivo está fortemente inserido na modalidade, sendo as ginastas avaliadas não só através da forma objectiva preconizada pelo Código de Pontuação, mas também pela apresentação artística, sendo esta componente subjectiva e dependente dos gostos pessoais de cada juiz.

"Inserido naquilo que designamos por carácter subjectivo da GA, situam-se fundamentalmente as discussões sobre o belo e os desdobramentos das possibilidades estéticas. Estes aspectos são os que dão sustentação para manter esta modalidade infinitamente passível de diferentes interpretações e transformam esta prática numa leitura particular, dentro dos limites que as regras permitem (Bortoleto, 2000). Bortoleto (ibid.) refere ainda, que o que está em causa não são unicamente os aspectos técnicos executados pelas ginastas, mas sim o valor humano de cada apresentação, da expressão particular, da estética e do artístico, sendo que uma das

características do carácter subjectivo é possibilitar uma GA que valorize mais a pessoa que executa, isto é, a sensibilidade humana de uma apresentação" (Benigno, 2003).

Sabendo que na GAF a habilidade para executar as proezas acrobáticas enquanto se mantém uma beleza estética é essencial, a composição corporal pode limitar esta habilidade (Mosley, 1997) e as notas podem ser influenciadas devido à percepção que as juízes têm do corpo das ginastas (Claessens *et al.* 1999).

Brown (2003) refere que durante as transmissões televisivas, o corpo das ginastas é criteriosamente observado sendo alvo de comentários, insistindo e passando a mensagem que para ganhar é preciso possuir um corpo magro e bonito. Este aspecto coincide com a perspectiva de Wolfe's (2000, cit in Brown, 2003), que refere que as imagens favoritas dos *media* são modelos magros, não admirando assim que as ginastas de GAF sejam um dos favoritos alvos dos fotógrafos.

Apesar do CP ser omisso relativamente à atribuição de deduções relativas à composição corporal das ginastas, existe a noção de que ter um corpo similar ao das ginastas de elite com resultados nas competições internacionais mais importantes, pode aumentar as oportunidades de sucesso nesta modalidade.

Julgar uma competição de GA significa realizar avaliações centradas não só no "Mérito Técnico" mas também na "Impressão Artística" (Martins, 1996). Marques (1993) refere que na GA e em alguns outros desportos, as exigências dos juízes referenciam-se por critérios objectivos e critérios estéticos. Nestes últimos pretende-se mesmo ir mais longe, recorrendo a critérios de avaliação artística.

Tal como noutras modalidades em que a avaliação da performance é subjectiva, na ginástica as atletas são avaliadas consoante a impressão dada em cada esquema, baseando-se a sua avaliação no CP FIG (Johns, 1998). Esta avaliação subjectiva aparece fundamentalmente devido à diferenciação estética ou da expressão artística, possível na observação das particularidades de cada apresentação, cada ginasta e cada execução (Bortoleto, 2000).

5.1.6 Questão 2.1.8 do Guião da Entrevista efectuada aos treinadores: Uma vez que actualmente se pode ultrapassar a fasquia máxima dos 10 pontos, concorda com a alteração do CP que veio permitir o estabelecimento de recordes na GA? Não veio este facto deturpar o significado e o objectivo principal da GA (atingir a nota máxima), algo raro e inatingível, a perfeição, que tanto caracterizava a modalidade? (Justifique/Argumente a resposta dada)

Quadro 67: Análise da questão: "Uma vez que actualmente se pode ultrapassar a fasquia máxima dos 10 pontos, concorda com a alteração do CP que veio permitir o estabelecimento de recordes na GA? Não veio este facto deturpar o significado e o objectivo principal da GA (atingir a nota máxima), algo raro e inatingível, a perfeição, que tanto caracterizava a modalidade?"

CATEGORIA	UNIDADE DE REGISTO	ENUMERAÇÃO/ QUANTIFICAÇÃO		UNIDADE DE CONTEXTO
		N	%	
REPERCUSSÕES DO NOVO CÓDIGO DE PONTUAÇÃO	1) Sim concordo com a alteração	5	62,50%	"Não, não acho nada disso."; "Acho que isso é uma leitura muito restritiva daquilo que se considerava a nota dez."; "Eu concordo com a alteração."; "Sinceramente no princípio não entendi nem aceitei muito bem… é mais complicado porque nos habituamos a ver os 10 pontos como o máximo, mas acho engraçado, interessante, concordo, agora já aceito bem e acho até que favorece, … Inicio fez muita confusão, mas agora acho até mais fácil… acho que é interessante, agora a ginasta está a pensar em bater o recorde de ginástica, a pontuação máxima… mais alta possível, em atingir uma nota mais alta, agora é mais interessante, antigamente a nota máxima era 10, agora já pode haver recorde de ginástica, acho interessante isso."; "Sim, no início achei que não era bom, que tinha sido difícil, mas agora até já sinto as miúdas, … já é uma motivação, o de somar mais, e acho que acaba por ser mais motivante, mas ao principio não gostei nada daquilo. Acho que alterava um bocado a filosofia do que é que era a ginástica e a perfeição do dez, isso sim, mas agora sinto, principalmente nas miúdas, lembrarem-se da nota que tiveram anteriormente, ultimamente e de tentar conseguir fazer mais e melhor."
	2) Não concordo com a alteração	2	25,00%	"Acho que veio descaracterizar isso, porque dantes um leigo que olhava para a ginástica e via um 10p, sabia perfeitamente que aquela era a melhor e ficava com aquela na cabeça, em termos de espectacularidade e, agora, um leigo não consegue olhar e dizer qual é que é delas a melhor. A ginástica é difícil de observar, não é se marcou X golos ou se não marcou, isso é fácil, na ginástica é preciso conhecer bem a modalidade para se saber porque aquela teve 15p e aquela teve 16p sendo o esquema igual

REPERCUSSÕES DO NOVO CÓDIGO DE PONTUAÇÃO	3) Indecisos	1	12,50%	e perfeito, porém uma fez mais ligações e a outra fez menos e portanto um leigo não entende isso."; "Era aquilo que eu ainda estava a explicar ainda à pouco. Eu não concordo, acho que não faz com que a modalidade seja mais credível, acho que isso do atingir um recorde, quer dizer, isso não é a ginástica." "Eu até ver, ainda não consegui tirar uma conclusão muito clara de tudo isto, mas eu acho que o recorde na ginástica, eu acho que é muito difícil de se implementar. Acho que o recorde, isto em termos de nota final, em termos de nota final é muito difícil de se implementar. Acho que os critérios de júri B mudam de prova para prova. E em termos de recorde e em termos de referências pontuais, eu julgo que há um 16.200 no Campeonato do Mundo e um 16.200 no Campeonato de Inglaterra, e é a mesma coisa?! Pode a FIG homologar uma nota?! Mesmo em termos da nota de júri A existem ambiguidades, porque o código é tão tão duro, …"

O Quadro 67, relativamente à questão "Uma vez que actualmente se pode ultrapassar a fasquia máxima dos 10 pontos, concorda com a alteração do CP que veio permitir o estabelecimento de recordes na GA? Não veio este facto deturpar o significado e o objectivo principal da GA (atingir a nota máxima), algo raro e inatingível, a perfeição, que tanto caracterizava a modalidade?", mostra-nos a existência de três unidades de registo, dentro da **categoria**, **repercussões do novo código de pontuação**: uma relacionada com a concordância da actual mudança de se poder ultrapassar a fasquia máxima dos 10 pontos como nota máxima que tanto caracterizava a modalidade (5 respostas = 62,50%) que tem fundamentalmente a ver com a sua nova forma de avaliação; uma outra unidade de registo que inclui aqueles que não concordam com essa alteração (2 respostas = 25,00%); e finalmente uma terceira unidade que tem a ver com os indecisos (1 resposta = 12,50%), que não sabem ainda se é bom ou mau para a ginástica em si, que ainda estão confusos e não conseguem tirar uma conclusão muito clara de tudo isto, de todas estas transformações.

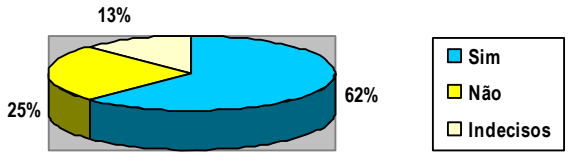


Figura 32: % de indivíduos que concordam com a mudança e alteração do CP actual que se pode ultrapassar a fasquia máxima dos 10 pontos, e que veio permitir o estabelecimento de recordes na GA? Não vindo desta maneira deturpar o significado e o objectivo principal da GA (atingir a nota máxima), algo raro e inatingível, a perfeição, que tanto caracterizava a modalidade.

Quadro 68: Análise da Questão (continuação): "Um vez que actualmente se pode ultrapassar a fasquia máxima dos 10 pontos, concorda com a alteração do CP que veio permitir o estabelecimento de recordes na GA? Não veio este facto deturpar o significado e o objectivo principal da GA (atingir a nota máxima), algo raro e inatingível, a perfeição, que tanto caracterizava a modalidade? (Justifique/Argumente a resposta dada)"

CATEGORIA	UNIDADE DE REGISTO		ENUMERAÇÃO/ QUANTIFICAÇÃO		UNIDADE DE CONTEXTO
			N	%	
REPERCUSSÕES DO NOVO CÓDIGO DE PONTUAÇÃO	**Sim**	1) Era uma questão de tradição e de filosofia	3	37,50%	"Não, não acho nada disso. Em primeiro lugar não me preocupa nada os dez pontos, isso era uma questão de tradição e eu respeito quem pensa ou pensava assim, …"; "Sinceramente no princípio não entendi nem aceitei muito bem… é mais complicado porque nos habituamos a ver os 10 pontos como o máximo, mas acho engraçado, interessante, concordo, agora já aceito bem e acho até que favorece, … Inicio fez muita confusão, mas agora acho até mais fácil… "; "Acho que alterava um bocado a filosofia do que é que era a ginástica e a perfeição do dez, isso sim, mas agora sinto, …"
		2) O importante não é o recorde	1	12,50%	"… depois também não acho que o importante seja o recorde, …"
		3) Continua a haver a nível da execução a nota máxima dos 10 pontos (que tem haver com a tal perfeição que tanto caracteriza a ginástica)	1	12,50%	"…também não acho que o importante seja o recorde, acho que continua a haver, aliás a FIG defendia isso mas defendia isso por uma questão de rebater aqueles que tinham o problema do dez, continua a haver a nota máxima de execução, a perfeição, lá está, a perfeição está relacionada com o como a ginasta faz, que é a execução, e isso continua a ser, uma ginasta que tire dez na execução continua a poder ser intitulada de perfeita. Não tem haver, o dez não tinha haver só com quem faz mais, mas é importante, …"
		4) É mais importante tirar nota dez na execução (nota B) e também (obviamente) uma boa nota na dificuldade (nota A)	1	12,50%	"… mas é importante, é mais importante uma ginasta que consiga tirar dez na execução a fazer cinco pontos de dificuldade do que uma que consiga tirar dez na execução a fazer só dois pontos de dificuldade. Vale mais uma ginasta como no primeiro caso, que executou mais difícil e perfeito. Esse acho que é e sempre foi o espírito da ginástica."
		5) É importante promover o recorde	1	12,50%	"… é muito mais interessante se nós começarmos a promover o que é o recorde."
		6) O espírito e o objectivo da ginástica sempre foi executar o mais difícil e perfeito possível	2	25,00%	"Não tem haver, o dez não tinha haver só com quem faz mais, mas é importante, é mais importante uma ginasta que consiga tirar dez na execução a fazer cinco pontos de dificuldade do que uma que consiga tirar dez na execução a fazer só dois pontos de dificuldade. Vale mais uma ginasta como no primeiro caso, que executou mais difícil e perfeito.

					Esse acho que é e sempre foi o espírito da ginástica."; "Eu concordo com a alteração. Confesso que ao principio me custou um bocadinho a entrar, foram muitos anos a pensar na nota dez, isto demorou algum tempo, aqui o esquema mental a adaptar, mas com nota dez ou sem nota dez, o objectivo da ginástica continua a ser sempre o mesmo. Quer dizer, não mudou pelo facto de agora não existir nota dez. Quer dizer, pelo contrário, como as penalizações às imperfeições são muito maiores, as preocupações com a perfeição são mais elevadas."
		7) É algo muito restritivo do que realmente se considerava a nota 10	1	12,50%	"Acho que isso é uma leitura muito restritiva daquilo que se considerava a nota dez."
REPERCUSSÕES DO NOVO CÓDIGO DE PONTUAÇÃO	**Sim**	8) É muito mais interessante promover o recorde, porque vai assumir-se, igualmente, como uma referência cada vez mais forte, interessante, completa e que vai fazer esquecer a nota 10	2	25,00%	"… é muito mais interessante se nós começarmos a promover o que é o recorde."; "Agora, acho que não havendo a "perfeição", é bem preferível o recorde e estou profundamente convencido que o recorde vai completar e vai fazer esquecer a nota 10 e vai assumir-se como uma referência cada vez mais forte e mais interessante, não estou minimamente preocupado com isso."; "… mas acho que é interessante, agora a ginasta está a pensar em bater o recorde de ginástica, a pontuação máxima… mais alta possível, em atingir uma nota mais alta, agora é mais interessante, antigamente a nota máxima era 10, agora já pode haver recorde de ginástica, acho interessante isso."
		9) O recorde pode ter um valor muito significativo e é mais justo	2	25,00%	"Acho que isso é uma leitura muito restritiva daquilo que se considerava a nota dez. Eu acho que efectivamente dentro daquele panorama da justiça, aquilo que se procurava alcançar com a nota 10, é muito mais interessante se nós começarmos a promover o que é o recorde. Acontece nos outros desportos, o recorde tem um valor muito significativo e é mais justo o recorde, …"; "é mais complicado porque nos habituamos a ver os 10 pontos como o máximo, mas acho engraçado, interessante, concordo, agora já aceito bem e acho até que favorece,… Em relação ao ser mais justo é difícil responder a essa pergunta, a essa questão, mas acho que é interessante, agora a ginasta está a pensar em bater o recorde de ginástica, a pontuação máxima… mais alta possível, em atingir uma nota mais alta, agora é mais interessante, antigamente a nota máxima era 10, agora já pode haver recorde de ginástica, acho interessante isso."
		10) Antigamente as notas que assistíamos eram iguais e os desempenhos eram por vezes muito diferentes a todos os níveis (sendo considerado de	2	25,00%	"Acontece nos outros desportos, o recorde tem um valor muito significativo e é mais justo o recorde, porque nós assistimos a ter 1 a 2, 3 atletas a nota 10 e com desempenhos tão diferenciados, que eu nunca aceitei isso muito bem. Agora, acho que não havendo a "perfeição", é bem preferível o recorde e estou profundamente convencido que o recorde vai completar e vai fazer esquecer a nota 10 e

		certa maneira injusto)			vai assumir-se como uma referência cada vez mais forte e mais interessante, não estou minimamente preocupado com isso."; "…concordo, agora já aceito bem e acho até que favorece, a equipa está mais fraca e tem qualidade para não ficar com uma grande diferença, distancia em relação às de topo. Se fizermos tudo direitinho e em termos de dedução for o mínimo, até conseguimo-nos aproximar, exactamente."
	Sim	11) A adaptação à nova forma de avaliação custou e demorou um bocadinho a habituar a nível de esquema mental	2	25,00%	"Eu concordo com a alteração. Confesso que ao principio me custou um bocadinho a entrar, foram muitos anos a pensar na nota dez, isto demorou algum tempo, aqui o esquema mental a adaptar, mas com nota dez ou sem nota dez, o objectivo da ginástica continua a ser sempre o mesmo. Quer dizer, não mudou pelo facto de agora não existir nota dez. Quer dizer, pelo contrário, como as penalizações às imperfeições são muito maiores, as preocupações com a perfeição são mais elevadas."; "Sinceramente no princípio não entendi nem aceitei muito bem… é mais complicado porque nos habituamos a ver os 10 pontos como o máximo, … concordo, agora já aceito bem e acho até que favorece, … Inicio fez muita confusão, mas agora acho até mais fácil… "
REPERCUSSÕES DO NOVO CÓDIGO DE PONTUAÇÃO		12) As habituações, os hábitos e as regras do passado são difíceis de romper de um momento para o outro	1	12,50%	"Confesso que ao principio me custou um bocadinho a entrar, foram muitos anos a pensar na nota dez, isto demorou algum tempo, aqui o esquema mental a adaptar, mas com nota dez ou sem nota dez, o objectivo da ginástica continua a ser sempre o mesmo. Quer dizer, não mudou pelo facto de agora não existir nota dez. Quer dizer, pelo contrário, como as penalizações às imperfeições são muito maiores, as preocupações com a perfeição são mais elevadas."
		13) Há uma maior motivação nas ginastas	1	12,50%	"Sim, no início achei que não era bom, que tinha sido difícil, mas agora até já sinto as miúdas, principalmente as mais velhas, a dizer, já consegui ter 13, já consegui passar os 13, para elas já é uma motivação, o de somar mais, e acho que acaba por ser mais motivante, mas ao principio não gostei nada daquilo. Acho que alterava um bocado a filosofia do que é que era a ginástica e a perfeição do dez, isso sim, mas agora sinto, principalmente nas miúdas, lembrarem-se da nota que tiveram anteriormente, ultimamente e de tentar conseguir fazer mais e melhor."
	Não	14) Descaracteriza o que tanto caracterizava esta modalidade, atingir a nota 10 na ginástica artística feminina	1	12,50%	"Acho que veio descaracterizar isso, porque dantes um leigo que olhava para a ginástica e via um 10p, sabia perfeitamente que aquela era a melhor e ficava com aquela na cabeça, …"
		15) Em termos de espectacularidade para o público é mais difícil distinguir a melhor ou o	1	12,50%	"… em termos de espectacularidade e, agora, um leigo não consegue olhar e dizer qual é que é delas a melhor."

		pior pelo desempenho e pela nota pois há factores que um "leigo" que está a assistir não entende			
		16) Pela implementação da nova pontuação a ginástica torna-se mais difícil para o público de observar devido às novas regras do CP	1	12,50%	"A ginástica é difícil de observar, não é se marcou X golos ou se não marcou, isso é fácil, na ginástica é preciso conhecer bem a modalidade para se saber porque aquela teve 15p e aquela teve 16p sendo o esquema igual e perfeito, porém uma fez mais ligações e a outra fez menos e portanto um leigo não entende isso."
		17) Apesar de ser melhor como está agora o CP para "nós" que estamos dentro da ginástica e percebemos melhor a espectacularidade da modalidade	1	12,50%	"Mas por outro lado, para nós, que estamos dentro da ginástica, acho que é melhor ser assim, como está agora, porque se vai vendo quem faz melhor e para a espectacularidade da modalidade, por não ser tão conhecida ninguém sabe quem é o máximo, é 15p é 12p e neste aparelho é o quê? Ninguém sabe e portanto se fosse conhecida toda a gente sabia."
REPERCUSSÕES DO NOVO CÓDIGO DE PONTUAÇÃO	**Não**	18) É mais aliciante para os treinadores	1	12,50%	"Para nós, acho que é melhor, mais giro, mais aliciante; partires de uma nota maior, cada vez que fazes mais coisas também partes de uma nota maior e por exemplo, agora hoje em dia, há modelos em cada aparelho, há modelos e dantes havia modelos pela perfeição e não pela boa execução e pela perfeição, ou seja, por fazer muitas coisas e por ser perfeita."
		19) É mais desmotivante para o público em geral pelo desconhecimento das regras e do próprio conteúdo da modalidade	1	12,50%	"… para a espectacularidade da modalidade, por não ser tão conhecida ninguém sabe quem é o máximo, é 15p é 12p e neste aparelho é o quê? Ninguém sabe e portanto se fosse conhecida toda a gente sabia."
		20) É mais motivador tentar atingir uma nota cada vez maior	1	12,50%	"Para nós, acho que é melhor, mais giro, mais aliciante; partires de uma nota maior, cada vez que fazes mais coisas também partes de uma nota maior e por exemplo, agora hoje em dia, há modelos em cada aparelho, há modelos e dantes havia modelos pela perfeição e não pela boa execução e pela perfeição, ou seja, por fazer muitas coisas e por ser perfeita."
		21) Código muito penalizador	1	12,50%	"… porque também há muita gente que também faz mais coisas e não sendo perfeito o código também é muito penalizador, podendo neste casos passares para último, quase, embora faças muitas coisas."
		22) Vence quem faz mais e perfeito	1	12,50%	"Agora quem ganha é quem faz mais coisas e é perfeito, …"
		23) Não torna a modalidade mais	1	12,50%	"Era aquilo que eu ainda estava a explicar ainda à pouco. Eu não concordo, acho que não faz com que a modalidade seja

		credível			mais credível, …"
	Não	24) Atingir um recorde não é ginástica	1	12,50%	"… acho que isso do atingir um recorde, quer dizer, isso não é a ginástica. Para isso vamos fazer um concurso para ver quem faz mais acrobacias para conseguir atingir um valor mais alto."
		25) A ginástica é ginástica artística, se é artística é uma arte	1	12,50%	"A ginástica é ginástica artística, se é artística vem de uma arte, e uma arte tenta-se atingir a perfeição, não se tenta fazer mil e uma coisa para se atingir muitos pontos, arte é arte, e tem que ser visto como isso mesmo. E por isso talvez por ser vista como uma arte, ou por se tentar ver a ginástica como uma arte é que também o nome foi alterado. Era desportiva, logo deixa de ter esse objectivo, a arte é algo em que uma pessoa tenta atingir a perfeição, e a perfeição não se consegue a fazer quinhentas mil coisas só para ter muitos pontos, a arte consegue-se doutra forma, mais específica, mais limpa."
REPERCUSSÕES DO NOVO CÓDIGO DE PONTUAÇÃO	**Indecisos**	26) O recorde na ginástica é algo muito difícil de se implementar (principalmente em termos de nota final)	1	12,50%	"Eu até ver, ainda não consegui tirar uma conclusão muito clara de tudo isto, mas eu acho que o recorde na ginástica, eu acho que é muito difícil de se implementar. Acho que o recorde, isto em termos de nota final, em termos de nota final é muito difícil de se implementar."
		27) Os critérios do júri B alteram-se de competição para competição	1	12,50%	"Acho que os critérios de júri B mudam de prova para prova."
		28) Em vez de recordes talvez possa haver notas de referências pontuais	1	12,50%	"E em termos de recorde e em termos de referências pontuais, …"
		29) Muito difícil a homologação de uma nota por parte da FIG em Campeonatos por vezes completamente diferentes	1	12,50%	"E em termos de recorde e em termos de referências pontuais, eu julgo que há um 16.200 no Campeonato do Mundo e um 16.200 no Campeonato de Inglaterra, e é a mesma coisa?! Pode a FIG homologar uma nota?!"
		30) O recorde na nota A também é algo muito difícil de implementar	1	12,50%	"Mesmo em termos da nota de júri A existem ambiguidades, porque o código é tão tão duro, e estou-me a lembrar no solo na execução das piruetas, e eu sou muito sincero, eu vi o último Campeonato do Mundo todo, estive no Campeonato do Mundo e vi tudo de uma ponta à outra, e no último Campeonato do Mundo conta-se pelos dedos das mãos as miúdas que fazem tripla, tripla a acabar, acabam ali, e depois terminam com dupla e meia, mas nas notas, a nota A inclui a saída, o que é que isto quer dizer, quer dizer que foi contabilizada a tripla, o que é que isto quer dizer, quer dizer que o código não foi levado à risca, quer dizer que o código às vezes é levado à risca e outras vezes não é levado à risca, eu penso que mesmo em termos da nota A é muito

					difícil, muito difícil dizermos que há um recorde, porque não é um cronómetro que vai determinar isso, são valorizações pessoais que as pessoas podem dar ou não."
REPERCUSSÕES DO NOVO CÓDIGO DE PONTUAÇÃO	**Indecisos**	31) O código por vezes não é cumprido na sua totalidade	1	12,50%	"Estou-me a lembrar dos *Igang Bo* na trave, em que aquilo pode ser contabilizado *Igang Bo* ou pode não ser contabilizado *Igang Bo*, depende de muitos factores e aquelas juízes naquele momento acharam que sim e outras já acharam que não. E aqui há muitas dúvidas, e entre os próprios juízes internacionais têm muitas dúvidas, existe uma execução que está no limiar de se poder contar ou não, e os juízes têm todos dúvidas, uns contam e outros não. Nós vamos aos cursos e vemos isso. E portanto eu penso que a questão do recorde é uma questão de difícil venda na ginástica."
		32) A ginástica não é dada a recordes	1	12,50%	"Não penso que a ginástica seja dada a recordes como por exemplo os trampolins porque é muito claro. Faz um número claro de rotações no eixo longitudinal e no eixo transversal e aquilo não tem dúvida, não há dúvida."
		33) Na ginástica artística há muitas dúvidas	1	12,50%	"E aqui há muitas dúvidas, e entre os próprios juízes internacionais têm muitas dúvidas, existe uma execução que está no limiar de se poder contar ou não, e os juízes têm todos dúvidas, uns contam e outros não. Nós vamos aos cursos e vemos isso. E portanto eu penso que a questão do recorde é uma questão de difícil venda na ginástica."
		34) Defesa da continuidade da nota máxima, limite dos 10 pontos	1	12,50%	"Quanto à não existência dos dez pontos, em relação à mudança que ocorreu, à não existência de limite, ainda não tenho uma ideia muito clara sobre isso, é o que eu te digo, sou muito séptico em relação a isso, continuo muito séptico, fui um defender da continuidade do dez, porque acho que dentro dos dez pontos havia espaço para se poder resolver esse problema, de quem fazia muita dificuldade e não era valorizada por isso, eu ainda continuo a achar isso. Hoje em dia estamos no novo código e estou a dar tempo para essa adaptação e para tentarmos perceber se de facto, e só experimentando é que nós podemos ver. Como disse há coisas boas e coisas más. Não é para mim claro que tenha sido melhor do que pior, não é claro."

O Quadro 68, relativamente à **categoria**, **repercussões do novo código de pontuação**, e à questão em que esta se insere "Uma vez que actualmente se pode ultrapassar a fasquia máxima dos 10 pontos, concorda com a alteração do CP que veio permitir o estabelecimento de recordes na GA? Não veio este facto deturpar o significado e o objectivo principal da GA (atingir a nota máxima), algo raro e inatingível, a perfeição, que tanto caracterizava a modalidade? (Justifique/Argumente a resposta dada)", mostra-nos, pela necessidade de justificar e argumentar a questão em si que já foi referenciada e abordada no Quadro e Figura anterior,

que foi detectada a existência de trinta quatro unidades de registo (que se podem considerar "sub-unidades" da pergunta em si por terem sido "divididas", retiradas das anteriores três unidades como já é do conhecimento de todos): uma, relacionada com o sim, a concordância com as alterações; outra com a não concordância da alteração da fasquia máxima que tanto caracterizava a modalidade, a nota 10; e por fim a unidade dos indecisos, que ainda não conseguiram chegar a um conclusão clara e plausível, pelo menos no seu entender, para todas estas alterações, neste caso para a que está em questão. Daí iniciaremos a exposição das trinta e quatro unidades de registo encontradas: era uma questão de tradição e de filosofia (3 respostas = 37,5%); o importante não é o recorde (1=12,50%); continua a haver a nível da execução a nota máxima dos 10 pontos (que tem a ver com a tal perfeição que tanto caracteriza a ginástica) (1=12,50%); é mais importante tirar nota dez na execução (nota B) e também (obviamente) uma boa nota na dificuldade (nota A) (1=12,50%); é importante promover o recorde (1=12,50%); o espírito e o objectivo da ginástica sempre foi executar o mais difícil e perfeito possível (2=25,00%); é algo muito restritivo do que realmente se considerava a nota 10 (1=12,50%); é muito mais interessante promover o recorde, porque vai assumir-se, igualmente, como uma referência cada vez mais forte, interessante, completa e que vai fazer esquecer a nota 10 (2=25,00%); o recorde pode ter um valor muito significativo e é mais justo (2=25,00%); antigamente as notas a que assistíamos eram iguais e os desempenhos eram por vezes muito diferentes a todos os níveis (sendo considerado de certa maneira injusto) (2=25,00%); a adaptação à nova forma de avaliação custou e demorou um bocadinho a habituar a nível de esquema mental (2=25,00%); as habituações, os hábitos e as regras do passado são difíceis de romper de um momento para o outro (1=12,50%); há uma maior motivação nas ginastas (1=12,50%). Após termos exposto as justificações do sim, passaremos agora para os argumentos do não, que são os seguintes: descaracteriza o que tanto caracterizava esta modalidade, atingir a nota 10 na Ginástica Artística Feminina (1=12,50%); em termos de espectacularidade para o público, é mais difícil distinguir a melhor ou o pior pelo desempenho e pela nota pois há factores que um "leigo" que está a assistir não entende (1=12,50%); pela implementação da nova pontuação a ginástica torna-se mais difícil de observar devido às novas regras do CP (1=12,50%); apesar de ser melhor como está agora o CP, para "nós" que estamos dentro da ginástica e percebemos melhor a espectacularidade da modalidade (1=12,50%); é mais aliciante para os treinadores (1=12,50%); é mais desmotivante para o público em geral pelo desconhecimento das regras e do próprio conteúdo da modalidade (1=12,50%); é mais motivador tentar atingir uma nota A cada vez maior (1=12,50%); código muito penalizador

(1=12,50%); vence quem faz mais e perfeito (1=12,50%); não torna a modalidade mais credível (1=12,50%); atingir um recorde não é ginástica (1=12,50%); e por fim, a ginástica é ginástica artística, se é artística é uma arte (1=12,50%). Apresentaremos finalmente as últimas unidades que correspondem aos intitulados "indecisos": o recorde na ginástica é algo muito difícil de se implementar (principalmente em termos de nota final) (1=12,50%); os critérios do júri B alteram-se de competição para competição (1=12,50%); em vez de recordes talvez possa haver notas de referencias pontuais (1=12,50%); muito difícil a homologação de uma nota por parte da FIG em Campeonatos por vezes completamente diferentes (1=12,50%); o recorde na nota A também é algo muito difícil de implementar (1=12,50%); o código por vezes não é cumprido na sua totalidade (1=12,50%); a ginástica não é dada a recordes (1=12,50%); na Ginástica Artística há muitas dúvidas (1=12,50%); e finalmente, um treinador defensor da continuidade da nota máxima, limite dos 10 pontos (1=12,50%).

As respostas dadas pelos nossos entrevistados relativamente ao que lhes causa maior ou menor satisfação nesta mudança vêm confirmar os resultados obtidos como numas e noutras unidades que por vezes não sendo iguais ou praticamente iguais, são similares e vão de encontro ao mesmo ponto de vista, mas é interpretado de forma diferente por cada um, que se coloca e vê de maneira diferente no seu entender, dizendo a mesma coisa mas colocando noutra unidade considerada por ele.

Apesar de fazerem referência à dificuldade de interpretação e à subjectividade do CP, os treinadores também estão conscientes de que a modalidade tem o seu carácter peculiar relativamente às regras e certas imposições, tendo nós colocado questões propiciadoras de determinados comportamentos e respostas por vezes "inapropriadas". Embora, como tivemos oportunidade de referir, tal situação não constitua qualquer problema para os nossos entrevistados. Os treinadores também consideram que é muito gratificante observarem a progressão dos seus atletas em relação às capacidades e habilidades adquiridas ao longo dos anos, fundamentalmente quando fazem a comparação entre o início, o meio e o fim das suas carreiras, e por todas as adaptações pelas quais tiveram que passar e foram sujeitos pelas constantes mudanças dos CP de ciclo em ciclo olímpico.

Razão pela qual, achamos pertinente e muito interessante expor na integra alguns dos discursos realizados pelos treinadores entrevistados. O T5 exprime que: "Eu até ver, ainda não consegui tirar uma conclusão muito clara de tudo isto, mas eu acho que o recorde na ginástica, eu acho

que é muito difícil de se implementar. Acho que o recorde, isto em termos de nota final, em termos de nota final é muito difícil de se implementar. Acho que os critérios de júri B mudam de prova para prova. E em termos de recorde e em termos de referências pontuais, eu julgo que há um 16.200 no Campeonato do Mundo e um 16.200 no Campeonato de Inglaterra, e é a mesma coisa?! Pode a FIG homologar uma nota?! Mesmo em termos da nota de júri A existem ambiguidades, porque o código é tão tão duro, e estou-me a lembrar no solo na execução das piruetas, e eu sou muito sincero, eu vi o último Campeonato do Mundo todo, estive no Campeonato do Mundo e vi tudo de uma ponta à outra, e no último Campeonato do Mundo conta-se pelos dedos das mãos as miúdas que fazem tripla, tripla a acabar, acabam ali, e depois terminam com dupla e meia, mas nas notas, a nota A inclui a saída, o que é que isto quer dizer, quer dizer que foi contabilizada a tripla, o que é que isto quer dizer, quer dizer que o código não foi levado à risca, quer dizer que o código às vezes é levado à risca e outras vezes não é levado à risca, eu penso que mesmo em termos da nota A é muito difícil, muito difícil dizermos que há um recorde, porque não é um cronómetro que vai determinar isso, são valorizações pessoais que as pessoas podem dar ou não. Estou-me a lembrar dos *Igang Bo* na trave, em que aquilo pode ser contabilizado *Igang Bo* ou pode não ser contabilizado *Igang Bo*, depende de muitos factores e aquelas juízes naquele momento acharam que sim e outras já acharam que não. Não penso que a ginástica seja dada a recordes, como por exemplo, os trampolins porque é muito claro. Faz um número claro de rotações no eixo longitudinal e no eixo transversal e aquilo não tem dúvida, não há dúvida. E aqui há muitas dúvidas, e entre os próprios juízes internacionais têm muitas dúvidas, existe uma execução que está no limiar de se poder contar ou não, e os juízes têm todos dúvidas, uns contam e outros não. Nós vamos aos cursos e vemos isso. E, portanto, eu penso que a questão do recorde é uma questão de difícil venda na ginástica. Quanto à não existência dos dez pontos, em relação à mudança que ocorreu, à não existência de limite, ainda não tenho uma ideia muito clara sobre isso, é o que eu te digo, sou muito séptico em relação a isso, continuo muito séptico, fui um defender da continuidade do dez, porque acho que dentro dos dez pontos havia espaço para se poder resolver esse problema, de quem fazia muita dificuldade e não era valorizada por isso, eu ainda continuo a achar isso. Hoje em dia estamos no novo código e estou a dar tempo para essa adaptação e para tentarmos perceber se de facto, e só experimentando, é que nós podemos ver. Como disse há coisas boas e coisas más. Não é para mim claro que tenha sido melhor do que pior, não é claro."

Já a T8 sente-se um pouco indignada para aquilo que a ginástica caminha e afirma o seguinte na íntegra em relação à última questão: "Era aquilo que eu ainda estava a explicar ainda há pouco. Eu não concordo, acho que não faz com que a modalidade seja mais credível, acho que isso do atingir um recorde, quer dizer, isso não é a ginástica. Para isso vamos fazer um concurso para ver quem faz mais acrobacias para conseguir atingir um valor mais alto. A ginástica é ginástica artística, se é artística vem de uma arte, e uma arte tenta-se atingir a perfeição, não se tenta fazer mil e uma coisa para se atingir muitos pontos, arte é arte, e tem que ser visto como isso mesmo. E por isso talvez por ser vista como uma arte, ou por se tentar ver a ginástica como uma arte é que também o nome foi alterado. Era desportiva, logo deixa de ter esse objectivo, a arte é algo em que uma pessoa tenta atingir a perfeição, e a perfeição não se consegue a fazer quinhentas mil coisas só para ter muitos pontos, a arte consegue-se doutra forma, mais específica, mais limpa."

O CP tem sofrido, e ao longo destes anos, desde 1949, uma evolução evidente no sentido de acompanhar o desenvolvimento técnico da modalidade e de aprimorar os critérios de avaliação, tentando tornar esta cada vez mais idêntica e objectiva (Ferreirinha, 2005).

As revisões dos CP são realizadas em função dos Ciclos Olímpicos, realizadas de quatro em quatro anos, desde 1964, nunca alterando significativamente a sua estrutura de base, como o valor máximo da Nota Final, de 10.00 pontos e pela qual há uma limitação de um valor máximo para cada factor taxativo, a partir do qual os excessos não são passíveis de valorização (Ferreirinha, 2005).

Até a alguns anos atrás, os últimos anos, estava-se plenamente satisfeito com a estrutura base utilizada e apresentada, a realidade da avaliação dos exercícios começa agora a ser questionada.

"Importa lembrar que, até à presente edição do CP (FIG, 2006), a nota final máxima de qualquer ginasta era o 10.00 pontos. A tradição do "10", enquanto indicador da perfeição, constituía uma das principais razões que justificavam a sistemática actualização das regras de avaliação dos exercícios de competição. Com a necessidade de não ultrapassar o valor 10.00 pontos mas também de distinguir as prestações dos atletas de elevado nível, a FIG foi alternando as regras, jogando com o valor dos diversos factores da avaliação, no sentido de dificultar cada vez mais o acesso à nota máxima" (Ferreirinha, 2007, pp. 28).

Smolevsky e Gaverdovsky (1996) expõem factores denunciadores das tendências, de uma forma geral, do desenvolvimento da GA: (1) a ampliação geográfica da modalidade e um maior interesse por ela por parte de muitos países que demonstram interesse pelo desenvolvimento desta; (2) o progresso da perícia desportiva, prática e técnica de exercícios e aperfeiçoamento das contrariedades do programa competitivo; (3) o predomínio dos elementos de cunho dinâmico, em relação ao conteúdo dos exercícios com o progresso da acrobacia na GA; (4) no que diz respeito à actividade e treinador, esta tende a uma especialização, com o aparecimento de treinadores especialistas em coreografia, acrobacia ou, se calhar, por exemplo, por aparelhos; (5) o aumento incontestável, no futuro próximo, da dificuldade dos elementos e exercícios. Logo, a dificuldade que os jovens ginastas têm que apresentar, a elevada complexidade e obstáculo dos elementos, além dos que têm que aprender para serem seleccionados e estarem entre os mais destacados entra em contradição com a tão desejada e procurada, além de necessária popularidade da modalidade. Pois os métodos intensivos de preparação diminuem a duração da actividade competitiva activa, que o aperfeiçoamento dos aparelho e instalações aumentam o preço da prática e a rápida mudança das gerações dos melhores ginastas vai dar origem a uma instabilidade do prestígio dos próprios treinadores.

Arkaev & Suchilin (2004) afirmam que o que vai constituir uma das mais fortes e firmes tendências da modalidade de GA vai ser a cada vez maior complexidade dos programas competitivos e o desenvolvimento da própria capacidade técnica. Assim como esta se origina de acordo com as tendências do desporto internacional, tendo, obviamente as suas características específicas, como se verifica nas restantes modalidades. Isto porque, na opinião destes autores, a ginástica hoje em dia encontra-se numa encruzilhada tal, devido às radicais mudanças e alterações do CP (2006), das suas regras e normas que deu origem a uma série de problemas, assim como a várias questões. Logo, estes autores, declaram a urgência de uma constante análise, investigação e observação das tendências da modalidade como condição para a elaboração e aperfeiçoamento de um efectivo sistema de preparação de ginastas e da ginástica de alto nível. E ainda dentro das suas preocupações, as suas posições são muito críticas, no que diz respeito ao desenvolvimento da modalidade, pois a autonomia que os comités técnicos da FIG têm e apresentam, são eles que conduzem ao e o desenvolvimento da ginástica por serem agentes privilegiados das orientações que dirigem. As regras da competição FIG, assumem-se e constituem, directa e indirectamente, o principal instrumento do desenvolvimento e progresso da modalidade, logo, pelos autores são encaradas e vistas de uma forma negativa, o facto de as

mesmas regras serem decididas por um conjunto de homens e mulheres só por terem sido eleitos, dando-lhes desta forma, liberdade para a concretização, orientação e elaboração de tão importantes directrizes. Havendo, para eles, elevadas possibilidades de manipulação, subjectividade, incompetência e isolamento a que estão sujeitos os referidos comités, sendo, de um certo ponto de vista, uma ameaça ao progresso.

5.1.7 Questão 2.1.9 do Guião da Entrevista efectuada aos treinadores: Tendo em consideração que o risco de executar exercícios de maior valor (VD) pode valorizar o exercício de uma atleta e levar a uma vitória, por outro lado, a penalização por queda é muito elevada (0.80 p.) e pode levar à consequente derrota. Na sua opinião, vale ou não a pena correr o risco de executar os elementos mais difíceis, e quais as situações em que colocará os seus ginastas numa ou noutra opção.

Quadro 69: Análise da questão: "Tendo em consideração que o risco de executar exercícios de maior valor (VD) pode valorizar o exercício de uma atleta e levar a uma vitória, por outro lado, a penalização por queda é muito elevada (0.80 p.) e pode levar à consequente derrota. Na sua opinião, vale ou não a pena correr o risco de executar os elementos mais difíceis, e quais as situações em que colocará os seus ginastas numa ou noutra opção."

CATEGORIA	UNIDADE DE REGISTO	ENUMERAÇÃO/ QUANTIFICAÇÃO		UNIDADE DE CONTEXTO
		N	%	
REPERCUSSÕES DO NOVO CÓDIGO DE PONTUAÇÃO	1) Sim	1	12,50%	"Quanto ao risco para a atingir um objectivo, sou a favor do risco interpretado de uma forma consciente, que é o contrário do risco que é entendido como o "arriscar", eu corro riscos sem arriscar."; "Quando estão preparados, ai devem arriscar se têm ambições, acho que devem, e se falhou, falhou, tem de estar preparados para trabalhar, é assim que é bonita a ginástica. Mas, não sou absurdo ao ponto de dizer que eu estou… estive muitos anos no alto rendimento desportivo e fiz isso muitas vezes e continuo a defender isso. Se faço um aparelho, dois, três aparelhos e vou à frente da classificação e sinto que há um elemento em que tenho 20% de hipóteses de falhar, eu não tenho a mínima dúvida que o vou retirar para garantir a vitória na prova; não tenho a mínima dúvida, mas já arrisquei nos outros para me permitir estar à frente, pois a ginástica também tem estratégia. Se quero ganhar e arriscar, tenho que arriscar, arriscar com segurança, acho que sim, é

				bonito."
	2) Não	1	12,50%	"Isso veio mudar muito a parte da competição, não do treino. Este código faz com que as pessoas, na generalidade é o que os treinadores fazem, os exercícios difíceis só se põem quando estão perfeitos, quando se sabe que não vão cair ou que não vão ter faltas graves. Às vezes nem é o cair, é as faltas graves, porque as faltas graves é 3 e 5, sendo isso uma desvalorização muito grande para o exercício e aquilo que vale na nota de partida meter o exercício difícil, não é compensado pela execução e portanto nunca vale a pena fazer um exercício difícil se não está perfeito. Hoje em dia quase nenhum treinador corre o risco. Eu pessoalmente em quase nenhuma situação correria o risco."
REPERCUSSÕES DO NOVO CÓDIGO DE PONTUAÇÃO	3) Depende da situação	5	62,50%	"O correr o risco depende da situação."; ". Se antes eu poderia ponderar a possibilidade de uma atleta que em dez execuções consegue acertar 6 ou 7, agora se calhar só se acertar 8 ou 9."; "Não sei. Cada caso é um caso. Há casos em que sim, há casos em que não."; "Só caso a caso é que se pode ver."; "Isso veio, há duas situações, uma situação em que vale a pena e outra situação em que não vale a pena."; "Mas de uma forma geral melhorou, de uma forma geral não vale a pena arriscar, mas em casos concretos vale."; "Depende da situação."; "Pois… isto tem que ser um risco muito relativo, é aquilo que eu penso. …Portanto tem que ser um risco calculado, dentro do risco ver aonde há menos probabilidade de não haver esse risco. Portanto é muito relativo, o arriscar ou não e nem sei se valerá a pena, penso que em determinadas alturas se calhar é melhor não correr tanto risco para apresentar e mostrar um esquema, um exercício mais seguro e ter menos probabilidade de ter penalizações."
	4) Depende da competição em causa	2	25,00%	"Eu pessoalmente em quase nenhuma situação correria o risco. Por exemplo a prova que vamos fazer amanhã, que é uma prova de iniciação de época, não é uma prova nacional, portanto é uma prova boa para se meter elementos difíceis, para os atletas poderem experimentar os elementos em situação de competição, que também é difícil. Mas em qualquer outra prova, provas de observação, que não são nacionais e são só provas de pontuação, em nenhuma prova se faz nada difícil, e para cair ou para ter mais descontos, faz-se tudo seguro, pelo menos na minha perspectiva e penso que é na perspectiva de todos, que se obtém melhores resultados."; "Tudo depende da competição e da ginasta. Depende dos objectivos da competição, depende da importância da competição e depende delas, muito. Eu própria, com umas arrisco com outras não arrisco. Depende muito, depende mesmo muito, da competição e das idades."

REPERCUSSÕES DO NOVO CÓDIGO DE PONTUAÇÃO	5) Depende da ginasta	2	25,00%	"Não sei. Cada caso é um caso. Há casos em que sim, há casos em que não. Há ginastas em que se pode arriscar mais e ginastas em que se pode arriscar menos. Vou dar um exemplo, tenho uma atleta que quando quer é muito competitiva, eu arriscaria numa situação em que tenho um elemento que não está muito consolidado, mas que eventualmente precisasse dele, deste que não ponha em causa a integridade física, obviamente, mas que eventualmente precisasse dele para atingir mais qualquer coisa na classificação, no resultado, eu provavelmente com esta ginasta e depois tinha que ver em cada modelo porque é uma atleta mais competitiva e que lida com a pressão com mais facilidade e no momento da prova se for preciso faz, arriscaria mais facilmente com esta e menos facilmente com outra, que se calhar não era, não é tão positiva e tão forte psicologicamente. Só caso a caso é que se pode ver."; "Tudo depende da competição e da ginasta. Depende dos objectivos da competição, depende da importância da competição e depende delas, muito. Eu própria, com umas arrisco com outras não arrisco. Depende muito, depende mesmo muito, da competição e das idades. Com as mais novas é para arriscar tudo e mais alguma coisa, não tenho problemas nenhuns delas falharem, com as mais velhas não é bem assim. Mas de uma forma geral, se fosse numa competição muito importante e se o elemento não estivesse seguro, não arriscava. Mas depende de miúdas, estas miúdas (as mais novas) vão arriscar, mesmo sabendo que vão cair mas vão arriscar, o que interessa é elas fazerem muito. Agora com as mais velhas, se fosse num Campeonato da Europa com um elemento falhativo, não, não vale a pena, o que se ia ganhar iria ser inferior ao que se iria perder."

O Quadro 69 relativamente à questão "Tendo em consideração que o risco de executar exercícios de maior valor (VD) pode valorizar o exercício de uma atleta e levar a uma vitória, por outro lado, a penalização por queda é muito elevada (0.80 p.) e pode levar à consequente derrota. Na sua opinião, vale ou não a pena correr o risco de executar os elementos mais difíceis, e quais as situações em que colocará os seus ginastas numa ou noutra opção" (**categoria**, **repercussões do novo código de pontuação**), indica-nos a existência de cinco unidades de registo e a variedade de opiniões dada por cada um dos entrevistados (foram incluídas em várias das unidades de registo): uma, relacionada com o sim, vale a pena arriscar (1 resposta =12,50%); uma outra unidade que nos diz exactamente o oposto à anteriormente mencionada, não, não vale a pena o risco (1 resposta =12,50%); uma terceira unidade de registo

que nos indica que depende da situação (5 respostas =62,50%); uma quarta unidade que nos diz que além da situação também depende da competição em causa (2 respostas =25,00%); e por fim, uma quinta unidade de registo que se caracteriza pela capacidade da própria atleta em si, que também é uma decisão que depende dela e do tipo de ginasta que estamos a lidar (2 respostas =25,00%), visto cada uma delas serem completamente diferentes umas das outras, quer em termos de capacidades físicas quer em termos de competências e força a nível psicológico para lidar com certas pressões pelas quais às vezes estão sujeitas, são deparadas e confrontadas.

Desta forma e confrontados com estes factos, nesta questão não vamos desenvolver mais unidades para aquelas que já referimos pois achamos muito mais interessante a transcrição de excertos de respostas ou a totalidade de respostas dadas pelos treinadores no que se refere a esta questão, pois resumem e esclarecem tudo, sem ser necessário mais unidades de registo para uma mais fácil compreensão ou mais fácil acesso ao cerne das questão do estudo. Por isso, iniciámos pelo T1 que nos diz o seguinte: "o correr o risco depende da situação. Na ginástica corre-se sempre o risco, todos os elementos, na feminina então, temos o aparelho como a trave que é famoso por essa circunstância que é a queda, que é o medo de cair e o medo de falhar, a queda de facto aumentou, e eu parece-me bem que tenha aumentado. Só faz é com que um treinador pese melhor exactamente essa decisão, vale a pena fazer ou não vale a pena fazer. Se antes eu poderia ponderar a possibilidade de uma atleta que em dez execuções consegue acertar seis ou sete, agora se calhar só se acertar oito ou nove. Posso é ser mais exigente para tomar essa decisão, mas ela já tinha que ser feita antes, que já eram cinco décimas, era já meio ponto que também era significativo. É conforme a situação e oito décimas pesam mais, torna-se necessário ser-se mais consistente para a inclusão dos elementos nos exercícios. E tem-se verificado mesmo isso, a experiência do último ano de aplicação deste código nota-se isso. O que por vezes também pode levar a situações que muita gente pode achar, e eu por vezes já começo a achar que podem ser consideradas injustas, que são atletas, que tem a ver com a pergunta anterior, às vezes ginastas que não executam quase nada e não caem e depois outras que fazem muito mais, executam muito mais e caem uma ou duas vezes, e perdem. Portanto, às vezes é difícil de aceitar uma situação dessas." Já o T2 confronta-nos com o seguinte: "o resultado desportivo não aparece baseado exclusivamente na valorização dos exercícios que nós desempenhamos. O resultado desportivo ou o desempenho, que está baseado no desempenho do atleta, resulta da interpretação de muitos factores que na altura da

prova vão influenciar, todos eles são importantes, porque a competição não é só fazer mais difícil, é tudo: é saber estar, é a atitude, é o comportamento, é o conseguir reagir a situações menos habituais, ou seja, há uma componente psicológica muito forte e cada vez mais decisiva para os resultados. Se isso faz parte da competição, deve ser visível neste aspecto. Se ele achar que tem estrutura mental e personalidade para correr e tem garantias que corre, se não achar não corre, se correr e se correr mal, muito bem, mas a vida é assim. Quanto ao risco para a atingir um objectivo, sou a favor do risco interpretado de uma forma consciente, que é o contrário do risco que é entendido como o "arriscar", eu corro riscos sem arriscar. O que é que eu quero dizer com isto… Um pressuposto que todos os treinadores deveriam ter durante a prática gímnica, como primeira forma ou primeira intenção é a segurança, ou seja, se eu promover a aprendizagem de um determinado exercício, que eu sei que é um exercício cujo coeficiente de dificuldade é muito elevado e como tal vale muito, em que o meu atleta durante o processo de trabalho tem uma eficiência de execução de 80%, mas quando falha não põe em risco a sua integridade física, limitando-se a falhar e naturalmente a tirar uma pontuação menor, eu estou a arriscar mas não estou a pôr nada em risco e, nestes casos eu sou apologista, há que lutar. Agora se as pessoas começarem a fazer uma confusão entre o arriscar e o risco e, começarem a pegar na atleta, e com a avidez desmesurável, absurda que eu considero eticamente desqualificável, que é… a ginasta nem sequer ainda faz bem o exercício, não tem segurança na sua execução e que vou por em risco a integridade física da atleta, acho isso completamente absurdo, eticamente inqualificável. Acho que para os treinadores que vejam a ginástica desta forma, deveria haver uma forma de os penalizar e exclui-los da prova, nem que fosse momentaneamente, se permitissem que atletas seus se arriscassem a determinados tipos de desempenhos que toda a gente se apercebe que não estão preparados para os efectuar. Quando estão preparados, aí devem arriscar se têm ambições, acho que devem, e se falhou, falhou, têm de estar preparados para trabalhar, é assim que é bonita a ginástica. Mas, não sou absurdo ao ponto de dizer que eu estou… estive muitos anos no alto rendimento desportivo e fiz isso muitas vezes e continuo a defender isso. Se faço um aparelho, dois, três aparelhos e vou à frente da classificação e sinto que há um elemento em que tenho 20% de hipóteses de falhar, eu não tenho a mínima dúvida que o vou retirar para garantir a vitória na prova; não tenho a mínima dúvida, mas já arrisquei nos outros para me permitir estar à frente, pois a ginástica também tem estratégia. Se quero ganhar e arriscar, tenho que arriscar, arriscar com segurança, acho que sim, é bonito." A T3 resume o facto a algo mais a ver com a psicologia e o factor comportamental da atleta (foca mais esse ponto), "Não sei. Cada caso é um caso. Há casos em que sim, há

casos em que não. Há ginastas em que se pode arriscar mais e ginastas em que se pode arriscar menos. Vou dar um exemplo, tenho uma atleta que quando quer é muito competitiva, eu arriscaria numa situação em que tenho um elemento que não está muito consolidado, mas se eventualmente precisasse dele, desde que não ponha em causa a integridade física, obviamente, mas que eventualmente precisasse dele para atingir mais qualquer coisa na classificação, no resultado. … e depois tinha que ver em cada modelo porque é uma atleta mais competitiva e que lida com a pressão com mais facilidade e no momento da prova se for preciso faz. Arriscaria mais facilmente com esta e menos facilmente com outra, que se calhar não era, não é tão positiva e tão forte psicologicamente. Só caso a caso é que se pode ver." A T4 já vê as coisas de várias perspectivas, "isso veio mudar muito a parte da competição, não do treino. Este código faz com que as pessoas, na generalidade é o que os treinadores fazem, os exercícios difíceis só se põem quando estão perfeitos, quando se sabe que não vão cair ou que não vão ter faltas graves. Às vezes nem é o cair, é as faltas graves, porque as faltas graves é 3 e 5, sendo isso uma desvalorização muito grande para o exercício e aquilo que vale na nota de partida meter o exercício difícil, não é compensado pela execução e portanto nunca vale a pena fazer um exercício difícil se não está perfeito. Hoje em dia quase nenhum treinador corre o risco. Eu pessoalmente em quase nenhuma situação correria o risco. Por exemplo, a prova que vamos fazer amanhã, que é uma prova de iniciação de época, não é uma prova nacional, portanto é uma prova boa para se meter elementos difíceis, para os atletas poderem experimentar os elementos em situação de competição, que também é difícil. Mas em qualquer outra prova, provas de observação, que não são nacionais e são só provas de pontuação, em nenhuma prova se faz nada difícil, e para cair ou para ter mais descontos, faz-se tudo seguro, pelo menos na minha perspectiva e penso que é na perspectiva de todos, que se obtém melhores resultados. Por exemplo, como aconteceu com … no solo nos Campeonatos da Europa." Depois temos o T5 que é sempre mais "divagador e subjectivo" nas suas interpretações às questões que se lhe colocam mas ao mesmo tempo muito directo, e sempre claro "… há duas situações, uma situação em que vale a pena e outra situação em que não vale a pena. Eu vou agora colocar-te uma questão, que tenho-a para mim já para a próxima prova, tenho uma atleta que faz duplo de saída atrás da trave, se não fizer duplo faz empranchado atrás, e se fizer duplo vai ter meio ponto de bonificação, de contabilidade da exigência, e vai de A para D, vai subir três décimas na dificuldade porque a saída entra sempre, vai ter 8 décimos, a queda é 8 décimos, aqui vale a pena. No entanto, se eu analisar em termos da colocação de um *stalder* nas paralelas, se calhar não vale a pena, porque se calhar eu vou tirar um B para meter um C, vou ficar com um décimo

mas o código é tão duro, tão duro, que a miúda é capaz de perder três décimos naquele elemento para ganhar só um, ou eventualmente dois se tirar um A para colocar um C. O que é que eu acho, eu acho que não há uma resposta para isso. Eu acho que vai haver casos em que vale a pena e casos em que não vale a pena. E eles não eliminaram os casos em que não vale a pena. E eu estou a prová-lo. Eles não eliminaram os casos em que não vale a pena. Está ainda a ser equacionado a possibilidade de valorizar mais os F e os G, e um G valendo um ponto como eventualmente pode vir a valer, pode dar azo a uma pessoa tentar. Naquele dia saiu bem e ganhou. Não penso que esse problema esteja definitivamente arrumado. Mas de uma forma geral melhorou, de uma forma geral não vale a pena arriscar, mas em casos concretos vale. E este caso é um caso típico. Agora só o iremos fazer se em termos de segurança houver um mínimo, porque isso é sempre assim, seria sempre assim, agora em termos de código de pontuação claramente vale a pena. Nem se põe em questão a integridade física porque essa está sempre, claro. Nenhum treinador vai estar a arriscar um exercício que coloque em causa a integridade física da sua atleta." Já a T6 diz-nos o seguinte: "depende da situação. Se nós estamos a competir por equipa, por exemplo, eu não vou colocar um elemento de risco por um que é seguro, se ela está a lutar por uma final, eu vou arriscar, para ela aproximar mais e conseguir atingir, tentar ser campeã, não perde nada, porque é individual, só depende dela própria, não obriga a resultado de equipa. Vale a pena correr o risco se está a competir a nível individual, apesar de que por vezes o facto de não correr aquele risco é mais certa a vitória, dá uma maior probabilidade de vitória, pode ser mais certo. Também é verdade, também é verdade, mas se ela competir por equipa eu não vou arriscar, não vou correr esse risco, se nós temos a capacidade e a possibilidade de obter uma boa classificação por equipa, cada país tem o seu método, imagina, nós Portugal ficar nas doze melhores, eu não vou porque é mais seguro, tudo que seja seguro. Entretanto se consegui apurar para uma final, ou uma final de aparelhos, estamos em 8º, se calhar eu vou lutar para ficar em 6º ou 5º lugar, aí já vale a pena correr o risco."; já a T7 considera que "tudo depende da competição e da ginasta. Depende dos objectivos da competição, depende da importância da competição e depende delas, muito. Eu própria, com umas arrisco com outras não arrisco. Depende muito, depende mesmo muito, da competição e das idades. Com as mais novas é para arriscar tudo e mais alguma coisa, não tenho problemas nenhuns delas falharem, com as mais velhas não é bem assim. Mas de uma forma geral, se fosse numa competição muito importante e se o elemento não estivesse seguro, não arriscava. Mas depende de miúdas, estas miúdas (as mais novas) vão arriscar, mesmo sabendo que vão cair mas vão arriscar, o que interessa é elas fazerem muito. Agora com as

mais velhas, se fosse num Campeonato da Europa com um elemento falhativo, não, não vale a pena, o que se ia ganhar iria ser inferior ao que se iria perder." Finalmente temos a T8 que considera que tudo tem a ver com "cálculos" e para confirmar passamos a citar "pois… isto tem que ser um risco muito relativo, é aquilo que eu penso. Um treinador quando constrói um exercício de uma ginasta tem que ter um risco muito bem calculado. Não pode, actualmente é assim, se tu pões um elemento num exercício em que o elemento tem 50% de risco, de hipótese de ser falhado ou não, acho que não vale a pena arriscar. Porque é exactamente esse risco, tu até podes conseguir e até vais beneficiar bastante, mas se não o conseguires e por exemplo caíres perdes ali não sei quanto de pontuação. Portanto tem que ser um risco calculado, dentro do risco ver aonde há menos probabilidade de não haver esse risco. Portanto é muito relativo, o arriscar ou não e nem sei se valerá a pena, penso que em determinadas alturas se calhar é melhor não correr tanto risco para apresentar e mostrar um esquema, um exercício mais seguro e ter menos probabilidade de ter penalizações."

"Qualquer ginasta ou treinador sabe hoje que vale mais a execução de uma série combinada de saltos de média dificuldade no solo do que a execução de um único elemento de elevadíssima dificuldade" (Carvalho, 2000).

Passamos à próxima questão que se prende com a subida e descida de valores e certos elementos de dificuldade de um código para outro e com a concordância ou não dos treinadores com esses factores.

5.1.8 Questão 2.1.10 do Guião da Entrevista efectuada aos treinadores: Comparativamente ao CP anterior vários elementos deixaram de ter valor de dificuldade (VD) enquanto que outros passaram a ter mais valor de dificuldade (VD). Acha que de uma forma geral isso foi positivo ou negativo? Existe algum ou alguns elementos com que não está de acordo em ter(em) sido alterado(s)?

Quadro 70: Análise da questão: "Comparativamente ao CP anterior vários elementos deixaram de ter valor de dificuldade (VD) enquanto que outros passaram a ter mais valor de dificuldade (VD). Acha que de uma forma geral isso foi positivo ou negativo? Existe algum ou alguns elementos com que não está de acordo em ter(em) sido alterado(s)?"

CATEGORIA	UNIDADE DE REGISTO	ENUMERAÇÃO/ QUANTIFICAÇÃO		UNIDADE DE CONTEXTO
		N	%	
REPERCUSSÕES DO NOVO CÓDIGO DE PONTUAÇÃO	1) Depende (há elementos com os quais se concorda e outros com os quais não se concorda)	6	75,00%	"Há sempre elementos com que a gente concorda e com que não concorda. Porque há sempre alterações e já na alteração cíclica do código de 4 em 4 anos que havia anteriormente, também era, e havia sempre situações com que se concordava e outras que não. Agora assim de repente... não, repara, aqui não é propriamente elemento de dificuldade, mas por exemplo, há uma coisa muito importante que eu acho que antigamente não era valorizado, era desvalorizado e agora passou a ser valorizado, que tem haver com as exigências específicas."; "Não tenho bem ideia dessas alterações, no entanto quanto ao facto dos gímnicos terem baixado de valor enquanto que os acrobáticos foram valorizados em relação ao código anterior, posso dizer que acho isso muito justo."; "Este da pirueta, que é o último, de ter passado de C para B, não concordo. Porque acho que é um elemento que não igual a um empranchado e vale a mesma coisa e, por exemplo, fazer uma pirueta e meia empranchado ou uma pirueta e meia pirueta, acho que não faz sentido, mas pronto, tenho de aceitar."; "Quer dizer é positivo, negativo… é sempre está relacionado connosco, eu não tenho uma visão assim muito, eu acho que comparando com o código anterior,…"; "Depende, mas há elementos que saíram do código que eu não consigo perceber porque é que saíram, …".
	2) Positivo	3	37,50%	"Eu acho que foi positivo. Não me estou a lembrar assim de nenhum elemento. Havia um elemento que era a mosca nas paralelas que contava despegue, eu nem me queria acreditar, era muito ridículo, mas eles já alteraram isso, já corrigiram isso. Quando soube que mosca contava como despegue, demorei muito tempo a acreditar, mosca contar um despegue, uma atleta faz mosca tem despegue, outra ginasta faz guinguer tem despegue. Não tinha lógica nenhuma, mas pronto, já corrigiram isso."; "Resumindo, foi positivo, embora ainda não seja o ideal."; "Não há nenhum exercício com que não estou de acordo em terem sido alterados em termos de valor, que me lembre, nada de especial, concordo, de uma maneira geral, sim.".
	3) Negativo	1	12,50%	"Portanto foram um bocadinho negativas estas alterações para nós."
	4) Foram retirados elementos do	2	25,00%	"Nesse sentido, e para tentar responder de uma forma clara,

	código de pontuação			eu acho que o que falta aqui são mais elementos, e os elementos que foram retirados grande parte deles fazem falta no código e devia ainda haver mais, de forma a permitir que os ginastas fizessem elementos muito simples, que fossem valorizados por isso, e que esse código de pontuação servisse, já que estamos a falar de uma referencia e que o dez deixou de existir, e que existe uma coisa que vai do 0 ao 16, ou ao 17 e está aberta, então as crianças, os mais novos poderem-se equiparar já aos mais velhos, eu já faço dez pontos, aquela já faz treze, e isto ser uma referencia continua, que eles não conseguiram fazê-lo, era uma promessa do Presidente da Federação e ele não conseguiu fazê-lo. … Sou sobretudo contra a eliminação de elementos, sobretudo isso, não em relação à valorização nem à desvalorização de alguns."; "Há alguns elementos que não concordo terem sido alterados, neste caso retirados."
REPERCUSSÕES DO NOVO CÓDIGO DE PONTUAÇÃO	5) A favor da eliminação de elementos que sejam agressivos para a integridade física das atletas	1	12,50%	"Sou sobretudo contra a eliminação de elementos, sobretudo isso, não em relação à valorização nem à desvalorização de alguns. Só sou a favor de eliminação de elementos que sejam agressivos para a integridade física dos atletas."
	6) O facto de a maior parte dos elementos gímnicos terem baixado de valor (alguns estavam sobrevalorizados)	8	100%	"Em relação à maior parte dos elementos gímnicos terem baixado de valor e os acrobáticos serem mais valorizados, a mim pessoalmente agrada-me, a mim, assumo por ser um treinador homem, sempre achei que os gímnicos eram muito valorizados, também sempre interpretei isso como sendo uma forma da FIG, do Conselho Técnico da FIG mulheres, quererem manter uma característica feminina e artística da modalidade, mas acho que estava a ser sobrevalorizado, haviam ginastas que só dançavam e outras que de facto faziam acrobacias e elementos acrobáticos que eram muito mais difíceis de serem adquiridos e não eram compensadas por isso."; "Não tenho bem ideia dessas alterações, no entanto quanto ao facto dos gímnicos terem baixado de valor enquanto que os acrobáticos foram valorizados em relação ao código anterior, posso dizer que acho isso muito justo. … Nunca se devem abdicar deles, mas devem ser entendidos como pressupostos obrigatórios na elaboração dos esquemas, mas cujo a valorização não tem que ser, ou seja, a valorização existe por ser obrigatório a sua inclusão, e eles têm que os trabalhar porque se os fizerem mal têm que ser penalizados, agora a valorização excessiva não faz sentido, é absurdo, sempre achei e continuo a achar."; "Acho bem que os elementos gímnicos tenham baixado de valor, porque no código anterior os elementos gímnicos tinham um peso muito forte. Eu lembro-me de ter visto uma competição em Espanha, foi os Jogos Olímpicos da Juventude, eu vi da bancada e portanto, confesso que quando vi da bancada não vi as notas que iam saindo para cada uma, e vi a final e disse que ia ganhar aquela, uma coisa espectacular em solo, e

				ficou em 3º ou 4º, e quem ganhou foi uma ginasta que tinha e fazia uns gímnicos muito bons. Estava demasiado sobrevalorizado. Agora acho que está mais equilibrado."; "Mas no código anterior acontecia que os gímnicos tinham algum valor, havia muitas ligações e os esquemas ficavam muito feios, porque só se faziam saltos gímnicos, era excessivo. Portanto, acho que eles retiraram o valor porque estava excessivo e isso também concordava, …"; "Em relação à desvalorização dos elementos gímnicos, de eles terem baixado drasticamente de valor, não estou contra porque eu acho que havia alguns elementos que estavam sobrevalorizados."; "Em relação aos gímnicos terem baixado de valor, antigamente, no código anterior os gímnicos tinham muito valor, as ligações eram todas valorizadas demais, todo o mundo faz, agora todo o mundo faz e já não tem valor, … eu acho que deveria ser 50/50 para mim, para uma ginasta que seja boa a gímnicos, é obrigatório, não é, gímnicos baixavam e eu treinava menos gímnicos ou menos flexibilidade, é igual, não me afecta muito, claro que afecta mas não senti tanto.".
REPERCUSSÕES DO NOVO CÓDIGO DE PONTUAÇÃO	7) Os elementos acrobáticos serem mais valorizados	3	37,50%	"… e os acrobáticos serem mais valorizados, a mim pessoalmente agrada-me, a mim, assumo por ser um treinador homem, … haviam ginastas… que de facto faziam acrobacias e elementos acrobáticos que eram muito mais difíceis de serem adquiridos e não eram compensadas por isso."; "…enquanto que os acrobáticos foram valorizados em relação ao código anterior, posso dizer que acho isso muito justo."; "Há alguns elementos acrobáticos são bastante valorizados, o que por um lado não é mau dada a sua dificuldade, …".
	8) O facto de alguns elementos terem baixado de valor	1	12,50%	"Há alguns elementos que não concordo terem sido alterados, neste caso retirados. E em termos de terem baixado de valor, há uns que são aqueles nossos, que nós somos pobrezinhos, aqueles elementos que são bons para nós que também desceram. Em termos de gímnicos, em gímnicos também houve, esses para nós são os mais fáceis para nós fazermos. Há alguns que nos prejudicam imenso."
	9) Alguns elementos acrobáticos baixaram de valor de dificuldade	1	12,50%	"Este da pirueta, que é o último, de ter passado de C para B, não concordo. Porque acho que é um elemento que não igual a um empranchado e vale a mesma coisa e, por exemplo, fazer uma pirueta e meia empranchado ou uma pirueta e meia pirueta, acho que não faz sentido, mas pronto, tenho de aceitar."
	10) Não concordo com a descida de alguns gímnicos e a "inexistência" (desvalorização) a partir de agora de ligações dos saltos gímnicos	2	25,00%	"Quanto à parte dos gímnicos, concordo que eles não sejam tão difíceis como fazer um duplo encarpado, fazer um flic empranchado na trave, concordo plenamente que há um ou outro que são mais complexos e que são tão difíceis de trabalhar como os acrobáticos. Mas em relação ao solo, o facto deles terem descido de valor e de não haver ligações,

REPERCUSSÕES DO NOVO CÓDIGO DE PONTUAÇÃO	11) A excessiva valorização e o excesso de acrobáticos (falta um meio termo)	2	25,00%	também perde o cariz da beleza do exercício que é o que os saltos gímnicos também dão. Mas no código anterior acontecia que os gímnicos tinham algum valor, havia muitas ligações e os esquemas ficavam muito feios, porque só se faziam saltos gímnicos, era excessivo. Portanto, acho que eles retiraram o valor porque estava excessivo e isso também concordava, …Eles desceram, eles não têm um valor que seja coerente com os acrobáticos, em termos de aprendizagem, os elementos gímnicos são 10x mais fáceis do que qualquer acrobático."; "… houve muitos gímnicos que baixaram, eu acho que os gímnicos estão com um valor, alguns, alguns não, a maioria dos gímnicos estão com um valor baixo para a dificuldade que eles apresentam o que faz com que tecnicamente as coisas sejam mal executadas.". "… mas no entanto agora só se vê acrobáticos, portanto ainda não houve ali um meio-termo. O tempo que demora a fazer um mortal a trás não é o mesmo que demora a fazer um *anjambé*."; "E está-se a valorizar bastante a parte acrobática, até que ponto é que se consegue equilibrar as coisas é um bocadinho difícil. Há alguns elementos acrobáticos são bastante valorizados, o que por um lado não é mau dada a sua dificuldade, por outro lado continua-se a valorizar só a parte acrobática e menos a parte gímnica, porque a parte gímnica bem executada também tem o seu valor.".

O Quadro 70, que se inclui na mesma **categoria** que o anterior, relativamente à questão "Comparativamente ao CP anterior vários elementos deixaram de ter valor de dificuldade (VD) enquanto que outros passaram a ter mais valor de dificuldade (VD). Acha que de uma forma geral isso foi positivo ou negativo? Existe algum ou alguns elementos com que não está de acordo em ter(em) sido alterado(s)?" indica-nos onze unidades de registo. Isto mostra-nos a variedade de opiniões (dentro das unidades de contexto retiradas da análise de conteúdo) dada por cada um dos entrevistados (que foram incluídos em várias das unidades de registo) e que passo a nomear: na primeira unidade por nós formulada, alguns treinadores afirmaram que dependia (há elementos com os quais se concorda e outros com os quais não se concorda) (6 respostas obtidas nesta questão integradas nesta unidade, que equivale a 75% do grupo de estudo, que se pode considerar bastante significativo); já a segunda unidade, houve treinadores que indicaram que o que se verificava tinha sido positivo (3=37,50%); de seguida tivemos uma opinião que depois de ponderada considerou como algo negativo (1=12,50%); a quarta unidade obteve duas respostas, correspondentes a 25,00% e prende-se com o facto de terem sido retirados elementos do código de pontuação; a quinta unidade prende-se com o facto de se ser a favor da eliminação de elementos que sejam agressivos para a integridade física das atletas

(1=12,50%); a sexta unidade foi aquela que obteve o consenso e a concordância por parte de todos os entrevistados, que é o facto de a maior parte dos elementos gímnicos terem baixado de valor (alguns estavam sobrevalorizados) (8 respostas=100%); depois temos os que são a favor dos elementos acrobáticos serem mais valorizados (3=37,50%); como oitava unidade de registo o facto de alguns elementos terem baixado de valor, referida por um dos entrevistados (1=12,50%); a nona unidade refere-se ao caso de alguns elementos acrobáticos baixaram de valor de dificuldade (1=12,50%); a seguinte, ao facto de não concordarem com a descida de valor de alguns gímnicos e a "inexistência" (desvalorização) a partir de agora de ligações dos saltos gímnicos (2 respostas=25,00%); e por fim, terminamos com a décima primeira unidade de registo relativa a esta questão que é a excessiva valorização e o excesso de acrobáticos (falta um meio termo) (2 respostas=25,00%).

O T1 comenta que "há sempre elementos com que a gente concorda e com que não concorda. Porque há sempre alterações e já na alteração cíclica do código de quatro em quatro anos que havia anteriormente, também era, e havia sempre situações com que se concordava e outras que não. Agora assim de repente... não, repara, aqui não é propriamente elemento de dificuldade, mas por exemplo, há uma coisa muito importante que eu acho que antigamente não era valorizado, era desvalorizado e agora passou a ser valorizado, que tem haver com as exigências específicas. Antes as exigências específicas valiam duas décimas e chegaram a valer só uma décima, o que para mim era uma incoerência muito grande, porque para todos os efeitos exigências especificas eram obrigações, eram elementos com características especiais que eram obrigatórios incluir, então se eram obrigatórios, uma atleta que não o praticasse devia ser castigada por isso, devia ser penalizada por isso, penalizada por uma décima ou duas fazia com as ginastas… não valia a pena fazer, não incentivava ninguém a ter que o fazer, por exemplo, o caso do despegue nas paralelas, uma pessoa fazer ou não fazer, perder uma décima ou duas, quem faz normalmente perde uma décima ou duas por uma pequena incorrecção de execução logo não era significativo… e agora passa a ser, de facto meio ponto, e isso acho que foi uma alteração também importante. Em relação à maior parte dos elementos gímnicos terem baixado de valor e os acrobáticos serem mais valorizados, a mim pessoalmente agrada-me, a mim, assumo por ser um treinador homem, sempre achei que os gímnicos eram muito valorizados, também sempre interpretei isso como sendo uma forma da FIG, do Conselho Técnico da FIG mulheres, quererem manter uma característica feminina e artística da modalidade, mas acho que estava a ser sobrevalorizado, haviam ginastas que só dançavam e outras que de facto faziam

acrobacias e elementos acrobáticos que eram muito mais difíceis de serem adquiridos e não eram compensadas por isso." Já o T5 afirma o seguinte: "eu acho que acima de tudo a FIG não cumpriu com uma promessa que fez dois anos antes ou um ano antes deste código entrar em vigor, do código entrar em funcionamento. Que foi… o código ser para todos! Aliás isso está escrito, e foi escrito no site da FIG. O Presidente dizia que este código vai ser assim porque agora vamos poder colocar todos os elementos que existem na ginástica no código e pode ser um código em que as crianças podem fazer com este código e que podem ver a sua progressão ao longo dos anos desde que são pequeninos até que são mais velhos, e há sempre uma referência, e eles não cumpriram com essa promessa não conseguiram cumprir com esse objectivo. Eu penso que o que acontece é que este código é completamente, não é um código que sirva à ginástica de formação. É um código que claramente diferencia para atletas de alta competição. Nesse sentido, e para tentar responder de uma forma clara, eu acho que o que falta aqui são mais elementos, e os elementos que foram retirados grande parte deles fazem falta no código e devia ainda haver mais, de forma a permitir que os ginastas fizessem elementos muito simples, que fossem valorizados por isso, e que esse código de pontuação servisse, já que estamos a falar de uma referência e que o dez deixou de existir, e que existe uma coisa que vai do 0 ao 16, ou ao 17 e está aberta, então as crianças, os mais novos poderem-se equiparar já aos mais velhos, eu já faço dez pontos, aquela já faz treze, e isto ser uma referência contínua, que eles não conseguiram fazê-lo, era uma promessa do Presidente da Federação e ele não conseguiu fazê-lo. Em relação à desvalorização dos elementos gímnicos, de eles terem baixado drasticamente de valor, não estou contra porque eu acho que havia alguns elementos que estavam sobrevalorizados. Sou sobretudo contra a eliminação de elementos, sobretudo isso, não em relação à valorização nem à desvalorização de alguns. Só sou a favor de eliminação de elementos que sejam agressivos para a integridade física dos atletas. De resto penso que a ginástica tem uma variabilidade (variedade) tão grande que tudo o que seja fechar a utilização de novos movimentos ou de movimentos antigos, sejam eles quais forem, e estas cambiadas por exemplo, é um exemplo típico disso, eu a meu entender é mau. Eu acho que cada um deve fazer os movimentos que faz bem, e o código ao restringir a utilização de determinados elementos eu penso que está a ir no mau sentido. Eu acho que os atletas devem poder fazer, desde que seja ginástica, ao retirar-se não é bom para a ginástica, no meu entender. Não há nenhum exercício com que não estou de acordo em terem sido alterados em termos de valor, que me lembre, nada de especial, concordo, de uma maneira geral, sim." Enquanto que o T2 também é muito claro na sua exposição: "não tenho bem ideia dessas alterações. No entanto quanto ao facto dos

gímnicos terem baixado de valor enquanto que os acrobáticos foram valorizados em relação ao código anterior, posso dizer que acho isso muito justo. A ginástica não deve em caso algum abdicar da componente estética que lhes é conferida, muitas das vezes através dos elementos gímnicos. Ou seja, é essencial que, mas isso consegue-se através da imposição, na elaboração ou na estruturação dos exercícios, seja obrigatório terem elementos gímnicos e consegue-se que eles sejam incluídos, mas devem ser valorizados o suficiente, porque é inconcebível que ponham elementos gímnicos a valorizar o que se consegue com algum trabalho num espaço de tempo muito mais reduzido, a valer tanto como elementos de dificuldade que demoram anos de trabalho. Nunca se devem abdicar deles, mas devem ser entendidos como pressupostos obrigatórios na elaboração dos esquemas, mas cuja valorização não tem que ser, ou seja, a valorização existe por ser obrigatório a sua inclusão, e eles têm que os trabalhar porque se os fizerem mal têm que ser penalizados, agora a valorização excessiva não faz sentido, é absurdo, sempre achei e continuo a achar. Quanto às directrizes técnicas do novo código, por exemplo, na execução de uma tripla pirueta em que não se faça completamente, nem que seja por 5º, já não conta a tripla pirueta, baixando logo o valor. Eu achava isso absurdo no código anterior, já que ninguém conseguia determinar isso dos 5º, ou faz pirueta completa ou não faz. Ninguém conseguia diferenciar isso, portanto acho isso justíssimo e que sempre em caso de dúvida nunca se deva penalizar a atleta; agora quando as coisas são suficientemente claras, acho muito bem que não conte." Já a T6 diz algo interessante em relação ao seu ponto de vista ao longo dos tempos: "quer dizer é positivo, negativo… é sempre, está relacionado connosco, eu não tenho uma visão assim muito, eu acho que comparando com o código anterior, nomeadamente em relação aos saltos à frente, por exemplo eu sou da década de 70 e de 80, e naquela altura não tinha exigência de salto à frente e atrás, de série à frente e atrás, então todo o mundo fazia salto atrás, série atrás, tripla, dupla, duplo, duplo encarpado, dupla pirueta, etc.…, depois o código tem que ter série à frente… e a selecção chinesa não treina muito à frente, frente é confusão, recepção à frente mais complicado, então este código favorecia mais as ocidentais. Rússia, está a treinar, agora troca, agora, ultimamente este código está a obrigar as pessoas a fazer tudo, à frente, atrás, tem que aprender trás e frente, frente e trás, não é aquele, agora tenho que ter à frente e atrás. Em relação aos gímnicos terem baixado de valor, antigamente, no código anterior, os gímnicos tinham muito valor, as ligações eram todas valorizadas demais, todo o mundo faz, agora todo o mundo faz e já não tem valor, … eu acho que deveria ser 50/50 para mim, para uma ginasta que seja boa a gímnicos, é obrigatório, não é, gímnicos baixavam e eu treinava menos gímnicos ou menos flexibilidade, é igual, não me afecta muito, claro que afecta mas não

senti tanto." E para finalizar os discursos mais pertinentes e de certa forma seleccionados, terminamos com o ponto de vista da T8: "eu não estou a lembrar-me assim de um elemento que eu ache que… houve muitos gímnicos que baixaram, eu acho que os gímnicos estão com um valor, alguns, alguns não, a maioria dos gímnicos estão com um valor baixo para a dificuldade que eles apresentam o que faz com que tecnicamente as coisas sejam mal executadas. E eu como juiz também tenho visto em algumas provas alguns elementos gímnicos que tecnicamente é tudo menos aquilo que o elemento diz, só para se conseguir obter melhor e maior nota nesse elemento. Como eles valem pouco, as pessoas tentam fazer um elemento mais difícil. E atingem, vá lá, a amplitude nesse elemento de uma forma errada na técnica, e vou dar um exemplo muito concreto: tenho visto muitas ginastas a fazer por exemplo, *johnson* na trave que é tudo menos *johnson*, mas no entanto como chega à posição mais ou menos correcta, apesar da técnica estar mal, as pessoas contam esse gímnico. Portanto, há determinados elementos gímnicos que pelo facto de terem baixado de valor faz com que a sua técnica seja deturpada, não acho que seja vantajoso, acho que não é por aí. E está-se a valorizar bastante a parte acrobática, até que ponto é que se consegue equilibrar as coisas é um bocadinho difícil. Há alguns elementos acrobáticos, são bastante valorizados, o que por um lado não é mau dada a sua dificuldade, por outro lado continua-se a valorizar só a parte acrobática e menos a parte gímnica, porque a parte gímnica bem executada também tem o seu valor."

Segundo o estudo realizado por Teixeira (2006) que realizou o seu trabalho tendo, também, como referência base a análise e comparação dos Códigos de Pontuação de 2001 e 2006 de Ginástica Artística Feminina, nos diferentes aparelhos, tendo em consideração as suas exigências. O seu objectivo foi analisar e comparar os Códigos de Pontuação procurando relacionar as alterações sofridas com a construção dos exercícios das ginastas. Assim como verificar os elementos mais utilizados tendo em consideração as novas exigências tendo para isso observado os Campeonatos do Mundo (Anaheim, 2003 e Aarhus, 2006). As conclusões obtidas por esta autora vão de encontro aos nossos. Os seus principais resultados permitiram concluir que os Códigos de Pontuação sofreram uma evolução significativa.

Teixeira (2006) concluiu no seu estudo que surgiu um aumento no número total de elementos nas paralelas assimétricas, e uma alteração nas regras e valores atribuídos aos diferentes elementos gímnicos na trave e no solo.

No trabalho realizado por Teixeira (2006) a mesma concluiu que na trave os valores de dificuldade dos *pivots* realizados pelas ginastas sofreu um aumento, e no solo verificou-se igualmente um incremento na realização de séries de quatro ou mais elementos acrobáticos o que contribuiu para uma alteração na construção dos exercícios.

Ao longo dos anos e das várias alterações sofridas pelos regulamentos de doutrinam a GA Mundial, alguns não influenciaram de forma significativa os níveis de segurança dos ginastas durante a sua prestação nas competições. Apesar como terem havido modificações que poderiam reflectir essa tendência, como: (1) valorização dos elementos de dificuldade (que neste caso é indicativo de alguns elementos que desceram de valor, foram desvalorizados em termos de dificuldade para desta forma desencorajar e desmotivar a sua apresentação (FIG, 1993)); (2) presença dos treinadores (para a realização de alguns elementos de risco a presença dos treinadores próxima das ginastas protegendo os mesmos de um eventual acidente); (3) qualidade soa aparelhos e material; (4) material acessório (como já foi comprovado na revisão da literatura, temos o exemplo da utilização de um colchão suplementar – altura de 10 cm; a protecção especial para o trampolim, onde o CP (2001) obriga a que a ginasta que execute os tipos de saltos em que é procedido de uma rondada, utilize a protecção no trampolim e caso não faça o salto será nulo.); (5) protecções individuais.

5.1.9 Questão 2.1.11 do Guião da Entrevista efectuada aos treinadores: Verifica que as novas alterações vieram facilitar a participação competitiva (resultados) dos seus ginastas?

Quadro 71: Análise da questão: "Verifica que as novas alterações vieram facilitar a participação competitiva (resultados) dos seus ginastas?"

CATEGORIA	UNIDADE DE REGISTO	ENUMERAÇÃO/ QUANTIFICAÇÃO		UNIDADE DE CONTEXTO
		N	%	
REPERCUSSÕES DO NOVO CÓDIGO DE PONTUAÇÃO	1) Não	2	25,00%	"Não. Os ginastas que ficavam mais à frente continuam mais à frente e os que ficavam mais a trás continuam mais a trás, isto no meu grupo. Mas por exemplo, as atletas da selecção nacional, são todas idênticas, o facto de algumas alterações em alguns aparelhos serem muito evidentes, veio melhorar muito. Por exemplo nas paralelas, como é obrigatório fazer elemento em voo, como já era, agora é obrigatório ter diferentes pegas, obrigatório não é nas exigências específicas mas é na composição e vai dar ao mesmo, porque tem de fazer na mesma e desconta na mesma, fazer a cambiada, quem faz é beneficiado e tem melhor nota e quem não faz não é beneficiado. Em alguns aparelhos nota-se bem a diferença e as ginastas que conseguem fazer exercícios difíceis e ganhar na mesma aquelas que fazem fáceis e bem, ou muito fáceis e bem, pois conseguem ganhar mais pontos. No entanto há outros aparelhos em que isso já não é tão evidente e portanto às vezes não vale muito a pena arriscar."; "Não, não veio facilitar nada. Não porque, não é só ao nível das minhas ginastas mas mesmo a nível nacional, acho que o nosso país não tem realidade gímnica para um código deste tipo. E cada vez mais é difícil conseguirmos atingir e alcançar determinada fasquia lá fora dada a dificuldade do código, exactamente.".
	2) Não/ É Igual	2	25,00%	"Não, não especialmente. Vão facilitar tanto quanto às outras. É igual para toda a gente. O que acima de tudo eu penso que nós treinadores temos que perceber logo desde o princípio é que temos que trabalhar muito sobretudo visando a execução. Quando dois atletas têm uma execução limpa e correcta das coisas, já era assim no código anterior, mas agora é mais. Permite-se é que nós possamos mais a longo prazo fazer a tal gestão dos atletas, mais a longo prazo. É o que eu penso."; "Acho que não foi… não facilitou, é igual, não vejo diferenças.".
	3) Igual	2	25,00%	"É igual.".
	4) Indiferente	1	12,50%	"Nas minhas é indiferente. As minhas regem-se por um código adaptado.".
	5) Depende somente dos resultados de cada um	1	12,50%	"Gostaria de entender que sim, não nos resultados, uma coisa é facilitar a participação competitiva, acho que poderá vir a facilitar a participação competitiva, e inclusivamente a partir do momento em que se retirem os obrigatórios que existem e que eu não acho mal, mais uma vez acho que é capaz de ser justo porque eles vêem que a sua carreira desportiva vai evoluir e dantes não evoluíam, mudavam de escalão e voltavam outra vez para trás. Essa é uma componente positiva do novo código, o aspecto psicológico é facilitado e o entendimento da competição. Quanto a resultados, não facilitam nem deixam de facilitar, cada um vai obter os resultados que conseguir.".

Para análise da questão "Verifica que as novas alterações vieram facilitar a participação competitiva (resultados) dos seus ginastas?", pertencente à **categoria**, **repercussões do novo código de pontuação**, conforme mostra o Quadro 70, foram elaboradas cinco unidades de registo: a primeira, denominada por não, que engloba aspectos relacionados com a mudança do código de pontuação de Ginástica artística Feminina, que não vai ser devido a esse factor que os seus resultados desportivos iriam ou irão mudar na perspectiva de alguns dos treinadores (2 respostas = 25,00%; uma segunda unidade inclui igualmente o não com a inclusão de além de não influenciar os resultados, para estes treinadores é exactamente igual (2=25,00%); uma terceira que simplesmente refere que é igual, quer com um ou com outro código de pontuação e mesmo com novas alterações, é igual o resultado atingido ou a atingir nas suas participações competitivas (2=25,00%); já quanto à quarta unidade de registo retirada, esta simplesmente nos diz que é indiferente (1=12,50%); e, finalmente, uma quinta unidade de registo, relativa ao facto de estes dependerem somente dos resultados de cada um (1=12,50%), não são as alterações dos códigos que vão facilitar ou não os resultados desportivos.

Segundo Marques (1993) é difícil de estabelecer correlações sólidas entre as prestações na competição nas fases iniciais da preparação desportiva e nas fases mais avançadas do processo. Demonstrando a grande limitação no que se refere ao estabelecimento dos factores de prognóstico a partir da observação do comportamento em competição.

Smolewskj (1978), distingue a importância da eficácia em competição como parâmetro relevante para avaliar o nível atingido através do treino, quando se refere à modelização do treino em Ginástica. E como as regras das provas de Ginástica Desportiva são muito difíceis e complexas, aconselha uma avaliação em pontos como indicador do conteúdo e composição dos exercícios de competição.

5.1.10 Questão 2.1.12 do Guião da Entrevista efectuada aos treinadores: Como treinador, sente-se mais motivado?

Quadro 72: Análise da questão: "Como treinador, sente-se mais motivado?"

CATEGORIA	UNIDADE DE REGISTO	ENUMERAÇÃO/ QUANTIFICAÇÃO		UNIDADE DE CONTEXTO
		N	%	
REPERCUSSÕES DO NOVO CÓDIGO DE PONTUAÇÃO	1) Sim	2	25,00%	"Como treinador de clube, continuo a achar que não chego ao ponto de usufruir das alterações. Se estivesse neste momento no alto rendimento ou se recuasse ao tempo em que estava a treinar atletas para Campeonatos do Mundo ou Jogos Olímpicos, não tenho a mínima dúvida que dizia que me sentia mais motivado, sempre quis que isto acontecesse; na altura senti que era isto que gostava que acontecesse."; "Do ponto de vista de treino, se me sinto mais motivada para dar treino tendo em atenção as novas regras, eu acho que isso, uma ginasta de formação, da iniciação tem que aprender tudo, e quando chegar a um certo ponto e tem que saber contornar os pontos fracos e treiná-los mais e escolher os pontos mais fortes. Em relação a algumas ginastas. Motiva-me para eu ter que ensiná-las mais coisas, agora tenho que escolher, não pode continuar a não fazer aquilo que ela não tem jeito.".
	2) Não	1	12,50%	"Não. Não me sinto nada motivada com este código.".
	3) Não/ É igual	3	37,50%	"Não, é igual, não altera nada, porque eu gosto é de ensinar ginástica. Não tem a ver com o código, esse pode ser todo diferente, desde que não mude o cariz da ginástica."; "Não. É igual.".
	4) Igual (mas sinto uma maior motivação)	1	12,50%	"É igual. Acho que está melhor, mais justa sim, portanto, posso dizer que me sinto mais motivado, mas não é por aí, ou seja, não é pela mudança do código que me sinto mais ou menos motivado.".
	5) É indiferente. Tudo depende do trabalho e da evolução das ginastas com as quais estou a trabalhar	1	12,50%	"A minha motivação não vem do código. Com este ou com outro, tanto posso estar motivado como desmotivado. O que dá motivação a um treinador e falo por mim, é a forma como se olha para as ginastas e como as ginastas vão trabalhando e vão evoluindo. Quando as ginastas estão, as ginastas passam por fases de maior motivação e fases de menor motivação, os treinadores igual, somos todos pessoas, pelos menos eu sinto-me mais motivado e com mais "pica" quando as ginastas estão numa fase também boa, e portanto uma coisa leva à outra, quando as ginastas estão, como é agora o caso pelo qual estou a passar, quando estão numa fase que não andam nem desandam, nem treinam nem deixam treinar, a minha vontade é dizer, vão para ali e façam qualquer coisa, quero lá saber do que elas fazem ou não fazem, tanto me faz de que seja aquela código ou outro código, é-me indiferente.".

No Quadro 72, resultante mais uma vez da **categoria**, **repercussões do novo código de pontuação** (tendo em consideração o factor motivação), no que diz respeito à questão "Como treinador, sente-se mais motivado?", podemos verificar a existência de cinco unidades de registo: uma primeira, que tem a ver com o sim, sente-se mais motivado (2=25,00%); depois temos uma segunda, relativa ao não (1 resposta = 12,50%); a terceira pode-se confundir com a anterior mas com uma agravante, além de não se sentirem mais motivados pelas alterações do código ou pelo aparecimento deste código, a sua motivação é simplesmente igual (3=37,50%); enquanto que na quarta unidade é também igual (o nível de motivação), mas… há ali a existência, inexplicável por vezes, de um sentimento de uma maior motivação (1=12,50%); e, finalmente, uma quinta unidade de registo relativa à indiferença, … é indiferente, pois para este treinador o seu grau de motivação para a modalidade é porque tudo depende do trabalho e da evolução das ginastas com as quais está a trabalhar (1=12,50%).

As respostas dadas pelos nossos entrevistados relativamente ao que lhes causa maior satisfação, motivação na profissão de treinadores vem confirmar simplesmente um facto: o CP é um simples instrumento que serve de guia, de orientação para atingir um objectivo. O código poderá ser um instrumento de referência: "melhor ou pior temos que o cumprir, podemos e devemos analisar, criticar e tentar melhorar, pois a intenção não é parar, não é se subjugar, é querer sempre cada vez mais dentro dos limites do razoável, quem diz para esta maravilhosa modalidade, diz para outra qualquer". O prazer e a motivação dos treinadores é o de ensinar, de estar diariamente em contacto com a modalidade, e como em outra qualquer têm que se reger por regras, umas mais justas, outras menos justas, com as quais concordam, outras com as quais discordam totalmente, mas sempre sob um olhar crítico, para cada vez mais evoluir, para melhorar a todos os níveis e nunca para piorar. Assim, os treinadores consideram que o que lhes causa maior satisfação na sua actividade profissional é o contacto com os atletas, salientando que a relação que com eles estabelecem é uma ligação mais próxima e até mais intensa do que com qualquer outra pessoa (por vezes até mesmo mais do que com a própria família, sendo "este" grupo, como se de uma família se tratasse, ou mesmo uma família), dada a grande proximidade e o contacto físico e psíquico existentes. Apesar de fazerem esta referência, os treinadores também estão conscientes de que esta modalidade, dado o seu carácter peculiar relativamente às condições, exigências e dificuldades, é algo que os faz ter um imenso orgulho e dedicação pelos seus "pupilos".

É frequente que treinadores, jogadores e espectadores associem a performance colectiva e individual a diferentes estados motivacionais (Eubank & Gilbourne, 2005).

Compreender a motivação é uma questão complexa (Vallerand, 2004), de tal forma que, nos últimos anos, os psicólogos do desporto têm passado uma grande quantidade de tempo a tentar perceber o complexo quadro da motivação do desporto (Biddle, 1999). Roberts (2001) afirma que compreender e aumentar a motivação constitui uma das preocupações centrais dos assuntos humanos.

Uma definição extensamente aceite do conceito de motivação é a de que representa um construto hipotético utilizado para descrever as forças internas e/ou externas que dirigem o início, a direcção, a intensidade e a persistência do comportamento (Vallerand, 2004). Desta forma, o estudo da motivação e seus efeitos no comportamento de realização consiste na investigação da intensidade, direcção e persistência do comportamento (Roberts, 2001; Ryan & Deci, 2000).

Uma das dificuldades da definição deste construto prende-se com o facto da motivação não ser directamente observável. Como tal, uma das estratégias utilizadas na definição de motivação, implícita na definição anteriormente referida, consiste na observação do comportamento para determinar até que ponto este é ou não motivado (Vallerand, 2004).

De acordo com Martens (1999), as pessoas motivam-se para fazerem aquilo que lhes permite realizar as suas necessidades. Como tal, a chave do problema consiste em descobrir essas necessidades, uma vez que elas podem diferir de pessoa para pessoa. Assim, para se compreender completamente a motivação, têm de se considerar as características únicas e o ambiente particular de cada atleta (Finch, 2002).

O atleta de elite apresenta um perfil desportivo específico em termos das determinantes morfológicas, fisiológicas, metabólicas, motoras, psicológicas e biomecânicas (Visscher, Elferink-Gemser & Lemmink, 2004). Mais especificamente, Williams e Reilly (2000) referem que intuitivamente existe a ideia de que os atletas com mais sucesso se diferenciam dos atletas de menos sucesso também com base nas suas características psicológicas.

A motivação é uma das mais importantes variáveis no desporto, sendo unânime entre treinadores e atletas que esta é uma das determinantes não apenas do rendimento desportivo, mas também de uma experiência positiva na área do desporto (Vallerand, 2004).

5.1.11 Questão 2.1.13 do Guião da Entrevista efectuada aos treinadores: Os atletas sentem-se mais motivados?

Quadro 73: Análise da questão: "Os atletas sentem-se mais motivados?"

CATEGORIA	UNIDADE DE REGISTO	ENUMERAÇÃO/ QUANTIFICAÇÃO		UNIDADE DE CONTEXTO
		N	%	
REPERCUSSÕES DO NOVO CÓDIGO DE PONTUAÇÃO	1) Sim (mas as suas motivações não dependem dos CP e das suas alterações pois as ginastas estão motivadas com qualquer CP)	2	25,00%	"Acho que implicitamente sim, mas rapidamente não. Eles sentem-se motivados por aquilo que são obrigados a fazer, quer num código quer noutro. Se para ter mais pontos eu tenho de fazer aquilo, é aquilo que eu vou fazer, é para aquilo que eu vou ter aquele objectivo e portanto não tem a ver muito com o código e as suas alterações. Pode é por o código estar diferente, eles sentirem que são diferenciados em relação aos outros e ai pode levar a uma motivação. Com qualquer código eles estão sempre motivados, para atingir aquilo que nós treinadores lhes vamos dizendo para fazer. … tem uma motivação acrescida para meter um tsukahara com pirueta, mas porque é um elemento mais difícil, não é por causa deste código, também já era dantes, portanto tem a graduação da dificuldade, … Agora se ela tivesse na pirueta e agora desvalorizasse e a pirueta e meia valesse a mesma coisa, se calhar tinha de alterar e se motivar para fazer mais."; "Acho que sim. Porque elas não têm certezas se conseguem, o código é mesmo muito exigente, e em relação à trave, a saída tem que ser selectiva, atrás ou à frente, que ser é difícil com as nossas condições aqui. Não tem condições para treinar e muitas situações queria fazer, é para ficar…ficar mais recta, mais direccionada, mais seguro. Eu pelo menos senti isso, as ginastas estão deixando um bocadinho o receio de não conseguir."
	2) Não	3	37,50%	"Não me parece que estejam mais motivados por aí. Nem mais nem menos. Acho que uma coisa não tem nada haver com outra."; "As mais velhas talvez, notei uma ou duas vezes, numa ou noutra situação. As mais novas não, treinam de igual forma. Para elas é igual. O objectivo é fazerem determinados elementos, não ainda somarem. Nem têm essa noção."; "Não, não se sentem motivados. Não se sentem motivados, até porque, era aquilo que eu te estava a dizer ainda à bocado, o facto de eles saberem que para se construir um exercício minimamente para conseguir ir a uma prova, e não conseguirem, exactamente porque o código está difícil, eles para

				conseguirem ir a uma prova é preciso fazerem uma série de exigências que à partida já são difíceis e depois ainda por cima quando não há elementos para cumprirem essas exigências, elementos simples para cumprirem essas exigências torna-se difícil e complicado para eles, como é lógico.".
	3) Sim/Não (não faço ideia)	1	12,50%	"Não faço ideia. Não assino nem que sim nem que não. Não penso que isso tenha alterado o que quer que fosse. Na fase em que as atletas estão, na fase em que elas estão não penso que tenha sido algo importante. Se estivéssemos a falar em atletas em fim de carreira eu acho que aí tem grande importância porque os atletas olham e pensam olha agora o que é que me espera, e vou ter que fazer isto e isto, e não me apetece. Há muitos atletas que pensam assim. E isso acontece ciclicamente de 4 em 4 anos quando se muda o código. E neste caso não é excepção e mais, e como mudou muita coisa, tanta coisa, mas não foi tão drástico assim, não penso que tenha havido tanta gente a sair por causa do novo código."
REPERCUSSÕES DO NOVO CÓDIGO DE PONTUAÇÃO	4) É algo relativo	1	12,50%	"Também isso é relativo. É muito relativo. Repara, há pouco dei o exemplo da justiça que as quedas, que o problema da execução levanta, …"
	5) Depende do perfil psicológico da atleta/ginasta	1	12,50%	Depende do perfil psicológico dos atletas. Houve atletas bons que se sentiram comodamente instalados e que souberam aproveitar ao máximo o código antigo e naturalmente esses, perante o novo código, acho que ficariam mais inseguros, mais desconfortáveis e ia exigir deles provavelmente um tipo de esforço diferente aos quais provavelmente não estavam psicologicamente preparados, ou motivados ou interessados. Por outro lado, outros haveriam, provavelmente dada à sua componente psicológica, de se sentir muito mais motivados, porque poderiam achar que isto era uma porta aberta para eles conseguirem ultrapassar aqueles que nunca tinham conseguido ultrapassar antes. O que me parece é que isto abre portas para atletas com um perfil psicológico de trabalho diferente, aqueles que são mais aguerridos, mais ambiciosos, provavelmente têm aqui uma janela de oportunidade."
	6) Não é conforme as regras que as ginastas se sentem mais ou menos motivadas	1	12,50%	"Portanto isso não é motivante, mas isso é uma situação, não é o código, a mudança do código, acho que não, os atletas treinam e os treinadores treinam motivados no treino e não é conforme as regras que estão mais ou menos motivados."

No Quadro 73, novamente consequente da **categoria**, **repercussões do novo código de pontuação** (tendo como factor, igualmente, a motivação), que dizem respeito à questão "Os atletas sentem-se mais motivados?", podemos verificar a existência de seis unidades de registo: uma primeira, que tem a ver com o sim, sentem-se mais motivados, mas as suas motivações não dependem dos CP e das suas alterações pois as ginastas estão motivadas com qualquer CP (2=25,00%); depois temos uma segunda, relativa ao não (3 respostas = 37,50%); a terceira pode-se confundir com as duas anteriores pois o treinador não faz a mínima ideia, "nem que sim

nem que não", sendo exactamente estas as suas palavras, não pensa que isso tenha alterado o que quer que fosse (1=12,50%); na quarta unidade é algo relativo (o nível de motivação), devido à justiça ou injustiça que este CP pode por vezes criar em certas situações, daí a importância cada vez maior do factor execução (realizar todos os exercícios com a maior perfeição possível, pois as deduções… são muito, muito altas, exigentes com as ginastas de hoje em dia) (1=12,50%); já na quinta unidade, houve um treinador que na perspectiva dele, tudo depende do perfil psicológico da atleta/ginasta (1=12,50%); e, finalmente, uma sexta unidade de registo relativa ao seguinte facto, não é conforme as regras que as ginastas se sentem mais ou menos motivadas (1=12,50%).

Não é o facto das alterações que se verificam de um CP para outro ou o próprio CP em si, por mais que tenha mudado ou sido alterado que as ginastas vão estar mais ou menos motivadas, isto na opinião e no ver da T4, porque no seu entender quando as ginastas começam a aperceber-se e a conhecer relativamente bem o CP pelo qual são ajuizadas e a saber que têm que fazer um número de exercícios e certos desempenhos para atingir aquela meta ou tentar atingir uma certa nota e classificação, que não podem falhar, e que a recepção tem que ser exacta, já se começam a aperceber do que vale a pena fazer e do que não vale, o risco… Elas próprias se motivam para evoluir cada vez mais e realizar exercícios e elementos cada vez mais difíceis, daí a motivação acrescida delas… Talvez a mudança da filosofia possa contribuir para a sua motivação, mas é algo que temos que estar atentos mais a longo prazo para reparar nos seus reais efeitos. A motivação neste momento é a graduação possível da pontuação e realizar cada vez algo mais difícil, que valorize mais e motive mais alcançá-la, lutar por ela.

Já a opinião da T8 não é concordante com a da T4 e passo a citar: "não, não se sentem motivadas. Não se sentem motivadas, até porque, era aquilo que eu te estava a dizer ainda há bocado, o facto de eles saberem que para se construir um exercício minimamente para conseguir ir a uma prova, e não conseguirem, exactamente porque o código está difícil, elas para conseguirem ir a uma prova é preciso fazerem uma série de exigências que à partida já são difíceis e depois ainda por cima quando não há elementos para cumprirem essas exigências, elementos simples para cumprirem essas exigências torna-se difícil e complicado para elas, como é lógico." Sendo pontos de vista e maneiras de estar na modalidade (pelo menos neste momento) completamente diferentes, podiam-se invocar várias razões e motivos, mas cada uma com a sua, e quase de certeza todas legítimas, quer de um lado quer do outro. Da mesma forma que a opinião do T5 é completamente descontraída e completamente despreocupada como se

pode comprovar no Quadro "não faço ideia. Não assino nem que sim nem que não. Não penso que isso tenha alterado o que quer que fosse. Na fase em que as atletas estão, na fase em que elas estão não penso que tenha sido algo importante. Se estivéssemos a falar em atletas em fim de carreira eu acho que aí tem grande importância porque os atletas olham e pensam olha agora o que é que me espera, e vou ter que fazer isto e isto, e não me apetece. Há muitos atletas que pensam assim. E isso acontece ciclicamente de quatro em quatro anos quando se muda o código. E neste caso não é excepção e mais, e como mudou muita coisa, tanta coisa, mas não foi tão drástico assim, não penso que tenha havido tanta gente a sair por causa do novo código." E também como nos confidencia o T1, é algo muito relativo…: "também isso é relativo. É muito relativo. Repara, há pouco dei o exemplo da justiça que as quedas, que o problema da execução levanta, e para isso vou falar de um caso particular para fundamentar a resposta: num Campeonato da Europa passado, uma ginasta portuguesa tem um número de solo completo, aquele que é de facto o mais completo e mais equilibrado em termos de, não estou a dizer o mais correcto, mas o mais equilibrado em termos de composição, com boa dificuldade acrobática e gímnicos normais, e teve uma queda, outra ginasta também da mesma selecção, e inclusive não é o querer… não é uma apreciação degenerativa, mas por acaso a ginasta esteve lesionada, esteve quase para não competir, esteve quase para nem sequer fazer solo, portanto fez um exercício de solo só para competir, com empranchados e gímnicos, e tirou mais nota do que essa atleta que fez um exercício cheio de séries complexas e difíceis e para as quais treinou muito e viu-se classificada abaixo da outra, e isso para mim não é motivante quando a gente sabe que de facto… aquela queda, na minha opinião e não é só minha, na minha opinião aquela queda não justificava que o exercício tivesse valido menos que o da outra. Portanto, isso não é motivante, mas isso é uma situação, não é o código, a mudança do código, acho que não, os atletas treinam e os treinadores treinam motivados no treino e não é conforme as regras que estão mais ou menos motivados." Já o T2 refere que "depende do perfil psicológico dos atletas. Houve atletas bons que se sentiram comodamente instalados e que souberam aproveitar ao máximo o código antigo e naturalmente esses, perante o novo código, acho que ficariam mais inseguros, mais desconfortáveis e ia exigir deles provavelmente um tipo de esforço diferente aos quais provavelmente não estavam psicologicamente preparados, ou motivados ou interessados. Por outro lado, outros haveriam, provavelmente dada à sua componente psicológica, de se sentir muito mais motivados, porque poderiam achar que isto era uma porta aberta para eles conseguirem ultrapassar aqueles que nunca tinham conseguido ultrapassar antes. O que me parece é que isto abre portas para atletas com um perfil psicológico de trabalho diferente,

aqueles que são mais aguerridos, mais ambiciosos, provavelmente têm aqui uma janela de oportunidade."

Segundo Sarmento (2007) tendo em conta que o desporto de competição representa uma importante alternativa para a participação em actividades físicas por parte de jovens e adultos, é importante o conhecimento profundo das forças motivacionais que levam a tal participação.

O estudo da motivação em contextos desportivos varia muito e cruza muitas disciplinas, pois parece ressaltar a existência de grande diversidade, não apenas em relação aos assuntos abordados, mas também no que se refere ao enquadramento conceptual (Roberts, 2001). A motivação resulta de uma complexa interacção de culturas, ambientes e características pessoais que, no contexto desportivo, inspiram os atletas a alcançar as suas melhores *performances*.

O termo motivação tem as suas raízes no verbo latino *movere* que significa mover. A motivação implica movimento, activação. Por isso, para descrever um estado altamente motivado, são utilizados termos como excitação, energia, intensidade e activação (Hernandez, Voser, & Lykawka, 2004).

Roberts (2001) salienta o facto de alguns treinadores acreditarem que a motivação é uma característica genética. Assim sendo, os atletas que a possuem são capazes de se manter motivados em todas as situações; pelo contrário, consideram difícil que se verifiquem alterações em atletas que não sejam "dotados" desta característica.

Tal como refere Fonseca (2000), para alguns atletas ter sucesso é ser melhor que antes, enquanto que para outros é ser melhor do que os outros.

Segundo Sarmento (2007) A motivação assume fundamental importância no quotidiano dos indivíduos, influenciando, de forma relevante, o modo como as pessoas pensam, sentem e agem.

Os treinadores desempenham um importante papel na experiência desportiva dos jovens. Para além do desenvolvimento de aspectos técnicos, os treinadores poderão influenciar decisivamente a motivação e a experiência dos jovens atletas. A motivação é um aspecto particular em que os treinadores poderão ter um papel determinante, influenciando a qualidade das experiências vivenciadas pelos jovens e a forma como estes poderão envolver-se na actividade no futuro (Conroy, Kaye & Coastsworth, 2006).

Estudos realizados sobre o desenvolvimento psicológico de atletas de elite demonstraram que, para atingirem os seus objectivos estes têm que desenvolver competências psicológicas específicas, orientações e hábitos num contexto devidamente suportado, em que os pais, a família e os treinadores assumem grande influência no desenvolvimento psicológico dos atletas, nomeadamente nas diferentes fases das suas carreiras (Bloom, 1985; Gould *et al.*, 2002; Côte's, 1999; Csikzentmihalyi, *et al.*, 1993; Sánchez, 2002 cit. Rocha, 2007). Estudos realizados sobre o desenvolvimento psicológico de atletas de elite demonstraram que, para atingirem os seus objectivos estes têm que desenvolver competências psicológicas específicas, orientações e hábitos num contexto devidamente suportado, em que os pais, a família e os treinadores assumem grande influência no desenvolvimento psicológico dos atletas, nomeadamente nas diferentes fases das suas carreiras (Bloom, 1985; Gould *et al.*, 2002; Côte's, 1999; Csikzentmihalyi, *et al.*, 1993; Sánchez, 2002 cit. Rocha, 2007).

Segundo Botelho (1998, pp. 20) "admite-se hoje em dia que a prática de qualquer actividade desportiva provoca modificações no indivíduo tanto no aspecto fisiológico como no psicológico e mesmo no social. Por sua vez, estas alterações levam o próprio indivíduo a questionar-se sobre o seu comportamento e o dos seus semelhantes. Quer dizer, estes fenómenos dão lugar a um processo interrogativo para explicar o comportamento humano em situação de prática desportiva.

5.1.12 Questão 2.1.14 do Guião da Entrevista efectuada aos treinadores: Deseja acrescentar alguma informação ou algum pormenor relativamente à alteração do CP, que no seu entender possa ser relevante?

Quadro 74: Análise da questão: "Deseja acrescentar alguma informação ou algum pormenor relativamente à alteração do CP, que no seu entender possa ser relevante?"

CATEGORIA	UNIDADE DE REGISTO	ENUMERAÇÃO/ QUANTIFICAÇÃO		UNIDADE DE CONTEXTO
		N	%	
ALTERAÇÃO DO CÓDIGO DE PONTUAÇÃO	1) O CP relativo à GAF evoluiu mas ainda não foi no caminho que a masculina já avançou (e que foi bastante positivo)	1	12,50%	"Relativamente à feminina acho que ele evoluiu, acho que a ginástica evoluiu e principalmente a feminina evoluiu, em algumas coisas evoluiu aproximando-se da masculina, de regras que a masculina já tinha, nomeadamente a obrigatoriedade de incluir em todos os aparelhos as exigências de elementos de grupo, há algumas coisas que ainda poderia, que já poderia ter caminhado no sentido também daquilo que já caminhou a masculina e ainda

				não caminhou."
	2) Necessidade de "obrigar" as ginastas e os treinadores a diversificar um pouco mais as suas metodologias	1	12,50%	"Uma delas por exemplo é que permite que as ginastas façam o número que desejarem, um número ilimitado do mesmo grupo de estrutura, ou seja, podem fazer dez elementos todos, por exemplo, daquilo que eu chamo "inbarquer", de um grupo de estrutura, enquanto que a masculina limita isso a 4, limita isso a 4, ou seja, nenhum atleta pode fazer mais que 4, a partir não conta, qual é o objectivo disso, é exactamente obrigar as ginastas e treinadores a diversificar um pouco as suas metodologias, …"
	3) Os exercícios estão monótonos	1	12,50%	"… o que a gente vê por exemplo, é que uma ginasta que domine de facto essa, eu estou a ver agora ginastas holandesas, ou outras que por exemplo façam o exercício todo em cubital também, que tornam os exercícios monótonos e faz com que as ginastas valendo-se só de uma ou duas técnicas componham todo o seu exercício."
ALTERAÇÃO DO CÓDIGO DE PONTUAÇÃO	4) A extrema necessidade de que o corpo de juízes faça cada vez mais um esforço para realizar uma melhor interpretação dos exercícios apresentados, e que esta seja a mais correcta e aproximada possível das directrizes e orientações do CP	2	25,00%	"Sobre o código não. Tudo o que nós desejamos é naturalmente que o corpo de juízes se limite cada vez mais única e exclusivamente a fazer uma interpretação o mais correcta e aproximada do código e que não coloque "ruídos" na interpretação do desempenho das atletas, que vão descaracterizar a modalidade e vão criar situações anómalas e sempre indesejáveis. Não é o código em si, é depois a sua aplicação e por quem é aplicado."; "E acima de tudo o que eu penso no ajuizamento, é que mais do que o código estar mais num sentido ou noutro sentido, a seriedade dos juízes é que é um aspecto fundamental, e o controlo sobre os juízes, esse sim, esse é outro aspecto fundamental.".
	5) Fazer uma correcta e mais exacta possível aplicação do CP	1	12,50%	"…a fazer uma interpretação o mais correcta e aproximada do código… é depois a sua aplicação e por quem é aplicado."
	6) A melhoria dos elementos acrobáticos e dos gímnicos em termos de valorização e desvalorização do valor de dificuldade	1	12,50%	"Há muitas coisas que se podem dizer mas também que já perguntaste. Que eu fui dizendo que era melhor ou pior, aquilo dos gímnicos, a parte dos acrobáticos. Há ligações que já deixaram de ter valor e que valorizam os esquemas."
	7) Os exagerados descontos a nível das rotações nas PA (se termina nos 10º ou 30º)	1	12,50%	"Que é o facto das rotações que acabam fora dos 30º, há umas que é aos 30º e outras que é aos 10º, não terem valor nenhum ou terem valor e descontar 5 décimos, e 5 décimos é quase a mesma coisa que cair, uma queda, e portanto, o que é que veio alterar, é que as pessoas não fazem."
	8) As PA estão a perder o seu cariz devido à exigência excessiva em termos das rotações por causa dos ângulos, da interpretação e do excessivo desconto na execução a partir de um certo ângulo (difícil de percepcionar)	1	12,50%	"Há por exemplo uma coisa no código, nas paralelas, que eu não concordo nada e que acho que devia ser alterado, e que mudou o cariz das paralelas. Que é o facto das rotações que acabam fora dos 30º, há umas que é aos 30º e outras que é aos 10º, não terem valor nenhum ou terem valor e descontar 5 décimos, e 5 décimos é quase a mesma coisa que cair, uma queda, e portanto, o que é que veio alterar, é que as pessoas não fazem. Se desconta e as pessoas aplicam o código, e o código é para aplicar, se aplicam não fazem, e portanto perdeu o cariz das rotações, dos gigantes com pirueta e portanto, eles depois obrigaram a fazer as piruetas

				mas no entanto, depois dizem que se não terminar a pirueta ou se acabar a pirueta não sei aonde desconta 5 décimos e as pessoas só fazem uma pirueta para cumprir e depois não fazem mais nada."
	9) Alguns esquemas no alto nível, já não o são (pelo facto de ser tão penalizante os descontos deste CP, a execução ser extremamente exigente e rigorosa… não há risco)	1	12,50%	"E agora, há esquemas no alto nível, que são esquemas que se olha e se interroga se isto é que é o alto nível. Fazem elementos muito simples, que são C e D mas que para o alto nível são simples e que dantes se viam esquemas mais bonitos, mais valiosos mais difíceis, tu olhavas e querias tentar atingir aquilo. Hoje em dia olhas para aquilo e dizes ai é isto, então vou fazer mais elementos fáceis, muitos elementos fáceis, que também valorizam o esquema, e pronto, e só faço isto. E perdeu ali algumas coisas, que podia ter valorizado, apesar de haver algumas ginastas que são excelentes e continuam a fazê-los mas quem não é excelente não faz, e portanto como em tudo só há alguns que são muito bons e mesmo os muito bons às vezes não fazem porque também têm, por vezes, uma taxa de insucesso grande, e como o código penaliza muito, os descontos são muito rigorosos e exigentes, não fazem."
ALTERAÇÃO DO CÓDIGO DE PONTUAÇÃO	10) O código não alterou significativamente a forma de pontuar, alterou a ginástica sim, mas não a forma de pontuar nem os seus resultados	1	12,50%	"O que eu já suspeitava é que, o código falava-se e criticava-se o código anterior, porque ganhava uma com 9.725 e a outra que ficava em segundo tinha 9.712, e dizia-se que isso agora era impossível de acontecer, hoje em dia, que já era pouquíssimas vezes que isso ia acontecer, não, isso continua a acontecer. Por menos de um décimo se ganha e se perde, e pódios no mesmo décimo, pódios inteiros, primeiro, segundo e terceiro. Conclusão, não penso que o código tenha alterado muito significativamente a forma de pontuar, alterou a ginástica sim, mas não a forma de pontuar. E acima de tudo o que eu penso no ajuizamento, é que mais do que o código estar mais num sentido ou noutro sentido, a seriedade dos juízes é que é um aspecto fundamental, e o controlo sobre os juízes, esse sim, esse é outro aspecto fundamental. Em relação ao código é só uma questão de cumprir ou de não cumprir aquilo que lá está."
	11) O CP da GAF está muito exigente em tudo, a nível da componente artística, dificuldade e execução	1	12,50%	"Acho que este código novo é muito exigente em tudo. Artística, dificuldade e execução. Estas 3 coisas obrigaram cada vez mais a que as ginastas tenham que ser perfeitas, tudo perfeito, tem de ser perfeita. Por isso é complexo treinar umas ginastas que têm que ser de base muito boas, flexibilidade muito boas, muito forte fisicamente, é tudo."
	12) Portugal necessita de muita mais qualidade de execução, a essência da qualidade tem que melhorar	1	12,50%	"Eu acho que em Portugal é preciso mais qualidade de execução, porque as nossas ginastas não são tão bem seleccionadas e então temos todo o tipo de ginastas… e somos pouco, e acho que a essência da qualidade tem que se melhorar e cada ginasta tem a sua linha."
	13) Portugal necessita de simplificar ainda mais o código, não nos cingirmos só ao CP FIG e pensar na nossa realidade gímnica, a	1	12,50%	"Apenas desejava que cá em Portugal as coisas fossem pensadas um bocadinho à realidade portuguesa e não nos cingirmos ao código que existe lá fora, porque apesar de ter sido simplificado o código, às vezes questiono-me em quê que foi simplificado e inclusive, eu estou a falar, tendo conhecimento das coisas porque

	portuguesa			participei numa das reunião em que se falava na simplificação do código, numa reunião da Federação (FPG), e para mim não foi simplificado suficientemente, acho, por exemplo, para mim o dos rapazes está muito melhor pensado que o das raparigas."

No Quadro 74, que diz respeito à última questão colocada aos treinadores e apenas alguns optaram por responder "Deseja acrescentar alguma informação ou algum pormenor relativamente à alteração do CP, que no seu entender possa ser relevante?", que se refere à **categoria**, **alteração do código de pontuação**, podemos verificar e dizer que de uma forma geral encontramos, retiramos treze unidades de registo, cada uma mais diferente e variada da outra. E desta vez, além de enumerá-las e simplesmente transcrever algumas partes das respostas, desta vez, vamos apresentar as respostas dos treinadores que responderam a esta questão que nos pode dizer tudo, como quase nada, pois algumas já foram referidas ao longo do estudo, dos anteriores resultados apresentados, mas que estão dentro de outro enquadramento. Daí os seus discursos incidirem basicamente sempre nos mesmos assuntos e temas. Mostram as suas insistências e revoltas com certas situações, que lhes dá esse direito visto a sua experiência, contacto com a realidade e currículo desportivo. Mas para começar, vamos só enumerar as treze unidades por nós seleccionadas e que consideramos as mais pertinentes dentro da diversidade encontrada em todos os discursos: uma primeira relativa ao facto de o CP da GAF ter evoluído mas ainda não foi no caminho que a masculina já avançou (e que foi bastante positivo) (1=12,50%); a segunda unidade de registo prende-se com a necessidade de "obrigar" as ginastas e os treinadores a diversificar um pouco mais as suas metodologias (1=12,50%); depois temos o caso de os exercícios estarem a ser monótonos (1=12,50%); a quarta fala-nos da extrema necessidade de que o corpo de juízes faça cada vez mais um esforço para realizar uma melhor interpretação dos exercícios apresentados, e que esta seja a mais correcta e aproximada possível das directrizes e orientações do CP (2=25,00%); a quinta é um reforço da anterior, fazer uma correcta e mais exacta possível aplicação do CP (1=12,50%); a sexta unidade tem a ver com a melhoria dos elementos, quer a nível dos acrobáticos como dos gímnicos em termos de valorização e desvalorização do valor de dificuldade (1=12,50%); assim como a sétima unidade por nós indicada nos fala nos exagerados descontos a nível das rotações nas PA (se termina nos 10º ou 30º) (1=12,50%); a oitava unidade de registo vai de encontro à sétima, tem haver com a mesma crítica realizada anteriormente sobre o facto de as PA estarem a perder o seu cariz devido à exigência excessiva em termos das rotações por causa dos ângulos e o término das posições a nível corporal, da interpretação e do excesso desconto na

execução a partir de um certo ângulo (difícil de percepcionar durante a realização das rotações) (1=12,50%); alguns esquemas no alto nível já não o são (pelo facto de serem tão penalizantes os descontos deste CP, a execução ser extremamente exigente e rigorosa… não há risco) (1=12,50%); a décima refere-se ao facto de o código não ter alterado significativamente a forma de pontuar, alterou sim a ginástica, mas não a forma de pontuar nem os seus resultados (1=12,50%); o CP da GAF está muito exigente em tudo, a nível da componente artística, dificuldade e execução (1=12,50%); a décima segunda unidade de registo foca um ponto pertinente e fundamental, o de Portugal necessitar de muita mais qualidade de execução, a essência da qualidade tem que melhorar (1=12,50%); e por fim… a última unidade, na qual Portugal necessita de simplificar ainda mais o código, não nos cingirmos só ao CP FIG e pensar na nossa realidade gímnica, a portuguesa. Daí o que se segue: o T1 refere que "relativamente à feminina acho que ele evoluiu, acho que a ginástica evoluiu e principalmente a feminina evoluiu, em algumas coisas evoluiu aproximando-se da masculina, de regras que a masculina já tinha, nomeadamente a obrigatoriedade de incluir em todos os aparelhos as exigências de elementos de grupo, há algumas coisas que ainda poderia, que já poderia ter caminhado no sentido também daquilo que já caminhou a masculina e ainda não caminhou. Uma delas, por exemplo, a que permite que as ginastas façam o número que desejarem, um número ilimitado do mesmo grupo de estrutura, ou seja, podem fazer dez elementos todos, por exemplo, daquilo que eu chamo "inbarquer", de um grupo de estrutura, enquanto que a masculina limita isso a 4, limita isso a 4, ou seja, nenhum atleta pode fazer mais que 4, a partir daí não conta. Qual é o objectivo disso, é exactamente obrigar as ginastas e treinadores a diversificar um pouco as suas metodologias. O que a gente vê, por exemplo, é que uma ginasta que domine de facto essa, eu estou a ver agora ginastas holandesas, ou outras que, por exemplo, façam o exercício todo em cubital também, que tornam os exercícios monótonos e faz com que as ginastas valendo-se só de uma ou duas técnicas componham todo o seu exercício. Quando de facto vale mais, e as últimas campeãs olímpicas a *Korkina* e outras, variam, ou seja, foram de facto as melhores porque tinham uma grande variedade de elementos diferentes, de grupos de estrutura diferentes. E isso a meu ver é uma das coisas e situações que ainda deve ser alterado, nesse sentido, de resto acho que está bem." Já o T2 "sobre o código não. Tudo o que nós desejamos é naturalmente que o corpo de juízes se limite cada vez mais única e exclusivamente a fazer uma interpretação o mais correcta e aproximada do código e que não coloque "ruídos" na interpretação do desempenho das atletas, que vão descaracterizar a modalidade e vão criar situações anómalas e sempre indesejáveis. Não é o código em si, é depois a sua aplicação e por

quem é aplicado." Enquanto que o T4 menciona que "há muitas coisas que se podem dizer mas também que já perguntaste. Que eu fui dizendo que era melhor ou pior, aquilo dos gímnicos, a parte dos acrobáticos. Há ligações que já deixaram de ter valor e que valorizam os esquemas. Há por exemplo uma coisa no código, nas paralelas, que eu não concordo nada e que acho que devia ser alterado, e que mudou o cariz das paralelas. Que é o facto das rotações que acabam fora dos 30º, há umas que é aos 30º e outras que é aos 10º, não terem valor nenhum ou terem valor e descontar 5 décimos, e 5 décimos é quase a mesma coisa que cair, uma queda, e portanto, o que é que veio alterar, é que as pessoas não fazem. Se desconta e as pessoas aplicam o código, e o código é para aplicar, se aplicam não fazem, e portanto perdeu o cariz das rotações, dos gigantes com pirueta e portanto, eles depois obrigaram a fazer as piruetas mas no entanto, depois dizem que se não terminar a pirueta ou se acabar a pirueta não sei aonde desconta 5 décimos e as pessoas só fazem uma pirueta para cumprir e depois não fazem mais nada. E agora, há esquemas no alto nível, que são esquemas que se olha e se interroga se isto é que é o alto nível. Fazem elementos muito simples, que são C e D mas que para o alto nível são simples e que dantes se viam esquemas mais bonitos, mais valiosos, mais difíceis, tu olhavas e querias tentar atingir aquilo. Hoje em dia olhas para aquilo e dizes ai é isto, então vou fazer mais elementos fáceis, muitos elementos fáceis, que também valorizam o esquema, e pronto, e só faço isto. E perdeu ali algumas coisas, que podia ter valorizado, apesar de haver algumas ginastas que são excelentes e continuam a fazê-los mas quem não é excelente não faz, e portanto como em tudo só há alguns que são muito bons e mesmo os muito bons às vezes não fazem porque também têm, por vezes, uma taxa de insucesso grande, e como o código penaliza muito, os descontos são muito rigorosos e exigentes, não fazem." O T5 recorda "o que eu já suspeitava … criticava-se o código anterior, porque ganhava uma com 9.725 e a outra que ficava em segundo tinha 9.712, e dizia-se que isso agora era impossível de acontecer, hoje em dia, que já era pouquíssimas vezes que isso ia acontecer, não, isso continua a acontecer. Por menos de um décimo se ganha e se perde, e pódios no mesmo décimo, pódios inteiros, primeiro, segundo e terceiro. Conclusão, não penso que o código tenha alterado muito significativamente a forma de pontuar, alterou a ginástica sim, mas não a forma de pontuar. E acima de tudo o que eu penso no ajuizamento, é que mais do que o código estar mais num sentido ou noutro sentido, a seriedade dos juízes é que é um aspecto fundamental, e o controlo sobre os juízes, esse sim, esse é outro aspecto fundamental. Em relação ao código é só uma questão de cumprir ou de não cumprir aquilo que lá está." Já o T6 refere "…que este código novo é muito exigente em tudo. Artística, dificuldade e execução. Estas 3 coisas obrigaram cada vez mais a que as

ginastas tenham que ser perfeitas, tudo perfeito, tem de ser perfeita. Por isso é complexo treinar umas ginastas que têm que ser de base muito boas, flexibilidade muito boa, muito forte fisicamente, é tudo. Eu acho que em Portugal é preciso mais qualidade de execução, porque as nossas ginastas não são tão bem seleccionadas e então temos todo o tipo de ginastas… e somos pouco, e acho que a essência da qualidade tem que se melhorar e cada ginasta tem a sua linha." E por fim temos a T8, que nos diz que "apenas desejava que cá em Portugal as coisas fossem pensadas um bocadinho à realidade portuguesa e não nos cingirmos ao código que existe lá fora, porque apesar de ter sido simplificado o código, às vezes questiono-me em que é que foi simplificado e inclusive, eu estou a falar, tendo conhecimento das coisas porque participei numa das reuniões em que se falava na simplificação do código, numa reunião da Federação (FPG), e para mim não foi simplificado suficientemente, acho, por exemplo, para mim o dos rapazes está muito melhor pensado que o das raparigas."

Passamos já de seguida, à análise e interpretação feita às nossas juízes portuguesas, como já indicamos em cima. Foram treze das mais cotadas a nível de ranking nacional, internacional e de experiência.

5.2 Apresentação, Análise, Interpretação e Discussão às transcrições das Entrevistas realizadas às Juízes de GAF

Explicitadas as principais unidades de registo e análise realizadas a cada um dos sujeitos entrevistados, mais especificamente ao grupo de estudo dos treinadores, em relação às questões consideradas mais pertinentes para o objectivo deste estudo, passamos à mesma análise de conteúdo da transcrição das entrevistas, mas desta vez em relação às juízes portuguesas. Serão apresentados, em seguida, os Quadros relativos a cada uma das perguntas, assim como a respectivo Figura. O guião da entrevista, assim como alguns dos seus principais conteúdos, encontram-se, respectivamente, nos Anexos.

5.2.1 Questão 2.2.4 do Guião da Entrevista efectuada às Juízes: Em relação ao Código de Pontuação de Ginástica Artística Feminina (CP 2006), considera terem existido grandes mudanças/alterações em relação ao último Código em vigor (CP 2001)?

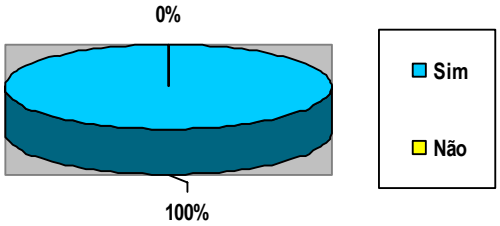


Figura 33: % de indivíduos que considera terem existido grandes mudanças/alterações em relação ao último Código em vigor (CP 2001), em relação ao Código de Pontuação de GAF (CP 2006)

Pela análise da Figura 33 as respostas obtidas foram de 100% para o sim, sendo unânime a opinião de todas as juízes por nós entrevistadas. Para todas elas o CP 2006 da GAF sofreu uma substancial mudança a nível das suas alterações levando em conta o último CP em vigor, o de 2001.

Em relação ao facto das mudanças que se verificaram de um CP para outro o grupo de estudo de juízes por nós entrevistadas foi uniforme no que diz respeito a este sector (questão). Todos concordam com o facto de terem existido grandes mudanças/alterações neste código de pontuação (CP 2006) em relação ao último código em vigor (CP 2001) (13=100%), como podemos verificar pela Figura 33.

5.2.1.1 Questão 2.2.4 (Continuação) do Guião da Entrevista efectuada às Juízes: Em relação ao Código de Pontuação de Ginástica Artística Feminina (CP 2006), considera terem existido grandes mudanças/alterações em relação ao último Código em vigor (CP 2001)? E Questão 2.2.4.1 do Guião da entrevista efectuada aos Juízes: Se sim, quais considera terem sido as mais significativas?

Quadro 75: Análise da Questão: "Em relação ao código de Pontuação de Ginástica Artística Feminina (CP 2006), considera terem existido grandes mudanças/alterações em relação ao último Código em vigor (CP 2001)? Se sim, quais considera terem sido as mais significativas?"

CATEGORIA	UNIDADE DE REGISTO	ENUMERAÇÃO/ QUANTIFICAÇÃO		UNIDADE DE CONTEXTO
		N	%	
ALTERAÇÕES DO CÓDIGO DE PONTUAÇÃO	1) Sim	13	100,00%	
	2) Não	0	00,00%	
	3) O código sofreu uma mudança radical, houve muitíssimas alterações	5	38,46%	"Sim. Claro que houve muitíssimas alterações. O código teve uma mudança radical…"; "Sim, foram alterações radicais mesmo."; "Este código, no meu entender teve realmente enormes mudanças, as mudanças que eu acho que se calhar mais se notam tem a ver com o valor que se dá ao que a ginasta faz actualmente."; "Houveram mudanças muito

				grandes."; "Sim, grandes mudanças mesmo.".
	4) A Filosofia de avaliação mudou	1	7,69%	"O código teve uma mudança radical e principalmente a filosofia de avaliação é que mudou."
	5) A estrutura habitual a que todos estavam habituados mudou completamente	1	7,69%	"E portanto, toda a estrutura que os juízes e treinadores estavam habituados ao longo de muitos anos, mudou completamente."
ALTERAÇÕES DO CÓDIGO DE PONTUAÇÃO	6) Prevalência à execução correcta/ a nível da nota B está muito mais exigente, as penalizações estão bastante altas	5	38,46%	"Consequentemente, principalmente as mudanças mais significativas foram mesmo na filosofia que eles criaram à volta do novo código, ou seja, que é a prevalência à execução correcta."; "A nível da nota B também, na minha opinião, principalmente na GAF, acho que está muito mais exigente do que estava em relação ao último código."; "…outra das diferenças a referir é o facto de agora as penalizações estarem bastante altas, sendo outra das diferenças significativas, …"; "As mais significativas foram sobretudo em termos de execução. Porque como agora se pontua a execução e a dificuldade separadamente dá-se muito mais valor à execução. O que implica que quem arriscar mais pode não ter grandes regalias com isso a não ser que seja tecnicamente muito bem feito e sem falhas."; "Ou seja, penso que antigamente dava-se muito mais valor aos elementos de dificuldade ou à ginasta fazer mais coisas e evoluir a nível de elementos e agora não, acho que se dá mais valor à ginasta que pode fazer menos mas mais perfeito. Acho que houve uma grande mudança a nível da perfeição e da correcção dos elementos que a ginasta faz, muito mais exigente a nível de perfeição, correcção e de postura. Nestes aspectos acho que o código ficou extremamente mais exigente."
	7) O facto de ter deixado de existir uma nota limite, a nota máxima dos 10 pontos e passar a haver uma nota ilimitada	9	69,23%	"Em primeiro ter acabado a nota máxima de 10 pontos e não haver uma nota limite."; "De um código para o outro as diferenças mais significativas foram, o já não existir um limite, que antigamente era o dez, agora a ginasta pode tentar obter uma nota cada vez mais elevada, …"; "Obviamente que quem faz coisas muitas dificuldades e bem feitas vai ser beneficiada por isso, evidentemente, porque antigamente a ginasta tinha uma barreira, a nota dez."; "A mais significativa de todas foi a não existência de um tecto, isto é, antigamente existia a nota máxima de 10 valores, agora neste novo código já não existe isso, e as ginastas não têm limite da nota A. Para mim foi a principal alteração."; "A diferença mais significativa tem haver com o facto de não termos nota máxima agora, somar a nota de dificuldade com a nota de execução, por isso não há tecto agora, está aberto."; "A mais significativa de todas é o facto de a nota máxima ter deixado de ser o 10 e agora ser considerada uma espécie de recorde, em que a nota A e a nota B são adicionadas."; "E a maior que salta à vista de toda a gente é realmente ter desaparecido o dez de nota máxima. O acabarmos com o dez como perseguição do objectivo máximo e passar a ser uma nota ilimitada."; "O facto da nota

ALTERAÇÕES DO CÓDIGO DE PONTUAÇÃO				10 ter sido abolida, essencialmente, porque as exigências não foram assim umas alterações … houve alterações mas não foram mudar aquilo que era a trave ou aquilo que era as paralelas, não mudou, mas a nota 10 acho que foi a mais significativa."; "A principal acho que foi o ter deixado de existir o 10 e tudo mudou em termos de elementos, …".
	8) Melhor distinção das ginastas muito boas das boas, algo que quando existia uma nota limite, máxima de 10 pontos se tornava mais difícil. Desta forma, agora quem faz/apresenta um exercício com maior grau de dificuldade e é melhor na execução/correcção, e é perfeita, é beneficiada	2	15,38%	"Em primeiro ter acabado a nota máxima de 10 pontos e não haver uma nota limite. E através disso, na minha opinião, acho que agora se consegue distinguir os ginastas muito bons dos bons, algo que não se conseguia distinguir quando o código tinha uma nota máxima de 10 pontos."; "Obviamente que quem faz coisas muitas dificuldades e bem feitas vai ser beneficiada por isso, evidentemente, porque antigamente a ginasta tinha uma barreira, a nota dez."
	9) A nível da dificuldade está muito mais exigente/ Atingir ao nível da nota A valores elevados é extremamente difícil (o facto de não haver limite da nota A)	6	46,15%	"A nível da dificuldade ficou mais exigente, os atletas para conseguirem notas de partida mais altas (nota A) têm que fazer um maior nível de dificuldades e um maior número de dificuldades de elevado nível."; "A exigência de mais dificuldade nos exercícios."; " … a dificuldade … O que implica que quem arriscar mais pode não ter grandes regalias com isso a não ser que seja tecnicamente muito bem feito e sem falhas."; "Acho que aumentou a dificuldade de construção dos exercícios, porque como agora tem que se fazer por A-, B-, C-, por aí adiante, e é isso que dá a nota A acho que é muito mais difícil de construir os exercícios. Além de que como saíram muitas ligações muito mais fáceis, é mais difícil de conseguir atingir uma nota A alta."; "A mais significativa de todas foi a não existência de um tecto, isto é, antigamente existia a nota máxima de 10 valores, agora neste novo código já não existe isso, e as ginastas não têm limite da nota A. Para mim foi a principal alteração."; "…e tudo mudou em termos de elementos, o facto da dificuldade actualmente ser mais exigente e…".
	10) A possibilidade de se poder tentar obter uma nota cada vez mais elevada em cada aparelho/ Somar a nota de dificuldade com a nota de execução	3	23,08%	"…agora a ginasta pode tentar obter uma nota cada vez mais elevada, essa foi uma das diferenças mais significativas, …"; "A diferença mais significativa tem haver com o facto de não termos nota máxima agora, somar a nota de dificuldade com a nota de execução, por isso não há tecto agora, está aberto."; "…a nota A e a nota B são adicionadas.".
	11) A existência de elementos de valor bastante elevados	1	7,69%	"…sendo outra das diferenças significativas, e o facto de agora haver elementos com valor bastante elevado, porque agora existe elementos de valor F e valor G e que no código anterior não existiam."
	12) Privilegia os elementos acrobáticos que conduz a uma maior espectacularidade à modalidade	1	7,69%	"Este código privilegia mais os elementos acrobáticos, logo dão mais espectacularidade à modalidade. A exigência de mais dificuldade nos exercícios."
	13) Aumentou a dificuldade na	1	7,69%	"Acho que aumentou a dificuldade de construção dos

	construção dos exercícios			exercícios, porque como agora tem que se fazer por A-, B-, C-, por aí adiante, e é isso que dá a nota A acho que é muito mais difícil de construir os exercícios. "
	14) A eliminação de muitas ligações tornou mais difícil atingir uma nota A mais elevada	1	7,69%	"Além de que como saíram muitas ligações muito mais fáceis, é mais difícil de conseguir atingir uma nota A alta."
	15) Retira o valor e a base da GAF, pois agora a maior parte das ginastas não arriscam a fazer mais elementos de maior dificuldade para serem bonificadas (ou "não se deve mesmo arriscar", "jogam pelo seguro")	1	7,69%	"Nestes aspectos acho que o código ficou extremamente mais exigente. E retirou um bocado aquele valor que eu penso que era um bocadinho a base da ginástica, penso eu, se concordam ou não… não sei, mas que a ginasta que arriscava e que fazia mais elementos de maior dificuldade era bonificada por isso e hoje em dia eu penso que não é assim. Obviamente que quem faz coisas muitas dificuldades e bem feitas vai ser beneficiada por isso, evidentemente, porque antigamente a ginasta tinha uma barreira, a nota dez."
	16) Ao nível das faixas etárias mais baixas sente-se mais a mudança e a diferença ao nível da dificuldade	1	7,69%	"Mas quem tem um grupo de trabalho mais baixo, sente-se mais essa diferença a nível da dificuldade, do elemento difícil e ao mesmo tempo do elemento mais baixo mas perfeitinho. Num grupo de trabalho não internacional, mais abaixo, principalmente a nível da faixa etária, uma faixa etária mais baixa, se calhar sente-se mais essa mudança nesse ponto."
ALTERAÇÕES DO CÓDIGO DE PONTUAÇÃO	17) Haver agora uma espécie de "recorde"	1	7,69%	"A mais significativa de todas é o facto de a nota máxima ter deixado de ser o 10 e agora ser considerada uma espécie de recorde, em que a nota A e a nota B são adicionadas."
	18) Criados novos factores de avaliação ao nível da nota A, além das dificuldades que já havia, agora há os grupos estruturais	1	7,69%	"Foram criados novos factores de avaliação da nota A, além das dificuldades que já havia agora há os grupos estruturais."
	19) As constantes modificações do CP a todos os níveis não é nada benéfico	1	7,69%	"Agora de 2001 foi criada uma série de factores que não estavam incluídos na nota A e a última versão do código que foi agora modificada há questão de 2 meses é que a composição tornou a passar para a nota A, e isto torna a ter que modificar todo o sistema informático relativo à competição, à entrada da nota pelo júri A e pelo júri B, outra coisa que também sofreu grandes alterações foram uma série de pequenos pormenores da composição que não existia…"
	20) O objectivo principal deste CP era torná-lo o mais objectivo possível, isso é praticamente impossível	1	7,69%	"… a última versão do código que foi agora modificada há questão de 2 meses é que a composição tornou a passar para a nota A, e isto torna a ter que modificar todo o sistema informático relativo à competição, à entrada da nota pelo júri A e pelo júri B, outra coisa que também sofreu grandes alterações foram uma série de pequenos pormenores da composição que não existia e que era mais subjectivo, porque o objectivo principal deste código é torná-lo objectivo, que no meu entender é praticamente uma coisa impossível."
	21) Toda a mudança ocorrida a nível de elementos	1	7,69%	"A principal acho que foi o ter deixado de existir o 10 e tudo mudou em termos de elementos, o facto da dificuldade actualmente ser mais exigente…"

ALTERAÇÕES DO CÓDIGO DE PONTUAÇÃO	22) O facto de só contarem os dez elementos de maior dificuldade (os nove elementos mais a saída), que se torna bastante importante para a constituição dos exercícios	1	7,69%	"A principal acho que foi o ter deixado de existir o 10 e tudo mudou em termos de elementos, o facto da dificuldade actualmente ser mais exigente e o facto de agora só contarem os dez elementos de maior valor, os 9 mais a saída, acho que é bastante importante até para a constituição dos exercícios, não tanto para em termos de estar a pontuar, mas para a realização de exercícios é muito importante, acho que foi basicamente isso."

Como já expusemos todos as juízes reconheceram terem existido grandes alterações e modificações de um código de pontuação para outro, visto terem sido tão significativas, daí o elevado número de resultados obtidos no que diz respeito àquelas que eles consideram serem ou terem sido as mais significativas ("à primeira vista"). Pois neste momento, visto ainda ser tudo muito recente, tudo depende das suas interpretações e das suas aplicações práticas no momento (no terreno), as quais mais tarde podem aperceber-se que talvez esse ou este pode já não ser o tão significativo no seu raciocínio devido à aplicação e à frequência cada vez maior da sua utilização e alterarem completamente o seu pensamento, modo de expor as suas ideias e pontos de vista em relação ao questionado. Dessa forma mudar completamente as suas prioridades em termos das mudanças mais significativas, que ao início pareceriam as mais correctas e indicadas para este novo código no seu modo de ver e pensar. Tudo depende da forma de pensar, interpretar, aplicar e principalmente "ler" e da forma de ver as coisas e as suas possíveis consequências futuras e as dificuldades já sentidas ou não. E, claro, que a experiência a nível da pontuação das competições começa a proporcionar mais prática e mais facilidade dentro e fora das competições, com a colocação de dúvidas e troca de ideias sobre algumas, ou não, interrogações, inquietações ou mesmo inseguranças perante as regras do CP ou somente de um aparelho (tudo se torna possível e não há que ter vergonha ou qualquer constrangimento pois é com a rotina e "discussão" que vai haver evolução, cada vez mais êxito e menos erro). Aprendendo, pesquisando e mostrando o constante interesse e desenvolvimento pelas coisas e pela modalidade em si, não só em termos de regras mas também a nível da própria aplicação destas, pois às vezes o domínio teórico não se comprova a nível prática, o seu desempenho por vezes não é idêntico. Obviamente que quanto mais se dominar a teoria mais fácil será ou deveria ser a correcta aplicação na prática, tudo dependendo da interpretação e da forma de estar e ver os exercícios.

O ser juiz de GAF é um cargo controverso e por vezes polémico pois há sempre muita contestação e dúvidas por parte dos treinadores, não tanto dos atletas, mas por vezes provoca uma certa pressão que pode induzir mesmo em erro simplesmente por esse facto. Uma juiz tem que estar habituada a esse tipo de situações e ter personalidade e conhecimentos muito fortes para não ser influenciada, perdendo a sua total credibilidade, que é o que mais caracteriza ou pode qualificar uma juiz.

Há, nestes casos, a necessidade de liderança e de organização de procedimentos no desenvolvimento de estratégias a nível da organização na altura da avaliação e da competição/rotações de cada aparelho. Isso passa pelas supervisoras de cada aparelho, ou pelo júri A, a quem lhe cabe representar essa função, e interpretar os casos mais duvidosos das competições, decidindo sem ter qualquer dúvidas (ou simplesmente consultar a Supervisora dos aparelhos), para desta forma dar confiança ao restante corpo de juízes. Por outro lado, é necessária também uma boa capacidade relacional na interacção com os restantes órgãos que representam e fazem parte da competição.

Porém, relativamente à questão "Em relação ao código de Pontuação de Ginástica Artística Feminina (CP 2006), considera terem existido grandes mudanças/alterações em relação ao último Código em vigor (CP 2001)? Se sim, quais considera terem sido as mais significativas?", pertencente à **categoria**, **alterações do código de pontuação**, o Quadro mostra-nos vinte e duas unidades de registo, entre as quais, nas duas primeiras não há qualquer dúvida, todos apontaram para o sim, consideraram ter existido grandes modificações e transformações no último código em vigor tendo como referencia o anterior (CP 2001). Desta forma, baseamos as seguintes unidades nas suas respostas dadas em relação às quais consideravam ter sido as mais significativas, tendo sido referidas as seguintes unidades das restantes vinte, pois as duas primeiras já foram referidas (a primeira referente ao sim (13 respostas=100%) e a segunda referente ao não (0=0%)). Daí que a terceira unidade de registo se refere ao facto de o código ter sofrido uma mudança radical, houve muitíssimas alterações (5=38,46%); na quarta unidade temos o caso da Filosofia de avaliação ter mudado (1=7,69%); a quinta unidade de registo dada pelas nossas entrevistadas indica-nos que a estrutura habitual a que todos estavam habituados mudou completamente (1=7,69%); a seguinte fala-nos de algo muito importante e pertinente hoje em dia no CP 2006 da GAF que se refere à execução correcta/ a nível da nota B está muito mais exigente, as penalizações estão bastante altas (onde obtivemos 5 respostas=38,46%); a sétima tem haver com o facto de ter deixado de existir uma nota limite, a nota máxima dos 10 pontos e

passar a haver uma nota ilimitada (9=69,23%); de seguida a referência à melhor distinção das ginastas muito boas das boas, algo que quando existia uma nota limite, máxima de 10 pontos, se tornava mais difícil. Desta forma, agora quem faz/apresenta um exercício com maior grau de dificuldade e é melhor na execução/correcção, é perfeita, é beneficiada (2=15,38%); a nona unidade fala-nos a nível da dificuldade que está muito mais exigente/atingir a nível da nota A valores elevados é extremamente difícil (o facto de não haver limite da nota A) (6=46,15%); a décima unidade de registo tem haver com a possibilidade de se poder tentar obter uma nota cada vez mais elevada em cada aparelho/ somar a nota de dificuldade com a nota de execução (3=23,08); depois temos a existência de elementos de valor bastante elevados (1=7,69%); de seguida, a décima segunda unidade de registo que privilegia os elementos acrobáticos que conduz a uma maior espectacularidade à modalidade (1=7,69%); a décima terceira onde se refere que houve um aumento a nível da dificuldade na construção dos exercícios (1=7,69%); logo de seguida a eliminação de muitas ligações tornou mais difícil atingir uma nota A mais elevada (1=7,69%); uma das juízes, que nos fez classificar como a décima quinta unidade de registo, a esta questão diz que este CP retira o valor e a base da GAF, pois agora a maior parte das ginastas não arriscam a fazer mais elementos de maior dificuldade para serem bonificadas (ou "não se deve mesmo arriscar", "jogam pelo seguro") (1=7,69%); já ao nível das faixas etárias mais baixas sente-se mais a mudança e a diferença ao nível da dificuldade (1=7,69%); a décima sétima unidade refere-se ao facto de agora haver uma espécie de "recorde" (1=7,69%); daí o terem sido criados novos factores de avaliação ao nível da nota A, além das dificuldades que já havia, agora há os grupos estruturais (1=7,69%); a décima nona tem a ver com as constantes modificações do CP a todos os níveis o qual não é nada benéfico (1=7,69%); a vigésima prende-se com o objectivo principal deste CP que era torná-lo o mais objectivo possível, e isso é praticamente impossível (1=7,69%); além de toda a mudança ocorrida a nível de elementos (1=7,69%); e, finalmente a vigésima segunda e última unidade de registo relativa às mudanças mais significadas verificadas pelas juízes entrevistadas prende-se com o facto de só contarem os dez elementos de maior dificuldade (os nove elementos mais a saída), que se torna bastante importante para a constituição/construção dos exercícios (1=7,69%).

Todavia, todas estas unidades de registo apresentadas e referenciadas estão de uma forma ou de outra confrontadas e comparadas umas com as outras, como tem sido em alguns dos casos várias vezes referido.

A J7 refere o seguinte: "este código, no meu entender teve realmente enormes mudanças, as mudanças que eu acho que se calhar mais se notam tem a ver com o valor que se dá ao que a ginasta faz actualmente. Ou seja, penso que antigamente dava-se muito mais valor aos elementos de dificuldade ou à ginasta fazer mais coisas e evoluir a nível de elementos e agora não, acho que se dá mais valor à ginasta que pode fazer menos mas mais perfeito. Acho que houve uma grande mudança a nível da perfeição e da correcção dos elementos que a ginasta faz, muito mais exigente a nível de perfeição, correcção e de postura. Nestes aspectos acho que o código ficou extremamente mais exigente. E retirou um bocado aquele valor que eu penso que era um bocadinho a base da ginástica, penso eu, se concordam ou não… não sei, mas que a ginasta que arriscava e que fazia mais elementos de maior dificuldade era bonificada por isso e hoje em dia eu penso que não é assim. Obviamente que quem faz coisas difíceis, com muitas dificuldades e bem feitas vai ser beneficiada por isso, evidentemente, porque antigamente a ginasta tinha uma barreira, a nota dez. Mas quem tem um grupo de trabalho mais baixo, sente-se mais essa diferença a nível da dificuldade, do elemento difícil e ao mesmo tempo do elemento mais baixo mas perfeitinho. Num grupo de trabalho não internacional, mais abaixo, principalmente a nível da faixa etária, uma faixa etária mais baixa, se calhar sente-se mais essa mudança nesse ponto.". Enquanto que a J10 reforça um bocado as constantes alterações e as confusões e más interpretações a que isso por vezes pode levar, e isso está de uma forma ou de outra presente no seu discurso que passamos a citar: "houveram mudanças muito grandes. A mais significativa de todas é o facto de a nota máxima ter deixado de ser o dez e agora ser considerada uma espécie de recorde, em que a nota A e a nota B são adicionadas. Foram criados novos factores de avaliação da nota A, além das dificuldades que já havia agora há os grupos estruturais. E as bonificações deixaram de ser incluídas e passaram para a nota A, durante muito tempo esteve incluída na nota A, depois passou para a nota B, depois passou novamente para a nota A, agora tornou a passar para a nota B, e quando eu falo de bonificações é em relação à expressão artística, porque houve um tempo em que o código tinha virtuosismo, originalidade, e… já não me lembro da outra palavra… tenho que ir consultar os códigos antigos. Agora de 2001 foram criados uma série de factores que não estavam incluídos na nota A e a última versão do código que foi agora modificada há questão de 2 meses é que a composição tornou a passar para a nota A, e isto torna a ter que modificar todo o sistema informático relativo à competição, à entrada da nota pelo júri A e pelo júri B. Outra coisa que também sofreu grandes alterações foi uma série de pequenos pormenores da composição que não existia e que era mais subjectivo, porque o objectivo principal deste código é torná-lo objectivo, que no meu entender é

praticamente uma coisa impossível." E isto resume um pouco a imprecisão em que o CP se encontra e daí a necessidade das constantes modificações/alterações, adaptações/correcções, senão mensais, semanais ou por vezes até mesmo diárias, o que não beneficia em nada a modalidade, além de que as consequências não atingem somente as juízes, mas algumas alterações muda completamente a orientação e planeamento do treino, prejudicando desta forma, também, treinadores e as próprias ginastas.

5.2.1.2 Questão 2.2.4.2 do Guião da Entrevista efectuada aos Juízes: Das mudanças/alterações verificadas, quais são no seu entender, as vantagens e desvantagens?

Quadro 76: Análise da Questão: "Das mudanças/alterações verificadas, quais são no seu entender, as vantagens e as desvantagens?"

CATEGORIA	UNIDADE DE REGISTO		ENUMERAÇÃO/ QUANTIFICAÇÃO		UNIDADE DE CONTEXTO
			N	%	
ALTERAÇÕES DO CÓDIGO DE PONTUAÇÃO	**VANTAGENS**	1) Código muito mais justo para as ginastas	1	7,69%	"A vantagem… acho que este código é muito mais justo para as ginastas."
		2) Não haver limite de bonificações	3	23,08%	"Por exemplo, contavam-se, havia ginastas que tinham bonificações de 3 pontos mas só se podia contar 1.20 pontos. Enquanto que agora se pode contabilizar porque não vai haver esse limite."; "As vantagens, como já tinha referido anteriormente, é o poder distinguir o muito bom do bom porque antigamente, no CP 2001, as juízes só tinham 1.20 pontos para as bonificações, só podiam atribuir 1.20 pontos para bonificações e passando esse limite os que faziam mais do que isso não valia a pena porque só tinham 1.20 pontos e agora esses ginastas que continuam a conseguir fazer, seja através dos valores de ligação, da bonificação de elementos vão conseguir distinguir-se dos outros que só têm aquele determinado número de ligações e aquele determinado número de dificuldades de elevado nível."; "Dantes o máximo de pontuação que podia atingir com as bonificações era 1,20 pontos quer ela fizesse muito ou pouco, não havia distinção, aí não havia muitas diferenças, agora como ela pode alcançar uma pontuação ilimitada, basta uma ginasta fazer cada vez mais elementos de valor F, de valor G, e tentar apostar em elementos de elevado coeficiente de dificuldade, faz com que ela consiga uma nota A elevada, uma nota mais elevada, isso acho que vai trazer para as ginastas uma motivação acrescida."
		3) A não possibilidade de não se	1	7,69%	"A vantagem… acho que este código é muito mais justo

		poder ultrapassar o topo dos 10 pontos, fazia com que os ginastas de grande nível tivessem notas iguais a outras ginastas de nível inferior devido ao limite imposto, o que neste momento não acontece			para as ginastas. Ou seja, nós ultimamente estávamos a assistir nas provas internacionais a ginastas de grande nível a terem notas iguais a outras ginastas com nível inferior só porque aquele topo dos 10 pontos já não se podia ultrapassar. Por exemplo, contavam-se, havia ginastas que tinham bonificações de 3 pontos mas só se podia contar 1.20 pontos. Enquanto que agora se pode contabilizar porque não vai haver esse limite."
ALTERAÇÕES DO CÓDIGO DE PONTUAÇÃO	**VANTAGENS**	4) Poder distinguir as ginastas muito boas das boas/ Colocar cada uma no seu patamar, obtendo desta forma uma melhor graduação	5	38,46%	"As vantagens, como já tinha referido anteriormente, é o poder distinguir o muito bom do bom porque antigamente, …"; "…ela fizesse muito ou pouco, não havia distinção, aí não havia muitas diferenças, agora como ela pode alcançar uma pontuação ilimitada, …"; "em relação ao alto nível distingue-se melhor as ginastas, é mais fácil de conseguir distingui-las no alto nível. … Em termos de avaliação de muito bom nível é muito mais fácil de as distinguir."; "As vantagens são que tornou-se e pretende-se que haja uma diferenciação muito maior entre as ginastas muito boas, as boas, as médias e as fracas, está muito mais exacto na execução da técnica portanto isso também faz a diferenciação."; "Vantagens é colocar cada ginasta no seu patamar, conseguir distribuir melhor esse leque, essa nota ilimitada permite colocar cada ginasta no seu patamar, graduar mais as ginastas."
		5) O facto de não haver um limite de nota a atingir/ Pontuação ilimitada	4	30,77%	"Para uma ginasta tem vantagens em termos da nota a atingir, o facto de ela não ter um limite a atingir, como acontecia antigamente, que era o dez, e muitas ginastas já tinham obtido esse limite há muito tempo, já obtiveram esse objectivo há bastante tempo O facto de não haver limite faz com que a ginasta tente trabalhar cada vez mais para conseguir uma nota cada vez mais elevada. … agora como ela pode alcançar uma pontuação ilimitada, basta uma ginasta fazer cada vez mais elementos de valor F, de valor G, e tentar apostar em elementos de elevado coeficiente de dificuldade, faz com que ela consiga uma nota A elevada, uma nota mais elevada, isso acho que vai trazer para as ginastas uma motivação acrescida."; "Agora as ginastas não têm limite, podem sempre superar e tentar atingir outras notas superiores…"; "… essa nota ilimitada permite colocar cada ginasta no seu patamar, graduar mais as ginastas."; "… ou seja não há um limite, …".
		6) Motivação acrescida para atingir cada vez mais uma nota mais elevada/ Lutar sempre por evoluir e progredir cada vez mais para não estabilizar, não desmotivar nem entrar em monotonia	3	23,07%	"Isso faz com que, no meu ver, seja uma vantagem para a ginasta ter sempre um objectivo a atingir. Cada vez pode subir mais, pode cada vez tentar mais e mais, não há um limite, dá para que a ginasta tente evoluir cada vez mais. … agora como ela pode alcançar uma pontuação ilimitada, basta uma ginasta fazer cada vez mais elementos de valor F, de valor G, e tentar apostar em

					elementos de elevado coeficiente de dificuldade, faz com que ela consiga uma nota A elevada, uma nota mais elevada, isso acho que vai trazer para as ginastas uma motivação acrescida."; "Agora as ginastas não têm limite, podem sempre superar e tentar atingir outras notas superiores e … por exemplo, ver quem é que consegue mais."; "Eu acho que a vantagem é o *score*, ou seja não há um limite, não sei até que ponto é que será uma vantagem, mas se houver um código definitivo isso é sempre uma vantagem, porque não haverá alterações mas há sempre um tentar progredir cada vez mais e evoluir com uma base.".
ALTERAÇÕES DO CÓDIGO DE PONTUAÇÃO	**VANTAGENS**	7) A existência de elementos de valor de dificuldade cada vez maiores, de valor F e de valor G, e a possibilidade de os poder realizar para tentar atingir um valor de dificuldade/ Uma Nota A cada vez mais elevada	1	7,69%	"Cada vez pode subir mais, pode cada vez tentar mais e mais, não há um limite, dá para que a ginasta tente evoluir cada vez mais. Dantes o máximo de pontuação que podia atingir com as bonificações era 1,20 pontos quer ela fizesse muito ou pouco, não havia distinção, aí não havia muitas diferenças, agora como ela pode alcançar uma pontuação ilimitada, basta uma ginasta fazer cada vez mais elementos de valor F, de valor G, e tentar apostar em elementos de elevado coeficiente de dificuldade, faz com que ela consiga uma nota A elevada, uma nota mais elevada, isso acho que vai trazer para as ginastas uma motivação acrescida."
		8) Torna a modalidade mais espectacular, o público vê mais elementos	2	15,38%	"A vantagem é tornar a modalidade mais espectacular."; "A vantagem, sinceramente, quer dizer, acaba por em termos do público ver mais elementos, … Mas em termos de espectáculo acaba por ser mais espectacular o facto de elas terem que fazer logo as dificuldades, pronto, e não estarem a colocar elementos que não interessam que antigamente acabavam por não contar, e actualmente como contam, convém que coloquem os elementos fortes, e não sei se isso em termos de espectáculo, se o público percebe isso tão bem, os números ficam mais fortes, ficam mais acrobáticos, ficam números mais fortes mas não sei se em termos de espectáculo se o público percebe a beleza, …".
		9) Os treinos vão-se tornar de muito mais qualidade e com muita mais qualidade/ Este CP obriga a treinar muitos elementos diferentes e arranjar uma maior variedade nos seus exercícios e de maior dificuldade	2	15,38%	"As vantagens, as pessoas vão treinar muito mais qualidade e com muita mais qualidade, …"; "As vantagens é que obriga as pessoas a treinarem muitos elementos diferentes, arranjar mais e uma maior variedade nos seus exercícios de maior dificuldade, …"
		10) O facto da execução/perfeição ser bastante mais valorizada	2	15,38%	"Vantagens, claro que há vantagens porque sendo a ginasta actualmente obrigada a fazer as coisas com maior perfeição e com mais elegância, e elementos bonitos eu acho que também é bom para o futuro dela e dá para trabalhar bastante melhor se ela for de base

					ensinada a fazer as coisas muito perfeitinhas e muito direitinhas, mesmo com um processo mais lento de aprendizagem depois se calhar, futuramente, as coisas são feitas de outra forma e saem muito melhores e se calhar para o futuro dela é capaz de ser mais vantajoso."; "As vantagens são que tornou-se e pretende-se que haja uma diferenciação muito maior entre as ginastas muito boas, as boas, as médias e as fracas, está muito mais exacto na execução da técnica portanto isso também faz a diferenciação."
ALTERAÇÕES DO CÓDIGO DE PONTUAÇÃO	**VANTAGENS**	11) A possibilidade de introduzir a noção de "*recorde*", de "*score*"	2	15,38%	"No entanto veio alterar esta forma de ver a ginástica como uma coisa estanque, era só a nota dez só a nota dez. Agora as ginastas não têm limite, podem sempre superar e tentar atingir outras notas superiores e pode-se introduzir a noção de *recorde*, por exemplo, ver quem é que consegue mais."; "Eu acho que a vantagem é o *score*, ou seja não há um limite, não sei até que ponto é que será uma vantagem, mas se houver um código definitivo isso é sempre uma vantagem, porque não haverá alterações mas há sempre um tentar progredir cada vez mais e evoluir com uma base."
		12) Nas Paralelas Assimétricas o CP tornou os exercícios muito variados, mais difíceis e mais emocionantes	1	7,69%	"Nas paralelas tornou os exercícios muito variados, muito difíceis e muito mais emocionantes, nas paralelas é o onde eu vejo."
		13) O facto de contar somente os 10 elementos de maior valor (nove elementos mais a saída)	1	7,69%	"Mas em termos de espectáculo acaba por ser mais espectacular o facto de elas terem que fazer logo as dificuldades, pronto, e não estarem a colocar elementos que não interessam que antigamente acabavam por não contar, e actualmente como contam, convém que coloquem os elementos fortes, e não sei se isso em termos de espectáculo, se o público percebe isso tão bem, os números ficam mais fortes, ficam mais acrobáticos, ficam números mais fortes…"
	DESVANTAGENS	14) Para os países mais fracos, de desenvolvimento inferior a nível da ginástica artística, sem condições "optimais", ou pelo menos mínimas para uma prática digna desta modalidade, é mais difícil para as ginastas atingirem notas elevadas	4	30,77%	"… no meu entender as maiores desvantagens são para os países mais fracos, de desenvolvimento mais fraco na ginástica. Porque é mais difícil para as ginastas atingirem notas elevadas do que com o código anterior. Uma vez que a ginasta pode realizar 10 elementos de grande dificuldade, ou 11 ou 12, os que forem, e contar, contabilizar os de mais valor, enquanto que as ginastas de países menos desenvolvidos têm sempre que contar com elementos de menos valor. Quando no outro código era exigido os 3A, 3B e 2C, tanto fazia de ser de Portugal, como ser da América como ser da China, se as ginastas cumprissem aqueles 3A, 3B e 2 C (partes de valor) estavam em igualdade e agora não. As ginastas e os países de nível de desenvolvimento na ginástica mais fraco têm mais dificuldades. Essa acho que foi a maior

ALTERAÇÕES DO CÓDIGO DE PONTUAÇÃO	**DESVANTAGENS**				desvantagem."; "Em termos dos países em que a modalidade não está desenvolvida veio acentuar muito mais o "fosso" entre as muito boas e as muito más, eu acho que a grande desvantagem é essa."; "As desvantagens é que se por um lado faz essa diferenciação, por outro desanima e desmotiva um pouco os países mais fracos porque vêem que nunca mais podem chegar lá acima. Enquanto que dantes havia uma diferença digamos de uma ginasta média que chegava aos 9 pontos, 9.20 e aos 9.30, e havia essa diferença até aos 9.80, 9.90, agora a nota melhor é, digamos, de 17 pontos e as atletas mais fracas ficam-se pelos 10, 8 pontos e como ainda só houve um Campeonato do Mundo, aliás, dois Campeonatos do Mundo com este novo código, ainda não se pode propriamente fazer uma estatística e isso também é interessante porque à medida que as pessoas vão tendo noção do que é que uma nota no fundo significa…"; "Desvantagens, para quem não tem as condições para uma prática nas condições optimais de ginástica ficar cada vez mais longe de conseguir chegar lá, em termos de ginástica, de prática de ginástica, …".
		15) O facto de se contabilizar os 10 elementos de maior dificuldade (os nove mais a saída) para a obtenção da nota A, às ginastas de países menos desenvolvidos conta sempre os de menor valor	1	7,69%	"… no meu entender as maiores desvantagens são para os países mais fracos, de desenvolvimento mais fraco na ginástica. Porque é mais difícil para as ginastas atingirem notas elevadas do que com o código anterior. Uma vez que a ginasta pode realizar 10 elementos de grande dificuldade, ou 11 ou 12, os que forem, e contar, contabilizar os de mais valor, enquanto que as ginastas de países menos desenvolvidos têm sempre que contar com elementos de menos valor."
		16) Terem acabado, abolido, terminado com o mítico da ginástica artística, a nota 10, o máximo, o limite, que se associava à perfeição	3	23,08%	"As desvantagens, o terem acabado com o mítico da ginástica artística, o dez. O dez era a perfeição. A muitas pessoas ainda faz um bocado confusão, as próprias pessoas da modalidade ainda lhes faz um bocado confusão o não haver agora o dez como nota máxima, e terem um doze ou um treze, a mim como juiz ainda me faz confusão o ter que escrever uma nota final, um doze, um treze ou um catorze, ainda não estamos, pelo menos falo por mim, ainda não interiorizei bem o terem terminado com o dez."; "Relativamente a esta grande alteração eu penso que uma das desvantagens é que se perdeu um bocado aquela mística que existia em torno da nota 10, da Nadia Comanechi, a nota da perfeição, uma pessoa associava a ginástica ao 10, à nota máxima, que era a perfeição de tudo."; "Eu acho que a grande desvantagem foi o dez, deixou-se de ter a referência máxima, ou seja, aquilo que as ginastas querem atingir, e mesmo para os juízes a orientação, o dez, também era um bom orientador.".

ALTERAÇÕES DO CÓDIGO DE PONTUAÇÃO	**DESVANTAGENS**	17) A nota B/Execução está muito exigente e os descontos muito rigorosos a nível das penalizações	3	23,08%	"Nas desvantagens acho que é um bocado em relação à nota B, acho que estão muito rigorosos os descontos, …"; "…as desvantagens, à mínima falha uma atleta está "perdida". Agora é muito mínima a falha porque qualquer "passinho" ao lado já estragou tudo."; "Em termos de desvantagens, acho que as penalizações se calhar vieram trazer algumas desvantagens ao nosso código. Ainda por cima foi uma mudança grande, que nós juízes não estávamos habituadas, pelo o menos eu só conhecia um código de pontuação, e mudar assim radicalmente há desvantagens, …".
		18) Não há possibilidade de correr riscos, arriscar num bom exercício com muita dificuldade quando os descontos aplicados estão ao nível tão elevado a que se encontram. Originando uma nota inferior a uma ginasta que realizou menos dificuldade mas tudo na perfeição	2	15,38%	"…uma ginasta que realize um bom exercício e com dificuldade, arrisca-se por ter um exercício com dificuldade a ter mais descontos, o que acaba por originar, por vezes, uma nota inferior em relação a uma ginasta que realizou menos dificuldade mas na perfeição."; "…a penalização da ginasta quando faz as coisas não tão bem feitas ou a penalização da ginasta que faz uns exercícios e um exercício muito bem composto de solo e tem uma certa nota e uma ginasta que vai fazer um número que não tem nada a ver, muito inferior, mas perfeitinho, tem uma nota elevada e maior do que a ginasta que arriscou e que fez piruetas e duplos empranchadas, e duplos encarpados, e isso se calhar é uma desvantagem, …".
		19) O facto da execução estar muito exagerada pode originar, provocar, por vezes desmotivação, quer a nível dos atletas quer a nível dos treinadores	4	30,77%	"Nas desvantagens acho que é um bocado em relação à nota B, acho que estão muito rigorosos os descontos, e isso pode trazer por vezes a desmotivação para as ginastas, e isso é uma desvantagem, porque uma ginasta que realize um bom exercício e com dificuldade, arrisca-se por ter um exercício com dificuldade a ter mais descontos, o que acaba por originar, por vezes, uma nota inferior em relação a uma ginasta que realizou menos dificuldade mas na perfeição. E isso pode levar a ginasta a uma desmotivação. Isso pode ser uma desvantagem para este código porque pode originar desmotivação da atleta, então, está poderá achar que não valerá a pena esforçar-se muito porque basta fazer pouco mas bem, perfeito porque ganha àquela que faz triplos e elementos de grande dificuldade. Isso às vezes pode ser uma desvantagem para a modalidade."; "… a penalização da ginasta quando faz as coisas não tão bem feitas ou a penalização da ginasta que faz uns exercícios e um exercício muito bem composto de solo e tem uma certa nota e uma ginasta que vai fazer um número que não tem nada a ver, muito inferior, mas perfeitinho, tem uma nota elevada e maior do que a ginasta que arriscou e que fez piruetas e duplos empranchadas, e duplos encarpados, e isso se calhar é uma desvantagem, porque acho que isso

					se calhar não é motivador para uma ginasta, estando ela numa faixa etária em que já começa a entender e perceber um bocado do código, e se calhar isso não é assim tão bom, tão vantajoso, logo torna-se uma desvantagem."; "As desvantagens é que se por um lado faz essa diferenciação, por outro desanima e desmotiva um pouco os países mais fracos porque vêem que nunca mais podem chegar lá acima. Enquanto que dantes havia uma diferença digamos de uma ginasta média que chegava aos 9 pontos, 9.20 e aos 9.30, e havia essa diferença até aos 9.80, 9.90, agora a nota melhor é, digamos, de 17 pontos e as atletas mais fracas ficam-se pelos 10, 8 pontos…"; "E o facto de, eu acho que está muito exigente o código e a forma como está, faz com que ginastas que não tenham tanta capacidade abandonem, ou pura e simplesmente não tenham formas de ir às provas, ou seja, não conseguem cumprir os mínimos para se sentirem bem numa prova."
ALTERAÇÕES DO CÓDIGO DE PONTUAÇÃO	**DESVANTAGENS**	20) Os juízes não estão habituados a estas penalizações, o que provoca desvantagens devido à mudança radical	1	7,69%	"Em termos de desvantagens, acho que as penalizações se calhar vieram trazer algumas desvantagens ao nosso código. Ainda por cima foi uma mudança grande, que nós juízes não estávamos habituadas, pelo o menos eu só conhecia um código de pontuação, e mudar assim radicalmente há desvantagens, …".
		21) Alterou a forma de ver a Ginástica Artística Feminina	1	7,69%	"Relativamente a esta grande alteração eu penso que uma das desvantagens é que se perdeu um bocado aquela mística que existia em torno da nota 10, da Nadia Comanechi, a nota da perfeição, uma pessoa associava a ginástica ao 10, à nota máxima, que era a perfeição de tudo. No entanto veio alterar esta forma de ver a ginástica como uma coisa estanque, era só a nota dez só a nota dez. Agora as ginastas não têm limite, podem sempre superar e tentar atingir outras notas superiores e pode-se introduzir a noção de recorde, por exemplo, ver quem é que consegue mais.".
		22) Os exercícios nos aparelhos tornaram-se mais "feios", menos virtuosos, e muito mais monótonos, perdeu-se a beleza	1	7,69%	"…por outro lado, a desvantagem, é que… principalmente em determinados aparelhos como o solo e a trave, isso tornou os exercícios mais feios, é uma grande seca ver um exercício de trave hoje em dia, um exercício de solo… já há exercícios de solo com 5 séries acrobáticas e tirou a beleza,…".
		23) No solo é só acrobacia, quase que não há parte artística. Retirou a beleza que tanto caracterizava, motivava e comunicava com este aparelho (por exemplo)	2	15,38%	"… um exercício de solo… já há exercícios de solo com 5 séries acrobáticas e tirou a beleza, portanto aquilo que nós dizemos da parte artística, tirou completamente…"; "… os números ficam mais fortes, ficam mais acrobáticos, ficam números mais fortes mas não sei se em termos de espectáculo se o público percebe a beleza, porque para eles basta fazer um mortal com pirueta já está a ser muito bom, por isso não sei se a outro nível percebem o grau

					de dificuldade das coisas.".
		24) Acabou totalmente com a parte artística (beleza) da trave e do solo, que antigamente nos emocionava e comovia	1	7,69%	"… a desvantagem, é que… principalmente em determinados aparelhos como o solo e a trave, isso tornou os exercícios mais feios, é uma grande seca ver um exercício de trave hoje em dia, um exercício de solo… já há exercícios de solo com 5 séries acrobáticas e tirou a beleza, portanto aquilo que nós dizemos da parte artística, tirou completamente da trave e do solo, não há… há um exercício para aí nos Campeonatos do Mundo em solo que nos emociona, enquanto antigamente havia vários, neste momento há um, no máximo. Nas paralelas tornou os exercícios muito variados, muito difíceis e muito mais emocionantes, nas paralelas é o onde eu vejo."
		25) Este código privilegia, abre caminho para o aparecimento cada vez maior de ginastas especialistas	1	7,69%	"Agora, qual é a grande desvantagem que eu vejo aqui, abriu muito o caminho para ginastas especialistas, pronto, pessoas que só fazem saltos e solo, ou que só fazem paralelas, ou que só fazem trave, e eu não gosto muito dessa ideia de ginastas especialistas, …".
ALTERAÇÕES DO CÓDIGO DE PONTUAÇÃO	**DESVANTAGENS**	26) Não ter ginastas a fazer todos os aparelhos, logo, não haver ginastas completas	1	7,69%	"…e eu não gosto muito dessa ideia de ginastas especialistas, mas sim de ginastas que fazem todos os aparelhos, atletas completos.".
		27) Com o passar do tempo e o entendimento cada vez maior do CP, das competições, das notas, significa que começam a aparecer mais protestos	1	7,69%	"Enquanto que dantes havia uma diferença digamos de uma ginasta média que chegava aos 9 pontos, 9.20 e aos 9.30, e havia essa diferença até aos 9.80, 9.90, agora a nota melhor é, digamos, de 17 pontos e as atletas mais fracas ficam-se pelos 10, 8 pontos e como ainda só houve um Campeonato do Mundo, aliás, dois Campeonatos do Mundo com este novo código, ainda não se pode propriamente fazer uma estatística e isso também é interessante porque à medida que as pessoas vão tendo noção do que é que uma nota no fundo significa começam a aparecer mais protestos, porque dantes quando tinha um 16, um 15 ou um 14, ninguém sabia exactamente o que é que isso significava, e agora já há um critério que os melhores terão 16, 17 pontos, mas como isso está muito dependente na aceitação da dificuldade, …"
		28) Já não há tolerância nas rotações, o que provoca uma avaliação mais subjectiva quando o objectivo deste CP era exactamente o oposto – a objectividade, ser o mais objectivo possível	1	7,69%	"… como por exemplo, não há já tolerância nas rotações, isso no fundo acaba por tornar a avaliação mais subjectiva, quando o que se pretendia e queria é que esta fosse mais objectiva e no fundo tornou-a ainda mais subjectiva, porque ninguém sabe a diferença entre 10 graus e 11 graus.".
		29) Ainda não se conseguiu elaborar ou "encontrar" um código que seja o mais justo e o mais correcto	1	7,69%	"Não é o que tem acontecido, por isso acho que é uma desvantagem porque ainda não se conseguiu encontrar um código que seja o mais justo e o mais correcto…".

ALTERAÇÕES DO CÓDIGO DE PONTUAÇÃO	**DESVANTAGENS**	30) Extremas adaptações, alterações e modificações do e ao CP	1	7,69%	"… mas se houver um código definitivo isso é sempre uma vantagem,… Não é o que tem acontecido, por isso acho que é uma desvantagem porque ainda não se conseguiu encontrar um código que seja o mais justo e o mais correcto e então o facto de haver sempre adaptações não tem ajudado o que poderá ser uma vantagem do meu ponto de vista. … Eu acho que é uma desvantagem, mas se calhar por inexperiência de aplicação do código visto o escasso número de provas que existe em Portugal e as constantes alterações a que o código está sujeito, é outro ponto que não ajuda nada e que não é nada favorável."
		31) A falta de percepção/entendimento do que é uma boa nota, (devido à inexistência da nota 10), uma nota de excelência ou um exercício simplesmente razoável	1	7,69%	"Em relação às desvantagens, nós… pela minha experiência ainda não consegui perceber o que é uma boa nota em termos do não existir uma nota 10, portanto, o que é uma nota de excelência, o que é um exercício razoável, não deu ainda para perceber o que é."
		32) Inexperiência de aplicação do código devido ao escasso número de provas existentes e de encontros de esclarecimentos	1	7,69%	"Eu acho que é uma desvantagem, mas se calhar por inexperiência de aplicação do código visto o escasso número de provas que existe em Portugal…".
		33) O nível de exigência a que o código se encontra pode levar a um abandono, a uma desistência da prática da modalidade por parte das ginastas pela falta de capacidade ou simplesmente não comparecerem às provas por não conseguirem cumprir, atingir os mínimos (para desta forma se sentirem bem e não sofrerem desmotivação nem uma humilhação)	1	7,69%	"E o facto de, eu acho que está muito exigente o código e a forma como está, faz com que ginastas que não tenham tanta capacidade abandonem, ou pura e simplesmente não tenham formas de ir às provas, ou seja, não conseguem cumprir os mínimos para se sentirem bem numa prova."
		34) A GA é difícil, exigente, mas neste momento está cada vez mais difícil	1	7,69%	"E apesar de… esta modalidade já era difícil, agora está cada vez mais difícil quanto a mim."
		35) O público não percebe (a falta de percepção/entendimento do público do novo CP)	1	7,69%	"… e não sei se isso em termos de espectáculo, se o público percebe isso tão bem, os números ficam mais fortes, ficam mais acrobáticos, ficam números mais fortes mas não sei se em termos de espectáculo se o público percebe a beleza, porque para eles basta fazer um mortal com pirueta já está a ser muito bom, por isso não sei se a outro nível percebem o grau de dificuldade das coisas.".
		36) Alguns elementos e indivíduos ligados à própria modalidade, a ginástica, têm alguma dificuldade em perceber	1	7,69%	"O público não percebe, não vai perceber, aliás, eu acho que até nós próprios da ginástica temos alguma dificuldade, …".
		37) Até quem anda nisto há	1	7,69%	" … quando me diziam teve 13, e eu, então isso é o quê,

ALTERAÇÕES DO CÓDIGO DE PONTUAÇÃO		muito tempo é complicado entender à primeira			isso é bom, teve 12 e eu ficava, 12 então, é bom é mau… o que é que isso é, é complicado nós percebermos, então quem anda à muito tempo nisto é muito complicado porque não funciona logo à primeira.".

O Quadro 76, relativamente à questão "Das mudanças/alterações verificadas, quais são no seu entender, as vantagens e desvantagens?", mostram-nos a existência de inúmeras unidades de registo (trinta e sete) que são distribuídas pelas vantagens (das quais as primeiras treze foram consideradas como as vantagens verificadas pelas nossas juízes entrevistadas) e as restantes vinte e quatro unidades de registo, pelas desvantagens, estando incluídas todas estas unidades de registo referenciadas na **categoria**, **alterações do código de pontuação** (como se verificou na questão anterior) que serão apresentadas por ordem decrescente de frequência, as quais iremos diferenciar e iniciar pelas vantagens, seguido das desvantagens como se apresenta no Quadro em relação às vantagens conseguimos, relativamente à importância atribuída às mudanças/alterações verificadas pelos consultados em relação ao novo CP (2006), encontrar a existência de treze unidades de registo por parte dos nossos entrevistados, após uma exaustiva análise às suas respostas em relação a esta pergunta. Resultando da existência dessas treze unidades de registo relativas às vantagens as seguintes: uma primeira, onde é referido que o código está muito mais justo para as ginastas (1=7,69%); uma segunda que nos fala do facto de não haver limite de bonificações (3=23,08%); depois temos a falta de possibilidade de não se poder ultrapassar o topo dos 10 pontos, o que fazia com que os ginastas de grande nível tivessem notas iguais a outras ginastas de nível inferior devido ao limite imposto, o que neste momento não acontece (1=7,69%); a quarta refere-se ao poder-se distinguir as ginastas muito boas das boas/ Colocar cada uma no seu patamar, obtendo desta forma uma melhor graduação (5=38,46%); uma quinta unidade de registo que nos fala do facto de não haver um limite de nota a atingir/ logo pontuação ilimitada (4=30,77%); outra das vantagens inúmeras tem a ver com a motivação acrescida para atingir cada vez mais uma nota mais elevada/ o terem de lutar sempre por evoluir e progredir cada vez mais para não estabilizar, não desmotivar nem entrar em monotonia (3=23,07%); uma sétima que é registada pela existência de elementos de valor de dificuldade cada vez maiores, de valor F e de valor G, e a possibilidade de os poder realizar para tentar atingir um valor de dificuldade/ Uma Nota A cada vez mais elevada (1=7,69%); a oitava que torna a modalidade mais espectacular, o público vê mais elementos (2=15,38%); os treinos vão-se tornar de muito mais qualidade e com muita mais qualidade/ Este CP obriga a treinar

muitos elementos diferentes e arranjar uma maior variedade nos seus exercícios e de maior dificuldade, unidade esta que nos é duas vezes referenciada e considerada a nona unidade de registo em relação a este assunto que curiosamente é indicado por duas juízes (2=15,38%); de seguida temos a décima unidade, o facto da execução/perfeição ser bastante mais valorizada (2=15,38%); depois temos a possibilidade de introduzir a noção de "*recorde*", de "*score*" (2=15,38%); enquanto que na décima segunda e penúltima unidade, uma juiz menciona o facto de nas Paralelas Assimétricas o CP tornou os exercícios muito variados, mais difíceis e mais emocionantes (1=7,69%); e por fim, a décima terceira unidade de registo onde é referido que as vantagens que nos proporcionaram, prende-se com o facto de contar somente os 10 elementos de maior valor (nove elementos mais a saída) (1=7,69%).

De seguida serão expostas as restantes unidades de registo mas desta vez frisando somente as desvantagens deste código consideradas por parte dos juízes: a décima quarta, e muito bem referido, dedica-se ao caso dos países mais fracos, de desenvolvimento inferior a nível da ginástica artística, sem condições "optimais", ou pelo menos mínimas para uma prática digna desta modalidade (é mais difícil para as ginastas atingirem notas elevadas - 4=30,77%); de seguida o facto de se contabilizarem os 10 elementos de maior dificuldade (os nove mais a saída) para a obtenção da nota A, às ginastas de países menos desenvolvidos conta sempre os de menor valor (1=7,69%), mas que por algumas juízes (uma também), como podemos verificar na análise feita anteriormente e no Quadro que este facto tinha sido considerada, igualmente, como uma vantagem neste CP e não como uma desvantagem (aqui a notar-se uma discordância entre algumas juízes, o que é natural, obviamente); depois o facto de terem acabado com o mítico da ginástica artística, a nota 10, o máximo, o limite, que se associava à perfeição e à própria modalidade (3=23,08%); na décima sétima unidade encontramos a referência à nota B/Execução está muito exigente e os descontos muito rigorosos a nível das penalizações (3=23,08%); seguindo a décima oitava onde refere que não há possibilidade de correr riscos, não há oportunidade de arriscar num bom exercício com muita dificuldade quando os descontos aplicados estão ao nível tão elevado a que se encontram. Originando, por vezes, caso se arrisque, uma nota inferior a uma ginasta que realizou menos dificuldade mas tudo na perfeição (2=15,38%); o facto da execução estar muito exagerada pode originar, provocar, por vezes desmotivação, quer a nível dos atletas quer a nível dos treinadores (4=30,77%); a vigésima indica-nos e alerta-nos em relação aos juízes não estarem habituados a estas penalizações, o que provoca desvantagens devido à mudança radical ocorrida de um CP para o outro (1=7,69%);

a vigésima primeira unidade o facto destas mudanças verificadas terem alterado por completo a forma de ver a Ginástica Artística Feminina (1=7,69%); além de que os exercícios nos aparelhos tornaram-se mais "feios", menos virtuosos, e muito mais monótonos, perdeu-se a beleza (1=7,69%); enquanto que no solo é só acrobacia, quase que não há parte artística. Retirou a beleza que tanto caracterizava, motivava e comunicava (principalmente o público) com este aparelho, o solo (por exemplo) (2=15,38%); a vigésima quarta refere-se ao facto de o novo CP ter terminado, acabado totalmente com a parte artística (beleza) da trave e do solo, que antigamente nos emocionava e comovia (1=7,69%); além de este código privilegiar, abrir um caminho cada vez maior para o aparecimento de ginastas especialistas (1=7,69%); o que leva a não ter ginastas a fazer todos os aparelhos, logo, não haver ginastas completas (1=7,69%); que com o passar do tempo e o entendimento cada vez maior do CP, das competições, das notas, significa que começam a aparecer mais protestos (1=7,69%); na vigésima oitava unidade de registo referente às desvantagens, é referida a inexistência de tolerância nas rotações, o que provoca uma avaliação mais subjectiva quando o objectivo deste CP era exactamente o oposto – a objectividade, ser o mais objectivo possível (1=7,69%); já a seguinte fala-nos de ainda não se ter conseguido elaborar ou "encontrar" um código que seja o mais justo e o mais correcto (1=7,69%); outra das críticas são as extremas adaptações, alterações e modificações do e ao CP (1=7,69%); depois a falta de percepção/entendimento do que é uma boa nota, (devido à inexistência da nota 10), uma nota de excelência ou um exercício simplesmente razoável (1=7,69%); na trigésima segunda unidade temos a inexperiência de aplicação do código devido ao escasso número de provas existentes e de encontros de e para esclarecimentos (1=7,69%); e que o nível de exigência a que o código se encontra pode levar a um abandono, a uma desistência da prática da modalidade por parte das ginastas pela falta de capacidade ou simplesmente não comparecerem às provas por não conseguirem cumprir, atingir os mínimos (para desta forma se sentirem bem e não sofrerem desmotivação nem uma humilhação) (1=7,69%); já sabemos que a GA é difícil, exigente, mas neste momento está cada vez mais difícil (1=7,69%); a trigésima quinta unidade de registo em relação às desvantagens fala-nos do público não perceber (a falta de percepção/entendimento do público em relação ao novo CP) (1=7,69%); a penúltima unidade aborda a existência de alguns elementos e indivíduos ligados à própria modalidade, que são da ginástica e que também têm alguma dificuldade em perceber (1=7,69%); e finalmente, a trigésima sétima e última unidade de registo em relação às desvantagens apresentadas e referidas pelos juízes em causa, relaciona-se com o caso de… até quem anda nisto há muito tempo é complicado entender à primeira (1=7,69%).

Depois de realizada e exposta esta análise, destacamos as partes das entrevistas a algumas das juízes que achamos mais pertinentes e dignas de registo: iniciando logo pela J1 que nos diz "desvantagens…, acho que na maior parte dos casos houve vantagens, … no meu entender as maiores desvantagens são para os países mais fracos, de desenvolvimento mais fraco na ginástica. Porque é mais difícil para as ginastas atingirem notas elevadas do que com o código anterior. Uma vez que a ginasta pode realizar dez elementos de grande dificuldade, ou onze ou doze, os que forem, e contar, contabilizar os de mais valor, enquanto que as ginastas de países menos desenvolvidos têm sempre que contar com elementos de menos valor. Quando no outro código era exigido os 3A, 3B e 2C, tanto fazia de ser de Portugal, como ser da América como ser da China, se as ginastas cumprissem aqueles 3A, 3B e 2 C (partes de valor) estavam em igualdade e agora não. As ginastas e os países de nível de desenvolvimento na ginástica mais fraco têm mais dificuldades. Essa acho que foi a maior desvantagem. A vantagem… acho que este código é muito mais justo para as ginastas. Ou seja, nós ultimamente estávamos a assistir nas provas internacionais a ginastas de grande nível a terem notas iguais a outras ginastas com nível inferior só porque aquele topo dos dez pontos já não se podia ultrapassar. Por exemplo, contavam-se, havia ginastas que tinham bonificações de três pontos mas só se podia contar 1.20 pontos. Enquanto que agora se pode contabilizar porque não vai haver esse limite." Já a J8 refere o seguinte "relativamente a esta grande alteração eu penso que uma das desvantagens é que se perdeu um bocado aquela mística que existia em torno da nota dez, da Nadia Comanechi, a nota da perfeição, uma pessoa associava a ginástica ao dez, à nota máxima, que era a perfeição de tudo. No entanto, veio alterar esta forma de ver a ginástica como uma coisa estanque, era só a nota dez só a nota dez. Agora as ginastas não têm limite, podem sempre superar e tentar atingir outras notas superiores e pode-se introduzir a noção de recorde, por exemplo, ver quem é que consegue mais.

Em relação às desvantagens, acho que ainda estamos e está tudo muito no início. Para já não estou a ver, pelo menos no meu entender, não vejo assim grandes desvantagens, muito pelo contrário. Quer dizer ao início pensava que ia-se perder, lá está, aquela mística toda da ginástica mas penso que este novo código traz mais vantagens do que desvantagens, não estou a ver assim grandes desvantagens."; enquanto que a J10 nos diz "as vantagens são que tornou-se e pretende-se que haja uma diferenciação muito maior entre as ginastas muito boas, as boas, as médias e as fracas, está muito mais exacto na execução da técnica portanto isso também faz a diferenciação. As desvantagens é que se por um lado faz essa diferenciação, por outro

desanima e desmotiva um pouco os países mais fracos porque vêem que nunca mais podem chegar lá acima. Enquanto que dantes havia uma diferença digamos de uma ginasta média que chegava aos 9 pontos, 9.20 e aos 9.30, e havia essa diferença até aos 9.80, 9.90, agora a nota melhor é, digamos, de 17 pontos e as atletas mais fracas ficam-se pelos 10, 8 pontos e como ainda só houve um Campeonato do Mundo, aliás, dois Campeonatos do Mundo com este novo código, ainda não se pode propriamente fazer uma estatística e isso também é interessante porque à medida que as pessoas vão tendo noção do que é que uma nota no fundo significa começam a aparecer mais protestos, porque dantes quando tinha um 16, um 15 ou um 14, ninguém sabia exactamente o que é que isso significava, e agora já há um critério que os melhores terão 16, 17 pontos, mas como isso está muito dependente na aceitação da dificuldade, como por exemplo, não há já tolerância nas rotações, isso no fundo acaba por tornar a avaliação mais subjectiva, quando o que se pretendia e queria é que esta fosse mais objectiva e no fundo tornou-a ainda mais subjectiva, porque ninguém sabe a diferença entre 10 graus e 11 graus."; A J11 "vantagens é colocar cada ginasta no seu patamar, conseguir distribuir melhor esse leque, essa nota ilimitada permite colocar cada ginasta no seu patamar, graduar mais as ginastas. Desvantagens, para quem não tem as condições para uma prática nas condições optimais de ginástica ficar cada vez mais longe de conseguir chegar lá, em termos de ginástica, de prática de ginástica, em termos de ajuizamento é uma questão de prática, de habituar ao novo código, apagar o velho e colocar na cabeça o novo código e ter outra visão."; enquanto que a J12 é um pouco "séptica" "eu acho que a vantagem é o *score*, ou seja não há um limite, não sei até que ponto é que será uma vantagem, mas se houver um código definitivo isso é sempre uma vantagem, porque não haverá alterações mas há sempre um tentar progredir cada vez mais e evoluir com uma base. Não é o que tem acontecido, por isso acho que é uma desvantagem porque ainda não se conseguiu encontrar um código que seja o mais justo e o mais correcto e então o facto de haver sempre adaptações não tem ajudado o que poderá ser uma vantagem do meu ponto de vista. Em relação às desvantagens, nós… pela minha experiência ainda não consegui perceber o que é uma boa nota em termos do não existir uma nota 10, portanto, o que é uma nota de excelência, o que é um exercício razoável, não deu ainda para perceber o que é. Eu acho que é uma desvantagem, mas se calhar por inexperiência de aplicação do código visto o escasso número de provas que existe em Portugal e as constantes alterações a que o código está sujeito, é outro ponto que não ajuda nada e que não é nada favorável." Por fim temos a opinião da J13 que nos diz o seguinte: "eu acho que a grande desvantagem foi o dez, deixou-se de ter a referência máxima, ou seja, aquilo que as ginastas querem atingir, e mesmo para os

juízes a orientação, o dez, também era um bom orientador. E o facto de eu acho que está muito exigente o código e a forma como está, faz com que ginastas que não tenham tanta capacidade abandonem, ou pura e simplesmente não tenham formas de ir às provas, ou seja, não conseguem cumprir os mínimos para se sentirem bem numa prova. E apesar de… esta modalidade já era difícil, agora está cada vez mais difícil quanto a mim. A vantagem, sinceramente, quer dizer, acaba por em termos do público ver mais elementos, e acabam por não estar ali a ocupar tempo sem fazer nada. O público não percebe, não vai perceber, aliás, eu acho que até nós próprios da ginástica temos alguma dificuldade, quando me diziam teve 13, e eu, então isso é o quê, isso é bom, teve 12 e eu ficava, 12 então, é bom é mau… o que é que isso é, é complicado nós percebermos, então quem anda à muito tempo nisto é muito complicado porque não funciona logo à primeira. Mas em termos de espectáculo acaba por ser mais espectacular o facto de elas terem que fazer logo as dificuldades, pronto, e não estarem a colocar elementos que não interessam que antigamente acabavam por não contar, e actualmente como contam, convém que coloquem os elementos fortes, e não sei se isso em termos de espectáculo, se o público percebe isso tão bem, os números ficam mais fortes, ficam mais acrobáticos, ficam números mais fortes mas não sei se em termos de espectáculo se o público percebe a beleza, porque para eles basta fazer um mortal com pirueta já está a ser muito bom, por isso não sei se a outro nível percebem o grau de dificuldade das coisas".

5.2.2 Questão 2.2.5 do Guião da Entrevista efectuada aos Juízes: Em relação ao seu trabalho como juiz, quais as principais mudanças, diferenças e dificuldades verificadas e sentidas?

Quadro 77 : Análise da Questão: "Em relação ao seu trabalho como juiz, quais as principais mudanças, diferenças e dificuldades verificadas e sentidas?"

CATEGORIA	UNIDADE DE REGISTO	ENUMERAÇÃO/ QUANTIFICAÇÃO		UNIDADE DE CONTEXTO
		N	%	
AJUIZAMENTO	1) Prende-se com a antiguidade	1	7,69%	"As dificuldades sentidas prende-se com a "antiguidade". Quando mais antiga é uma juiz, mais dificuldade teve."
	2) Alterou tudo, para quem tem uma longa carreira de juiz, os graus de dificuldade/ a estrutura de pontuação/ a forma de pontuar/ a organização de pontuação	2	15,38%	"…as juízes mais antigas porque um juiz que já tem, por exemplo, trinta anos de carreira está habituado ao longo de trinta anos a lidar com os graus de dificuldade, a lidar com a estrutura de pontuação e a forma como se pontua, a lidar com aquela organização de pontuação, de repente mudar tudo, foi muito difícil."; "…são alterações que mexem mesmo a nível de organização e construção de esquemas, …"

AJUIZAMENTO	3) As juízes mais jovens têm menos dificuldade	2	15,38%	"Ou seja, as juízes mais jovens tiveram menos dificuldade que as juízes mais antigas…"; "Agora para quem começa do início acho que se lhe apresentam a coisa assim não é complicado e é fácil de se lá chegar e é fácil de entender a lógica depois de a perceber, acho que não é complicado."
	4) A preparação para o curso de juízes intercontinental "obrigou" a um estudo e a uma entrega bastante exaustiva	1	7,69%	"Eu devo dizer que para me preparar para o curso de juízes intercontinental estive cerca de 4 meses a uma média de 3 horas por dia."
	5) Entrar no novo código de pontuação	1	7,69%	"Porque, primeiro para uma pessoa se entrosar no processo de pontuação…"
	6) Conseguir interpretar o código	1	7,69%	"… e depois porque havia muitas dificuldades na interpretação do código, quando o recebemos só tínhamos isso escrito,…"
	7) Esclarecer as dúvidas	1	7,69%	"… e depois ao longo do próprio curso é que se foram esclarecendo algumas coisas e depois ao longo do próprio curso é que se foram esclarecendo algumas coisas…"
	8) A dificuldade em realizar o cálculo das notas (principalmente da Nota A)	2	15,38%	"… e depois para o próprio calculo, ou seja, agora para se chegar à nota A é preciso fazer 3 vezes mais cálculos que anteriormente. E muitas vezes, nós sentimos isso lá porque foi o primeiro curso, algumas notas saíram erradas por contas mal feitas."; "E são tantas coisas que temos que ter em consideração tanto a nível do júri A… que às vezes nos esquecemos de somar mais um décimo, ou de tirar mais um décimo porque nos esquecemos, porque são tantas "picuinhisses", "ninharias", que isso acontece muito.
	9) A constante pressão devido à necessidade de ser rápido a apresentar as notas	3	23,08%	"Ou seja, com pressão de se fazer rápido e de termos um determinado tempo (minutos) para dar as notas, as notas saíram erradas pelas contas porque era um factor que não acontecia no código anterior."; "… quer dizer, nos primeiros com este código e também nos Campeonatos da Europa seguintes, o que houve de mais gritante foram os erros nas somas, quer dizer, se teve tantas dificuldades, teve tantos elementos estruturais, teve isto, teve aquilo, ao somar tudo são parcelas que nunca mais acabam, e com a pressão para dar a nota depressa houve erros realmente muito grandes, e …"; "As dificuldades mais sentidas foram, sobretudo, ao nível das funções, há muito mais tarefas, como juiz temos muito mais tarefas para fazer ao mesmo tempo, sobretudo quem é júri A, tem uma série de coisas que tem que contemplar numa nota e que tem que ser feito num tempo mínimo e é difícil criar essa rotina, então com o número de provas que nós pontuamos é mesmo muito difícil conseguirmos ter isso na rotina e aplicar tudo em pouco tempo."
	10) As juízes tiveram que mudar toda a sua filosofia	1	7,69%	"Portanto acho que as dificuldades foram um bocadinho essas e porque tivemos que mudar a nossa filosofia toda."
	11) As constantes modificações e alterações que o código de pontuação da GAF tem sofrido e sofre (semanalmente… ou em	2	15,38%	"Como juiz, primeiro as constantes modificações e alterações que o código de pontuação da ginástica artística feminina tem sofrido, desde que tirei o curso internacional já tenho 3 CP novos e está em constante alteração, sempre a mudar, todas as semanas há uma coisa nova, algo que não se verifica com a ginástica artística

	menos tempo, obrigando desta forma a uma constante pesquisa para actualização)			masculina que é o CP que saiu é aquele que está em vigor desde o ano passado quando foi alterado o CP. Na feminina essas constantes alterações, a mim como juiz obriga-me a estar permanentemente a fazer as actualizações e estar a pontuar novamente porque são alterações que mexem mesmo a nível de organização…, … e uma pessoa tem que estar sempre… atenta… olha agora mudou isto, e agora já é para a nota A, agora já não é da nota A é da nota B, por isso, essas são as dificuldades que tenho sentido mais."; "Outra das dificuldades foram as constantes alterações do código e, sempre as mudanças obrigaram a estarmos sempre a fazer tudo de novo e algumas mudanças foram significativas e fizeram com que tivéssemos que ter outras funções também nas competições. Como há uma mudança de função, ou seja, sabia fazer de júri A mas não tinha aquela responsabilidade de o ter que fazer, e aí é que eu sinto a dificuldade, é o não poder errar porque está em causa o trabalho de um ginasta o trabalho de um treinador."
	12) É mais difícil pontuar com este novo CP	2	15,38%	"Em relação às diferenças, acho que é mais difícil pontuar com este CP, …"; "…mas em termos de eu pontuar, de dificuldade para mim, para eu pontuar, acho que no início houve porque foi a tal mudança drástica, radical, mas agora não sinto essa dificuldade. Só mais a nível da nota B, dos descontos, etc."
AJUIZAMENTO	13) O aumento substancial das tarefas desempenhadas pela júri A	1	7,69%	"… a nível da nota A, ou do Júri A, este tem muitas mais tarefas do que tinha no último (antigo) CP, além do valor de dificuldade, tem agora também as faltas de composição, tem o valor de ligação, tem isso tudo que fica a cargo do júri A que é o papel normalmente que eu costumo fazer a nível nacional."
	14) Houveram alterações e mudanças bastante significativas	2	15,38%	"De facto houveram bastantes alterações e mudanças bastante significativas, e no início como juiz senti imensas dificuldades nas alterações que surgiram. … Alterações, em termos de um código para o outro houve, claro, mas em termos de eu pontuar, de dificuldade para mim, para eu pontuar, acho que no início houve porque foi a tal mudança drástica, radical, mas agora não sinto essa dificuldade. Só mais a nível da nota B, dos descontos, etc."; "Foi uma mudança muito radical, como tal foi difícil esquecer, não em termos dos valores dos elementos mas em termos de reestruturação do código, apagar todas as rotinas que tínhamos de prática de pontuação e eliminar completamente os vícios, os métodos de pontuação e conseguir "mastigar" e colocar o novo código na cabeça."
	15) Foram sentidas muitas dificuldades	3	23,08%	"… no início como juiz senti imensas dificuldades nas alterações que surgiram."; "Alterações, em termos de um código para o outro houve, claro, mas em termos de eu pontuar, de dificuldade para mim, para eu pontuar, acho que no início houve porque foi a tal mudança drástica, radical, …"; "As dificuldades mais sentidas foram, sobretudo, ao nível das funções, há muito mais tarefas, como juiz temos muito mais tarefas para fazer ao mesmo tempo, sobretudo quem é júri A, tem uma série de coisas que tem que contemplar numa nota e que tem que ser feito num tempo mínimo

				e é difícil criar essa rotina, então com o número de provas que nós pontuamos é mesmo muito difícil conseguirmos ter isso na rotina e aplicar tudo em pouco tempo."; "A dificuldade que tenho sentido é mesmo o ter medo de falhar, o tentar ser o mais rigoroso possível, mas não vejo, aliás vejo o código como um todo e não há um ponto que eu diga que tenho mais dificuldade nisto ou que tenho mais dificuldade naquilo. Acho que neste código é difícil ter uma boa nota de júri B se não se fizer simultaneamente A, acho que se não se fizer A pode-se estar a induzir em erros de não contar e de fazer descontos diferentes por se contar ou não o elemento. É a única coisa que eu consigo individualizar, de resto tento cumprir a minha função, não vejo assim dificuldades de maior."
AJUIZAMENTO	16) Dificuldade ao nível da nota B/ júri B	2	15,38%	"De facto houveram bastantes alterações e mudanças bastante significativas, e no início como juiz senti imensas dificuldades nas alterações que surgiram. Principalmente na nota B, que na nota B eram parâmetros muito mais específicos e tinha a composição, especifico para cada, se falta ou se não falta, foram os próprios descontos que vieram a aumentar, … tudo, todos esses parâmetros eram tão específicos e já tão distribuídos uniformemente que se tornou um bocado mais difícil, para decorar e para ver todos esses pormenores. … mas neste momento apesar de ainda sentir um bocado na nota B…,… mas agora não sinto essa dificuldade. Só mais a nível da nota B, dos descontos, etc."; "Na avaliação senti porque acho que os valores que nós descontávamos antigamente eram muito mais directo, era tudo muito mais directo, era tudo mais fácil, ou era assim ou era assim, também havia o intermédio, claro que nós somos obrigados a ver, mas acho que hoje em dia isso é muito mais exigente."
	17) Dificuldade sentida ao nível da visualização da própria expressão artística	1	7,69%	"… na expressão artística… tudo, todos esses parâmetros eram tão específicos e já tão distribuídos uniformemente que se tornou um bocado mais difícil, para decorar e para ver todos esses pormenores."
	18) Dificuldades sentidas ao nível da nota A/ júri A	2	15,38%	"Na nota A houveram bastantes alterações de facto, mas não senti grandes dificuldades, quer dizer, no início senti, …"; "Em termos de júri A é realmente mais complicado, mas porque alguns elementos mudaram de valor e é necessário estar sempre a consultar as tabelas para ver se aquele elemento realmente baixou ou manteve o mesmo valor, ou subiu."
	19) Não houve grandes dificuldades ao nível da nota A/ júri A	1	7,69%	"… não sinto isso na nota A porque acho que foi uma questão de hábito, agora adquirir-mos, habituarmo-nos a pontuar com este código."
	20) Todos os CP estão dependentes de uma nova adaptação por parte de todos os juízes, e é simplesmente uma questão de hábito e muita prática	7	53,85%	"… acho que foi uma questão de hábito, agora adquirir-mos, habituarmo-nos a pontuar com este código."; **"…**em termos de ajuizamento é uma questão de prática, de habituar ao novo código, apagar o velho e colocar na cabeça o novo código e ter outra visão."; "Quando existem mudanças há sempre um período de habituação, …"; "O que eu senti mais dificuldade foi a adaptar-me a um código completamente diferente, a mudança do código foi muito diferente, uma pessoa estava habituada àquele ritmo e

AJUIZAMENTO				mudar radicalmente foi muito diferente. Porque depois o pontuar, depois de uma pessoa estar habituada é sempre igual."; "É assim uma pessoa adapta-se aos códigos rapidamente, mas nas primeiras provas houve grandes dificuldades. Uma pessoa sabia, por exemplo, na nota A tinha que ter aquele determinado valor de dificuldade, tinha que ter um determinado valor e agora já não existe isso, mas não senti grandes dificuldades porque uma pessoa adapta-se rapidamente ao novo código. Não acho que seja mais difícil pontuar com este código ou menos difícil, uma pessoa vai adaptando-se."; "Foi uma mudança muito radical, como tal foi difícil esquecer, não em termos dos valores dos elementos mas em termos de reestruturação do código, apagar todas as rotinas que tínhamos de prática de pontuação e eliminar completamente os vícios, os métodos de pontuação e conseguir "mastigar" e colocar o novo código na cabeça."; "Dentro do próprio código, não consigo ter uma noção do que sinto mais dificuldades de um código para o outro, porque para já consigo fazer uma, até aqui sempre consegui fazer foi, código antigo apagou e começa um novo. E isso dos 3 ciclos que tenho sempre o consegui fazer, e é isso que eu tenho feito também o ano passado sempre que há uma mudança no código, é esquecê-lo e daí estudá-lo sempre exaustivamente na semana da prova aquilo que vai ser aplicado, porque consigo eliminar e começar de novo."; "A principal diferença foi essa, foi o ter que desfazer tudo e às vezes estar a pontuar e ter que estar constantemente com a impressão que não me posso enganar nas coisas."
	21) É mais fácil pontuar com este novo CP	2	15,38%	"… eu só tenho pontuado execução, desempenhado o papel de júri B, mas acho que este código é mais fácil de pontuar."; "Não acho que seja mais difícil pontuar com este código ou menos difícil, uma pessoa vai adaptando-se."
	22) As expressivas e significantes alterações a nível dos valores de dificuldade	1	7,69%	"Sobretudo nos valores das dificuldades, nas grandes mudanças dos valores das dificuldades. Essencialmente foi isso."
	23) As extremas dificuldades sentidas a nível das rotações e amplitudes dos elementos/ exercícios, onde os descontos se encontram demasiadamente exigentes (e a dificuldade na diferenciação e principalmente na precisão da avaliação)	1	7,69%	"E acho que há mais confusão com as amplitudes, acho que as amplitudes ficaram muito mais complexas, um elemento que conta e que não conta, a rotação está completa ou não está completa, isso na minha pessoa, no meu entender, na minha aprendizagem é a dificuldade que eu mais tenho, é ver as rotações e as amplitudes e descontar entre os parâmetros que nós temos porque agora o valores são totalmente diferentes e eu sinto essa dificuldade. Uma maior dificuldade para mim."
	24) Há muitas contas para efectuar, realizar (há coisas mais claras mas que são excessivamente fixas e dificulta)	2	15,38%	"Há coisas que são mais claras, há coisas que são excessivamente fixas e que tornou mais difícil. Temos que fazer muitas contas, às vezes as pessoas erram não por desonestidade, não por uma certa subversão, mais uma coisinha para aqui mais uma coisinha para ali, não, porque quando estão a fazer contas se

				esquecem do… e vai um, estás a somar seis e cinco, onze, dois e três, cinco e esqueceste que ali vai um, e isto acontece milhares de vezes. E são tantas coisas que temos que ter em consideração tanto a nível do júri A como a nível do júri B, que às vezes nos esquecemos de somar mais um décimo, ou de tirar mais um décimo porque nos esquecemos, porque são tantas "picuinhisses", "ninharias", que isso acontece muito.; "As principais mudanças, diferenças de pontuar de um código para o outro, o código 2001 e 2006, é a matemática, a aritmética. A aritmética é evidente e indiscutivelmente… aliás, tem graça que nos últimos Campeonatos do Mundo, quer dizer, nos primeiros com este código e também nos Campeonatos da Europa seguintes, o que houve de mais gritante foram os erros nas somas, quer dizer, se teve tantas dificuldades, teve tantos elementos estruturais, teve isto, teve aquilo, ao somar tudo são parcelas que nunca mais acabam, e com a pressão para dar a nota depressa houve erros realmente muito grandes, e … o grande erro principal que toda a gente se queixa é o facto de que nas deduções passar de 0.1 para 0.5, quer dizer é uma questão de critério ás vezes e de posição do juiz, de disposição do juiz, que também é verdade, até de simpatia da juiz para com a ginasta, isto no fundo é tudo humano, não é uma máquina, e há diferenças gritantes entre uma juiz que tire 0.3 num elemento, que faz uma dedução de 0.3 e outra que faz 0.5 e se somarmos uma série de elementos há diferenças de 2, 3 pontos entre as notas da júri B."
AJUIZAMENTO	25) Em termos internacionais não há sobreposições de penalizações e de funções, enquanto que em Portugal é diferente	1	7,69%	"Quando estou a trabalhar, isto é difícil, em Portugal é diferente de lá fora, mas em termos internacionais as principais, … está completamente separado, ficou muito claro do que é do júri A e do que é que é do Júri B, não há sobreposição de penalizações por exemplo, embora elas não sejam todas objectivas mas não há sobreposições, dependendo, antigamente havia… dependendo do que é que o júri A vai considerar depois o júri B devia ter tirado mais ou menos, e isso deixou de haver, não há sobreposições nesse aspecto."
	26) As grandes dificuldades sentidas são ao nível do reconhecimento da dificuldade na trave e no solo em relação à amplitude e ângulo dos saltos gímnicos, assim como as rotações no eixo longitudinal	2	15,38%	"Na avaliação senti porque acho que os valores que nós descontávamos antigamente eram muito mais directo, era tudo muito mais directo, era tudo mais fácil, ou era assim ou era assim, também havia o intermédio, claro que nós somos obrigados a ver, mas acho que hoje em dia isso é muito mais exigente. E acho que há mais confusão com as amplitudes, acho que as amplitudes ficaram muito mais complexas, um elemento que conta e que não conta, a rotação está completa ou não está completa, isso na minha pessoa, no meu entender, na minha aprendizagem é a dificuldade que eu mais tenho, é ver as rotações e as amplitudes e descontar entre os parâmetros que nós temos porque agora o valores são totalmente diferentes e eu sinto essa dificuldade. Uma maior dificuldade para mim."; "As grandes dificuldades sentidas como juiz, … em relação aos saltos gímnicos na trave e no solo o reconhecimento da dificuldade, quer dizer, se afastava as pernas

				exactamente a 180º ou superior a 180º se a perna estava perto da cabeça ou não nos saltos "cambré", nos saltos com rotações no eixo longitudinal, nos saltos gímnicos se rodava exactamente ou não, …"
	27) Os gímnicos deixaram de ter uma importância relevante porque desceram de valor	1	7,69%	"… isso deixou de ter importância porque como os saltos gímnicos desceram todos de valor, já não há problema em saber se foi um C, ou se foi um D, porque isso é que contava para a nota e agora como é praticamente tudo A e B, deixou de ter uma importância relevante, mas a dificuldade continua, quer dizer nessa altura a dificuldade era essa muito mais do que nos elementos acrobáticos."
	28) As deduções dependem dos critérios de cada juiz e do seu próprio posicionamento no aparelho	1	7,69%	"… o grande erro principal que toda a gente se queixa é o facto de que nas deduções passar de 0.1 para 0.5, quer dizer é uma questão de critério ás vezes e de posição do juiz, de disposição do juiz, que também é verdade, até de simpatia da juiz para com a ginasta, …"
AJUIZAMENTO	29) O juiz é um ser humano e não é uma máquina	1	7,69%	"… o grande erro principal que toda a gente se queixa é o facto de que nas deduções passar de 0.1 para 0.5, quer dizer é uma questão de critério ás vezes e de posição do juiz, de disposição do juiz, que também é verdade, até de simpatia da juiz para com a ginasta, isto no fundo é tudo humano, não é uma máquina, e há diferenças gritantes entre uma juiz que tire 0.3 num elemento, que faz uma dedução de 0.3 e outra que faz 0.5 e se somarmos uma série de elementos há diferenças de 2, 3 pontos entre as notas da júri B."
	30) Mudança de funções	1	7,69%	"Para já foi a mudança de fazer essencialmente de júri B, e passar a fazer de júri A e de Júri B. Sabendo que no ano anterior, na época anterior, fazia praticamente e fiz sempre de júri B, eu chegava à prova e sabia à partida que iria fazer B, portanto estava habituada a fazer unicamente execução e passei a fazer também dificuldade com uma responsabilidade maior."
	31) Dificuldade em apagar o código antigo	1	7,69%	"O que eu senti é que foi um código novo, e mais do que dificuldade em pontuar com ele, foi depois de termos um completamente diferente na cabeça, apagá-lo que ainda não o apaguei, que ainda olho muito a pensar no outro, apesar de já ter pontuado um ciclo novo, olho muito no primeiro momento olho muito a pensar com o outro, não nas provas mas quando elas estão no treino ou quando vejo um exercício de ginástica na televisão. … A dificuldade que sinto maior é exactamente por já ter o outro, portanto, é a adaptação, adaptar-me ao novo código."

Como já expusemos todos os juízes reconheceram ter existido grandes alterações e modificações de um código para outro, o que de uma forma natural induz e traduz uma certa adaptação e aptidão necessária para serem colmatadas algumas ou quase todas as lacunas que vão sendo apresentadas ou que vão aparecendo ao longo da sua utilização e colocação em prática.

O Quadro 77 relativamente à **categoria**, **ajuizamento**, "traduzida" pela questão "Em relação ao seu trabalho como juiz, quais as principais mudanças, diferenças e dificuldades verificadas e sentidas?", mostra-nos a existência de trinta e uma unidades de registo, isto porque sendo as perguntas muito abertas e ilimitadas (sem qualquer limite de resposta) por quem entrevistou, para desta forma se poder retirar o máximo possível e credível de opiniões, pontos de vista, formas de ver os factos de várias perspectivas, que foi o que se veio a verificar. Apesar de o objectivo principal seja reduzir ao máximo as unidades de registo de cada questão e tentar ser o mais sucinto possível, os assuntos e os termos que nos trazem e que nos levam à elaboração deste trabalho, vão muito mais além do que um simples resumo, frase, ou palavra. Por isso a existência em quase todas as questões de muitas unidades pois são casos que necessitam de muita ponderação e reflexão, e por mais que às vezes uma resposta dada pela mesma pessoa sobre a mesma questão pareça contraditória, há sempre algo a retirar, pois nem tudo está claro e realmente esclarecido. Nunca nos podemos esquecer que estamos a falar do plano da Ginástica Artística Feminina em Portugal, e que tal não deveria acontecer.

Daí que, voltando à análise da questão em si, "em relação ao seu trabalho como juiz, quais as principais mudanças, diferenças e dificuldades verificadas e sentidas?", e das trinta e uma unidades de registo retiradas, pelo menos aquelas que foram consideradas mais pertinentes, começaremos com a primeira unidade de registo que nos diz, que a principal diferença sentida, prende-se com a antiguidade (1=7,69%); além de que, alterou tudo, para quem tem uma longa carreira de juiz, os graus de dificuldade/ a estrutura de pontuação/ a forma de pontuar/ a organização de pontuação (2=15,38%); levando desta forma, e como terceira unidade de registo, a que as juízes mais jovens tenham menos dificuldade (2=15,38%); logo, a preparação para o curso de juízes intercontinental "obrigou" a um estudo e a uma entrega bastante exaustiva (1=7,69%) por parte de quem o realizou; já na quinta unidade de registo uma das juízes do grupo de estudo referiu que é somente uma forma de entrar no novo código de pontuação (1=7,69%); além de que também é necessário conseguir interpretar o código (1=7,69%); assim como conseguir esclarecer as dúvidas (1=7,69%) que vão ou possam vir aparecendo; na oitava unidade de registo é referida a dificuldade em realizar o cálculo das notas (principalmente da Nota A) (2=15,38%); isto devido à constante pressão devido à necessidade de ser rápido a apresentar as notas (3=23,08%); já na décima unidade, é referido que tiveram que mudar toda a sua filosofia (1=7,69%); para nem "mencionar" como são abordadas, na décima primeira unidade de registo, as constantes modificações e alterações que o código de pontuação da GAF tem

sofrido e sofre (semanalmente… ou em menos tempo, obrigando desta forma a uma constante pesquisa para actualização) (2=15,38%); a seguir é anunciado o facto de ser mais difícil pontuar com este novo CP (2=15,38%); devido, talvez, como é detectado por uma juiz, ao aumento substancial das tarefas desempenhadas pelo júri A (1=7,69%); levando à conclusão retirada pela décima quarta unidade que houveram alterações e mudanças bastante significativas (2=15,38%); provocando desta forma um certo desconforto pois foram sentidas muitas dificuldades (3=23,08%); como se comprova pela décima sexta unidade de registo, dificuldades ao nível da nota B/ júri B (2=15,38%); dificuldades sentidas ao nível da visualização da própria expressão artística (1=7,69%); dificuldades sentidas ao nível da nota A/ júri A (2=15,38%); na décima nona unidade de registo, é referido o facto, por uma juiz, que da sua parte não houve grandes dificuldades ao nível da nota A/ júri A (1=7,69%); na vigésima unidade de registo a maioria do grupo de estudo afirma que todos os CP estão dependentes de uma nova adaptação por parte de todos os juízes, e é simplesmente uma questão de hábito e muita prática (7=53,85%); enquanto que outras (na vigésima primeira unidade) referem que é mais fácil pontuar com este novo CP (2=15,38%); na vigésima segunda unidade de registo são-nos indicadas as expressivas e significantes alterações a nível dos valores de dificuldade (1=7,69%); logo a seguinte unidade fala-nos das extremas dificuldades sentidas a nível das rotações e amplitudes dos elementos/ exercícios, onde os descontos se encontram demasiadamente exigentes (e a dificuldade na diferenciação e principalmente na precisão da avaliação) (1=7,69%); não só o facto de haver muitas contas para efectuar, realizar (há coisas mais claras mas que são excessivamente fixas e dificulta) (2=15,38%) como nos é evidenciado na vigésima quarta unidade de registo; sendo que na unidade que se segue, é referenciada que em termos internacionais não há sobreposições de penalizações e de funções, enquanto que em Portugal é diferente (1=7,69%); já na vigésima sexta, as grandes dificuldades sentidas são ao nível do reconhecimento da dificuldade na trave e no solo em relação à amplitude e ângulo dos saltos gímnicos, assim como as rotações no eixo longitudinal (2=15,38%); e os gímnicos deixaram de ter uma importância relevante porque desceram de valor (1=7,69%); além de que, a vigésima oitava unidade de registo diz-nos que as deduções dependem dos critérios de cada juiz e do seu próprio posicionamento no aparelho (1=7,69%); para não esquecer que o juiz é um ser humano e não é uma máquina (1=7,69%); na trigésima e penúltima unidade de registo encontrada e referida por uma juiz é o facto da mudança de funções (1=7,69%); e finalmente, a trigésima primeira e última unidade prende-se com o facto de uma das dificuldades sentidas por parte de um dos elementos do grupo de estudo, é a dificuldade em apagar o código antigo (1=7,69%).

Sendo este o resumo da questão em causa, de seguida teremos a transcrição das respostas de quatro das juízes do grupo de estudo (apesar de algumas partes já aparecerem no exemplo da unidade de contexto apresentadas em Quadro).

Começando desta forma pela J1 "as dificuldades sentidas prendem-se com a "antiguidade". Quando mais antiga é uma juiz, mais dificuldade teve. Ou seja, as juízes mais jovens tiveram menos dificuldade que as juízes mais antigas porque um juiz que já tem, por exemplo, trinta anos de carreira está habituado ao longo de trinta anos a lidar com os graus de dificuldade, a lidar com a estrutura de pontuação e a forma como se pontua, a lidar com aquela organização de pontuação, de repente mudar tudo, foi muito difícil. Eu devo dizer que para me preparar para o curso de juízes intercontinental estive cerca de 4 meses a uma média de 3 horas por dia. Porque, primeiro para uma pessoa se entrosar no processo de pontuação e depois porque havia muitas dificuldades na interpretação do código, quando o recebemos só tínhamos isso escrito, e depois ao longo do próprio curso é que se foram esclarecendo algumas coisas e depois para o próprio cálculo, ou seja, agora para se chegar à nota A é preciso fazer 3 vezes mais cálculos que anteriormente. E muitas vezes, nós sentimos isso lá porque foi o primeiro curso, algumas notas saíram erradas por contas mal feitas. Ou seja, com pressão de se fazer rápido e de termos um determinado tempo (minutos) para dar as notas, as notas saíram erradas pelas contas porque era um factor que não acontecia no código anterior. Portanto acho que as dificuldades foram um bocadinho essas e porque tivemos que mudar a nossa filosofia toda."

De seguida teremos a J3 que nos diz que "de facto houveram bastantes alterações e mudanças bastante significativas, e no início como juiz senti imensas dificuldades nas alterações que surgiram. Principalmente na nota B, que na nota B eram parâmetros muito mais específicos e tinha a composição, especifico para cada, se falta ou se não falta, foram os próprios descontos que vieram a aumentar, na expressão artística… tudo, todos esses parâmetros eram tão específicos e já tão distribuídos uniformemente que se tornou um bocado mais difícil, para decorar e para ver todos esses pormenores. Na nota A houveram bastantes alterações de facto, mas não senti grandes dificuldades, quer dizer, no início senti, mas neste momento apesar de ainda sentir um bocado na nota B, não sinto isso na nota A porque acho que foi uma questão de hábito, agora adquirir-mos, habituarmo-nos a pontuar com este código. Alterações, em termos de um código para o outro houve, claro, mas em termos de eu pontuar, de dificuldade para mim, para eu pontuar, acho que no início houve porque foi a tal mudança drástica, radical, mas agora não sinto essa dificuldade. Só mais a nível da nota B, dos descontos, etc."

Já a J9, descreve que "quando estou a trabalhar, isto é difícil, em Portugal é diferente de lá fora, mas em termos internacionais as principais, … está completamente separado, ficou muito claro do que é do júri A e do que é do Júri B, não há sobreposição de penalizações por exemplo, embora elas não sejam todas objectivas, mas não há sobreposições, dependendo, antigamente havia… dependendo do que é que o júri A vai considerar depois o júri B devia ter tirado mais ou menos, e isso deixou de haver, não há sobreposições nesse aspecto. Há coisas que são mais claras, há coisas que são excessivamente fixas e que tornou mais difícil. Temos que fazer muitas contas, às vezes as pessoas erram não por desonestidade, não por uma certa subversão, mais uma coisinha para aqui mais uma coisinha para ali, não, porque quando estão a fazer contas se esquecem do… e vai um, estás a somar seis e cinco, onze, dois e três, cinco e esqueceste que ali vai um, e isto acontece milhares de vezes. E são tantas coisas que temos que ter em consideração tanto a nível do júri A como a nível do júri B, que às vezes nos esquecemos de somar mais um décimo, ou de tirar mais um décimo porque nos esquecemos, porque são tantas "picuinhisses", "ninharias", que isso acontece muito."

E por fim temos a J10 em que "as grandes dificuldades sentidas como juiz, … em relação aos saltos gímnicos na trave e no solo o reconhecimento da dificuldade, quer dizer, se afastava as pernas exactamente a 180º ou superior a 180º se a perna estava perto da cabeça, ou não, nos saltos "cambré", nos saltos com rotações no eixo longitudinal, nos saltos gímnicos se rodava exactamente ou não, isso deixou de ter importância porque como os saltos gímnicos desceram todos de valor, já não há problema em saber se foi um C, ou se foi um D, porque isso é que contava para a nota e agora como é praticamente tudo A e B, deixou de ter uma importância relevante, mas a dificuldade continua, quer dizer, nessa altura a dificuldade era essa muito mais do que nos elementos acrobáticos. As principais mudanças, diferenças de pontuar de um código para o outro, o código 2001 e 2006, é a matemática, a aritmética. A aritmética é evidente e indiscutivelmente… aliás, tem graça que nos últimos Campeonatos do Mundo, quer dizer, nos primeiros com este código e também nos Campeonatos da Europa seguintes, o que houve de mais gritante foram os erros nas somas, quer dizer, se teve tantas dificuldades, teve tantos elementos estruturais, teve isto, teve aquilo, ao somar tudo são parcelas que nunca mais acabam, e com a pressão para dar a nota depressa houve erros realmente muito grandes, e … o grande erro principal que toda a gente se queixa é o facto de que nas deduções passar de 0.1 para 0.5, quer dizer, é uma questão de critério às vezes e de posição do juiz, de disposição do juiz, que também é verdade, até de simpatia da juiz para com a ginasta, isto no fundo é tudo

humano, não é uma máquina, e há diferenças gritantes entre uma juiz que tire 0.3 num elemento, que faz uma dedução de 0.3 e outra que faz 0.5 e se somarmos uma série de elementos há diferenças de 2, 3 pontos entre as notas do júri B."

E para terminar, como nos faz referencia a J11 na questão colocada anteriormente e passo a citar e que realmente é um facto "…em termos de ajuizamento é uma questão de prática, de habituar ao novo código, apagar o velho e colocar na cabeça o novo código e ter outra visão."

5.2.3 Questão 2.2.6 do Guião da Entrevista efectuada aos Juízes: Acha mais fácil pontuar com o novo CP?

Quadro 78 : Análise da questão: "Acha mais fácil pontuar com o novo CP?"

CATEGORIA	UNIDADE DE REGISTO	ENUMERAÇÃO/ QUANTIFICAÇÃO		UNIDADE DE CONTEXTO
		N	%	
AJUIZAMENTO	1) Sim	3	23,08%	
	2) Não	8	61,54%	
	3) Igual	2	15,38%	
	4) Indeciso (Não sabe)	1	7,69%	

O Quadro 78 relativamente à questão "Acha mais fácil pontuar com o novo CP?", que faz parte da **categoria**, **ajuizamento**, mostra-nos a existência de quatro unidades de registo: uma relacionada com a conformidade entre algumas das juízes, que sim, que consideram que é mais fácil, com a prática até se tornou mais fácil pontuar com este novo CP (3=23,08%); mas a maior parte das juízes acham que não, muito pelo contrário. Ainda podemos dizer que dentro do grupo de estudo foi um resultado significativo, das treze entrevistadas, oito responderam que não, logo, o equivalente a 61,54%, mais de metade do grupo de estudo de juízes. Já para duas delas era igual (15,38%), enquanto que uma não nos soube dar uma resposta concreta, tanto disse que sim, como disse não (1=7,69%). A justificação para esse facto prendia-se com as funções que tivesse que realizar, só assim poderia responder se acharia mais fácil ou mais difícil, daí o total

de respostas dar catorze e não treze como deveria, pois a entrevistada tanto respondeu sim como não e foi incluída nas duas unidades de registo.

5.2.3.1 Questão 2.2.6 (Continuação) do Guião da Entrevista efectuada aos Juízes: Acha mais fácil pontuar com o novo CP? (Justifique/Argumente a resposta dada)

Quadro 79: Análise da Questão (continuação): "Acha mais fácil pontuar com o novo CP? (Justifique/Argumente a resposta dada)"

CATEGORIA	UNIDADE DE REGISTO		ENUMERAÇÃO/ QUANTIFICAÇÃO		UNIDADE DE CONTEXTO
			N	%	
AJUIZAMENTO	**Sim**	1) Pela clara separação que existe entre a nota de execução e a nota de dificuldade (as tarefas são específicas)	2	15,38%	"Pelo facto de ter havido uma separação clara da nota de execução e da nota de dificuldade, …"; "Depois de ultrapassar e de apagar o velho acho que sim. Até porque as tarefas são específicas, quem é juiz de execução, quem é júri B, só faz juiz de execução, o que simplifica bastante, e quem é júri A, praticando, criando rotinas, penso que se torna mais fácil, …"
		2) Pela maior valorização da dificuldade	1	7,69%	"…e acho que também há uma valorização maior da dificuldade porque antigamente, duas ginastas, se uma delas fizesse muita dificuldade e outra fizesse muita dificuldade acrescida de mais dificuldade não era valorizada…"
		3) Pela inexistência de uma nota tecto (nota limite dos 10 pontos)	1	7,69%	"…antigamente, duas ginastas, se uma delas fizesse muita dificuldade e outra fizesse muita dificuldade acrescida de mais dificuldade não era valorizada porque havia uma nota tecto e a partir daí a diferença não era feita e agora isso acontece."
		4) Se pontuar somente Execução (Nota B)	1	7,69%	"Se pontuar execução sim, … Se for juiz de execução é muito mais fácil, mais simples. "
		5) Praticando e criando rotinas	1	7,69%	"Depois de ultrapassar e de apagar o velho acho que sim. …praticando, criando rotinas, penso que se torna mais fácil, …"
		6) Melhor ainda com as alterações e correcções que foram realizadas depois dos erros que foram detectados	1	7,69%	"…principalmente com as novas alterações, conseguiram depois de se detectarem os erros e de se aperceber o que é que poderia melhorar, com as últimas alterações penso que ainda se torna mais fácil."
	Não	7) Mas gosto mais de pontuar com este CP	2	15,38%	"Acho que é mais difícil pontuar com este código. Embora neste momento eu goste mais de pontuar com este código porque já tenho mais prática, mas é mais difícil, … acho que era mais fácil pontuar pelo outro código."; "… eu gosto de pontuar com este código, sinto-me mais capaz, também pela experiência que tenho tido, e pelos anos que pontuo e pelas competições que vou tendo,

					sinto-me mais capaz de pontuar agora do que a alguns anos atrás. … De uma forma geral acho que é mais difícil."
AJUIZAMENTO	**Não**	8) Há imensos, inúmeros pormenores para as juízes analisarem, quer ao nível da nota A quer ao nível da nota B	4	30,77%	"…mas é mais difícil, tem que se ver mais pormenores, tem que se ver os oito mais valiosos, tem que se ir ver o pivot, tem que se ver se a saída é A, B ou C, tem que se ver as ligações, …"; "… eu acho que está difícil pontuar devido a todos e a tantos pormenores que temos que ver e estar atentas. Está difícil pontuar devido a tantos detalhes, das rotações, se desce de valor, se já não desce, em vez de valer um A, em vez de valor um E já vale um D, são muitos pormenores para as juízes verem tanto na nota A como na nota B, que eu acho que no outro código era muito mais simples. … mas na minha opinião este código, sem dúvida, é muito mais complicado que o outro, tem muitas mais coisas para ver, muito mais ligações e pormenores que torna o código, no geral, muito mais difícil de pontuar."; "há muitos mais pequenos aspectos que temos que estar concentradas e temos que fazer muito mais coisas. Houve um acréscimo de funções, e temos que estar preocupadas com muitas mais coisas que não tínhamos que estar, … estamos a fazer e a pensar em mil e uma coisas e não nos podemos esquecer disto e daquilo e ela acabou de fazer e eu não sei se vou deduzir se calhar aquilo que tenho que deduzir na e com exactidão, …"
		9) As constantes mudanças e alterações do CP são muito prejudiciais	3	23,08%	"… não é questão de o achar mais fácil ou mais difícil, o que eu acho é que se ele não tiver as constantes alterações, depois de uma pessoa entrar no ritmo e no esquema, é fácil, …"; "…este código é muito mais complicado sobretudo porque ainda não pararam de haver alterações."; "Eu não acho isso, mas se calhar é agora que eu não acho por ser um código novo, que todos os dias está a mudar e todos os dias eu tenho que ver essas mudanças, todos, todos mas mesmo todos os dias há coisas novas, há informações novas, há um novo código todos os dias. Portanto, não, não está a ser muito fácil. Penso que quando ele estabilizar se calhar poderá ser mais fácil. Mas também ainda é um código recente que se calhar é normal que esteja a haver dificuldade."
		10) As juízes têm simplesmente que entrar no ritmo, praticar, treinar muito e depois é tudo uma questão de hábito	2	15,38%	"… depois de uma pessoa entrar no ritmo e no esquema, é fácil, porque com o treino isso é como tudo, com treino depois torna-se fácil, … Mas acho que é com o treino."; "Não sei, é assim, também é uma questão de hábito é verdade, … É claro que é uma questão de hábito e o código aos poucos, quando entrar mesmo em vigor, sem essas e as constantes alterações, e quando as alterações começarem a parar e as pessoas entrarem no ritmo, que inicialmente claro que foi uma confusão pontuar com este

					código."
		11) Mais fácil de pontuar para quem tem como função a de júri B/nota B	1	7,69%	"Porque tem uma data de coisas, por exemplo, o júri B ficou mais fácil, quem faz de júri B é mais fácil, …"
		12) Mais difícil pontuar para quem tem que exercer a função de júri A/nota A	2	15,38%	"…quem faz de júri A é mais difícil."; "… aquilo da nota A, … ao ver e analisar o código todo em si, eu acho que está difícil pontuar devido a todos e a tantos pormenores que temos que ver e estar atentas. Está difícil pontuar devido a tantos detalhes, das rotações, se desce de valor, se já não desce, em vez de valer um A, em vez de valor um E já vale um D, são muitos pormenores para as juízes verem tanto na nota A…"
AJUIZAMENTO	**Não**	13) Este CP é muito complicado, muito mais confuso	3	23,08%	"… só que eu acho que é muito complicado este código… E as próprias juízes mesmo antes de pontuar já encaravam este código de uma maneira, como se fosse um "bicho" realmente, mas na minha opinião este código, sem dúvida, é muito mais complicado que o outro, tem muitas mais coisas para ver, muito mais ligações e pormenores que torna o código, no geral, muito mais difícil de pontuar."; "…este código é muito mais complicado sobretudo porque ainda não pararam de haver alterações."; "E isto vai trazer uma grande confusão, não sou mais ou menos incompetente que a outra pessoa mas não tenho é a mesma percepção porque é fisicamente impossível."
		14) Se pontuar dificuldade, desempenhar a função de júri A/nota A	1	7,69%	"…se pontuar dificuldade não. … Se for juiz de dificuldade não, este código é muito mais complicado sobretudo porque ainda não pararam de haver alterações."
		15) Quando o CP estabilizar se calhar poderá ser mais fácil de pontuar	1	7,69%	"Eu não acho isso, mas se calhar é agora que eu não acho por ser um código novo, que todos os dias está a mudar e todos os dias eu tenho que ver essas mudanças, todos, todos mas mesmo todos os dias há coisas novas, há informações novas, há um novo código todos os dias. Portanto, não, não está a ser muito fácil. Penso que quando ele estabilizar se calhar poderá ser mais fácil. Mas também ainda é um código recente que se calhar é normal que esteja a haver dificuldade."
		16) Há dificuldade em pontuar com este CP	1	7,69%	"Portanto, não, não está a ser muito fácil. … Mas também ainda é um código recente que se calhar é normal que esteja a haver dificuldade."
		17) Tem imensas contas para fazer	2	15,38%	"Um dos aspectos é por uma pessoa tem que fazer imensas contas e para além da possibilidade de errar quando fazes as contas, … Em termos de júri A é fácil, tirando a parte de fazer contas. Em termos de júri A tornou-se muito fácil tirando a parte de fazer contas."; "Não, de maneira nenhuma. Porque precisamente está muito matemático…"

AJUIZAMENTO	**Não**	18) Em termos de júri A é fácil pontuar	1	7,69%	"Em termos de júri A é fácil, … Em termos de júri A tornou-se muito fácil…"
		19) Provoca um cansaço muito superior ao que era habitual	2	15,38%	"Um dos aspectos é por uma pessoa tem que fazer imensas contas e para além da possibilidade de errar quando fazes as contas, induz a um cansaço superior ao que era habitual."; "Houve um acréscimo de funções, e temos que estar preocupadas com muitas mais coisas que não tínhamos que estar, e que então no caso das provas portuguesas ainda nos dão mais tarefas, mas mesmo só o código acaba por ser muito mais exaustivo e acabamos por, se calhar, não estar tão atentas como deveríamos estar à função que temos que estar ali a fazer porque estamos a fazer e a pensar em mil e uma coisas e não nos podemos esquecer disto e daquilo e ela acabou de fazer e eu não sei se vou deduzir se calhar aquilo que tenho que deduzir na e com exactidão, muito menos consigo apreciar realmente o exercício que apresentam."
		20) As penalizações são muito diferentes de uns valores para outros	1	7,69%	"Por outro lado, quando nós estamos à volta de um aparelho, as penalizações, neste momento temos umas penalizações que são muito diferentes de uns valores para os outros, com a ideia de ser tão objectivo tão objectivo só podes tirar 1 décimo, 3 décimos, 5 décimos e 8 décimos, há uma grande diferença, quando as pessoas se dispõem à volta do aparelho não vêem todas a mesma coisa, como é evidente, o que para mim é um desvio da vertical, se eu estiver a pontuar com o júri B6, o que para mim é um desvio da vertical de 1 décimo, para uma pessoa que esteja na posição de B3 ou B4, pode ser uma penalização de 5 décimos. E isto vai trazer uma grande confusão, não sou mais ou menos incompetente que a outra pessoa mas não tenho é a mesma percepção porque é fisicamente impossível. Em relação às rotações exactamente a mesma coisa, ainda estou a falar em termos de penalizações, em relação às rotações exactamente a mesma coisa, quer dizer o que para mim pode ser uma pirueta que terminou completamente, às vezes doutra posição, na trave isso é muito claro, mas no solo não é assim tão claro se a pirueta terminou exactamente ou se terminou 10º antes."
		21) A ideia era, foi ser tão objectivo que se tornou ainda mais subjectivo	1	7,69%	"… com a ideia de ser tão objectivo tão objectivo … isto vai trazer uma grande confusão, …"
		22) O factor das rotações, dos ângulos, das amplitudes, o valor de dificuldade a atribuir devido a todos esses	3	23,08%	"Está difícil pontuar devido a tantos detalhes, das rotações, se desce de valor, se já não desce, em vez de valer um A, em vez de valor um E já vale um D, são muitos pormenores para as juízes verem tanto na nota A como na nota B, que eu acho que no outro código era

AJUIZAMENTO	**Não**	factores e ainda mais alguns			muito mais simples. … tem muitas mais coisas para ver, muito mais ligações e pormenores que torna o código, no geral, muito mais difícil de pontuar."; "Por outro lado, quando nós estamos à volta de um aparelho, as penalizações, neste momento temos umas penalizações que são muito diferentes de uns valores para os outros, com a ideia de ser tão objectivo tão objectivo só podes tirar 1 décimo, 3 décimos, 5 décimos e 8 décimos, há uma grande diferença, quando as pessoas se dispõem à volta do aparelho não vêem todas a mesma coisa, como é evidente, o que para mim é um desvio da vertical, se eu estiver a pontuar com o júri B6, o que para mim é um desvio da vertical de 1 décimo, para uma pessoa que esteja na posição de B3 ou B4, pode ser uma penalização de 5 décimos. E isto vai trazer uma grande confusão, não sou mais ou menos incompetente que a outra pessoa mas não tenho é a mesma percepção porque é fisicamente impossível. Em relação às rotações exactamente a mesma coisa, ainda estou a falar em termos de penalizações, em relação às rotações exactamente a mesma coisa, quer dizer o que para mim pode ser uma pirueta que terminou completamente, às vezes doutra posição, na trave isso é muito claro, mas no solo não é assim tão claro se a pirueta terminou exactamente ou se terminou 10º antes. Eu não… é difícil de perceber."; "… e quer dizer as pessoas estão tão preocupadas, as juízes estão tão preocupadas em ver se é 0º ou 180º, ou 360º ou 359º que acabam por não ver o exercício no seu conjunto, na sua beleza na sua estética."
		23) Com tantos pormenores e preocupações acabam por não "analisar", "avaliar" ou mesmo não "ver" o exercício realizado no seu conjunto, na sua beleza estética	2	15,38%	"Porque precisamente está muito matemático e quer dizer as pessoas estão tão preocupadas, as juízes estão tão preocupadas em ver se é 0º ou 180º, ou 360º ou 359º que acabam por não ver o exercício no seu conjunto, na sua beleza na sua estética."; "Houve um acréscimo de funções, e temos que estar preocupadas com muitas mais coisas que não tínhamos que estar, e que então no caso das provas portuguesas ainda nos dão mais tarefas, mas mesmo só o código acaba por ser muito mais exaustivo e acabamos por, se calhar, não estar tão atentas como deveríamos estar à função que temos que estar ali a fazer porque estamos a fazer e a pensar em mil e uma coisas e não nos podemos esquecer disto e daquilo e ela acabou de fazer e eu não sei se vou deduzir se calhar aquilo que tenho que deduzir na e com exactidão, muito menos consigo apreciar realmente o exercício que apresentam."
		24) Hoje em dia um juiz é mais uma máquina do que uma pessoa	1	7,69%	"Quer dizer, sentem-se mais máquinas do que pessoas a avaliar o exercício."

AJUIZAMENTO	**Não**	25) É necessário uma atenção superior, acrescida, uma preocupação muito maior	1	7,69%	"Não. Acho que não, acho que temos que estar muito mais atentas exactamente para os elementos que têm que estar dentro daquele intervalo, acho que temos que estar muito mais atentas ou seja não podemos pontuar à vontade e depois ir ver os elementos mais fortes como fazíamos, o à vontade é… apesar de ela fazer aqui no fim já é bom, e agora temos que estar com muita mais atenção nesse sentido, há muitos mais pequenos aspectos que temos que estar concentradas e temos que fazer muito mais coisas. Houve um acréscimo de funções, e temos que estar preocupadas com muitas mais coisas que não tínhamos que estar, e que então no caso das provas portuguesas ainda nos dão mais tarefas, mas mesmo só o código acaba por ser muito mais exaustivo e acabamos por, se calhar, não estar tão atentas como deveríamos estar à função que temos que estar ali a fazer porque estamos a fazer e a pensar em mil e uma coisas e não nos podemos esquecer disto e daquilo e ela acabou de fazer e eu não sei se vou deduzir se calhar aquilo que tenho que deduzir na e com exactidão, muito menos consigo apreciar realmente o exercício que apresentam."
		26) Há um acréscimo de funções	1	7,69%	"Houve um acréscimo de funções, e temos que estar preocupadas com muitas mais coisas que não tínhamos que estar, …"
		27) Nas competições a nível de Portugal ainda se torna pior pelo acumular de funções que nos atribuem	1	7,69%	"Houve um acréscimo de funções, e temos que estar preocupadas com muitas mais coisas que não tínhamos que estar, e que então no caso das provas portuguesas ainda nos dão mais tarefas, …"
	Igual	28) Só é preciso estar mais atento à parte da composição	1	7,69%	"Eu acho que é igual, em termos de fácil de pontuar, desde que uma pessoa… tem é que ter mais coisas dentro da cabeça porque há mais a parte da composição que não havia, mas em termos de ser fácil eu acho que é igual."
		29) É igual	1	7,69%	"Para mim é igual."
	Indecisa	30) Mudança de funções 31) Não tanta dificuldade a nível de júri B 32) Mais dificuldade a nível do júri A devido às imensas mudanças	1	7,69%	"Não sei porque tinha funções diferentes. Agora no que respeita se calhar ao júri B, há essa dificuldade que mencionei anteriormente. Não consigo, ou seja, se tivesse que fazer o júri B, tentaria sempre ver se contava ou contava e procurar saber se contava ou não contava para ser rigorosa na nota B, ao fazer de júri A eu acho que para mim é mais difícil pontuar este código porque houve uma mudança. No meu caso existiu uma mudança de funções que leva a que se calhar seja mais difícil de pontuar, porque se o júri A falha pode estar em causa a nota da ginasta, se o júri B falha, há sempre outras notas que podem estar nas pontas e sair e não prejudicar tanto a ginasta."

O Quadro 79, relativamente à questão "Acha mais fácil pontuar com o novo CP? (Justifique/Argumente a resposta dada)", mostra-nos, continuando dentro da **categoria**, **ajuizamento**, pela necessidade de justificar e argumentar as quatro unidades encontradas para a primeira parte da pergunta, e que foram detectadas a existência de mais trinta e duas unidades de registo (que se podem considerar "sub-unidades de registo" da pergunta em si por terem sido "divididas", retiradas das anteriores quatro unidades como já é do conhecimento de todos): as seis primeiras unidades de registo que iremos expor irão estar relacionadas com o sim da primeira parte da questão em si, mencionando, obviamente os seus argumentos para esta posição tomada em relação ao assunto e as suas consequentes justificações/argumentações; as restantes vinte e uma unidades de registo prendem-se com o não, com o grupo de juízes que não acham que seja mais fácil pontuar com este novo CP e o porquê dessa resposta; as seguintes duas referem-se ao facto de para algumas juízes ser igual pontuar com um ou com outro CP; e por fim, as últimas três caracterizam-se pelo facto de uma das juízes entrevistadas ainda estar um pouco confusa e indecisa e não conseguir responder de uma forma clara e objectiva no geral sobre a matéria, perfazendo um total de trinta e duas unidades de registo como já tinha sido anteriormente mencionado.

Uma primeira unidade de registo, das seis relacionadas com o sim, refere-se à clara separação que existe entre a nota de execução e a nota de dificuldade (as tarefas são específicas) (2=15,38%); a segunda pela maior valorização da dificuldade (1=7,69%); de seguida temos a terceira unidade que se reporta à inexistência de uma nota tecto (nota limite dos 10 pontos) (1=7,69%); de seguida o facto de se pontuar somente Execução (Nota B) (1=7,69%); a quinta que indica a necessidade de ir e de se estar constantemente praticando e criando rotinas (1=7,69%); e, por fim, a sexta e última unidade (relacionada com o sim) que nos diz que cada vez se torna mais fácil pontuar este CP e que é cada vez melhor ainda com as alterações e correcções que foram realizadas depois dos erros que foram detectados (1=7,69%). Passando agora para o grupo de estudo que respondeu não à primeira parte da pergunta (as tais vinte e uma unidades a referenciar relacionadas com o não do último Quadro e as suas justificações), começamos já pela sétima que se reporta ao facto de acharem este CP mais difícil de pontuar mas que gostam mais de pontuar com este CP (2=15,38%); depois temos a oitava unidade de registo que nos indica a existência de imensos, inúmeros pormenores para as juízes analisarem, quer ao nível da nota A quer ao nível da nota B (4=30,77%); de seguida o facto de as constantes mudanças e alterações do CP serem muito prejudiciais (3=23,08%); a décima unidade de registo

alerta-nos para o caso de as juízes terem simplesmente que entrar no ritmo, praticar, treinar muito e que depois é tudo uma questão de hábito (2=15,38%); continuando, a décima primeira diz-nos que é mais fácil de pontuar para quem tem como função a de júri B/nota B (1=7,69%); mas que é mais difícil pontuar para quem tem que exercer a função de júri A/nota A (2=15,38%); na décima terceira unidade temos o caso deste CP ser considerado muito complicado, muito mais confuso (3=23,08%); e que se pontuar dificuldade, desempenhar a função de júri A/nota A não é mais fácil pontuar com este novo CP (1=7,69%); mas quando o CP estabilizar se calhar poderá ser mais fácil de pontuar (1=7,69%) refere uma juiz; na décima sexta unidade de registo há a indicação da dificuldade em pontuar com este CP (1=7,69%); na seguinte unidade temos a indicação das imensas contas que há para fazer com a implementação deste novo CP (2=15,38%); de seguida, e na décima oitava unidade há a referência que em termos de júri A é fácil pontuar (1=7,69%); mas que este CP provoca um cansaço muito superior ao que era habitual (2=15,38%); e que as penalizações são muito diferentes de uns valores para outros (1=7,69%); levando desta forma à vigésima primeira unidade de registo que nos indica que se a ideia era, foi ser ou tornar um CP tão objectivo ou o mais objectivo possível que se tornou ainda mais subjectivo (1=7,69%); e que o factor das rotações, dos ângulos, das amplitudes, o valor de dificuldade a atribuir devido a todos esses factores e ainda a mais alguns (3=23,08%) se torna muito difícil de pontuar com isto tudo para ver e ter em atenção; na vigésima terceira unidade de registo temos algo relacionado com a unidade anterior, que se prende com o facto de existirem tantos pormenores e preocupações que as juízes acabam por não "analisar", "avaliar" ou mesmo não "ver" o exercício realizado no seu conjunto, na sua beleza estética (2=15,38%); e por isso, hoje em dia uma juiz é mais uma máquina do que uma pessoa (1=7,69%); levando à necessidade de uma atenção superior, acrescida, uma preocupação muito maior (1=7,69%); a vigésima sexta e penúltima unidade respeitante ao não, diz-nos que as juízes referem que há um acréscimo de funções (1=7,69%); e, por fim, a vigésima sétima e última unidade de registo referente ao não, menciona que nas competições a nível de Portugal ainda se torna pior pelo acumular de funções que lhes são atribuídas (1=7,69%). As seguintes unidades de registo, a vigésima oitava e a vigésima nona, diz-nos que só é preciso estar mais atento à parte da composição (1=7,69%) e o facto de ser exactamente igual (1=7,69%), refere-se ao facto destas juízes não considerarem que haja alteração na forma de pontuar, que é exactamente igual, nem é mais fácil nem é mais difícil, é igual. De seguida exporemos as últimas três (a trigésima unidade de registo, que tem a ver com a mudança de funções (1=7,69%); a seguinte que se prende com a inexistência de tanta dificuldade a nível de júri B (1=7,69%); e finalmente a

trigésima segunda que reflecte a maior dificuldade encontrada a nível do júri A devido às imensas mudanças (1=7,69%)), estas últimas três são referentes à juiz que foi categorizada como indecisa (1=7,69%), pois não sabe, ainda não está pronta, preparada para responder se acha que é mais fácil ou não pontuar com este novo CP, tendo sido estas últimas três unidades de registo apresentadas pela própria para as suas justificações e argumentações sobre o caso e o próprio discurso, transcrito no Quadro como exemplo para as unidades de registo.

"Se pontuar execução sim, se pontuar dificuldade não. Se for juiz de execução é muito mais fácil, mais simples. Se for juiz de dificuldade não, este código é muito mais complicado sobretudo porque ainda não pararam de haver alterações." (J5)

5.2.4 Questão 2.2.7 do Guião da Entrevista efectuada aos Juízes: Considera que as alterações verificadas no CP vieram trazer mais exactidão no ajuizamento das ginastas e maior credibilidade à modalidade?

Quadro 80: Análise da questão: "Considera que as alterações verificadas no CP vieram trazer mais exactidão no ajuizamento das ginastas e maior credibilidade à modalidade?"

CATEGORIA	UNIDADE DE REGISTO		ENUMERAÇÃO/ QUANTIFICAÇÃO		UNIDADE DE CONTEXTO
			N	%	
AJUIZAMENTO	1) Sim	a) Total	6	46,15%	
		b) Exactidão no ajuizamento	4	30,77%	"Mais exactidão tenho a certeza que sim, como já disse acho que este código é muito mais justo para a generalidade das ginastas, embora haja algumas injustiças com as regras do código, … Acho que mais exactidão há, …"; "Mas uma ginasta normal não pode ser só perfeição e não sei se essa parte vai trazer essa … exactidão, …"; "Se calhar concordo com isso, acho que sim, acho que de facto, sim, considero verdadeiro."; "… é assim veio trazer mais exactidão porque aquilo está tudo muito certo, sabes que tens que cumprir aqueles dez elementos."; "Exactidão, penso que sim, que veio trazer uma maior exactidão no ajuizamento."; "Se calhar poderá trazer mais exactidão. Se calhar este código até vai beneficiar, porque ao separar bem as ginastas, e ao separar com pontuações bastante expressivas, porque antigamente a primeira da segunda tinha décimas e centésimas de diferença, e agora elas até são separadas com uma diferença bastante significativa, se calhar aí vai trazer essa tal exactidão."; "Mais exactidão talvez, na nota A."

AJUIZAMENTO		c) Credibilidade à modalidade	4	30,77%	"Mas uma ginasta normal não pode ser só perfeição e não sei se essa parte vai trazer essa credibilidade à modalidade, ou essa exactidão, essa vantagem, ou ser justo."; "Relativamente à credibilidade, penso que não, pelo facto de que se calhar nem sempre as melhores ginastas são aquelas que têm as melhores notas."; "Sim, tendo em conta que por exemplo, ao nível da composição existe maior objectividade e havendo objectividade e sabendo ao certo o que é que se desconta em quê, o que tem e o que não tem, torna-a mais objectiva e mais credível."; "Eu não acho que a modalidade não tenha credibilidade,…".
	2) Não	d) Total	3	23,08%	"Acho que não. Eu espero não me enganar, mas acho que não porque o grande problema da ginástica continua a ser sermos pontuados por pessoas, e as falhas vão continuar a existir, os erros também, mas as inexactidões às vezes são sempre para o mesmo lado e é mais complicado. Aí não sei se vai haver diferenças, não me parece."; "Eu não acredito nisso, não acredito nisso, precisamente pela grande amplitude, que independentemente de nós pode existir no ajuizamento, e por um erro que não me é atribuível. Por um erro de por exemplo, de posição à volta do aparelho, e são erros que não me podem ser atribuíveis. É só nesse aspecto.";
		e) Exactidão no ajuizamento	3	23,08%	"Não creio que isto vá dar mais exactidão."; "Agora relativamente à exactidão, se calhar sim, em termos de exactidão, não digo que não esteja mais exacto, ou seja, se nós conseguirmos ser máquinas a ajuizar e esperemos que o consigamos, acho que é realmente mais preciso e a nota será muito mais exacta. Agora não sei é se o conseguimos porque apesar de tudo é subjectivo e apesar de tudo somos pessoas que não estamos a analisar um esquema e ponto final vamos para casa, são vários esquemas e depois temos que pensar no grupo que passou na primeira rotação, ou seja, é muita coisa a analisar e por isso se calhar não sei se conseguimos fazer tudo, como ser humanos que somos."
	2) Não	f) Credibilidade à modalidade	5	38,46%	"… mais credibilidade à modalidade acho que ainda falta um bocadinho."; "Mas uma ginasta normal não pode ser só perfeição e não sei se essa parte vai trazer essa credibilidade à modalidade, …"; "Quanto à credibilidade estamos muito no início para perceber isso, mas suponho que não."; "Isso é relativo, é muito relativo, e como é que hei-de responder a esta pergunta sem divagar muito… tentando ser o mais objectiva possível…": "Na nota B não é tão credível porque uma ginasta que se calhar faça os dez elementos mas com um valor de dificuldade mais baixo mas correctos, se calhar vai ter uma nota superior a uma ginasta que faz uns dez elementos mais difíceis mas com mais incorrecções…. Logo, a credibilidade não sei até que ponto é que dará uma maior

					sempre as melhores ginastas são aquelas que têm as melhores notas."; "Credibilidade não, de todo. Credibilidade na modalidade não terá nada haver com isto, antes pelo contrário acho que o dez estava muito bem e neste momento o facto de ultrapassar não tem nada haver."
AJUIZAMENTO	3) Indecisos (Sim e Não)	g) Alguma dificuldade em responder e em se definirem	5	38,46%	"Eu não acho que a modalidade não tenha credibilidade, eu acho que a modalidade é uma modalidade exigente e que o ajuizamento, principalmente na GAF é bastante exigente…"; "Acho que em alguns pontos vieram."; "Eu não acredito nisso, não acredito nisso, precisamente pela grande amplitude, que independentemente de nós pode existir no ajuizamento, e por um erro que não me é atribuível. Por um erro de por exemplo, de posição à volta do aparelho, e são erros que não me podem ser atribuíveis. É só nesse aspecto."

O Quadro 80 relativamente à questão "Considera que as alterações verificadas no CP vieram trazer mais exactidão no ajuizamento das ginastas e maior credibilidade à modalidade?", correspondente mais uma vez à **categoria**, **ajuizamento**, dividiu a possibilidade de respostas pelos nossos entrevistados em três tipos de unidades, a do sim (6 respostas=46,15%), a segunda a do não (3=23,08%), e por fim a terceira e última unidade de registo nesta análise, a dos indecisos, dos entrevistados que visto as alterações verificadas serem muito recentes ainda não conseguirem ter uma opinião concreta, clara ou até mesmo com alguma objectividade como se veio a verificar nalgumas respostas anteriores, tendo desta forma sido colocados para a unidade dos "hesitantes", com cinco respostas correspondentes a 38,46% dos entrevistados. Como reparamos deu uma totalidade superior ao número do grupo de estudo, isto porque devido à indecisão por parte de alguns dos elementos, mas também ao facto das suas respostas serem bastante válidas, essa parte da "exactidão" a nível numérica e percentual foi ignorada e excluída neste caso devido à pertinência das respostas dadas e as próprias unidades onde estas se definiam e encaixavam melhor.

Daí que para a unidade de registo do sim, dividimo-la em três, o total (6=46,15%), obviamente que a segunda foi a exactidão no ajuizamento (4 respostas=30,77%) e por fim, a credibilidade à modalidade (4=30,77%). Para a unidade do não foi exactamente realizada da mesma forma que a do sim. Logo, para o não (total 3 respostas=23,08%), segunda unidade de registo para a exactidão no ajuizamento (3=23,08%) e na terceira a credibilidade à modalidade (5=38,46%), o que nos leva a concluir que os dois elementos do sim que na credibilidade só obtiveram quatro respostas afirmativas, quer dizer que os restantes dois, do total de seis, achou que mais

credibilidade não trazia, mas somente mais exactidão; finalmente, os "indecisos" (os do sim e não, ou sim ou não), a unidade e última que tiveram alguma dificuldade em responder e em se definirem (5=38,46%).

5.2.4.1 Questão 2.2.7 (Continuação) do Guião da Entrevista efectuada aos Juízes: Considera que as alterações verificadas no CP vieram trazer mais exactidão no ajuizamento das ginastas e maior credibilidade à modalidade? (Justifique/Argumente a resposta dada)

Quadro 81: Análise da Questão (continuação): "Considera que as alterações verificadas no CP vieram trazer mais exactidão no ajuizamento das ginastas e maior credibilidade à modalidade? (Justifique/Argumente a resposta dada)"

CATEGORIA	UNIDADE DE REGISTO		ENUMERAÇÃO/ QUANTIFICAÇÃO		UNIDADE DE CONTEXTO
			N	%	
AJUIZAMENTO	**Sim**	1) Este código é muito mais justo para a generalidade das ginastas apesar de às vezes poder provocar em certos aspectos alguma injustiça	2	15,38%	"Mais exactidão tenho a certeza que sim, como já disse acho que este código é muito mais justo para a generalidade das ginastas, embora haja algumas injustiças com as regras do código, ou seja, podem haver ginastas que vão para uma prova e realizam imensos elementos difíceis mas ainda não estão correctamente executados e têm menos nota que aquelas que fazem exercícios mais simples. Nesse aspecto há injustiça, por exemplo, vamos falar ao nosso nível, ao nível de Portugal, uma ginasta que vai para o número de Solo, e faz rondada flic duplo mortal, rondada flic pirueta, rondada flic dupla com mortal à frente, faz algumas penalizações e tira uma determinada nota, e vai outra ginasta e faz um exercício só com rondadas flics mortais empranchados, ou uma pirueta ou coisas muito simples e acaba por atingir uma melhor nota."; "Pode ser justo ou não. De facto pode ser mais exacto como não, porque o facto de os descontos estarem assim tão rigorosos não sei se vai trazer assim tanta justiça à atleta ou não. … Mas uma ginasta normal não pode ser só perfeição e não sei se essa parte vai trazer essa credibilidade à modalidade, ou essa exactidão, essa vantagem, ou ser justo."
		2) Necessário aprender a construir os exercícios das ginastas e não arriscar elementos que não	2	15,38%	"Isto vai de encontro a que nós também, treinadores e juízes, principalmente os treinadores, têm que aprender a construir os exercícios dos seus ginastas. Ou seja, neste momento não vale a pena uma ginasta

		estejam totalmente consolidados			apresentar em prova e realizar um elemento que não esteja mais de 80% correcto porque vai prejudicar a ginasta. Pelo menos a nível nacional é assim que se tem feito. As nossas ginastas da selecção nacional o ano passado foram aos Campeonatos da Europa, e algumas ginastas foram com elementos pouco seguros e que neste momento já não estão a fazer isso. O que está pouco seguro não se coloca no exercício, só se inclui na competição o que está totalmente seguro, para não dar origem a esses problemas. Ou seja, por causa da execução que tem muito valor, como a execução se desconta de 10 pontos vale muito, comparado com restante, a ginasta que tem muitos descontos vai ter menos nota mesmo que tenha uma nota A muito elevada, acaba sempre por ter sempre nota menor."; "… uma atleta que faz faz faz faz, fiz mais dificuldade e vou ter mais descontos, por isso vou ter uma nota inferior a um exercício com menos dificuldade, por isso, isto leva a que este código, exige, leva a que eles não arrisquem, só façam aquilo que está perfeito para não ter dedução. E nós vemos isso, quem está pontuar vê isso, vemos e sabemos que a ginasta pode fazer muito mais mas que não vai fazer porque tem medo da dedução."
AJUIZAMENTO	**Sim**	3) A GAF é uma modalidade muito exigente, principalmente ao nível do ajuizamento	2	15,38%	"Eu não acho que a modalidade não tenha credibilidade, eu acho que a modalidade é uma modalidade exigente e que o ajuizamento, principalmente na GAF é bastante exigente, enquanto que nós sabemos e muitas vezes a GAF, ou digamos as juízes da GAF são criticadas pelos juízes da GAM que dizem que somos muito exigentes…"; ""Pode ser justo ou não. De facto pode ser mais exacto como não, porque o facto de os descontos estarem assim tão rigorosos não sei se vai trazer assim tanta justiça à atleta ou não."
		4) As deduções/execução na GAF estão muito exigentes	5	38,46%	"Ou seja, por causa da execução que tem muito valor, como a execução se desconta de 10 pontos vale muito, comparado com restante, a ginasta que tem muitos descontos vai ter menos nota mesmo que tenha uma nota A muito elevada, acaba sempre por ter sempre nota menor."; "… as juízes da GAF são criticadas pelos juízes da GAM que dizem que somos muito exigentes porque, enquanto que nós para uma dedução que tiramos 3 ou 5 décimas, eles, para eles é 1 décima. E acho que está muito exigente, a dedução na GAF está muito exigente."; "Pode ser justo ou não. De facto pode ser mais exacto como não, porque o facto de os descontos estarem assim tão rigorosos não sei se vai trazer assim tanta justiça à atleta ou não."; "Na nota B

					não é tão credível porque uma ginasta que se calhar faça os dez elementos mas com um valor de dificuldade mais baixo mas correctos, se calhar vai ter uma nota superior a uma ginasta que faz uns dez elementos mais difíceis mas com mais incorrecções. E depois a ginasta tem a nota A superior, mas no entanto de nota B, a execução neste código está muito exigente. E se calhar as ginastas que são mais fraquinhas mas são mais correctas beneficiam mais com este código."; "O facto da execução estar muito exigente torna o código muito duro, é muito duro o código agora, mas isso por um lado ajuda também a separar as ginastas, a separar o trigo do joio e a quem faz o mesmo mas quem faz muito bem e quem não faz bem.".
		5) As deduções/execução continuam a ser sempre muito subjectivas	1	7,69%	"Quer dizer a amplitude dos movimentos, tudo isso, as deduções que se fazem continuam a ser sempre subjectivas e não é o 0.1, 0.3, 0.5 e 0.8 que vão modificar isso."
AJUIZAMENTO	**Sim**	6) Por vezes as deduções resultantes da execução desempenhada pela ginasta pode levar a uma desmotivação por parte desta pelo número elevado de elementos de dificuldade que esta executa e por vezes pode não ser recompensada por isso	1	7,69%	"E acho que está muito exigente, a dedução na GAF está muito exigente. E às vezes isso pode desmotivar digamos, quer dizer, uma atleta que faz faz faz faz, fiz mais dificuldade e vou ter mais descontos, por isso vou ter uma nota inferior a um exercício com menos dificuldade, por isso, isto leva a que este código, exige, leva a que eles não arrisquem, só façam aquilo que está perfeito para não ter dedução. E nós vemos isso, quem está pontuar vê isso, vemos e sabemos que a ginasta pode fazer muito mais mas que não vai fazer porque tem medo da dedução."
		7) Em relação ao último CP é	1	7,69%	"Eu acho que sim, acho que veio em relação ao outro acho que sim, …"
		8) Uma boa ginasta não é só perfeita como também tem que ter um bom nível de dificuldade nos seus exercícios	3	23,08%	"Porque eu considero que uma boa ginasta não é só perfeita, também tem que ter um nível de dificuldade no seu exercício, isso é que é uma boa ginasta. No fundo uma óptima ginasta consegue conciliar as duas coisas."; " … acho que vai trazer mais exactidão no ajuizamento porque é exigido à ginasta fazer as coisas de outra forma, é também exigido à ginasta de ser mais perfeita e a ginástica também é a perfeição apesar de também ser a espectacularidade, que se calhar agora foi diminuída, pelo menos o valor que tinha isso na ginástica foi diminuído e foi dado mais valor à exactidão e à perfeição da ginasta e da ginástica."; "A nível da execução o código privilegia muito a perfeição. Por um lado, na nota A é pedido que a ginasta faça cada vez mais, e contam os valores de maior dificuldade, os elementos de maior dificuldade, mas no entanto se esses elementos não forem feitos correctamente não

					beneficiam nada a ginasta, não adianta de nada. Por isso vai beneficiar se calhar aquelas ginastas que são mais correctas.".
		9) Vai distinguir muito bem as ginastas	2	15,38%	"No fundo isso vai distinguir muito bem as ginastas, vai distinguir as boas e as más ginastas, isso sem dúvida alguma. Se calhar poderá trazer mais exactidão. Se calhar este código até vai beneficiar, porque ao separar bem as ginastas, e ao separar com pontuações bastante expressivas, porque antigamente a primeira da segunda tinha décimas e centésimas de diferença, e agora elas até são separadas com uma diferença bastante significativa, se calhar aí vai trazer essa tal exactidão."; "Apesar de "chocar" um bocadinho o desaparecer o dez, de criar algum "prurido", alguma "comichão" desaparecer o dez como nota máxima eu penso que sim, porque penso que vai permitir a tal "decálage" entre as ginastas que são menos boas, mazinhas, boas, muito boas e excelentes, isso vai permitir graduar e estabelecer a tal diferença entre as ginastas.".
		10) O CP está mais objectivo e não tão subjectivo	1	7,69%	"Acho que em alguns pontos vieram. Porque está muito mais, tem muitos mais pontos no código em que uma pessoa se não faz tem que descontar, portanto, uma pessoa acaba por dizer…não, não fez isto que dantes uma pessoa descontava ou não ali tem mesmo que descontar, não é critério, porque se não fez, por exemplo, pivot na trave desconta e antes era um bocado subjectivo. Agora há mais objectividade."
AJUIZAMENTO	**Sim**	11) Este código favorece a exactidão do ajuizamento das atletas	1	7,69%	"Se calhar concordo com isso, acho que sim, acho que de facto, sim, considero verdadeiro. Porque acho que, como eu disse há bocado e se calhar pode estar a ser contraditório o que estou a dizer em relação ao que afirmei anteriormente, mas exactidão no ajuizamento das ginastas, acho que este código favorece isso, a exactidão do ajuizamento das atletas, …".
		12) É mais difícil a adaptação ao novo CP pelas juízes mas de facto está mais exacto	1	7,69%	"… apesar de estar a ser difícil para nós juízes por eu acho que está a ser difícil para todas a adaptação ao novo código.".
		13) A partir do momento em que não haja mais mudanças e alterações ao nível do CP 2006, vai haver mais exactidão no ajuizamento	1	7,69%	"Mas acho que estando tudo decidido e o código assente e sem mais mudanças e é aquilo que nós temos que saber e é assim que vai seguir, acho que sim, seguindo isso, o caminho directo, acho que sim, acho que vai trazer mais exactidão no ajuizamento …".
		14) Ao nível da composição existe mais objectividade, logo torna-a mais credível	1	7,69%	"Sim, tendo em conta que por exemplo, ao nível da composição existe maior objectividade e havendo objectividade e sabendo ao certo o que é que se desconta em quê, o que tem e o que não tem, torna-a

					mais objectiva e mais credível.".
		15) O que foi referido na unidade anterior verifica-se o mesmo para as deduções, que tornam a modalidade mais credível devido à objectividade implementada	1	7,69%	"Porque não é hoje vamos tirar 0.6 amanha vamos tirar 0.7, porque as ginastas estão num nível e as que estão presentes num nível inferior, e nesse aspecto há mais credibilidade porque há mais objectividade.".
	Sim	16) O aumento crescente da exigência do nível da dificuldade não sei se dá credibilidade ou não à modalidade	1	7,69%	"Acho que existe um maior grau de exigência e um aumento crescente do grau de dificuldade e da complexidade dos exercícios, isso eu acho que este código veio trazer isso, não sei se isso é bom ou mau, o risco também começa a ser cada vez maior, os exercícios são mais complexos, vai-se aumentando sempre o grau de dificuldade porque o objectivo é fazer sempre cada vez mais, e quanto mais se conseguir ter ao nível da exigência e da dificuldade mais será a pontuação do exercício ao nível da nota A. Não sei se isso credibiliza a modalidade, mas acho que é um facto que eu consigo constatar é o aumento crescente da exigência, mas não sei se credibiliza ou não."
AJUIZAMENTO		17) O erro e a falha humana vão continuar a existir	2	15,38%	"Acho que não. Eu espero não me enganar, mas acho que não porque o grande problema da ginástica continua a ser sermos pontuados por pessoas, e as falhas vão continuar a existir, os erros também, …"; "Eu não acredito nisso, não acredito nisso, precisamente pela grande amplitude, que independentemente de nós pode existir no ajuizamento, e por um erro que não me é atribuível. Por um erro de por exemplo, de posição à volta do aparelho, e são erros que não me podem ser atribuíveis. É só nesse aspecto. Não creio que isto vá dar mais exactidão.".
	Não	18) O factor tendencioso (falta de imparcialidade e de isenção)	1	7,69%	"…o grande problema da ginástica continua a ser sermos pontuados por pessoas, e as falhas vão continuar a existir, os erros também, mas as inexactidões às vezes são sempre para o mesmo lado e é mais complicado. Aí não sei se vai haver diferenças, não me parece. Quanto à credibilidade estamos muito no início para perceber isso, mas suponho que não.".
		19) A composição tornou a ir para a nota A	1	7,69%	"Mais exactidão talvez, na nota A. Na nota B acho que está muito mais confuso. Mas como agora a composição torna a ir para a nota A embora a pessoa continua a ser pessoa e na avaliação da composição há muita coisa pequenina que escapa, porque são listas que nunca mais acabam para deduzir. Quer dizer, não é só o decorar, até pode decorar e depois não saber aplicar na altura porque tem segundos para fazer aquilo.".
	Indecisos	20) As listas de deduções nunca mais acabam	1	7,69%	

No que se refere à **categoria**, **ajuizamento**, relativamente à questão "Considera que as alterações verificadas no CP vieram trazer mais exactidão no ajuizamento das ginastas e maior credibilidade à modalidade? (Justifique/Argumente a resposta dada)", o Quadro 81 mostra a existência de vinte unidades de registo dentro dos argumentos apresentados para as últimas três unidades apresentadas no Quadro anterior a este (a primeira referente ao sim, a segunda ao não e a última, mais uma vez aos indecisos), tendo sido agrupadas as suas justificações, em vinte unidades como já foi citado. Algo que é importante de referir, é que esta questão tornou-se muito complicada para os nossos entrevistados responderem e posteriormente para ser analisada, tendo sido extraído ao máximo tudo que de relevante nos pareceu ser pertinente, os pontos mais fulcrais. Isto porque, de uma forma geral, eles expuseram as suas ideias, opiniões, pontos de vista, de uma forma pouco objectiva, e de um momento para o outro ou até mesmo sem darem conta já estavam a contradizer o que tinham acabado de afirmar. Daí, razão pela qual, este separar e agrupar de unidades esteja, à primeira vista, um pouco confusa, ou com alguma falta de lógica, mas houve casos em que as respostas do sim, uma parte, ou uns excertos de alguns discursos, teriam que obrigatoriamente ir para uma das unidades do não, pois era lá que mais se "encaixavam" e pertenciam. Para os sujeitos do grupo de estudo foi uma questão muito subjectiva e que lhes colocou muitas dúvidas, (e algo que os colocou em completa reflexão) pois alguns nunca tinham sido deparados com este género de questão ou pensado muito seriamente sobre o assunto. Passando, portanto, já de seguida à apresentação das vinte unidades de registo (que se dividem da seguinte forma, dezasseis para o sim, seguido de duas unidades quer para o não, quer para os indecisos respectivamente): a primeira unidade de registo diz-nos que este código é muito mais justo para a generalidade das ginastas apesar de às vezes poder provocar em certos aspectos alguma injustiça (2=15,38%); de seguida referiu-se o facto de ser necessário os treinadores aprenderem a construir os exercícios das ginastas e não arriscarem elementos que não estejam totalmente consolidados (2=15,38%); na terceira unidade temos a opinião que a GAF é uma modalidade muito exigente, principalmente ao nível do ajuizamento (2=15,38%); e que as deduções/execução na GAF estão muito exigentes (5=38,46%); além de que as deduções/execução continuam a ser sempre muito subjectivas (1=7,69%); na sexta unidade de registo temos a referência de que por vezes as deduções resultantes da execução desempenhada pela ginasta pode levar a uma desmotivação por parte desta pelo número elevado de elementos de dificuldade que esta executa e por vezes pode não ser recompensada por isso (1=7,69%); já a sétima diz-nos que em relação ao último CP este é mais credível e exacto (1=7,69%); depois, uma observação que nos leva a uma clara e ponderada reflexão de

que uma boa ginasta não é só perfeita como também tem que ter um bom nível de dificuldade nos seus exercícios (3=23,08%); a nona unidade de registo reporta-se ao facto de que este novo CP vai distinguir muito bem as ginastas (2=15,38%); isto porque o CP está mais objectivo e não tão subjectivo (1=7,69%), no entender de um elemento do grupo de estudo; assim como a décima primeira unidade de registo nos indica que este código favorece a exactidão do ajuizamento das atletas (1=7,69%); apesar de uma juiz achar que é mais difícil a adaptação ao novo CP pelas juízes mas que de facto está mais exacto (1=7,69%); a décima terceira unidade é muito clara, a partir do momento em que não haja mais mudanças e alterações ao nível do CP 2006, vai haver mais exactidão no ajuizamento (1=7,69%); já a décima quarta refere que ao nível da composição existe mais objectividade, logo torna-a mais credível (1=7,69%); e de seguida, o que foi referido na unidade anterior verifica-se o mesmo para as deduções, que tornam a modalidade mais credível devido à objectividade implementada (1=7,69%); por fim, ao nível da décima sexta unidade de registo e última referente ao sim, temos a opinião que o aumento crescente da exigência do nível da dificuldade não se sabe se dará credibilidade ou não à modalidade (1=7,69%). Já no que respeita ao não só temos duas referências mas bastante pertinentes, a décima sétima unidade prende-se com o facto de o erro e a falha humana irem continuar a existir (2=15,38%); e finalmente, o factor tendencioso (falta de imparcialidade e de isenção) (1=7,69%); por último temos os "indecisos", que tanto diziam que sim, como que não, que tinham muitas dúvidas, que ainda não se sentiam aptos a dar respostas concretas e objectivas, tendo retirado somente o seguinte, da composição ter tornado a ir para a nota A (1=7,69%) e a vigésima unidade de registo, e última referente a esta questão, em que refere que as listas de deduções nunca mais acabam (1=7,69%).

De seguida serão expostas três respostas na íntegra das trezes obtidas, uma referente à J1, outra à J10 e por fim à da J12.

A J1 refere que "mais exactidão tenho a certeza que sim, como já disse acho que este código é muito mais justo para a generalidade das ginastas, embora haja algumas injustiças com as regras do código, ou seja, podem haver ginastas que vão para uma prova e realizam imensos elementos difíceis mas ainda não estão correctamente executados e têm menos nota que aquelas que fazem exercícios mais simples. Nesse aspecto há injustiça, por exemplo, vamos falar ao nosso nível, ao nível de Portugal, uma ginasta que vai para o número de Solo, e faz rondada flic duplo mortal, rondada flic pirueta, rondada flic dupla com mortal à frente, faz algumas penalizações e tira uma determinada nota, e vai outra ginasta e faz um exercício só

com rondadas flics mortais empranchados, ou uma pirueta ou coisas muito simples e acaba por atingir uma melhor nota. Isto vai ao encontro a que nós também, treinadores e juízes, principalmente os treinadores, têm que aprender a construir os exercícios dos seus ginastas. Ou seja, neste momento não vale a pena uma ginasta apresentar em prova e realizar um elemento que não esteja mais de 80% correcto porque vai prejudicar a ginasta. Pelo menos a nível nacional é assim que se tem feito. As nossas ginastas da selecção nacional o ano passado foram aos Campeonatos da Europa, e algumas ginastas foram com elementos pouco seguros e que neste momento já não estão a fazer isso. O que está pouco seguro não se coloca no exercício, só se inclui na competição o que está totalmente seguro, para não dar origem a esses problemas. Ou seja, por causa da execução que tem muito valor, como a execução se desconta de 10 pontos vale muito, comparado com o restante, a ginasta que tem muitos descontos vai ter menos nota mesmo que tenha uma nota A muito elevada, acaba sempre por ter nota menor. Acho que mais exactidão há, mais credibilidade à modalidade… acho que ainda falta um bocadinho."

A juiz J10 faz observações dignas de serem lidas na integra e com a máxima atenção possível sobre esta questão e que obviamente envolverá outras questões de forma indirecta ou por vezes bem directa: "Mais exactidão talvez, na nota A. Na nota B acho que está muito mais confuso. Mas como agora a composição torna a ir para a nota A embora a pessoa continua a ser pessoa e na avaliação da composição há muita coisa pequenina que escapa, porque são listas que nunca mais acabam para deduzir. Quer dizer, não é só o decorar, até pode decorar e depois não saber aplicar na altura porque tem segundos para fazer aquilo. E tem havido imensas sugestões que também já foram experimentadas, numa espécie de computador, em que cada vez que há uma dedução de 0.1 se toca num botão, uma dedução de 0.3 noutro, de 0.5 noutro, e depois a máquina soma automaticamente e a juiz não pode voltar atrás. Porque até agora no fundo a juiz fez sempre a nota comparativamente, por mais que o código não diga, há sempre uma comparação, nem que seja a ideal. E fez sempre e acaba por ter uma nota digamos de nove pontos e depois pensa, aquela que fez na outra equipa no fundo foi muito melhor e apanhou só 8.90, logo tirei demais e portanto agora passar, vou tirar mais 2 décimas e vou pôr 8.80. Isso agora é muito difícil porque já não há tempo para isso. E aliás não se sabe qual é, esse problema continua, há um elemento qualquer que é considerado D, por exemplo, dupla ½ para mortal à frente, mortal empranchado com dupla ½, depois no fim faz tripla, mas na tripla a tolerância não há, vai portanto vai repetir o elemento e não conta, e não conta na sua

multiplicação de deduções, não conta como elemento, não conta como última série, não conta como dificuldade, etc, etc… mas a júri B continua a não saber se contou ou não contou, portanto se considera que foi faz a dedução, e então a ginasta apanha uma dupla dedução, dedução no sentido em que o elemento não é contado, quer dizer, conta-se como duas ½ , como duas e ½ está bem, mas a júri B pensa que foi 3 e fez a dedução em relação ao critério como tinha anteriormente. E o que é mais engraçado, é que quem tem mais dificuldade em entrar neste novo código são as juízes antigas, que trabalharam durante 3, 4 ciclos com o código antigo, porque as que começam agora se souberem ginástica têm mais facilidade em entrar neste novo critério do que as antigas. Então, apesar de tudo, este novo código não veio trazer mais credibilidade à ginástica?! A ginástica continua a mesma. E este código foi mudado por motivos políticos, não foi por motivos desportivos. Quer dizer, depois do escândalo de Atenas, digamos em que nos homens, … porque o código das mulheres podia ser considerado quase o mais perfeito possível do que estava até agora, trabalhamos nele durante 4 anos, trabalhamos e eu digo trabalhamos, porque eu fui uma grande parte desse trabalho, todas as juízes e treinadores a quem tínhamos mostrado o código disseram que era o melhor até agora realmente, o que estava, o anterior, o que estava já feito para ser publicado em Atenas, depois surgiu aquele problema com o ginasta Americano que ganhou a medalha e devia ter sido o Coreano, que até hoje em dia é completamente quase inexplicável, e pessoalmente e porque os conheço a todos muito bem, eu estou convencida que foi um daqueles momentos que sucedem uma vez na vida, em que três juízes ao mesmo tempo baixaram a cabeça para escrever, e nessa altura não viram exactamente aqueles graus que deviam ter visto, se o elemento era em balanço ou se era parado ou lá o que era, que era do Coreano. Além disso nessa altura, o juiz Espanhol tinha visto precisamente de outra maneira, tinha visto um D em vez de ser um C, mas os outros dois disseram que era C e ele pensou, devo ser eu que devo estar enganado. E depois apanharam todos a suspensão, os três. Isso foi uma tragédia para a ginástica e como foi um escândalo enorme, e o Comité Olímpico exigiu que a ginástica tomasse um caminho mais rígido para essas coisas não tornarem a acontecer, o motivo foi político para mudar o código. Quer dizer, vamos fazer uma coisa completamente nova que é para não incorrer nos mesmos erros, e os erros continuam exactamente iguais, porque têm que continuar porque a ginástica continua a ser subjectiva. Quem é que pode dizer se um mortal é alto ou é baixo… é alto para mim, é baixo para ti, é baixo se considerarmos uma campeã do mundo e é alto se considerarmos uma ginasta de 3ª unidade. Quer dizer a amplitude dos movimentos, tudo isso, as deduções que se fazem continuam a ser sempre subjectivas e não é o 0.1, 0.3, 0.5 e 0.8 que vão modificar isso."

Já a J12 diz-nos que "sim, tendo em conta que por exemplo, ao nível da composição existe maior objectividade e havendo objectividade e sabendo ao certo o que é que se desconta em quê, o que tem e o que não tem, torna-a mais objectiva e mais credível. Porque não é hoje vamos tirar 0.6 amanha vamos tirar 0.7, porque as ginastas estão num nível e as que estão presentes num nível inferior, e nesse aspecto há mais credibilidade porque há mais objectividade. Acho que existe um maior grau de exigência e um aumento crescente do grau de dificuldade e da complexidade dos exercícios, isso eu acho que este código veio trazer isso, não sei se isso é bom ou mau, o risco também começa a ser cada vez maior, os exercícios são mais complexos, vai-se aumentando sempre o grau de dificuldade porque o objectivo é fazer sempre cada vez mais, e quanto mais se conseguir ter ao nível da exigência e da dificuldade mais será a pontuação do exercício ao nível da nota A. Não sei se isso credibiliza a modalidade, mas acho que é um facto que eu consigo constatar é o aumento crescente da exigência, mas não sei se credibiliza ou não."

Benigno (2003), durante a realização do seu estudo, teve como principal objectivo analisar a influência da dimensão estética da GAF e a sua influencia no processo de avaliação. Tendo como propósito, verificar qual o grau de intensidade com que cada um dos factores implicados interfere no processo de avaliação das juízes. Para isso utilizou juízes, treze, Internacionais A, Internacionais B e Nacionais categoria I.

As conclusões às quais chegou a autora após a análise dos resultados, foi que existe um conjunto de características morfológicas determinado, que corresponde à ginasta esteticamente agradável, podendo essas características influenciar o processo de avaliação.

Benigno (2003) também concluiu que relativamente à expressão do movimento das ginastas associam-se determinadas características que contribuem para uma performance esteticamente agradável, influenciando o processo de avaliação. Assim como a apresentação de uma ginasta é considerada estética quando se associam determinados aspectos relativos ao equipamento, penteado e maquilhagem, contudo relativamente à sua influência na avaliação por parte dos juízes os resultados não foram conclusivos. Por fim, a autora concluiu que as juízes mais experientes manifestam maior influência da dimensão estética no seu processo de avaliação.

O CP foi projectado para encorajar a variedade e criatividade nas competições, qualidades artísticas e estilo pessoal assim como a maestria das dificuldades (FIG, 2001).

Segundo Benigno (2003) a Trave e o Solo são os aparelhos onde a estética é mais valorizada, sendo o Solo incontestavelmente o aparelho do encanto e da beleza, já que permite a expressão harmoniosa das qualidades acrobáticas e estéticas das ginastas.

Nestes aparelhos existem deduções para as faltas relacionadas com a expressão artística (FIG, 2001 e 2006).

Benigno (2003, pp. 12) menciona que "a qualidade da elegância e expressão do estilo pessoal é avaliada de uma forma subjectiva, não existindo no CP qualquer determinação que especifique quais as características que definem a elegância e o estilo pessoal de uma ginasta, ficando assim este aspecto ao critério individual de cada juiz".

A técnica adicionada à expressão e a outros aspectos subjectivos como a criatividade, a virtuosidade e a espontaneidade, influencia as notas e faz da GA, uma modalidade "apaixonante" e "plástica" (Bortoleto, 2001).

Apesar da GAF ser uma modalidade subjectiva na sua essência, as juízes não podem evidenciar sentimentos e preferências na atribuição das notas. Contudo, por vezes a actuação das juízes não coincide com os esquemas de objectividade desejados (Valenzo, 2003).

D'Amico e Cedeño (2000, pp. 2) referem que é frequente ouvirem entre as juízes observações e comentários negativos acerca da valorização das combinações ou elementos executados pelas ginastas: "não é elegante"; "tem falta de amplitude"; "não tem expressividade"; "a música vai para um lado e ela para o outro"; "os elementos acrobáticos são muito bons, mas a sua coreografia é um desastre"; "não tem boa postura".

De facto, segundo Cintado (1999) o processo de julgamento dos exercícios na GAF não é objectivo. Cada juiz pontua de acordo com as suas preferências sendo que a aparência física pode influenciar na atribuição da nota final.

A diferenciação individual subjectiva explica a opção por uma ou outra performance, mesmo quando sabemos que ambas se construíram a partir de movimentos ou elementos idênticos, conduzindo quase sempre a uma escolha pessoal, estética, ou subjectiva (Bortoleto, 2000).

Nesta sociedade e cultura que se encontram em constante crise, cuja graduação axiológica está a ser regularmente modificada, pelo simples facto de hoje em dia se viver num tempo de

permanentes alterações e transformações. Levando a que as próprias palavras inalterabilidade, estabilidade, perseverança desapareçam cada vez mais do dicionário, ou sejam simplesmente atropeladas, esquecidas, passadas à frente pelas sociedades que se criam e desenvolvem cada vez mais, que a nossa visão e orientação do mundo, da vida e do próprio dia-a-dia é construída numa mudança constante (Garcia, 2002b). O que faz com que se caracterize cada vez mais como a palavra do nosso tempo, que inconscientemente está lá e já nem dá-mos por ela, tal é a velocidade e a rapidez dos acontecimentos, onde a única certeza é a de que só a mudança é imutável (Homem, 2006).

Segundo Lemos (2006), uma sociedade é fruto das pessoas que a constituem através de valores que estabelecem para desta forma sustentá-la, aplicando-se, desta forma, inteiramente ao corpo de juízes pelo qual a FIG é formada.

5.2.5 Questão 2.2.8 do Guião da Entrevista efectuada aos Juízes: Um vez que actualmente se pode ultrapassar a fasquia máxima dos 10 pontos, concorda com a alteração do CP que veio permitir o estabelecimento de recordes na GA? Não veio este facto deturpar o significado e o objectivo principal da GA (atingir a nota máxima), algo raro e inatingível, a perfeição, que tanto caracterizava a modalidade?

Quadro 82: Análise da questão: "Um vez que actualmente se pode ultrapassar a fasquia máxima dos 10 pontos, concorda com a alteração do CP que veio permitir o estabelecimento de recordes na GA? Não veio este facto deturpar o significado e o objectivo principal da GA (atingir a nota máxima), algo raro e inatingível, a perfeição, que tanto caracterizava a modalidade?"

CATEGORIA	UNIDADE DE REGISTO	ENUMERAÇÃO/ QUANTIFICAÇÃO		UNIDADE DE CONTEXTO
		N	%	
REPERCUSSÕES DO NOVO CÓDIGO DE PONTUAÇÃO	1) Sim concordo com a alteração	10	76,92%	"Concordo com esta nova alteração, acho que é uma evolução que o código de pontuação tinha que ter e a ginástica em si… Concordo com esta alteração, acho que é muito melhor para as ginastas e para a ginástica em si."; "… acho que é bom para a modalidade porque obriga uma pessoa a querer sempre mais, … acho que isso é bom para a modalidade, apesar de ainda não ter assimilado muito isso."; "Eu confesso que no início quando soube que a nota 10 ia deixar de existir fui completamente contra porque toda a gente identifica a

REPERCUSSÕES DO NOVO CÓDIGO DE PONTUAÇÃO				ginástica por isso e sabe que a nota máxima é o 10, mesmo o mais leigo na área. Mas, o facto de não existir nota limite permite comparar ginastas de diferentes ciclos olímpicos por exemplo, e a noção de recorde acho que é uma noção importante."; "É assim, no inicio eu fui um bocado contra, porque achava isso, que eram os dez pontos que era aquela nota… mas neste momento acho que permite uma maior liberdade, permite vermos coisas muito melhores, que dantes as ginastas só faziam até ao dez, portanto não precisavam de fazer mais e não se preocupavam muito com isso."; "Não, simplesmente acho que houve uma mudança. Concordo, em certa parte concordo porque acho que dar uma nota máxima a uma ginasta acho que é algo, uma coisa muito difícil, antigamente era o dez, dar o dez a uma ginasta acho que era algo muito difícil, já houve situações em que foi dado um dez e depois houve outra ginasta a seguir que se calhar mereceria o dez e a ginasta anterior não mereceria e as coisas, nunca houve dois dez. Portanto acho que sim, acho que isso não é justo, poderia acontecer muitas vezes e muitas mais vezes iria acontecer com certeza, porque um exercício perfeito, perfeito, perfeito, perfeito se calhar nunca vimos ou é subjectivo, portanto acho que sim, acho que se calhar, o aumento dessa escala foi bom porque vai permitir realmente a distinção das melhores entre as melhores."; "Foi aquilo que falei ao início, nós estávamos habituados à nota 10, a primeira vez, Nadia Comanechi, mas no entanto é mais aliciante, pelo menos do meu ponto de vista, é mais aliciante não existir."; "Eu acho que continua, claro que choca sobretudo quem estava há muito tempo habituado a isso, choca um bocadinho e parece que descaracteriza a ginástica artística."; "É uma mudança, mas eu não vejo as mudanças como algo de mal mas se elas existem é para trazer algo de bom, há que experimentar e logo ver."
	2) Não concordo com a alteração	2	15,38%	"Eu sou uma grande defensora da nota máxima, do dez. Sempre achei que não devíamos ter deixado o dez, porque da mesma maneira que no atletismo, houve uma altura, que de acordo com a técnica, nós sabemos que os recordes mudam muitas vezes não é porque os dos atletas são melhores, ás vezes é porque o tartan é melhor as sapatilhas de bicos são melhores, o dardo mudou, as varas têm um material diferente, os recordes vão mudando mas acabam por ser sempre relativos e tem a ver com a técnica, por isso também não é assim muito significativo. … Mas eu sou uma grande defensora do dez e acho que o facto deste ter deixado de existir veio deturpar a ginástica."; "Não concordo nada com a alteração, acho que é uma aberração, quer para as pessoas que estão na ginástica e ainda para mais para as pessoas que não estão na ginástica. Porque toda a gente se lembra da Nadia Comanechi a atingir o dez, e essa perfeição era o que todas as ginastas no ginásio tentavam, e era isso que nós lhes

REPERCUSSÕES DO NOVO CÓDIGO DE PONTUAÇÃO	3) Indecisos	1	7,69%	dizíamos, o teu exercício tem que ir para o dez, e era assim que elas…" "Isso por um lado é sim e por outro lado é não. Por um lado é sim, desde que tenhamos que aceitar realmente que o código mudou, as regras são estas, portanto temos que trabalhar segundo estas regras, é verdade, embora hoje ninguém ligue, continue a não ligar se é 17 pontos ou 16 pontos. Dantes era o dez, era o ícone, era uma coisa quase inatingível, agora ninguém fala se teve 17 pontos ou 16 pontos, fui o melhor e isso chega. Por outro lado, isto agora é muito difícil para mim responder, …"

O Quadro 82 e a Figura 34, relativamente à questão "Um vez que actualmente se pode ultrapassar a fasquia máxima dos 10 pontos, concorda com a alteração do CP que veio permitir o estabelecimento de recordes na GA? Não veio este facto deturpar o significado e o objectivo principal da GA (atingir a nota máxima), algo raro e inatingível, a perfeição, que tanto caracterizava a modalidade?", que se insere na **categoria**, **repercussões do novo código de pontuação**, mostra-nos a existência de três unidades de registo: uma relacionada com a concordância da actual mudança de se poder ultrapassar a fasquia máxima dos 10 pontos como nota máxima que tanto caracterizava a modalidade (10 respostas=76,92%), que tem fundamentalmente a ver com a sua nova forma de avaliação e que realmente se destaca das outras duas unidades, com uma maioria absoluta entre os indivíduos do grupo de estudo; uma outra unidade que inclui aquelas uízes que não concordam com essa alteração (2 respostas=15,38%) sendo umas eternas defensoras da nota 10; e finalmente uma terceira unidade que normalmente tem a ver com os indecisos (1 resposta = 7,69%), que não sabe ainda se é bom ou mau para a ginástica em si, ou talvez saiba, mas saiba demais ao ponto de não se querer prenunciar muito sobre o assunto visto estar directamente e/ou indirectamente ligado a ele… logo o não estar assim tão confusa ou não conseguir tirar uma conclusão muito clara de tudo isto, de todas estas transformações.

De referir, que esta elevada maioria obtida relativa ao sim, foi conquistada depois destes terem reflectido muito e pensando bastante durante o assunto, chegando à conclusão que era vantajoso para a modalidade. Pois a sua reacção inicial foi a rejeição, por parte de alguns, obviamente, não todos, mas alguns que agora defendem o sim, não concordavam com a mudança e como podemos comprovar nas suas entrevistas, por vezes ainda lhes é um pouco confuso e há, houve necessidade de "digerirem" um pouco o assunto.

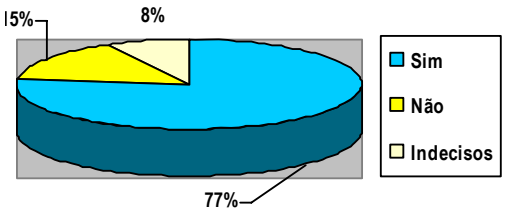


Figura :34 % de indivíduos que concordam com a mudança e alteração do CP actual que se pode ultrapassar a fasquia máxima dos 10 pontos, e que veio permitir o estabelecimento de recordes na GA? Não vindo desta maneira deturpar o significado e o objectivo principal da GA (atingir a nota máxima), algo raro e inatingível, a perfeição, que tanto caracterizava a modalidade.

5.2.5.1 Questão 2.2.8 (Continuação) do Guião da Entrevista efectuada aos Juízes: Um vez que actualmente se pode ultrapassar a fasquia máxima dos 10 pontos, concorda com a alteração do CP que veio permitir o estabelecimento de recordes na GA? Não veio este facto deturpar o significado e o objectivo principal da GA (atingir a nota máxima), algo raro e inatingível, a perfeição, que tanto caracterizava a modalidade? (Justifique/Argumente a resposta dada)

Quadro 83: Análise da Questão (continuação): "Um vez que actualmente se pode ultrapassar a fasquia máxima dos 10 pontos, concorda com a alteração do CP que veio permitir o estabelecimento de recordes na GA? Não veio este facto deturpar o significado e o objectivo principal da GA (atingir a nota máxima), algo raro e inatingível, a perfeição, que tanto caracterizava a modalidade? (Justifique/Argumente a resposta dada)"

CATEGORIA	UNIDADE DE REGISTO		ENUMERAÇÃO/ QUANTIFICAÇÃO		UNIDADE DE CONTEXTO
			N	%	
REPERCUSSÕES DO NOVO CÓDIGO DE PONTUAÇÃO	**Sim**	1) Era uma ***evolução*** que não só o próprio código de pontuação como a própria ginástica artística tinha que ter - ***evoluir***	3	23,08%	"Concordo com esta nova alteração, acho que é uma evolução que o código de pontuação tinha que ter e a ginástica em si porque a ginástica está a evoluir de tal maneira, …"; "Mas a ginástica também tem que evoluir. E eu acho eu veio dar um outro ar à ginástica, eu acho que isso veio trazer… por um lado tirou aquilo que se tinha do antigamente do dez, aquele mito, mas acho que veio dar outra mexida na ginástica e que agora esse recorde eu acho que é interessante e que pode trazer coisas bastantes interessantes à ginástica e à própria modalidade em si, e acho que pode ser uma vantagem e é uma evolução que a própria modalidade também tem que começar a sofrer aos poucos."; "Porque eu dá-me a sensação que o código tem estado sempre em experimentação e daí ter tido imensas alterações porque ainda não conseguiram chegar

					àquilo que consideram que está bem e perfeito, não sei até que ponto é que também não haverá um momento em que vão achar que o que estava antes era melhor, mas acho que é uma evolução, como tudo. Todas as modalidades normalmente é o recorde o recorde, o recorde, a ginástica era diferente, não sei, não consigo ter uma opinião, neste momento acho que pode ser… como evolução acho que possa ser positivo, porque se nós conseguirmos ter uma base, e eu vejo enquanto juiz, e mesmo os ginastas enquanto ginastas, e os treinadores enquanto treinadores, se tiverem uma base que é sempre a mesma e é a partir dali que vão trabalhar sempre, facilita, não há alterações, não há mudanças, não há mudança de exigências, portanto aquilo é a base de trabalho e será continuado, eu acho que este código permite isso. O facto de não ter, de não haver o dez e de existir o *score*. Por outro lado é uma mudança muito radical daquilo que era a tradição."
REPERCUSSÕES DO NOVO CÓDIGO DE PONTUAÇÃO	**Sim**	2) Havia elementos de dificuldade e ligações executadas que não conseguiam ser valorizadas (era como se nada valessem a sua realização)	2	15,38%	"… os elementos as ligações, que não se conseguia valorizar as ginastas por essa evolução, e portanto, tudo muda, e quer dizer, este objectivo de atingir os 10 pontos, que era o ponto fulcral da Ginástica Artística, …"; "Havia muitas atletas no antigo código que faziam muita dificuldade e no entanto a nota máxima que elas poderiam ter era o dez, não adiantava nada estarem ali a fazer aqueles elementos todos."
		3) O objectivo anterior de atingir os 10 pontos (que limitava) e isso já não acontecer, vai é demorar um bocadinho até ser totalmente entendido e aceite pelo público	2	15,38%	"…se conseguia valorizar as ginastas por essa evolução, e portanto, tudo muda, e quer dizer, este objectivo de atingir os 10 pontos, que era o ponto fulcral da Ginástica Artística, acho que para já ainda não é muito bem compreendido pelo publico e ainda vai faltar um bocadinho, mas acho que é muito melhor porque se consegue evoluir muito mais, …"; "É muito mais complicado para quem está a assistir e não percebe do que está a ver. E aí é muito mais complicado poder fazer um ajuizamento e nem sempre aquilo que vêem é a nota que aparece depois. Aquilo que eles vêem parece muito bem muito bonito e depois a nota… e aí vai ser muito complicado para quem está a assistir e que não perceba da modalidade saber o porquê da nota, e aí sim, aí sim poderá prejudicar um bocado a modalidade, mas só com o tempo."
		4) Provoca uma maior motivação nas ginastas	2	15,38%	"… mas acho que é muito melhor porque se consegue evoluir muito mais, as ginastas conseguem ter mais vontade de trabalhar nas coisas difíceis."; "… estávamos habituados à nota 10, a primeira vez, Nadia Comanechi, mas no entanto é mais aliciante, pelo menos do meu ponto de vista, é mais aliciante não existir."; "Agora neste aspecto e neste código não, isso

					não acontece, elas agora podem cada vez fazer mais e superar cada vez mais as suas notas e os seus limites, penso que esta ideia do recorde e de não existir mais limite de nota, é bom, concordo plenamente."
		5) Esta é uma alteração muito importante para as ginastas e para a ginástica em si	1	7,69%	"Concordo com esta alteração, acho que é muito melhor para as ginastas e para a ginástica em si.";
		6) Privilegia a espectacularidade	2	15,38%	"A ginástica torna-se mais espectacular e essencialmente porque evita alguns problemas que aconteciam com ginastas e países que levavam atletas para as competições a fazer muita coisa e tudo mal feito, e as regras deste código previnem exactamente isso, só se fazer quando se tem o mínimo de qualidade."; "… mas permite que elas façam muitas mais coisas e haja muito mais espectacularidade em termos de exercícios."
		7) Valoriza a qualidade de execução/a perfeição	1	7,69%	"… e essencialmente porque evita alguns problemas que aconteciam com ginastas e países que levavam atletas para as competições a fazer muita coisa e tudo mal feito, e as regras deste código previnem exactamente isso, só se fazer quando se tem o mínimo de qualidade."
REPERCUSSÕES DO NOVO CÓDIGO DE PONTUAÇÃO	**Sim**	8) O facto de a nota limite (10 pontos) ter deixado de existir, não é um problema muito significativo para a evolução da ginástica	1	7,69%	"Por isso, acho que esse problema dos 10 pontos acho que vai passar um bocadinho, rapidamente ao lado e não me parece que isso seja muito significativo para a evolução da modalidade."
		9) A implementação ou a atribuição da nota que agora surge com o nome de "recorde", "score", como se disso se trata-se, sendo agora encarada com esse nome no mundo ou gíria gímnica	5	38,46%	"Eu penso que isto de ultrapassar os dez pontos e de haver recordes, nós agora falamos um bocado de recorde, o recorde está nos 16 pontos qualquer coisa… acho que é bom para a modalidade porque obriga uma pessoa a querer sempre mais, …"; "E como tal, essa desvantagem da perfeição e do dez veio dar outro significativo, que é agora, acho que sim, que vai haver muito esse objectivo, de obter o recorde,…"; "eu acho que isso na ginástica vai começar a acontecer, vou bater o meu recorde, quanto é que eu vou ter nas paralelas, quanto é que eu vou ter na trave, bati o meu recorde, quanto é que eu vou ter de nota final, estou a bater o meu recorde. E em todas as modalidades isso existia um bocado, todos tentavam obter o seu recorde, e na ginástica isso não existia, se chegasses ao dez, o teu recorde não podia ser ultrapassado, só podia ser esse. E eu acho eu veio dar um outro ar à ginástica, eu acho que isso veio trazer… e que agora esse recorde eu acho que é interessante e que pode trazer coisas bastantes interessantes à ginástica e à própria modalidade em si, …"; "e a noção de recorde acho que

					é uma noção importante. Não só do recorde, …" "Por exemplo, uma pessoa quando vê provas de atletismo, ou de natação, uma pessoa está ali à espera para ver quem é que bate o recorde, que é muito mais aliciante."; "Agora neste aspecto e neste código não, isso não acontece, elas agora podem cada vez fazer mais e superar cada vez mais as suas notas e os seus limites, penso que esta ideia do recorde e de não existir mais limite de nota, é bom, concordo plenamente."; "O facto de não ter, de não haver o dez e de existir o score."; "Todas as modalidades normalmente é o recorde o recorde, o recorde, a ginástica era diferente, não sei, não consigo ter uma opinião, neste momento acho que pode ser… como evolução acho que possa ser positivo, …"
REPERCUSSÕES DO NOVO CÓDIGO DE PONTUAÇÃO	**Sim**	10) "Obriga" o próprio atleta e treinador a querer sempre mais para conseguir uma nota cada vez mais superior (atingir e lutar sempre por um novo objectivo)	3	23,08%	"… acho que é bom para a modalidade porque obriga uma pessoa a querer sempre mais, obriga que o próprio atleta e o próprio treinador pensem em construir o exercício para conseguir obter uma nota superior à que obteve, porque dantes chegava-se aos 10 pontos e pronto, não se pensava mais nisso."; "Agora neste aspecto e neste código não, isso não acontece, elas agora podem cada vez fazer mais e superar cada vez mais as suas notas e os seus limites, penso que esta ideia do recorde e de não existir mais limite de nota, é bom, concordo plenamente."; "Todas as modalidades normalmente é o recorde o recorde, o recorde, a ginástica era diferente, não sei, não consigo ter uma opinião, neste momento acho que pode ser… como evolução acho que possa ser positivo, porque se nós conseguirmos ter uma base, e eu vejo enquanto juiz, e mesmo os ginastas enquanto ginastas, e os treinadores enquanto treinadores, se tiverem uma base que é sempre a mesma e é a partir dali que vão trabalhar sempre, facilita, não há alterações, não há mudanças, não há mudança de exigências, portanto aquilo é a base de trabalho e será continuado, eu acho que este código permite isso."
		11) Sendo assim, pode-se equiparar, igualar, transformar-se e até mesmo ser comparada com outras modalidades (devido ao "recorde")	4	30,77%	"E penso também que em comparação com as outras modalidades há isso dos recordes, no atletismo bater o recorde dos 100 metros, bater o recorde dos 5000 metros… e na natação a mesma coisa, há um constante bater de recordes, acho que isso é bom para a modalidade, apesar de ainda não ter assimilado muito isso."; "… como noutras modalidades, diminuir o seu tempo no atletismo… na natação… todos tentavam, tentam obter o seu recorde, bater cada vez mais o seu recorde, …"; "E em todas as modalidades isso existia um bocado, todos tentavam obter o seu

					recorde, e na ginástica isso não existia, se chegasses ao dez, o teu recorde não podia ser ultrapassado, só podia ser esse."; "Por exemplo, uma pessoa quando vê provas de atletismo, ou de natação, uma pessoa está ali à espera para ver quem é que bate o recorde, que é muito mais aliciante."; "Todas as modalidades normalmente é o recorde o recorde, o recorde, a ginástica era diferente, não sei, não consigo ter uma opinião, neste momento acho que pode ser… como evolução acho que possa ser positivo, …"
REPERCUSSÕES DO NOVO CÓDIGO DE PONTUAÇÃO	**Sim**	12) O dez como pontuação máxima, limite, não deixou de existir, neste momento faz parte, pertence exclusivamente à nota B, que depois soma com a nota A e daí sai o total, a tal nota final (ilimitada). Mas os dez pontos como perfeição continuam lá, faz parte da GA e há-de sempre fazer (a *perfeição*)	3	23,08%	"Eles não deixam de atingir a perfeição o dez é que estava associado à perfeição, ou seja, uma ginasta que tinha dez era perfeita. Agora, apesar de tudo, o dez na execução, se ela tirar um dez na execução ela é perfeita na mesma, é uma questão de uma pessoa se habituar à mudança."; "E agora cada vez mais se vê a aparecer muita dificuldade, portanto eu acho que é bom apesar de uma pessoa ter aquela ideia,… o dez continua lá na mesma porque uma pessoa desconta a partir da nota dez, mas permite que elas façam muitas mais coisas e haja muito mais espectacularidade em termos de exercícios."; "Mas continuamos a ter o dez, continuamos a perseguir o dez em termos de execução, por isso essa perfeição continua a existir, existe só num parcial da nota mas continua a existir."
		13) O dez como nota, essa tal perfeição, era um mito e era como toda a gente conhecia e se identificava com a ginástica artística	2	15,38%	"Eu na minha opinião, esta tal perfeição, e aquele o dez da Nadia Comanechi, e isso tudo, realmente era um mito… isso da ginástica, toda a gente a conhecia pelo dez, o dez a nota máxima. … E eu acho eu veio dar um outro ar à ginástica, eu acho que isso veio trazer… por um lado tirou aquilo que se tinha do antigamente do dez, aquele mito, mas acho que veio dar outra mexida na ginástica…"; "Eu confesso que no início quando soube que a nota 10 ia deixar de existir fui completamente contra porque toda a gente identifica a ginástica por isso e sabe que a nota máxima é o 10, mesmo o mais leigo na área."
		14) O dez era realmente o significado da nossa ginástica, era a nossa marca – a tradição	2	15,38%	"E isso realmente era o significado da nossa ginástica, toda a gente encarava e via o dez como a Nadia, isso realmente, esse dez era a nossa marca."; "Por outro lado é uma mudança muito radical daquilo que era a tradição."
		15) Desta forma o CP vai permitir comparar ginastas de diferentes ciclos olímpicos, pois até agora essas comparações eram feitas entre CP diferentes	1	7,69%	"Mas, o facto de não existir nota limite permite comparar ginastas de diferentes ciclos olímpicos por exemplo, e a noção de recorde acho que é uma noção importante. Não só do recorde, mas a comparação, porque muitas comparações até hoje foram feitas, mas foram feitas em códigos diferentes, ou seja, nós estávamos a comparar coisas que foram realizadas

					com regras diferentes e muitas das vezes é preciso ter cuidado quando essas comparações são feitas porque determinado exercício é realizado ou é feito porque o código o exige."
		16) Vai haver um período de adaptação pelas diferenças e mudanças que se verificaram e sentiram, mas é só uma questão de tempo	1	7,69%	"Quem estava com o antigo código e agora com o novo vai sentir essa diferença muito grande mas eu acho que com o tempo não."
		17) A inexistência da nota máxima (dos 10 pontos) poderá prejudicar um bocado a modalidade mas que deverá passar com o tempo	1	7,69%	"… para quem está a assistir e que não perceba da modalidade saber o porquê da nota, e aí sim, aí sim poderá prejudicar um bocado a modalidade, mas só com o tempo."
REPERCUSSÕES DO NOVO CÓDIGO DE PONTUAÇÃO	**Sim**	18) Antigamente as ginastas e os seus treinadores limitavam-se a cumprir o mínimo até conseguirem atingir a nota máxima, limite dos 10 pontos. Esta alteração, mudança, agora permite uma maior liberdade acumulando desta forma uma acrescida (maior) preocupação por parte de todos, vista a necessidade de realizar um maior número de elementos de dificuldade com a maior perfeição possível nível de execução	4	30,77%	"É assim, no inicio eu fui um bocado contra, porque achava isso, que eram os dez pontos que era aquela nota… mas neste momento acho que permite uma maior liberdade, permite vermos coisas muito melhores, que dantes as ginastas só faziam até ao dez, portanto não precisavam de fazer mais e não se preocupavam muito com isso. E agora cada vez mais se vê a aparecer muita dificuldade, portanto eu acho que é bom apesar de uma pessoa ter aquela ideia,… o dez continua lá na mesma porque uma pessoa desconta a partir da nota dez, mas permite que elas façam muitas mais coisas e haja muito mais espectacularidade em termos de exercícios."; "Não, simplesmente acho que houve uma mudança. Concordo, em certa parte concordo porque acho que dar uma nota máxima a uma ginasta acho que é algo, uma coisa muito difícil, antigamente era o dez, dar o dez a uma ginasta acho que era algo muito difícil, já houve situações em que foi dado um dez e depois houve outra ginasta a seguir que se calhar mereceria o dez e a ginasta anterior não mereceria e as coisas, nunca houve dois dez."; "Havia muitas atletas no antigo código que faziam muita dificuldade e no entanto a nota máxima que elas poderiam ter era o dez, não adiantava nada estarem ali a fazer aqueles elementos todos. Agora neste aspecto e neste código não, isso não acontece, elas agora podem cada vez fazer mais e superar cada vez mais as suas notas e os seus limites, penso que esta ideia do recorde e de não existir mais limite de nota, é bom, concordo plenamente."; "Todas as modalidades normalmente é o recorde o recorde, o recorde, a ginástica era diferente, não sei, não consigo ter uma opinião, neste momento acho que pode ser… como

REPERCUSSÕES DO NOVO CÓDIGO DE PONTUAÇÃO					evolução acho que possa ser positivo, porque se nós conseguirmos ter uma base, e eu vejo enquanto juiz, e mesmo os ginastas enquanto ginastas, e os treinadores enquanto treinadores, se tiverem uma base que é sempre a mesma e é a partir dali que vão trabalhar sempre, facilita, não há alterações, não há mudanças, não há mudança de exigências, portanto aquilo é a base de trabalho e será continuado, eu acho que este código permite isso. O facto de não ter, de não haver o dez e de existir o *score.* Por outro lado é uma mudança muito radical daquilo que era a tradição."
	Sim	19) Torna-se mais justo porque causa da exigência da perfeição, apesar desta ser sempre subjectiva, mas mesmo assim, desta forma permite uma melhor distinção das ginastas	2	15,38%	"Não, simplesmente acho que houve uma mudança. Concordo, em certa parte concordo porque acho que dar uma nota máxima a uma ginasta acho que é algo, uma coisa muito difícil, antigamente era o dez, dar o dez a uma ginasta acho que era algo muito difícil, já houve situações em que foi dado um dez e depois houve outra ginasta a seguir que se calhar mereceria o dez e a ginasta anterior não mereceria e as coisas, nunca houve dois dez. Portanto acho que sim, acho que isso não é justo, poderia acontecer muitas vezes e muitas mais vezes iria acontecer com certeza, porque um exercício perfeito, perfeito, perfeito, perfeito se calhar nunca vimos ou é subjectivo, portanto acho que sim, acho que se calhar, o aumento dessa escala foi bom porque vai permitir realmente a distinção das melhores entre as melhores."; "Eu ainda de lembro por exemplo, nos Jogos Olímpicos, penso eu que foram os JO de Barcelona, que as notas eram às milésimas e depois haviam muitos dez, e depois como é que se fazia ou se faz a diferenciação das ginastas."
	Não	20) A referência é realizar tudo o mais perfeito possível, e essa perfeição era perceptível para todos, o alcance da nota limite, o atingir a nota dos 10 pontos	2	15,38%	"Agora na ginástica nós tínhamos uma referência, e essa referência era a perfeição. A referência era fazer o mais possível dentro da perfeição, e a perfeição era perceptível para toda a gente como sendo o 10."; "Não concordo nada com a alteração, acho que é uma aberração, quer para as pessoas que estão na ginástica e ainda para mais para as pessoas que não estão na ginástica. Porque toda a gente se lembra da Nadia Comanechi a atingir o dez, e essa perfeição era o que todas as ginastas no ginásio tentavam, e era isso que nós lhes dizíamos, o teu exercício tem que ir para o dez, e era assim que elas… neste momento, eu trabalho com miúdas pequenas, nem lhes falo no código sequer, nem elas sabem que aquilo existe, muito bem, têm algumas noções, mas é complicado elas olharem para uma nota e perceberem se aquilo foi bom ou se foi mau, e é muito complicado transmitir-lhes isso, até porque para nós também é complicado

					formar-mos uma ideia acerca do que é bom e do que é mau. Por isso achava importantíssimo o dez, e o tentar atingir o dez, e saberem que um nove já estavam lá perto, porque percebiam que as dificuldades eram um caminho para lá chegar, mas que a perfeição do exercício era fundamental e actualmente está a cair-se num risco de tudo o que não está perfeito não se pode colocar no exercício porque é muito penalizado e por isso aquela questão de que a dificuldade também era muito importante para atingir o dez passa a não ter valor porque as pessoas acabam por fazer o mínimo que sabem, perfeito, e o espectáculo deixa também, acaba também por deixar de existir um bocadinho."
REPERCUSSÕES DO NOVO CÓDIGO DE PONTUAÇÃO	**Não**	21) Antigamente qualquer um (qualquer "leigo"), mesmo quem não percebesse nada de ginástica conseguia ver e comentar a nota obtida ou pelo menos ter uma noção	2	15,38%	"Agora na ginástica nós tínhamos uma referência, e essa referência era a perfeição. A referência era fazer o mais possível dentro da perfeição, e a perfeição era perceptível para toda a gente como sendo o 10. E qualquer pessoa que não percebesse nada de ginástica, conseguia mais ou menos, olhar para um exercício, ver um exercício na televisão do Campeonato do Mundo, olhar para aquilo e dizer, 9.70, porque achava que estava mais longe ou mais perto da perfeição."; "Não concordo nada com a alteração, acho que é uma aberração, quer para as pessoas que estão na ginástica e ainda para mais para as pessoas que não estão na ginástica. Porque toda a gente se lembra da Nadia Comanechi a atingir o dez, …"
		22) Neste momento as notas não são perceptíveis ao público	1	7,69%	"Hoje em dia, quer 16.400, eu neste momento digo-te que sei de uma nota de 16.400 na trave e que acho que é uma barbaridade, não sei como terá sido conseguido aquele 16.400 deve ter um grau de dificuldade aquele exercício que é uma coisa completamente inimaginável, mas para uma pessoa normal, e isso sou eu que estou aqui, mas para uma pessoa normal, 16.400 é bom, ou será que 13 é bom, não sei, e por comparação com os homens que têm notas muito melhores que nós porque os exercícios deles acabam sempre por ser mais validados que os nossos, nós continuamos a parecer que somos uma porcaria, porque para nós uma nota de 16 é rara e para eles ter um 16 é tu cá tu lá."
		23) O facto de a nota dez ter desaparecido, veio deturpar completamente a Ginástica Artística	2	15,38%	"Eu sou uma grande defensora da nota máxima, do dez. Sempre achei que não devíamos ter deixado o dez, … Mas eu sou uma grande defensora do dez e acho que o facto deste ter deixado de existir veio deturpar a ginástica."; "… mas é complicado elas olharem para uma nota e perceberem se aquilo foi bom ou se foi mau, e é muito complicado transmitir-lhes isso, até porque para nós também é complicado

					formar-mos uma ideia acerca do que é bom e do que é mau. Por isso achava importantíssimo o dez, e o tentar atingir o dez, e saberem que um nove já estavam lá perto, porque percebiam que as dificuldades eram um caminho para lá chegar, mas que a perfeição do exercício era fundamental e actualmente está a cair-se num risco de tudo o que não está perfeito não se pode colocar no exercício porque é muito penalizado e por isso aquela questão de que a dificuldade também era muito importante para atingir o dez passa a não ter valor porque as pessoas acabam por fazer o mínimo que sabem, perfeito, e o espectáculo deixa também, acaba também por deixar de existir um bocadinho."
	Não	24) O que tanto se defendeu e justificou como factor de mudança, era a tal maior e mais justa diferenciação que iria haver e ser possível fazer, que iria existir, verificar-se entre as ginastas. Afinal nada disso se está a verificar	1	7,69%	"E o que é facto e o mais engraçado, é que com esta coisa toda de que se vai tornar muito mais evidente quem é a melhor ginasta e mais não sei quê, o primeiro Campeonato do Mundo que se realizou com este novo código, as duas ginastas que ficaram no 1º e 2º lugar, a campeã do Mundo e a vice-campeã do Mundo ficaram separadas por 1 décima. É uma coisa incrível, uma coisa incrível, que disseram que nunca mais vai haver dúvidas e afinal, logo no primeiro Campeonato do Mundo isto verificou-se."
REPERCUSSÕES DO NOVO CÓDIGO DE PONTUAÇÃO		25) A técnica e o material influenciam os possíveis resultados (principalmente na obtenção de um novo recorde) na maior parte das modalidades, não as mudanças radicais das regras ou o próprio significado da modalidade (neste caso da ginástica artística), é muito relativo	1	7,69%	"Eu sou uma grande defensora da nota máxima, do dez. Sempre achei que não devíamos ter deixado o dez, porque da mesma maneira que no atletismo, houve uma altura, que de acordo com a técnica, nós sabemos que os recordes mudam muitas vezes não é porque os dos atletas são melhores, ás vezes é porque o tartan é melhor as sapatilhas de bicos são melhores, o dardo mudou, as varas têm um material diferente, os recordes vão mudando mas acabam por ser sempre relativos e tem a ver com a técnica, por isso também não é assim muito significativo."
	Indecisos	26) Temos que aceitar que o CP mudou e trabalhar segundo estas regras	1	7,69%	"Isso por um lado é sim e por outro lado é não. Por um lado é sim, desde que tenhamos que aceitar realmente que o código mudou, as regras são estas, portanto temos que trabalhar segundo estas regras, é verdade, embora hoje ninguém ligue, continue a não ligar se é 17 pontos ou 16 pontos."
		27) A nota 10 era o ícone, o mito, algo inatingível. Agora ninguém fala ou dá tanta importância se teve 16/17 pontos	1	7,69%	"Dantes era o dez, era o ícone, era uma coisa quase inatingível, agora ninguém fala se teve 17 pontos ou 16 pontos, fui o melhor e isso chega."
		28) O objectivo é fazer perfeito, mas cada vez mais difícil, também, e perfeito (só assim poderão	1	7,69%	"Um código de tipo recordes, em que o ginasta ia sempre somando somando somando, somando. E o que isso acaba no fundo por dizer e foi sempre a nossa critica durante esse tempo todo, é que com o andar do

REPERCUSSÕES DO NOVO CÓDIGO DE PONTUAÇÃO	**Indecisos**	tentar ser campeões)			tempo e como é da natureza humana cada um tentar sempre fazer melhor que o outro e mais difícil, as pessoas em vez de tentarem, que é o que se pretende, fazer mais perfeito, todos eles querem ser campeões, vão tentar fazer mais perfeito mas mais difícil. E com o mais difícil, com mais dificuldade vêm um maior número de lesões, que é no fundo o que ninguém queria e o que não faz a ginástica popular. Porque há coisas horrorosas que se fazem agora, absolutamente inconscientes para ter um D, ou um E e um F, porque hoje parece que já ninguém é gente se não tiver 2 E ou 3 F, ou lá o que é, estou a exagerar."
		29) O risco vai ser cada vez maior e se calhar a ginástica não vai evoluir como quase todas as pessoas pensam e defendem	1	7,69%	"E essa história de fazer tudo perfeito e quem fizer tudo perfeito tem mais pontuação, é muito bonito para os ginastas médios, muito bem, faz tudo muito certinho, mas não passa de uma pirueta ou de uma dupla pirueta ou seja o que for. Então aí está bem, não deduz 0.80 porque não cai, não deduz 0.50 porque junta as perninhas e isso tudo, mas se ficarmos assim também a ginástica não evolui."
		30) Apesar dantes haver um limite, apesar de tudo servia, havia uma certa, alguma "protecção", não se corriam tantos riscos, não se arriscava tanto porque não valia a pena devido ao limite que era imposto para a dificuldade. Logo o perigo poderia ser menor e era um bocadinho mais "controlável"	1	7,69%	"Porque quando havia uma "tampa" que era os dez pontos, os ginastas sabiam que tinham que fazer o máximo dentro daquilo mas não havia possibilidade para mais, não valia a pena fazer 3 E, não lhes servia de nada ter 3 E, porque o máximo da dificuldade era "x", mas agora como é a somar, quem é bom e quer ganhar tenta cada vez mais cada vez mais cada vez mais, e ao tentar cada vez mais arrisca cada vez mais, e isso é que é o grande perigo, nem sequer é para o ginasta médio, porque esse se tiver os pés no chão sabe que não vai fazer triplo mortal com dupla pirueta, mas quem é bom vai tentar."

O Quadro 83, relativamente à questão "Um vez que actualmente se pode ultrapassar a fasquia máxima dos 10 pontos, concorda com a alteração do CP que veio permitir o estabelecimento de recordes na GA? Não veio este facto deturpar o significado e o objectivo principal da GA (atingir a nota máxima), algo raro e inatingível, a perfeição, que tanto caracterizava a modalidade? (Justifique/Argumente a resposta dada)", (**categoria**, **repercussões do novo código de pontuação**) mostra-nos, pela necessidade de justificar e argumentar a questão em si que já foi referenciada e abordada no Quadro por unidades de registo, número de respostas (N), percentagens (%) e respectivas unidades de contexto retiradas de algumas das entrevistadas do grupo de estudo, que foram detectadas a existência de trinta unidades de registo (que se podem considerar "sub-unidades de registo" da pergunta em si por terem sido "divididas", retiradas das

anteriores três unidades como já é do conhecimento de todos): uma, relacionada com o sim, a concordância com as alterações; outra com a não concordância da alteração da fasquia máxima que tanto caracterizava a modalidade, a nota 10; e por fim a unidade dos indecisos, que ainda não conseguiram chegar a um conclusão clara e plausível, pelo menos no seu entender, para todas estas alterações, ou não se querem nem pretendem manifestar, pelo menos tão efusivamente, como alguns o fizeram. De salientar, mais uma vez, que os apologistas do sim, confessaram que ao início, que no primeiro impacto foram contra, mas após uma breve e longa reflexão, de alguns, mudaram as suas opiniões e observaram "aquilo" que eles consideram vantagens para a modalidade. Daí iniciaremos a apresentação das trinta unidades encontradas: a primeira unidade de registo sobre o assunto em questão invoca que era necessária uma evolução não só do próprio código de pontuação como da própria modalidade em si, da ginástica artística (3=23,08%); a segunda prende-se com a existência de elementos de dificuldade e ligações executadas que não conseguiam ser valorizadas (era como se nada valessem a sua realização) devido à existência do dez como nota máxima (2=15,38%); depois que o objectivo anterior de atingir os 10 pontos (que limitava) algo que já não vai acontecer, mas que vai demorar um bocadinho até ser totalmente entendido e aceite pelo público (2=15,38%); a quarta é caracterizada pela maior motivação que vai provocar nas ginastas (2=15,38%); a quinta unidade diz-nos que esta é uma alteração muito importante para as ginastas e para a ginástica em si (1=7,69%); a sexta unidade de registo, refere que esta alteração privilegia a espectacularidade (2=15,38%); e que valoriza a qualidade de execução/a perfeição (1=7,69%); logo, o facto de a nota limite (10 pontos) ter deixado de existir, não é um problema muito significativo para a evolução da ginástica (1=7,69%); já a nona unidade de registo aborda o factor da implementação ou a atribuição da nota que agora surge com o nome de "recorde", "score", como se disso se trata-se, sendo agora encarada com esse nome no mundo ou gíria gímnica (5=38,46%); facto este que "obriga" o próprio atleta e treinador a querer sempre mais para conseguir uma nota cada vez mais superior (atingir e lutar sempre por um novo objectivo) (3=23,08%); sendo assim, pode-se equiparar, igualar, transformar-se e até mesmo ser comparada com outras modalidades (devido ao possível ou aparente "recorde") (4=30,77%); referência feita na décima segunda unidade de registo onde nos diz que o dez como pontuação máxima não deixou de existir, pois neste momento faz parte exclusivamente à nota B, que depois soma com a nota A e daí sai o total, a tal nota final (ilimitada). Mas os dez pontos como perfeição continuam lá, a fazerem parte da GA (3=23,08%); na seguinte unidade, refere-se ao dez como nota, essa tal perfeição, que era um mito e que era como toda a gente conhecia e se identificava com a Ginástica Artística

(2=15,38%); o dez era realmente o significado da nossa ginástica, era a nossa marca – a tradição (2=15,38%); a décima quinta informa que desta forma o CP vai permitir comparar ginastas de diferentes ciclos olímpicos, pois até agora essas comparações eram feitas entre CP diferentes (1=7,69%); logo, na décima sexta unidade de registo é referida a necessidade e que vai haver um período de adaptação pelas diferenças e mudanças que se verificaram e sentiram, mas é só uma questão de tempo (1=7,69%); facto este que faz com que a inexistência da nota máxima (dos 10 pontos) poderá prejudicar um bocado a modalidade mas que deverá passar com o tempo (1=7,69%); de seguida temos a comprovação ou o esclarecimento de que antigamente as ginastas e os seus treinadores limitavam-se a cumprir o mínimo até conseguirem atingir a nota máxima, limite dos 10 pontos. Esta alteração permite uma maior liberdade acumulando desta forma uma acrescida preocupação por parte de todos, vista a necessidade de realizar um maior número de elementos de dificuldade com a maior perfeição possível a nível da execução (4=30,77%); mas, na décima nona unidade de registo e última referente à unidade de registo do sim, alguns consideram que se torna mais justo por causa da excessiva exigência a nível da perfeição, apesar desta ser sempre subjectiva, mas mesmo assim, desta forma permite uma melhor distinção das ginastas (2=15,38%).

De seguida irão ser expostas as seis unidades de registo referentes à não concordância com a ausência da nota 10, como nota máxima e limite da Ginástica Artística, e a passagem para uma nota ilimitada. Portanto, a vigésima unidade de registo cita a referência e a necessidade que é de realizar tudo o mais perfeito possível, e que essa perfeição era perceptível para todos, isto é, o alcance da nota limite dos 10 pontos (2=15,38%); depois, a vigésima primeira diz-nos que antigamente qualquer um, mesmo quem não percebesse nada de ginástica, conseguia ver e comentar a nota obtida ou pelo menos ter uma noção (2=15,38%); e que neste momento as notas não são perceptíveis ao público (1=7,69%); razão esta pelo facto de a nota dez ter desaparecido, o que veio deturpar completamente a Ginástica Artística (2=15,38%); na vigésima quarta é exposto o facto de que tanto se defendeu e justificou como factor de mudança, a tal maior e mais justa diferenciação que iria haver e ser possível fazer, verificar-se entre as ginastas, quando afinal nada disso se está a verificar (1=7,69%); e por fim, a vigésima quinta unidade de registo respeitante ao não, que refere que a técnica e o material influenciam os possíveis resultados na maior parte das modalidades (principalmente na obtenção de um novo recorde) e mudanças radicais das regras ou o próprio significado da modalidade o que é muito relativo (1=7,69%). Finalmente, e para terminar no que diz respeito ao facto de o dez como nota

referência da GA ter sido abolida, passaremos de imediato para os "indecisos", neste caso "indecisa", que na vigésima sexta unidade de registo nos diz que temos que aceitar que o CP mudou e trabalhar segundo estas regras (1=7,69%); afirmando de seguida, na próxima e seguinte unidade que a nota 10 era o ícone, o mito, algo inatingível. Agora ninguém fala ou dá tanta importância se teve 16/17 pontos (1=7,69%); e que o objectivo é fazer perfeito, mas cada vez mais difícil, também, e perfeito (só assim poderão tentar ser campeões) (1=7,69%); logo o risco vai ser cada vez maior e se calhar a ginástica não vai evoluir como quase todas as pessoas pensam e defendem (1=7,69%); na última e trigésima unidade de registo esta juiz ainda afirma que apesar de antes haver um limite, apesar de que tudo servia, havia uma certa, alguma "protecção", não se corriam tantos riscos, não se arriscava tanto porque não valia a pena devido ao limite que era imposto para a dificuldade. Logo o perigo poderia ser menor e era um bocadinho mais "controlável" (1=7,69%).

Apesar da maior parte dos discursos estarem completamente transcritos na sua integra nas unidades de contexto apresentadas no Quadro 83, achamos pertinente apresentar as transcrições completas desta questão de uma defensora do dez, de uma juiz que concorda com a mudança e por fim, de outra, que apesar de ter sido colocada nos indecisos, a sua declaração é demasiadamente importante e foca situações, que vão muito além do que imaginamos.

Logo, a J1 confirma que "concordo com esta nova alteração, acho que é uma evolução que o código de pontuação tinha que ter e a ginástica em si porque a ginástica está a evoluir de tal maneira, os elementos, as ligações, que não se conseguia valorizar as ginastas por essa evolução, e portanto, tudo muda, e quer dizer, este objectivo de atingir os 10 pontos, que era o ponto fulcral da Ginástica Artística, acho que para já ainda não é muito bem compreendido pelo público e ainda vai faltar um bocadinho, mas acho que é muito melhor porque se consegue evoluir muito mais, as ginastas conseguem ter mais vontade de trabalhar nas coisas difíceis. Concordo com esta alteração, acho que é muito melhor para as ginastas e para a ginástica em si. A ginástica torna-se mais espectacular e essencialmente porque evita alguns problemas que aconteciam com ginastas e países que levavam atletas para as competições a fazer muita coisa e tudo mal feito, e as regras deste código previnem exactamente isso, só se fazer quando se tem o mínimo de qualidade. Por isso, acho que esse problema dos 10 pontos acho que vai passar um bocadinho, rapidamente ao lado e não me parece que isso seja muito significativo para a evolução da modalidade."

De seguida a J13 declara que "não concordo nada com a alteração, acho que é uma aberração, quer para as pessoas que estão na ginástica e ainda para mais para as pessoas que não estão na ginástica. Porque toda a gente se lembra da Nadia Comanechi a atingir o dez, e essa perfeição era o que todas as ginastas no ginásio tentavam, e era isso que nós lhes dizíamos, o teu exercício tem que ir para o dez, e era assim que elas… neste momento, eu trabalho com miúdas pequenas, nem lhes falo no código sequer, nem elas sabem que aquilo existe, muito bem, têm algumas noções, mas é complicado elas olharem para uma nota e perceberem se aquilo foi bom ou se foi mau, e é muito complicado transmitir-lhes isso, até porque para nós também é complicado formar-mos uma ideia acerca do que é bom e do que é mau. Por isso achava importantíssimo o dez, e o tentar atingir o dez, e saberem que um nove já estavam lá perto, porque percebiam que as dificuldades eram um caminho para lá chegar, mas que a perfeição do exercício era fundamental e actualmente está a cair-se num risco de tudo o que não está perfeito não se pode colocar no exercício porque é muito penalizado e por isso aquela questão de que a dificuldade também era muito importante para atingir o dez passa a não ter valor porque as pessoas acabam por fazer o mínimo que sabem, perfeito, e o espectáculo deixa também, acaba também por deixar de existir um bocadinho."

Por fim, a J10 afirma o seguinte "isso por um lado é sim e por outro lado é não. Por um lado é sim, desde que tenhamos que aceitar realmente que o código mudou, as regras são estas, portanto temos que trabalhar segundo estas regras, é verdade, embora hoje ninguém ligue, continue a não ligar se é 17 pontos ou 16 pontos. Dantes era o dez, era o ícone, era uma coisa quase inatingível, agora ninguém fala se teve 17 pontos ou 16 pontos, fui o melhor e isso chega. Por outro lado, isto agora é muito difícil para mim responder, mas isto é anónimo tudo não é?! É que eu sempre fui contra o novo código, sempre. E porronei muito por isto, tive muitas reuniões até às quais fui representar o Comité Técnico, e muita gente como eu, simplesmente o outro ganhou por causa de Atenas, porque senão o código tinha ido para a frente. E a partir do momento que ganhou, democraticamente eu tenho que aceitá-lo. E porque estou no Comité Executivo da FIG, eu não posso de maneira nenhuma no mundo criticar o código. Porque então se criticasse, dizia, não concordo saio. Se eu estou lá é para democraticamente aceitar o que foi decidido. Portanto, quer goste quer não goste tenho que ensiná-lo como ele é e aproximar-me o mais possível dele. Antes deste código, o código de 2005 estava completamente pronto, ainda o tenho ali, que era uma continuação dos outros mas com ligeiras melhoras que facilitavam ainda mais a avaliação. Depois este foi completamente desvirtuado. E houve dois anos de grandes

discussões, mas de grandes discussões, até haver uma ideia como é que se podia à força fazer um código novo quando toda a gente estava embebida no antigo. E isto surgiu de uma ideia que já vinha desde 1992, de um juiz que era do Comité Técnico Masculino (Membro do Comité Técnico Masculino) que teve essa ideia dos recordes, e que em 1992 nos JO de Barcelona distribuiu um código feito por ele. Com a aprovação de dois professores de Educação Física e treinadores e escritores de livros didácticos e isso, tinham tido essa ideia que na altura parecia maluca, de fazer um código parecido com este em que havia essa possibilidade, mas juntava-se sempre os elementos sem limite. Fazia 2 A- tinha 0.3, e 2 B- e aquilo era infindável, mas não havia estrutura de elementos… mas essa ideia ficou a ruminar e ele distribuiu contra a opinião do resto do Comité e sem o Presidente do Comité saber, distribuiu esse código para toda gente e para ver se arranjava adeptos, apoiantes. Nessa altura toda a gente detestou, ninguém falou mais no assunto, simplesmente a ideia, a semente ficou, e quando se estava à procura de um método para modificar o código, veio isso novamente à "baila". Um código de tipo recordes, em que o ginasta ia sempre somando somando somando, somando. E o que isso acaba no fundo por dizer e foi sempre a nossa crítica durante esse tempo todo, é que com o andar do tempo e como é da natureza humana cada um tentar sempre fazer melhor que o outro e mais difícil, as pessoas em vez de tentarem, que é o que se pretende, fazer mais perfeito, todos eles querem ser campeões, vão tentar fazer mais perfeito mas mais difícil. E com o mais difícil, com mais dificuldade vêm um maior número de lesões, que é no fundo o que ninguém queria e o que não faz a ginástica popular. Porque há coisas horrorosas que se fazem agora, absolutamente inconscientes para ter um D, ou um E e um F, porque hoje parece que já ninguém é gente se não tiver 2 E- ou 3 F-, ou lá o que é, estou a exagerar. E essa história de fazer tudo perfeito e quem fizer tudo perfeito tem mais pontuação, é muito bonito para os ginastas médios, muito bem, faz tudo muito certinho, mas não passa de uma pirueta ou de uma dupla pirueta ou seja o que for. Então aí está bem, não deduz 0.80 porque não cai, não deduz 0.50 porque junta as perninhas e isso tudo, mas se ficarmos assim também a ginástica não evolui. Porque quando havia uma "tampa" que era os dez pontos, os ginastas sabiam que tinham que fazer o máximo dentro daquilo mas não havia possibilidade para mais, não valia a pena fazer 3 E-, não lhes servia de nada ter 3 E-, porque o máximo da dificuldade era "x", mas agora como é a somar, quem é bom e quer ganhar tenta cada vez mais, cada vez mais, cada vez mais, e ao tentar cada vez mais arrisca cada vez mais, e isso é que é o grande perigo, nem sequer é para o ginasta médio, porque esse se tiver os pés no chão sabe que não vai fazer triplo mortal com dupla pirueta, mas quem é bom vai tentar."

À semelhança do sistema de avaliação dos exercícios apresentados em competição de trampolins e à alteração verificada na Ginástica Rítmica Desportiva, as componentes de Dificuldade e Execução são avaliadas por Júris distintos, não havendo limite para a NF, Fink (1992) apresentou uma proposta de um novo Código de Pontuação para Ginástica Desportiva Masculina, e que segundo o autor, de fácil adaptação para a Ginástica Desportiva Feminina.

Fink (1992) propunha uma alteração significativa da estrutura base do CP (como agora se verificou) especialmente no que diz respeito às características já mencionadas, onde a avaliação da Dificuldade e Execução seria realizada por Júris diferentes, havendo, assim, uma ampliação significativa ao valor do factor taxação de Dificuldade e a NF como produto das notas dos Júris de Dificuldade e Execução (como se verifica neste momento no CP 2006).

Com esta proposta, Fink (1992) pretendia, ao sugerir um novo CP, cumprir e atingir certos objectivos pelos quais um CP se deve reger e pelos quais são igualmente preocupações que ele defende e acredita. Sendo desde já referidos alguns dos seus objectivos relativamente às suas preocupações e as quais um CP deveria cumprir: (1) deve ensinar o caminho da direcção de desenvolvimento esperado e desejado da Ginástica; (2) deve recompensar o ginasta, dentro de determinados parâmetros, por aquilo que domina; (3) deve durar décadas de anos, uma vez que não há nenhum desporto que mude as regras de 4 em 4 anos; (4) deve facultar aos ginastas e treinadores um plano de elaboração dos exercícios que seja consistente ao longo da carreira do ginasta; (5) deve ser válido para todas as idades e classes no mundo inteiro. A maioria dos Países possui adaptações diferentes do Código de Pontuação para escalões etários mais baixos; (6) deve facilitar e permitir a entrada tardia no desporto; (7) deve permitir a comparação directa com os demais ginastas do seu momento; (8) deve ser o mais objectivo possível; (9) deve ser fácil, de forma a que possa ser utilizado por um juiz; (10) deve permitir uma avaliação rápida; (11) deve averiguar o vencedor de hoje e do futuro; (12) deve ser claro e compreensível pelo público e "media"; (13) deve ser semelhante para a Ginástica Desportiva Masculina e Feminina. Na opinião do autor, a sua proposta de CP contempla todos estes objectivos, os quais não vê cumpridos pela estrutura em que actuava.

E na verdade, a opinião da maioria dos intervenientes Portugueses da GAF ou de alguns no que diz respeito a alguns dos objectivos, o CP 2006, o actual, não consegue contemplar a maior parte dos objectivos.

Já em 1995, no seu estudo, Ferreirinha achou de extrema pertinência as sugestões de Fink (1992), e que se enquadrava no tema do seu trabalho, pois na sua opinião, daria a possibilidade de distinguir os "bons" dos "muito bons", pelo CP que estava em vigor na altura só contemplar uma certa "percentagem", décimas de pontos para o efeito, além de também dar a possibilidade de comparar resultados ao longo da carreira de um ginasta, uma vez que é válido e coerente para todas as idades. E quando existem adaptações a esse nível para os escalões etários mais baixos, essa possibilidade é retirada.

Logo, podemos afirmar, que estas declarações proferidas pelo autor no seu estudo, foram as verificadas por uma grande percentagem de indivíduos no nosso grupo de estudo (em 2007) em relação às grandes alterações verificadas no CP (2006) e no que concerne às vantagens, em relação às mudanças no que diz respeito à sua estrutura e base, neste caso do CP de 2001 para o CP 2006.

Ferreirinha (1995) no seu estudo concluiu que para ginastas com NP = 10.00 pontos, em qualquer aparelho, não é minimamente compensador o excesso de dificuldade apresentado, face às regras de avaliação do CP, neste caso, ainda referente ao de 1993 (FIG, 1993). À semelhança do sistema de avaliação dos exercícios apresentados em competição de trampolins e à alteração verificada na Ginástica Rítmica Desportiva, as componentes de Dificuldade e Execução são avaliadas por Júris distintos, não havendo limite para a NF, Fink (1992) apresentou uma proposta de um novo Código de Pontuação para Ginástica Desportiva Masculina, e que segundo o autor, de fácil adaptação para a Ginástica Desportiva Feminina.

Fink (1992) propunha uma alteração significativa da estrutura base do CP (como agora se verificou) especialmente no que diz respeito às características já mencionadas, onde a avaliação da Dificuldade e Execução seria realizada por Júris diferentes, havendo, assim, uma ampliação significativa ao valor do factor taxação de Dificuldade e a NF como produto das notas dos Júris de Dificuldade e Execução (como se verifica neste momento no CP 2006).

Com esta proposta, Fink (1992) pretendia, ao sugerir um novo CP, cumprir e atingir certos objectivos pelos quais um CP se deve reger e pelos quais são igualmente preocupações que ele defende e acredita. Sendo desde já referidos alguns dos seus objectivos relativamente às suas preocupações e as quais um CP deveria cumprir: (1) deve ensinar o caminho da direcção de desenvolvimento esperado e desejado da Ginástica; (2) deve recompensar o ginasta, dentro de determinados parâmetros, por aquilo que domina; (3) deve durar décadas de anos, uma vez que

não há nenhum desporto que mude as regras de 4 em 4 anos; (4) deve facultar aos ginastas e treinadores um plano de elaboração dos exercícios que seja consistente ao longo da carreira do ginasta; (5) deve ser válido para todas as idades e classes no mundo inteiro. A maioria dos Países possui adaptações diferentes do Código de Pontuação para escalões etários mais baixos; (6) deve facilitar e permitir a entrada tardia no desporto; (7) deve permitir a comparação directa com os demais ginastas do seu momento; (8) deve ser o mais objectivo possível; (9) deve ser fácil, de forma a que possa ser utilizado por um juiz; (10) deve permitir uma avaliação rápida; (11) deve averiguar o vencedor de hoje e do futuro; (12) deve ser claro e compreensível pelo público e "media"; (13) deve ser semelhante para a Ginástica Desportiva Masculina e Feminina. Na opinião do autor, a sua proposta de CP contempla todos estes objectivos, os quais não vê cumpridos pela estrutura em que actuava.

E na verdade, a opinião da maioria dos intervenientes Portugueses da GAF ou de alguns no que diz respeito a alguns dos objectivos, o CP 2006, o actual, não consegue contemplar a maior parte dos objectivos.

Já em 1995, no seu estudo, Ferreirinha achou de extrema pertinência as sugestões de Fink (1992), e que se enquadrava no tema do seu trabalho, pois na sua opinião, daria a possibilidade de distinguir os "bons" dos "muito bons", pelo CP que estava em vigor na altura só contemplar uma certa "percentagem", décimas de pontos para o efeito, além de também dar a possibilidade de comparar resultados ao longo da carreira de um ginasta, uma vez que é válido e coerente para todas as idades. E quando existem adaptações a esse nível para os escalões etários mais baixos, essa possibilidade é retirada.

Logo, podemos afirmar, que estas declarações proferidas pelo autor no seu estudo, foram as verificadas por uma grande percentagem de indivíduos no nosso grupo de estudo (em 2007) em relação às grandes alterações verificadas no CP (2006) e no que concerne às vantagens, em relação às mudanças no que diz respeito à sua estrutura e base, neste caso do CP de 2001 para o CP 2006.

Ferreirinha (1995) no seu estudo concluiu que para ginastas com NP = 10.00 pontos, em qualquer aparelho, não é minimamente compensador o excesso de dificuldade apresentado, face às regras de avaliação do CP, neste caso, ainda referente ao de 1993 (FIG, 1993).

5.2.6 Questão 2.2.9 do Guião da Entrevista efectuada às Juízes: Considera que esta mudança irá trazer uma maior justiça na atribuição de notas?

Quadro 84 : Análise da questão: "Considera que esta mudança irá trazer uma maior justiça na atribuição de notas?"

CATEGORIA	UNIDADE DE REGISTO	ENUMERAÇÃO/ QUANTIFICAÇÃO		UNIDADE DE CONTEXTO
		N	%	
JUSTIÇA NO DESPORTO	1) Sim concordo	9	69,23%	
	2) Não concordo	1	7,69%	
	3) Indecisos	4	30,77%	

O Quadro 84 e a Figura 35, quanto à **categoria**, **justiça no desporto**, relativamente à questão "Considera que esta mudança irá trazer uma maior justiça na atribuição de notas?", mostra-nos a existência de três unidades de registo: uma relacionada com a concordância de que irá trazer uma maior justiça na atribuição das notas (9 respostas=69,23%), que tem fundamentalmente a ver com a sua nova forma de avaliação e que realmente se destaca das outras duas unidades, com uma maioria quase absoluta entre os indivíduos do grupo de estudo; uma outra unidade que inclui uma juiz que não concorda com essa mudança, não considera que será mais justo (1 resposta=7,69%); e finalmente uma terceira unidade que tem haver com os indecisos (4 respostas=30,77%), que não sabem ainda se é bom ou mau para a ginástica em si, ou talvez saibam, mas saibam demasiado ao ponto de não se quererem prenunciar muito sobre o assunto visto estarem directamente e/ou indirectamente ligado a ele… logo o não estarem assim tão confusos ou não conseguirem tirar uma conclusão muito clara de tudo isto, de todas estas transformações, se será ou não uma mudança que trará mesmo uma maior justiça na avaliação das ginastas que se encontram em competição, e que distinguirá mesmo as melhores das melhores. O total da análise não nos dá o 100% do grupo de estudo porque houve uma juiz respondendo que sim (talvez traga mais justiça), mas que também deu bastantes argumentos para se incluir nos indecisos, logo foi incluída nas duas unidades de registo.

De referir, que esta elevada maioria obtida relativa ao sim, foi conquistada depois destes terem reflectido muito e pensando bastante durante o assunto, chegando à conclusão que era vantajoso e mais justo quer para a modalidade quer para as próprias ginastas e mundo gímnico.

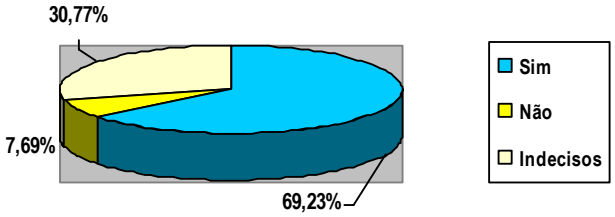


Figura 35: % de indivíduos que consideram que esta mudança irá trazer uma maior justiça na atribuição de notas

5.2.6.1 Questão 2.2.9 (Continuação) do Guião da Entrevista efectuada às Juízes: Considera que esta mudança irá trazer uma maior justiça na atribuição de notas? (Justifique/Argumente a resposta dada)

Quadro 85: Análise da Questão (continuação): "Considera que esta mudança irá trazer uma maior justiça na atribuição de notas? (Justifique/Argumente a resposta dada)"

CATEGORIA	UNIDADE DE REGISTO		ENUMERAÇÃO/ QUANTIFICAÇÃO		UNIDADE DE CONTEXTO
			N	%	
JUSTIÇA NO DESPORTO	**Sim**	1) Distingue as ginastas excelentes das muito boas	6	46,15%	"Penso que sim, pelo simples facto de no código anterior não se conseguir distinguir as ginastas excelentes das ginastas muito boas."; "Mas apesar de tudo, há sempre uma maior justiça, isso sim, para distinguir os tais, os que são muito bons dos bons e os maus dos muito maus. Isso também dá para distinguir."; "Considero, claro, sem duvida alguma. Porque, lá está, como antigamente uma muito boa ginasta e uma boa ginasta às vezes eram distinguidas por muito pouco, lá está, porque o máximo era dez, e chegavam aos 4 aparelhos e a pontuação final era muito próxima umas das outras, agora não, uma boa ginasta vai distinguir-se muito lá para cima, e um primeiro lugar de um segundo vai ter uma diferença de notas muito superior. Isto vai trazer uma justiça, vai ver-se quem são as melhore e as piores ginastas, e realmente essa mudança veio trazer isso, …"; "Sim. Exactamente porque permite fazer essa distinção entre as ginastas que têm dificuldades muito diferentes mas que no código anterior havia ginastas que cumpririam os dez pontos e outras que fariam mais e que não eram valorizadas por isso."; "Aí torna a colocar-se a dúvida porque o objectivo da FIG é menos perigo e mais perfeição. E o que a natureza humana vai tentar, é fazer, também perfeito mas cada vez mais difícil, portanto se é justo ou não, depende de qual é o critério com que se vê. É mais justo porque fica mais bem classificado quem for mais limpo, mas no fundo toda a gente adere à ginástica porque é espectacular, quem fizer hoje em dia um exercício simples, normal, com uns tantos D e isso, e não

JUSTIÇA NO DESPORTO					tem F nem nada disso, já ninguém acha graça nenhuma porque o que toda a gente está à espera é que ele rode 3 vezes no ar antes de apanhar a barra, no fundo exagerando, portanto, justiça não sei, porque o público aplaude mais quem faz mais difícil, e a ginástica precisa de aplausos que é para ser televisionada, porque ninguém vai televisionar para quem faz dupla pirueta, e para televisionarem precisam de fazer coisas difíceis, e para fazerem coisas difíceis têm que arriscar muito, e depois zangam-se quando não ganha aquele que faz as coisas mais difíceis."; "Devo-me estar a repetir, acho que já disse que sim, acho que vai exactamente permitir graduar as ginastas e distingui-las mais, mais justo."
	Sim	2) Não considero que seja justiça devido à componente que inconscientemente está sempre presente na GAF que é a subjectividade	1	7,69%	"Eu não considero que seja justiça, porque nós sabemos que há sempre uma componente no código da GAF que é bastante subjectiva. … Mas apesar de tudo, há sempre uma maior justiça, isso sim, para distinguir os tais, os que são muito bons dos bons e os maus dos muito maus. Isso também dá para distinguir."
		3) Tudo o que as ginastas fazem agora é contabilizado, enquanto antigamente existia aquele máximo	1	7,69%	"Penso que sim, como aquilo que ainda disse anteriormente, porque agora as ginastas tudo aquilo que fazem é contabilizado enquanto antigamente existia aquele máximo. Elas por muito que fizessem não podiam atingir mais que aquela nota, havia ginastas que por acaso se fossem a contabilizar todos os elementos passavam a nota dez à vontade. Por isso, agora acho que há maior justiça na atribuição das notas, acho que sim."
		4) Deixa de ser uma modalidade espectáculo	1	7,69%	"Eu da justiça não digo que não, não digo que não seja mais justo, é como o facto da exactidão, é capaz de ser mais justo, deixa é de ser uma modalidade espectáculo, que era, as notas são capazes de ser mais justas, realmente quem faz mais e bem é mais beneficiado."
		5) Devido à subjectividade que vai estar sempre presente por mais objectivo que o código e nós queiramos ser, porque vai suscitar sempre muitas dúvidas	1	7,69%	"Não, por causa daquele pequeno defeito que ele tem, de nós por questões como a subjectividade, porque uma coisa era assim, nós antigamente tínhamos aquela coisa, ah.. é um desequilíbrio… é um desequilíbrio de meio décimo ou de um décimo, agora não, ou é de 1 décimo ou é de 3 décimos ou é de 5 décimos. E antigamente com aquela história do meio décimo, uma pessoa tirava sempre, tirava sempre meio décimo. Agora às vezes ficamos com uns certos pruridos para tirar 1 décimo, para tirar 3 décimos já é…, agora para tirar 5 décimos meu deus, é porque no nosso subconsciente 5 décimos era uma queda, embora neste momento não seja, mas na nossa cabeça ainda está… enquanto que antigamente com a existência dos 2 décimos (não era 3 décimos) não eram muito, …, mas já fazia ali uma diferença, ou 1e meio, ah é um desvio de 2 décimos, não 1 e meio. E isso dava, pronto, … nós, principalmente na feminina, tínhamos um
	Não				

	Não				certo rigor em avaliar aquilo correctamente, de acordo com o código, e agora não sei se… se às vezes… pelas dúvidas que pode suscitar…"
JUSTIÇA NO DESPORTO	**Indecisos**	6) Em princípio não, mas ainda estamos muito no início do código	1	7,69%	"Não, não sei, tenho grandes dúvidas neste momento. Mas ainda estamos muito no início do código. Espero que traga mais justiça, mas não me parece que seja por aí. Em principio não, sobretudo porque o valor de execução como é muito grande e o que me parece uma pequena falha ou uma grande falha, só aí pode ser uma grande diferença para uma nota. E portanto, em termos de justiça não sei se vai ser melhor este código.".
		7) Por vezes não é muito justo	1	7,69%	"Não sei, acho que por um lado traz, porque vês muita coisa, mas por outro lado este código penaliza muito quem arrisca e não faz tão correcto. Portanto às vezes não é muito justo porque tu vês uma ginasta que faz muita coisa e como não é tão correcta acaba por ter menos nota do que uma que faz menos. Portanto às vezes não é muito justo, já temos tido casos que não é muito justo."
		8) Porque vai existir sempre o risco para se ser o melhor e ganhar/ obter resultados	1	7,69%	"Aí torna a colocar-se a dúvida porque o objectivo da FIG é menos perigo e mais perfeição. E o que a natureza humana vai tentar, é fazer, também perfeito mas cada vez mais difícil, portanto se é justo ou não, depende de qual é o critério com que se vê. É mais justo porque fica mais bem classificado quem for mais limpo, mas no fundo toda a gente adere à ginástica porque é espectacular, … Apesar de o ginasta e o treinador terem de estar consciente do risco, simplesmente há muitos treinadores cuja sobrevivência ainda depende dos resultados que obtém ou não, e essa sobrevivência, indirectamente, falo sacrificar os ginastas, embora evidentemente possa ter amor e interesse pelos ginastas e isso não se discute, mas muitas vezes está a pensar na sua própria posição profissional. Porque se não tiver êxito, … E há muitos treinadores que por esse mundo fora estão um bocado dependentes dessa situação, se a equipa não é qualificada para os Jogos Olímpicos, corta-se o treinador. E um treinador hoje em dia bom, custa muito dinheiro, muito dinheiro."
		9) A justiça na atribuição das notas é relativa e muito subjectiva	1	7,69%	"A justiça na atribuição de notas é relativa, …. Portanto o que é que é justiça, justiça é muito relativa e muito subjectiva. Porque se realmente formos ver no código está escrito que são 360º exactos e/ou 720º exactos, é realmente justiça."
		10) Tornaram a GAF matemática de mais – agora só se faz somas	1	7,69%	"De maneira que, quer dizer, agora está realmente complicado porque tornaram a ginástica matemática demais. No fundo, aquela sensação de que uma pessoa estava a dar uma nota e estava a ver ginástica, agora está a fazer somas."
		11) Os países que disputam	1	7,69%	"Hoje em dia os próprios treinadores e países não se

JUSTIÇA NO DESPORTO	**Indecisos**	as medalhas nunca irão ter problemas em fazer apelos/protestos, pagam as vezes que forem precisas			retraem de fazer apelos mesmo a ter que pagar porque quem faz os apelos, os protestos são os países que disputam, discutem medalhas, os outros não fazem, de maneira que pagam pagam, pagam uma vez, pagam duas, pagam três vezes, as vezes que forem necessárias, porque têm dinheiro para isso. Porque se investiram tanto dinheiro na preparação dos ginastas e se os treinadores estão convencidos que houve um erro, até pode haver um erro, claro que pode haver um erro, e se não houver protesto ninguém pode reclamar, ninguém pode mudar a nota, se não houver protesto mesmo que haja erro."
		12) Errar é humano	1	7,69%	"Mas se for um ginasta com certeza que apareça lá, se for… não quero dar o nome de Portugal, da Índia ou do Sri Lanka ou isso, mesmo que se veja que é um erro, se ninguém protestar, o erro continua, mas errar é humano."
		13) Estava-se a abusar do programa "Ircus"	1	7,69%	"Toda a gente pode errar, agora estava-se exageradamente a usar e abusar do programa Ircus, que é voltar cada vez atrás quando não se tinha a certeza se acabava a rotação ou não acabava, e também houve agora aquele problema desgraçado no Campeonato do Mundo, na primeira qualificação antes de Estugarda, na Dinamarca, em que uma ginasta Chinesa realmente fez um salto de mesa com rotação e ficou com os pés talvez a 12º da rotação e consideraram-lhe um salto inferior, numa final… ficou arrumada."
		14) Está-se a "matar" um bocadinho a evolução	1	7,69%	"Portanto o que é que é justiça, justiça é muito relativa e muito subjectiva. Porque se realmente formos ver no código está escrito que são 360º exactos e/ou 720º exactos, é realmente justiça. Agora por outro lado estamos a matar um bocadinho a evolução. Por outro lado, continua a haver sempre gente que arrisca porque há sempre juízes que vão no barco, que acabam por ir."
		15) O código está mais objectivo	1	7,69%	"Não sei. Eu acho que o código é mais objectivo, mais difícil, mais exigente, mas mais objectivo. Se é mais objectivo poderá trazer uma maior justiça. Mas isso só o tempo o dirá."

O Quadro 85, relativamente à questão Considera que esta mudança irá trazer uma maior justiça na atribuição de notas? (Justifique/Argumente a resposta dada)", que se inclui na **categoria**, **justiça no desporto**, mostra-nos que as opiniões são muito diversificadas, sendo somente a primeira unidade de registo relativa à "unidade" do sim que se destaca pela concordância de convicções, isto é, que esta mudança irá trazer uma maior justiça na atribuição de notas porque distingue as ginastas excelentes das muito boas (6=46,15%). Não sendo demais destacar que no seu total foram encontradas quinze unidades de registo, distribuídas pelas unidades definidas no início da questão (sim, não e indecisos), de seguida temos a segunda unidade de registo,

também pertencente ao sim, o facto de não considerarem que seja justiça devido à componente que inconscientemente está sempre presente na GAF que é a subjectividade (1=7,69%); apesar de que tudo o que as ginastas fazem agora ser contabilizado, enquanto antigamente existia aquele máximo (1=7,69%); na quarta e última unidade correspondente ao sim, esta refere que desta forma deixa de ser uma modalidade espectáculo (1=7,69%). A quinta unidade de registo e única que se engloba no não (não considera que esta alteração trará alguma ou uma maior justiça na atribuição de notas), refere-nos que devido à subjectividade que vai estar sempre presente por mais objectivo que o código e nós queiramos ser, vai suscitar sempre muitas dúvidas (1=7,69%). Já as próximas unidades que se referem todas às indecisas, que não sabem se estas modificações trarão ou não mais justiça na atribuição das notas, dizem-nos na sexta unidade de registo que em princípio não, mas ainda estamos muito no início do código (1=7,69%); já o seguinte refere que por vezes não é muito justo (1=7,69%); a oitava unidade refere-nos que vai existir sempre o risco para se ser o melhor e ganhar/ obter resultados (1=7,69%); já a nona unidade de registo indica que a justiça na atribuição das notas é relativa e muito subjectiva (1=7,69%); além de que tornaram a GAF matemática demais – agora só se faz somas (1=7,69%); enquanto que os países que disputam as medalhas nunca irão ter problemas em fazer apelos/protestos, pagam as vezes que forem precisas (1=7,69%); a juiz que refere a décima segunda unidade de registo diz-nos que errar é humano (1=7,69%); e que de facto estava-se a abusar do programa "Ircus" (1=7,69%); o que conduzia à décima quarta e penúltima unidade de registo que nos diz que está-se a "matar" um bocadinho a evolução (1=7,69%); finalmente, e por último, temos a décima quinta unidade de registo que nos expressa que o código está mais objectivo (1=7,69%).

As próximas três transcrições que vou passar a citar são bastante relevantes e pertinentes, aliás, como todas as outras, mas estas destacam-se mais pelo conteúdo e forma de abordagem na resposta à questão em causa.

A J2 diz o seguinte "eu não considero que seja justiça, porque nós sabemos que há sempre uma componente no código da GAF que é bastante subjectiva. O que eu posso, enquanto juiz, o que eu posso gostar de ver, a juiz ao meu lado pode não gostar de ver, isto principalmente no que diz respeito às coreografias, eu posso gostar daquela coreografia, eu posso gostar daquela música, e a juiz que está ao meu lado pode não gostar da música e pode achar que a ginasta não esteve bem com a música. E nós temos um parâmetro que ainda por cima agora é maior neste código, enquanto eu posso descontar uma décima a juiz do meu lado pode descontar 3. E a

discrepância é muito maior, é diferente, porque nós agora não temos 2 décimas nem temos 4 décimas, é 1, 3 ou 5, enquanto eu posso tirar só uma décima de cada vez, a juiz que está ao meu lado se tirar sempre 3 décimas vai haver uma grande diferença na nota final. Mas apesar de tudo, há sempre uma maior justiça, isso sim, para distinguir os tais, os que são muito bons dos bons e os maus dos muito maus. Isso também dá para distinguir."

Já a J3 afirma "considero, claro, sem dúvida alguma. Porque, lá está, como antigamente uma muito boa ginasta e uma boa ginasta às vezes eram distinguidas por muito pouco, lá está, porque o máximo era dez, e chegavam aos 4 aparelhos e a pontuação final era muito próxima umas das outras, agora não, uma boa ginasta vai distinguir-se muito lá para cima, e um primeiro lugar de um segundo vai ter uma diferença de notas muito superior. Isto vai trazer uma justiça, vai ver-se quem são as melhore e as piores ginastas, e realmente essa mudança veio trazer isso, de uma pessoa verificar realmente quem são as boas ginastas ou não, e essa justiça, porque ao ultrapassar o dez vê-se realmente quem é bom, não chega ao dez e parou e a partir daí são os descontos, não, ali uma pessoa pode tentar cada vez mais apostar numa nota A elevadíssima e lutar também pela perfeição. E eu acho que sem dúvida alguma esta foi uma mudança que veio trazer uma maior justiça na atribuição das notas. Basta ver e haver essa diferença, ser maior entre as ginastas, ser maior entre uma primeira da segunda, para que uma pessoa distinga as melhores das piores e dê mais justiça às ginastas."

A última a ser apresentada, a J10, mas sempre polémica e que muito nos diz e transmite nas "inter linhas", diz-nos o seguinte: "aí torna a colocar-se a dúvida porque o objectivo da FIG é menos perigo e mais perfeição. E o que a natureza humana vai tentar, é fazer, também perfeito mas cada vez mais difícil, portanto se é justo ou não, depende de qual é o critério com que se vê. É mais justo porque fica mais bem classificado quem for mais limpo, mas no fundo toda a gente adere à ginástica porque é espectacular, quem fizer hoje em dia um exercício simples, normal, com uns tantos D e isso, e não tem F nem nada disso, já ninguém acha graça nenhuma porque o que toda a gente está à espera é que ele rode 3 vezes no ar antes de apanhar a barra, no fundo exagerando, portanto, justiça não sei, porque o público aplaude mais quem faz mais difícil, e a ginástica precisa de aplausos que é para ser televisionada, porque ninguém vai televisionar para quem faz dupla pirueta, e para televisionarem precisam de fazer coisas difíceis, e para fazerem coisas difíceis têm que arriscar muito, e depois zangam-se quando não ganha aquele que faz as coisas mais difíceis. E isto é tudo um ciclo vicioso. Apesar de o ginasta e o treinador terem de estar conscientes do risco, simplesmente há muitos treinadores cuja

sobrevivência ainda depende dos resultados que obtém ou não, e essa sobrevivência, indirectamente, falo sacrificar os ginastas, embora evidentemente possa ter amor e interesse pelos ginastas e isso não se discute, mas muitas vezes está a pensar na sua própria posição profissional. Porque se não tiver êxito, é como no futebol, não marca golo pronto, nem é culpa dos treinadores nem nada, toda a gente sabe isso muito bem, mas no entanto os treinadores continuam… como é que lhe chamam no futebol, a primeira "chicotada" da estação, pronto, é a "chicotada", a "chicotada" psicológica. E há muitos treinadores que por esse mundo fora estão um bocado dependentes dessa situação, se a equipa não é qualificada para os Jogos Olímpicos, corta-se o treinador. E um treinador hoje em dia bom, custa muito dinheiro, muito dinheiro. A justiça na atribuição de notas é relativa, e posso contar outro caso que aconteceu agora e que também foi interessante, nos últimos Campeonatos da Dinamarca em Orods, de um caso que foi muito muito polémico e que demorou meia hora, na parte feminina, a decidir, que foi o seguinte, uma ginasta da Ucrânia fez na trave uma troca de pernas para *Igang Bo*, portanto, para um máximo de arqueamento do corpo e o júri A considerou como a dificuldade atribuída no código, o júri Superior não considerou, houve uma discussão de uma data de tempo, foi utilizado o *Ircus* (o tal programa de filmagem que já vou falar), parou-se a imagem e o que sucedeu foi que se chegou à conclusão que essa ginasta ao finalizar o elemento a perna detrás estava realmente à altura da cabeça, mas a perna da frente estava 10º mais baixo do que a horizontal, que quando se está a ver não se nota, 10º ou 5º, e quando se pára a imagem a perna em vez de estar a 180º devia estar a 175º ou a 170º. Portanto o elemento não foi considerado e perdeu uma medalha por causa disso. E isso suscitou novamente grandes discussões sobre o programa *Ircus*, que é então um programa desenvolvido pelo *Longine*, em que em cada júri está filmado todo o exercício, pode-se voltar atrás logo a seguir, e ver-se imagem por imagem e parar a imagem e isso tudo. E então estavam a usar e abusar disso para dar a nota. Quer dizer, evidentemente todos nós sabemos que uma coisa é ver-se na hora e outra coisa é voltar-se atrás e ver-se imagem por imagem. A ginástica é para se dar na hora. Como qualquer desporto. É como no futebol, no futebol, toda a gente… a história de estar fora de campo, está fora de jogo ou não fora de jogo, e depois vê-se que há erros, e hoje em dia no futebol também se está a falar em vídeo, agora isso vai escangalhar todo o sistema montado até agora. De tal maneira isso foi agora escandaloso, se calhar escandaloso não quer dizer… conflituoso essa decisão, que no fundo segundo o código até estava certo, ela não, porque o ponto da *Igang Bo*, seja depois da troca de pernas ou antes, é as duas pernas estarem acima da horizontal, porque estando a perna da frente mais baixa é muito mais fácil levantar a perna detrás, portanto estando um

bocadinho mais baixa não é reconhecido, simplesmente assim de momento, realmente viu-se aquilo que era uma maravilha, voltando atrás não se viu. Foi o júri Superior que baixou, ele viu, estavam a ver porque era uma das ginastas que podia dar uma medalha. E então voltaram para a frente e para trás e para frente e para trás e decidiram informar, obrigar o júri A do aparelho em questão, da trave, a baixar a nota A. Portanto não era considerado um E era considerado um D, e isso suscitou uma grande discussão, porque o júri A continuou a dizer que era era era era, o júri Superior a dizer que não era, a ginasta perdeu a medalha, então agora, nesta última reunião da FIG, isto não é segredo, porque vai sair daqui a um bocadinho na Internet, ficou decidido, embora ainda não seja oficial mas vai ser oficializado já agora para os Campeonatos do Mundo de Estugarda, que o júri A vai ser proibido de ver o programa *Ircus* durante a sua avaliação. Só se houver um protesto. Mas como os protestos só são em relação à nota A, portanto, nesse caso digamos o treinador está a contar que ela tenha uma nota de partida, uma nota A de 6 pontos, e a júri A dá uma nota A de 5.80, sai lá 5.80 como é que é possível, não pode ser. E então, quando houver um protesto é permitido a utilização do programa *Ircus*, com a aprovação do júri Superior, isto está cada vez mais burocrático, mais difícil. Então o júri Superior tem que analisar e tem de discutir com o júri A, e se necessário impor, depois a Presidente do júri Superior que é a Presidente do Comité Técnico tem que dar a última palavra e se continuar a haver conflito vem para o júri de Apelo. De maneira que, quer dizer, agora está realmente complicado porque tornaram a ginástica matemática demais. No fundo, aquela sensação de que uma pessoa estava a dar uma nota e estava a ver ginástica, agora está a fazer somas. Hoje em dia os próprios treinadores e países não se retraem de fazer apelos mesmo a ter que pagar porque quem faz os apelos, os protestos são os países que disputam, discutem medalhas, os outros não fazem, de maneira que pagam pagam, pagam uma vez, pagam duas, pagam três vezes, as vezes que forem necessárias, porque têm dinheiro para isso. Porque se investiram tanto dinheiro na preparação dos ginastas e se os treinadores estão convencidos que houve um erro, até pode haver um erro, claro que pode haver um erro, e se não houver protesto ninguém pode reclamar, ninguém pode mudar a nota, se não houver protesto mesmo que haja erro. Mas se for um ginasta com certeza que apareça lá, se for… não quero dar o nome de Portugal, da Índia ou do Sri Lanka ou isso, mesmo que se veja que é um erro, se ninguém protestar, o erro continua, mas errar é humano. Toda a gente pode errar, agora estava-se exageradamente a usar e abusar do programa *Ircus*, que é voltar cada vez atrás quando não se tinha a certeza se acabava a rotação ou não acabava, e também houve agora aquele problema desgraçado no Campeonato do Mundo, na primeira qualificação antes de Estugarda, na Dinamarca, em que uma ginasta

Chinesa realmente fez um salto de mesa com rotação e ficou com os pés talvez a 12º da rotação e consideraram-lhe um salto inferior, numa final… ficou arrumada. Porque a soma dos dois saltos, mais a média aritmética, ela estava a contar com uma determinada nota de partida e consideraram-lhe meia rotação a menos, meia, quando lhe faltavam mais ou menos 10º para a rotação completa. Portanto o que é que é justiça, justiça é muito relativa e muito subjectiva. Porque se realmente formos ver no código está escrito que são 360º exactos e/ou 720º exactos, é realmente justiça. Agora por outro lado estamos a matar um bocadinho a evolução. Por outro lado, continua a haver sempre gente que arrisca porque há sempre juízes que vão no barco, que acabam por ir."

5.2.7 Questão 2.2.10 do Guião da Entrevista efectuada às Juízes: Deseja acrescentar alguma informação ou algum pormenor relativamente à alteração do CP, que no seu entender possa ser relevante?

Quadro 86: Análise da questão: "Deseja acrescentar alguma informação ou algum pormenor relativamente à alteração do CP, que no seu entender possa ser relevante?"

CATEGORIA	UNIDADE DE REGISTO	ENUMERAÇÃO/ QUANTIFICAÇÃO		UNIDADE DE CONTEXTO
		N	%	
ALTERAÇÃO DO CÓDIGO DE PONTUAÇÃO	1) As constantes e extremas alterações que o CP continua a sofrer – sempre readaptado à medida que há provas	6	46,15%	"Acho que o código desde que foi idealizado até aos dias de hoje, já levou tantas alterações que mostra que estava a ser precisa esta alteração mas que ainda não está totalmente radicado o sistema correcto. … E neste momento, já saiu quase outro código novo, já alterou todo outra vez, aliás desde que ele saiu até hoje já alterou para aí seguramente umas 10 vezes, sem exagero. … Portanto, tem havido muitas alterações que mostra que isto se está a refinar para ficar um código ideal… digo eu… ideal não sei se é."; "O facto de o código estar constantemente a mudar e nunca se saber em que pé é que estamos."; "Espero que acabem as alterações e que fique logo tudo direitinho para que se possa trabalhar só num sentido."; "Talvez as mudanças e alterações constantes que este sofre que se torna complicado para as juízes, devia estabilizar o mais depressa e rapidamente possível, pode ser que a minha opinião,… claro que as nossas opiniões deveriam ser importantes e ter algum valor, mas sei que isso ainda vai demorar algum tempo, e isto do código ainda tem muito para vir, muito para mudar e muito para aprender e muita coisa ainda vai mudar aqui no código."; "Bem este código agora não vai mudar até Pequim, agora já é proibido mudar seja o que for, porque já houve alterações agora depois destes últimos Campeonatos do Mundo. A única coisa que se pode fazer é acrescentar porque há sempre

				elementos novos que vão aparecendo e que têm que ser incluídos. Alterações por exemplo é que a composição vai passar para o júri A, …"; "Não, acho que não, acho que depois de confrontarmos as últimas alterações acho que está a caminhar no bom sentido, só que, se calhar deveria ser mais "mastigado" e não tão experimentado após as alterações não deveria ser logo aplicado mas mais estudado se calhar mais minuciosamente, para estas alterações não surgirem só de ano a ano mas surgir logo no primeiro código após o ciclo olímpico, surgir logo com todas as alterações, e não como acontece e se verifica que estamos a entrar em 2007 e ainda estamos a sofrer alterações de 2005, por isso se fosse tudo muito mais "mastigado" na altura se calhar isto não se verificasse. Não sei se isto é uma crítica, se calhar é talvez mais uma sugestão. Se as coisas fossem mais reflectidas, mais aplicadas antes de serem dadas como definitivas, quer dizer isto é um "chorrilho" de alterações, quase mensalmente depois de termos feito o primeiro curso de juízes quase mensalmente surgiam alterações e agora em 2007 parece que surgiram as definitivas até 2009."
ALTERAÇÃO DO CÓDIGO DE PONTUAÇÃO	2) O CP 2006 por vezes faz com que aconteçam injustiças	1	7,69%	"Ou seja, por exemplo, havia muitos casos como eu disse atrás, que havia injustiças relativamente às ginastas que faziam muito e que faziam mal feito e as que faziam pouco, etc., por exemplo, a nível do nosso país e como o nível do nosso país há muitos, havia muitas injustiças, por exemplo, se íamos para as paralelas assimétricas que é um aparelho bastante difícil, e uma ginasta que fizesse um exercício com 10 elementos era quase a mesma coisa que uma ginasta que fizesse com 4 ou 5, e quem fizesse 10 elementos tinha mais descontos do que a que fizesse 4 ou 5."
	3) As novas alterações já permitem uma maior justiça – já se consegue ter um pouco mais de justiça na avaliação	1	7,69%	"E neste momento, já saiu quase outro código novo, já alterou todo outra vez, aliás desde que ele saiu até hoje já alterou para aí seguramente umas 10 vezes, sem exagero. E uma das grandes alterações que eu acho que foi muito bem feito, é que a ginasta que tem um exercício com menos de 7 elementos já não desconta da execução de 10 pontos, já desconta de menos. Se tiver 6 elementos desconta de 6, se tiver 5 elementos desconta de 5, e se tiver entre 1 e 4 já desconta de 2 pontos. Ou seja, a ginasta que faz 4 elementos nas paralelas, como nós temos muitas ginastas pequenas a fazer isso, se tiver muitas falhas, fica a dever notas à juiz. E aí já se consegue ter um bocadinho mais de justiça na avaliação. Nos outros aparelhos igualmente, mas nas paralelas é onde se sente mais."
	4) As alterações dos elementos que baixam de valor/ Situações de orgânica/ A composição	1	7,69%	"Por isso o código tem sido sempre readaptado à medida que vai havendo provas, depois que o código novo saiu, houve julgo eu, três a quatro provas de alto nível, Campeonato do Mundo, Campeonato da Europa, Taça do Mundo… e após essas provas há sempre grandes alterações, inclusivamente elementos que baixam de valor, situações de orgânica que também se alteraram, por exemplo, dantes a composição era o júri B que descontava, depois chegaram à conclusão que muitas vezes o júri B se esquecia e

				havia muitas diferenças de notas. Agora a composição é descontada na nota final."
	5) É necessário a estabilização do CP o mais depressa e rapidamente possível	1	7,69%	"Talvez as mudanças e alterações constantes que este sofre que se torna complicado para as juízes, devia estabilizar o mais depressa e rapidamente possível, pode ser que a minha opinião,… claro que as nossas opiniões deveriam ser importantes e ter algum valor, mas sei que isso ainda vai demorar algum tempo, e isto do código ainda tem muito para vir, muito para mudar e muito para aprender e muita coisa ainda vai mudar aqui no código."
	6) As PA são o único aparelho em que este CP funciona em termos de dificuldade	1	7,69%	"Nas paralelas assimétricas é o único aparelho, porque no exercício de paralelas não precisa de ter elementos de ligação, é o único aparelho em que realmente este código funciona em termos de dificuldade."
	7) O facto de o CP estar sempre a ser readaptado à medida que vai havendo provas é prejudicial	1	7,69%	"Por isso o código tem sido sempre readaptado à medida que vai havendo provas, depois que o código novo saiu, houve julgo eu, três a quatro provas de alto nível, Campeonato do Mundo, Campeonato da Europa, Taça do Mundo… e após essas provas há sempre grandes alterações, …"
ALTERAÇÃO DO CÓDIGO DE PONTUAÇÃO	8) A Composição era descontada pelo júri B, agora é na nota final	1	7,69%	"… por exemplo, dantes a composição era o júri B que descontava, depois chegaram à conclusão que muitas vezes o júri B se esquecia e havia muitas diferenças de notas. Agora a composição é descontada na nota final. Portanto, tem havido muitas alterações que mostra que isto se está a refinar para ficar um código ideal… digo eu… ideal não sei se é."
	9) Diariamente vamos discutindo e falando sobre o CP	1	7,69%	"Não, não vou acrescentar, também diariamente vamos discutindo o código e vamos falando sobre ele."
	10) Este último CP não muda mais até Pequim, vão "somente" acrescentando coisas	1	7,69%	"Bem este código agora não vai mudar até Pequim, agora já é proibido mudar seja o que for, porque já houve alterações agora depois destes últimos Campeonatos do Mundo. A única coisa que se pode fazer é acrescentar porque há sempre elementos novos que vão aparecendo e que têm que ser incluídos."
	11) A composição vai passar para o júri A	1	7,69%	"Alterações por exemplo é que a composição vai passar para o júri A, de maneira que o júri A que andou a treinar-se este tempo todo que tinha que tomar atenção a isto e aquilo, aquilo e aquilo, … "
	12) O júri B já tem excesso de trabalho	1	7,69%	"… agora é mais uma porque o júri B de qualquer maneira já tem muitos trabalhos, e há mais problemas,…"
	13) Há muita coisa que ainda tem que ser alterada não entrar cada vez mais protestos, por ex., as notas neutras entram na nota A e pode dar confusão	1	7,69%	"… e há mais problemas, porque as notas neutras que são dadas pelos cronometristas e pelos juízes de linha, são notas neutras portanto são deduzidas pelo júri A no fim do exercício, mas está escrito que os protestos são feitos em relação ao júri A, à nota A, portanto estão a entrar notas neutras que não tem nada a haver, e isto tem novamente que ser alterado até Estugarda, pelo menos a frase tem que ser alterada. Porque um treinador não pode protestar, vê uma nota, estava a pensar que são 6 pontos, e nem reparou que a sua ginasta pôs o calcanhar de fora ou que tem um segundo menos do tempo permito ou um segundo a mais, e a única coisa que vê é um 5.90 ou um 5.80 em vez dos 6 pontos, então protesta. Quer dizer, como vão resolver isso agora é uma

				questão de informática e disso tudo, mas no código está escrito júri A, nota A, isto é tudo muito complicado, até isto tudo assentar."
	14) Já há datas previstas para a apresentação do novo CP para 2009	2	15,38%	"E agora também já há datas previstas para a apresentação do novo código para 2009, depois de Pequim, mas já se está a fazer durante o ano, o próximo ano, já se vai começar a fazer, a acertar, a aprender com os erros, …"; "Se as coisas fossem mais reflectidas, mais aplicadas antes de serem dadas como definitivas, quer dizer isto é um "chorrilho" de alterações, quase mensalmente depois de termos feito o primeiro curso de juízes quase mensalmente surgiam alterações e agora em 2007 parece que surgiram as definitivas até 2009."
	15) A linha do código não vai mudar, a não ser que haja uma revolução na FIG	1	7,69%	"… mas quer dizer a linha do código não vai mudar. A não ser que haja uma revolução na FIG, que o Comité Executivo e o Presidente mudem, e que o novo Presidente queira novamente alterar o código para dizer que ele é que é o Presidente."
ALTERAÇÃO DO CÓDIGO DE PONTUAÇÃO	16) Tem que se reflectir mais sobre as coisas para depois serem aplicadas e dadas como definitivas	1	7,69%	"Não, acho que não, acho que depois de confrontarmos as últimas alterações acho que está a caminhar no bom sentido, só que, se calhar deveria ser mais "mastigado" e não tão experimentado após as alterações não deveria ser logo aplicado mas mais estudado se calhar mais minuciosamente, para estas alterações não surgirem só de ano a ano mas surgir logo no primeiro código após o ciclo olímpico, surgir logo com todas as alterações, e não como acontece e se verifica que estamos a entrar em 2007 e ainda estamos a sofrer alterações de 2005, por isso se fosse tudo muito mais "mastigado" na altura se calhar isto não se verificasse. Não sei se isto é uma crítica, se calhar é talvez mais uma sugestão. Se as coisas fossem mais reflectidas, mais aplicadas antes de serem dadas como definitivas, quer dizer isto é um "chorrilho" de alterações, quase mensalmente depois de termos feito o primeiro curso de juízes quase mensalmente surgiam alterações e agora em 2007 parece que surgiram as definitivas até 2009."
	17) Além da alteração do CP houve a alteração da minha função como juiz, logo o meu olhar é diferente é tudo novo – logo como é diferente obrigou-me a que houvesse uma maior aplicação da minha parte	1	7,69%	"Em relação à alteração do código de pontuação, a única coisa que eu vejo foi também que houve a alteração da minha função. E aí se calhar eu vejo o código de uma forma diferente como algo de novo a começar, realmente como ele é porque para mim também foi um começar de novo não foi continuar a ter as mesmas funções mas foi um mudar de funções, do B para o A, e se calhar faz-me ver tudo como novo, não com aquela barreira da tradição, mas é novo, é diferente, e não posso dizer que me desagrade, se calhar porque também obrigou que da minha parte houvesse uma maior aplicação, e não tenha sentido tanta aquela diferença."

No Quadro 86, que diz respeito à última questão colocada aos juízes apenas alguns optaram por responder à pergunta se "Deseja acrescentar alguma informação ou algum pormenor relativamente à alteração do CP, que no seu entender possa ser relevante?", (que se reporta à **categoria**, **alteração do código de pontuação**) podemos verificar e dizer que de uma forma

geral encontramos, retiramos dezassete unidades de registo. E desta vez, além de enumerá-las e indicá-las e simplesmente transcrever algumas das respostas das entrevistas que achamos serem mais pertinentes no momento, desta vez, além do próprio Quadro em si, as unidades de registo e as suas unidades de contexto serem bastante claros, vamos apresentar na totalidade as respostas dadas por três dos juízes que responderam a esta questão que nos pode dizer tudo, como quase nada, pois algumas já foram referidas ao longo do estudo, mas que estarão dentro de outro enquadramento e filosofia de leitura. Mas para começar, vamos só enumerar as dezassete unidades por nós seleccionadas e que consideramos as mais pertinentes dentro da diversidade encontrada em todos os discursos: uma primeira relativa às constantes e extremas alterações que o CP continua a sofrer – sempre readaptado à medida que há provas (6=46,15%), mas esta era daquelas unidades de registos que já se esperava por parte dos juízes pois é algo que dificulta por vezes um maior sucesso e concretização na realização do seu trabalho, desempenho e da sua avaliação; a segunda unidade de registo prende-se com o facto de o CP 2006 por vezes fazer com que aconteçam injustiças (1=7,69%); agora temos o caso de as novas alterações já permitirem uma maior justiça – já se consegue ter um pouco mais de justiça na avaliação (1=7,69%); a quarta indica-nos as alterações dos elementos que baixam de valor, as situações de orgânica e a própria composição (1=7,69%); depois a quinta fala-nos sobre como é necessária a estabilização do CP o mais depressa e rapidamente possível (1=7,69%); já na sexta unidade de registo, esta juiz refere que no entender dela as PA foram o único aparelho em que este CP funciona em termos de dificuldade (1=7,69%); já em relação à sétima unidade encontrada e por nós definida é o facto, e talvez voltamo-nos a repetir de uma certa forma, de o CP estar sempre a ser readaptado à medida que vai havendo provas e que obviamente se torna e é prejudicial (1=7,69%); já em relação à oitava unidade de registo referente a esta questão muito mais aberta que as anteriores, há a referência de a Composição ser descontada pelo júri B e agora ser na nota final (1=7,69%); evidentemente que diariamente se vai discutindo e falando sobre o CP (1=7,69%), é inevitável e faz parte da natureza de quem pratica ou está dentro do mundo gímnico; na décima unidade de registo há a referência que este último CP não muda mais até Pequim, vão "somente" sendo acrescentado coisas (1=7,69%); além do que indirectamente já foi referido numa unidade de registo anterior, que a composição vai passar para o júri A (1=7,69%); além de que o júri B já tem excesso de trabalho (1=7,69%); na décima terceira unidade de registo conclui-se e é de uma forma substancialmente fundamentada, o facto de ainda haver muita coisa que ainda tem que ser alterada para desta forma não entrar cada vez mais protestos, por ex., as notas neutras entram na nota A e pode dar

confusão (1=7,69%); de seguida há duas juízes que referem que já há datas previstas para a apresentação do novo CP para 2009 (2=15,38%); apesar de a linha do código não ir mudar, a não ser que haja uma revolução na FIG (1=7,69%); o que não deixa de se ter que reflectir mais sobre as coisas para depois serem aplicadas e dadas como definitivas (1=7,69%); finalmente, a décima sétima unidade de registo, há a referência por parte de uma juiz que além da alteração do CP houve a alteração da sua função como juiz, logo o seu olhar é diferente, é tudo novo – logo como é diferente obrigou-a a que houvesse uma maior aplicação por parte dela (1=7,69%).

Como já tínhamos referido iríamos depois da análise realizada ao Quadro apresentar três transcrições completas em relação às respostas dadas por algumas das juízes a esta questão totalmente aberta e consideramos ser bastante pertinente para esta pergunta e de extrema relevância. Como nos refere J1 "acho que o código desde que foi idealizado até aos dias de hoje, já levou tantas alterações que mostra que estava a ser precisa esta alteração mas que ainda não está totalmente radicado o sistema correcto. Ou seja, por exemplo, havia muitos casos como eu disse atrás, que havia injustiças relativamente às ginastas que faziam muito e que faziam mal feito e as que faziam pouco, etc., por exemplo, a nível do nosso país e como o nível do nosso país há muitos, havia muitas injustiças, por exemplo, se íamos para as paralelas assimétricas que é um aparelho bastante difícil, e uma ginasta que fizesse um exercício com 10 elementos era quase a mesma coisa que uma ginasta que fizesse com 4 ou 5, e quem fizesse 10 elementos tinha mais descontos do que a que fizesse 4 ou 5. E neste momento, já saiu quase outro código novo, já alterou todo outra vez, aliás desde que ele saiu até hoje já alterou para aí seguramente umas 10 vezes, sem exagero. E uma das grandes alterações que eu acho que foi muito bem feito, é que a ginasta que tem um exercício com menos de 7 elementos já não desconta da execução de 10 pontos, já desconta de menos. Se tiver 6 elementos desconta de 6, se tiver 5 elementos desconta de 5, e se tiver entre 1 e 4 já desconta de 2 pontos. Ou seja, a ginasta que faz 4 elementos nas paralelas, como nós temos muitas ginastas pequenas a fazer isso, se tiver muitas falhas, fica a dever notas à juiz. E aí já se consegue ter um bocadinho mais de justiça na avaliação. Nos outros aparelhos igualmente, mas nas paralelas é onde se sente mais. Por isso o código tem sido sempre readaptado à medida que vai havendo provas, depois que o código novo saiu, houve julgo eu, três a quatro provas de alto nível, Campeonato do Mundo, Campeonato da Europa, Taça do Mundo… e após essas provas há sempre grandes alterações, inclusivamente elementos que baixam de valor, situações de orgânica que também se alteraram, por exemplo, dantes a composição era o júri B que descontava, depois chegaram à

conclusão que muitas vezes o júri B se esquecia e havia muitas diferenças de notas. Agora a composição é descontada na nota final. Portanto, tem havido muitas alterações que mostra que isto se está a refinar para ficar um código ideal… digo eu… ideal não sei se é."; assim como a J10 "bem este código agora não vai mudar até Pequim, agora já é proibido mudar seja o que for, porque já houve alterações agora depois destes últimos Campeonatos do Mundo. A única coisa que se pode fazer é acrescentar porque há sempre elementos novos que vão aparecendo e que têm que ser incluídos. Alterações, por exemplo, é que a composição vai passar para o júri A, de maneira que o júri A que andou a treinar-se este tempo todo que tinha que tomar atenção a isto e aquilo, aquilo e aquilo, agora é mais uma porque o júri B de qualquer maneira já tem muitos trabalhos, e há mais problemas, porque as notas neutras que são dadas pelos cronometristas e pelos juízes de linha, são notas neutras portanto são deduzidas pelo júri A no fim do exercício, mas está escrito que os protestos são feitos em relação ao júri A, à nota A, portanto estão a entrar notas neutras que não tem nada a haver, e isto tem novamente que ser alterado até Estugarda, pelo menos a frase tem que ser alterada. Porque um treinador não pode protestar, vê uma nota, estava a pensar que são 6 pontos, e nem reparou que a sua ginasta pôs o calcanhar de fora ou que tem um segundo menos do tempo permito ou um segundo a mais, e a única coisa que vê é um 5.90 ou um 5.80 em vez dos 6 pontos, então protesta. Quer dizer, como vão resolver isso agora é uma questão de informática e disso tudo, mas no código está escrito júri A, nota A, isto é tudo muito complicado, até isto tudo assentar. E agora também já há datas previstas para a apresentação do novo código para 2009, depois de Pequim, mas já se está a fazer durante o ano, o próximo ano, já se vai começar a fazer, a acertar, a aprender com os erros, mas quer dizer a linha do código não vai mudar. A não ser que haja uma revolução na FIG, que o Comité Executivo e o Presidente mudem, e que o novo Presidente queira novamente alterar o código para dizer que ele é que é o Presidente". Para finalizar temos a J11, que utiliza uma linguagem um pouco mais prática e acessível ao comum das pessoas que não são da área mas que de facto nos transmite muito: "não, acho que não, acho que depois de confrontarmos as últimas alterações acho que está a caminhar no bom sentido, só que, se calhar deveria ser mais "mastigado" e não tão experimentado após as alterações não deveria ser logo aplicado mas mais estudado se calhar mais minuciosamente, para estas alterações não surgirem só de ano a ano mas surgir logo no primeiro código após o ciclo olímpico, surgir logo com todas as alterações, e não como acontece e se verifica que estamos a entrar em 2007 e ainda estamos a sofrer alterações de 2005, por isso se fosse tudo muito mais "mastigado" na altura se calhar isto não se verificasse. Não sei se isto é uma crítica, se calhar é talvez mais uma sugestão. Se as coisas

fossem mais reflectidas, mais aplicadas antes de serem dadas como definitivas, quer dizer isto é um "chorrilho" de alterações, quase mensalmente depois de termos feito o primeiro curso de juízes quase mensalmente surgiam alterações e agora em 2007 parece que surgirão as definitivas até 2009."

5.3 Apresentação e Análise das questões comuns às transcrições das Entrevistas do Grupo de Estudo (treinadores e juízes)

Das entrevistas realizadas aos nossos entrevistados, foram seis as questões comuns a todos os seus intervenientes, treinadores e juízes. De seguida iremos expor para posteriormente, analisar e interpretar as respostas de ambas as partes, do grupo de estudo total (vinte e um).

Um dos principais objectivos é tentar ver e comparar as suas respostas das questões em comum, agrupar as respostas, onde algumas quererão dizer praticamente o mesmo (serão muito parecidas mas ditas por outras palavras, ou não) e serão associadas, ou colocadas nas mesmas unidades de registo. Confrontando desta maneira treinadores e juízes nas suas respostas e opiniões, e se, desta forma, vão todos de encontro ao mesmo ou se pelo contrário as suas respostas são muito divergentes umas das outras, acrescentando desta forma mais unidades de registo daquelas que já temos, realizando uma análise ainda mais abrangente e aprofundada.

5.3.1 Questão 2.1.5/ 2.2.4 do Guião da Entrevista, efectuada aos Treinadores/ Juízes (respectivamente): Em relação ao Código de Pontuação de Ginástica Artística Feminina (CP 2006), considera terem existido grandes mudanças/alterações em relação ao último Código em vigor (CP 2001)?

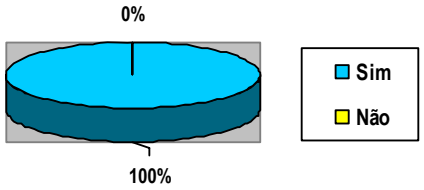


Figura 36: % de indivíduos total da grupo do estudo que considera terem existido grandes mudanças/alterações em relação ao último Código em vigor (CP 2001), em relação ao Código de Pontuação de Ginástica Artística Feminina (CP 2006)

Realmente, pela análise da Figura 36 e do Quadro 86, o grupo de estudo total do trabalho (quer treinadores quer juízes) foram unânimes nas suas respostas, daí a obtenção de 100% para o sim (21 respostas), todos consideraram ter existido grandes mudanças em relação ao último CP em vigor, o de 2001.

5.3.1.1 Questão 2.1.5.1/ 2.2.4.1 do Guião da Entrevista, efectuada aos Treinadores/ Juízes (respectivamente): Em relação ao Código de Pontuação de Ginástica Artística Feminina (CP 2006), considera terem existido grandes mudanças/alterações em relação ao último Código em vigor (CP 2001)? Se sim, quais considera terem sido as mais significativas?

Quadro 87: Análise da Questão: "Em relação ao código de Pontuação de Ginástica Artística Feminina (CP 2006), considera terem existido grandes mudanças/alterações em relação ao último Código em vigor (CP 2001)? Se sim, quais considera terem sido as mais significativas quer para treinadores quer para juízes?"

CATEGORIA	UNIDADE DE REGISTO DOS TREINADORES	ENUMERAÇÃO/ QUANTIFICAÇÃO		UNIDADE DE REGISTO DOS JUÍZES	ENUMERAÇÃO/ QUANTIFICAÇÃO	
		N	%		N	%
ALTERAÇÃO DO CÓDIGO DE PONTUAÇÃO	1) Sim	8	100,00%	1) Sim	13	100,00%
	2) Não	0	00,00%	2) Não	0	00,00%
	3) Não haver limite para a dificuldade (nota A)	2	25,00%	3) O código sofreu uma mudança radical, houve muitíssimas alterações	5	38,46%
	4) A importância da execução devido à exigência (elevado aumento de valor em relação às penalizações da nota B)	4	50,00%	4) A Filosofia de avaliação mudou	1	7,69%
				5) A estrutura habitual a que todos estavam habituados mudou completamente	1	7,69%
	5) Forma de aplicação dessas regras	2	25,00%	6) Prevalência à execução correcta/ a nível da nota B está muito mais exigente, as penalizações estão bastante altas	5	38,46%
	6) Inexistência da nota máxima dos 10 pontos, ausência da nota limite	4	50,00%			
	7) Desvalorização de alguns elementos de dificuldade	2	25,00%	7) O facto de ter deixado de existir uma nota limite, a nota máxima dos 10 pontos e passar a haver uma nota ilimitada	9	69,23%
	8) Desvalorização, diminuição do valor de elementos unilaterais	1	12,50%			
	9) Clara separação entre a nota de dificuldade e a nota de execução	1	12,50%	8) Melhor distinção das ginastas muito boas das boas, algo que quando existia uma nota limite, máxima de 10 pontos se tornava mais difícil. Desta forma, agora quem faz/apresenta um exercício com maior grau de dificuldade e é melhor na execução/correcção, é perfeita, é beneficiada	2	15,38%
	10) Nos saltos e na trave	1	12,50%			
	11) Mudanças a nível da técnica	1	12,50%			
	12) Eliminação de alguns elementos do código de pontuação	1	12,50%			
	13) Em termos de ligações estas tornaram-se muito mais complexas	1	12,50%	9) A nível da dificuldade está muito mais exigente/ Atingir ao nível da nota A valores elevados é extremamente difícil (o facto de não haver limite da nota A)	6	46,15%
	14) Avaliação artística	1	12,50%			
	15) Exclusivamente do ponto de vista estratégico e não sob o ponto de vista técnico	1	12,50%	10) A possibilidade de se poder tentar obter uma nota cada vez mais elevada em cada aparelho/ Somar a nota de	3	23,08%
	16) A orgânica das exigências	1	12,50%			

ALTERAÇÃO DO CÓDIGO DE PONTUAÇÃO	específicas de cada aparelho			dificuldade com a nota de execução		
				11) A existência de elementos de valor bastante elevados	1	7,69%
				12) Privilegia os elementos acrobáticos que conduz a uma maior espectacularidade à modalidade	1	7,69%
				13) Aumentou a dificuldade na construção dos exercícios	1	7,69%
				14) A eliminação de muitas ligações tornou mais difícil atingir uma nota A mais elevada	1	7,69%
				15) Retira o valor e a base da GAF, pois agora a maior parte das ginastas não arriscam a fazer mais elementos de maior dificuldade para serem bonificadas (ou "não se deve mesmo arriscar", jogam pelo seguro")	1	7,69%
				16) Ao nível das faixas etárias mais baixas sente-se mais a mudança e a diferença ao nível da dificuldade	1	7,69%
				17) Haver agora uma espécie de "recorde"	1	7,69%
				18) Criados novos factores de avaliação ao nível da nota A, além das dificuldades que já havia, agora há os grupos estruturais	1	7,69%
				19) As constantes modificações do CP a todos os níveis não é nada benéfico	1	7,69%
				20) O objectivo principal deste CP era torná-lo o mais objectivo possível, isso é praticamente impossível	1	7,69%
				21) Toda a mudança ocorrida a nível de elementos	1	7,69%
				22) O facto de só contarem os dez elementos de maior dificuldade (os nove elementos mais a saída), que se torna bastante importante para a constituição dos exercícios	1	7,69%

Pela análise do Quadro 87, podemos concluir que os treinadores foram muito mais sintéticos do que os juízes. O facto de o grupo de estudo de juízes ser maior do que de treinadores é um dos factores para influenciar o número de unidades de registo além de que as juízes abordaram o assunto de forma a proporcioar maior quantidade de unidades de registo. Na sua análise total, podemos dizer que o panorama gímnico sofreu inúmeras e grandes transformações, que ainda deixaram alguns treinadores e juízes desconfiados, confusos e por outro lado muito

descontentes. Além de que as juízes revelaram um lado mais crítico, mas de uma forma ou de outra todos estão de acordo com vários factores e situações, pois referiram basicamente as mesmas mudanças, que consideraram as mais significativas.

Quadro 88: Análise da Questão: "Em relação ao código de Pontuação de Ginástica Artística Feminina (CP 2006), considera terem existido grandes mudanças/alterações em relação ao último Código em vigor (CP 2001)? Se sim, quais considera terem sido as mais significativas no total do grupo de estudo?"

CATEGORIA	UNIDADE DE REGISTO DO GRUPO DE ESTUDO	ENUMERAÇÃO/ QUANTIFICAÇÃO	
		N	%
ALTERAÇÃO DO CÓDIGO DE PONTUAÇÃO	1) Sim	21	100,00%
	2) Não	0	00,00%
	3) Inexistência da nota máxima dos 10 pontos, ausência da nota limite/ O facto de ter deixado de existir uma nota limite, a nota máxima dos 10 pontos e passar a haver uma nota ilimitada	13	61,90%
	4) A importância da execução devido à exigência (elevado aumento de valor em relação às penalizações da nota B)/ Prevalência à execução correcta/ a nível da nota B está muito mais exigente, as penalizações estão bastante altas	9	42,86%
	5) Não haver limite para a dificuldade (nota A)/ A nível da dificuldade está muito mais exigente/ Atingir ao nível da nota A valores elevados é extremamente difícil (o facto de não haver limite da nota A)	8	38,10%
	6) Desvalorização de alguns elementos de dificuldade/ Desvalorização, diminuição do valor de elementos unilaterais/ Eliminação de alguns elementos do código de pontuação/ A existência de elementos de valor bastante elevados / Toda a mudança ocorrida a nível de elementos	8	38,10%
	7) Clara separação entre a nota de dificuldade e a nota de execução/ A possibilidade de se poder tentar obter uma nota cada vez mais elevada em cada aparelho: Somar a nota de dificuldade com a nota de execução	4	19,05%
	8) Forma de aplicação dessas regras/ A Filosofia de avaliação mudou	3	14,29%
	9) Em termos de ligações estas tornaram-se muito mais complexas/ A eliminação de muitas ligações tornou mais difícil atingir uma nota A mais elevada	2	9,52%
	10) Nos saltos e na trave	1	4,76%
	11) Mudanças a nível da técnica	1	4,76%
	12) Avaliação artística	1	4,76%
	13) Exclusivamente do ponto de vista estratégico e não sob o ponto de vista técnico	1	4,76%
	14) A orgânica das exigências específicas de cada aparelho	1	4,76%
	15) O código sofreu uma mudança radical, houve muitíssimas alterações	1	4,76%
	16) A estrutura habitual a que todos estavam habituados mudou completamente	1	4,76%
	17) Melhor distinção das ginastas muito boas das boas, algo que quando existia uma nota limite, máxima de 10 pontos se tornava mais difícil. Desta forma, agora quem faz/apresenta um exercício com maior grau de dificuldade e é melhor na execução/correcção, é perfeita, é beneficiada	1	4,76%
	18) Privilegia os elementos acrobáticos que conduz a uma maior espectacularidade à modalidade	1	4,76%
	19) Aumentou a dificuldade na construção dos exercícios	1	4,76%
	20) Retira o valor e a base da GAF, pois agora a maior parte das ginastas não arriscam a fazer mais elementos de maior dificuldade para serem bonificadas (ou "não se deve mesmo arriscar",	1	4,76%

ALTERAÇÃO DO CÓDIGO DE PONTUAÇÃO	"jogam pelo seguro")		
	21) Ao nível das faixas etárias mais baixas sente-se mais a mudança e a diferença ao nível da dificuldade	1	4,76%
	22) Haver agora uma espécie de "recorde"	1	4,76%
	23) Criados novos factores de avaliação ao nível da nota A, além das dificuldades que já havia, agora há os grupos estruturais	1	4,76%
	24) As constantes modificações do CP a todos os níveis não é nada benéfico	1	4,76%
	25) O objectivo principal deste CP era torná-lo o mais objectivo possível, isso é praticamente impossível	1	4,76%
	26) O facto de só contarem os dez elementos de maior dificuldade (os nove elementos mais a saída), que se torna bastante importante para a constituição dos exercícios	1	4,76%

Pela análise do Quadro anterior, podemos verificar que há algumas unidades de registo (num total de vinte e seis) com uma forte percentagem a nível de concordância, enquanto outras não, pois são apenas referidas por parte de alguns ou de um dos entrevistados, o que não significa ou não é indicativo que não achem ou opinem da mesma forma sobre alguns dos assuntos ou das abordagens feitas, ou simplesmente quer dizer que não vão de encontro ao que eles apontaram, disseram e pensam. E como as alterações foram imensas, cada um dos entrevistados, seleccionou aquelas que no seu entender e no seu caso eram mais pertinentes na sua perspectiva, tentando ser o mais e o máximo conciso e sucinto, da melhor maneira possível e dentro das suas possibilidades e capacidades momentâneas. Daí a existência, depois de uma tentativa de associar, "encaixar" as unidades de registo dadas pelos treinadores com as dos juízes num esforço de cada uma se adaptar na qual mais se adequassem umas com as outras, e fossem de encontro com as respostas dadas e nos esclarece-se ainda mais em relação à questão colocada. Tendo sido tantas as mudanças e alterações sofridas pelo CP 2006 em relação ao de 2001, talvez seja essa a justificativa para as inúmeras unidades de registo, como aconteceu na maioria das questões, pois as situações são muito novas, e a aplicação ainda muito "fresca", o que faz com que as pessoas envolvidas, por mais experiência que tenham e entendidas que sejam, fiquem um pouco reticentes nas suas respostas o que depois levará a uma leitura delas para chegarmos a certas conclusões sobre o assunto em causa.

Começando desta forma por enumerar por ordem decrescente, aquelas que o grupo de estudo achou mais significativo, tais como (começaremos pela terceira unidade de registo visto as duas primeiras já terem sido referidas analisadas): a inexistência da nota máxima dos 10 pontos, ausência da nota limite, o facto de ter deixado de existir uma nota limite, a nota máxima dos 10 pontos e passar a haver uma nota ilimitada (13=61,90%); de seguida foi referida a importância da execução devido à exigência (elevado aumento de valor em relação às penalizações da nota

B), logo a prevalência à execução correcta e o facto de a nível da nota B está muito mais exigente, as penalizações estão bastante altas (9=42,86%); na quinta unidade de registo, onde se verificou 38,10% de respostas por parte dos entrevistados, diz-nos e reporta-se ao caso de não haver limite para a dificuldade (nota A), a nível da dificuldade está muito mais exigente, atingir ao nível da nota A valores elevados é extremamente difícil (o facto de não haver limite da nota A) (8=38,10%); na sexta unidade temos a referência à desvalorização de alguns elementos de dificuldade, assim como a desvalorização, diminuição do valor de elementos unilaterais, a eliminação de alguns elementos do código de pontuação, assim como a existência de elementos de valor bastante elevados, logo, toda a mudança ocorrida a nível de elementos (8=38,10%); em relação à sétima unidade de registo, insere-se a clara separação entre a nota de dificuldade e a nota de execução, a possibilidade de se poder tentar obter uma nota cada vez mais elevada em cada aparelho - somar a nota de dificuldade com a nota de execução (4=19,05%); seguindo-se a forma de aplicação dessas regras, indicador de que a Filosofia de avaliação mudou (3=14,29%); o grupo de estudo também referiu que em termos de ligações estas tornaram-se muito mais complexas, a eliminação de muitas ligações tornou mais difícil atingir uma nota A mais elevada (2=9,52%); na décima unidade de registo temos a opinião por parte de um dos entrevistados que as mudanças mais significativas que sentiu foi nos saltos e na trave (1=4,76%); de seguida, e daqui para a frente somente com 4,76% do grupo de estudo, verificando-se somente uma única referência por parte de um dos elementos, temos as mudanças a nível da técnica (1=4,76%); a décima segunda reporta-se à Avaliação Artística (1=4,76%); depois temos uma mudança que do ponto de vista e da maneira de ver de um dos entrevistados é bastante significativa que é a mudança exclusivamente do ponto de vista estratégico e não sob o ponto de vista técnico (1=4,76%); na décima quarta unidade de registo observa-se a orgânica das exigências específicas de cada aparelho (1=4,76%); assim como o código sofreu uma mudança radical, houve muitíssimas alterações (1=4,76%); e que a estrutura habitual a que todos estavam habituados mudou completamente (1=4,76%); daí que, talvez, isso tudo, referida na décima sétima unidade de registo faça uma melhor distinção das ginastas muito boas das boas, algo que quando existia uma nota limite, máxima de 10 pontos se tornava mais difícil. Desta forma, agora quem faz/apresenta um exercício com maior grau de dificuldade e é melhor na execução/correcção, é perfeita, é beneficiada (1=4,76%); uma das entrevistadas refere que este novo código privilegia os elementos acrobáticos que conduz a uma maior espectacularidade à modalidade (1=4,76%); tendo desta forma aumentado a dificuldade na construção dos exercícios (1=4,76%); enquanto que a vigésima unidade de registo nos diz que estas mudanças todas retira

o valor e a base da GAF, pois agora a maior parte das ginastas não arriscam a fazer mais elementos de maior dificuldade para serem bonificadas (ou "não se deve mesmo arriscar", jogam pelo seguro") (1=4,76%); na seguinte unidade a opinião e discurso é em relação ao nível das faixas etárias mais baixas, sente-se mais a mudança e a diferença ao nível da dificuldade (1=4,76%); depois temos a menção de agora haver uma espécie de "recorde" (1=4,76%); e de que foram criados novos factores de avaliação ao nível da nota A, além das dificuldades que já havia, agora há os grupos estruturais (1=4,76%); não deixando de referir por parte deste grupo de estudo, o facto na vigésima quarta unidade de registo, as constantes modificações do CP a todos os níveis não é nada benéfico (1=4,76%); e de que o objectivo principal deste CP era torná-lo o mais objectivo possível, isso é praticamente impossível (1=4,76%) e por fim, na vigésima sexta unidade de registo temos o facto de só contarem os dez elementos de maior dificuldade (os nove elementos mais a saída), que se torna bastante importante para a constituição dos exercícios (1=4,76%).

5.3.2 Questão 2.1.5.2/ 2.2.4.2 do Guião da Entrevista, efectuada aos Treinadores/ Juízes (respectivamente): Das mudanças/alterações verificadas, quais são no seu entender, as vantagens e desvantagens?

Quadro 89: Análise da Questão: "Das mudanças/alterações verificadas, quais são no seu entender (Treinadores e Juízes), as vantagens e as desvantagens?"

CATEGORIA		UNIDADE DE REGISTO TREINADORES	ENUMERAÇÃO/ QUANTIFICAÇÃO		UNIDADE DE REGISTO JUÍZES	ENUMERAÇÃO/ QUANTIFICAÇÃO	
			N	%		N	%
ALTERAÇÃO DO CÓDIGO DE PONTUAÇÃO	**VANTAGENS**	1) Valorização da qualidade do factor execução	3	37,50%	1) Código muito mais justo para as ginastas	1	7,69%
		2) Diferenciação e distinção das boas ginastas das muito boas no factor execução	2	25,00%	2) Não haver limite de bonificações	3	23,08%
		3) Ausência de limite para a dificuldade (nota A), conteúdo de elementos que as ginastas apresentam no seu exercício	4	50,00%	3) A não possibilidade de não se poder ultrapassar o topo dos 10 pontos, fazia com que os ginastas de grande nível tivessem notas iguais a outras ginastas de nível inferior devido ao limite imposto, o que neste momento não acontece	1	7,69%
		4) Ausência da nota limite dos 10 pontos	3	37,50%	4) Poder distinguir as ginastas muito boas das boas/ Colocar cada uma no seu patamar, obtendo desta forma uma melhor graduação	5	38,46%
		5) Não haver necessidade de mudança de CP de quatro em quatro anos (de ciclo olímpico em ciclo olímpico)	1	12,50%	5) O facto de não haver um limite de nota a atingir/ Pontuação ilimitada	4	30,77%
		6) Melhorar o planeamento a	1	12,50%			

ALTERAÇÃO DO CÓDIGO DE PONTUAÇÃO	**VANTAGENS**	longo prazo das carreiras das ginastas			6) Motivação acrescida para atingir cada vez mais uma nota mais elevada/ Lutar sempre por evoluir e progredir cada vez mais para não estabilizar, não desmotivar nem entrar em monotonia	3	23,07%
		7) Comparação de resultados desportivos ao longo de uma carreira gímnica	1	12,50%			
		8) Aumento da dificuldade	1	12,50%			
		9) Factor evolução	1	12,50%	7) A existência de elementos de valor de dificuldade cada vez maiores, de valor F e de valor G, e a possibilidade de os poder realizar para tentar atingir um valor de dificuldade/ Uma Nota A cada vez mais elevada	1	7,69%
		10) Factor diferenciação ao alto nível	2	25,00%			
		11) Diminuição da dificuldade dos valores dos gímnicos	1	12,50%			
		12) Favorece quem tem mais dificuldade	2	25,00%			
		13) Vence quem faz muito e perfeito	1	12,50%	8) Torna a modalidade mais espectacular, o público vê mais elementos	2	15,38%
		14) Para os países mais desenvolvidos na modalidade	1	12,50%			
		15) Não é tão necessário ter de realizar adaptações aos escalões mais novos	1	12,50%	9) Os treinos vão-se tornar de muito mais qualidade e com muita mais qualidade/ Este CP obriga a treinar muitos elementos diferentes e arranjar uma maior variedade nos seus exercícios e de maior dificuldade	2	15,38%
					10) O facto da execução/perfeição ser bastante mais valorizada	2	15,38%
					11) A possibilidade de introduzir a noção de "*recorde*", de "*score*"	2	15,38%
					12) Nas Paralelas Assimétricas o CP tornou os exercícios muito variados, mais difíceis e mais emocionantes	1	7,69%
					13) O facto de contar somente os 10 elementos de maior valor (nove elementos mais a saída)	1	7,69%
ALTERAÇÃO DO CÓDIGO DE PONTUAÇÃO	**DESVANTAGENS**	16) Aumento da dificuldade	1	12,50%	14) Para os países mais fracos, de desenvolvimento inferior a nível da ginástica artística, sem condições "optimais", ou pelo menos mínimas para uma prática digna desta modalidade, é mais difícil para as ginastas atingirem notas elevadas	4	30,77%
		17) Inexistência de um factor de diferenciação evidente e específico nos mais jovens (uma maior diferenciação nas exigências específicas)	2	25,00%			
		18) Falta de pontuação taxativa na composição	1	12,50%	15) O facto de se contabilizar os 10 elementos de maior dificuldade (os nove mais a saída) para a obtenção da nota A, às ginastas de países menos desenvolvidos conta sempre os de menor valor	1	7,69%
		19) Novas mudanças fizeram com que os exercícios ficassem todos iguais provocando uma monotonia na visualização dos esquemas	1	12,50%			
		20) Esquemas muito acrobáticos o que os torna demasiadamente masculinos, basicamente devido	2	25,00%			
					16) Terem acabado, abolido, terminado com o mítico da ginástica	3	23,08%

ALTERAÇÃO DO CÓDIGO DE PONTUAÇÃO	**DESVANTAGENS**	ao facto de os gímnicos terem descido de valor e a valorização dos elementos acrobáticos			artística, a nota 10, o máximo, o limite, que se associava à perfeição		
		21) A quase ausência de realização de elementos gímnicos devido à sua desvalorização	1	12,50%	17) A nota B/Execução está muito exigente e os descontos muito rigorosos a nível das penalizações	3	23,08%
		22) Ausência de ligações gímnicas	1	12,50%	18) Não há possibilidade de correr riscos, arriscar num bom exercício com muita dificuldade quando os	2	15,38%
		23) Realização de gímnicos somente para preencher as exigências específicas	1	12,50%	descontos aplicados estão ao nível tão elevado a que se encontram. Originando uma nota inferior a uma		
		24) Falta de percepção/entendimento e associação do público devido à inexistência da nota máxima dos 10 pontos (que era considerada como uma referencia, algo cultural)	1	12,50%	ginasta que realizou menos dificuldade mas tudo na perfeição		
		25) Inexistência de uma referencia para o público e para a comunicação social	1	12,50%	19) O facto da execução estar muito exagerada pode originar, provocar, por vezes desmotivação, quer a nível dos atletas quer a nível dos treinadores	4	30,77%
		26) A necessidade de realizar os 10 elementos mais valiosos	1	12,50%	20) Os juízes não estão habituados a estas penalizações, o que provoca desvantagens devido à mudança radical	1	7,69%
		27) A inexistência, praticamente, de coreografia	2	25,00%	21) Alterou a forma de ver a Ginástica Artística Feminina	1	7,69%
		28) Exercícios muito extensos	1	12,50%	22) Os exercícios nos aparelhos tornaram-se mais "feios", menos	1	7,69%
		29) Necessidade de treinar nova qualidade física no treino da ginástica, a Resistência	1	12,50%	virtuosos, e muito mais monótonos, perdeu-se a beleza		
		30) Pode originar uma possível falta de comunicação entre o público e a atleta	1	12,50%	23) No solo é só acrobacia, quase que não há parte artística. Retirou a beleza que tanto caracterizava, motivava e comunicava com este	2	15,38%
		31) Não favorece Portugal	2	25,00%	aparelho (por exemplo)		
		32) Excesso de acrobacia	1	12,50%	24) Acabou totalmente com a parte	1	7,69%
		33) Inexistência de um bom código adaptado para as mais jovens	1	12,50%	artística (beleza) da trave e do solo, que antigamente nos emocionava e comovia		
		34) Diferenciação e distanciamento cada vez maiores entre as ginastas	1	12,50%	25) Este código privilegia, abre caminho para o aparecimento cada vez maior de ginastas especialistas	1	7,69%
		35) Qualidade de execução e dificuldade cada vez mais elevadas	2	25,00%	26) Não ter ginastas a fazer todos os aparelhos, logo, não haver ginastas completas	1	7,69%
		36) Provoca desmotivação	1	12,50%	27) Com o passar do tempo e o	1	7,69%
		37) Para países que ainda estão em desenvolvimento da modalidade e não têm grandes perspectivas para a desenvolver, este novo CP não veio ajudar em	1	12,50%	entendimento cada vez maior do CP, das competições, das notas, significa que começam a aparecer mais protestos		
					28) Já não há tolerância nas	1	7,69%

		nada			rotações, o que provoca uma avaliação mais subjectiva quando o objectivo deste CP era exactamente o oposto – a objectividade, ser o mais objectivo possível		
					29) Ainda não se conseguiu elaborar ou "encontrar" um código que seja o mais justo e o mais correcto	1	7,69%
					30) Extremas adaptações, alterações e modificações do e ao CP	1	7,69%
					31) A falta de percepção/entendimento do que é uma boa nota, (devido à inexistência da nota 10), uma nota de excelência ou um exercício simplesmente razoável	1	7,69%
ALTERAÇÃO DO CÓDIGO DE PONTUAÇÃO	**DESVANTAGENS**				32) Inexperiência de aplicação do código devido ao escasso número de provas existentes e de encontros de esclarecimentos	1	7,69%
					33) O nível de exigência a que o código se encontra pode levar a um abandono, a uma desistência da prática da modalidade por parte das ginastas pela falta de capacidade ou simplesmente não comparecerem às provas por não conseguirem cumprir, atingir os mínimos (para desta forma se sentirem bem e não sofrerem desmotivação nem uma humilhação)	1	7,69%
					34) A GA é difícil, exigente, mas neste momento está cada vez mais difícil	1	7,69%
					35) O público não percebe (a falta de percepção/entendimento do público do novo CP)	1	7,69%
					36) Alguns elementos e indivíduos ligados à própria modalidade, que são da ginástica têm alguma dificuldade em perceber	1	7,69%
					37) Até quem anda nisto há muito tempo é complicado entender à primeira	1	7,69%

Pela análise do Quadro anterior, o grupo de estudo, em relação às vantagens e desvantagens deste novo CP (2006), faz uma leitura que não se diferencia muito de uns para os outros. Nota-se certas opiniões divergentes, o que para uns é uma vantagem, para outros é considerado uma desvantagem, mas isso é notável quer a nível de treinadores quer a nível dos juízes, tendo-se verificado respostas muito idênticas, similares uns com os outros nas várias situações.

Quadro 90: Análise da Questão: "Das mudanças/alterações verificadas, quais são no seu entender (Grupo de estudo), as vantagens e as desvantagens?"

CATEGORIA		UNIDADE DE REGISTO DO GRUPO DE ESTUDO	ENUMERAÇÃO/ QUANTIFICAÇÃO	
			N	%
ALTERAÇÃO DO CÓDIGO DE PONTUAÇÃO	**VANTAGENS**	1) Ausência de limite para a dificuldade (nota A), conteúdo de elementos que as ginastas apresentam no seu exercício/ O facto de não haver um limite de nota a atingir/ Pontuação ilimitada/ A existência de elementos de valor de dificuldade cada vez maiores, de valor F e de valor G, e a possibilidade de os poder realizar para tentar atingir um valor de dificuldade/ Uma Nota A cada vez mais elevada	9	42,86%
		2) Diferenciação e distinção das boas ginastas das muito boas no factor execução/ A não possibilidade de não se poder ultrapassar o topo dos 10 pontos, fazia com que os ginastas de grande nível tivessem notas iguais a outras ginastas de nível inferior devido ao limite imposto, o que neste momento não acontece/ Poder distinguir as ginastas muito boas das boas/ Colocar cada uma no seu patamar, obtendo desta forma uma melhor graduação	8	38,10%
		3) Ausência da nota limite dos 10 pontos/ O facto de não haver um limite de nota a atingir/ Pontuação ilimitada	7	33,33%
		4) Valorização da qualidade do factor execução/ O facto da execução/perfeição ser bastante mais valorizada	5	23,81%
		5) Factor evolução/ Motivação acrescida para atingir cada vez mais uma nota mais elevada/ Lutar sempre por evoluir e progredir cada vez mais para não estabilizar, não desmotivar nem entrar em monotonia	4	19,05%
		6) Melhorar o planeamento a longo prazo das carreiras das ginastas/ Os treinos vão-se tornar de muito mais qualidade e com muita mais qualidade/ Este CP obriga a treinar muitos elementos diferentes e arranjar uma maior variedade nos seus exercícios e de maior dificuldade	3	14,29%
		7) Não haver limite de bonificações	3	14,29%
		8) Factor diferenciação ao alto nível	2	9,52%
		9) Favorece quem tem mais dificuldade	2	9,52%
		10) Torna a modalidade mais espectacular, o público vê mais elementos	2	9,52%
		11) A possibilidade de introduzir a noção de "*recorde*", de "*score*"	2	9,52%
		12) Não haver necessidade de mudança de CP de quatro em quatro anos (de ciclo olímpico em ciclo olímpico)	1	4,76%
		13) Comparação de resultados desportivos ao longo de uma carreira gímnica	1	4,76%
		14) Aumento da dificuldade	1	4,76%
		15) Diminuição da dificuldade dos valores dos gímnicos	1	4,76%
		16) Vence quem faz muito e perfeito	1	4,76%
		17) Para os países mais desenvolvidos na modalidade	1	4,76%
		18) Não é tão necessário ter de realizar adaptações aos escalões mais novos	1	4,76%

		19) Código muito mais justo para as ginastas	1	4,76%
		20) Nas Paralelas Assimétricas o CP tornou os exercícios muito variados, mais difíceis e mais emocionantes	1	4,76%
		21) O facto de contar somente os 10 elementos de maior valor (nove elementos mais a saída)	1	4,76%
ALTERAÇÃO DO CÓDIGO DE PONTUAÇÃO	**DESVANTAGENS**	22) Aumento da dificuldade/ Qualidade de execução e dificuldade cada vez mais elevadas/ Provoca desmotivação/ A nota B/Execução está muito exigente e os descontos muito rigorosos a nível das penalizações/ Não há possibilidade de correr riscos, arriscar num bom exercício com muita dificuldade quando os descontos aplicados estão ao nível tão elevado a que se encontram. Originando uma nota inferior a uma ginasta que realizou menos dificuldade mas tudo na perfeição/ O facto da execução estar muito exagerada pode originar, provocar, por vezes desmotivação, quer a nível dos atletas quer a nível dos treinadores/ O nível de exigência a que o código se encontra pode levar a um abandono, a uma desistência da prática da modalidade por parte das ginastas pela falta de capacidade ou simplesmente não comparecerem às provas por não conseguirem cumprir, atingir os mínimos (para desta forma se sentirem bem e não sofrerem desmotivação nem uma humilhação)	14	66,66%
		23) Novas mudanças fizeram com que os exercícios ficassem todos iguais provocando uma monotonia na visualização dos esquemas/ Inexistência de uma referencia para o público e para a comunicação social/ Pode originar uma possível falta de comunicação entre o público e a atleta/ Excesso de acrobacia/ Os exercícios nos aparelhos tornaram-se mais "feios", menos virtuosos, e muito mais monótonos, perdeu-se a beleza/ No solo é só acrobacia, quase que não há parte artística. Retirou a beleza que tanto caracterizava, motivava e comunicava com este aparelho (por exemplo) / Acabou totalmente com a parte artística (beleza) da trave e do solo, que antigamente nos emocionava e comovia/ O público não percebe (a falta de percepção/ entendimento do público do novo CP)/ Alguns elementos e indivíduos ligados à própria modalidade, que são da ginástica têm alguma dificuldade em perceber/ Até quem anda nisto há muito tempo é complicado entender à primeira	11	52,38%
		24) Falta de percepção/entendimento e associação do público devido à inexistência da nota máxima dos 10 pontos (que era considerada como uma referencia, algo cultural)/ Terem acabado, abolido, terminado com o mítico da ginástica artística, a nota 10, o máximo, o limite, que se associava à perfeição/ A falta de percepção/entendimento do que é uma boa nota, (devido à inexistência da nota 10), uma nota de excelência ou um exercício simplesmente razoável	5	23,81%
		25) Para países que ainda estão em desenvolvimento da modalidade e não têm grandes perspectivas para a desenvolver, este novo CP não veio ajudar em nada/ Para os países mais fracos, de desenvolvimento inferior a nível da ginástica artística, sem condições "optimais", ou pelo menos mínimas para uma prática digna desta modalidade, é mais difícil para as ginastas atingirem notas elevadas	5	23,81%
		26) A quase ausência de realização de elementos gímnicos devido à sua desvalorização/ Ausência de ligações gímnicas/ Realização de gímnicos somente para preencher as exigências específicas	3	14,29%
		27) Inexistência de um factor de diferenciação evidente e específico nos mais jovens (uma maior diferenciação nas exigências específicas) / Inexistência de um bom código adaptado para as mais jovens	3	14,29%
		28) A necessidade de realizar os 10 elementos mais valiosos/ O facto de se contabilizar os 10 elementos de maior dificuldade (os nove mais a saída) para a obtenção da nota A, às ginastas de países menos desenvolvidos conta sempre os de menor valor	2	9,52%
		29) Esquemas muito acrobáticos o que os torna demasiadamente masculinos, basicamente devido ao facto de os gímnicos terem descido de valor e a valorização dos elementos acrobáticos	2	9,52%

ALTERAÇÃO DO CÓDIGO DE PONTUAÇÃO	**DESVANTAGENS**	30) A inexistência, praticamente, de coreografia	2	9,52%
		31) Não favorece Portugal	2	9,52%
		32) Falta de pontuação taxativa na composição	1	4,76%
		33) Exercícios muito extensos	1	4,76%
		34) Necessidade de treinar nova qualidade física no treino da ginástica, a Resistência	1	4,76%
		35) Diferenciação e distanciamento cada vez maiores entre as ginastas	1	4,76%
		36) Os juízes não estão habituados a estas penalizações, o que provoca desvantagens devido à mudança radical	1	4,76%
		37) Alterou a forma de ver a Ginástica Artística Feminina	1	4,76%
		38) Este código privilegia, abre caminho para o aparecimento cada vez maior de ginastas especialistas	1	4,76%
		39) Não ter ginastas a fazer todos os aparelhos, logo, não haver ginastas completas	1	4,76%
		40) Com o passar do tempo e o entendimento cada vez maior do CP, das competições, das notas, significa que começam a aparecer mais protestos	1	4,76%
		41) Já não há tolerância nas rotações, o que provoca uma avaliação mais subjectiva quando o objectivo deste CP era exactamente o oposto – a objectividade, ser o mais objectivo possível	1	4,76%
		42) Ainda não se conseguiu elaborar ou "encontrar" um código que seja o mais justo e o mais correcto	1	4,76%
		43) Extremas adaptações, alterações e modificações do e ao CP	1	4,76%
		44) Inexperiência de aplicação do código devido ao escasso número de provas existentes e de encontros de esclarecimentos	1	4,76%
		45) A GA é difícil, exigente, mas neste momento está cada vez mais difícil	1	4,76%

Pela análise do Quadro iniciaremos a nossa interpretação pelas vantagens que na opinião e no ver do grupo de estudo se verificaram ou se encontram mais presentes com a alteração do CP, sendo estas enumeradas por ordem decrescente (das vinte e uma agrupadas): na primeira unidade de registo, perfazendo quase a metade dos entrevistados, e estando interligadas umas com as outras, encontramos a ausência de limite para a dificuldade (nota A), conteúdo de elementos que as ginastas apresentam no seu exercício, o facto de não haver um limite de nota a atingir, pontuação ilimitada, assim como a existência de elementos de valor de dificuldade cada vez maiores, de valor F e de valor G, e a possibilidade de os poder realizar para tentar atingir um valor de dificuldade e uma Nota A cada vez mais elevada (9=42,86%); na segunda, temos como uma das vantagens referidas, a diferenciação e distinção das boas ginastas das muito boas no factor execução, pois a não possibilidade de não se poder ultrapassar o topo dos 10 pontos, fazia com que os ginastas de grande nível tivessem notas iguais a outras ginastas de nível inferior devido ao limite imposto, o que neste momento não acontece, logo o poder distinguir as ginastas muito boas das boas e colocar cada uma no seu patamar, obtendo desta forma uma melhor graduação (8=38,10%); de seguida é referida a tão esperada e constantemente referenciada ausência da nota limite dos 10 pontos, o facto de não haver um limite de nota a

atingir, desta forma uma pontuação ilimitada (7=33,33%); na quarta unidade de registo é-nos confrontada a vantagem da valorização da qualidade do factor execução, o facto da execução/perfeição ser bastante mais valorizada (5=23,81%); seguindo-se o factor evolução, levando a uma motivação acrescida para atingir cada vez mais uma nota mais elevada e lutar sempre por evoluir e progredir cada vez mais para não estabilizar, não desmotivar nem entrar em monotonia (4=19,05%); na sexta é referida a necessidade e a vantagem de melhorar o planeamento a longo prazo das carreiras das ginastas, os treinos irem-se tornar de muita mais qualidade e com muita mais qualidade e que este CP obriga a treinar muitos elementos diferentes e arranjar uma maior variedade nos seus exercícios e de maior dificuldade (3=14,29%); na próxima unidade temos o não haver limite de bonificações (3=14,29%); a oitava prende-se com o factor diferenciação ao alto nível (2=9,52%); logo favorece quem tem mais dificuldade (2=9,52%); na décima unidade de registo no que concerne às vantagens, alguns dos entrevistados afirmam que torna a modalidade mais espectacular, o público vê mais elementos (2=9,52%); na seguinte unidade à a referência da possibilidade de introduzir a noção de "*recorde*", de "*score*" (2=9,52%); outra das vantagens é não haver necessidade de mudança de CP de quatro em quatro anos (de ciclo olímpico em ciclo olímpico) (1=4,76%); outra poderá ser a comparação de resultados desportivos ao longo de uma carreira gímnica (1=4,76%); na décima quarta unidade de registo à a menção do aumento da dificuldade (1=4,76%); seguida da diminuição da dificuldade dos valores dos gímnicos (1=4,76%); outra das vantagens referidas é que vence quem faz muito e perfeito (1=4,76%); logo, é mais uma das vantagens, mas desta forma para os países mais desenvolvidos na modalidade (1=4,76%); na décima oitava unidade de registo temos uma observação sobre o não ser tão necessário ter de realizar adaptações aos escalões mais novos (1=4,76%); tendo sido abordado o facto de o código poder estar muito mais justo para as ginastas (1=4,76%); na vigésima unidade de registo refere-se que em relação às Paralelas Assimétricas o CP tornou os exercícios muito variados, mais difíceis e mais emocionantes (1=4,76%); e por fim, a última unidade de registo (vigésima primeira) para as vantagens verificadas com as mudanças/alterações ao CP foi o facto de contar somente os 10 elementos de maior valor (nove elementos mais a saída) (1=4,76%).

Tendo sido enumeradas as vantagens referidas pelo grupo de estudo passaremos já de seguida às desvantagens, seguindo o mesmo método de apresentação.

Já em relação às desvantagens, foram quantificadas vinte e quatro unidades de registo.

Continuando desta forma com a apresentação dos resultados do grupo de estudo do trabalho: a vigésima segunda unidade de registo que inicia as desvantagens apontadas pelo grupo de estudo em relação ao novo CP, o de 2006, faz referência ao aumento da dificuldade, à qualidade de execução e dificuldade cada vez mais elevadas, o que provoca desmotivação. A nota B, execução está muito exigente e os descontos muito rigorosos a nível das penalizações, logo, não há possibilidade de correr riscos, arriscar num bom exercício com muita dificuldade quando os descontos aplicados estão ao nível tão elevado a que se encontram. Originando uma nota inferior a uma ginasta que realizou menos dificuldade mas tudo na perfeição. O facto da execução estar muito exagerada pode originar, provocar, por vezes desmotivação, quer a nível dos atletas quer a nível dos treinadores. O nível de exigência a que o código se encontra pode levar a um abandono, a uma desistência da prática da modalidade por parte das ginastas pela falta de capacidade ou simplesmente não comparecerem às provas por não conseguirem cumprir, atingir os mínimos (para desta forma se sentirem bem e não sofrerem desmotivação nem uma humilhação) (14=66,66%), tendo estes últimos factores sido referidos por mais de metade do grupo de estudo, o que pode ser considerado como bastante substancial e significativo, estando todos os factores interligados, desencadeando uns e levando a outros, mas que nesta unidade envolve mais a exigência a nível da nota B, os descontos exagerados, apesar de haver uma pequena "lembrança", referência, dentro do contexto, em relação à nota A, conteúdo/dificuldade; na unidade seguinte é dito que as novas mudanças fizeram com que os exercícios ficassem todos iguais provocando uma monotonia na visualização dos esquemas, além da inexistência de uma referência para o público e para a comunicação social, o que pode originar uma possível falta de comunicação entre o público e a atleta, devido ao excesso de acrobacia, além de que, para alguns dos entrevistados, os exercícios nos aparelhos tornaram-se mais "feios", menos virtuosos, e muito mais monótonos, perdeu-se a beleza. No solo é só acrobacia, quase que não há parte artística. Retirou a beleza que tanto caracterizava, motivava e comunicava com este aparelho (o solo, por exemplo). Acabou totalmente com a parte artística (beleza) da trave e do solo, que antigamente emocionava e comovia. O público não percebe (a falta de percepção/entendimento do público do novo CP), até alguns elementos e indivíduos ligados à própria modalidade, que são da ginástica têm alguma dificuldade em perceber e até quem anda nisto há muito tempo é complicado entender à primeira (11=52,38%); na vigésima quarta unidade de registo, e na continuidade da anterior, temos a falta de percepção/entendimento e associação do público devido à inexistência da nota máxima dos 10 pontos (que era considerada como uma referencia, algo cultural). Terem acabado, abolido,

terminado com o mítico da ginástica artística, a nota 10, o máximo, o limite, que se associava à perfeição, pode ou origina a falta de percepção/entendimento do que é uma boa nota, (devido à inexistência da nota 10), uma nota de excelência ou um exercício simplesmente razoável (5=23,81%); na vigésima quinta unidade de registo temos os países que ainda estão em desenvolvimento da modalidade e não têm grandes perspectivas para a desenvolver, este novo CP não veio ajudar em nada, pois para os países mais fracos, de desenvolvimento inferior a nível da ginástica artística, sem condições "optimais", ou pelo menos mínimas para uma prática digna desta modalidade, é mais difícil para as ginastas atingirem notas elevadas (5=23,81%); na unidade seguinte temos a confirmação da quase ausência de realização de elementos gímnicos devido à sua desvalorização, logo ausência de ligações gímnicas pois a sua realização, a execução de gímnicos é feita somente para preencher as exigências específicas (3=14,29%); na vigésima sétima os entrevistados apontam para a inexistência de um factor de diferenciação evidente e específico nos mais jovens (uma maior diferenciação nas exigências específicas), inexistência de um bom código adaptado para as mais jovens (3=14,29%); e na seguinte unidade há a observação da necessidade de realizar os 10 elementos mais valiosos, o facto de se contabilizar os 10 elementos de maior dificuldade (os nove mais a saída) para a obtenção da nota A, o que vai provocar que às ginastas de países menos desenvolvidos conta sempre os de menor valor (2=9,52%); de seguida temos o facto de os esquemas estarem muito acrobáticos o que os torna demasiadamente masculinos, basicamente devido ao facto de os gímnicos terem descido de valor e a valorização dos elementos acrobáticos (2=9,52%); na trigésima unidade confronta e comprova o que por muitos já foi dito e referido, devido às novas alterações e às novas regras em vigor, provoca a inexistência, praticamente, de coreografia (2=9,52%); outra das desvantagens referidas é que este CP não favorece Portugal (2=9,52%); e outra das desvantagens supracitadas na unidade seguinte é a falta de pontuação taxativa na composição (1=4,76%); Exercícios muito extensos, são outras das desvantagens expostas na trigésima terceira unidade de registo (1=4,76%); o que leva a uma necessidade de treinar nova qualidade física no treino da ginástica, a Resistência (1=4,76%); depois temos a diferenciação e distanciamento cada vez maiores entre as ginastas (1=4,76%); além de que os juízes não estão habituados a estas penalizações, o que provoca desvantagens devido à mudança radical (1=4,76%); outra das desvantagens, encontradas na trigésima sétima unidade de registo, foi a alteração da forma de ver a Ginástica Artística Feminina referenciada por um dos entrevistados (1=4,76%); na seguinte unidade há a referência de que este código privilegia, abre caminho para o aparecimento cada vez maior de ginastas especialistas (1=4,76%); outra das desvantagens, o

não ter ginastas a fazer todos os aparelhos, logo, não haver ginastas completas (1=4,76%); na quadragésima unidade de registo percebe-se que com o passar do tempo e o entendimento cada vez maior do CP, das competições, das notas, significa que começam a aparecer mais protestos (1=4,76%); unidade anterior esta devido a vários factores como é anunciada nesta unidade o de já não haver tolerância nas rotações, o que provoca uma avaliação mais subjectiva quando o objectivo deste CP era exactamente o oposto – a objectividade, ser o mais objectivo possível (1=4,76%); logo, ainda não se conseguiu elaborar ou "encontrar" um código que seja o mais justo e o mais correcto (1=4,76%); na quadragésima terceira unidade de registo foi detectada as extremas adaptações, alterações e modificações do e ao CP (1=4,76%); na penúltima unidade referente às desvantagens temos a inexperiência de aplicação do código devido ao escasso número de provas existentes e de encontros de esclarecimentos (1=4,76%); e finalmente, na última unidade de registo, a quadragésima quinta, esta é relativa ao facto de a GA ser difícil, exigente, mas neste momento estar cada vez mais difícil (1=4,76%).

5.3.3 Questão 2.1.7/ 2.2.7 do Guião da Entrevista, efectuada aos Treinadores/ Juízes (respectivamente): Considera que as alterações verificadas no CP vieram trazer mais exactidão no ajuizamento das ginastas e maior credibilidade à modalidade?

Quadro 91: Análise da questão: "Considera que as alterações verificadas no CP vieram trazer mais exactidão no ajuizamento das ginastas e maior credibilidade à modalidade?"

CATEGORIA	UNIDADE DE REGISTO TREINADORES	ENUMERAÇÃO/ QUANTIFICAÇÃO		UNIDADE DE REGISTO JUÍZES		ENUMERAÇÃO/ QUANTIFICAÇÃO	
		N	%			N	%
AJUIZAMENTO	1) Sim	4	50,00%	1) Sim	a) Total	6	46,15%
					b) Exactidão no ajuizamento	4	30,77%
					c) Credibilidade à modalidade	4	30,77%
	2) Não	2	25,00%	2) Não	d) Total	3	23,08%
					e) Exactidão no ajuizamento	3	23,08%
					f) Credibilidade à modalidade	5	38,46%
	3) Indecisos (Sim e/ou Não)	2	25,00%	3) Indecisos (Sim e /ou Não)	g) Alguma dificuldade em responder e em se definirem	5	38,46%

No que concerne o Quadro 91 sobre o ajuizamento, mais precisamente quer a sua exactidão como a sua credibilidade, sendo dois pontos diferentes inseridos no mesmo, alguns dos entrevistados ficaram um pouco reticentes, outros confusos, indecisos, e no que se refere particularmente aos juízes, estes fizeram uma divisão, e responderam consoante a sua

consciência e crença. Pela parte dos treinadores metade deles acha que sim, enquanto a outra metade se divide pelo não e pela indecisão (não têm ainda a certeza do que é que o produto final poderá provocar ou neste momento querer dizer). Já os juízes, alguns responderam que sim na exactidão, e que não na credibilidade, ou vice-versa, tendo-se registado o mesmo panorama para os que responderam não. Daí perfazer um total superior ao número dos juízes entrevistados, pois alguns dos indecisos também tiveram que ser incluídos nos anteriores. Digamos que os juízes ainda se encontram muito reticentes, tal como alguns dos treinadores e confusos. Não tendo conseguido de uma forma muito clara e segura responder a esta questão.
Daí que para a unidade de registo do sim, dividimo-la em três, o total (6=46,15%), obviamente que a segunda foi a exactidão no ajuizamento (4 respostas=30,77%) e por fim, a credibilidade à modalidade (4=30,77%); para a unidade do não foi exactamente realizada da mesma forma que a do sim (evidentemente), logo, para o não, total (3 respostas=23,08%), segunda unidade de registo para a exactidão no ajuizamento (3=23,08%) e na terceira a credibilidade à modalidade (5=38,46%); finalmente, os "indecisos" (os do sim e não, ou sim ou não), a unidade e última que tiveram alguma dificuldade em responder e em se definirem (5=38,46%).

Quadro 92: Análise da questão: "Considera que as alterações verificadas no CP vieram trazer mais exactidão no ajuizamento das ginastas e maior credibilidade à modalidade? (Treinadores e Juízes)"

CATEGORIA	UNIDADE DE REGISTO DO GRUPO DE ESTUDO	ENUMERAÇÃO/ QUANTIFICAÇÃO	
		N	%
AJUIZAMENTO	1) Sim	10	47,62%
	2) Não	5	23,81%
	3) Indecisos (Sim e/ou Não)	6	28,57%

O Quadro 92 relativamente à questão "Considera que as alterações verificadas no CP vieram trazer mais exactidão no ajuizamento das ginastas e maior credibilidade à modalidade?", dividiu a possibilidade de respostas pelos nossos entrevistados em três tipos de unidades, a do sim (10 respostas=47,62%), a segunda unidade, a do não (5=23,81%), e por fim a terceira e última unidade nesta análise, a dos indecisos, dos entrevistados que visto as alterações verificadas serem muito recentes, como já foi referido e explicado anteriormente, ainda não conseguirem ter uma opinião concreta, clara ou até mesmo com alguma objectividade como se veio a verificar nalgumas respostas anteriores, tendo desta forma sido colocados para a unidade dos

"hesitantes", com cinco respostas correspondentes a 38,46% dos entrevistados, que na análise total da grupo de estudo foi reduzido para quatro respostas, visto ter respondido também sim ou não, perfazendo assim os cem por cento da grupo de estudo. Porque, Como repararam no Quadro anterior a este deu uma totalidade superior ao número do grupo de estudo, isto porque devido à indecisão por parte de alguns dos elementos do grupo de estudo correspondentes aos juízes, esses é que suscitaram mais "confusão" e indecisão. Mas também pelo facto das suas respostas serem bastantes válidas, essa parte da "exactidão" a nível numérica e percentual foi "ignorada e excluída" (abdicada na sua total exactidão) no Quadro anterior a este, referente à parte dos juízes, devido à pertinência das respostas dadas e as próprias unidades onde estas se definiam e se encaixavam melhor.

5.3.3.1 Questão 2.1.7/ 2.2.7 do Guião da Entrevista, efectuada aos Treinadores/ Juízes (respectivamente): Considera que as alterações verificadas no CP vieram trazer mais exactidão no ajuizamento das ginastas e maior credibilidade à modalidade? (Justifique/Argumente a resposta dada)

Quadro 93: Análise da Questão (continuação): "Considera que as alterações verificadas no CP vieram trazer mais exactidão no ajuizamento das ginastas e maior credibilidade à modalidade? (Justifique/Argumente a resposta dada)"

CATEGORIA	UNIDADE DE REGISTO TREINADORES		ENUMERAÇÃO/ QUANTIFICAÇÃO		UNIDADE DE REGISTO JUÍZES	ENUMERAÇÃO/ QUANTIFICAÇÃO	
			N	%		N	%
AJUIZAMENTO	**Sim**	1) Permite distinguir as ginastas muito boas das boas	2	25,00%	1) Este código é muito mais justo para a generalidade das ginastas apesar de às vezes poder provocar em certos aspectos alguma injustiça	2	15,38%
		2) A inexistência de tecto faz a diferença	2	25,00%	2) Necessário aprender a construir os exercícios das ginastas e não arriscar elementos que não estejam totalmente consolidados	2	15,38%
		3) Há alterações que permitem isso, uma maior exactidão e credibilidade	1	12,50%	3) A GAF é uma modalidade muito exigente, principalmente ao nível do ajuizamento	2	15,38%
		4) Tudo está dependente de um número variado de factores e componentes que não são controláveis	1	12,50%	4) As deduções/execução na GAF estão muito exigentes	5	38,46%
		5) Há alguns argumentos e elementos que parecem caminhar nesse sentido	1	12,50%	5) As deduções/execução	1	7,69%
		6) Há uma instabilidade e uma inconstância que é perniciosa	1	12,50%			

AJUIZAMENTO	**Sim**	para a ginástica no que diz respeito ao CP da GAF			continuam a ser sempre muito subjectivas		
		7) Instabilidade constante com as constantes modificações que o CP sofre	1	12,50%	6) Por vezes as deduções resultantes da execução desempenhada pela ginasta	1	7,69%
		8) Tentar atenuar comportamentos eticamente reprováveis	1	12,50%	pode levar a uma desmotivação por parte desta pelo número elevado de elementos de		
		9) Permite que haja uma maior justiça	1	12,50%	dificuldade que esta executa e por vezes pode não ser		
		10) Este CP está, é mais exacto, directo e claro	1	12,50%	recompensada por isso		
					7) Em relação ao último CP é	1	7,69%
					8) Uma boa ginasta não é só perfeita como também tem que ter um bom nível de dificuldade nos seus exercícios	3	23,08%
					9) Vai distinguir muito bem as ginastas	2	15,38%
					10) O CP está mais objectivo e não tão subjectivo	1	7,69%
					11) Este código favorece a exactidão do ajuizamento das atletas	1	7,69%
					12) É mais difícil a adaptação ao novo CP pelas juízes mas de facto está mais exacto	1	7,69%
					13) A partir do momento em que não haja mais mudanças e alterações ao nível do CP 2006, vai haver mais exactidão no ajuizamento	1	7,69%
					14) Ao nível da composição existe mais objectividade, logo torna-a mais credível	1	7,69%
					15) O que foi referido na unidade anterior verifica-se o mesmo para as deduções, que tornam a modalidade mais credível devido à objectividade implementada	1	7,69%
					16) O aumento crescente da exigência do nível da dificuldade não sei se dá credibilidade ou não à modalidade	1	7,69%
	Não	11) Não considero que traga mais exactidão e credibilidade apesar de o considerar mais exacto em certos aspectos	1	12,50%	17) O erro e a falha humana vão continuar a existir	2	15,38%
		12) A parte artística (coreografia) está, é muito relativa e subjectiva	1	12,50%	18) O factor tendencioso (falta de imparcialidade e de isenção)	1	7,69%

AJUIZAMENTO	**Não**	13) A eliminação de uma nota base (do tecto) a atingir	1	12,50%			
		14) Este CP não gere mais credibilidade	1	12,50%			
		15) O CP está dependente do número de elementos que se realize e do seu valor	1	12,50%			
		16) Elevado valor de dificuldade	1	12,50%			
		17) Deduções e penalizações extremamente elevadas	1	12,50%			
	Indecisos	18) O facto da componente execução (júri B) estar muito mais, extremamente exigente	2	25,00%	19) A composição tornou a ir para a nota A	1	7,69%
					20) As listas de deduções nunca mais acabam	1	7,69%
		19) A aplicação real, da mesma forma, na prática do CP por parte das juízes	2	25,00%			
		20) Melhorou, mas ao mesmo tempo há aspectos muito idênticos que não são tão perceptíveis	1	12,50%			
		21) As alterações ocorridas no CP relativas às exigências específicas e ao valor dos exercícios	1	12,50%			
		22) A composição já não está tão subjectiva como antigamente se verificava, tornou-se mais exacta	1	12,50%			
		23) A evidente má construção do CP (um enorme exemplo disso reside ao nível das PA)	1	12,50%			
		24) A questão dos CP reside na formação pessoal das pessoas e não na construção dos próprios CP em si mas na sua correcta aplicação	1	12,50%			

Quadro 94: Análise da Questão: "Considera que as alterações verificadas no CP vieram trazer mais exactidão no ajuizamento das ginastas e maior credibilidade à modalidade? (Justifique/Argumente a resposta dada)"

CATEGORIA	UNIDADES DE REGISTO DA GRUPO DE ESTUDO		ENUMERAÇÃO/ QUANTIFICAÇÃO	
			N	%
AJUIZAMENTO	**Sim**	1) Há alterações que permitem isso, uma maior exactidão e credibilidade/ Há alguns argumentos e elementos que parecem caminhar nesse sentido/ Este CP está, é mais exacto, directo e claro/ Em relação ao último CP é/ O CP está mais objectivo e não tão subjectivo/ Este código favorece a exactidão do ajuizamento das atletas/ É mais difícil a adaptação ao novo CP pelas juízes mas de facto está mais exacto/ Ao nível da composição existe mais objectividade, logo torna-a mais credível/ O que foi referido na unidade anterior verifica-se o mesmo para as deduções, que tornam a modalidade mais credível devido à objectividade implementada	9	42,86%
		2) As deduções/execução na GAF estão muito exigentes/ As deduções/execução continuam a ser sempre muito subjectivas/ Por vezes as deduções resultantes da execução desempenhada pela ginasta pode levar a uma desmotivação por parte desta pelo número elevado de elementos de dificuldade que esta executa e por vezes pode não ser recompensada por isso	7	33,33%
		3) Permite distinguir as ginastas muito boas das boas/ Vai distinguir muito bem as ginastas	4	19,05%
		4) Permite que haja uma maior justiça/ Este código é muito mais justo para a generalidade das ginastas apesar de às vezes poder provocar em certos aspectos alguma injustiça	3	14,29%
		5) Uma boa ginasta não é só perfeita como também tem que ter um bom nível de dificuldade nos seus exercícios	3	14,29%
		6) Necessário aprender a construir os exercícios das ginastas e não arriscar elementos que não estejam totalmente consolidados	2	9,52%
		7) A GAF é uma modalidade muito exigente, principalmente ao nível do ajuizamento	2	9,52%
		8) Instabilidade constante com as constantes modificações que o CP sofre/ A partir do momento em que não haja mais mudanças e alterações ao nível do CP 2006, vai haver mais exactidão no ajuizamento	2	9,52%
		9) A inexistência de tecto faz a diferença	2	9,52%
		10) Tudo está dependente de um número variado de factores e componentes que não são controláveis	1	4,76%
		11) Há uma instabilidade e uma inconstância que é perniciosa para a ginástica no que diz respeito ao CP da GAF	1	4,76%
		12) Tentar atenuar comportamentos eticamente reprováveis	1	4,76%
		13) O aumento crescente da exigência do nível da dificuldade não sei se dá credibilidade ou não à modalidade	1	4,76%
	Não	14) O erro e a falha humana vão continuar a existir	2	9,52%
		15) Não considero que traga mais exactidão e credibilidade apesar de o considerar mais exacto em certos aspectos	1	4,76%

AJUIZAMENTO	**Não**	16) A parte artística (coreografia) está, é muito relativa e subjectiva	1	4,76%
		17) A eliminação de uma nota base (do tecto) a atingir	1	4,76%
		18) Este CP não gere mais credibilidade	1	4,76%
		19) O CP está dependente do número de elementos que se realize e do seu valor	1	4,76%
		20) Elevado valor de dificuldade	1	4,76%
		21) Deduções e penalizações extremamente elevadas	1	4,76%
		22) O factor tendencioso (falta de imparcialidade e de isenção)	1	4,76%
	Indecisos	23) O facto da componente execução (júri B) estar muito mais, extremamente exigente/ As listas de deduções nunca mais acabam	3	14,29%
		24) A aplicação real, da mesma forma, na prática do CP por parte das juízes	2	9,52%
		25) Melhorou, mas ao mesmo tempo há aspectos muito idênticos que não são tão perceptíveis	1	4,76%
		26) As alterações ocorridas no CP relativas às exigências específicas e ao valor dos exercícios	1	4,76%
		27) A composição já não está tão subjectiva como antigamente se verificava, tornou-se mais exacta	1	4,76%
		28) A evidente má construção do CP (um enorme exemplo disso reside ao nível das PA)	1	4,76%
		29) A questão dos CP reside na formação pessoal das pessoas e não na construção dos próprios CP em si mas na sua correcta aplicação	1	4,76%
		30) A composição tornou a ir para a nota A	1	4,76%

Relativamente ao Quadro 94, iniciaremos a sua análise pelo sim, depois pelo não, terminando com os indecisos. No que se refere à apresentação dos resultados a nível global no que se menciona à questão "Considera que as alterações verificadas no CP vieram trazer mais exactidão no ajuizamento das ginastas e maior credibilidade à modalidade? (Justifique/Argumente a resposta dada)", foram trinta as unidades de registo do grupo de estudo que serão de seguida enumeradas. No que diz respeito ao sim temos como primeira unidade de registo: há alterações que permitem isso, uma maior exactidão e credibilidade/ Há alguns argumentos e elementos que parecem caminhar nesse sentido/ Este CP está, é mais exacto, directo e claro/ Em relação ao último CP é/ O CP está mais objectivo e não tão subjectivo/ Este código favorece a exactidão do ajuizamento das atletas/ É mais difícil a adaptação ao novo CP pelas juízes mas de facto está mais exacto/ Ao nível da composição existe mais objectividade, logo torna-a mais credível/ O que foi referido na unidade anterior verifica-se o mesmo para as deduções, que tornam a modalidade mais credível devido à objectividade implementada (9=42,86%); as deduções/execução na GAF estão muito exigentes/ As deduções/execução continuam a ser sempre muito subjectivas/ Por vezes as deduções resultantes da execução desempenhada pela ginasta pode levar a uma desmotivação por parte desta pelo número elevado de elementos de dificuldade que esta executa e por vezes pode não ser recompensada

por isso (7=33,33%); permite distinguir as ginastas muito boas das boas/ Vai distinguir muito bem as ginastas (4=19,05%); a quarta unidade de registo permite que haja uma maior justiça/ Este código é muito mais justo para a generalidade das ginastas apesar de às vezes poder provocar em certos aspectos alguma injustiça (3=14,29%); 5) Uma boa ginasta não é só perfeita como também tem que ter um bom nível de dificuldade nos seus exercícios (3=14,29%); necessário aprender a construir os exercícios das ginastas e não arriscar elementos que não estejam totalmente consolidados (2=9,52%); a GAF é uma modalidade muito exigente, principalmente ao nível do ajuizamento (2=9,52%); instabilidade constante com as constantes modificações que o CP sofre/ A partir do momento em que não haja mais mudanças e alterações ao nível do CP 2006, vai haver mais exactidão no ajuizamento (2=9,52%); a inexistência de tecto faz a diferença (2=9,52%); tudo está dependente de um número variado de factores e componentes que não são controláveis (1=4,76%); há uma instabilidade e uma inconstância que é perniciosa para a ginástica no que diz respeito ao CP da GAF (1=4,76%); tentar atenuar comportamentos eticamente reprováveis (1=4,76%); e por último a décima terceira unidade de registo referente ao sim, o aumento crescente da exigência do nível da dificuldade não sei se dá credibilidade ou não à modalidade (1=4,76%).

Na unidade de registo referente ao não, iniciaremos na décima quarta, continuando a enumerar as unidades de registo total encontradas: o erro e a falha humana vão continuar a existir (2=9,52%); não considero que traga mais exactidão e credibilidade apesar de o considerar mais exacto em certos aspectos (1=4,76%); a parte artística (coreografia) está, é muito relativa e subjectiva (1=4,76%); a eliminação de uma nota base (do tecto) a atingir (1=4,76%); este CP não gere mais credibilidade (1=4,76%); o CP está dependente do número de elementos que se realize e do seu valor (1=4,76%); elevado valor de dificuldade (1=4,76%); deduções e penalizações extremamente elevadas (1=4,76%); o factor tendencioso (falta de imparcialidade e de isenção) (1=4,76%).

De seguida passaremos aos Indecisos: o facto da componente execução (júri B) estar muito mais, extremamente exigente/ As listas de deduções nunca mais acabam (3=14,29%); a aplicação real, da mesma forma, na prática do CP por parte das juízes (2=9,52%); melhorou, mas ao mesmo tempo há aspectos muito idênticos que não são tão perceptíveis (1=4,76%); as alterações ocorridas no CP relativas às exigências específicas e ao valor dos exercícios (1=4,76%); a composição já não está tão subjectiva como antigamente se verificava, tornou-se mais exacta (1=4,76%); a evidente má construção do CP (um enorme exemplo disso reside ao nível das PA) (1=4,76%); a questão dos CP reside na formação pessoal das pessoas e não na

construção dos próprios CP em si mas na sua correcta aplicação (1=4,76%); e finalmente a última unidade de pergunta, a trigésima, onde refere que a composição tornou a ir para a nota A (1=4,76%).

5.3.4 Questão 2.1.8/ 2.2.8 do Guião da Entrevista, efectuada aos Treinadores/ Juízes (respectivamente): Um vez que actualmente se pode ultrapassar a fasquia máxima dos 10 pontos, concorda com a alteração do CP que veio permitir o estabelecimento de recordes na GA? Não veio este facto deturpar o significado e o objectivo principal da GA (atingir a nota máxima), algo raro e inatingível, a perfeição, que tanto caracterizava a modalidade?

Quadro 95: Análise da questão: "Um vez que actualmente se pode ultrapassar a fasquia máxima dos 10 pontos, concorda com a alteração do CP que veio permitir o estabelecimento de recordes na GA? Não veio este facto deturpar o significado e o objectivo principal da GA (atingir a nota máxima), algo raro e inatingível, a perfeição, que tanto caracterizava a modalidade?"

CATEGORIA	UNIDADES DE REGISTO TREINADORES	ENUMERAÇÃO/ QUANTIFICAÇÃO		UNIDADES DE REGISTO JUÍZES	ENUMERAÇÃO/ QUANTIFICAÇÃO	
		N	%		N	%
REPERCUSSÕES DO NOVO CÓDIGO DE PONTUAÇÃO	1) Sim concordo com a alteração	5	62,50%	1) Sim concordo com a alteração	10	76,92%
	2) Não concordo com a alteração	2	25,00%	2) Não concordo com a alteração	2	15,38%
	3) Indecisos	1	12,50%	3) Indecisos	1	7,69%

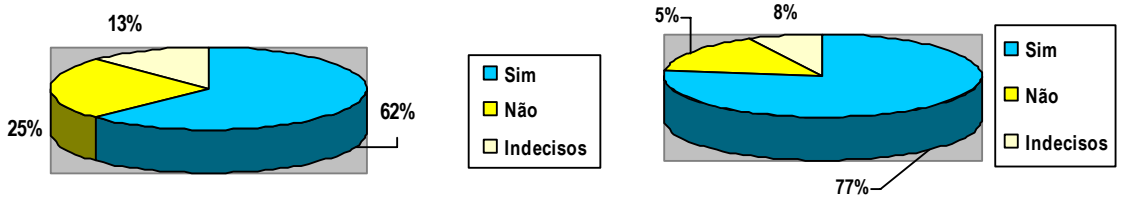


Figura 37: % de indivíduos que concordam com a mudança e alteração do CP actual que se pode ultrapassar a fasquia máxima dos 10 pontos, e que veio permitir o estabelecimento de recordes na GA? Não vindo desta maneira deturpar o significado e o objectivo principal da GA (atingir a nota máxima), algo raro e inatingível, a perfeição, que tanto caracterizava a modalidade.

Quadro 96: Análise da Questão: "Um vez que actualmente se pode ultrapassar a fasquia máxima dos 10 pontos, concorda com a alteração do CP que veio permitir o estabelecimento de recordes na GA? Não veio este facto deturpar o significado e o objectivo principal da GA (atingir a nota máxima), algo raro e inatingível, a perfeição, que tanto caracterizava a modalidade?"

CATEGORIA	UNIDADE DE REGISTO DO GRUPO DE ESTUDO	ENUMERAÇÃO/ QUANTIFICAÇÃO	
		N	%
REPERCUSSÕES DO NOVO CÓDIGO DE PONTUAÇÃO	1) Sim concordo com a alteração	15	71,43%
	2) Não concordo com a alteração	4	19,05%
	3) Indecisos	2	9,52%

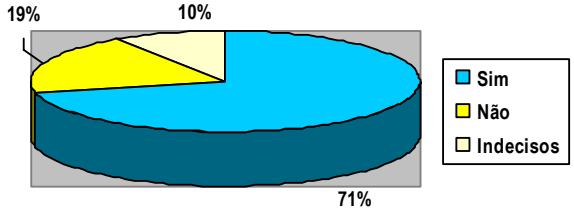


Figura 38: % de indivíduos que concordam com a mudança e alteração do CP actual que se pode ultrapassar a fasquia máxima dos 10 pontos, e que veio permitir o estabelecimento de recordes na GA? Não vindo desta maneira deturpar o significado e o objectivo principal da GA (atingir a nota máxima), algo raro e inatingível, a perfeição, que tanto caracterizava a modalidade.

5.3.4.1 Questão 2.1.8/ 2.2.8 do Guião da Entrevista, efectuada aos Treinadores/ Juízes (respectivamente): Um vez que actualmente se pode ultrapassar a fasquia máxima dos 10 pontos, concorda com a alteração do CP que veio permitir o estabelecimento de recordes na GA? Não veio este facto deturpar o significado e o objectivo principal da GA (atingir a nota máxima), algo raro e inatingível, a perfeição, que tanto caracterizava a modalidade? (Justifique/Argumente a resposta dada)

Quadro 97: Análise da Questão (continuação): "Um vez que actualmente se pode ultrapassar a fasquia máxima dos 10 pontos, concorda com a alteração do CP que veio permitir o estabelecimento de recordes na GA? Não veio este facto deturpar o significado e o objectivo principal da GA (atingir a nota máxima), algo raro e inatingível, a perfeição, que tanto caracterizava a modalidade? (Justifique/Argumente a resposta dada)"

CATEGORIA	UNIDADE DE REGISTO TREINADORES		ENUMERAÇÃO/ QUANTIFICAÇÃO		UNIDADE DE REGISTO JUÍZES	ENUMERAÇÃO/ QUANTIFICAÇÃO	
			N	%		N	%
REPERCUSSÕES DO NOVO CÓDIGO DE PONTUAÇÃO	**Sim**	1) Era uma questão de tradição e de filosofia	3	37,50%	1) Era uma *evolução* que não só o próprio código de pontuação como a própria ginástica artística tinha que ter - *evoluir*	3	23,08%
		2) O importante não é o recorde	1	12,50%			
		3) Continua a haver a nível da execução a nota máxima dos 10 pontos (que tem haver com a tal perfeição que tanto caracteriza a ginástica)	1	12,50%	2) Havia elementos de dificuldade e ligações executadas que não conseguiam ser valorizadas (era como se nada valessem a sua realização)	2	15,38%
		4) É mais importante tirar nota dez na execução (nota B) e também (obviamente) uma boa nota na dificuldade (nota A)	1	12,50%	3) O objectivo anterior de atingir os 10 pontos (que limitava) e isso já não acontecer, vai é demorar um bocadinho até ser totalmente entendido e aceite pelo público	2	15,38%
		5) É importante promover o recorde	1	12,50%	4) Provoca uma maior motivação nas ginastas	2	15,38%
		6) O espírito e o objectivo da ginástica sempre foi executar o mais difícil e perfeito possível	2	25,00%	5) Esta é uma alteração muito importante para as ginastas e para a ginástica em si	1	7,69%
					6) Privilegia a espectacularidade	2	15,38%
		7) É algo muito restritivo do que realmente se considerava a nota 10	1	12,50%	7) Valoriza a qualidade de execução/a perfeição	1	7,69%
					8) O facto de a nota limite (10 pontos) ter deixado de existir, não é um problema muito significativo para a evolução da ginástica	1	7,69%
		8) É muito mais interessante promover o recorde, porque vai assumir-se, igualmente, como uma referência cada vez mais forte, interessante, completa e que vai fazer esquecer a nota 10	2	25,00%			
					9) A implementação ou a atribuição da nota que agora surge com o nome de "recorde", "score", como se disso se trata-se, sendo agora encarada com esse nome no mundo ou gíria gímnica	5	38,46%
		9) O recorde pode ter um valor muito significativo e é mais justo	2	25,00%			
					10) "Obriga" o próprio atleta e treinador a querer sempre mais para conseguir uma nota cada vez mais superior (atingir e lutar sempre por um novo objectivo)	3	23,08%
		10) Antigamente as notas que assistíamos eram iguais e os desempenhos eram por vezes muito diferentes a todos os níveis (sendo	2	25,00%			
					11) Sendo assim, pode-se equiparar,	4	30,77%

		considerado de certa maneira injusto)			igualar, transformar-se e até mesmo ser comparada com outras		
		11) A adaptação à nova forma de avaliação custou e demorou um bocadinho a habituar a nível de esquema mental	2	25,00%	modalidades (devido ao "recorde")	3	23,08%
		12) As habituações, os hábitos e as regras do passado são difíceis de romper de um momento para o outro	1	12,50%	12) O dez como pontuação máxima, limite, não deixou de existir, neste momento faz parte, pertence exclusivamente à nota B, que depois soma com a nota A e daí sai o total, a tal nota final (ilimitada). Mas os dez pontos como perfeição continuam lá, faz parte da GA e há-de sempre fazer (a *perfeição*)		
		13) Há uma maior motivação nas ginastas	1	12,50%	13) O dez como nota, essa tal perfeição, era um mito e era como toda a gente conhecia e se identificava com a ginástica artística	2	15,38%
					14) O dez era realmente o significado da nossa ginástica, era a nossa marca – a tradição	2	15,38%
					15) Desta forma o CP vai permitir comparar ginastas de diferentes ciclos olímpicos, pois até agora essas comparações eram feitas entre CP diferentes	1	7,69%
REPERCUSSÕES DO NOVO CÓDIGO DE PONTUAÇÃO	**Sim**				16) Vai haver um período de adaptação pelas diferenças e mudanças que se verificaram e sentiram, mas é só uma questão de tempo	1	7,69%
					17) A inexistência da nota máxima (dos 10 pontos) poderá prejudicar um bocado a modalidade mas que deverá passar com o tempo	1	7,69%
					18) Antigamente as ginastas e os seus treinadores limitavam-se a cumprir o mínimo até conseguirem atingir a nota máxima, limite dos 10 pontos. Esta alteração, mudança, agora permite uma maior liberdade acumulando desta forma uma acrescida (maior) preocupação por parte de todos, vista a necessidade de realizar um maior número de elementos de dificuldade com a maior perfeição possível nível de execução	4	30,77%
					19) Torna-se mais justo porque causa da exigência da perfeição, apesar desta ser sempre subjectiva,	2	15,38%

REPERCUSSÕES DO NOVO CÓDIGO					mas mesmo assim, desta forma permite uma melhor distinção das ginastas		
	Não	14) Descaracteriza o que tanto caracterizava esta modalidade, atingir a nota 10 na ginástica artística feminina	1	12,50%	20) A referência é realizar tudo o mais perfeito possível, e essa perfeição era perceptível para todos, o alcance da nota limite, o atingir a nota dos 10 pontos	2	15,38%
		15) Em termos de espectacularidade para o público é mais difícil distinguir a melhor ou o pior pelo desempenho e pela nota pois há factores que um "leigo" que está a assistir não entende	1	12,50%	21) Antigamente qualquer um (qualquer "leigo"), mesmo quem não percebesse nada de ginástica conseguia ver e comentar a nota obtida ou pelo menos ter uma noção	2	15,38%
					22) Neste momento as notas não são perceptíveis ao público	1	7,69%
		16) Pela implementação da nova pontuação a ginástica torna-se mais difícil para o público de observar devido às novas regras do CP	1	12,50%	23) O facto de a nota dez ter desaparecido, veio deturpar completamente a Ginástica Artística	2	15,38%
					24) O que tanto se defendeu e justificou como factor de mudança,	1	7,69%
		17) Apesar de ser melhor como está agora o CP para "nós" que estamos dentro da ginástica e percebemos melhor a espectacularidade da modalidade	1	12,50%	era a tal maior e mais justa diferenciação que iria haver e ser possível fazer, que iria existir, verificar-se entre as ginastas. Afinal nada disso se está a verificar		
					25) A técnica e o material	1	7,69%
		18) É mais aliciante para os treinadores	1	12,50%	influenciam os possíveis resultados (principalmente na obtenção de um		
		19) É mais desmotivante para o público em geral pelo desconhecimento das regras e do próprio conteúdo da modalidade	1	12,50%	novo recorde) na maior parte das modalidades, não as mudanças radicais das regras ou o próprio significado da modalidade (neste caso da ginástica artística), é muito		
		20) É mais motivador tentar atingir uma nota A cada vez maior	1	12,50%	relativo		
		21) Código muito penalizador	1	12,50%			
		22) Vence quem faz mais e perfeito	1	12,50%			
		23) Não torna a modalidade mais credível	1	12,50%			
		24) Atingir um recorde não é ginástica	1	12,50%			
		25) A ginástica é ginástica artística, se é artística é uma arte	1	12,50%			
	Indecisos	26) O recorde na ginástica é algo muito difícil de se implementar (principalmente	1	12,50%	26) Temos que aceitar que o CP mudou e trabalhar segundo estas regras	1	7,69%

REPERCUSSÕES DO NOVO CÓDIGO	**Indecisos**	em termos de nota final)			27) A nota 10 era o ícone, o mito, algo inatingível. Agora ninguém fala ou dá tanta importância se teve 16/17 pontos	1	7,69%
		27) Os critérios do júri B alteram-se de competição para competição	1	12,50%			
		28) Em vez de recordes talvez possa haver notas de referências pontuais	1	12,50%	28) O objectivo é fazer perfeito, mas cada vez mais difícil, também, e perfeito (só assim poderão tentar ser campeões)	1	7,69%
		29) Muito difícil a homologação de uma nota por parte da FIG em Campeonatos por vezes completamente diferentes	1	12,50%	29) O risco vai ser cada vez maior e se calhar a ginástica não vai evoluir como quase todas as pessoas pensam e defendem	1	7,69%
		30) O recorde na nota A também é algo muito difícil de implementar	1	12,50%	30) Apesar dantes haver um limite, apesar de tudo servia, havia uma certa, alguma "protecção", não se corriam tantos riscos, não se arriscava tanto porque não valia a pena devido ao limite que era imposto para a dificuldade. Logo o perigo poderia ser menor e era um bocadinho mais "controlável"	1	7,69%
		31) O código por vezes não é cumprido na sua totalidade	1	12,50%			
		32) A ginástica não é dada a recordes	1	12,50%			
		33) Na ginástica artística há muitas dúvidas	1	12,50%			
		34) Defesa da continuidade da nota máxima, limite dos 10 pontos	1	12,50%			

Quadro 98: Análise da Questão (continuação): "Um vez que actualmente se pode ultrapassar a fasquia máxima dos 10 pontos, concorda com a alteração do CP que veio permitir o estabelecimento de recordes na GA? Não veio este facto deturpar o significado e o objectivo principal da GA (atingir a nota máxima), algo raro e inatingível, a perfeição, que tanto caracterizava a modalidade? (Justifique/Argumente a resposta dada)"

CATEGORIA	UNIDADE DE REGISTO DO GRUPO DE ESTUDO		ENUMERAÇÃO/ QUANTIFICAÇÃO	
			N	%
REPERCUSSÕES DO NOVO CÓDIGO DE PONTUAÇÃO	**Sim**	1) É mais importante tirar nota dez na execução (nota B) e também (obviamente) uma boa nota na dificuldade (nota A)/ Antigamente as notas que assistíamos eram iguais e os desempenhos eram por vezes muito diferentes a todos os níveis (sendo considerado de certa maneira injusto) / Havia elementos de dificuldade e ligações executadas que não conseguiam ser valorizadas (era como se nada valessem a sua realização)/ Antigamente as ginastas e os seus treinadores limitavam-se a cumprir o mínimo até conseguirem atingir a nota máxima, limite dos 10 pontos. Esta alteração, mudança, agora permite uma maior liberdade acumulando desta forma uma acrescida (maior) preocupação por parte de todos, vista a necessidade de realizar um maior número de elementos de dificuldade com a maior perfeição possível nível de execução/ Torna-se mais justo porque causa da exigência da perfeição, apesar desta ser sempre subjectiva, mas mesmo assim, desta forma permite uma melhor distinção das ginastas	11	52,38%

REPERCUSSÕES DO NOVO CÓDIGO DE PONTUAÇÃO	**Sim**	2) É importante promover o recorde/ É muito mais interessante promover o recorde, porque vai assumir-se, igualmente, como uma referência cada vez mais forte, interessante, completa e que vai fazer esquecer a nota 10/ O recorde pode ter um valor muito significativo e é mais justo/ A implementação ou a atribuição da nota que agora surge com o nome de "recorde", "score", como se disso se trata-se, sendo agora encarada com esse nome no mundo ou gíria gímnica	10	47,62%
		3) Era uma questão de tradição e de filosofia/ O dez como nota, essa tal perfeição, era um mito e era como toda a gente conhecia e se identificava com a ginástica artística/ O dez era realmente o significado da nossa ginástica, era a nossa marca – a tradição	7	33,33%
		4) Há uma maior motivação nas ginastas/ Provoca uma maior motivação nas ginastas/ "Obriga" o próprio atleta e treinador a querer sempre mais para conseguir uma nota cada vez mais superior (atingir e lutar sempre por um novo objectivo)	6	28,57%
		5) A adaptação à nova forma de avaliação custou e demorou um bocadinho a habituar a nível de esquema mental/ As habituações, os hábitos e as regras do passado são difíceis de romper de um momento para o outro/ Vai haver um período de adaptação pelas diferenças e mudanças que se verificaram e sentiram, mas é só uma questão de tempo	4	19,05%
		6) Continua a haver a nível da execução a nota máxima dos 10 pontos (que tem haver com a tal perfeição que tanto caracteriza a ginástica)/ O dez como pontuação máxima, limite, não deixou de existir, neste momento faz parte, pertence exclusivamente à nota B, que depois soma com a nota A e daí sai o total, a tal nota final (ilimitada). Mas os dez pontos como perfeição continuam lá, faz parte da GA e há-de sempre fazer (a *perfeição*)	4	19,05%
		7) Era uma <u>*evolução*</u> que não só o próprio código de pontuação como a própria ginástica artística tinha que ter – <u>*evoluir*</u>/ O facto de a nota limite (10 pontos) ter deixado de existir, não é um problema muito significativo para a evolução da ginástica	4	19,05%
		8) Sendo assim, pode-se equiparar, igualar, transformar-se e até mesmo ser comparada com outras modalidades (devido ao "recorde")	4	19,05%
		9) O espírito e o objectivo da ginástica sempre foi executar o mais difícil e perfeito possível/ Valoriza a qualidade de execução/a perfeição	3	14,29%
		10) O objectivo anterior de atingir os 10 pontos (que limitava) e isso já não acontecer, vai é demorar um bocadinho até ser totalmente entendido e aceite pelo público/ A inexistência da nota máxima (dos 10 pontos) poderá prejudicar um bocado a modalidade mas que deverá passar com o tempo	3	14,29%
		11) Privilegia a espectacularidade	2	9,52%
		12) O importante não é o recorde	1	4,76%
		13) É algo muito restritivo do que realmente se considerava a nota 10	1	4,76%
		14) Esta é uma alteração muito importante para as ginastas e para a ginástica em si	1	4,76%
		15) Desta forma o CP vai permitir comparar ginastas de diferentes ciclos olímpicos, pois até agora essas comparações eram feitas entre CP diferentes	1	4,76%
REPERCUSSÕES DO NOVO CÓDIGO DE PONTUAÇÃO	**Não**	16) Em termos de espectacularidade para o público é mais difícil distinguir a melhor ou o pior pelo desempenho e pela nota pois há factores que um "leigo" que está a assistir não entende/ Pela implementação da nova pontuação a ginástica torna-se mais difícil para o público de observar devido às novas regras do CP/ É mais desmotivante para o público em geral pelo desconhecimento das regras e do	8	38,10%

REPERCUSSÕES DO NOVO CÓDIGO DE PONTUAÇÃO	**Não**	próprio conteúdo da modalidade/ A referência é realizar tudo o mais perfeito possível, e essa perfeição era perceptível para todos, o alcance da nota limite, o atingir a nota dos 10 pontos/ Antigamente qualquer um (qualquer "leigo"), mesmo quem não percebesse nada de ginástica conseguia ver e comentar a nota obtida ou pelo menos ter uma noção/ Neste momento as notas não são perceptíveis ao público		
		17) Descaracteriza o que tanto caracterizava esta modalidade, atingir a nota 10 na ginástica artística feminina/ O facto de a nota dez ter desaparecido, veio deturpar completamente a Ginástica Artística	3	14,29%
		18) É mais aliciante para os treinadores/ É mais motivador tentar atingir uma nota A cada vez maior	2	9,52%
		19) Código muito penalizador/ Vence quem faz mais e perfeito	2	9,52%
		20) Apesar de ser melhor como está agora o CP para "nós" que estamos dentro da ginástica e percebemos melhor a espectacularidade da modalidade	1	4,76%
		21) Não torna a modalidade mais credível	1	4,76%
		22) Atingir um recorde não é ginástica	1	4,76%
		23) A ginástica é ginástica artística, se é artística é uma arte	1	4,76%
		24) O que tanto se defendeu e justificou como factor de mudança, era a tal maior e mais justa diferenciação que iria haver e ser possível fazer, que iria existir, verificar-se entre as ginastas. Afinal nada disso se está a verificar	1	4,76%
		25) A técnica e o material influenciam os possíveis resultados (principalmente na obtenção de um novo recorde) na maior parte das modalidades, não as mudanças radicais das regras ou o próprio significado da modalidade (neste caso da ginástica artística), é muito relativo	1	4,76%
	Indecisos	26) O recorde na ginástica é algo muito difícil de se implementar (principalmente em termos de nota final)/ O recorde na nota A também é algo muito difícil de implementar/ A ginástica não é dada a recordes	3	14,29%
		27) Os critérios do júri B alteram-se de competição para competição/ O código por vezes não é cumprido na sua totalidade/ Na ginástica artística há muitas dúvidas	3	14,29%
		28) Defesa da continuidade da nota máxima, limite dos 10 pontos/ A nota 10 era o ícone, o mito, algo inatingível. Agora ninguém fala ou dá tanta importância se teve 16/17 pontos	2	9,52%
		29) Em vez de recordes talvez possa haver notas de referências pontuais	1	4,76%
		30) Muito difícil a homologação de uma nota por parte da FIG em Campeonatos por vezes completamente diferentes	1	4,76%
		31) Temos que aceitar que o CP mudou e trabalhar segundo estas regras	1	4,76%
		32) O objectivo é fazer perfeito, mas cada vez mais difícil, também, e perfeito (só assim poderão tentar ser campeões)	1	4,76%
		33) O risco vai ser cada vez maior e se calhar a ginástica não vai evoluir como quase todas as pessoas pensam e defendem	1	4,76%
		34) Apesar dantes haver um limite, apesar de tudo servia, havia uma certa, alguma "protecção", não se corriam tantos riscos, não se arriscava tanto porque não valia a pena devido ao limite que era imposto para a dificuldade. Logo o perigo poderia ser menor e era um bocadinho mais "controlável"	1	4,76%

Pela análise do Quadro 98 referente à questão "Um vez que actualmente se pode ultrapassar a fasquia máxima dos 10 pontos, concorda com a alteração do CP que veio permitir o estabelecimento de recordes na GA? Não veio este facto deturpar o significado e o objectivo principal da GA (atingir a nota máxima), algo raro e inatingível, a perfeição, que tanto caracterizava a modalidade? (Justifique/Argumente a resposta dada)", passamos já de seguida a enumerar as unidades de registo globais do grupo de estudo. Referente ao sim temos: é mais importante tirar nota dez na execução (nota B) e também (obviamente) uma boa nota na dificuldade (nota A)/ Antigamente as notas que assistíamos eram iguais e os desempenhos eram por vezes muito diferentes a todos os níveis (sendo considerado de certa maneira injusto)/ Havia elementos de dificuldade e ligações executadas que não conseguiam ser valorizadas (era como se nada valessem a sua realização)/ Antigamente as ginastas e os seus treinadores limitavam-se a cumprir o mínimo até conseguirem atingir a nota máxima, limite dos 10 pontos. Esta alteração, mudança, agora permite uma maior liberdade acumulando desta forma uma acrescida (maior) preocupação por parte de todos, vista a necessidade de realizar um maior número de elementos de dificuldade com a maior perfeição possível nível de execução/ Torna-se mais justo porque causa da exigência da perfeição, apesar desta ser sempre subjectiva, mas mesmo assim, desta forma permite uma melhor distinção das ginastas (11=52,38%); é importante promover o recorde/ É muito mais interessante promover o recorde, porque vai assumir-se, igualmente, como uma referência cada vez mais forte, interessante, completa e que vai fazer esquecer a nota 10/ O recorde pode ter um valor muito significativo e é mais justo/ A implementação ou a atribuição da nota que agora surge com o nome de "recorde", "score", como se disso se trata-se, sendo agora encarada com esse nome no mundo ou gíria gímnica (10=47,62%); era uma questão de tradição e de filosofia/ O dez como nota, essa tal perfeição, era um mito e era como toda a gente conhecia e se identificava com a ginástica artística/ O dez era realmente o significado da nossa ginástica, era a nossa marca – a tradição (7=33,33%); há uma maior motivação nas ginastas/ Provoca uma maior motivação nas ginastas/ "Obriga" o próprio atleta e treinador a querer sempre mais para conseguir uma nota cada vez mais superior (atingir e lutar sempre por um novo objectivo) (6=28,57%); a adaptação à nova forma de avaliação custou e demorou um bocadinho a habituar a nível de esquema mental/ As habituações, os hábitos e as regras do passado são difíceis de romper de um momento para o outro/ Vai haver um período de adaptação pelas diferenças e mudanças que se verificaram e sentiram, mas é só uma questão de tempo (4=19,05%); continua a haver a nível da execução a nota máxima dos 10 pontos (que tem haver com a tal perfeição que tanto caracteriza a ginástica)/ O dez como pontuação máxima,

limite, não deixou de existir, neste momento faz parte, pertence exclusivamente à nota B, que depois soma com a nota A e daí sai o total, a tal nota final (ilimitada). Mas os dez pontos como perfeição continuam lá, faz parte da GA e há-de sempre fazer (a *perfeição*) (4=19,05%); era uma *evolução* que não só o próprio código de pontuação como a própria ginástica artística tinha que ter – *evoluir*/ O facto de a nota limite (10 pontos) ter deixado de existir, não é um problema muito significativo para a evolução da ginástica (4=19,05%); sendo assim, pode-se equiparar, igualar, transformar-se e até mesmo ser comparada com outras modalidades (devido ao "recorde") (4=19,05%); o espírito e o objectivo da ginástica sempre foi executar o mais difícil e perfeito possível/ Valoriza a qualidade de execução/a perfeição (3=14,29%); o objectivo anterior de atingir os 10 pontos (que limitava) e isso já não acontecer, vai é demorar um bocadinho até ser totalmente entendido e aceite pelo público/ A inexistência da nota máxima (dos 10 pontos) poderá prejudicar um bocado a modalidade mas que deverá passar com o tempo (3=14,29%); privilegia a espectacularidade (2=9,52%); o importante não é o recorde (1=4,76%); é algo muito restritivo do que realmente se considerava a nota 10 (1=4,76%); esta é uma alteração muito importante para as ginastas e para a ginástica em si (1=4,76%); desta forma o CP vai permitir comparar ginastas de diferentes ciclos olímpicos, pois até agora essas comparações eram feitas entre CP diferentes (1=4,76%).

Passando para o não que se inicia na décima sexta unidade de registo: em termos de espectacularidade para o público é mais difícil distinguir a melhor ou o pior pelo desempenho e pela nota pois há factores que um "leigo" que está a assistir não entende/ Pela implementação da nova pontuação a ginástica torna-se mais difícil para o público de observar devido às novas regras do CP/ É mais desmotivante para o público em geral pelo desconhecimento das regras e do próprio conteúdo da modalidade/ A referência é realizar tudo o mais perfeito possível, e essa perfeição era perceptível para todos, o alcance da nota limite, o atingir a nota dos 10 pontos/ Antigamente qualquer um (qualquer "leigo"), mesmo quem não percebesse nada de ginástica conseguia ver e comentar a nota obtida ou pelo menos ter uma noção/ Neste momento as notas não são perceptíveis ao público (8=38,10%); descaracteriza o que tanto caracterizava esta modalidade, atingir a nota 10 na ginástica artística feminina/ O facto de a nota dez ter desaparecido, veio deturpar completamente a Ginástica Artística (3=14,29%); é mais aliciante para os treinadores/ É mais motivador tentar atingir uma nota A cada vez maior (2=9,52%); código muito penalizador/ Vence quem faz mais e perfeito (2=9,52%); apesar de ser melhor como está agora o CP para "nós" que estamos dentro da ginástica e percebemos melhor a espectacularidade da modalidade (1=4,76%); não torna a modalidade mais credível (1=4,76%);

atingir um recorde não é ginástica (1=4,76%); a ginástica é ginástica artística, se é artística é uma arte (1=4,76%); o que tanto se defendeu e justificou como factor de mudança, era a tal maior e mais justa diferenciação que iria haver e ser possível fazer, que iria existir, verificar-se entre as ginastas. Afinal nada disso se está a verificar (1=4,76%); a técnica e o material influenciam os possíveis resultados (principalmente na obtenção de um novo recorde) na maior parte das modalidades, não as mudanças radicais das regras ou o próprio significado da modalidade (neste caso da ginástica artística), é muito relativo (1=4,76%).

Por último, vamos destacar as unidades de registo dos indecisos que se inicia na vigésima sexta: o recorde na ginástica é algo muito difícil de se implementar (principalmente em termos de nota final)/ O recorde na nota A também é algo muito difícil de implementar/ A ginástica não é dada a recordes (3=14,29%); os critérios do júri B alteram-se de competição para competição/ O código por vezes não é cumprido na sua totalidade/ Na ginástica artística há muitas dúvidas (3=14,29%); defesa da continuidade da nota máxima, limite dos 10 pontos/ A nota 10 era o ícone, o mito, algo inatingível. Agora ninguém fala ou dá tanta importância se teve 16/17 pontos (2=9,52%); em vez de recordes talvez possa haver notas de referências pontuais (1=4,76%); muito difícil a homologação de uma nota por parte da FIG em Campeonatos por vezes completamente diferentes (1=4,76%); temos que aceitar que o CP mudou e trabalhar segundo estas regras (1=4,76%); o objectivo é fazer perfeito, mas cada vez mais difícil, também, e perfeito (só assim poderão tentar ser campeões) (1=4,76%); o risco vai ser cada vez maior e se calhar a ginástica não vai evoluir como quase todas as pessoas pensam e defendem (1=4,76%); apesar dantes haver um limite, apesar de tudo servia, havia uma certa, alguma “protecção”, não se corriam tantos riscos, não se arriscava tanto porque não valia a pena devido ao limite que era imposto para a dificuldade. Logo o perigo poderia ser menor e era um bocadinho mais “controlável” (1=4,76%).

5.3.5 Questão 2.1.14/ 2.2.10 do Guião da Entrevista, efectuada aos Treinadores/ Juízes (respectivamente): Deseja acrescentar alguma informação ou algum pormenor relativamente à alteração do CP, que no seu entender possa ser relevante?

Quadro 99: Análise da questão: "Deseja acrescentar alguma informação ou algum pormenor relativamente à alteração do CP, que no seu entender possa ser relevante?"

CATEGORIA	UNIDADE DE REGISTO TREINADORES	ENUMERAÇÃO/ QUANTIFICAÇÃO		UNIDADE DE REGISTO JUÍZES	ENUMERAÇÃO/ QUANTIFICAÇÃO	
		N	%		N	%
ALTERAÇÃO DO CÓDIGO DE PONTUAÇÃO	1) O CP relativo à GAF evoluiu mas ainda não foi no caminho que a masculina já avançou (e que foi bastante positivo)	1	12,50%	1) As constantes e extremas alterações que o CP continua a sofrer – sempre readaptado à medida que há provas	6	46,15%
	2) Necessidade de "obrigar" as ginastas e os treinadores a diversificar um pouco mais as suas metodologias	1	12,50%	2) O CP 2006 por vezes faz com que aconteçam injustiças	1	7,69%
	3) Os exercícios estão monótonos	1	12,50%	3) As novas alterações já permitem uma maior justiça – já se consegue ter um pouco mais de justiça na avaliação	1	7,69%
	4) A extrema necessidade de que o corpo de juízes faça cada vez mais um esforço para realizar uma melhor interpretação dos exercícios apresentados, e que esta seja a mais correcta e aproximada possível das directrizes e orientações do CP	2	25,00%	4) As alterações dos elementos que baixam de valor/ Situações de orgânica/ A composição	1	7,69%
				5) É necessário a estabilização do CP o mais depressa e rapidamente possível	1	7,69%
				6) As PA são o único aparelho em que este CP funciona em termos de dificuldade	1	7,69%
				7) O facto de o CP estar sempre a ser readaptado à medida que vai havendo provas é prejudicial	1	7,69%
	5) Fazer uma correcta e mais exacta possível aplicação do CP	1	12,50%	8) A Composição era descontada pelo júri B, agora é na nota final	1	7,69%
	6) A melhoria dos elementos acrobáticos e dos gímnicos em termos de valorização e desvalorização do valor de dificuldade	1	12,50%	9) Diariamente vamos discutindo e falando sobre o CP	1	7,69%
				10) Este último CP não muda mais até Pequim, vão "somente" acrescentando coisas	1	7,69%
	7) Os exagerados descontos a nível das rotações nas PA (se termina nos 10º ou 30º)	1	12,50%	11) A composição vai passar para o júri A	1	7,69%
				12) O júri B já tem excesso de trabalho	1	7,69%
				13) Há muita coisa que ainda tem que ser alterada não entrar cada vez mais protestos, por ex., as notas neutras entram na nota A e pode dar confusão	1	7,69%
	8) As PA estão a perder o seu cariz devido à exigência excessiva em termos das rotações por causa dos ângulos, da interpretação e do excesso desconto na execução a partir de um certo ângulo (difícil de	1	12,50%	14) Já há datas previstas para a apresentação do novo CP para 2009	2	15,38%
				15) A linha do código não vai mudar, a não ser que haja uma revolução na FIG	1	7,69%

ALTERAÇÃO DO CÓDIGO DE PONTUAÇÃO	percepcionar)			16) Tem que se reflectir mais sobre as coisas para depois serem aplicadas e dadas como definitivas	1	7,69%
	9) Alguns esquemas no alto nível, já não o são (pelo facto de ser tão penalizante os descontos deste CP, a execução ser extremamente exigente e rigorosa… não há risco)	1	12,50%	17) Além da alteração do CP houve a alteração da minha função como juiz, logo o meu olhar é diferente é tudo novo – logo como é diferente obrigou-me a que houvesse uma maior aplicação da minha parte	1	7,69%
	10) O código não alterou significativamente a forma de pontuar, alterou a ginástica sim, mas não a forma de pontuar nem os seus resultados	1	12,50%			
	11) O CP da GAF está muito exigente em tudo, a nível da componente artística, dificuldade e execução	1	12,50%			
	12) Portugal necessita de muita mais qualidade de execução, a essência da qualidade tem que melhorar	1	12,50%			
	13) Portugal necessita de simplificar ainda mais o código, não nos cingirmos só ao CP FIG e pensar na nossa realidade gímnica, a portuguesa	1	12,50%			

Quadro 100: Análise da questão: "Deseja acrescentar alguma informação ou algum pormenor relativamente à alteração do CP, que no seu entender possa ser relevante?"

CATEGORIA	UNIDADE DE REGISTO DO GRUPO DE ESTUDO	ENUMERAÇÃO/ QUANTIFICAÇÃO	
		N	%
ALTERAÇÃO DO CÓDIGO DE PONTUAÇÃO	1) As constantes e extremas alterações que o CP continua a sofrer – sempre readaptado à medida que há provas/ É necessário a estabilização do CP o mais depressa e rapidamente possível/ O facto de o CP estar sempre a ser readaptado à medida que vai havendo provas é prejudicial	8	38,10%
	2) Os exercícios estão monótonos/ Os exagerados descontos a nível das rotações nas PA (se termina nos 10º ou 30º)/ As PA estão a perder o seu cariz devido à exigência excessiva em termos das rotações por causa dos ângulos, da interpretação e do excesso desconto na execução a partir de um certo ângulo (difícil de percepcionar)/ Alguns esquemas no alto nível, já não o são (pelo facto de ser tão penalizante os descontos deste CP, a execução ser extremamente exigente e rigorosa… não há risco)/ O CP da GAF está muito exigente em tudo, a nível da componente artística, dificuldade e execução	5	23,81%
	3) A extrema necessidade de que o corpo de juízes faça cada vez mais um esforço para realizar uma melhor interpretação dos exercícios apresentados, e que esta seja a mais correcta e aproximada possível das directrizes e orientações do CP/ Fazer uma correcta e mais exacta possível aplicação do CP/ O júri B já tem excesso de trabalho	4	19,05%

ALTERAÇÃO DO CÓDIGO DE PONTUAÇÃO	4) A melhoria dos elementos acrobáticos e dos gímnicos em termos de valorização e desvalorização do valor de dificuldade/ As alterações dos elementos que baixam de valor/ Situações de orgânica/ A composição	2	9,52%
	5) A Composição era descontada pelo júri B, agora é na nota final/ A composição vai passar para o júri A	2	9,52%
	6) Já há datas previstas para a apresentação do novo CP para 2009	2	9,52%
	7) O CP relativo à GAF evoluiu mas ainda não foi no caminho que a masculina já avançou (e que foi bastante positivo)	1	4,76%
	8) Necessidade de "obrigar" as ginastas e os treinadores a diversificar um pouco mais as suas metodologias	1	4,76%
	9) O código não alterou significativamente a forma de pontuar, alterou a ginástica sim, mas não a forma de pontuar nem os seus resultados	1	4,76%
	10) Portugal necessita de muita mais qualidade de execução, a essência da qualidade tem que melhorar	1	4,76%
	11) Portugal necessita de simplificar ainda mais o código, não nos cingirmos só ao CP FIG e pensar na nossa realidade gímnica, a portuguesa	1	4,76%
	12) O CP 2006 por vezes faz com que aconteçam injustiças	1	4,76%
	13) As novas alterações já permitem uma maior justiça – já se consegue ter um pouco mais de justiça na avaliação	1	4,76%
	14) As PA são o único aparelho em que este CP funciona em termos de dificuldade	1	4,76%
	15) Diariamente vamos discutindo e falando sobre o CP	1	4,76%
	16) Este último CP não muda mais até Pequim, vão "somente" acrescentando coisas	1	4,76%
	17) Há muita coisa que ainda tem que ser alterada não entrar cada vez mais protestos, por ex., as notas neutras entram na nota A e pode dar confusão	1	4,76%
	18) A linha do código não vai mudar, a não ser que haja uma revolução na FIG	1	4,76%
	19) Tem que se reflectir mais sobre as coisas para depois serem aplicadas e dadas como definitivas	1	4,76%
	20) Além da alteração do CP houve a alteração da minha função como juiz, logo o meu olhar é diferente é tudo novo – logo como é diferente obrigou-me a que houvesse uma maior aplicação da minha parte	1	4,76%

Em relação ao último Quadro 100 e às suas unidades de registo estas referem-se à questão "Deseja acrescentar alguma informação ou algum pormenor relativamente à alteração do CP, que no seu entender possa ser relevante?". Na primeira unidade de registo temos as constantes e extremas alterações que o CP continua a sofrer – sempre readaptado à medida que há provas/ É necessário a estabilização do CP o mais depressa e rapidamente possível/ O facto de o CP estar sempre a ser readaptado à medida que vai havendo provas é prejudicial (8=38,10%); de seguida a indicação de que os exercícios estão monótonos/ Os exagerados descontos a nível das rotações nas PA (se termina nos 10º ou 30º)/ As PA estão a perder o seu cariz devido à exigência excessiva em termos das rotações por causa dos ângulos, da interpretação e do excesso desconto na execução a partir de um certo ângulo (difícil de percepcionar)/ Alguns esquemas no alto nível, já não o são (pelo facto de ser tão penalizante os descontos deste CP, a

execução ser extremamente exigente e rigorosa… não há risco)/ O CP da GAF está muito exigente em tudo, a nível da componente artística, dificuldade e execução (5=23,81%); a extrema necessidade de que o corpo de juízes faça cada vez mais um esforço para realizar uma melhor interpretação dos exercícios apresentados, e que esta seja a mais correcta e aproximada possível das directrizes e orientações do CP/ Fazer uma correcta e mais exacta possível aplicação do CP/ O júri B já tem excesso de trabalho (4=19,05%); a melhoria dos elementos acrobáticos e dos gímnicos em termos de valorização e desvalorização do valor de dificuldade/ As alterações dos elementos que baixam de valor/ Situações de orgânica/ A composição (2=9,52%); a Composição era descontada pelo júri B, agora é na nota final/ A composição vai passar para o júri A (2=9,52%); já há datas previstas para a apresentação do novo CP para 2009 (2=9,52%); o CP relativo à GAF evoluiu mas ainda não foi no caminho que a masculina já avançou (e que foi bastante positivo) (1=4,76%); necessidade de "obrigar" as ginastas e os treinadores a diversificar um pouco mais as suas metodologias (1=4,76%); 9) O código não alterou significativamente a forma de pontuar, alterou a ginástica sim, mas não a forma de pontuar nem os seus resultados (1=4,76%); Portugal necessita de muita mais qualidade de execução, a essência da qualidade tem que melhorar (1=4,76%); Portugal necessita de simplificar ainda mais o código, não nos cingirmos só ao CP FIG e pensar na nossa realidade gímnica, a portuguesa (1=4,76%); o CP 2006 por vezes faz com que aconteçam injustiças (1=4,76%); as novas alterações já permitem uma maior justiça – já se consegue ter um pouco mais de justiça na avaliação (1=4,76%); as PA são o único aparelho em que este CP funciona em termos de dificuldade (1=4,76%); diariamente vamos discutindo e falando sobre o CP (1=4,76%); este último CP não muda mais até Pequim, vão "somente" acrescentando coisas (1=4,76%); há muita coisa que ainda tem que ser alterada não entrar cada vez mais protestos, por ex., as notas neutras entram na nota A e pode dar confusão (1=4,76%); a linha do código não vai mudar, a não ser que haja uma revolução na FIG (1=4,76%); tem que se reflectir mais sobre as coisas para depois serem aplicadas e dadas como definitivas (1=4,76%); e por último, apresentamos a vigésima unidade de registo que menciona que além da alteração do CP houve a alteração da minha função como juiz, logo o meu olhar é diferente é tudo novo – logo como é diferente obrigou-me a que houvesse uma maior aplicação da minha parte (1=4,76%).

Segundo Ferreirinha (2007) a Ginástica Artística é imensas vezes supracitada como uma modalidade relacionada a grandes volumes e intensidades de treino, apesar de serem escassos os dados concretamente mensurados que apoiem tais referências. Ao nível da carga externa,

simplesmente são realizadas algumas referências que descrevem as sessões de treino, na sua duração, frequência e quantidades de elementos e exercícios efectuados. Segundo o mesmo autor, têm sido feitos relatórios após as grandes competições internacionais pela Federação Internacional de Ginástica mas, em função dos propósitos e conveniência dessa mesma instituição em causa. O seu estudo pretendeu caracterizar e avaliar as tendências da carga externa de um exercício modelo de paralelas assimétricas de alto rendimento.

Uma das conclusões retiradas do estudo de Ferreirinha (2007), foi que apesar das causas relativas às diferenças dos aparelhos e da constituição física das mulheres, uma demora constante e sistemática na actualização do código de pontuação da Ginástica Artística Feminina não possibilita uma maior aproximação entre as paralelas assimétricas e a barra fixa, pois um dos objectivos do seu estudo era observar a aproximação dos exercícios e elementos de paralelas assimétricas aos de barra fixa da Ginástica Artística Masculina.

Outros autores defendem igualmente a existência de um grupo de treinadores criativos e coesos, assim como cientistas, e não só, especialistas em alto rendimento da GA, para desta forma trabalharem em conjunto numa elaboração adaptada e complementada de características que fossem objectivo de um modelo a seguir (Arkaev e Suchilin, 2004). Modelos estes, que para estes autores deverão ser de períodos e estágios de preparação e outros modelos prospectivos e de conjectura, suposição e cálculo. Porque vai ser o modelo integral básico do sistema de preparação de atletas de elite mundial a actividade competitiva futura, no seu ver, mas que, obviamente, deve ser adequada, modelada, perspectivada e muito bem estudada, cuidadosamente, quer no processo e preparação de colocação em prática como teoricamente bem fundamentado.

Platonov (2001) defende o interesse que assume a quantificação de dados relativos à estrutura da actividade competitiva, que dêem como referencial para a selecção dos meios de treino mais apropriados e cujo controlo deve ser executado por níveis ou etapas de preparação desportiva após caracterização e observação das características modelo.

Araújo & Marques (1995) referem a insuficiência de estudos existentes na vertente da caracterização dos modelos de participação competitiva no sector da GA, pelo que compreendem ser imprescindível estabelecer as particulares da carga dos exercícios de elite, para seleccionar o conteúdo do treino que interessa desenvolver nos mais jovens.

.Seguindo os estudos realizados e a preocupação sobre as tendências actuais da GAF, Almeida (2003) realizou o seu trabalho dentro desse âmbito e estudou a composição dos exercícios das ginastas semifinalistas do CM por Aparelhos de 2002, procurando, analisando e pretendendo compreender a maneira como as ginastas correspondiam às exigências do CP, nas diferentes componentes de avaliação, no tipo de elementos utilizados e na natureza das ligações estabelecidas entre eles.

Os resultados obtidos e conclusões obtidos neste estudo foram os seguintes: os saltos tipo *Yourchenko*, com rotação longitudinal no 1º voo, dominaram o panorama competitivo dos ST; nas PA registou-se um reduzido envolvimento do banzo inferior, uma utilização elevada de elementos com fase de voo, um aumento da importância das pegas cubitais e uma predominância das rotações transversais à retaguarda na saída do aparelho; na TR Olímpica verificou, com o seu estudo, uma supremacia dos elementos acrobáticos em relação aos elementos gímnicos, uma desvalorização dos elementos de entrada e uma predominância das rotações transversais à retaguarda nos elementos de saída do aparelho; por fim, no SO, constatou uma supremacia dos elementos acrobáticos em relação aos elementos gímnicos, uma preocupação crescente pelo equilíbrio do número de rotações transversais à frente e à retaguarda e uma tendência para a realização de 4 séries acrobáticas por exercício.

Carvalho (2004), decidiu realizar um estudo, onde iria comparar elementos de PA e elementos da Barra Fixa entre 1987 e 2003. A autora executou uma análise dos elementos a nível de: (1) elementos perto dos banzos, onde estão inseridos os “stalders”, “endos” e voltas livres; (2) os três tipos de gigantes, com pega dorsal, palmar e cubital, contabilizando a execução dos mesmos com e sem rotação; (3) elementos de voo; (4) saídas, com rotação transversal e com rotação transversal e longitudinal. A totalidade dos atletas analisados foi de 48 ginastas de alto nível mundial e que participaram no CM de 1987, 1995 e 2003.

Os resultados obtidos neste estudo fizeram a autora remeter-se para as seguintes conclusões: a evolução dos CP levou a que os ginastas procurassem elementos de dificuldade superior para cumprir as exigências dos respectivos CP. As sucessivas alterações verificadas podem ser justificadas pela tendência natural de aproximação dos dois aparelhos em questão, mais especificamente, PA e Barra Fixa, aparelhos estes estudados e comparados pela autora (Carvalho, 2004), pelas suas características e de, cada vez mais se procurar obter uma semelhança entre os CP e a técnica de GAF e GAM. Daí, a autora também ter concluído, que

nas bonificações se constata uma clara predominância do valor de elementos de dificuldade relativamente ao valor de ligação, tendo igualmente verificado, que quase todos os ginastas ultrapassam os valores de bonificação estabelecidos para os distintos CP. Assim como todos os ginastas da amostra não tiveram dificuldade em obter uma nota de partida de dez pontos.

Carvalho (2000), durante a realização do seu estudo, teve como principal objectivo analisar a influência das regras de competição na segurança e espectacularidade da GA. Para isso utilizou dois grupos distintos de observadores da GA (observadores especializados – público do meio gímnico) e observadores normais – público em geral) no que concerne a segurança e o espectáculo em si, para conhecer as suas opiniões em relação ao assunto em causa. Uma das intenções era comparar a opinião dos mesmos (que perfizeram um total de 53 elementos) em relação a exercícios completos, em 4 aparelhos e elementos isolados, nos mesmos aparelhos relativamente à dificuldade e espectacularidade.

As conclusões às quais chegou a autora após a análise dos resultados, foi que a espectacularidade e a dificuldade nem sempre estão associadas. E que os observadores especializados têm um melhor entendimento do grau de dificuldade dos elementos devido aos seus conhecimentos e domínio técnico, enquanto que os observadores normais, pelo desconhecimento da dificuldade do elemento, escolheram, por vezes, o elementos de mais baixo valor de dificuldade como sendo o mais difícil, mas que no seu ver era mais espectacular.

Carvalho (2000) também concluiu que o elemento mais espectacular vai de encontro ao que foi dito a propósito das regras e alterações regulamentares com influência na espectacularidade. Assim é normal que a maior parte dos treinadores na composição dos exercícios dos seus ginastas, optem por incluir uma série com 0.50 pontos de bonificação, nem que seja menos espectacular, mas dêem uma maior nota de partida à ginasta.

Assim como verificou inúmeras e imensas diferenças de opinião entre um “especialista” na matéria e um simples indivíduo apreciador (ou não) da modalidade.

Foi desta forma confirmada a importância que as normas e as regras têm e pelas quais se rege a GA no que se refere à segurança e espectacularidade. Quer dizer que há regras claramente e intencionalmente alteradas em função de uma maior segurança para os praticantes e regras cuja alteração e evolução influenciam positiva ou negativamente a espectacularidade das prestações competitivas na GA.

Daí que, Carvalho (2000) afirma que a espectacularidade e a dificuldade estão muitas vezes dissociadas uma da outra; os indivíduos, que fazem parte do meio gímnico, e que são considerados especializados dado os seus conhecimentos a nível técnico, têm um melhor entendimento do grau de dificuldade dos elementos e do exercício de maior dificuldade, enquanto que o público em geral, não tem conhecimento do tempo necessário para adquirir o elemento, não sabendo desta forma a que grau de dificuldade está associado, tendo por vezes dificuldade em distinguir ou diferenciar o elemento mais simples do mais complexo, do que apresenta e tem maior grau de dificuldade; e, para finalizar, dentro do seu estudo a autora ainda conseguiu encontrar dentro do grupo de especializados, uma pequena diferença em relação à espectacularidade do exercício ou elemento em questão, revelando que a espectacularidade é um factor mais subjectivo que a dificuldade propriamente dita.

"Na GA, o atleta desafia as leis da física, procurando o domínio do corpo nas mais variadas situações: em posições invertidas, em rotações, em diferentes alturas e equipamentos, utilizando diferentes partes do corpo, assumindo formas diferentes, etc.. Este facto leva ainda muita gente a considerar a GA como uma modalidade perigosa, desencorajando a sua prática em muito ambientes. Porém, o risco de lesões e acidentes ocorre em qualquer forma de actividade física." (Carvalho, 2000, pp. 34).

Para melhorar as condições de segurança na GA, têm sido realizadas modificações ao longo dos anos na construção dos aparelhos e tem tido como principal objectivo aumentar a capacidade de amortecimento, de melhorar as qualidade de segurança na realização dos elementos e exercícios e na preservação do aparelho motor, os apoios em caso dos saltos em que é necessário grande potência e nas complexas saídas das ginastas nos diferentes aparelhos que influenciam e actuaram sobre todas as componentes de evolução e sobre a técnica e descoberta de novos elementos em particular (Touricheva, 1986).

Devido à segurança necessária, e em prol e benefício de uma maior segurança na execução e aperfeiçoamento da técnica, houve uma estagnação durante os anos 1965 e 1968 (Kaneko, 1986).

Logo, existe uma preocupação na tentativa de evitar as lesões e os microtraumatismos sendo uma prioridade quer dos treinadores quer dos construtores. Pois desta forma, o reforço da segurança, quer nos treinos quer nas competições, faz com que o atleta se liberte do "medo" que sente durante a realização de um determinado exercício, podendo desta forma prevenir um

acidente, os quais na ginástica não são incomuns, mas um acidente destes sob o olhar dos média mundial, leva a séries mudanças da mentalidade dos espectadores, do público em geral.

Segundo Carvalho (2000, pp. 28) "cabe à FIG elaborar um documento (Regulamento Técnico – RT) com o objectivo de assegurar um desenrolar perfeito e um controlo estrito do trabalho técnico da FIG. Este documento deve prever e encorajar o desenvolvimento da ginástica sob todos os aspectos e em colaboração com todas as Federações e Agrupamentos Continentais reconhecidos tendo em atenção os Estatutos". A mesma autora indica que o RT deve ser aplicado não só aos órgãos da FIG definidos pelos estatutos, assim como às Federações e a todos os grupos de Federações estabelecidos de acordo com os Estatutos. O RT, como se verifica com o CP, sofre, igualmente, ligeiras mudanças e alterações em cada Ciclo Olímpico, alterações estas que tentam ir de encontro com o desenvolvimento da modalidade.

Segundo Carvalho (2000), O recente desenvolvimento da GA (o seu perfeccionismo), está estritamente ligado ao tratamento do problema da relação recíproca entre a ginástica e a superfície de apoio (evolução dos aparelhos). Numa análise biomecânica mais completa da técnica dos exercícios é necessário ter em conta não só aos movimentos da ginástica mas também as forças de reacção da superfície de apoio dos aparelhos e do local de recepção dos atletas.

Acompanhando o crescimento e desenvolvimento da GA, esta já é uma das modalidades desportivas mais populares do Programa Olímpico, e esse facto é demonstrado pelos grandes recintos para os quais ela é destinada "Super Dome".

Por outro lado, o espectáculo desportivo, que por vezes sofre as consequências das evoluções no âmbito das tecnologias da comunicação, como a televisão, não deixa de procurar a espectacularidade através das diversas formas de transmissão, sendo também um espaço de encontro entre o espectador e o atleta/ginasta.

A par deste desenvolvimento encontram-se os elementos gímnicos que provocam no atleta e espectador diferentes tipos de sensação de espectacularidade em executá-lo ou vê-lo.

Segundo Pop (2000), na GA este factor aparece quase em coincidente com a maior complexidade em termos de dificuldade (técnica), regras, etc.. O atleta para alcançar esta maestria precisa de um trabalho árduo e de vários anos, onde os ginastas tem que estar livres e

prontos para expressar as suas qualidades, capacidades em competição e onde têm que "entreter" o público.

O próprio Presidente da FIG diz mesmo que "os ginastas não são apenas um motor de perfeição mas sim algo que toca no mais genuíno e profundo sentimento dos espectadores" (Grandi, 2000).

Concluindo-se desta forma, que a GA não é só apenas um desporto, como é um evento social e um fenómeno cultural, que reúne em si elevadas características de espectacularidade.

Nos recentes anos a Ginástica Artística Feminina (GAF) assume-se como uma das modalidades que mais encanta e alicia a atenção das pessoas apegadas ao meio desportivo e espectadores em todo o mundo.

Esta simpatia pela modalidade deve-se, provavelmente, à crescente evolução da ginástica e ao crescimento do grau de dificuldade dos exercícios, transformando as competições no mais completo espectáculo de destreza, harmonia, raça e perfeição dos movimentos, resultando numa evolução, ano após ano, ampliando os limites do corpo humano (Dianno *et al*, 1989).

Segundo Staub (1986), a evolução dos rendimentos gímnicos nesta modalidade pode dever-se ao melhoramento da metodologia de treino, à evolução do material e morfologia dos ginastas, sendo que a atenção do público se dirige exclusivamente para este último aspecto.

CONCLUSÕES

VI. CONCLUSÕES

Quando iniciámos o nosso estudo, pretendíamos realçar quais as diferenças mais acentuadas entre o CP 2001 e o CP 2006 e qual o seu efeito a nível do treino e da metodologia adoptada, bem como no ajuizamento.

6.1 Treinadores

Em relação à **categoria, experiência como atleta,** podemos concluir que a maioria do grupo de estudo por nós entrevistado acredita na utilidade de ter praticado actividade gímnica de forma a perceber melhor a sua dinâmica e o seu conceito.

Em relação aos seus argumentos e justificações, ainda na continuidade da **categoria**, **experiência como atleta**, mais de metade dos Treinadores (62,50%) referem a aquisição de experiência pela prática, e 50% acham que é importante porque facilita a transmissão e o processo ensino-aprendizagem.

Na observação da **categoria**, **alterações do código de pontuação**, no que diz respeito ao facto de terem ou não havido grandes mudanças/alterações no que se refere ao CP 2006 em relação ao CP 2001, por concordância, todos os Treinadores, sem excepção, consideraram terem existido imensas mudanças de um para o outro.

No que se refere à análise da **categoria**, **alterações do código de pontuação**, e quais consideram terem sido as mais significativas, 50% dos treinadores referenciaram o facto de ter deixado de haver nota limite, como a alteração mais significativa.

Na **categoria**, **repercussões do novo código de pontuação**, e relativamente ao grau de satisfação sobre as alterações que o novo código promoveu ao nível da participação no treino, a maioria dos treinadores não conseguiu ter uma ideia completamente formada.

Quanto ao nível de execução, o novo código, é mais exigente porquanto aumentou as penalizações (0,05/0,1; 0,2; 0,3 e 0,5 para 0,1; 0,3; 0,5 e 0,8).

Continuando na **categoria**, **repercussões do novo código de pontuação**:

- A maioria dos treinadores (75%) diz que não realizou alterações ao nível da metodologia de treino.

- No que concerne a valorização e desvalorização de vários elementos de dificuldade, concluiu-se que a totalidade dos treinadores concorda com o facto de a maior parte dos elementos gímnicos terem baixado de valor.

- Para a maioria dos treinadores (87,5%) as mudanças do Código não vieram facilitar a participação competitiva.

- Sete dos treinadores (87,5%) não se sentiu mais motivado com o novo código.

- Em relação à motivação por parte das atletas, que se encontra abrangida na categoria anterior, a maioria dos treinadores (75,00%) acha que as suas atletas não se sentem mais motivadas pelas alterações sofridas pelo CP.

Quanto à **categoria**, **ajuizamento**, metade dos treinadores acharam que as alterações verificadas no CP vieram trazer mais exactidão no ajuizamento das ginastas e maior credibilidade à modalidade.

6.2 Juízes

No que respeita às alterações ocorridas no CP de GAF (CP 2006), referente à **categoria**, **alterações do código de pontuação**, a totalidade das Juízes (N=13), considera terem existido grandes mudanças/alterações em relação ao último código em vigor (CP 2001). Todas mencionam terem existido alterações bastante significativas e algumas falam mesmo em alterações radicais (38,46%).

A maioria das juízes acha que a modalidade vai tornar-se mais espectacular e que o ajuizamento vai ser mais justo.

Quanto ao **ajuizamento**, esta é uma **categoria** completamente relacionada com este grupo de estudo. A globalidade das Juízes revelou ter sentido dificuldades na adaptação ao novo código, nomeadamente nas primeiras provas.

Seis das Juízes (46,15%) referiram que foi ao nível do ajuizamento da nota A onde se verificaram as maiores dificuldades de adaptação ao novo CP.

A maioria das Juízes (61,54%) afirma que com o novo CP é mais difícil de pontuar do que com o anterior.ser mais difícil do que com o CP anterior. As razões e justificações para esta situação são o facto do novo CP ter muitos detalhes e pormenores, e por isso provocando mais cansaço e aumentando a possibilidade de erro.

A grande maioria dos juízes (10) são de opinião que com o novo código há mais exactidão, sendo mais fácil diferenciar as ginastas entre si.

A grande maioria dos juízes (76, 92%) estão de acordo com o desaparecimento da nota máxima, considerando que esta evolução é boa para a modalidade, tornando-a mais aliciante e permitindo maior distinção entre ginastas.

Apesar de que inicialmente algumas juízes não aceitaram bem o desaparecimento da nota máxima, consideram actualmente que a noção de recorde é importante, uma vez que veio dar mais liberdade e espectacularidade à modalidade.

Referências Bibliográficas

VII. Referências Bibliográficas

📖 Albarello, L., Digneffe, F., Hiernaux, J., Maroy, C., Ruquoy, D. & Saint-Georges, P. (1995). "Práticas e Métodos de Investigação em Ciências Sociais". Lisboa: Gradiva – Publicações.

📖 Albuquerque, A. (1995). "Ginástica Desportiva: Como se "joga"". Colecção Mundo dos Saberes 17. Porto Editora. Porto.

📖 Almeida, L. (2003). "Tendências actuais da Ginástica Artística Feminina – Estudo da Composição dos Exercícios das Ginastas Semifinalistas do Campeonato do Mundo por Aparelhos de 2002". Tese de Mestrado. Porto, FCDEF-UP.

📖 Araújo, C. (1995). "Treino, crescimento, maturação e conteúdo ósseo – estudo em praticantes de Ginástica Artística Masculina". Tese de Doutoramento em Ciências do Desporto na especialidade de Treino Desportivo. Porto, FCDEF-UP.

📖 Araújo, C. (2002). "Manual de ajudas em Ginástica". pág. 7 – 11.

📖 Araújo, C.; Marques, A. (1995). "Modelação de Participação Competitiva em Ginástica Desportiva Masculina". Revista Horizonte, Vol. XII (68), pp. 55-61. Lisboa. Livros Horizonte.

📖 Araújo, C. & Moreira, J. (2004). "Manual técnico e pedagógico de Trampolins". Porto Editora. pág. 7 – 9.

📖 Arkaev, L.I.; Suchilin, N. G. (2004). "How to Create Champions - The Theory and Methodology of Training Top-Class Gymnasts". Oxford. Meyer & Meyer Sport .

📖 Bardin, L. (1977). "Análise de Conteúdo". Edições 70. Lisboa.

📖 Bardin, L. (1995). "Análise de Conteúdo". Edições 70. Lisboa.

📖 Bell, J. (1997). "Como realizar um projecto de investigação" (1ª ed.). Lisboa: Grávida.

📖 Benigno, S. (2003). "A dimensão estética da Ginástica Artística Feminina e sua influência no processo de avaliação – Estudo exploratório com base na perspectiva das juízes". Monografia, opção complementar de Desporto Rendimento - Ginástica. Porto, FCDEF-UP.

📖 Biddle, S. (1999). Targeting goal: but which goal? Motivating the child in football. *"Insight" – The F. A. Coaches Association Journal,* 4(2), 40.

📖 Borrmann, G. (1980). "Ginástica de Aparelhos". Editorial Estampa. Lisboa.

📖 Bortoleto, M. (2000). "O carácter Objectivo e o Subjectivo da Ginástica Artística". Tese de Mestrado. Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas. Brasil.

📖 Borteleto, M. (2001). "El carácter objectivo (técnico) y subjectivo (expressivo) en la Gimnasia Artística de Alto Rendimento". [on-line] www.bortoleto.com/DOCS/Ginastica_Artistica_Objectivo_Subjectivo.pdlf

📖 Botelho, M. (1998). "A Actividade Gímnica e Factores de Eficácia no Processamento da Informação Visual: estudo sobre uma população activa masculina – com hábitos desportivos ou sedentários – da Universidade do Porto". Tese de Doutoramento em Ciências do Desporto na especialidade de Aprendizagem Motora. Porto, FCDEF-UP.

📖 Brown, M. (2003). "Media Impact On Elite Gymnasts". [on-line] www.Uwlax.edu/URC/JUR-online/JUR-files/JUR-PDF-5-2003/brown.pt

📖 Cachada, J. (2003). "Adequação da Política Desportiva do Concelho de Gondomar aos Novos Valores Sociais e Desportivos." Tese de Mestrado. Porto, FCDEF-UP. Pag. 61 – 82.

📖 Carmo, H., & Ferreira, M.M. (1998). "Metodologia da investigação – Guia para auto-aprendizagem". Lisboa: Universidade Aberta.

📖 Carvalho, J. (2000). "Ginástica Artística – Análise da Influência das Regras de Competição na Segurança e Espectacularidade da Modalidade". Monografia, opção complementar de Desporto Rendimento - Ginástica. Porto, FCDEF-UP.

📖 Carvalho, J. (2004): "Ginástica Artística Feminina – A Evolução dos Elementos Técnicos nas Paralelas Assimétricas. Um estudo comparativo entre os elementos técnicos da Barra Fixa e Paralelas Assimétricas entre 1987 e 2003". Tese de Mestrado. Porto, FCDEF-UP.

📖 Carvalho, L.M. (1996b). "A formação inicial de professores revisitada: Contributos sobre a investigação na socialização dos professores". In *Formação de Professores em Educação Física – Concepção, investigação e prática* (pp. 37-56). Lisboa: Edições Faculdade de Motricidade Humana – Universidade Técnica de Lisboa.

📖 Cervo, A.L. & Bervian, P.A. (1996). "Metodologia científica". São Paulo: Editora Afiliada.

📖 Cintado, A. (1999). "Eating disorders and Gymnastics". [on-line] www.vanderbilt.edu/Ans/psychology/health_psychology/gymnasts.htm

📖 Claessens, A.; Lefevre, G.; Beunen, R. ; Malina, R. (1999). "The contribution of anthropometric characteristics to performance scores in elite female gymnasts". *Journal of Sports Medicine and Physical Fitness*, Vol.39, nº4: 355-360.

📖 Comité Technique Féminin (1994). Analisi dei Campionati del Mondo di Brisbane 1994. Ginnastica Artistica Femminile. Gimnasta, 10: 2-12.

📖 Comité Technique Féminin (1999). The Status of World Development in Women's Artistic Gymnastics (WAG). 1999 World Championships – Tianjin, CHN. Fédération Internationale de Gymnastique. Suisse.

📖 Comité Technique Féminin (2000). The Status of World Development in Women's Artistic Gymnastics (WAG). 2000 Olympic Games – Sydney, AUS. Fédération Internationale de Gymnastique. Suisse.

📖 Comité Technique Féminin (2001). The Status of World Development in Women's Artistic Gymnastics (WAG). 2001 World Championships – Ghent, BEL. Féderation Internationale de Gymnastique. Suisse.

📖 Conroy, D.; Kaye, M. & Coastsworth, J. (2006). Coaching climates and the destructive effects of mastery-avoidance achievement goals on situational motivation. *Journal of Sport & Exercise Psychology*, 28, 69-92.

📖 Côrte-Real, A (2002). O controlo da prestação em Ginástica Artística Feminina – Análise dos resultados das ginastas iniciadas e juvenis no Open Juvenil e nos Campeonatos Nacionais por Escalões de 2002. 9º Congresso de Educação Física e Desporto dos Países de Língua Portuguesa – Cultura e Contemporaneidade na Educação Física e no Desporto. E Agora? S. Luís, Maranhão.

📖 Costa, A. (1991). "Futebol: a grande festa dos tempos modernos". *Revista Horizonte*. VII (41): pp. 159-161. Horizonte. Lisboa.

📖 Costa, O. (1991). "Desporto e qualidade de vida". In: Bento, J. e Marques, A. (eds.). Desporto. Saúde. Bem-Estar, pp. 53-59. FCDEF-UP. Porto.

📖 Costa, F.C. & Sousa, J.L. (1998). "Socialização profissional de professores de Educação Física – Relatório final de Projecto financiado pelo Instituto de Inovação Educacional". Lisboa: Faculdade de Motricidade Humana – Universidade Técnica de Lisboa.

📖 Cunha, J. (2004). "Ginástica Artística Feminina – Tendências de Evolução dos Códigos de Pontuação e das Performances das Ginastas nos Exercícios de Solo". Monografia, opção complementar de Desporto de Rendimento – Ginástica. Faculdade de Desporto da Universidade do Porto. Porto.

📖 D'Amico, R. ; Cedeño, J. (2000). "El mejoramiento de la performance estético-deportiva: un enfoque prático y educativo". [on-line] www.efdeportes.com/efd27a/estet1.htm

📖 Denzin, N. (2000). "Handbook of Qualitative Research". Norman Denzin & Yvonna Lincoln Editors. London.

📖 Dianno, M.; Rivet, R., Vatavuk, M. (1989). "Perfil de Aptidão Física de Ginastas Olímpicas Femininas". Revista Brasileira de Ciências e Movimento, Vol. 3, nº1: 26-33.

📖 Eubank, M. & Gilbourne, D. (2005). Stress, performance and motivation theory. In T. Reilly & A. Williams (Ed.). *Science and Soccer* (2rd ed.), 214-229. New York: Routledge.

📖 Faro, A. (1995). "A Especificidade da Força Muscular nos Movimentos Desportivos – Um estudo em Ginástica". Tese de Doutoramento. Coimbra, FCDEF-UC.

📖 Federação Internacional de Ginástica (FIG) (1993). "Código Internacional de Pontuação de Ginástica Desportiva Feminina". Suiça.

📖 Federação Portuguesa de Ginástica (2000). 50 anos de associativismo 1950-2000. Lisboa.

📖 Federação Portuguesa de Ginástica (2001). Código de Pontuação de Ginástica Artística Feminina – Edição 2001. Tradução – Alda Côrte-Real. Associação Nacional de Juízes de Ginástica Desportiva.

📖 Federação Portuguesa de Ginástica (2006). Código de Pontuação de Ginástica Artística Feminina – Edição 2006. Tradução e edição de imagens – Alda Côrte-Real. Associação Nacional de Juízes de Ginástica Desportiva.

📖 Fédération Française de Gymnastique (1986). "Mémento de l' entraineur, documentation technique, pédagogique admnistrative". Fédération Française de Gymnastique. Paris.

📖 Fédération Internacionale de Gymnastique (1993). "Code de Pointage – Gymnastique Artistique Féminin", Suisse.

📖 Fédération Internacionale de Gymnastique (1993). "Code de Pointage – Gymnastique Artistique Masculin", Suisse.

📖 Fédération Internationale de Gymnastique (1999). "Women Artistic Gymnastics History, Artistic Gymnastics today". [On-line]: www.fig-gymastics.com.

📖 Féderation Internationale de Gymnastique (2001). "Code de Pointage - Gymnastique Artistique Féminine". Suisse.

📖 Ferreirinha, J. (1995). "Índice de Eficácia – Avaliação de resultados de competição em Ginástica Desportiva Feminina de elevado rendimento". Tese de Mestrado em Ciências do Desporto. Porto, FCDEF-UP.

📖 Ferreirinha, J. (2007): "O Modelo de Carga Externa em Ginástica Artística Feminina de Alto Rendimento – A estrutura e as tendências evolutivas dos exercícios de competição em Paralelas Assimétricas". Tese de Doutoramento. Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. Vila Real.

📖 Ferreira, P. M. (2000). "A Dinâmica das Leis do Jogo de Futebol". Monografia. Porto, FCDEF-UC.

📖 Finch, L. (2002). Understanding individual motivation in sport. In Silva, J. & Stevens, D. (Ed), *Psychological Foundations of Sport*, 66-79. Boston : Allyn and Bacon.

📖 Fink, H. (2002). "Code of points for Men's Artistic Gymnastics". Proposed for implementation after 1996. Vancouver, Canadá.

📖 Fink, H. (2003). "The Impacto f a Decade of FIG Innovations on Performances at the 2002 World Championships in Debrecen and Cup Final in Stuttgart". [on-line] www.fig-gymnastics.com

📖 Foddy, W. (1996). "Como perguntar". Oeiras: Celta Editora.

📖 Fonseca, A. & Maia, J. (2000). *A motivação dos jovens para a pratica desportiva federada: um estudo com atletas das regiões centro e norte de Portugal com idades compreendidas entre os 10 e os 18 anos*. Lisboa: Centro de Estudos e Formação Desportiva.

📖 Gajdos, A. (1983). "Préparation et entrainement à la gymnastique sportive". Éditions Amphora S.A., Paris.

📖 Gadjos, A. (1986): "Preparation de Talents Sportifs em Tchecoslovaquia et Dynamique des Charges a L' entrainement de Jeunes Gymnastes in FIG". Meridiens de Gymnastique.

📖 Garcia, R. (2002b). Desporto, Formação Profissional e qualidade de vida. In Moreira, W. e Simões, R. (Eds.), *Esporte como fator de qualidade de vida.* Piracicava: Editora UNIMEP, pp. 163-172.

📖 Garcia, R. (2006). Documento de circulação Interna do Gabinete de Sociologia do Desporto. FADE-UP.

📖 Garufi, G. (1986). "La gymnastique: expression de culture te désthetisme du movement". *Meridiens* de Gymnastique, pp. 55-58. Féderation Internationale de Gymnastique.

📖 Ghiglione, R. ; Matalon, B. (1993). "O inquérito. Teoria e prática". Oeiras. Celta Editora.

📖 Glaser, B. & Strauss, A. (1967). "The discovery of grounded theory – Strategies for qualitative research". New York: Aldine Publishing Company.

📖 Gomes, C. (2002). "Estudo da Composição dos Exercícios de Solo em Ginástica Artística Feminina – Um estudo em Ginastas Nacionais e Internacionais do Escalão Júnior". Tese de Mestrado. Porto, FCDEF-UP

📖 Grandi, B. (2000). "President's Message In Gymnastics in Prespective", Fédération Internationale de Gymnastique, Suisse**.**

📖 Grawitz, M. (1993). "Méthodes des Sciences Sociales". Editions Dalloz. Paris.

📖 Hernandez, J. A.; Voser, R.; Lykawka, M. (2004). Motivação no esporte de elite: comparação de categorias de futsal e futebol. *Revista Digital*, Ano 10, nº77, Buenos Aires, http://www.efdeportes.com, 12-03-2005.

📖 Hill, A. & Hill, M. (2005). "Investigação por Questionário". 2ª Edição. Edições Sílabo, Lda.Lisboa.

📖 Homem, F. (2006). Os lugares do lazer. In Gomes R. (Ed.), *O corpo como lugar de lazer.* Lisboa: Instituto do Desporto de Portugal, pp. 105-121.

📖 Jensen, S. H. (1974). Ginástica Feminina. 2ª Edição. Colecção Cultura e Tempos Livres. (30) Editorial Presença/ Martins Fontes.

📖 Johns, D. (1998). "Fasting and feasting : Paradoxes of the sport ethic". *Sociology of sport journal*, nº15: 41-63.

📖 Kaneko, A. (1986). "Problemes de la genese des formes en gymnastique artistique", In Meridians de Gymnastique, Fédération Internationale de Gymnastique, Suisse.

📖 Langlade, A.; Langlade, N. (1970). Teoria General de la Gimnasia. Editorial Stadium. Buenos Aires, Argentina.

📖 Lemos, K. (2006). "Educação Física e Valores. Análise Centrada em Discursos de Professores e de Alunos de Escola do Ensino Fundamental e Médio da Cidade de Belo Horizonte – Minas Gerais". Porto: K. Lemos. Tese de Doutoramento Porto, FADE-UP.

📖 Loken, N., Willoughgy, R. (1967): "History ande Values of Gymnastics in Complete Book of Gymnastics". Prentice- Hall, Inc., USA.

📖 Marques, A. (1993). "Bases para a estruturação de um modelo de detecção e selecção de talentos desportivos em Portugal". Espaço, 1993, vol 1, nº 1, pp. 21-32.

📖 Marques, A. (1993). "Desporto, arte e estética. Fronteiras e espaços comuns". *In* Jorge Bento & António Marques (eds), *A ciência do Desporto, a cultura e o Homem*, pp. 31-39. Porto: FCDEF-UP, CMP.

📖 Marques, A.; Oliveira, J. (2001). "O treino dos jovens desportistas. Actualização de alguns temas que fazem a agenda do debate sobre a preparação dos mais jovens". Revista Portuguesa de Ciências do Desporto, 1 (1), pp. 130-137.

📖 Martens, R. (1999). Os grandes treinadores são grandes comunicadores e motivadores. In *Seminário Internacional – Treino de Jovens: comunicações*, 5- 15. Lisboa: Centro de Estudos e Formação Desportiva.

📖 Martin, P. (1999). "La Gymnastique Féminine. A Travers Les Siècles". [On-line]: www.gymnet.org/histoire.htm.

📖 Martins, I.P. (1989). "A energia nas reacções químicas: Modelos interpretativos usados por alunos do ensino secundário". Tese de Doutoramento. Universidade de Aveiro.

📖 Martins, I. (1996). "Os desportos de composição artística e a subjectividade do seu julgamento". *Horizonte*, Vol. XIII, nº73: 29-34.

📖 Matveiev, L. (1981). "O Processo de Treino Desportivo". Livros Horizonte, Lda. Lisboa.

📖 Minusa, H. (2000). "How we must develop the sport of gymnastics for the future". Thechnique, 8. [on-line] :http://www.usa-gymnastics.org/publications/technique/2000/8/developthesport.html.

📖 Mosley, B. (1997). "Striking the balance". [on-line] www.usagymnastics.org/publications/technique/1997/7/striking.html

📖 Nunes, M. (2000). Reavivando as Memórias, 50 anos. Federação Portuguesa de Ginástica. Lisboa.

📖 Pais, J. (1996). "Culturas Juvenis". Lisboa. Imprensa Nacional Casa da Moeda.

📖 Peixoto, C. (1994): "A História e a Sistematização nos Desportos Individuais". In Almada, F., Peixoto, C., Roquette, J., Tavares, C.. Cadernos da Sistemática das Actividades desportivas. Ciências do Desporto. Edições FMH.

📖 Personne, J. (2001). Nenhuma Medalha Vale a Saúde de Uma Criança - Cultura Física. 2ª Edição. Livros Horizonte (23).

📖 Pereira, A. (1997): "Projecto Sumário de Intervenção no Âmbito da Ginástica Artística". Associação da Ginástica do Norte, Porto.

📖 Pereira, A. (1999): "Ginástica Artística". Princípios e Práticas – Desportos Individuais II, Sebenta. ISMAI. Maia.

📖 Pereira, A. & Poupa, C. (2004). "Como Escrever uma Tese – Monografia ou Livro Científico usando o Word". 3ª Edição. Edições Sílabo.

📖 Platonov, V.N. (1988). "L'entrainement sportif – Théorie et méthodologie". Éditions Reve EPS, Paris.

📖 Platonov, V. N. (2001). "Teoria General del Entrenamiento Deportivo Olímpico". Barcelona, Editorial Paidotribo.

📖 Poirier, J.; Clapier-Valladon, S.; Raybaut, P. (1999). "Histórias de vida, teoria e prática". Oeiras. Celta Editora.

📖 Pop, A. (2000). "Developing artistry, In Gymnastics in Perspective", Fédération Internationale de Gymnastique, Suisse.

📖 Quivy, R. & Campenhoudt, L. V. (1992). "Manual de Investigação em Ciências Sociais". Lisboa. Gravida – Publicações Dom Quixote.

📖 Quivy, R. & Campenhoudt, L. V. (1998). "Manual de Investigação em Ciências Sociais". Lisboa: Gravida.

📖 Ramos (1982). "A história da Ginástica confunde-se com a história do Homem". [On-line]:www.ginasticas.com/ginasticas/gin_historia.html.

📖 Ramos, S. (2002). "Satisfação/Insatisfação Profissional em Professores de Educação Física do Quadro de Nomeação Definitiva de Coimbra – Um Estudo Descritivo". Tese de Doutoramento. Coimbra, FCDEF-UC.

📖 Roberts, G. (2001). Understanding the dynamics of motivation in physical activity: The influence of achievement goals on motivational processes. In G. Roberts (Ed.), *Advances in motivation in sport and exercise*, 79-100. Champaign: Human Kinetics.

📖 Rocha, I. (2007). "Competências psicológicas e o seu desenvolvimento em atletas de elite". Tese de Mestrado, área Treino Desportivo para Crianças e Jovens na especialidade de Ciências do Desporto. Coimbra, FCDEF-UC.

📖 Ryan, J. (1995). "Little girls in pretty boxes: the making and breaking of elite gymnasts and figure skaters". New York, Doubleday.

📖 Ryan & Deci (2000). Self-determination theory and the facilitation of intrinsic motivation, social developement, and well-being. *American Psychologist*, 55(1), 68-78.

📖 Sacks, H. (1992). "Lectures on Conversation". In : Jefferson, G. (eds.). Volume 2. Blackwell. Oxford.

📖 Saint-Géniès, M. (1988): "Gymnastique Artistique Feminine – Le Haut Niveau, in Education Physique et Sport", N.º 211, Mai – Jun.

📖 Saleiro, D. (2007). "A Hierarquia Axiológica e a Adequação da Oferta Desportiva – Estudo realizado em Jovens Barcelences". Monografia, na opção de Recreação e Tempos Livres. Porto, FADE-UP.

📖 Santos, J. A. R. (1995). Dietética do Desportista. Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física. Universidade do Porto. pp. 5.

📖 Sarmento, H. (2007). "Objectivos de Realização, Autonomia Percebida e Crenças Sobre a Competência Desportiva - Um Estudo Realizado com Futebolistas Portugueses". Tese Mestrado, na área de especialização de Treino Desportivo de Alto Rendimento. Porto, FADE – UP.

📖 Scanlan, T. K. (1978): "Social Evaluation: A Key Developmental Element in Competition Process". In R.ª Magill, M. J. Ash ande F. L.: Smoll (Eds.), Children in Sports: Acontemporary Anthology. II: Human Kineties.

📖 Smith, M.L. (1987). "Publishing qualitative research". *American Educacional Research Journal*, 24 (2), 173 – 183.

📖 Smolewskj, W.M. (1978). "L'entrainement en gymnastique artistique de haut niveau: un porcessus directif de longue durée". Leistungssport, nº5, 1978, pp.416-420, RFA. Traduction INSEP nº 234.

📖 Smolevsky, V., Gaverdovsky, I. (1996). "Tratado General de Gimnasia Artística Deportiva". Barcelona, Editorial Paidotribo.

📖 Sousa, A. I. C. A. (2006). "O Corpo Amputado – Percepção do Corpo no Amputado Praticante e Não Praticante de Actividade Física". Monografia, opção de Reeducação e Reabilitação. FADE-UP. Porto.

📖 Staub, M. (1986). "La talla de las Gimnastas". *Stadium*, Octubre, nº 119: 15-18.

📖 Still, C. (1993). "Manual de gimnasia artística femenina. Editorial Paidotribo, Barcelona.

📖 Teixeira, D. (2006). "Ginástica Artística Feminina – Tendências de Evolução dos Códigos de Pontuação e das *Performances* das Ginastas". Monografia. Porto, FADE-UP.

📖 Touricheva, L. (1986). "La gymnastique de haute performance estses principales orientations". In Meridians de Gymnastique, Fédération Internationale de Gymnastique, Suisse.

📖 Ukran, M.L. (1978). "Gimnasia Deportiva". Editorial Acribia, Zaragoza.

📖 Vala, J. (1986). "A Análise de Conteúdo". In: Metodologia das Ciências Sociais. Silva, A. & Pinto, J. (organizadores). Edições Afrontamento. Porto.

📖 Valenzo, N. (2003). "Opinión de los Expertos". [on-line] www.fedecolgim.org/expert.html

📖 Vallerand, R. (2004). Intrinsic and extrinsic motivation in Sport. In Spielberger C. (Ed.), *Encyclopedia of Applied Psychology*, 2, 427-435. Florida: Elsevier.

📖 Vicente, P., Reis, E., & Ferrão, F. (1996). "Sondagens – A amostragem como factor de qualidade". Lisboa: Edições Sílabo.

📖 Vidal, S. (2002). "Análise comparativa da composição dos exercícios de Solo no escalão etário dos 11 aos 13 anos em Ginástica Artística Feminina". Monografia, opção complementar de Desporto Rendimento - Ginástica. Porto, FCDEF-UP.

📖 Visscher, C.; Elferink-Gemser, M.; Lemmink, K. (2004). The role of parental support in sports success of talented young Dutch athletes. In M. Silva & R. Malina, *Children and Youth in Organized Sports* (Ed.), 123-135. Coimbra: Imprensa da Universidade.

📖 Williams A. & Reilly T. (2000). Talent identification in soccer. *Journal Sports Science*, 18, 657-667.

🕮 Wolf, R.M. (1988). "Questionnaires". In J.P. Keeves, *Educational Research Methodologie and Measurement*: A international handbook (1st ed., pp. 478-482). Oxford: Pergamon Press.

🕮 Zetaruk, M. (2000). "The young gymnastic". Clinics in sports medicine, 19: 757-779.

ANEXOS

Em Formato CD

ANEXO 1 – GUIÃO DA ENTREVISTA (1ª VERSÃO)

GUIÃO DA ENTREVISTA

Este guião da entrevista destina-se à realização de um estudo no âmbito da Dissertação de Mestrado em Treino de Alto Rendimento Desportivo, tendo como objectivo analisar, através de um estudo estatístico descritivo, a percepção que os Treinadores, Juízes e Atletas de Ginástica Artística Feminina de Alta Competição têm relativamente às alterações do Código de Pontuação FIG, entre 2001 e 2006, designadamente na influência que estas tiveram ao nível da metodologia de treino, na forma de ajuizamento das competições e consequentes reacções ao nível do treino e competição.

Solicitamos que responda a todas as questões de forma coerente, sincera e objectiva, de forma a obtermos informações válidas e fidedignas. Consideramos a sua opinião de extrema importância para a realização do estudo, pelo que agradecemos desde já a sua prontidão e cooperação, garantindo a total confidencialidade das informações recolhidas.

Parte I – Caracterização Individual

1) Treinador ☐
2) Juiz ☐
3) Atleta ☐

1. Sexo : _____

2. Idade: _____

3. Habilitações Académicas: _____

4. Para além da Ginástica, tem outra actividade profissional? _____

Se sim, qual? _____

Parte II – Guião da Entrevista

2.1 JUIZES

2.1.1 Categoria com Juiz:

Internacional A _____

Internacional B _____

Nacional (categoria 1) _____

2.1.2 Que tipo de provas é que já pontuou?

Jogos Olímpicos _____

Campeonatos do Mundo _____

Campeonatos da Europa _____

Campeonatos Nacionais _____

Torneios Internacionais _____

Taça de Portugal/Dia Olímpico _____

Outras Provas Nacionais _____

Campeonatos Distritais _____

2.1.3 Para além da sua actividade como juiz, está ou esteve ligada ao treino?

Sim ☐

Não ☐

2.1.4 Anos de actividade na Ginástica na Ginástica Artística Feminina:

como atleta ☐

como treinador ☐

como juiz ☐

2.1.5 Em relação ao Código de Pontuação (CP) de Ginástica Artística Feminina, considera que existiram grandes mudanças em relação ao último Código em Vigor, o de 2001?
Se sim, quais considera terem sido as mais significativas?

2.1.5.1 Das mudanças que enumerou, quais são no seu entender, as vantagens e desvantagens?

2.1.6 Em relação ao seu trabalho com juiz, quais as principais mudanças, diferenças e dificuldades verificadas e sentidas?

2.1.7 Está satisfeito com estas mudanças?

2.1.8 Considera que as alterações verificadas no CP vieram trazer mais exactidão no ajuizamento das ginastas e maior credibilidade à modalidade?

2.1.9 Em relação à inexistência da fasquia máxima dos 10 pontos; agora pode-se ultrapassar essa barreira, será que esse facto não veio deturpar um pouco o significado e o objectivo principal da GA (atingir a nota máxima), algo raro e inatingível, a perfeição, que tanto caracterizava a modalidade?

2.1.10 Será que esta mudança irá trazer uma maior justiça na atribuição de notas?

2.1.11 Deseja acrescentar alguma informação ou algum pormenor relativamente à alteração do CP, que no seu entender possa ser relevante?

Parte II – Guião da Entrevista

2.2 Treinadores

2.2.1 Anos de actividade na Ginástica na Ginástica Artística Feminina:

como atleta ☐

como treinador ☐

como juiz ☐

2.2.2 No seu ver é importante ter sido atleta (ex-ginasta) de GA para ser um bom treinador da modalidade?

2.2.3 Qual foi o seu percurso?

2.2.4 Em relação ao Código de Pontuação (CP) de Ginástica Artística Feminina, considera que existiram grandes mudanças em relação ao último Código em Vigor, o de 2001?
Se sim, quais considera terem sido as mais significativas?

2.2.4.1 Das mudanças que enumerou, quais são no seu entender, as vantagens e desvantagens?

2.2.4.2 Está satisfeito com estas mudanças?

2.2.5 Em relação ao seu trabalho como treinador, procedeu a mudanças ao nível da metodologia de treino, em virtude das alterações verificadas no CP 2006? Ou por outro lado, essas mudanças não alteraram de forma significativa a sua metodologia de treino aplicada ao longo de uma época ou de um ciclo olímpico?

2.2.5.1 Se respondeu sim, quais as principais mudanças que teve de fazer na sua metodologia de treino. Quais os exercícios que deixou de treinar (se deixou) e quais os que começou a treinar (se tal se verificou):

2.2.5.1.1 No aquecimento?

2.2.5.1.2 Na flexibilidade?

2.2.5.1.3 No trabalho de força (preparação física)?

2.2.5.1.4 Na coreografia (ballet)? Neste momento dá a mesma importância ou mudou alguma coisa?

2.2.5.1.5 Nos saltos?

2.2.5.1.6 Nas paralelas assimétricas?

2.2.5.1.7 Na trave?

2.2.5.1.8 No solo?

2.2.5.2 Se respondeu não, justifique porque considera que não serem necessárias alterações ao nível do treino.

2.2.5.3 Considera que as alterações verificadas no CP vieram trazer mais exactidão no ajuizamento das ginastas e maior credibilidade à modalidade?

2.2.5.4 Em relação à inexistência da fasquia máxima dos 10 pontos; agora pode-se ultrapassar essa barreira, será que esse facto não veio deturpar um pouco o significado e o objectivo principal da GA (atingir a nota máxima), algo raro e inatingível, a perfeição, que tanto caracterizava a modalidade?

2.2.5.5 A mudança em termos técnicos (de exercícios) vem proteger (dar mais segurança à ginasta), fazendo-a "jogar" pelo seguro, não arriscando tanto em exercícios de maior dificuldade, ou pelo contrário faz com que a atleta arrisque exercícios de maior valor de dificuldade?

2.2.5.6 O que pode dizer sobre o facto de certos elementos terem deixado de existir e de outros serem considerados elementos de dificuldade que no código anterior não

tinham qualquer valor? Como por exemplo, mosca ser considerado um elemento de despegue (voo)?

2.2.5.7 Os atletas estão a reagir bem a todas as alterações, o nível baixou ou só os privilegiou (beneficiou)?

2.2.5.8 Será que esta mudança irá trazer uma maior justiça na atribuição de notas ou muito pelo contrário?

2.2.5.9 Sente-se motivado?

2.2.5.10 Os atletas sentem-se motivados?

2.2.5.11 Deseja acrescentar alguma informação ou algum pormenor relativamente à alteração do CP, que no seu entender possa ser relevante?

ANEXO 2 – GUIÃO DA ENTREVISTA (PRÉ-TESTE)

GUIÃO DA ENTREVISTA

Este guião da entrevista destina-se à realização de um estudo no âmbito da Dissertação de Mestrado em Treino de Alto Rendimento Desportivo, tendo como objectivo analisar, através de um estudo estatístico descritivo, a percepção que os Treinadores e Juízes de Ginástica Artística Feminina de Alta Competição têm relativamente às alterações do Código de Pontuação FIG, entre 2001 e 2006, designadamente na influência que estas tiveram ao nível da metodologia de treino e na forma de ajuizamento das competições.

Solicitamos que responda a todas as questões de forma coerente, sincera e objectiva, de forma a obtermos informações válidas e fidedignas. Consideramos a sua opinião de extrema importância para a realização do estudo, pelo que agradecemos desde já a sua prontidão e cooperação, garantindo a total confidencialidade das informações recolhidas.

PARTE I – CARACTERIZAÇÃO INDIVIDUAL

Treinador ☐

Juiz ☐

1.1 Sexo: Masculino ☐ Feminino ☐ 1.2 Idade: _____ (anos) 1.3 Nacionalidade: _____

1.4 Habilitações Académicas:

4ªclasse	6ºano	9ºano	12ºano
☐	☐	☐	☐
Bacharelato	Licenciatura	Mestrado	Doutoramento
☐	☐	☐	☐

1.5 Para além da sua formação académica, qual o seu nível de formação:

o como treinador _____

o como juiz _____

1.6 Para além da Ginástica, tem outra actividade profissional?

Sim ☐

Não ☐

Se sim, qual? _____

PARTE II

2.1 GUIÃO DA ENTREVISTA – TREINADORES

2.1.1 Anos de actividade na Ginástica Artística:

o como atleta _____ (anos)

o como treinador _____ (anos)

o como juiz _____ (anos)

2.1.2 No âmbito da Ginástica Artística Feminina, que papeis já desempenhou como treinador?

Treino de Jovens (Iniciação)	Treino de Jovens (Aperfeiçoamento)	Treino (Competição)	Treino (Alto Rendimento)
☐	☐	☐	☐

2.1.3 No âmbito da Ginástica Artística Feminina, que papel desempenha actualmente como treinador?

Treino de Jovens (Iniciação)	Treino de Jovens (Aperfeiçoamento)	Treino (Competição)	Treino (Alto Rendimento)
☐	☐	☐	☐

2.1.4 No seu ver é importante ter sido atleta (ex-ginasta) de GA, para ser um bom treinador da modalidade? (Justifique/Argumente a resposta dada)

Sim ☐

Não ☐

2.1.5 Em relação ao Código de Pontuação de Ginástica Artística Feminina (CP 2006), considera terem existido grandes mudanças/alterações em relação ao último Código em Vigor (CP 2001)?

Sim ☐

Não ☐

2.1.5.1 Se sim, quais considera terem sido as mais significativas?

2.1.5.2 Das mudanças/alterações verificadas, quais são no seu entender, as vantagens e desvantagens?

2.1.5.3 Está satisfeito com estas mudanças/alterações do CP? (Justifique em função da sua participação presente no treino)

Sim ☐

Não ☐

2.1.6 Em relação ao seu trabalho como treinador, procedeu a mudanças ao nível da metodologia de treino, em virtude das alterações verificadas no CP 2006? Ou por outro lado, essas mudanças não alteraram de forma significativa a sua metodologia de treino aplicada ao longo de uma época ou de um ciclo olímpico?

Sim ☐

Não ☐

2.1.6.1 Se respondeu não, justifique porque considera que não terem sido necessárias alterações ao nível do treino.

2.1.6.2 Se respondeu sim, quais as principais mudanças que teve de fazer na sua metodologia de treino. Quais os exercícios que deixou de treinar (se deixou) e quais os que começou a treinar (se tal se verificou)?

2.1.6.2.1 No aquecimento?

2.1.6.2.2 Na flexibilidade?

2.1.6.2.3 No trabalho de força (preparação física)?

2.1.6.2.4 Na coreografia (ballet)? Neste momento dá a mesma importância a esta componente de treino da GAF ou mudou alguma coisa?

2.1.6.2.5 Nos saltos?

2.1.6.2.6 Nas paralelas assimétricas?

2.1.6.2.7 Na trave?

2.1.6.2.8 No solo?

2.1.6.2.9 Em relação às novas ligações de elementos possíveis, nas PA, na TR e no SO? (Devido à valorização que é dada actualmente pelo CP às ligações).

2.1.7 Considera que as alterações verificadas no CP vieram trazer mais exactidão no ajuizamento das ginastas e maior credibilidade à modalidade? (Justifique/Argumente a resposta dada)

Sim ☐

Não ☐

2.1.8 Uma vez que actualmente se pode ultrapassar a fasquia máxima dos 10 pontos, concorda com a alteração do CP que veio permitir o estabelecimento de recordes na GA? Não veio este facto deturpar o significado e o objectivo principal da GA (atingir a nota máxima), algo raro e inatingível, a perfeição, que tanto caracterizava a modalidade? (Justifique/Argumente a resposta dada)

2.1.9, Tendo em consideração que o risco de executar exercícios de maior valor (VD) pode valorizar o exercício de uma atleta e levar a uma vitória, por outro lado, a penalização por queda é muito elevada (0.80 p.) e pode levar à consequente derrota. Na sua opinião, vale ou não a pena correr o risco de executar os elementos mais difíceis, e quais as situações em que colocará os seus ginastas numa ou noutra opção.

Sim ☐

Não ☐

2.1.10 Comparativamente ao CP anterior vários elementos deixaram de ter valor de dificuldade (VD) enquanto que outros passaram a ter mais valor de dificuldade (VD). Acha que de uma forma geral isso foi positivo ou negativo? Existe algum ou alguns elementos com que não está de acordo em ter(em) sido alterado(s)?

2.1.11 Verifica que as novas alterações vieram facilitar a participação competitiva (resultados) dos seus ginastas?

Sim ☐

Não ☐

2.1.12 Como treinador, sente-se mais motivado?

Sim ☐

Não ☐

2.1.13 Os atletas sentem-se mais motivados?

Sim ☐

Não ☐

2.1.14 Deseja acrescentar alguma informação ou algum pormenor relativamente à alteração do CP, que no seu entender possa ser relevante?

2.2 GUIÃO DA ENTREVISTA – JUIZES

2.2.1 Categoria com Juiz:

- o Internacional A ☐
- o Internacional B ☐
- o Nacional (categoria I) ☐
- o Nacional (categoria II) ☐

2.2.2 Que tipo de provas é que já pontuou?

Jogos Olímpicos ☐	Campeonatos do Mundo ☐	Campeonatos da Europa ☐	Taça do Mundo ☐	Torneios Internacionais ☐
	Campeonatos Nacionais ☐	Taça de Portugal Dia Olímpico ☐	Outras Provas Nacionais ☐	Campeonatos Distritais ☐

2.2.3 Anos de actividade na Ginástica Artística:

- o como atleta _____ (anos)
- o como treinador _____ (anos)
- o como juiz _____ (anos)

2.2.3.1 Para além da sua actividade como Juiz, encontra-se actualmente ligada ao treino?

Sim ☐

Não ☐

2.2.4 Em relação ao Código de Pontuação de Ginástica Artística Feminina (CP 2006), considera terem existido grandes mudanças/alterações em relação ao último Código em Vigor (CP 2001)?

Sim ☐

Não ☐

2.2.4.1 Se sim, quais considera terem sido as mais significativas?

2.2.4.2 Das mudanças/alterações verificadas, quais são no seu entender, as vantagens e desvantagens?

2.2.5 Em relação ao seu trabalho como juiz, quais as principais mudanças, diferenças e dificuldades verificadas e sentidas?

2.2.6 Acha mais fácil pontuar com o novo CP? (Justifique/Argumente a resposta dada)

Sim ☐

Não ☐

2.2.7 Considera que as alterações verificadas no CP vieram trazer mais exactidão no ajuizamento das ginastas e maior credibilidade à modalidade? (Justifique/Argumente a resposta dada)

Sim ☐

Não ☐

2.2.8 Uma vez que actualmente se pode ultrapassar a fasquia máxima dos 10 pontos, concorda com a alteração do CP que veio permitir o estabelecimento de recordes na GA? Não veio este facto deturpar o significado e o objectivo principal da GA (atingir a nota máxima), algo raro e inatingível, a perfeição, que tanto caracterizava a modalidade? (Justifique/Argumente a resposta dada)

2.2.9 Considera que esta mudança irá trazer uma maior justiça na atribuição de notas? (Justifique/Argumente a resposta dada)

2.2.10 Deseja acrescentar alguma informação ou algum pormenor relativamente à alteração do CP, que no seu entender possa ser relevante?

ANEXO 3 – GUIÃO DA ENTREVISTA - FINAL (2ª VERSÃO)

GUIÃO DA ENTREVISTA

Este guião da entrevista destina-se à realização de um estudo no âmbito da Dissertação de Mestrado em Treino de Alto Rendimento Desportivo, tendo como objectivo analisar, através de um estudo estatístico descritivo, a percepção e entendimento que os Treinadores e Juízes de Ginástica Artística Feminina de Alta Competição têm relativamente às alterações do Código de Pontuação FIG, entre 2001 e 2006, designadamente na influência que estas tiveram ao nível da metodologia de treino e na forma de ajuizamento das competições.

Solicitamos que responda a todas as questões de forma coerente, sincera e objectiva, de forma a obtermos informações válidas e fidedignas. Consideramos a sua opinião de extrema importância para a realização do estudo, pelo que agradecemos desde já a sua prontidão e cooperação, garantindo a total confidencialidade das informações recolhidas.

PARTE I – CARACTERIZAÇÃO INDIVIDUAL

Treinador ☐

Juiz ☐

1.1 Sexo: Masculino ☐ Feminino ☐ 1.2 Idade: _____ (anos) 1.3 Nacionalidade: _____

1.4 Habilitações Académicas:

4ªclasse	6ºano	9ºano	12ºano
☐	☐	☐	☐
Bacharelato	Licenciatura	Mestrado	Doutoramento
☐	☐	☐	☐

1.5 Para além da sua formação académica, qual o seu nível de formação:

o como treinador _____

o como juiz _____

1.6 Para além da Ginástica, tem outra actividade profissional?

Sim ☐

Não ☐

Se sim, qual? _____

PARTE II

2.1 GUIÃO DA ENTREVISTA – TREINADORES

2.1.1 Anos de actividade na Ginástica Artística:

o como atleta _____ (anos)

o como treinador _____ (anos)

o como juiz _____ (anos)

2.1.2 No âmbito da Ginástica Artística Feminina, que papeis já desempenhou como treinador?

Treino de Jovens (Iniciação)	Treino de Jovens (Aperfeiçoamento)	Treino (Competição)	Treino (Alto Rendimento)
☐	☐	☐	☐

2.1.3 No âmbito da Ginástica Artística Feminina, que papel desempenha actualmente como treinador?

Treino de Jovens (Iniciação)	Treino de Jovens (Aperfeiçoamento)	Treino (Competição)	Treino (Alto Rendimento)
☐	☐	☐	☐

2.1.4 No seu ver é importante ter sido atleta (ex-ginasta) de GA, para ser um bom treinador da modalidade? (Justifique/Argumente a resposta dada)

Sim ☐

Não ☐

2.1.5 Em relação ao Código de Pontuação de Ginástica Artística Feminina (CP 2006), considera terem existido grandes mudanças/alterações em relação ao último Código em Vigor (CP 2001)?

Sim ☐

Não ☐

2.1.5.1 Se sim, quais considera terem sido as mais significativas?

2.1.5.2 Das mudanças/alterações verificadas, quais são no seu entender, as vantagens e desvantagens?

2.1.5.3 Está satisfeito com estas mudanças/alterações do CP? (Justifique em função da sua participação presente no treino)

Sim ☐

Não ☐

2.1.6 Em relação ao seu trabalho como treinador, procedeu a mudanças ao nível da metodologia de treino, em virtude das alterações verificadas no CP 2006? Ou por outro lado, essas mudanças não alteraram de forma significativa a sua metodologia de treino aplicada ao longo de uma época ou de um ciclo olímpico?

Sim ☐

Não ☐

2.1.6.1 Se respondeu não, justifique porque considera que não terem sido necessárias alterações ao nível do treino.

2.1.6.2 Se respondeu sim, quais as principais mudanças que teve de fazer na sua metodologia de treino. Quais os exercícios que deixou de treinar (se deixou) e quais os que começou a treinar (se tal se verificou)?

2.1.6.2.1 No aquecimento?

2.1.6.2.2 Na flexibilidade?

2.1.6.2.3 No trabalho de força (preparação física)?

2.1.6.2.4 Na coreografia (ballet)? Neste momento dá a mesma importância a esta componente de treino da GAF ou mudou alguma coisa?

2.1.6.2.5 Nos saltos?

2.1.6.2.6 Nas paralelas assimétricas?

2.1.6.2.7 Na trave?

2.1.6.2.8 No solo?

2.1.6.2.9 Em relação às novas ligações de elementos possíveis, nas PA, na TR e no SO? (Devido à valorização que é dada actualmente pelo CP às ligações).

2.1.7 Considera que as alterações verificadas no CP vieram trazer mais exactidão no ajuizamento das ginastas e maior credibilidade à modalidade? (Justifique/Argumente a resposta dada)

Sim ☐

Não ☐

2.1.8 Uma vez que actualmente se pode ultrapassar a fasquia máxima dos 10 pontos, concorda com a alteração do CP que veio permitir o estabelecimento de recordes na GA? Não veio este facto deturpar o significado e o objectivo principal da GA (atingir a nota máxima), algo raro e inatingível, a perfeição, que tanto caracterizava a modalidade? (Justifique/Argumente a resposta dada)

2.1.9, Tendo em consideração que o risco de executar exercícios de maior valor (VD) pode valorizar o exercício de uma atleta e levar a uma vitória, por outro lado, a penalização por queda é muito elevada (0.80 p.) e pode levar à consequente derrota. Na sua opinião, vale ou não a pena correr o risco de executar os elementos mais difíceis, e quais as situações em que colocará os seus ginastas numa ou noutra opção.

Sim ☐

Não ☐

2.1.10 Comparativamente ao CP anterior vários elementos deixaram de ter valor de dificuldade (VD) enquanto que outros passaram a ter mais valor de dificuldade (VD). Acha que de uma forma geral isso foi positivo ou negativo? Existe algum ou alguns elementos com que não está de acordo em ter(em) sido alterado(s)?

2.1.11 Verifica que as novas alterações vieram facilitar a participação competitiva (resultados) dos seus ginastas?

Sim ☐

Não ☐

2.1.12 Como treinador, sente-se mais motivado?

Sim ☐

Não ☐

2.1.13 Os atletas sentem-se mais motivados?

Sim ☐

Não ☐

2.1.14 Deseja acrescentar alguma informação ou algum pormenor relativamente à alteração do CP, que no seu entender possa ser relevante?

2.2 GUIÃO DA ENTREVISTA – JUIZES

2.2.1 Categoria com Juiz:

- o Internacional A ☐
- o Internacional B ☐
- o Nacional (categoria I) ☐
- o Nacional (categoria II) ☐

2.2.2 Que tipo de provas é que já pontuou?

Jogos Olímpicos	Campeonatos do Mundo	Campeonatos da Europa	Taça do Mundo	Torneios Internacionais
☐	☐	☐	☐	☐
	Campeonatos Nacionais	Taça de Portugal Dia Olímpico	Outras Provas Nacionais	Campeonatos Distritais
	☐	☐	☐	☐

2.2.3 Anos de actividade na Ginástica Artística:

- o como atleta _____ (anos)
- o como treinador _____ (anos)
- o como juiz _____ (anos)

2.2.3.1 Para além da sua actividade como Juiz, encontra-se actualmente ligada ao treino?

Sim ☐

Não ☐

2.2.4 Em relação ao Código de Pontuação de Ginástica Artística Feminina (CP 2006), considera terem existido grandes mudanças/alterações em relação ao último Código em Vigor (CP 2001)?

Sim ☐

Não ☐

2.2.4.1 Se sim, quais considera terem sido as mais significativas?

2.2.4.2 Das mudanças/alterações verificadas, quais são no seu entender, as vantagens e desvantagens?

2.2.5 Em relação ao seu trabalho como juiz, quais as principais mudanças, diferenças e dificuldades verificadas e sentidas?

2.2.6 Acha mais fácil pontuar com o novo CP? (Justifique/Argumente a resposta dada)

Sim ☐

Não ☐

2.2.7 Considera que as alterações verificadas no CP vieram trazer mais exactidão no ajuizamento das ginastas e maior credibilidade à modalidade? (Justifique/Argumente a resposta dada)

Sim ☐

Não ☐

2.2.8 Uma vez que actualmente se pode ultrapassar a fasquia máxima dos 10 pontos, concorda com a alteração do CP que veio permitir o estabelecimento de recordes na GA? Não veio este facto deturpar o significado e o objectivo principal da GA (atingir a nota máxima), algo raro e inatingível, a perfeição, que tanto caracterizava a modalidade? (Justifique/Argumente a resposta dada)

2.2.9 Considera que esta mudança irá trazer uma maior justiça na atribuição de notas? (Justifique/Argumente a resposta dada)

2.2.10 Deseja acrescentar alguma informação ou algum pormenor relativamente à alteração do CP, que no seu entender possa ser relevante?

ANEXO 4 – TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS (PRÉ-TESTE)

PRÉ-TESTE

PARTE I – CARACTERIZAÇÃO INDIVIDUAL

Treinador ☒

Juiz ☐

1.1 Sexo: Masculino ☒ Feminino ☐ 1.2 Idade: 40 (anos) 1.3 Nacionalidade: Portuguesa

1.4 Habilitações Académicas:

4ªclasse	6ºano	9ºano	12ºano
☐	☐	☐	☐
Bacharelato	**Licenciatura**	**Mestrado**	**Doutoramento**
☐	☒	☐	☐

1.5 Para além da sua formação académica, qual o seu nível de formação:

o como treinador Nível 3

o como juiz Internacional – Categoria II

1.6 Para além da Ginástica, tem outra actividade profissional?

Sim ☒

Não ☐

Se sim, qual? Juiz Internacional

PARTE II

2.1 GUIÃO DA ENTREVISTA – TREINADORES

2.1.1 Anos de actividade na Ginástica Artística:

o como atleta 13 (anos)

o como treinador 21 (anos)

o como juiz 20 (anos)

2.1.2 No âmbito da Ginástica Artística Feminina, que papeis já desempenhou como treinador?

Treino de Jovens (Iniciação)	Treino de Jovens (Aperfeiçoamento)	Treino (Competição)	Treino (Alto Rendimento)
☒	☒	☒	☒

2.1.3 No âmbito da Ginástica Artística Feminina, que papel desempenha actualmente como treinador?

Treino de Jovens (Iniciação)	Treino de Jovens (Aperfeiçoamento)	Treino (Competição)	Treino (Alto Rendimento)
☐	☐	☒	☒

Treinador Nacional GAM

2.1.4 No seu ver é importante ter sido atleta (ex-ginasta) de GA, para ser um bom treinador da modalidade? (Justifique/Argumente a resposta dada)

Sim ☒

Não ☐

Se for a nível de iniciação e treino de jovens se calhar não é um requisito determinante porque acho que até a esse nível toda a gente pode minimamente fazer o ensino da ginástica. Agora quando chega ao treino de competição, de alto rendimento é uma mais valia se ele tiver sido atleta porque tem outras referências, em termos de experiências, vivências, de competição, em termos de todo um passado desportivo que certeza lhe dá melhor orientação em termos de apoios de trabalho que tem que fazer com a competição, nomeadamente o alto rendimento que é o mais importante.

2.1.5 Em relação ao Código de Pontuação de Ginástica Artística Feminina (CP 2006), considera terem existido grandes mudanças/alterações em relação ao último Código em Vigor (CP 2001)?

Sim ☒

Não ☐

2.1.5.1 Se sim, quais considera terem sido as mais significativas?

Inicialmente é aquela situação de passar de 10 pontos que era o tecto, e agora não há tecto em termos de avaliação. E depois em termos de construção dos exercícios que foi determinante porque os exercícios valiam muito pelas grandes dificuldades e pelas combinações que essas dificuldades poderiam ter, e agora já não é tanto, é também pela combinação, mas não é só, é mais até pela diversidade de famílias que o ginasta possa ter que pode muito bem ter um número, um exercício bastante valioso sem fazer só coisas difíceis.

2.1.5.2 Das mudanças/alterações verificadas, quais são no seu entender, as vantagens e desvantagens?

As desvantagens não sei se pode-se dizer que sejam desvantagens porque é sempre uma evolução que o código está a ter em termos de linhas orientadores decidiram defini-las. Em termos mais de vantagens é um código aberto, é um código em que, por exemplo começou-se a fazer elementos que já se tinham um bocado deixado de fazer porque não se justificava estar a fazer, talvez de alguma forma pelo juiz B que era o da execução que tenha orientado para que as pessoas, estava-se a correr muito no risco e as pessoas se calhar a falhar, e agora com este tipo de código, se calhar as pessoas já têm que fazer difícil sim, mas têm que fazer muito mais seguro porque agora as deduções é 1, 3, e 5 e queda 8 décimos, e isso define e faz com que as pessoas treinem mais técnica e menos risco. A vantagem é, apesar de tudo, a segurança que no fundo dá também ao ginasta? Porque ele executa exercícios mais acessíveis para ele porque não vale a pena o risco? *Não. Isso já no outro código, aliás, havia lá uma parte que eu acho que é importante e que não se liga muito mas que é importante, o ginasta só deve fazer o exercício mediante as suas capacidades, mediante aquilo que consegue fazer. E é um erro às vezes tentar-se que um ginasta faça ou querer fazer… por exemplo… uma dupla com dupla pirueta de saída num aparelho, por exemplo na barra fixa, e ás vezes ele não ter controlo absoluto, mais vale fazer duplo com uma pirueta só, em vez de fazer com dupla pirueta. Se calhar isso é preferível, ele ter mais controlo, até em termos visuais e em termos estéticos é mais bonito se ele fizer só uma pirueta do que fazer dupla, e portanto, é mais a esse nível.*

2.1.5.3 Está satisfeito com estas mudanças/alterações do CP? (Justifique em função da sua participação presente no treino)

Sim ☒

Não ☐

Bem, isso, portanto, são regras, e uma pessoa cumpre as regras, e tenta-se adaptar, ao fim de um ano, ao fim de dois e tenta seguir os melhores caminhos. O treino, eu acho que as regras quando vêm não influenciam muito em termos do treino, por exemplo, do trabalho que eu fazia antes e do trabalho que faço agora, em termos de metodologia de treino não variou significativamente, até se pode dizer que não foi isso, não,… a única coisa é mais em termos da construção do exercício porque o trabalho em termos muscular, de preparação física, em termos de trabalho técnico, em termos de ser trabalho bi-diário, em termos de preparação com determinada antecedência, em termos de micro-ciclos que se tenha que organizar, as coisas mais ou menos mantêm-se… não é por causa do código que isso vai alterar-se muito. É mais em termos da construção do exercício e agora o que se nota e isso sim, é que este código veio exigir talvez um pouco mais de trabalho de resistência, porque os números tornaram-se um bocadinho,… são na mesma dez elementos mas devido a tentar-se colocar o maior numero de dificuldades naqueles dez elementos faz com que os exercícios fiquem mais "pesados". Posso dizer que estou satisfeito com as mudanças mas no treino não houve grandes alterações.

2.1.6 Em relação ao seu trabalho como treinador, procedeu a mudanças ao nível da metodologia de treino, em virtude das alterações verificadas no CP 2006? Ou por outro lado, essas mudanças não alteraram de forma significativa a sua metodologia de treino aplicada ao longo de uma época ou de um ciclo olímpico?

Sim ☐

Não ☒

2.1.6.1 Se respondeu não, justifique porque considera que não terem sido necessárias alterações ao nível do treino.

É porque em termos de… a ginástica continua a ser a mesma, o trabalho continua a ser o mesmo, em termos de metodologia continua-se a preparar as competições da mesma forma, é mais a nível da construção do exercício que temos que adaptar. Dantes havia elementos que não utilizávamos e agora colocar mais um C justifica-se, colocar mais

esse C é mais uma carga em termos de trabalho, em termos da composição do exercício que exige um bocadinho mais talvez de resistência, é isso que tenho notado. E agora tenta-se treinar, trabalhar um bocadinho mais a resistência, e a incidência talvez um bocadinho mais em metades, dantes fazia-se números agora talvez é fazer mais vezes metade, metade para tentar ganhar aos poucos essa resistência.

2.1.6.2 Se respondeu sim, quais as principais mudanças que teve de fazer na sua metodologia de treino. Quais os exercícios que deixou de treinar (se deixou) e quais os que começou a treinar (se tal se verificou)?

2.1.6.2.1 No aquecimento?

2.1.6.2.2 Na flexibilidade?

2.1.6.2.3 No trabalho de força (preparação física)?

2.1.6.2.4 Na coreografia (ballet)? Neste momento dá a mesma importância a esta componente de treino da GAF ou mudou alguma coisa?

2.1.6.2.5 Nos saltos?

2.1.6.2.6 Nas paralelas assimétricas?

2.1.6.2.7 Na trave?

2.1.6.2.8 No solo?

2.1.6.2.9 Em relação às novas ligações de elementos possíveis, nas PA, na TR e no SO? (Devido à valorização que é dada actualmente pelo CP às ligações).

O treino em si não muda. O que muda é em termos do que tens… aliás porque o código de 4 em 4 anos muda, e todos os anos que muda, uma pessoa tem que adaptar, mas adapta em termos da realização do exercício, ou seja, porque o código determina mais, qual a orientação dos exercícios em si. Em termos da ginástica, o que é que vai seguir mais do que o trabalho, em termos depois no terreno, é mais em termos da construção do exercício. Houve uma altura no código antigo que privilegiava as ligações em termos de B, E… agora aumentou para B, E e F,. mas só que por exemplo, cavalo, paralelas, mesmo nos outros aparelhos, barra, não há ligações. Há, tens é que se executar F ou E para tentar que a dificuldade seja a mais elevada possível.

2.1.7 Considera que as alterações verificadas no CP vieram trazer mais exactidão no ajuizamento das ginastas e maior credibilidade à modalidade? (Justifique/Argumente a resposta dada)

Sim ☒

Não ☐

Sim, o código mudou e uma das razões pelo qual mudou foi tentar que houvesse acima de tudo maior… umas das razões pela qual houve a necessidade de alterar o código foi porque havia… as pontuações estavam muito próximas umas das outras, ou seja, às vezes via-se notas entre a casa dos 9.500 até ao 10.000, uma proximidade muito grande, eram 9.525, 9.575… eles essencialmente tentaram que o juiz B tivesse uma dedução mais alargada, que é por isso que é 1, 3 décimos. Agora ter uma falha média são 3 décimos e que pode entre os juízes ser muito sensível, um juiz dar 1 ou dar 3, que se um dá duas vezes 3 e outro duas vezes 1, estamos a falar de 4 décimos de diferença. E portanto, o que eles tentaram era que com este código houvesse uma maior discrepância entre os ginastas, portanto, se calhar, aqueles que são melhores dar mais destaque, e isso penso que tentam, e até ver acho que tem acontecido que realmente quem, quem o juiz, … e como é um conjunto de seis juízes, essencialmente, porque a nota A é aquilo é aquilo, … mas agora em termos de ajuizamento do júri B, penso que, acho que há maior, talvez há mais exactidão e portanto uma maior credibilidade, como consequência.

2.1.8 Uma vez que actualmente se pode ultrapassar a fasquia máxima dos 10 pontos, concorda com a alteração do CP que veio permitir o estabelecimento de recordes na GA? Não veio este facto deturpar o significado e o objectivo principal da GA (atingir a nota máxima), algo raro e inatingível, a perfeição, que tanto caracterizava a modalidade? (Justifique/Argumente a resposta dada)

Por acaso quando veio este código falou-se nessa possibilidade de haver recordes, mas uma coisa é certa, não tenho visto nem em termos das competições internacionais que estive, e estivemos agora no Campeonato do Mundo, Campeonatos da Europa, portanto, Taças do Mundo, quer em termos das competições quer em termos até dos órgãos de comunicação ainda não vi grande alarido por causa de… bater recordes. Continua-se, pronto há as notas de 14, 15 que seja 16, mas ainda na ginástica ainda não existe essa cultura do recorde, acho que o recorde fica para os tempos para já e não para as notas. E não, não acho que tenha vindo a prejudicar a ginástica o facto de ter deixado de existir a nota 10. Não até acho que esta situação está relacionada com a pergunta anterior em termos da exactidão, credibilidade, eu acho que é positiva, porque dantes havia um ginasta nas finais, como chegou a haver, quer dizer,

separados por centésimos, e isso, centésimos são coisas que custa às vezes em termos de uma avaliação que para todos os efeitos é sempre subjectiva, acho que ganhou com isso, se calhar, este tipo de avaliação. Porque ao fim ao cabo a ginástica continua a ser a mesma, o que eu vejo quem eram, os que eram os Campeões do Mundo continuam a ter a predominância nesses resultados, portanto, pode haver um ou outro país ou atleta que tenha se calhar com este código, … mas quem é bom continua a ser bom, é sempre bom.

O não limite da nota A vai distinguir mais os atletas uns dos outros - *As notas de partida (antigamente), que agora é a nota A, o que acontece agora é que ter uma nota A alta, … dantes havia com a nota de partida era logo deduzido só em termos de execução, claro que sempre, … é como agora, quem tiver uma nota A alta, mesmo que desconte um bocadinho mais tem uma maior probabilidade de chegar mais alto. Porque vamos supor, o exemplo sempre que há um que tem nota de partida 6, há outro que tem nota de partida 5,5, portanto o de 6 tem meio ponto de vantagem em relação a ele, mesmo que dê uma falha média que é 3 décimos, ainda fica a ganhar, ou seja, o que é sempre importante, e isso já nos outros códigos é antigo, e sempre o que eu faço e preocupo-me, é haver uma boa relação entre a nota A, neste caso, agora neste código, a nota A e a nota B, ou seja, tentar sim uma maior dificuldade possível, mas que também seja bem executado, para também haver uma menor dedução possível de nota B. E esse equilíbrio é que faz com que a nota possa ser mais alta.*

2.1.9 Tendo em consideração que o risco de executar exercícios de maior valor (VD) pode valorizar o exercício de uma atleta e levar a uma vitória, por outro lado, a penalização por queda é muito elevada (0.80 p.) e pode levar à consequente derrota. Na sua opinião, vale ou não a pena correr o risco de executar os elementos mais difíceis, e quais as situações em que colocará os seus ginastas numa ou noutra opção.

Sim ☐

Não ☒

Uma das coisas que faço em termos de trabalho é por exemplo, este ano… há Campeonato da Europa em Abril, Campeonato do Mundo em Setembro, todo o trabalho que eu faço é chegar em Abril, chegar ao Campeonato do Mundo em que haja o menor número de risco possível no exercício, ou seja, é o atleta sentir que nos seis aparelhos vai lá e tem uma segurança, claro que cada competição tem a sua história e tudo pode acontecer, mas… tudo e todo o trabalho que eu faço é polir, limar, todas as arestas, todas as falhas de forma a que o ginasta sinta segurança e que haja a

menor possibilidade de risco. Que é para que… portanto, oito décimos é muita coisa. Mas antigamente apesar de tudo dava para correr uma bocado mais o risco? *Sim, dantes era meio ponto, agora oito décimos é muita coisa, é quase um ponto, é mais que um ponto, porque geralmente quando falha já não conta o elemento, se for um elemento que seja muito difícil, vamos supor, um E, são cinco décimos, ele perde 1.30. Portanto não vale mesmo a pena correr o risco, arriscar.*

2.1.10 Comparativamente ao CP anterior vários elementos deixaram de ter valor de dificuldade (VD) enquanto que outros passaram a ter mais valor de dificuldade (VD). Acha que de uma forma geral isso foi positivo ou negativo? Existe algum ou alguns elementos com que não está de acordo em ter(em) sido alterado(s)?

Não, … a única coisa é que ainda se, … de uma forma geral os elementos estão mais ou menos equilibrados, a única coisa que eu às vezes ainda acho é que, por exemplo a diferença entre, vamos supor, vamos pegar na barra, duplo empranchado com uma pirueta é um D, e duplo empranchado com dupla pirueta é um E, um vale 0.4 e outro vale 0.5, a diferença é um décimo entre eles, um décimo, … chegar ao chão e dar um pequeno passo é um desconto de um décimo que e é a diferença entre eles. Ou seja, ás vezes esta relação entre os elementos, se calhar podiam estar um bocadinho mais diferenciados, podiam estar mais destacados, talvez em vez de ser, por exemplo, os elementos mais difíceis, por exemplo, a diferença se calhar, entre o A, B e C, por e.x. que é um décimo de diferença, se calhar para os D, E e F ser dois décimos de diferença. Se calhar não ficava mal e justificava que às vezes, ou seja, porque aqui realmente o atleta tem que fazer, ou faz mesmo, controla mesmo aquele elemento, ou então nem vale a pena treiná-lo porque senão é para levar "coça". E aí talvez a única coisa que eu acho que podia se calhar, vá lá, entre os E e F, realmente, se calhar haver uma diferença de dois décimos de dificuldade.

Houve elementos que baixaram de valor mas isso também é devido à evolução que a ginástica tem e que sempre foi o que aconteceu. Dantes fazer uma dupla pirueta no solo, agora um miúdo de 12, 13 anos faz uma dupla pirueta. Obrigatoriamente as coisas, devido a evolução, mesmo os próprios treinos, os próprios aparelhos possibilitam, e há melhores aparelhos até em termos de ajudas, os trampolins, essas coisas, dá para os miúdos trabalharem mais cedo e mais precocemente essas dificuldades. Portanto é natural que às vezes haja, acho, de uma forma geral alguns elementos vão baixando de valor. Agora, relativamente a haver elementos que tenham subido de valor acho que, não me recordo assim especialmente, agora de momento, para já não é uma coisa geral, baixar sim, subir não me recordo

de nenhum.

Sim, acho que foi positivo. O problema é às vezes e com este código eu penso que nisso houve um aproximar que era, a evolução era sempre constante, quer dizer qualquer dia os atletas, passo a expressão, tinham que ser "Super Homens", porque os atletas, … estão sempre a aumentar a dificuldade sempre a aumentar a dificuldade e os atletas vão sentindo algumas dificuldades em termos de treino, de carga em termos depois de exercícios e até mesmo em termos de continuidade, principalmente até de continuidade dos atletas, ou seja, como agora há alguns atletas que se mantêm num ou noutro aparelho até aos 30, em termos de continuidade se for sempre um crescente em termos de dificuldade claro os atletas não conseguem manter sempre o mesmo nível. Por exemplo como a natação, aprende a nadar e é a nadar até ao fim da vida dele. É uma questão depois se consegue manter ou não a performance ou os níveis de alto rendimento. E na ginástica não. Ele pode ter uma boa performance na mesma, mas de repente as dificuldades que ele tem baixarem de tal forma que ele no ciclo a seguir não consegue acompanhar, manter o nível. E isso é que eu acho, era a situação que era menos benéfica, nomeadamente na masculina, notava-se isso. E eu acho que agora, se calhar com este código, que me permite que as dificuldades, pode-se fazer mais dificuldades nível C, nível D e continuar a ter um bom nível, principalmente para atletas que se calhar mesmo num aparelho ou noutro possam manter um nível de alto rendimento mas acima de tudo também para a equipa às vezes continuarem a ter outros aparelhos com nível médio em termos de prestação.

2.1.11 Verifica que as novas alterações vieram facilitar a participação competitiva (resultados) dos seus ginastas?

Sim ☐

Não ☒

Não. É igual ao que era dantes. É o que eu digo… quem é bom continua a ser bom, quem é médio continua a ser médio.

2.1.12 Como treinador, sente-se mais motivado?

Sim ☐

Não ☒

Por causa do código… não. Não me sinto nem mais nem menos. É… o meu trabalho é este. E em termos de trabalho,

um treinador trabalha para que os seus ginastas evoluam e para que façam boas prestações competitivas, agora, não é pelo código que vai deixar de gostar de ginástica ou que vai deixar de gostar da profissão que tem.

2.1.13 Os atletas sentem-se mais motivados?

Sim ☐

Não ☒

Eu acho que os atletas têm determinados objectivos pessoais. Um pode ser participar ao nível de competições nacionais, outros ginastas podem sentir-se motivados para chegar à selecção nacional, outros chegar à selecção nacional e participarem num Campeonato da Europa e/ou do Mundo. Os ginastas sentem-se motivados pelo desporto em si e pelos objectivos que têm. Independentemente se agora é esta regra ou aquela, aquele regulamento, … é pela modalidade em si que as pessoas estão.

2.1.14 Deseja acrescentar alguma informação ou algum pormenor relativamente à alteração do CP, que no seu entender possa ser relevante?

Se calhar a alteração, … o que eu acho negativo… acho duas coisas e que uma pessoa ao longo dos anos começa a sentir um bocadinho… que é … em primeiro lugar, na ginástica e há uma coisa errada que é, começa o ciclo olímpico que são de 4 anos, e às vezes até um ano antes, o comité técnico internacional está constantemente a fazer alterações. E eu acho isso altamente negativo, porque muitas das vezes desenvolve-se um trabalho durante um ano, um ano e meio, para determinado objectivo e atingir determinado resultado, e depois subitamente vem uma alteração a essa regra com que nós nos orientamos e que temos que alterar o trabalho. Acho isso altamente negativo para os ginastas, essencialmente. Está certo que agora com este código foi um código que mudou completamente a estrutura que era dantes, do 10, ok… teve que haver, se calhar, mais adaptações e justifica-se que algumas coisas tenham que ser ajustadas. Mas o problema é que já é uma coisa que vem doutros ciclos olímpicos e que eu acho que é altamente negativo. Ou seja, define-se as regras e tem que se fazer num espaço de, sei lá, de meio ano um teste ou uma confirmação em termos do que é… e aplica-la e não mexer mais. As possíveis alterações fazer só no ciclo olímpico a seguir e deixarem as pessoas trabalharem. Depois outra situação que eu acho, é que o código, e penso que eles pelo menos têm essa ideia, é … de ciclo olímpico em ciclo olímpico não mudar tão radicalmente, como às vezes muda. Porque há ginastas, que por exemplo, atingem a sua maturidade na GAM aos vinte e tal anos, 20, 22 anos, ou seja, um

ginasta que fez… e é uma carreira, que já se calhar começou desde os seus 6, 7 anos, chega, vamos supor aos 22 anos tem 15 anos de ginástica, … é um investimento muito grande. Em que era bom que ele se mantivesse mais tempo. Não só porque foi um investimento pessoal do ginasta, dos clubes, das federações, portanto se o código se mantivesse mais homogéneo, não houvesse alterações tão significativas de ciclo para ciclo, o ginasta, por exemplo, aos 20, mantinha-se mais 4 anos e até depois mantinha-se mais 4 anos, até aos 28. Se não for um ginasta com tanto talento, há alguns ginastas que conseguem manter isso, por exemplo o caso das argolas, o Lotchev, penso ser o único ginasta que já esteve em 4 Jogos Olímpicos. Nos outros desportos, um atleta participar em 2 ou 3 Jogos Olímpicos não é assim tão "anormal" agora, na ginástica, é mesmo "anormal", principalmente na GAF, em que normalmente participam num Jogos e pouco mais. Eu acho que essa alteração e ainda por cima sendo um código aberto, deveria manter-se o mais estável possível, com pequenos ajustes de ciclo para ciclo, mas que não impedisse que os atletas pudessem continuar, porque este é sempre o nosso problema, o da ginástica. Nos outros desportos, por exemplo, nos colectivos os atletas aprendem a rematar, a servir e aquilo dura para toda a vida … os da natação aprendem a nadar e dura para toda a vida, na ginástica um atleta faz um duplo e passados 4 anos esse duplo já é uma coisa normal e então tem de fazer um duplo com pirueta ou um duplo com dupla pirueta e para os ginastas saltar no solo não é fácil, para um atleta que depois com a idade, com a carga de trabalho e treino intensivo de bidiário é difícil manter isso e, eu acho que esses dois aspectos, que são não haver alterações após a saída de um código ao fim de 4 anos e conseguir manter uma homogeneidade de ciclo para ciclo do código, que eu penso ser possível com o CP actual em termos de critérios de avaliação, penso que ganhava a modalidade, porque senão é muito difícil que os ginastas se mantenham e acho que é importante que os ginastas tenham alguma longevidade, até porque em termos da ginástica… falha um bocado as estrelas, ou seja, uma estrela noutros desportos muita das vezes os atletas chegam a competição e consegues saber que um atleta foi a uns jogos foi a outros e começa a ter nome e começa a ser uma estrela e isso é positivo em termos de desporto. Na ginástica o que é que acontece, ele vai a uns Jogos e a seguir já não vai aos outros.

Eles com este código inicialmente estavam a dizer que este código seria para oito anos, como já o tinham dito em 2001, já queriam dizer isso e houve esta alteração. E este dizem que também queriam mantê-lo e espero bem que sim porque acho que era importante a esse nível. Porque quem vai fazer dificuldades e atletas novos que possam surgir, novos talentos, juniores vão evoluir. Agora aqueles ginastas que têm um nível internacional bastante bom e às vezes até… a ginástica está a caminhar muito para os ginastas especialistas, porque é difícil ter depois de determinada idade treinar tantas horas e ter disponibilidade física e mental, portanto acho que as coisas se conseguisse tentar manter alguma

estabilidade. Quem consegue evoluir e fazer mais dificuldade faz, quem não conseguir pelo menos tenta manter o nível alto. Porque senão um ginasta… o que é que acontecia dantes com os outros códigos… o ginasta vamos supor, partia de 10, ou 9.90, 9.80, com o código a seguir todos os números, vamos supor, passavam para 9.20, 9.30, quer dizer os ginastas jovens têm disponibilidade e capacidade física e mental para evoluir e esperar mais 4 anos e chegar outra vez ao 10. Agora os ginastas que estão já em fim de carreira olham para o código de repente trabalharem outra vez, terem dificuldades em termos de certos exercícios e de evoluir de tal forma que lhes permite chegar ao nível que estavam, desistem. E isso é algo que devemos lutar para que não aconteça.

Porto, 6 de Março de 2007, 13:30 horas

PRÉ-TESTE

PARTE I – CARACTERIZAÇÃO INDIVIDUAL

Treinador ☐

Juiz ☒

1.1 Sexo: Masculino ☒ Feminino ☐ 1.2 Idade: 37 (anos) 1.3 Nacionalidade: Portuguesa

1.4 Habilitações Académicas:

4ªclasse	6ºano	9ºano	12ºano
☐	☐	☐	☐
Bacharelato	Licenciatura	Mestrado	Doutoramento
☐	☐	☒	☐

1.5 Para além da sua formação académica, qual o seu nível de formação:

o como treinador 3º Nível – FPG

o como juiz Curso Intercontinental de Juízes – Categoria I

1.6 Para além da Ginástica, tem outra actividade profissional?

Sim ☒

Não ☐

Se sim, qual? Professor de Educação Física

PARTE II

2.2 GUIÃO DA ENTREVISTA – JUIZES

2.2.1 Categoria com Juiz:

- o Internacional (categoria I) ☒
- o Internacional (categoria II) ☐
- o Nacional (categoria I) ☐
- o Nacional (categoria II) ☐

2.2.2 Que tipo de provas é que já pontuou?

Jogos Olímpicos	Campeonatos do Mundo	Campeonatos da Europa	Taça do Mundo	Torneios Internacionais
☐	☒	☒	☒	☒
	Campeonatos Nacionais	Taça de Portugal Dia Olímpico	Outras Provas Nacionais	Campeonatos Distritais
	☒	☒	☒	☒

2.2.3 Anos de actividade na Ginástica Artística:

- o como atleta 16 (anos)
- o como treinador 8 (anos)
- o como juiz 18 (anos)

2.2.3.1 Para além da sua actividade como Juiz, encontra-se actualmente ligada ao treino?

Sim ☐

Não ☒

2.2.4 Em relação ao Código de Pontuação de Ginástica Artística Feminina (CP 2006), considera terem existido grandes mudanças/alterações em relação ao último Código em Vigor (CP 2001)?

Sim ☒

Não ☐

2.2.4.1 Se sim, quais considera terem sido as mais significativas?

Sim. As maiores, dizem respeito às faltas de júri B que alteram de um, dois e três décimos para um, três e cinco

décimos e as quedas para oito décimos. Ou seja, há uma alteração grande no que diz respeito a isso, e há a alteração também da própria nota 10 no limite da nota 10 que passou a não ter limite. A nota final agora ultrapassa o valor 10. Isso talvez tenha sido a maior de todas, até mais do que as deduções do júri B.

2.2.4.2 Das mudanças/alterações verificadas, quais são no seu entender, as vantagens e desvantagens?

As desvantagens podem ser acima de tudo o grande distanciamento que existe entre o público e as notas, ou seja, já dantes a ginástica era de alguma forma uma modalidade difícil de compreender, agora se calhar, com a eliminação do limite de 10, poderá acontecer uma menor identificação do público relativamente às notas que são atribuídas aos ginastas. E isso pode ser mau para a modalidade porque pode provocar e criar um desinteresse para as pessoas que estão a assistir às competições que não entendem o que é que um 15 ou um 14 representa na qualidade da execução. No que diz respeito ás vantagens, acho que são algumas, mas acho que também a FIG, já fez determinar que para mim, que era a maior vantagem não vai acontecer, que era a atribuição e a existência de recordes, que acho que era importante para a modalidade. Nomeadamente o estabelecimento de recordes mundiais, olímpicos e europeus, e mesmo a nível nacional a existência de recordes faria com que a modalidade pudesse ser noticia mais vezes. Acho que o problema que há neste momento é a capacidade de atrair público fora do momento dos Jogos Olímpicos. E esse estabelecimento de recordes se calhar ia fazer com que essa atracção existisse. Só que a Federação Internacional já determinou que isso não ia acontecer. Isso não vai acontecer devido a quê? (na tua opinião) *Não faço ideia.* Talvez a subjectividade da avaliação de uma prova para a outra? *Talvez seja isso. Sendo que havia recordes que eram objectivamente, poderiam ser aliados, nomeadamente os recordes da nota A, por exemplo. Aí não depende da subjectividade do juiz. È faz, ou não faz. Poderá haver alguma subjectividade no reconhecimento de alguns valores, mas isso pode ser validado através de vídeo. Relativamente ao júri B pode haver alguma subjectividade. Eu acho que o mal é a Federação Internacional ser uma estrutura demasiadamente conservadora, ainda. E portanto há lá desequilíbrios entre eles.*

2.2.5 Em relação ao seu trabalho como juiz, quais as principais mudanças, diferenças e dificuldades verificadas e sentidas?

Cada vez mais, aquilo que eu sinto, é que cada vez mais a quantidade de tarefas que são atribuídas aos juízes que

temos que a desempenhar são maiores. Hoje em dia é mais difícil calcular uma nota final de um exercício do que era a uns anos atrás, porque te obriga não só a utilizar os teus conhecimentos com a ginástica como também a utilizar o raciocínio da matemática porque tens que constantemente que estar a fazer contas de somar e multiplicar. E isso traz um bocado mais de cansaço ao longo da competição. O que faz com que as ultimas rotações da competição sejam um bocado mais difíceis de se fazer. Isto no caso do júri A, porque no júri B, basicamente, relativamente ao CP anterior não alterou muito. No júri B não têm mais funções, têm é uma escala diferente daquela que estava a ser utilizada. Em vez de ser um, dois, três e cinco décimos de deduções possíveis, agora passou a ser um, três, cinco e oito décimos de deduções possíveis de serem realizadas pelo júri B. Aí pode, no júri B o que acontece e é um problema relativamente a este código, é que, muitas vezes a margem que existe entre uma falta média e uma falta grave é muito curta e se eu considerar ao longo de um exercício três faltas médias e o juiz ao meu lado considerar três faltas graves, a diferença das nossas notas é muito grande no final, mais de meio ponto. E isso é um problema e verificou-se no último Campeonato da Europa que houve problemas relativamente a isso.

2.2.6 Acha mais fácil pontuar com o novo CP? (Justifique/Argumente a resposta dada)

Sim ☐

Não ☒

Por aquilo que já foi dito. Pela quantidade de tarefas que cada vez mais são imputadas aos juízes, nomeadamente o cálculo da nota pelo júri A, torna-se mais complexo a atribuição ou determinação de uma Nota de Partida, de uma nota A neste caso. No que diz respeito ao júri B, o problema da subjectividade que existe numa escala maior, também é complicado.

2.2.7 Considera que as alterações verificadas no CP vieram trazer mais exactidão no ajuizamento das ginastas e maior credibilidade à modalidade? (Justifique/Argumente a resposta dada)

Sim ☒

Não ☐

Eu acho que as regras quanto mais complexas forem mais difíceis, isto quer dizer maior credibilidade do ponto de vista de quem analisa externamente, do público em geral, que olha para um ginasta e vê se ele merece ou não ganhar… eu tenho uma opinião muito própria relativamente ao caminho que o código devia de seguir, na minha opinião o código

sempre foi estruturado ao longo dos anos naquilo que é a dificuldade do elemento independentemente da sua espectacularidade, ou seja, quanto mais difícil mais valor lhe é atribuído e sempre foi estruturado nesta lógica. O que acontece é que as pessoas que estão na bancada não têm capacidade de avaliar a dificuldade técnica de um elemento, a única coisa que eles avaliam é a beleza estética ou plástica de um elemento, daquilo que é o resultado final do elemento. Se me agrada como espectador ou não. Eu posso fazer um elemento muito complexo mas muito feio, e o ginasta que vem a seguir fazer um muito fácil e muito bonito, e o público vai gostar do muito fácil e muito bonito. Se calhar quanto a mim, faria mais sentido, e não sei se estou a sair do âmbito da questão, mas faria mais sentido que a modalidade ou o código de pontuação fosse estruturado naquilo que é a estética dos elementos do que naquilo que é a dificuldade dos elementos, porque uma coisa não tem que necessariamente levar à outra. Ou seja, por ser mais difícil não tem que ser mais bonito, às vezes muito pelo contrário. Isso na sua visão para o público, mas como juiz, e como, algo justo e credível para o próprio ginasta? *Eu acho que há cada vez, os critérios de avaliação estão mais objectivos, até pelo problema que surgiu em 2004 relativamente ao ajuizamento fez com que existissem estas alterações no código de pontuação e acho que se, de alguma forma se definiu melhor algumas tarefas. No entanto é sempre complexo avaliar, e vai ser sempre complexo avaliar por muito que o código mude ou seja diferente, a partir do momento em que se…, por muito objectivas que sejam as regras, o ser humano tem sempre uma capacidade subjectiva de analisar as coisas. Podemos olhar para um determinado objecto e uma pessoa gosta e outra não gosta e o objecto é o mesmo. Há sempre alguma questão de subjectividade na avaliação. E essa questão de subjectividade não se pode retirar porque é inerente ao ser humano.* Mas era mais em questão no que diz respeito às injustiças que por vezes havia, se calhar como há aquele desfasamento a nível agora da nota B, das quedas, das falhas, se calhar agora vai ser mais notório quem falha e quem não falha, é melhor, é pior… *nesse aspecto acho que aí trouxe um bocado mais de objectividade. A objectividade nesse aspecto vai conseguir distinguir melhor os ginastas, no caso da execução correcta ou da execução incorrecta e no caso de quedas então é significativa a diferença. Mas a subjectividade entre dois ginastas que fazem sem erros graves vai sempre existir, e esses é que fazem a diferença. E no final, quando tiveres oito ginastas em que todos eles estão quase na mesma casa decimal, ou com a diferença de um dígito numa casa decimal, quer dizer, a subjectividade tem que existir, é impossível não existir uma subjectividade. Estamos a falar de que a diferença pode ser feita, como foi por exemplo nos Jogos Olímpicos em alguns Aparelhos nas Finais, como tem sido nos Campeonatos do Mundo e da Europa, a diferença é feita unicamente porque há um juiz dos seis que tem uma opinião ligeiramente divergente relativamente aos*

outros. E isso faz uma diferença mínima que significa uma medalha para um e uma medalha para outro. E isso não se vai conseguir mudar, é impossível, impossível, porque a escala é muito grande. De uma forma geral, considera que apesar de tudo, dessa subjectividade, há mais exactidão e credibilidade neste momento? *Eu acho que sim. E posso dizer que, comecei a pontuar competições a nível internacional em 1993 mas a alto nível em 1999, Campeonatos do Mundo, e posso dizer que pelas conversas que tenho com pessoas que andam há muitos anos na ginástica, neste meio, e eu já ando há alguns anos, mas há muita gente que já anda há muitos mais anos que eu,… cada vez é mais, a avaliação é mais justa. Ou seja, aquilo que se falava a alguns anos atrás e aquilo que ainda se fala em algumas modalidades gímnicas, de haver resultados quase elaborados à partida, que pelo aquilo que eu sei na ginástica, nos anos 60 e anos 70, no domínio do Japão e da União Soviética, mais no domínio da União Soviética, que havia resultados que estavam praticamente atribuídos à partida, independentemente quase da execução do ginasta, isso hoje não acontece mas eu tenho a certeza absoluta que não acontece. Agora que pode haver influencias de um juiz ou de outro, mas estamos a sair um bocado do âmbito do trabalho, que pode haver influencias de um juiz ou de outro no sentido de conhecer melhor este ou aquele, eu acredito que é possível.* Mas à partida as suas (aquelas) notas são eliminadas (sai a nota mais alta e mais baixa)… *e acho que com a entrada também de juízes mais novos que têm outra perspectiva e com a entrada também e acima de tudo, se calhar, e este é o factor mais determinante, com a entrada de muitos países que dantes não ganhavam medalhas a entrar para as medalhas, quando dantes se tinha um poder repartido entre Roménia, Rússia e Estados Unidos, eventualmente, e no caso da masculina o Japão, a partir do momento que começa a entrar o Brasil, a Espanha, a França e mesmo países da América do Sul* (os Outsiders) *e temos o caso do ginasta Venezuelano que ganhou as Argolas na Final da Taça do Mundo, há muita gente a ganhar medalhas, a Austrália, há muita gente a ganhar medalhas, e isso é um factor muito importante, e a partir daí, também esses jogos do poder são mais difíceis de ser postos, e parece-me também que há uma forma um bocado mais honesta por aquilo que eu conheço de alguns, e eu conheço bem alguns dos juízes que hoje em dia pontuam Campeonatos do Mundo e Campeonatos da Europa, e são pessoas honestas, pessoas honestas mesmo, que não atribuem à partida nenhum resultado.*

2.2.8 Uma vez que actualmente se pode ultrapassar a fasquia máxima dos 10 pontos, concorda com a alteração do CP que veio permitir o estabelecimento de recordes na GA? Não veio este facto deturpar o significado e o objectivo principal da GA (atingir a nota máxima), algo raro e inatingível, a perfeição,

que tanto caracterizava a modalidade? (Justifique/Argumente a resposta dada)

O que me parece é que, aliás, eu sou 100% a favor disso, e acho que isso em termos de marketing da modalidade acho que era determinante no sentido até das pessoas usarem isso como argumentos nos respectivos países, porque uma coisa é eu chegar a um país vindo de uma Taça do Mundo e dizer que fiquei em primeiro lugar e outra coisa é eu chegar e dizer que nessa Taça do Mundo bati o recorde do Mundo, isso tinha um impacto muito diferente. Se calhar eu ganhar uma Taça do Mundo é uma notícia de uma página qualquer do interior de um jornal, e se eu bater um recorde do Mundo isso se calhar pode ser notícia de primeira página de um jornal. A ginástica tem sempre a dificuldade de chegar aos meios de comunicação social, mas essa pode ser uma forma.

Eu vejo argumentos positivos dos dois lados. A mim venderam-me a ideia, quando foi da alteração do código e eu fui acompanhando bastante essa polémica, ou esse debate de opiniões que existiu, porque foi grande, e eu fiquei a favor da alteração da nota, e eu acho… que olhar hoje em dia para a ginástica e olhar há quatro anos atrás eu acho que a ginástica hoje em dia é mais bonita do que era a quatro anos atrás, e acho que isso tem haver com a alteração do código de pontuação. Na minha opinião as alterações do código de pontuação têm uma repercussão directa naquilo que é a estruturação dos exercícios por parte dos ginastas. E acho que é muito mais agradável hoje em dia ver a ginástica do que era há quatro anos atrás. Se calhar não é tão agradável hoje em dia, não é tão bonito ver a ginástica como era há vinte anos atrás. E esse é um problema. E há outras coisas, que é a identificação do público, da forma como se chega a uma nota que acho que é extremamente complexo, o cálculo da nota A e as pessoas entenderem como é que um exercício obteve, chega àquela nota. E vamos olhar para aquilo que foi os Jogos Olímpicos que houve uma grande polémica, o exercício como o do Nemov na Barra Fixa que é muitíssimo agradável para o público, e o público não consegue compreender como é que o exercício mais bonito para eles não ganhou. E acho que não há essa relação entre o interesse do público, e acho que é o maior drama neste momento do código de pontuação, é… não existir uma relação directa entre aquilo que é o interesse do público e aquilo que é o código de pontuação.

2.2.9 Considera que esta mudança irá trazer uma maior justiça na atribuição de notas? (Justifique/Argumente a resposta dada)

Neste momento, eu acho que sim. E olhando para aquilo que aconteceu nos Campeonatos do Mundo de 20006, na Final da Taça do Mundo de 2006 onde eu estive presente e nos Campeonatos da Europa, eu acho que venceu o melhor.

2.2.10 Deseja acrescentar alguma informação ou algum pormenor relativamente à alteração do CP, que no seu entender possa ser relevante?

Relativamente à dificuldade do cálculo da nota, há um factor que também é importante que é a questão por exemplo da limitação do número elementos por grupos de estrutura, que acho que é uma regra que é muito complicada, complexa de ser entendida, principalmente por pessoas da ginástica quanto mais por pessoas que não são da ginástica, por alguém que não sabe muito de ginástica. É difícil, é difícil, é difícil. E aqui vai ser a dificuldade, nos juízes mais novos, por exemplo, pessoas que nunca foram juízes, se forem pessoas que não sejam da modalidade, é muito complexo, muito, muito, muito complexo, e isso dá uma noção perfeita de que as regras são muito complexas, são demasiadamente complexas, e que deviam, na minha opinião, serem simplificadas para eles. Se isso é possível ou não, não sei… mas também não sei se também já pensaram nisso, mas na minha opinião, de criar o código, e não quero estar aqui a ser o eliminar da ginástica, não sou nem tenho a pretensão de o ser, tenho a minha opinião e vale o que vale… acho que deviam pensar na elaboração de um próximo código de pontuação, deviam pensar em dois aspectos determinantes, em colocá-lo mais simples, as regras mais claras e mais simples e as regras mais próximas do público. E acho que assim a modalidade ia ganhar mais.

Nota:

Na 2.2.8 cuidado com a referência dos recordes.

Referir na questão 2.2.9 o facto da nota A agora não ter limite.

O ginasta estava sempre limitado pela nota A (antiga nota de partida) que ia até um máximo de cinco pontos e dez no total. Nesse aspecto acho que há alguma alteração. Há o perigo de tu aumentares muito a escala, que é dos países que estão mais sistematizados no que diz respeito à preparação dos ginastas poderem ganhar a uma distanciação muito grande relativamente aos países que não estão tão sistematizados no seu trabalho. E isso pode ser perigoso para a ginástica. Porque ao aumentares,… ou seja, se chegares a um país vindo de um Campeonato da Europa, e disseres o meu ginasta ficou a vinte pontos do primeiro, quem não for da modalidade pode dizer que os atletas não valem nada. E não têm consciência disso, e esse é o problema de aumentar a escala, quando dantes ia até sessenta pontos, e o melhor, o primeiro fazia 55 ou 56 pontos, o português fazia 53, 54 pontos ficava a dois pontos do primeiro. Agora se o primeiro ficar com 94 pontos (foi o que fez o Campeão do Mundo) e o português fizer 84, 85 pontos fica a dez pontos do primeiro. Falando da masculina, os portugueses não estão mal, estamos bem. O nosso melhor ginasta

fica a provavelmente a 3 a 4 pontos do primeiro e isso é bom. O primeiro fez 94 pontos e o décimo classificado faz 90 pontos, a diferença entre os ginastas é maior, porque o universo e a dimensão da nota também é maior. Isso dá, de alguma forma, e o que eu tenho notado nas competições, pelo menos nas últimas, é que há um (algum) cuidado dos treinadores em arriscar menos. Arriscam menos, acho que sim. Acho que estão utilizar elementos mais simples, em algumas situações, concretamente nas paralelas, por exemplo, que deu ao aparecimento de alguns elementos muito mais simples e menos quedas, e mais segurança para eles... o que é bom para a ginástica. Mas isso tem a ver, não com o aumento da nota A mas com o aumento das penalizações, o peso da penalização é muito grande, oito décimos com uma queda. Substituir um E por um C, só perdes 2 décimas, e se no C tens a certeza que não vais falhar e no E tens o risco de cair mais vale colocar o C e é nisso que os treinadores jogam.

Porto, 6 de Março de 2007, 11:30 horas

ANEXO 5 – TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS DO GRUPO DE ESTUDO

ENTREVISTADO Nº 1

PARTE I – CARACTERIZAÇÃO INDIVIDUAL

Treinador ☒

Juiz ☐

1.1 Sexo: Masculino ☒ Feminino ☐ 1.2 Idade: 42 (anos) 1.3 Nacionalidade: Portuguesa

1.4 Habilitações Académicas:

4ªclasse	6ºano	9ºano	12ºano
☐	☐	☐	☐
Bacharelato	Licenciatura	Mestrado	Doutoramento
☐	☐	☐	☒

1.5 Para além da sua formação académica, qual o seu nível de formação:

o como treinador Nível III - FIG

o como juiz Internacional – Categoria II

1.6 Para além da Ginástica, tem outra actividade profissional?

Sim ☒

Não ☐

Se sim, qual? Professor Universitário

PARTE II

2.1 GUIÃO DA ENTREVISTA – TREINADORES

2.1.1 Anos de actividade na Ginástica Artística:

o como atleta 14 (anos)

o como treinador 20 (anos)

o como juiz 22 (anos)

2.1.2 No âmbito da Ginástica Artística Feminina, que papeis já desempenhou como treinador?

Treino de Jovens (Iniciação)	Treino de Jovens (Aperfeiçoamento)	Treino (Competição)	Treino (Alto Rendimento)
☒	☒	☒	☒

2.1.3 No âmbito da Ginástica Artística Feminina, que papel desempenha actualmente como treinador?

Treino de Jovens (Iniciação)	Treino de Jovens (Aperfeiçoamento)	Treino (Competição)	Treino (Alto Rendimento)
☐	☐	☐	☒

2.1.4 No seu ver é importante ter sido atleta (ex-ginasta) de GA, para ser um bom treinador da modalidade? (Justifique/Argumente a resposta dada)

Sim ☒

Não ☐

É importante, não sendo obrigatório, ou seja, para ser um bom treinador não é obrigatório ter sido ex-atleta mas eu acho que é importante ter passado pela prática.

2.1.5 Em relação ao Código de Pontuação de Ginástica Artística Feminina (CP 2006), considera terem existido grandes mudanças/alterações em relação ao último Código em Vigor (CP 2001)?

Sim ☒

Não ☐

2.1.5.1 Se sim, quais considera terem sido as mais significativas?

Sim, significativamente. Mais significativas, … em primeiro lugar o facto de não haver, eu resumia isto em duas ou três, uma o não haver limite para a dificuldade, que é importante e significativa, duas o grande aumento do valor e portanto, do papel e da importância da execução que aumentou para o dobro e três também a forma de aplicação dessas regras de execução.

2.1.5.2 Das mudanças/alterações verificadas, quais são no seu entender, as vantagens e desvantagens?

As vantagens, em primeiro lugar as vantagens da execução (e vou tentar não confundir a minha opinião com aquilo que sei que são as razões que levaram a que algumas dessas alterações acontecessem), no que respeita à execução é importante e desde sempre foi importante e todos os códigos disseram isso, que aquilo que as ginastas fazem, aliás a característica própria da ginástica é diferente de muitos outros desportos, é que não é só o que é que a ginasta faz mas como faz, e a execução tem a ver com isso, como é que as ginastas fazem os seus elementos, os seus exercícios. Se é muito importante como é que elas fazem, é importante de facto que seja possível distinguir as boas das muito boas também no factor execução. Passando para a outra alteração que tem a haver com a ausência de limite para a dificuldade, para a nota A, para o conteúdo de elementos que as ginastas apresentam no seu exercício. É importante porque de facto até ao momento havia, com o problema de a nota ter de estar cingida ao dez, fazia com que pelo menos a partir de metade do ciclo olímpico houvesse muitas ginastas que partissem da nota máxima dez mas não eram todas iguais, e portanto já aí à partida não havia uma igualdade de circunstancias perante as concorrentes. Mais, um que para mim me é muito significativo e porque eu trabalhei nisso num trabalho de mestrado que fiz, o facto de a nota, da anterior nota ser feita como era que era feita e tinha limite de dez, fazia com que, era uma das grandes razões para que o código tivesse que ser alterado de 4 em 4 anos, desta forma, e aliás é um objectivo e eu julgava inclusive que ele nunca mais precisasse de ser mudado, mas pronto, podem ter que ser feitas algumas alterações, mas pelo menos já não há a necessidade de em 4 em 4 anos mudar. E isso permite, em primeiro lugar, que os treinadores possam planear a mais longo prazo a carreira das suas atletas, permite que se possam comparar resultados desportivos quando uma atleta é júnior, sénior, juvenil e iniciada. Coisa que antigamente não era, na medida em que, também agora não é tão necessário fazerem-se adaptações ao código para esses escalões mais novos. As desvantagens, eu não vejo desvantagens nenhumas.

2.1.5.3 Está satisfeito com estas mudanças/alterações do CP? (Justifique em função da sua participação presente no treino)

Sim ☒

Não ☐

Sim, estou satisfeito com estas alterações do código de pontuação, ao contrário de muita gente que criticou e mesmo antes de ficar definitivo reivindicavam o dez como tradição e achavam que ele se devia manter, eu nunca defendi essa ideia sempre achei que o código devia caminhar para isto, que é uma ideia mais parecida com aquilo que já acontece noutras modalidades gímnicas, como os trampolins.

2.1.6 Em relação ao seu trabalho como treinador, procedeu a mudanças ao nível da metodologia de treino, em virtude das alterações verificadas no CP 2006? Ou por outro lado, essas mudanças não alteraram de forma significativa a sua metodologia de treino aplicada ao longo de uma época ou de um ciclo olímpico?

Sim ☐

Não ☒

2.1.6.1 Se respondeu não, justifique porque considera que não terem sido necessárias alterações ao nível do treino.

Não, significativamente não. Porque isto são alterações que podem alterar o planeamento da carreira de uma ginasta. Não porque eu acho que elas alteravam-se exactamente quando o código se alterava de 4 em 4 anos, isso é que acontecia, que de 4 em 4 anos podíamos ter que alterar metodologias. Metodologias… altera-se algumas componentes do planeamento, agora metodologia do treino propriamente dita não sei, e por acaso como já vi aqui algumas perguntas mais à frente, quando muito no treino de força, de preparação física, porque de facto o que acontece é que os exercícios começam a ser mais extensos eventualmente para se conseguir e para incluir mais dificuldades no exercício, mas não sei se isso se pode chamar metodologia do treino, portanto, aquilo que mudei, mudei nas mesmas circunstancias em que mudava de 4 em 4 anos, e aquilo eu acho é que se calhar não vou ter que passar a mudar de 4 em 4 anos. Em relação ao de 2001 para o de 2006, há sempre pequenas alterações sim, que se tem que fazer em função de algumas alterações que aparecem, mas não são significativas, é isso que eu estava a dizer, significativas acho que não. As alterações que considero é mais a nível e trabalho de força.

2.1.6.2 Se respondeu sim, quais as principais mudanças que teve de fazer na sua metodologia de treino. Quais os exercícios que deixou de treinar (se deixou) e quais os que começou a treinar (se tal se verificou)?

2.1.6.2.1 No aquecimento?

2.1.6.2.2 Na flexibilidade?

2.1.6.2.3 No trabalho de força (preparação física)?

2.1.6.2.4 Na coreografia (ballet)? Neste momento dá a mesma importância a esta componente de treino da GAF ou mudou alguma coisa?

2.1.6.2.5 Nos saltos?

2.1.6.2.6 Nas paralelas assimétricas?

2.1.6.2.7 Na trave?

2.1.6.2.8 No solo?

2.1.6.2.9 Em relação às novas ligações de elementos possíveis, nas PA, na TR e no SO? (Devido à valorização que é dada actualmente pelo CP às ligações).

Há muita valorização mas o nível de exigência também aumentou. E como aqui em Portugal, nós normalmente ainda não chegamos ao nível de aproveitar as ligações, na maioria dos aparelhos, nas paralelas, na trave, também, uma ou outra mas raramente, no solo, também uma ou outra mas também raramente, como elas aumentaram a dificuldade, sinceramente para nós não é muito importante porque ainda estamos no ponto de conseguir incluir os exercícios, maior numero de elementos de elevada dificuldade, as ligações ainda são secundárias, e portanto, acho que não deve ser uma grande preocupação, é uma preocupação sim, mas isso não é em Portugal. É em geral, é uma preocupação que vem à posteriori, primeiro conseguir os elementos e depois ligá-los.

2.1.7 Considera que as alterações verificadas no CP vieram trazer mais exactidão no ajuizamento das ginastas e maior credibilidade à modalidade? (Justifique/Argumente a resposta dada)

Sim ☐

Não ☐

No sentido daquilo que já respondi a propósito da outra pergunta, sim. Ou seja, na medida em que permite distinguir as

ginastas muito boas das boas. Antigamente as ginastas boas e muito boas podiam ser classificadas de igual forma na medida em que tinham o mesmo tecto e na verdade, ou seja, elas eram diferentes e eram consideradas iguais, e neste momento são diferentes e são consideradas diferentes, logo, acho bem.

2.1.8 Uma vez que actualmente se pode ultrapassar a fasquia máxima dos 10 pontos, concorda com a alteração do CP que veio permitir o estabelecimento de recordes na GA? Não veio este facto deturpar o significado e o objectivo principal da GA (atingir a nota máxima), algo raro e inatingível, a perfeição, que tanto caracterizava a modalidade? (Justifique/Argumente a resposta dada)

Não, não acho nada disso. Em primeiro lugar não me preocupa nada os dez pontos, isso era uma questão de tradição e eu respeito quem pensa ou pensava assim, depois também não acho que o importante seja o recorde, acho que continua a haver, aliás a FIG defendia isso mas defendia isso por uma questão de rebater aqueles que tinham o problema do dez, continua a haver a nota máxima de execução, a perfeição, lá está, a perfeição está relacionada com o como a ginasta faz, que é a execução, e isso continua a ser, uma ginasta que tire dez na execução continua a poder ser intitulada de perfeita. Não tem a ver, o dez não tinha a ver só com quem faz mais, mas é importante, é mais importante uma ginasta que consiga tirar dez na execução a fazer cinco pontos de dificuldade do que uma que consiga tirar dez na execução a fazer só dois pontos de dificuldade. Vale mais uma ginasta como no primeiro caso, que executou mais difícil e perfeito. Esse acho que é e sempre foi o espírito da ginástica.

2.1.9 Tendo em consideração que o risco de executar exercícios de maior valor (VD) pode valorizar o exercício de uma atleta e levar a uma vitória, por outro lado, a penalização por queda é muito elevada (0.80 p.) e pode levar à consequente derrota. Na sua opinião, vale ou não a pena correr o risco de executar os elementos mais difíceis, e quais as situações em que colocará os seus ginastas numa ou noutra opção.

Sim ☐

Não ☐

O correr o risco depende da situação. Na ginástica corre-se sempre o risco, todos os elementos, na feminina então, temos o aparelho como a trave que é famoso por essa circunstância que é a queda, que é o medo de cair e o medo de falhar, a queda de facto aumentou, e eu parece-me bem que tenha aumentado. Só faz é com que um treinador pese

melhor exactamente essa decisão, vale a pena fazer ou não vale a pena fazer. Se antes eu poderia ponderar a possibilidade de uma atleta que em dez execuções consegue acertar 6 ou 7, agora se calhar só se acertar 8 ou 9. Posso é ser mais exigente para tomar essa decisão, mas ela já tinha que ser feita antes, que já eram cinco décimas, era já meio ponto que também era significativo. É conforme a situação e oito décimas pesam mais, torna-se necessário ser-se mais consistente para a inclusão dos elementos nos exercícios. E tem-se verificado mesmo isso, a experiência do último ano de aplicação deste código nota-se isso. O que por vezes também pode levar a situações que muita gente pode achar, e eu por vezes já começo a achar que podem ser consideradas injustas, que são atletas, que tem haver com a pergunta anterior, às vezes ginastas que não executam quase nada e não caem e depois outras que fazem muito mais, executam muito mais e caem uma ou duas vezes, e perdem. Portanto, às vezes é difícil de aceitar uma situação dessas.

2.1.10 Comparativamente ao CP anterior vários elementos deixaram de ter valor de dificuldade (VD) enquanto que outros passaram a ter mais valor de dificuldade (VD). Acha que de uma forma geral isso foi positivo ou negativo? Existe algum ou alguns elementos com que não está de acordo em ter(em) sido alterado(s)?

Há sempre elementos com que a gente concorda e com que não concorda. Porque há sempre alterações e já na alteração cíclica do código de 4 em 4 anos que havia anteriormente, também era, e havia sempre situações com que se concordava e outras que não. Agora assim de repente... não, repara, aqui não é propriamente elemento de dificuldade, mas por exemplo, há uma coisa muito importante que eu acho que antigamente não era valorizado, era desvalorizado e agora passou a ser valorizado, que tem haver com as exigências específicas. Antes as exigências específicas valiam 2 décimas e chegaram a valer só 1 décima, o que para mim era uma incoerência muito grande, porque para todos os efeitos exigências especificas eram obrigações, eram elementos com características especiais que eram obrigatórios incluir, então se eram obrigatórios, uma atleta que não o praticasse devia ser castigada por isso, devia ser penalizada por isso, penalizada por uma décima ou duas fazia com as ginastas… não valia a pena fazer, não incentivava ninguém a ter que o fazer, por exemplo, o caso do despegue nas paralelas, uma pessoa fazer ou não fazer, perder uma décima ou duas, quem faz normalmente perde uma décima ou duas por uma pequena incorrecção de execução logo não era significativo… e agora passa a ser, de facto meio ponto, e isso acho que foi uma alteração também importante. Em relação à maior parte dos elementos gímnicos terem baixado de valor e os acrobáticos serem mais valorizados, a mim

pessoalmente agrada-me, a mim, assumo por ser um treinador homem, sempre achei que os gímnicos eram muito valorizados, também sempre interpretei isso como sendo uma forma da FIG, do Conselho Técnico da FIG mulheres, quererem manter uma característica feminina e artística da modalidade, mas acho que estava a ser sobrevalorizado, haviam ginastas que só dançavam e outras que de facto faziam acrobacias e elementos acrobáticos que eram muito mais difíceis de serem adquiridos e não eram compensadas por isso.

2.1.11 Verifica que as novas alterações vieram facilitar a participação competitiva (resultados) dos seus ginastas?

Sim ☐

Não ☐

É igual.

2.1.12 Como treinador, sente-se mais motivado?

Sim ☐

Não ☐

É igual. Acho que está melhor, mais justa sim, portanto, posso dizer que me sinto mais motivado, mas não é por aí, ou seja, não é pela mudança do código que me sinto mais ou menos motivado.

2.1.13 Os atletas sentem-se mais motivados?

Sim ☐

Não ☐

Também isso é relativo. É muito relativo. Repara, à pouco dei o exemplo da justiça que as quedas, que o problema da execução levanta, e para isso vou falar de um caso particular para fundamentar a resposta, num Campeonato da Europa passado, uma ginasta portuguesa, tem um número de solo completo, aquele que é de facto o mais completo e mais equilibrado em termos de, não estou a dizer o mais correcto, mas o mais equilibrado em termos de composição, com boa dificuldade acrobática e gímnicos normais, e teve uma queda, outra ginasta também da mesma selecção, e inclusive não é o querer… não é uma apreciação degenerativa, mas por acaso a ginasta esteve lesionada, esteve quase para não competir, este quase para nem sequer fazer solo, portanto fez um exercício de solo só para competir,

com empranchados e gímnicos, e tirou mais nota do que essa atleta que fez um exercício cheio de séries complexas e difíceis e para as quais treinou muito e viu-se classificada abaixo da outra, e isso para mim não é motivante quando a gente sabe que de facto… aquela queda, na minha opinião e não é só minha, na minha opinião aquela queda não justificava que o exercício tivesse valido menos que a da outra. Portanto isso não é motivante, mas isso é uma situação, não é o código, a mudança do código, acho que não, os atletas treinam e os treinadores treinam motivados no treino e não é conforme as regras que estão mais ou menos motivados.

2.1.14 Deseja acrescentar alguma informação ou algum pormenor relativamente à alteração do CP, que no seu entender possa ser relevante?

Relativamente à feminina acho que ele evoluiu, acho que a ginástica evoluiu e principalmente a feminina evoluiu, em algumas coisas evoluiu aproximando-se da masculina, de regras que a masculina já tinha, nomeadamente a obrigatoriedade de incluir em todos os aparelhos as exigências de elementos de grupo, há algumas coisas que ainda poderia, que já poderia ter caminhado no sentido também daquilo que já caminhou a masculina e ainda não caminhou. Uma delas por exemplo é que permite que as ginastas façam o número que desejarem, um número ilimitado do mesmo grupo de estrutura, ou seja, podem fazer dez elementos todos, por exemplo, daquilo que eu chamo "inbarquer", de um grupo de estrutura, enquanto que a masculina limita isso a 4, limita isso a 4, ou seja, nenhum atleta pode fazer mais que 4, a partir não conta, qual é o objectivo disso, é exactamente obrigar as ginastas e treinadores a diversificar um pouco as suas metodologias, o que a gente vê por exemplo, é que uma ginasta que domine de facto essa, eu estou a ver agora ginastas holandesas, ou outras que por exemplo façam o exercício todo em cubital também, que tornam os exercícios monótonos e faz com que as ginastas valendo-se só de uma ou duas técnicas componham todo o seu exercício. Quando de facto vale mais, e as ultimas campeãs olímpicas a Korkina e outras, variam, ou seja, foram de facto as melhores porque tinham uma grande variedade de elementos diferentes, de grupos de estrutura diferentes. E isso a meu ver é uma das coisas e situações que ainda deve ser alterado, nesse sentido, de resto acho que está bem.

Porto, 8 de Março de 2007, 20:30 horas

ENTREVISTADO Nº 2

PARTE I – CARACTERIZAÇÃO INDIVIDUAL

Treinador ☒

Juiz ☐

1.1 Sexo: Masculino ☒ Feminino ☐ 1.2 Idade: 46 (anos) 1.3 Nacionalidade: Portuguesa

1.4 Habilitações Académicas:

4ªclasse	6ºano	9ºano	12ºano
☐	☐	☐	☐
Bacharelato	**Licenciatura**	**Mestrado**	**Doutoramento**
☐	☐	☒	☐

1.5 Para além da sua formação académica, qual o seu nível de formação:

o como treinador ___Formador_____

o como juiz ___Nacional_____

1.6 Para além da Ginástica, tem outra actividade profissional?

Sim ☒

Não ☐

Se sim, qual? ___Professor Universitário_____

PARTE II

2.1 GUIÃO DA ENTREVISTA – TREINADORES

2.1.1 Anos de actividade na Ginástica Artística:

- como atleta 8 (anos)
- como treinador 30 (anos)
- como juiz 12 (anos)

2.1.2 No âmbito da Ginástica Artística Feminina, que papeis já desempenhou como treinador?

Treino de Jovens (Iniciação)	Treino de Jovens (Aperfeiçoamento)	Treino (Competição)	Treino (Alto Rendimento)
☒	☒	☒	☒

2.1.3 No âmbito da Ginástica Artística Feminina, que papel desempenha actualmente como treinador?

Treino de Jovens (Iniciação)	Treino de Jovens (Aperfeiçoamento)	Treino (Competição)	Treino (Alto Rendimento)
☒	☒	☒	☐

2.1.4 No seu ver é importante ter sido atleta (ex-ginasta) de GA, para ser um bom treinador da modalidade? (Justifique/Argumente a resposta dada)

Sim ☒

Não ☐

Importante pode ser, mas não necessariamente, ou seja, há factores que interferem na formação de um treinador que são estudadamente e diariamente facilitados pela prática anterior. A prática gímnica é mais importante do que propriamente ter sido um bom atleta, facilita a aprendizagem, facilita as rotinas, facilita o entendimento, digamos do processo que leva a conseguir com que não se perca uma atleta num determinado escalão etário, normalmente jovem, e que se consiga ter um trabalho até ao alto rendimento. Facilita, se essa prática gímnica for acompanhada de uma preocupação em entender o porquê daquilo que se está a fazer. Em muito casos as atletas limitam-se única e exclusivamente a cumprir com aquilo que lhes é dito, sem estarem minimamente preocupadas em perceber porquê, na generalidade isso acontece, quer dizer que essa aprendizagem que poderia no futuro proporcionar-lhes um trajecto

mais eficiente, mais facilitado para uma futura carreira de treinadores, não é propriamente muito significativo. Por outro lado, quem nunca fez pode ser um bom treinador, desde que consiga perceber e entender bem o movimento humano e depois participe de uma prática gímnica de alguns anos, até se integrar com esse ambiente, isso é fundamental. Comparando ao futebol, aquele "cheiro ao balneário", que é um facto, quando a gente entende ou quando consegue fazer esse transfer. O que está aqui em causa e normalmente acontece, os menos bons atletas ou atletas intermédios, talvez pelo facto de estarem menos envolvidos em treinos intensos, conseguirem ter mais tempo para pensar a prática gímnica e resultam, normalmente, em treinadores razoáveis ou podem ser treinadores razoáveis. Isto coloca-se sempre em como é que eu aproveitei intelectualmente os anos de ginástica. Posso estar muitos anos sem ter aproveitado ou posso estar menos anos, porque houve uma preocupação, por isso não podemos generalizar os casos. Agora, para facilitar, se é importante?! Pode ser importante, mas não tem necessariamente porque depois depende daquilo que eu fiz, mas que pode ser importante e que é meio caminho andado é, não tenho dúvidas disso, porque senão o trajecto é muito mais difícil.

2.1.5 Em relação ao Código de Pontuação de Ginástica Artística Feminina (CP 2006), considera terem existido grandes mudanças/alterações em relação ao último Código em Vigor (CP 2001)?

Sim ☐

Não ☐

2.1.5.1 Se sim, quais considera terem sido as mais significativas?

Sei o básico e o essencial das alterações. Se nós pensarmos que a ginástica era feita tendo por base uma nota limite, a ausência dessa nota limite altera necessariamente a forma de vermos a ginástica, mas isto sob o ponto de vista única e exclusivamente estratégico. Não acredito que sob o ponto de vista técnico tenham havido, não só agora, mas nos últimos 12 anos, grandes alterações. Sob o ponto de vista estratégico sim, mas não sobre as alterações dos pontos básicos, os gigantes continua a ser, a flexibilidade é a mesma, a nível da tonificação (tonicidade) há processos um pouco mais evoluídos, mas resultam, quase sempre, invariavelmente na mesma forma, os elementos base continuam a ser trabalhados da mesma forma, a pressão que um ou outro dá a elemento de coeficiente dificuldade é que poderá alterar, porque uns eram B e passaram a C, uns eram C passaram a B, mas apenas isso, mas mais uma vez é na estratégia de escolha do movimento, porque depois de escolher os movimentos não me parece que tenham havido mudanças. A não ser em aspectos fundamentais, no que diz respeito quer à feminina quer à masculina, a diminuição,

isso sim, a diminuição do valor de elementos unilaterais, respeitando o seguinte, aquilo que era valorizado e executado, deixou de ser tão valorizado, o que leva as pessoas a pensar se vale a pena ou não e aí, parece-me que, pedagogicamente e sob ponto de vista da saúde física, teve grande repercussão, porque nós evitamos assim o reforço muscular de uma forma unilateral e treinamos o atleta muito mais equilibrado. Por exemplo, estar a fazer gigantes com um braço só, naturalmente que tem de haver o reforço de um dos braços, de um dos lados e isso provoca alterações. Ao desvalorizar um bocado isso, não há dúvida que isto é um processo pedagógico que facilita, assim como o deixar de promover movimentos que passam pelo e para contorcionismo. Deste modo os treinadores não são levados a pegar em qualquer atleta e trabalhar esses elementos e só se for entendido dessa forma pelo treinador, aquelas que tiverem jeito usufruem, mas isso é um pressuposto que elas já morfologicamente tem condições, não havendo um trabalho excessivo só para ir à procura de um ou outro elemento, podendo incorrer em erros que no meu entender que podem ser nefastos à atleta. Por isso é melhor assim porque não sendo tão valorizados só farão aquelas atletas que naturalmente poderão executar e não há tentativa de estar a forçar as atletas. Portanto sob o ponto de vista estratégico parece-me haver alterações. Sob o ponto de vista técnico não me perece que tenham havido grandes alterações.

2.1.5.2 Das mudanças/alterações verificadas, quais são no seu entender, as vantagens e desvantagens?

As vantagens e desvantagens... há outras vantagens, mas eu vou dizê-las à frente e outras já referi na questão anterior.

2.1.5.3 Está satisfeito com estas mudanças/alterações do CP? (Justifique em função da sua participação presente no treino)

Sim ☐

Não ☐

Não estou nem deixo de estar, mas não posso dizer que me é indiferente, pelo facto de, um aspecto dos aspectos, porque acho que a ginástica caminha no sentido de tornar o acto competitivo, que me parece que pode ser pedagogicamente muito útil, a pessoa competir sob o aspecto de formação pessoal do indivíduo e das crianças, parece-me, no meu entender que torna mais justo, ou seja, poderá ser mais justo aquilo que vamos assistir agora, com o novo código. Isto, porque necessariamente nós ouvíamos as atletas que executavam, por estratégia deles, dos treinadores

ou das equipas técnicas, elementos, esquemas de elevado coeficiente competitivo, com muitos elementos de dificuldade e que normalmente não resultavam em bons resultados desportivos. Acontecia que nós víamos atletas com desempenhos fora-de-série, muito acima da média, que por vezes conseguiam ser espectaculares ao ponto de serem eles o motivo do gosto e da atracção pela ginástica, mas que na ânsia de fazerem estes desempenhos havia uma ou outra incorrecção, pequenos desacertos, que resultavam, invariavelmente, em que eles não conseguiam alcançar os resultados desportivos ambicionados. Isto, em contra ponto com outras estratégias de trabalho em que as atletas limitavam-se a fazer única e exclusivamente aquilo que era exigido pelo código para obterem a nota 10, procuravam através do treino intensificar e trabalhar ao ínfimo pormenor para não cometerem erros, com a segurança importante, o que efectivamente tornava os esquemas muito seguros, resultando em esquemas seguros e muito correctos, mas que não eram propriamente os esquemas mais atractivos e mais apelativos para as pessoas gostarem de ginástica, mas que conseguiam obter os resultados e eram bons resultados desportivos, parecendo-me haver um pouco de injustiça. Na forma como as coisas estão actualmente, quem fizer mais tem vantagem, até certo ponto, desde que faça correcto e, então parece-me que é bem mais justo do que permitir atletas que façam muito menos, desde que façam bem, consigam obter bons resultados. Ajuda à ginástica. Tem os seus erros, que é o facto das pessoas quererem ir além das suas capacidades, mas parece-me que pode tornar a ginástica mais justa, mais atractiva e mais interessante.

Fico contente e satisfeito com estas alterações, mas em termos de participação do treino, acho que o novo código não se reflecte muito. Acho que nos devemos situar, pois seria para mim absurdo dizer que em termos nacionais e, estamos a falar da ginástica feminina, isto tem qualquer tipo de repercussão. Não tem o mínimo de repercussão, a não ser que os nossos resultados desportivos podem, com o tempo, nos próximos anos, daqui a 3 ou 4 anos, em vez de nos aproximarmos, nos distanciarmos dos resultados internacionais, ou seja, isto foi alterado à pouco tempo e ainda não deu tempo suficiente aos países da frente começarem a utilizar na plenitude os usufrutos de um novo código. Quando isso acontecer, a decalage, a diferença entre esses países e o nosso país, vai ser mais acentuada, porque eles estão em condições de trabalhar e aproveitar aquilo que o código lhes está a dar. Se nós já nem sequer com o outro código ou muito dificilmente conseguíamos ter esquemas que nos permitissem ambicionar chegar à nota 10, não é por causa do código abrir… que nós vamos… não é… ou seja, o novo código não vai interferir na nossa capacidade, a não ser no aspecto negativo. Estou convencido que nos próximos 5-6 anos, dando tempo aos países de ponta pegar nos atletas que agora normalmente têm 9-10 anos e promoverem um tipo de trabalho de 5 ou 6 anos, a diferença em relação ao nosso pais, infelizmente penso que vai ser bem mais acentuada. Para nós era-nos mais favorável o processo anterior,

mas não deixo de o considerar mais justo, de ser mais justo aquilo que está agora. Realmente nós conseguimos resultados desportivos que em termos de valor era mais próximo, mas que a nível de desempenho estava muito distante e então agora vai ser mais visível essa distância, ou seja, pode ser mais visível. A distância do nível do desempenho entre os vários países agora pode ser bem mais visível, clara e transparente.

2.1.6 Em relação ao seu trabalho como treinador, procedeu a mudanças ao nível da metodologia de treino, em virtude das alterações verificadas no CP 2006? Ou por outro lado, essas mudanças não alteraram de forma significativa a sua metodologia de treino aplicada ao longo de uma época ou de um ciclo olímpico?

Sim ☐

Não ☐

2.1.6.1 Se respondeu não, justifique porque considera que não terem sido necessárias alterações ao nível do treino.

Não alterou nada, absolutamente nada. Eu trabalho em função daquilo que elas podem fazer e mais nada. Não tenho a mínima intenção de alterar o que seja neste plano. Mas também, atenção que agora, estou a falar como treinador de um clube, não tenho ambições de selecção, nem tão pouco de alto rendimento desportivo. Contudo posso deixar aqui a dica que quem nos clubes ou nas selecções dos escalões etários mais baixos, se tiverem como a finalidade única a obtenção de elevados rendimentos desportivos, aquilo que eu aconselho é a escolha de uma forma mais abrangente de saídas no que diz respeito à possibilidade de desempenho de outros elementos de dificuldade, no sentido de que a atleta não se restrinja de uma forma eventual a fazer apenas um duplo, ou seja, começar a trabalhar mais cedo noutro género de exercícios, que não restrinjam a evolução futura. A título de exemplo, os saltos è frente no solo, os saltos à retaguarda, procurar não restringir com duplos, com piruetas, ou seja, ser mais abrangente, procurar para ter a possibilidade de no futuro ter uma maior amplitude de escolha, para conseguir fazer o máximo de dificuldades possível e construir o melhor esquema possível, no sentido de estar sempre a fazer mais mais e mais, mas isto é um número muito restrito, muito reduzido na generalidade das atletas que praticam ginástica artística, acho que isto não tem qualquer tipo de influência.

2.1.6.2 Se respondeu sim, quais as principais mudanças que teve de fazer na sua metodologia de

treino. Quais os exercícios que deixou de treinar (se deixou) e quais os que começou a treinar (se tal se verificou)?

2.1.6.2.1 No aquecimento?

2.1.6.2.2 Na flexibilidade?

2.1.6.2.3 No trabalho de força (preparação física)?

2.1.6.2.4 Na coreografia (ballet)? Neste momento dá a mesma importância a esta componente de treino da GAF ou mudou alguma coisa?

2.1.6.2.5 Nos saltos?

2.1.6.2.6 Nas paralelas assimétricas?

2.1.6.2.7 Na trave?

2.1.6.2.8 No solo?

2.1.6.2.9 Em relação às novas ligações de elementos possíveis, nas PA, na TR e no SO? (Devido à valorização que é dada actualmente pelo CP às ligações).

Não faço a mínima ideia.

Quanto às ligações, a única coisa que normalmente se consegue é uma maior amplitude de escolha e no meu entender quando há uma maior amplitude de escolha é sempre favorável.

2.1.7 Considera que as alterações verificadas no CP vieram trazer mais exactidão no ajuizamento das ginastas e maior credibilidade à modalidade? (Justifique/Argumente a resposta dada)

Sim ☐

Não ☐

Não necessariamente. Considero é que as alterações justificadas no código permitem isso tudo. Agora seria ingenuidade da minha parte, pois tudo depende da interpretação das juízes daquilo que estiver no código, depende da postura, depende da ética, depende da atitude, que são coisas que ultrapassam o código. O código como uma estrutura de apoio parece-me que está nesse sentido, contudo continuo a achar que há comportamentos, situações ou elementos desajustados na sua avaliação, das dificuldades e tudo isso. Continuo a achar que há uma instabilidade e uma inconstância que é perniciosa para a ginástica no que diz respeito ao código da ginástica artística feminina, que está

constantemente a sofrer alterações e isso é completamente abominável. Agora se eu conseguir diferenciar e tentar analisar apenas a direcção dessas alterações, parece-me que tem vindo com alguns pontos, mas não há regra sem excepção, no sentido de dar maior credibilidade à ginástica e tentar atenuar comportamentos que são eticamente reprováveis.

2.1.8 Uma vez que actualmente se pode ultrapassar a fasquia máxima dos 10 pontos, concorda com a alteração do CP que veio permitir o estabelecimento de recordes na GA? Não veio este facto deturpar o significado e o objectivo principal da GA (atingir a nota máxima), algo raro e inatingível, a perfeição, que tanto caracterizava a modalidade? (Justifique/Argumente a resposta dada)

Acho que isso é uma leitura muito restritiva daquilo que se considerava a nota dez. Eu acho que efectivamente dentro daquele panorama da justiça, aquilo que se procurava alcançar com a nota 10, é muito mais interessante se nós começarmos a promover o que é o recorde. Acontece nos outros desportos, o recorde tem um valor muito significativo e é mais justo o recorde, porque nós assistimos a ter 1 a 2, 3 atletas a nota 10 e com desempenhos tão diferenciados, que eu nunca aceitei isso muito bem. Agora, acho que não havendo a "perfeição", é bem preferível o recorde e estou profundamente convencido que o recorde vai completar e vai fazer esquecer a nota 10 e vai assumir-se como uma referência cada vez mais forte e mais interessante, não estou minimamente preocupado com isso.

2.1.9 Tendo em consideração que o risco de executar exercícios de maior valor (VD) pode valorizar o exercício de uma atleta e levar a uma vitória, por outro lado, a penalização por queda é muito elevada (0.80 p.) e pode levar à consequente derrota. Na sua opinião, vale ou não a pena correr o risco de executar os elementos mais difíceis, e quais as situações em que colocará os seus ginastas numa ou noutra opção.

Sim ☐

Não ☐

Não posso, acho que é uma opinião absurda, não tem nada a ver uma coisa com a outra, eu não posso ter essas opiniões, pois eu acho que isto só vai dar mais justiça.

O resultado desportivo não aparece baseado exclusivamente na valorização dos exercícios que nós desempenhamos. O resultado desportivo ou o desempenho, que está baseado no desempenho do atleta, resulta da interpretação de

muitos factores que na altura da prova vão influenciar, todos eles são importantes, porque a competição não é só fazer mais difícil, é tudo: é saber estar, é a atitude, é o comportamento, é o conseguir reagir a situações menos habituais, ou seja, há uma componente psicológica muito forte e cada vez mais decisiva para os resultados. Se isso faz parte da competição, deve ser visível neste aspecto. Se ele achar que tem estrutura mental e personalidade para correr e tem garantias que corre, se não achar não corre, se correr e se correr mal, muito bem, mas a vida é assim. Por exemplo eu tenho um automóvel e vou numa corrida de fórmula 1 e arrisco-me a fazer uma ultrapassagem, que sei que se só fizer aquela ultrapassagem é que eu ganho, se correu mal, correu mal, espatifei-me e posso inclusivamente morrer.

Quanto ao risco para a atingir um objectivo, sou a favor do risco interpretado de uma forma consciente, que é o contrário do risco que é entendido como o "arriscar", eu corro riscos sem arriscar. O que é que eu quero dizer com isto… Um pressuposto que todos os treinadores deveriam ter durante a prática gímnica, como primeira forma ou primeira intenção é a segurança, ou seja, se eu promover a aprendizagem de um determinado exercício, que eu sei que é um exercício cujo coeficiente de dificuldade é muito elevado e como tal vale muito, em que o meu atleta durante o processo de trabalho tem uma eficiência de execução de 80%, mas quando falha não põe em risco a sua integridade física, limitando-se a falhar e naturalmente a tirar uma pontuação menor, eu estou a arriscar mas não estou a por nada em risco e, nestes casos eu sou apologista, há que lutar. Agora se as pessoas começarem a fazer uma confusão entre o arriscar e o risco e, começarem a pegar na atleta, e com a avidez desmesurável, absurda que eu considero eticamente desqualificável, que é… a ginasta nem sequer ainda faz bem o exercício, não tem segurança na sua execução e que vou por em risco a integridade física da atleta, acho isso completamente absurdo, eticamente inqualificável. Acho que para os treinadores que vejam a ginástica desta forma, deveria haver uma forma de os penalizar e exclui-los da prova, nem que fosse momentaneamente, se permitissem que atletas seus se arriscassem a determinados tipo de desempenhos que toda a gente se apercebe que não estão preparados para os efectuar.

Quando estão preparados, ai devem arriscar se têm ambições, acho que devem, e se falhou, falhou, tem de estar preparados para trabalhar, é assim que é bonita a ginástica. Mas, não sou absurdo ao ponto de dizer que eu estou… estive muitos anos no alto rendimento desportivo e fiz isso muitas vezes e continuo a defender isso. Se faço um aparelho, dois, três aparelhos e vou à frente da classificação e sinto que há um elemento em que tenho 20% de hipóteses de falhar, eu não tenho a mínima dúvida que o vou retirar para garantir a vitória na prova; não tenho a mínima dúvida, mas já arrisquei nos outros para me permitir estar à frente, pois a ginástica também tem estratégia. Se quero ganhar e arriscar, tenho que arriscar, arriscar com segurança, acho que sim, é bonito.

2.1.10 Comparativamente ao CP anterior vários elementos deixaram de ter valor de dificuldade (VD) enquanto que outros passaram a ter mais valor de dificuldade (VD). Acha que de uma forma geral isso foi positivo ou negativo? Existe algum ou alguns elementos com que não está de acordo em ter(em) sido alterado(s)?

Não tenho bem ideia dessas alterações, no entanto quanto ao facto dos gímnicos terem baixado de valor enquanto que os acrobáticos foram valorizados em relação ao código anterior, posso dizer que acho isso muito justo. A ginástica não deve em caso algum abdicar da componente estética que lhes é conferida, muitas das vezes através dos elementos gímnicos. Ou seja, é essencial que, mas isso consegue-se através da imposição, na elaboração ou na estruturação dos exercícios seja obrigatório terem elementos gímnicos e consegue-se que eles sejam incluídos, mas devem ser valorizados o suficiente, porque é inconcebível que ponham elementos gímnicos a valorizar o que se consegue com algum trabalho num espaço de tempo muito mais reduzido, a valer tanto como elementos de dificuldade que demoram anos de trabalho. Nunca se devem abdicar deles, mas devem ser entendidos como pressupostos obrigatórios na elaboração dos esquemas, mas cuja a valorização não tem que ser, ou seja, a valorização existe por ser obrigatório a sua inclusão, e eles têm que os trabalhar porque se os fizerem mal têm que ser penalizados, agora a valorização excessiva não faz sentido, é absurdo, sempre achei e continuo a achar.

Quanto às directrizes técnicas do novo código, por exemplo na execução de uma tripla pirueta em que não se faça completamente, nem que seja por 5º, já não conta a tripla pirueta, baixando logo o valor. Eu achava isso absurdo no código anterior, já que ninguém conseguia determinar isso dos 5º, ou faz pirueta completa ou não faz. Ninguém conseguia diferenciar isso, portanto acho isso justíssimo e que sempre em caso de dúvida nunca se deva penalizar a atleta; agora quando as coisas são suficientemente claras, acho muito bem que não conte.

2.1.11 Verifica que as novas alterações vieram facilitar a participação competitiva (resultados) dos seus ginastas?

Sim ☐

Não ☐

Gostaria de entender que sim, não nos resultados, uma coisa é facilitar a participação competitiva, acho que poderá vir a facilitar a participação competitiva, e inclusivamente a partir do momento em que se retirem os obrigatórios que existem e que eu não acho mal, mais uma vez acho que é capaz de ser justo porque eles vêem que a sua carreira

desportiva vai evoluir e dantes não evoluíam, mudavam de escalão e voltavam outra vez para trás. Essa é uma componente positiva do novo código, o aspecto psicológico é facilitado e o entendimento da competição.

Quanto a resultados, não facilitam nem deixam de facilitar, cada um vai obter os resultados que conseguir.

2.1.12 Como treinador, sente-se mais motivado?

Sim ☐

Não ☐

Como treinador de clube, continuo a achar que não chego ao ponto de usufruir das alterações. Se estivesse neste momento no alto rendimento ou se recuasse ao tempo em que estava a treinar atletas para Campeonatos do Mundo ou Jogos Olímpicos, não tenho a mínima dúvida que dizia que me sentia mais motivado, sempre quis que isto acontecesse; na altura senti que era isto que gostava que acontecesse.

2.1.13 Os atletas sentem-se mais motivados?

Sim ☐

Não ☐

Depende do perfil psicológico dos atletas. Houve atletas bons que se sentiram comodamente instalados e que souberam aproveitar ao máximo o código antigo e naturalmente esses, perante o novo código, acho que ficariam mais inseguros, mais desconfortáveis e ia exigir deles provavelmente um tipo de esforço diferente aos quais provavelmente não estavam psicologicamente preparados, ou motivados ou interessados. Por outro lado, outros haveriam, provavelmente dada à sua componente psicológica, de se sentir muito mais motivados, porque poderiam achar que isto era uma porta aberta para eles conseguirem ultrapassar aqueles que nunca tinham conseguido ultrapassar antes. O que me parece é que isto abre portas para atletas com um perfil psicológico de trabalho diferente, aqueles que são mais aguerridos, mais ambiciosos, provavelmente têm aqui uma janela de oportunidade.

2.1.14 Deseja acrescentar alguma informação ou algum pormenor relativamente à alteração do CP, que no seu entender possa ser relevante?

Sobre o código não. Tudo o que nós desejamos é naturalmente que o corpo de juízes se limite cada vez mais única e exclusivamente a fazer uma interpretação o mais correcta e aproximada do código e que não coloque "ruídos" na

interpretação do desempenho das atletas, que vão descaracterizar a modalidade e vão criar situações anómalas e sempre indesejáveis. Não é o código em si, é depois a sua aplicação e por quem é aplicado.

Porto, 9 de Março de 2007, 18:00 horas

ENTREVISTADO Nº 3

PARTE I – CARACTERIZAÇÃO INDIVIDUAL

Treinador ☒

Juiz ☐

1.1 Sexo: Masculino ☒ Feminino ☐ 1.2 Idade: 44 (anos) 1.3 Nacionalidade: Portuguesa

1.4 Habilitações Académicas:

4ªclasse	6ºano	9ºano	12ºano
☐	☐	☐	☐
Bacharelato	Licenciatura	Mestrado	Doutoramento
☐	☐	☒	☐

1.5 Para além da sua formação académica, qual o seu nível de formação:

o como treinador Nível I

o como juiz ----------

1.6 Para além da Ginástica, tem outra actividade profissional?

Sim ☒

Não ☐

Se sim, qual? Professor de Educação Física

PARTE II

2.1 GUIÃO DA ENTREVISTA – TREINADORES

2.1.1 Anos de actividade na Ginástica Artística:

o como atleta 6 (anos)

o como treinador 18 (anos)

o como juiz __---__ (anos)

2.1.2 No âmbito da Ginástica Artística Feminina, que papeis já desempenhou como treinador?

Treino de Jovens (Iniciação)	Treino de Jovens (Aperfeiçoamento)	Treino (Competição)	Treino (Alto Rendimento)
☒	☒	☒	☒

2.1.3 No âmbito da Ginástica Artística Feminina, que papel desempenha actualmente como treinador?

Treino de Jovens (Iniciação)	Treino de Jovens (Aperfeiçoamento)	Treino (Competição)	Treino (Alto Rendimento)
☐	☐	☒	☐

2.1.4 No seu ver é importante ter sido atleta (ex-ginasta) de GA, para ser um bom treinador da modalidade? (Justifique/Argumente a resposta dada)

Sim ☐

Não ☐

Não, mas ajuda, ajuda, nada mais que isso. Ajuda, mas eu não me lembro de nenhum grande ginasta que tenha sido um grande treinador. E lembro-me de alguns grandes treinadores que, ou foram fracos ginastas ou nem sequer foram ginastas. O homem que fez a Nadia Comanechi nunca foi ginasta na vida dele, salvo erro, era treinador de boxe, ou uma coisa assim do género, não tem nada a ver com a ginástica. Estive em estágio na Roménia, os treinadores lá é vulgar e frequente nunca terem sido ginastas, é uma coisa normalíssima. Aqui não, aqui em Portugal não, uma pessoa que não seja da ginástica, que nunca tenha sido da ginástica e nunca tenha feito ginástica não consegue entrar e mesmo as próprias pessoas da ginástica às vezes não conseguem entrar. Mas lá, num sítio onde toda a gente é mesmo muito melhor do que aqui, são todos muito bons e os treinadores fazem ginastas que depois entram na

selecção da Roménia e depois até são Campeãs Olímpicas, é normal o treinador nunca ter feito ginástica. Onde eu estive em Denver, que era um centro de treino, talvez o mais importante da Roménia, o treinador com quem estive, era um da equipa deles, era do Voleibol, estava a vários anos a dar treinos de ginástica e as ginastas dele iam entrar para a selecção, o homem era do Voleibol.

2.1.5 Em relação ao Código de Pontuação de Ginástica Artística Feminina (CP 2006), considera terem existido grandes mudanças/alterações em relação ao último Código em Vigor (CP 2001)?

Sim ☐

Não ☐

2.1.5.1 Se sim, quais considera terem sido as mais significativas?

Sim. Foi a vez em que houve mais e maiores mudanças, desde que eu me lembro. O fim da nota máxima, é a mais significativa porque todas as outras têm haver com o facto da nota máxima ter acabado, todas aquelas alterações na forma de pontuar e na análise que se faz dos esquemas têm haver com o facto da nota máxima ter acabado.

2.1.5.2 Das mudanças/alterações verificadas, quais são no seu entender, as vantagens e desvantagens?

A vantagem é de que há um aumento da dificuldade… mas ao mesmo tempo é uma desvantagem, o aumento da dificuldade é vantajoso e é desvantajoso, depende da maneira como se olha e analisa. É vantajoso porque tornou a modalidade mais espectacular, quer dizer, alguém que está de fora, para já consegue perceber quanto é que vale cada nota, depois percebe-se a tentativa de aumentar a dificuldade em muitos dos esquemas. A desvantagem é que esse aumento da dificuldade nem sempre é bem sucedido.

2.1.5.3 Está satisfeito com estas mudanças/alterações do CP? (Justifique em função da sua participação presente no treino)

Sim ☐

Não ☐

Em termos de código, … repara as minhas ginastas são de nível intermédio, as mudanças do código não influenciam muito. Depois se estou satisfeito com as alterações do código de pontuação, … eu acho este código mais inteligente

que o anterior, mas também não estou satisfeito nem deixo de estar, tenho que aceitar e cumprir aquilo que me dão e apresentam.

2.1.6 Em relação ao seu trabalho como treinador, procedeu a mudanças ao nível da metodologia de treino, em virtude das alterações verificadas no CP 2006? Ou por outro lado, essas mudanças não alteraram de forma significativa a sua metodologia de treino aplicada ao longo de uma época ou de um ciclo olímpico?

Sim ☐

Não ☐

2.1.6.1 Se respondeu não, justifique porque considera que não terem sido necessárias alterações ao nível do treino.

Não, em termos de metodologia não. Como já disse elas são de um nível intermédio, logo para já ainda não influencia de forma significativa o treino, não mudei nada. Faço mais contas quando é para decidir se determinado elemento entra ou não no esquema, já se fazia e pensava antes, antigamente, mas agora pensasse um bocadinho mais e fazem-se mais contas quanto aos ganhos ou perdas em termos de pontos. Implicou um cuidado maior na elaboração dos esquemas. Como as minhas ginastas ainda são de um nível intermédio, as mudanças não foram significativas.

2.1.6.2 Se respondeu sim, quais as principais mudanças que teve de fazer na sua metodologia de treino. Quais os exercícios que deixou de treinar (se deixou) e quais os que começou a treinar (se tal se verificou)?

2.1.6.2.1 No aquecimento?

2.1.6.2.2 Na flexibilidade?

2.1.6.2.3 No trabalho de força (preparação física)?

2.1.6.2.4 Na coreografia (ballet)? Neste momento dá a mesma importância a esta componente de treino da GAF ou mudou alguma coisa?

2.1.6.2.5 Nos saltos?

2.1.6.2.6 Nas paralelas assimétricas?

2.1.6.2.7 Na trave?

2.1.6.2.8 No solo?

2.1.6.2.9 Em relação às novas ligações de elementos possíveis, nas PA, na TR e no SO? (Devido à valorização que é dada actualmente pelo CP às ligações).

No solo, nos saltos tento juntar mais elementos. Nos restantes aparelhos gostava mas ficamos pelo gostava.

2.1.7 Considera que as alterações verificadas no CP vieram trazer mais exactidão no ajuizamento das ginastas e maior credibilidade à modalidade? (Justifique/Argumente a resposta dada)

Sim ☐

Não ☐

Sim considero. Porque quando a escala é muito pequenina e há muitos bons ginastas, é muito difícil colocá-los, metê-los todos os ginastas dentro de uma escala pequenina e fazer com que haja justiça entre eles. Agora é mais fácil, a amplitude é maior, portanto, a probabilidade de se conseguir seriar os ginastas na classificação, no resultado e na nota, de uma forma justa é maior. Mais fácil estabelecer diferenças entre as ginastas.

2.1.8 Uma vez que actualmente se pode ultrapassar a fasquia máxima dos 10 pontos, concorda com a alteração do CP que veio permitir o estabelecimento de recordes na GA? Não veio este facto deturpar o significado e o objectivo principal da GA (atingir a nota máxima), algo raro e inatingível, a perfeição, que tanto caracterizava a modalidade? (Justifique/Argumente a resposta dada)

Eu concordo com a alteração. Confesso que ao principio me custou um bocadinho a entrar, foram muitos anos a pensar na nota dez, isto demorou algum tempo, aqui o esquema mental a adaptar, mas com nota dez ou sem nota dez, o objectivo da ginástica continua a ser sempre o mesmo. Quer dizer, não mudou pelo facto de agora não existir nota dez. Quer dizer, pelo contrário, como as penalizações às imperfeições são muito maiores, as preocupações com a perfeição são mais elevadas.

2.1.9 Tendo em consideração que o risco de executar exercícios de maior valor (VD) pode valorizar o exercício de uma atleta e levar a uma vitória, por outro lado, a penalização por queda é muito elevada (0.80 p.) e pode levar à consequente derrota. Na sua opinião, vale ou não a pena correr o risco de

executar os elementos mais difíceis, e quais as situações em que colocará os seus ginastas numa ou noutra opção.

Sim ☐

Não ☐

Não sei. Cada caso é um caso. Há casos em que sim, há casos em que não. Há ginastas em que se pode arriscar mais e ginastas em que se pode arriscar menos. Vou dar um exemplo, tenho uma atleta que quando quer é muito competitiva, eu arriscaria numa situação em que tenho um elemento que não está muito consolidado, mas que eventualmente precisasse dele, desde que não ponha em causa a integridade física, obviamente, mas que eventualmente precisasse dele para atingir mais qualquer coisa na classificação, no resultado, eu provavelmente com esta ginasta e depois tinha que ver em cada modelo porque é uma atleta mais competitiva e que lida com a pressão com mais facilidade e no momento da prova se for preciso faz, arriscaria mais facilmente com esta e menos facilmente com outra, que se calhar não era, não é tão positiva e tão forte psicologicamente. Só caso a caso é que se pode ver.

2.1.10 Comparativamente ao CP anterior vários elementos deixaram de ter valor de dificuldade (VD) enquanto que outros passaram a ter mais valor de dificuldade (VD). Acha que de uma forma geral isso foi positivo ou negativo? Existe algum ou alguns elementos com que não está de acordo em ter(em) sido alterado(s)?

Eu acho que foi positivo. Não me estou a lembrar assim de nenhum elemento. Havia um elemento que era a mosca nas paralelas que contava despegue, eu nem me queria acreditar, era muito ridículo, mas eles já alteraram isso, já corrigiram isso. Quando soube que mosca contava como despegue, demorei muito tempo a acreditar, mosca contar um despegue, uma atleta faz mosca tem despegue, outra ginasta faz guinguer tem despegue. Não tinha lógica nenhuma, mas pronto, já corrigiram isso. Acho bem que os elementos gímnicos tenham baixado de valor, porque no código anterior os elementos gímnicos tinham um peso muito forte. Eu lembro-me de ter visto uma competição em Espanha, foi os Jogos Olímpicos da Juventude, eu vi da bancada e portanto, confesso que quando vi da bancada não vi as notas que iam saindo para cada uma, e vi a final e disse que ia ganhar aquela, uma coisa espectacular em solo, e ficou em 3º ou 4º, e quem ganhou foi uma ginasta que tinha e fazia uns gímnicos muito bons. Estava demasiado sobrevalorizado. Agora acho que está mais equilibrado.

2.1.11 Verifica que as novas alterações vieram facilitar a participação competitiva (resultados) dos seus ginastas?

Sim ☐

Não ☐

Nas minhas é indiferente. As minhas regem-se por um código adaptado.

2.1.12 Como treinador, sente-se mais motivado?

Sim ☐

Não ☐

A minha motivação não vem do código. Com este ou com outro, tanto posso estar motivado como desmotivado. O que dá motivação a um treinador e falo por mim, é a forma como se olha para as ginastas e como as ginastas vão trabalhando e vão evoluindo. Quando as ginastas estão, as ginastas passam por fases de maior motivação e fases de menor motivação, os treinadores igual, somos todos pessoas, pelos menos eu sinto-me mais motivado e com mais "pica" quando as ginastas estão numa fase também boa, e portanto uma coisa leva à outra, quando as ginastas estão, como é agora o caso pelo qual estou a passar, quando estão numa fase que não andam nem desandam, nem treinam nem deixam treinar, a minha vontade é dizer, vão para ali e façam qualquer coisa, quero lá saber do que elas fazem ou não fazem, tanto me faz de que seja aquele código ou outro código, é-me indiferente.

2.1.13 Os atletas sentem-se mais motivados?

Sim ☐

Não ☐

Não me parece que estejam mais motivados por aí. Nem mais nem menos. Acho que uma coisa não tem nada haver com outra.

2.1.14 Deseja acrescentar alguma informação ou algum pormenor relativamente à alteração do CP, que no seu entender possa ser relevante?

Porto, 9 de Março de 2007, 20:00 horas

ENTREVISTADO Nº 4

PARTE I – CARACTERIZAÇÃO INDIVIDUAL

Treinador ☒

Juiz ☐

1.1 Sexo: Masculino ☐ Feminino ☒ 1.2 Idade: 30 (anos) 1.3 Nacionalidade: Portuguesa

1.4 Habilitações Académicas:

4ªclasse	6ºano	9ºano	12ºano
☐	☐	☐	☐
Bacharelato	**Licenciatura**	**Mestrado**	**Doutoramento**
☐	☐	☒	☐

1.5 Para além da sua formação académica, qual o seu nível de formação:

o como treinador ___Grau III – FPG_____

o como juiz ___Juiz Internacional – Categoria IV_____

1.6 Para além da Ginástica, tem outra actividade profissional?

Sim ☒

Não ☐

Se sim, qual? ___Professora Ensino Superior_____

PARTE II

2.1 GUIÃO DA ENTREVISTA – TREINADORES

2.1.1 Anos de actividade na Ginástica Artística:

o como atleta 13 (anos)

o como treinador 13 (anos)

o como juiz 14 (anos)

2.1.2 No âmbito da Ginástica Artística Feminina, que papeis já desempenhou como treinador?

Treino de Jovens (Iniciação)	Treino de Jovens (Aperfeiçoamento)	Treino (Competição)	Treino (Alto Rendimento)
☒	☒	☒	☒

2.1.3 No âmbito da Ginástica Artística Feminina, que papel desempenha actualmente como treinador?

Treino de Jovens (Iniciação)	Treino de Jovens (Aperfeiçoamento)	Treino (Competição)	Treino (Alto Rendimento)
☐	☒	☒	☒

2.1.4 No seu ver é importante ter sido atleta (ex-ginasta) de GA, para ser um bom treinador da modalidade? (Justifique/Argumente a resposta dada)

Sim ☒

Não ☐

Acho que é importante porque se sente melhor os exercícios, percebe-se a dinâmica de todos os exercícios, quer de força, equilíbrio, balanços e todos os movimentos, mas acho que não é imprescindível. Isto, porque há treinadores que nunca foram ginastas e são bons treinadores, basta entender a orgânica do ensino da ginástica.

2.1.5 Em relação ao Código de Pontuação de Ginástica Artística Feminina (CP 2006), considera terem existido grandes mudanças/alterações em relação ao último Código em Vigor (CP 2001)?

Sim ☒

Não ☐

2.1.5.1 Se sim, quais considera terem sido as mais significativas?

Sim.

Uma delas foi a passagem da pontuação, em termos visuais e exteriores, de 10 para ilimitada. Outra, foi mesmo dentro da orgânica das exigências específicas de cada aparelho, em que também houveram algumas modificações importantes, não quero dizer que tenha sido uma reviravolta de 180º, mas muita coisa mudou, nomeadamente em termos de ligações. Para quem tinha o código anterior, como juiz ou mesmo como treinador e, para quem tem este, precisou de ver, não somente as pequenas alterações, mas precisou quase do rever desde o princípio, para ver o que realmente estava diferente.

2.1.5.2 Das mudanças/alterações verificadas, quais são no seu entender, as vantagens e desvantagens?

Dentro da pontuação, uma das vantagens é não haver um limite e portanto se ter a ideia de que um bom ginasta tem de ser bom e perfeito ou mais ou menos e perfeito. Havendo agora um recorde, pontuamos 12p, 13p, 14p, 15p, 16p e vai havendo sempre alguém que consegue pontuar mais um bocadinho e isso é aliciante para vermos que realmente estamos a evoluir, se estamos a fazer mais coisas. Quando era a pontuação de 10p, não havia tanto essa ideia, porque havia ginastas que podiam fazer mais coisas e não faziam porque não valia a pena e portanto acabava por algumas ginastas não serem beneficiadas.

Outra vantagem do novo código situa-se ao alto nível. Há vantagens para diferenciar um excelente atleta de um muito bom atleta e dai para baixo. Para os mais pequenos, porque o código é para todos, é mais difícil, embora agora já tenha havido alterações que vão-se adequando, agora já houve outra alteração com os números mais pequenos, porque houve uma fase em que não se conseguiam ver muito bem as diferenças, porque as ginastas não faziam nada das exigências. Por exemplo uma ginasta que faz rondada flic pirueta ou rondada flic dupla no solo e uma ginasta que faz rondada flic mortal engrupado ou rondada flic mortal empranchado, não tem uma diferenciação nas exigências específicas que lhe façam diferenciar muito o seu número. Por exemplo uma dupla é um C, que vale 3 décimos e um empranchado ou uma pirueta é um B, portanto a diferença que tem de uma para a outra é de 1 décimo e, basta a que faz a dupla dar um passo para trás e a que faz pirueta não dar passo nenhum, que não há diferença. Não há na composição uma pontuação taxativa, tipo 4 ou 5 décimos se não faz isto ou aquilo. Agora já vai havendo, por exemplo tem de fazer um duplo e uma pirueta e isso veio modificar e melhorar um bocadinho essas coisas que eu estou a dizer. Quem não faz piruetas é diferenciado de quem faz, quem não faz duplos também é diferenciado e isso é bom. Mas

mais atrás um bocadinho torna-se mais difícil, mas depende sempre do que me estás a perguntar, se é vantajoso no geral ou não, eu acho que as mudanças foram vantajosas.

Em alguns aparelhos as mudanças fizeram com que os esquemas fiquem todos iguais, que mudem para o mesmo. Por exemplo no solo agora só há séries, "não há" gímnicos, os gímnicos mudaram de valor, baixaram de valor e não há ligações e portanto já ninguém faz gímnicos. Os esquemas estão acrobáticos, parece um esquema de masculina só que com música e nem dá quase tempo para fazer coreografia. O importante é treinar as acrobacias, alguns gímnicos para preencher as exigências específicas, porque não dá valor nenhum se fizeres mais. Há poucos, para não dizer quase nenhum D gímnico e portanto não vale a pena estar a perder tempo com aquilo.

2.1.5.3 Está satisfeito com estas mudanças/alterações do CP? (Justifique em função da sua participação presente no treino)

Sim ☒

Não ☐

Sim.

Estou satisfeita com as mudanças, embora se tenham alterado algumas coisas no trabalho que se tem em cada aparelho. Por exemplo, em todos os aparelhos, à excepção da trave, onde se verificaram alterações de menor nível, em todos os restantes aparelhos houveram alterações. Quem quiser ser especialista de saltos de cavalo, agora tem de realizar um salto à frente e um salto a trás, enquanto que dantes se podia fazer um tsukahara encarpado e um tsukara empranchado, não… , tinham que ser de grupos diferentes… e eu não estou nesse nível.

No cavalo é essa a grande diferença que acho que veio alterar o treino, o meu especialmente não, porque não tenho especialistas no cavalo, mas alteraria com certeza totalmente. Alterou totalmente o trabalho dos finalistas dos Campeonatos do Mundo e por ai adiante, porque tiveram de fazer saltos completamente diferentes. Por exemplo nas paralelas, para mim houve mudanças porque nós aqui em Portugal trabalhamos pouco ou, falando por mim, trabalho pouco pega facial, dorsal e cubital. Trabalho mais em facial, despegues e primeiro preocupo-me com isso e, só depois… que está mal, eu sei que não está bem… Mas o novo código veio obrigar-me a fazer uma coisa que eu já devia fazer, portanto acho que foi positivo. Porque tenho de trabalhar, no caso da Filipa, que eu também tenho pequena, já está a trabalhar as 2 pegas e até já está a trabalhar as 3 pegas, para depois fazer a que lhe der mais jeito e há exercícios em cubital que são todos mais difíceis, que se tornam mais difíceis e portanto mais valiosos. Mudou muito

nesse campo e mesmo na formação e acho que isso foi muito positivo. Veio alterar também, por exemplo têm que fazer um exercício com uma rotação de 360º e também veio obrigar que as ginastas façam esse tipo de exercício ou uma volta livre com pirueta ou um gigante com pirueta, que acho que foram mudanças positivas, para as pessoas trabalharem as coisas que se fazem nas paralelas, porque senão as pessoas só trabalham despegues, só trabalham passagens para cima, passagens para baixo, que são aquelas que estão nas exigências específicas. Desta forma veio obrigar a fazer mais coisas, que acho que é muito bom.

2.1.6 Em relação ao seu trabalho como treinador, procedeu a mudanças ao nível da metodologia de treino, em virtude das alterações verificadas no CP 2006? Ou por outro lado, essas mudanças não alteraram de forma significativa a sua metodologia de treino aplicada ao longo de uma época ou de um ciclo olímpico?

Sim ☒

Não ☐

2.1.6.1 Se respondeu não, justifique porque considera que não terem sido necessárias alterações ao nível do treino.

2.1.6.2 Se respondeu sim, quais as principais mudanças que teve de fazer na sua metodologia de treino. Quais os exercícios que deixou de treinar (se deixou) e quais os que começou a treinar (se tal se verificou)?

A algumas coisas já te respondi anteriormente, que essas alterações mudaram a metodologia de treino. No caso da Zoe é mais difícil, porque ela já está numa fase mais avançada, há coisas que ela tem dificuldade mesmo que eu mude. Eu já tentei mudar e mudei, portanto fiz essas alterações, mas tenho mais dificuldade porque ela é maior. Mas por exemplo na Filipa já alterei completamente a minha filosofia de aprendizagem, tenho que lhe fazer outras coisas. Se calhar neste momento não faz nada de especial, porque está a fazer muitas coisas que tem que fazer, para depois quando for grande poder usufruir delas. Mudei muita coisa e por exemplo no solo também. Eu acho que em termos de início não mudei nada, porque eu já fazia saltos à frente, saltos a trás, piruetas, duplos, já os fazia todos. Mas quanto à inclusão desses elementos num número, a metodologia de treino para colocar num número, já estou a pensar em fazer mais elementos acrobáticos num número e isso altera muito a metodologia de treino, porque se tem de fazer durante o ano todo mais coisas. Não posso por exemplo chegar à altura competitiva e só fazer os elementos que elas têm a fazer,

pois tenho de continuar um bocadinho os outros elementos para ver se os consigo meter dentro do número, porque dá para meter, em vez de ter 3 séries pode pôr 4 e isso beneficia bastante e portanto ai alterou. Mas por exemplo nesse aspecto, relativamente à pergunta anterior, não acho que seja uma vantagem.

2.1.6.2.1 No aquecimento?

No aquecimento não, nada.

2.1.6.2.2 Na flexibilidade?

Na flexibilidade alterei sim, mas não foi devida às mudanças do código.

2.1.6.2.3 No trabalho de força (preparação física)?

No trabalho de força, na preparação física sim. Por exemplo a Zoe e a Filipa agora estão a trabalhar em dorsal e estão a trabalhar para Endos, os Stalder ao contrário e os dorsais, portanto estão a trabalhar pinos, a aguentarem pino com esta posição, força só força, não estou a dizer o trabalho com flexibilidade e, por exemplo, mesmo de flexibilidade se falamos nisso sim, por exemplo a Filipa já faz uns exercício de ombros para cubitais, para ter os ombros mais encaixados, nessa flexibilidade nela, por exemplo a Zoe não alterou em nada. Na força, ângulos pinos olímpicos, para fazer os tais Endos, mas de resto em termos gerais nada, não alterei nada.

As alterações foram específicas para alguns elementos, devido à inclusão desses elementos, devido à alteração do código, ou seja, eu já os devia fazer, em termos de um bom treinador faria–os, não estou a dizer que sou má treinadora, mas no código de pontuação anterior não eram tão importantes e uma pessoa vai protelando e não faz e, portanto agora e ainda bem, sinto-me obrigada a fazer e fico contente, porque era uma coisa que eu sentia que não fazia e que me faltava.

2.1.6.2.4 Na coreografia (ballet)? Neste momento dá a mesma importância a esta componente de treino da GAF ou mudou alguma coisa?

Em termos de coreografia/ballet mudou no treino mas não foi por causa do código. Estou a fazer mais coreografia mais ballet porque estava a faltar isso no treino mesmo para qualquer código.

2.1.6.2.5 Nos saltos?

Nos saltos de cavalo também não mudei porque não tenho especialistas e não tenho necessidade. Mas quer dizer, não e sim, como é que hei de explicar isto… Por exemplo a Zoe já fez na vida dela queda mortal, já fez tsukahara encarpado, já estão aqui grupos diferentes, mas dantes não era preciso, portanto ela fazia um ou outro conforme o que ela quisesse pôr na prova, o que ela estivesse a fazer bem. Hoje em dia, para se tentar tornar especialista ela está a em fazer um salto a trás e um salto à frente, não quer dizer que tenha mudado nada, só está a fazer é os dois e dantes não os fazia porque não tinha intenção, só se fosse às finais é que tinha de fazer 2 grupos diferentes. Neste momento sim, mas acho que não é pelas alterações do código, é porque que neste momento a tenho com possibilidades de fazer isso.

2.1.6.2.6 Nas paralelas assimétricas?

Nas paralelas assimétrica as mudanças estão nas pegas, no tipo de pegas e no trabalho das rotações, isto para a Zoe, porque por exemplo para a Filipa ela ainda nem sequer está a fazer rotações ainda que estejam no código, porque é pequena e ainda não consigo fazer isso e estou a fazer o que já fazia com os outros que estão nas exigências específicas e que já estavam nos outros códigos.

2.1.6.2.7 Na trave?

Na trave não alterei nada no treino.

2.1.6.2.8 No solo?

No solo foi o que te disse há bocado, é o trabalho durante mais tempo de muitos elementos acrobáticos. Por exemplo, os elementos gímnicos mudaram de valor, não há ligações, não treino ligações, mas treino os elementos na mesma da mesma forma que treinava antes, só não treino as ligações, porque não são tão importantes, mas como isto está sempre a mudar, qualquer dia vão aparecer outra vez e é só trabalhar as ligações.

2.1.6.2.9 Em relação às novas ligações de elementos possíveis, nas PA, na TR e no SO? (Devido à valorização que é dada actualmente pelo CP às ligações).

Nas paralelas não mudei nada porque não consigo que as minhas atletas estejam nesse nível. A Zoe tinha um

elemento que já podia ligar a outro, mas não tem a ver com o código, porque no outro código valia a mesma coisa.

Agora há mais ligações mas são mais difíceis, mas nem as outras… quer dizer, as outras a Zoe já algumas delas podia fazer e se calhar vai fazer exactamente da mesma forma, seguido, não vai ter valorização, mas ela vai fazê-lo da mesma forma. Portanto não fiz alteração nenhuma porque não estou nessa fase.

Relativamente à trave exactamente a mesma coisa, as ligações que havia antes, por exemplo a que a Zoe faz, está a fazê-la na mesma e as que poderia estar a fazer, ainda não consegue estar nesse nível, já está a treinar, mas eu acho que não é pela alteração do código, é por ela estar a chegar a essa fase de não fazer os elementos sozinhos e então agora começar a ligá-los.

No solo em relação a ligações a Zoe, por exemplo, teve agora uma alteração até grande muito recentemente, sensivelmente há um mês. A Zoe estava a treinar pirueta e meia pirueta, pirueta a trás pirueta à frente, porque era C + C e valia 0,1; agora a pirueta desceu de valor, para B, portanto já não está a fazer. Está a treinar outras ligações que acho que já existiam no código anterior e mesmo existindo no código anterior não consigo dizer que para ela foi uma alteração. Porque ela é nova e quando começou a alterar o código ela ainda estava numa fase que tanto lhe fazia ser o código anterior ou o seguinte. Por isso não constituiu uma alteração em termos de treino.

2.1.7 Considera que as alterações verificadas no CP vieram trazer mais exactidão no ajuizamento das ginastas e maior credibilidade à modalidade? (Justifique/Argumente a resposta dada)

Sim ☒

Não ☐

Sim e Não.

Acho que algumas alterações, por exemplo o facto das quedas valerem mais, de existirem descontos mais exactos: só há descontos de 1,3 e 5, portanto os juízes não podem fazer descontos de 2, para uma coisa que não é 1 nem é 3, ou é 1 ou é 3, ou tira 1 ou tira 3. Não sei se depois na prática os juízes aplicam todos da mesma forma. Não quero com isto estar a dizer mal dos juízes, não é isso… eu própria como juiz não sei se aplico da forma mais correcta, os 0,8 de desconto sim, mas depois há outros descontos em que a modalidade por si só é subjectiva: eu olho e vejo uma coisa e tu olhas e vês outra; eu olho e vejo que ela não abriu bem espargata e tu olhas e vês que ela não abriu em espargata e também não tem grande altura, … portanto, ela por si só é um bocadinho subjectiva. Neste sentido as alterações vieram melhorar, porque há uma discrepância maior de quem não faz para quem faz. Porém, para aquelas que são

muito idênticas, há coisas que não são tão perceptíveis.

Há outras mudanças no código, o facto das exigências específicas estarem diferentes e terem outro tipo de exercícios e valor. Quanto ao valor, teria que se alterar no sentido que deixa de ser 10p o limite e portanto convém que, se as pontuações são maiores, também os descontos para a mesma coisa também sejam maiores, mas é gradual para todos os descontos, não vejo que seja uma coisa má. Quanto ao facto das exigências específicas serem diferentes, acho que veio melhorar e diferenciar melhor as ginastas e ser menos subjectivo. Dantes era subjectivo, o facto por exemplo da composição, que era o quê? Cada grupo, cada país decidia que a composição era, quem não faz, quem já faz piruetas, quem já faz não seio o quê… e agora não, agora mesmo nas próprias exigências específicas já tem algumas coisas que são obrigatórias e portanto se faz, faz e, se não faz, não faz, é desta forma mais fácil, mais exacto.

2.1.8 Uma vez que actualmente se pode ultrapassar a fasquia máxima dos 10 pontos, concorda com a alteração do CP que veio permitir o estabelecimento de recordes na GA? Não veio este facto deturpar o significado e o objectivo principal da GA (atingir a nota máxima), algo raro e inatingível, a perfeição, que tanto caracterizava a modalidade? (Justifique/Argumente a resposta dada)

Acho que veio descaracterizar isso, porque dantes um leigo que olhava para a ginástica e via um 10p, sabia perfeitamente que aquela era a melhor e ficava com aquela na cabeça, em termos de espectacularidade e, agora, um leigo não consegue olhar e dizer qual é que é delas a melhor. A ginástica é difícil de observar, não é se marcou X golos ou se não marcou, isso é fácil, na ginástica é preciso conhecer bem a modalidade para se saber porque aquela teve 15p e aquela teve 16p sendo o esquema igual e perfeito, porém uma fez mais ligações e a outra fez menos e portanto um leigo não entende isso. Mas por outro lado, para nós, que estamos dentro da ginástica, acho que é melhor ser assim, como está agora, porque se vai vendo quem faz melhor e para a espectacularidade da modalidade, por não ser tão conhecida ninguém sabe quem é o máximo, é 15p é 12p e neste aparelho é o quê? Ninguém sabe e portanto se fosse conhecida toda a gente sabia. Para nós, acho que é melhor, mais giro, mais aliciante; partires de uma nota maior, cada vez que fazes mais coisas também partes de uma nota maior e por exemplo, agora hoje em dia, há modelos em cada aparelho, há modelos e dantes havia modelos pela perfeição e não pela boa execução e pela perfeição, ou seja, por fazer muitas coisas e por ser perfeita. Agora quem ganha é quem faz mais coisas e é perfeito, porque também há muita gente que também faz mais coisas e não sendo perfeito o código também é muito penalizador, podendo neste casos passares para último, quase, embora faças muitas coisas.

2.1.9 Tendo em consideração que o risco de executar exercícios de maior valor (VD) pode valorizar o exercício de uma atleta e levar a uma vitória, por outro lado, a penalização por queda é muito elevada (0.80 p.) e pode levar à consequente derrota. Na sua opinião, vale ou não a pena correr o risco de executar os elementos mais difíceis, e quais as situações em que colocará os seus ginastas numa ou noutra opção.

Sim ☐

Não ☐

Isso veio mudar muito a parte da competição, não do treino. Este código faz com que as pessoas, na generalidade é o que os treinadores fazem, os exercícios difíceis só se põem quando estão perfeitos, quando se sabe que não vão cair ou que não vão ter faltas graves. Às vezes nem é o cair, são as faltas graves, porque as faltas graves são 3 e 5, sendo isso uma desvalorização muito grande para o exercício e aquilo que vale na nota de partida meter o exercício difícil, não é compensado pela execução e portanto nunca vale a pena fazer um exercício difícil se não está perfeito. Hoje em dia quase nenhum treinador corre o risco. Eu pessoalmente em quase nenhuma situação correria o risco. Por exemplo a prova que vamos fazer amanhã, que é uma prova de iniciação de época, não é uma prova nacional, portanto é uma prova boa para se meter elementos difíceis, para os atletas poderem experimentar os elementos em situação de competição, que também é difícil. Mas em qualquer outra prova, provas de observação, que não são nacionais e são só provas de pontuação, em nenhuma prova se faz nada difícil, e para cair ou para ter mais descontos, faz-se tudo seguro, pelo menos na minha perspectiva e penso que é na perspectiva de todos, que se obtém melhores resultados. Por exemplo como aconteceu com a Zoe no solo nos Campeonatos da Europa.

2.1.10 Comparativamente ao CP anterior vários elementos deixaram de ter valor de dificuldade (VD) enquanto que outros passaram a ter mais valor de dificuldade (VD). Acha que de uma forma geral isso foi positivo ou negativo? Existe algum ou alguns elementos com que não está de acordo em ter(em) sido alterado(s)?

Este da pirueta, que é o último, de ter passado de C para B, não concordo. Porque acho que é um elemento que não é igual a um empranchado e vale a mesma coisa e, por exemplo, fazer uma pirueta e meia empranchado ou uma pirueta e meia pirueta, acho que não faz sentido, mas pronto, tenho de aceitar.

Quanto à parte dos gímnicos, concordo que eles não sejam tão difíceis como fazer um duplo encarpado, fazer um flic

empranchado na trave, concordo plenamente que há um ou outro que são mais complexos e que são tão difíceis de trabalhar como os acrobáticos. Mas em relação ao solo, o facto deles terem descido de valor e de não haver ligações, também perde o cariz da beleza do exercício que é o que os saltos gímnicos também dão. Mas no código anterior acontecia que os gímnicos tinham algum valor, havia muitas ligações e os esquemas ficavam muito feios, porque só se faziam saltos gímnicos, era excessivo. Portanto, acho que eles retiraram o valor porque estava excessivo e isso também concordava, mas no entanto agora só se vê acrobáticos, portanto ainda não houve ali um meio-termo. Eles desceram, eles não têm um valor que seja coerente com os acrobáticos, em termos de aprendizagem, os elementos gímnicos são 10x mais fáceis do que qualquer acrobático. O tempo que demora a fazer um mortal a trás não é o mesmo que demora a fazer um anjambé.

Resumindo, foi positivo, embora ainda não seja o ideal.

2.1.11 Verifica que as novas alterações vieram facilitar a participação competitiva (resultados) dos seus ginastas?

Sim ☐

Não ☐

Não. Os ginastas que ficavam mais à frente continuam mais à frente e os que ficavam mais a trás continuam mais a trás, isto no meu grupo. Mas por exemplo, as atletas da selecção nacional, são todas idênticas, o facto de algumas alterações em alguns aparelhos serem muito evidentes, veio melhorar muito. Por exemplo nas paralelas, como é obrigatório fazer elemento em voo, como já era, agora é obrigatório ter diferentes pegas, obrigatório não é nas exigências específicas mas é na composição e vai dar ao mesmo, porque tem de fazer na mesma e desconta na mesma, fazer a cambiada, quem faz é beneficiado e tem melhor nota e quem não faz não é beneficiado. Em alguns aparelhos nota-se bem a diferença e as ginastas que conseguem fazer exercícios difíceis e ganhar na mesma aquelas que fazem fáceis e bem, ou muito fáceis e bem, pois conseguem ganhar mais pontos. No entanto há outros aparelhos em que isso já não é tão evidente e portanto às vezes não vale muito a pena arriscar.

2.1.12 Como treinador, sente-se mais motivado?

Sim ☐

Não ☐

Não, é igual, não altera nada, porque eu gosto é de ensinar ginástica. Não tem a ver com o código, esse pode ser todo diferente, desde que não mude o cariz da ginástica.

2.1.13 Os atletas sentem-se mais motivados?

Sim ☐

Não ☐

Acho que implicitamente sim, mas rapidamente não. Eles sentem-se motivados por aquilo que são obrigados a fazer, quer num código quer noutro. Se para ter mais pontos eu tenho de fazer aquilo, é aquilo que eu vou fazer, é para aquilo que eu vou ter aquele objectivo e portanto não tem a ver muito com o código e as suas alterações. Pode é por o código estar diferente, eles sentirem que são diferenciados em relação aos outros e ai pode levar a uma motivação.

Com qualquer código eles estão sempre motivados, para atingir aquilo que nós treinadores lhes vamos dizendo para fazer. Eu quando digo nós treinadores, porque eu tenho ginastas pequenas, porque a partir da Ana, da Zoe, a partir do momento que começam a conhecer bem o código, elas próprias já começam a saber que vale a pena fazer o salto e fazer a recepção a parar, portanto têm um objectivo acrescido, mas isso faz parte da ginástica de todos os códigos, não é deste. Se ela mete um duplo encarpado ou não, acho que a motivação é pelo exercício, não é por ter mais pontos ou não. Essa motivação é quando elas já são maiores e têm os esquemas mais ou menos idênticos e sabem que se meterem, por exemplo no caso da Zoe, tem uma motivação acrescida para meter um tsukahara com pirueta, mas porque é um elemento mais difícil, não é por causa deste código, também já era dantes, portanto tem a graduação da dificuldade, não interessa se dantes valia 5,00 e agora vale 5,20, para ela o que interessa é que fez mais difícil. Agora se ela tivesse na pirueta e agora desvalorizasse e a pirueta e meia valesse a mesma coisa, se calhar tinha de alterar e se motivar para fazer mais.

2.1.14 Deseja acrescentar alguma informação ou algum pormenor relativamente à alteração do CP, que no seu entender possa ser relevante?

Há muitas coisas que se podem dizer mas também que já perguntaste. Que eu fui dizendo que era melhor ou pior, aquilo dos gímnicos, a parte dos acrobáticos. Há ligações que já deixaram de ter valor e que valorizam os esquemas. Há por exemplo uma coisa no código, nas paralelas, que eu não concordo nada e que acho que devia ser alterado, e que mudou o cariz das paralelas. Que é o facto das rotações que acabam fora dos 30º, há umas que é aos 30º e outras

que é aos 10º, não terem valor nenhum ou terem valor e descontar 5 décimos, e 5 décimos é quase a mesma coisa que cair, uma queda, e portanto, o que é que veio alterar, é que as pessoas não fazem. Se desconta e as pessoas aplicam o código, e o código é para aplicar, se aplicam não fazem, e portanto perdeu o cariz das rotações, dos gigantes com pirueta e portanto, eles depois obrigaram a fazer as piruetas mas no entanto, depois dizem que se não terminar a pirueta ou se acabar a pirueta não sei aonde desconta 5 décimos e as pessoas só fazem uma pirueta para cumprir e depois não fazem mais nada. E agora, há esquemas no alto nível, que são esquemas que se olha e se interroga se isto é que é o alto nível. Fazem elementos muito simples, que são C e D mas que para o alto nível são simples e que dantes se viam esquemas mais bonitos, mais valiosos mais difíceis, tu olhavas e querias tentar atingir aquilo. Hoje em dia olhas para aquilo e dizes ai é isto, então vou fazer mais elementos fáceis, muitos elementos fáceis, que também valorizam o esquema, e pronto, e só faço isto. E perdeu ali algumas coisas, que podia ter valorizado, apesar de haver algumas ginastas que são excelentes e continuam a fazê-los mas quem não é excelente não faz, e portanto como em tudo só há alguns que são muito bons e mesmo os muito bons às vezes não fazem porque também têm, por vezes, uma taxa de insucesso grande, e como o código penaliza muito, os descontos são muito rigorosos e exigentes, não fazem.

Porto, 10 de Março de 2007, 13:00 horas

ENTREVISTADO Nº 5

PARTE I – CARACTERIZAÇÃO INDIVIDUAL

Treinador ☒

Juiz ☐

1.1 Sexo: Masculino ☒ Feminino ☐ 1.2 Idade: 34 (anos) 1.3 Nacionalidade: Portuguesa

1.4 Habilitações Académicas:

4ªclasse	6ºano	9ºano	12ºano
☐	☐	☐	☐
Bacharelato	**Licenciatura**	**Mestrado**	**Doutoramento**
☐	☐	☒	☐

1.5 Para além da sua formação académica, qual o seu nível de formação:

o como treinador Nível I

o como juiz Nacional

1.6 Para além da Ginástica, tem outra actividade profissional?

Sim ☒

Não ☐

Se sim, qual? Professor de Educação Física

PARTE II

2.1 GUIÃO DA ENTREVISTA – TREINADORES

2.1.1 Anos de actividade na Ginástica Artística:

- como atleta __---___ (anos)
- como treinador 15 (anos)
- como juiz 10 (anos)

2.1.2 No âmbito da Ginástica Artística Feminina, que papeis já desempenhou como treinador?

Treino de Jovens (Iniciação)	Treino de Jovens (Aperfeiçoamento)	Treino (Competição)	Treino (Alto Rendimento)
☒	☒	☒	☒

2.1.3 No âmbito da Ginástica Artística Feminina, que papel desempenha actualmente como treinador?

Treino de Jovens (Iniciação)	Treino de Jovens (Aperfeiçoamento)	Treino (Competição)	Treino (Alto Rendimento)
☐	☒	☒	☒

2.1.4 No seu ver é importante ter sido atleta (ex-ginasta) de GA, para ser um bom treinador da modalidade? (Justifique/Argumente a resposta dada)

Sim ☐

Não ☐

É importante mas não é uma condição essencial para se ser um treinador desta modalidade. Eu sou treinador desta modalidade e não fui praticante. Não gostava muito de me centrar no meu exemplo, mas em outros exemplos de outros treinadores de grande sucesso na GAF, eles não foram praticantes sequer de Ginástica, estou-me a lembrar por exemplo do caso do Bella Carolli que mudou a ginástica, mudou a face da ginástica, uns dizem que é para melhor outros dizem que é para pior, mas o que é um facto é que ele mudou a ginástica sem ter sido atleta, praticante de GA. É muito importante porque as pessoas têm um contacto muito grande com a modalidade, é uma modalidade muito exigente, muito técnica, e por isso mesmo demora algum tempo, e eu sei disso por experiência própria, que demora bastante tempo, demora vários anos a uma pessoa a entrar verdadeiramente na modalidade de uma forma muito séria.

Até lá uma pessoa tem que investir imenso, tem mesmo que investir vários anos da sua vida de uma forma muito árdua e estudar muito para poder entrar na modalidade. É importante mas não acho, não penso que seja decisivo.

2.1.5 Em relação ao Código de Pontuação de Ginástica Artística Feminina (CP 2006), considera terem existido grandes mudanças/alterações em relação ao último Código em Vigor (CP 2001)?

Sim ☐

Não ☐

2.1.5.1 Se sim, quais considera terem sido as mais significativas?

Há muitas alterações muito importantes, das quais, a principal para já, em termos de aparência do código, é logo o facto dos dez pontos, da nota máxima ter deixado de existir. Há uma separação muito clara entre nota de dificuldade e nota de execução, isso é outra questão importante, em termos da contabilidade das notas de dificuldade as coisas modificaram-se completamente, traz algumas vantagens e alguns inconvenientes que mais à frente falaremos um bocadinho acerca disso, e ao nível de execução está mais exigente, é um facto, está muito exigente ao nível de execução, não sei se chega para os parâmetros actuais, não sei se tem feito a diferença ou não, por aquilo que me parece às vezes sim outras vezes não, mas… houve de facto grandes alterações.

2.1.5.2 Das mudanças/alterações verificadas, quais são no seu entender, as vantagens e desvantagens?

As desvantagens foi que basicamente o tecto que existia da nota máxima é um facto que prejudicava de alguma maneira ginastas que conseguissem fazer mais e mais dificuldade, é um facto. Isso traz a vantagem de podermos ver exercícios com maior dificuldade sem tecto, porque nós sabíamos que havia exercícios com notas que partiam no código anterior de 10,500 e no fundo isso não lhes valia para nada e exercícios menos difícil podiam ser valorizados. Isso é um aspecto muito positivo. Outro aspecto positivo é a valorização que é dada à execução, que me parece que é, que o princípio está correcto, e que só vale a pena arriscar elementos quando eles estão de facto feitos de uma forma, maneira correcta e sem perigo para o praticante. Estes são os aspectos que eu acho que são mais positivos, assim à primeira vista sem pensar mais e talvez mais tarde possam surgir outros à cabeça porque eu não preparei a entrevista. Os aspectos que eu acho que são mais negativos, é que para o publico julgo que deixou de existir uma "bitola", e no fundo era algo cultural, que as pessoas, até hoje toda a gente diz nota dez para qualquer coisa e associam isso à

ginástica, e isso perdeu-se. Eu penso que as pessoas hoje ouvem falar num 15.500 e não sabem o que é, e é difícil explicar. Eu sou comentador na televisão, tenho esse privilégio mas também tenho essa dificuldade. E sinto essa dificuldade, às pessoas, aparecer um 15 ou um 15.500, as pessoas não sabem o que é. Não sabem em relação à referência, não têm agora uma referência. E isso em termos da comunicação social penso que é uma desvantagem. Depois em termos das próprias alterações do código eu julgo que houve algumas prejudiciais, em meu entender em alguns aparelhos, o facto de se pedirem os dez elementos mais valiosos, faz com os exercícios estejam neste momento muito compridos, tanto na masculina como na feminina. Há exercícios que não acabam mais e isso apela a uma nova qualidade física que não estava tão presente no treino da ginástica que é a resistência. Os exercícios de solo deixaram de ter praticamente coreografia, hoje em dia, no meu entender os exercícios de solo estão piores do que há 20 anos atrás em termos estéticos, em termos daquilo que é a venda da própria modalidade para o exterior, eu penso que estão piores. Nos anos 80 era possível ver esquemas com 3 séries acrobáticas e com muita coreografia em que as pessoas se deliciavam com as prestações das atletas. Hoje em dia é muito mais complicado, antigamente havia muita comunicação entre público e atleta e agora, hoje em dia é praticamente, completamente impossível. Ainda por cima com a diminuição do valor dos gímnicos, com a qual eu até concordo, mas o que é que isso veio trazer, é que agora é acrobacia, acrobacia, acrobacia, quando se faz tanta acrobacia é completamente impossível estar-se, há pouco tempo para coreografia, ponto número um, e ponto número dois, as ginastas estão muito mais cansadas e ponto número três, têm que ter muito mais tempo, necessitam de muito mais tempo para se concentrar antes das séries acrobáticas. Conclusão, hoje em dia, ainda há pouco tempo estava a ler um artigo na Internacional Gímnics, de uma coreografa muito conhecida, que é a Adriana Pope, que faz as coreografias da China, da França e da Roménia, etc, e ela dizia… perguntaram-lhe qual era a maior dificuldade com este código de pontuação, e ela dizia, a minha maior dificuldade é ter tempo para fazer coreografia, o meu trabalho quase que não é preciso, necessário.

2.1.5.3 Está satisfeito com estas mudanças/alterações do CP? (Justifique em função da sua participação presente no treino)

Sim ☐

Não ☐

Acho que ainda é um bocadinho cedo para ter uma resposta muito clara acerca disto tudo que está a acontecer. Eu acho que os processos de formação ainda não chegaram suficientemente longe, julgo que vamos necessitar de alguns

anos e de algumas gerações, de uma geração pelo menos de ginastas para perceber o que é que isso nos traz em termos do nosso treino. Mas como já disse, há coisas positivas e há coisas negativas, eu sinceramente não gosto do tamanho dos esquemas, acho que os esquemas estão demasiadamente compridos, na masculina isto ainda se nota mais do que na feminina. Os esquemas estão muito compridos, e os esquemas apelam agora, em paralelas também agora, apelam a uma nova característica que é a resistência, que eu julgo que não faz parte, não tem que fazer parte da ginástica artística. Fazer exercícios com 20 elementos nas paralelas, que é aquilo o que está a acontecer em alguns dos casos, julgo que não tem que acontecer, porque há elementos de ligação que têm que ser feitos, os bicos pino têm que ser feitos, alguns movimentos não podem deixar de ser feitos, e fazer o exercício com 20 não tem nada a ver com o exercício com 12, que era aquilo que se fazia anteriormente, ou com 13 ou com 14, e portanto eu acho que isto é negativo para a modalidade. Depois para além disso não consigo ter uma resposta muito clara.

2.1.6 Em relação ao seu trabalho como treinador, procedeu a mudanças ao nível da metodologia de treino, em virtude das alterações verificadas no CP 2006? Ou por outro lado, essas mudanças não alteraram de forma significativa a sua metodologia de treino aplicada ao longo de uma época ou de um ciclo olímpico?

Sim ☐

Não ☐

2.1.6.1 Se respondeu não, justifique porque considera que não terem sido necessárias alterações ao nível do treino.

Não, em termos de metodologia de treino não alterou significativamente. O que vai alterar e vai alterar logo desde a formação é esta questão da resistência. Que é uma questão que nós próprios eu julgo que não estudamos muito na ginástica e que vamos ter que estudar e investigar mais, e o impacto dos esquemas nos mais jovens. Porque nos mais jovens é suposto eles fazerem esquemas simples, fáceis, bem feitos e não sei até que ponto, não sei com que idade ainda, sinceramente, em termos científicos não há nada que me diga, a partir de que idade é que eu hei-de e devo começar a trabalhar e a treinar exercícios mais complexos, mais compridos digamos assim, com mais tempo. Isso é uma questão que eu acho que com o desenrolar do ciclo olímpico, nós vamos chegando a essa conclusão empiricamente mas também em termos científicos julgo que é preciso estudar.

2.1.6.2 Se respondeu sim, quais as principais mudanças que teve de fazer na sua metodologia de treino. Quais os exercícios que deixou de treinar (se deixou) e quais os que começou a treinar (se tal se verificou)?

2.1.6.2.1 No aquecimento?

2.1.6.2.2 Na flexibilidade?

2.1.6.2.3 No trabalho de força (preparação física)?

2.1.6.2.4 Na coreografia (ballet)? Neste momento dá a mesma importância a esta componente de treino da GAF ou mudou alguma coisa?

Não dou menos importância, muito antes pelo contrário. Porque a questão é que, o código não dá tempo, não dá espaço, mas aquele espaço ou é bem aproveitado ou então já estamos a perder 3 décimos, e tudo... por causa da composição. E pior, o código é muito exigente e se for levado à letra, há as questões da mímica, da expressão facial e da expressão corporal, etc, que não tem a ver com aqueles 3 décimos mas tem a ver com mais e é de cada vez. E se as ginastas não estiverem bem preparadas a esse nível, julgo que vão perder ainda mais. Eu julgo que ainda ganhou mais força e mais valor ainda neste código, no entanto em termos de espectacularidade e de venda para o público piorou. Ou seja, é muito exigente nesse aspecto, mas as pessoas nem se apercebem de que há uma coreografia no solo, e portanto é aí que eu defendo que há algumas coisas que não estão bem.

2.1.6.2.5 Nos saltos?

2.1.6.2.6 Nas paralelas assimétricas?

2.1.6.2.7 Na trave?

2.1.6.2.8 No solo?

2.1.6.2.9 Em relação às novas ligações de elementos possíveis, nas PA, na TR e no SO? (Devido à valorização que é dada actualmente pelo CP às ligações).

Eu acho que em termos de metodologia do treino não há uma alteração profunda porque a base da ginástica é a mesma. E nós aquilo que fazíamos anteriormente em termos do ensino da ginástica basicamente é a mesma coisa. O que é que nós vamos alterar, de um código para o outro, isso tem sido sempre feito, há um elemento que deixa de valer tanto e passa a haver outro elemento que vale mais e nós rapidamente nos adaptamos. Eu acho que a alteração para

este código em termos de metodologia de treino é mais essa adaptação técnica do que propriamente a adaptação, uma coisa extraordinária ou que nos faça mudar muita coisa na formação. Faz-nos mudar alguma coisa na formação, mas no sentido de que fazemos neste momento, temos que abrir mais famílias. O que é que acontece, e isto muito particularmente nas paralelas assimétricas, que não é linear, é um aparelho em que não é linear. No solo nós temos séries à frente e séries atrás, nos saltos temos saltos à frente, atrás e euchenkos e na trave, temos uma série de elementos técnicos que vai havendo uma evolução mas não há muito a inventar. Mas nas paralelas podemos ter pega dorsal, cubital, facial, … movimentos para a frente para trás, com cambiada e sem cambiada, despegues, passagens para baixo e passagem para cima, etc, e tudo isto é de uma versatilidade enorme, há muitas formas de fazer paralelas, muitas e nós vemos uma final de paralelas assimétricas, vemos uma ucraniana, uma chinesa, uma russa, uma americana e uma romena, podem estar as cinco a lutar pelo título mundial, e estão fazer coisas completamente diferentes, o que não é bem assim no solo. Tudo parte exactamente da mesma técnica. O que é que eu acho, acho que, hoje em dia porque os exercícios têm que ser mais compridos, porque há uma exigência muito grande, não basta uma pega tem que ser duas, não se pode fazer só para pino tem que se fazer com cambeada, tem que se fazer mesmo despegues, tem que se fazer passagens para cima e para baixo, tem que se fazer tudo e mais alguma coisa, não há forma, não há volta a dar-lhe. Temos que ensinar todas as famílias. E isso é que em termos metodológicos me parece. Se havia a uns tempos atrás a possibilidade de nos concentrarmos numa determinada família, agora hoje em dia isso não acontece. Nós no ensino temos que ensinar, não diria tudo, mas têm que dominar… uma gama muito grande de famílias. No solo isso também acontece, é um facto, mas por acaso nesse aspecto até acho que está menos exigente do que o código anterior. Eu lembro-me por exemplo de uns exercícios dos anos 80 que toda a gente gosta muito porque é uma referência muito importante, eu acho que o solo dos anos 80 é uma referência muito importante, porque a partir dos anos 90 há um decréscimo do agrado das pessoas em relação ao solo, pelo menos é essa a minha ideia. Nos anos 80 as miúdas especializavam-se muito claramente nos saltos atrás, e hoje em dia não se vê muito mais dificuldade do que aquilo que se via há 20 anos atrás, a Silivaz fez duplo com dupla, e hoje em dia quantos duplos com dupla há, poucos, faziam não sei quantos duplos com pirueta e agora quantos duplos com pirueta é que há, são os mesmos ou pouco mais, se calhar. E, o que é que há, há um maior número de coisas que as ginastas têm que aprender. Há 20 anos atrás elas tinham que aprender muito menos. E o que me parece é que então em termos das paralelas assimétricas isto está brutal. Porque havia ginastas que faziam uma passagem, isto finais de Jogos Olímpicos, faziam uma passagem, um despegue, faziam gigantes ou à frente ou atrás, e faziam duplo empranchado de

saída, e faziam umas piruetas todas bonitinhas, estava tudo direitinho e chegava-lhes, hoje em dia isso não é assim, e este código veio agravar isso, há muitas famílias, não basta só aprender, não se podem especializar… estou-me a lembrar do esquema da Diana Teixeira, que ela com duas piruetas, o mesmo elemento, com duplo empranchado de saída e com um despegue fazia finais lá fora, e hoje em dia isso é completamente impossível. Para já porque não pode repetir o movimento, e o movimento valia E e já vale muito menos. Depois complexificou-se, tem que fazer muito mais coisas, um conjunto enorme de exigências. Fazia uma passagem atrás, dava voltinha subia para o banzo de cima… também iria aprender se necessitasse, iria aprender mais, mas não precisou de aprender, não precisou e hoje em dia isso não é assim. Eu não me lembro de a ver fazer gigantes dorsais ou cubitais em esquema. Não precisava. E hoje em dia é impossível, completamente impossível. E portanto, ela sabia-os fazer, mas se não os soubesse fazer, também fazia o mesmo esquema. Hoje em dia não, hoje em dia há muito mais coisas que as ginastas precisam de saber. O que eu penso que ao nível da formação, em termos da formação está a mudar é que nós precisamos e temos de ensinar muito mais coisas. Conclusão, com a nossa realidade portuguesa está a ficar muito mais complicado para nós acompanharmos aquilo que se faz lá fora. Porque não dá para escolher, nós temos mesmo que ensinar. Este código põe a nú quem não tem sistemas bem organizados. E nesse aspecto nós estamos com dificuldades, temos dificuldades e temos que olhar a longo prazo, e parece-me até que o processo de formação em Portugal, se nós, nós temos que ser inteligentes, se quisermos fazer igual aos outros vamos perder, então temos que fazer diferente e como é que eu penso que podemos fazer diferente, é apostando em metodologias de longo prazo. Ou seja, não querer que as ginastas aos 13, 14, 15 anos já estejam no máximo do seu rendimento, mas apostar que elas até aos 20 anos possam fazer um crescimento, e isso é possível. Aliás, vê-se lá fora que ainda por cima, passando dos 17, 18 anos é possível fazer então esse desenvolvimento, essa transferência. Como isso vai no sentido daquilo que a FIG quer que é um aumento das médias das idades das atletas nas grandes competições internacionais e nacionais, como é óbvio, eu penso que isso pode ser um novo modelo de organização da nossa ginástica artística, nós aqui no Ginásio Clube Português estamos a tentar fazer essa alteração, fazer essa modificação, haver uma clara transposição daquilo que era o modelo anterior, em que muito cedo se tinha que fazer tudo, não, muito cedo tem que se aprender muito coisa, mas daí até em termos competitivos as miúdas estarem prontas julgo vai uma grande diferença. Em relação ao facto de as ginastas aguentarem ou não até aos 20, vinte e tal anos, eu julgo que isso depois tem haver com os processos de gestão das carreiras e tem haver com os processos de gestão pedagógica. Aí tem que haver um rompimento com o passado, no meu entender. É uma modalidade super exigente, super exigente mesmo, mas é preciso passar pela adolescência, é

preciso saber passar pela adolescência, ou das duas uma, ou se faz a opção de se passar pela adolescência, e eu estou a dizer isto no sentido das condições que existem em Portugal, que são limitadas, muito limitadas e tu sabes, e ou se faz uma opção de carreira a longo prazo ou se faz uma opção muito clara até aos 16, 17 anos as miúdas estarem muito fortes, mas depois esse processo, essa opção pode levar a problemas no futuro. E portanto há aqui gestões que têm que ser feitas, e eu acho que isso é tão individual, tão individualizado, que é difícil haver receitas para essa situação.

2.1.7 Considera que as alterações verificadas no CP vieram trazer mais exactidão no ajuizamento das ginastas e maior credibilidade à modalidade? (Justifique/Argumente a resposta dada)

Sim ☐

Não ☐

Tenho dúvidas em relação a isto. Tenho muitas dúvidas. Porque há questões que eu acho que nas deduções, 1, 3, 5 (décimos), isto no que diz respeito especialmente ao júri B o 1, 3, 5 trouxe coisas que eu acho a meu ver que são negativas. Eu sou mais a favor de deduções mais graduais. Sei porque e partindo do principio que quando vamos lá fora por Portugal, não falo inter-clubes para não centralizar na questão do clube e não centralizar a questão no juiz do clube, porque eu acho, não quero acreditar que isso exista, mas sei que existe entre países. E isto nós todos sabemos. E nós vamos lá fora, e estou-me a recordar do último Campeonato da Europa, e houve claramente um código, no CE há 3 ou 4 sub-divisões, 4 sub-divisões, e na última sub-divisão actuam as 8 melhores equipas do último Europeu, são as 8 melhores equipas da Europa normalmente, mais coisa menos coisa, e claramente nós estamos com atenção, e há um código para estas equipas e há outro código para as outras equipas, há um código muito diferente, em termos de execução isso é notório, é muito claro, o que é que isto nos traz, traz que as micro-deduções deixaram de existir, ou é um décimo ou não é, e coisas que dantes podiam ser penalizadas com meio décimo hoje em dia tem que ser com 1 décimo. Coisas que têm 1 décimo e que dantes podiam ir para 2 décimos, ir para o três é muito grande a diferença e há juízes que preferem ficar no 1, mas se calhar se for outra ginasta de outro país, se calhar a mesma dedução vai para o 3. Existem casos até específicos que eu acho que o código está extraordinariamente mal construído é o caso das cambeadas nas paralelas, e em que a situação eu acho que é gravíssima, e que está em termos internacionais uma grande discussão, e julgo que toda a gente que eu falo está contra isto, que em termos das cambeadas, como tu sabes que és juiz, a partir dos 10º, até aos 10º não desconta, de 10º até 30º desconta 1 décimo e a partir de 30º desconta

meio ponto. Isto a meu ver é dificultar o trabalho do juiz, ponto número um, porque se ela rodar a 31º por lei ela vai ter meio ponto, é dificultar a tarefa do atleta porque não dá uma margem ao atleta para poder fazer as coisas, e a 31º ou a 90º é a mesma coisa, não pode ser, 30º e 31º que devia ser mais ou menos, basicamente a mesma coisa é 4 décimos de diferença, e é impossível a um juiz, por muito bem treinado que ele esteja conseguir fazer essa distinção. Eu penso que existem deduções que são exageradas, há deduções que não têm bom senso, esta é uma delas, e mais não faz a distinção entre as cambeadas de movimentos à retaguarda que é suposto terminarem em pino, ou cambeadas que começam em pino para a frente, como é o caso daquelas cambeadas para a pega cubital, que esses movimentos não são para serem feitos antes, existem até movimentos antes que vão para a pega cubital mas têm um valor superior, essas cambeadas são altamente desvalorizadas. O que é que passou a acontecer, deixou de existir, deixaram de se fazer. E isso beneficiou a ginástica... julgo que não, beneficiou a actuação das juízes... julgo que não. Julgo eu, aqui porque estou a falar para a gravação, não posso dizer aquilo que já sei, vou dizer aquilo que julgo que acontece, julgo que há juízes que nessas circunstancias, na dúvida entre o 1 e o 5 tiram 3, e isso é mau. Não estão a agir consoante as regras. Aquilo que estão a querer fazer é ficar lá no meio quando a nota sair, a nota delas estar lá nas 4 e não sair. E portanto, aquilo que me parece, quem é que sai prejudicado com isto tudo e no meio disto tudo, ... são as atletas. Tenho algumas dúvidas que este sistema vá resolver o problema que a FIG quis, que foi o problema dos juízes interferirem nos resultados finais... eu acho que isso tem a ver com uma questão de formação pessoal das pessoas, não tanto com o código. Se o outro código fosse bem aplicado esse problema nunca teria existido. Se o código for mal aplicado o problema existe na mesma, o actual código dá azo a que isso aconteça na mesma. Portanto, basicamente é isso.

2.1.8 Uma vez que actualmente se pode ultrapassar a fasquia máxima dos 10 pontos, concorda com a alteração do CP que veio permitir o estabelecimento de recordes na GA? Não veio este facto deturpar o significado e o objectivo principal da GA (atingir a nota máxima), algo raro e inatingível, a perfeição, que tanto caracterizava a modalidade? (Justifique/Argumente a resposta dada)

Eu até ver, ainda não consegui tirar uma conclusão muito clara de tudo isto, mas eu acho que o recorde na ginástica, eu acho que é muito difícil de se implementar. Acho que o recorde, isto em termos de nota final, em termos de nota final é muito difícil de se implementar. Acho que os critérios de júri B mudam de prova para prova. E em termos de recorde e em termos de referências pontuais, eu julgo que há um 16.200 no Campeonato do Mundo e um 16.200 no Campeonato

de Inglaterra, e é a mesma coisa?! Pode a FIG homologar uma nota?! Mesmo em termos da nota de júri A existem ambiguidades, porque o código é tão tão duro, e estou-me a lembrar no solo na execução das piruetas, e eu sou muito sincero, eu vi o último Campeonato do Mundo todo, estive no Campeonato do Mundo e vi tudo de uma ponta à outra, e no último Campeonato do Mundo conta-se pelos dedos das mãos as miúdas que fazem tripla, tripla a acabar, acabam ali, e depois terminam com dupla e meia, mas nas notas, a nota A inclui a saída, o que é que isto quer dizer, quer dizer que foi contabilizada a tripla, o que é que isto quer dizer, quer dizer que o código não foi levado à risca, quer dizer que o código às vezes é levado à risca e outras vezes não é levado à risca, eu penso que mesmo em termos da nota A é muito difícil, muito difícil dizermos que há um recorde, porque não é um cronómetro que vai determinar isso, são valorizações pessoais que as pessoas podem dar ou não. Estou-me a lembrar dos Igang Bo na trave, em que aquilo pode ser contabilizado Igang Bo ou pode não ser contabilizado Igang Bo, depende de muitos factores e aquelas juízes naquele momento acharam que sim e outras já acharam que não. Não penso que a ginástica seja dada a recordes como por exemplo os trampolins porque é muito claro. Faz um número claro de rotações no eixo longitudinal e no eixo transversal e aquilo não tem dúvida, não há dúvida. E aqui há muitas dúvidas, e entre os próprios juízes internacionais têm muitas dúvidas, existe uma execução que está no limiar de se poder contar ou não, e os juízes têm todos dúvidas, uns contam e outros não. Nós vamos aos cursos e vemos isso. E portanto eu penso que a questão do recorde é uma questão de difícil venda na ginástica. Quanto à não existência dos dez pontos, em relação à mudança que ocorreu, à não existência de limite, ainda não tenho uma ideia muito clara sobre isso, é o que eu te digo, sou muito céptico em relação a isso, continuo muito céptico, fui um defender da continuidade do dez, porque acho que dentro dos dez pontos havia espaço para se poder resolver esse problema, de quem fazia muita dificuldade e não era valorizada por isso, eu ainda continuo a achar isso. Hoje em dia estamos no novo código e estou a dar tempo para essa adaptação e para tentarmos perceber se de facto, e só experimentando é que nós podemos ver. Como disse há coisas boas e coisas más. Não é para mim claro que tenha sido melhor do que pior, não é claro.

2.1.9 Tendo em consideração que o risco de executar exercícios de maior valor (VD) pode valorizar o exercício de uma atleta e levar a uma vitória, por outro lado, a penalização por queda é muito elevada (0.80 p.) e pode levar à consequente derrota. Na sua opinião, vale ou não a pena correr o risco de executar os elementos mais difíceis, e quais as situações em que colocará os seus ginastas numa ou noutra opção.

Sim ☐

Não ☐

Isso veio, há duas situações, uma situação em que vale a pena e outra situação em que não vale a pena. Eu vou agora colocar-te uma questão, que tenho-a para mim já para a próxima prova, tenho uma atleta que faz duplo de saída atrás da trave, se não fizer duplo faz empranchado atrás, e se fizer duplo vai ter meio ponto de bonificação, de contabilidade da exigência, e vai de A para D vai subir 3 décimas na dificuldade porque a saída entra sempre, vai ter 8 décimos, a queda é 8 décimos, aqui vale a pena. No entanto, se eu analisar em termos da colocação de um stalder nas paralelas, se calhar não vale a pena, porque se calhar eu vou tirar um B para meter um C, vou ficar com 1 décimo mas o código é tão duro, tão duro, que a miúda é capaz de perder 3 décimos naquele elemento para ganhar só um, ou eventualmente dois se tirar um A para colocar um C. O que é que eu acho, eu acho que não há uma resposta para isso. Eu acho que vai haver casos em que vale a pena e casos em que não vale a pena. E eles não eliminaram os casos em que não vale a pena. E eu estou a prová-lo. Eles não eliminaram os casos em que não vale a pena. Está ainda a ser equacionado a possibilidade de valorizar mais os F e os G, e um G valendo 1 ponto como eventualmente pode vir a valer, pode dar azo a uma pessoa tentar. Naquele dia saiu bem e ganhou. Não penso que esse problema esteja definitivamente arrumado. Mas de uma forma geral melhorou, de uma forma geral não vale a pena arriscar, mas em casos concretos vale. E este caso é um caso típico. Agora só o iremos fazer se em termos de segurança houver um mínimo, porque isso é sempre assim, seria sempre assim, agora em termos de código de pontuação claramente vale a pena. Nem se põe em questão a integridade física porque essa está sempre, claro. Nenhum treinador vai estar arriscar um exercício que coloque em causa a integridade física da sua atleta.

2.1.10 Comparativamente ao CP anterior vários elementos deixaram de ter valor de dificuldade (VD) enquanto que outros passaram a ter mais valor de dificuldade (VD). Acha que de uma forma geral isso foi positivo ou negativo? Existe algum ou alguns elementos com que não está de acordo em ter(em) sido alterado(s)?

Eu acho que acima de tudo a FIG não cumpriu com uma promessa que fez dois anos antes ou um ano antes deste código entrar em vigor, do código entrar em funcionamento. Que foi… O código ser para todos! Aliás isso está escrito, e foi escrito no site da FIG. O Presidente dizia que, este código vai ser assim porque agora vamos poder colocar todos os elementos que existem na ginástica no código e pode ser um código em que as crianças podem fazer com este código

e que podem ver a sua progressão ao longo dos anos desde que são pequeninos até que são mais velhos, e há sempre uma referencia, e eles não cumpriram com essa promessa não conseguiram cumprir com esse objectivo. Eu penso que o que acontece é que este código é completamente, não é um código que sirva à ginástica de formação. É um código que claramente diferencia para atletas de alta competição. Nesse sentido, e para tentar responder de uma forma clara, eu acho que o que falta aqui são mais elementos, e os elementos que foram retirados grande parte deles fazem falta no código e devia ainda haver mais, de forma a permitir que os ginastas fizessem elementos muito simples, que fossem valorizados por isso, e que esse código de pontuação servisse, já que estamos a falar de uma referencia e que o dez deixou de existir, e que existe uma coisa que vai do 0 ao 16, ou ao 17 e está aberta, então as crianças, os mais novos poderem-se equiparar já aos mais velhos, eu já faço dez pontos, aquela já faz treze, e isto ser uma referencia continua, que eles não conseguiram fazê-lo, era uma promessa do Presidente da Federação e ele não conseguiu fazê-lo. Em relação à desvalorização dos elementos gímnicos, de eles terem baixado drasticamente de valor, não estou contra porque eu acho que havia alguns elementos que estavam sobrevalorizados. Sou sobretudo contra a eliminação de elementos, sobretudo isso, não em relação à valorização nem à desvalorização de alguns. Só sou a favor de eliminação de elementos que sejam agressivos para a integridade física dos atletas. De resto penso que a ginástica tem uma variabilidade (variedade) tão grande que tudo o que seja fechar a utilização de novos movimentos ou de movimentos antigos, sejam eles quais forem, e estas cambeadas por exemplo, é um exemplo típico disso, eu a meu entender é mau. Eu acho que cada um deve fazer os movimentos que faz bem, e o código ao restringir a utilização de determinados elementos eu penso que está a ir no mau sentido. Eu acho que os atletas devem poder fazer, desde que seja ginástica, ao retirar-se não é bom para a ginástica, no meu entender. Não há nenhum exercício com que não estou de acordo em terem sido alterados em termos de valor, que me lembre, nada de especial, concordo, de uma maneira geral, sim.

2.1.11 Verifica que as novas alterações vieram facilitar a participação competitiva (resultados) dos seus ginastas?

Sim ☐

Não ☐

Não, não especialmente. Vão facilitar tanto quanto às outras. É igual para toda a gente. O que acima de tudo eu penso que nós treinadores temos que perceber logo desde o princípio é que temos que trabalhar muito sobretudo visando a

execução. Quando dois atletas têm uma execução limpa e correcta das coisas, já era assim no código anterior, mas agora é mais. Permite-se é que nós possamos mais a longo prazo fazer a tal gestão dos atletas, mais a longo prazo. É o que eu penso.

2.1.12 Como treinador, sente-se mais motivado?

Sim ☐

Não ☐

Não. É igual.

2.1.13 Os atletas sentem-se mais motivados?

Sim ☐

Não ☐

Não faço ideia. Não assino nem que sim nem que não. Não penso que isso tenha alterado o que quer que fosse. Na fase em que as atletas estão, na fase em que elas estão não penso que tenha sido algo importante. Se estivéssemos a falar em atletas em fim de carreira eu acho que aí tem grande importância porque os atletas olham e pensam olha agora o que é que me espera, e vou ter que fazer isto e isto, e não me apetece. Há muitos atletas que pensam assim. E isso acontece ciclicamente de 4 em 4 anos quando se muda o código. E neste caso não é excepção e mais, e como mudou muita coisa, tanta coisa, mas não foi tão drástico assim, não penso que tenha havido tanta gente a sair por causa do novo código.

2.1.14 Deseja acrescentar alguma informação ou algum pormenor relativamente à alteração do CP, que no seu entender possa ser relevante?

O que eu já suspeitava é que, o código falava-se e criticava-se o código anterior, porque ganhava uma com 9.725 e a outra que ficava em segundo tinha 9.712, e dizia-se que isso agora era impossível de acontecer, hoje em dia, que já era pouquíssimas vezes que isso ia acontecer, não, isso continua a acontecer. Por menos de um décimo se ganha e se perde, e pódios no mesmo décimo, pódios inteiros, primeiro, segundo e terceiro. Conclusão, não penso que o código tenha alterado muito significativamente a forma de pontuar, alterou a ginástica sim, mas não a forma de pontuar. E acima de tudo o que eu penso no ajuizamento, é que mais do que o código estar mais num sentido ou noutro sentido, a

seriedade dos juízes é que é um aspecto fundamental, e o controlo sobre os juízes, esse sim, esse é outro aspecto fundamental. Em relação ao código é só uma questão de cumprir ou de não cumprir aquilo que lá está.

Lisboa, 14 de Março de 2007, 16:30 horas

ENTREVISTADO Nº 6

PARTE I – CARACTERIZAÇÃO INDIVIDUAL

Treinador ☒

Juiz ☐

1.1 Sexo: Masculino ☐ Feminino ☒ 1.2 Idade: 44 (anos) 1.3 Nacionalidade: Chinesa

1.4 Habilitações Académicas:

4ªclasse	6ºano	9ºano	12ºano
☐	☐	☐	☐
Bacharelato	**Licenciatura**	**Mestrado**	**Doutoramento**
☐	☒	☐	☐

1.5 Para além da sua formação académica, qual o seu nível de formação:

o como treinador ___Curso Nível II – China_____

o como juiz ___Nacional – Categoria I_____

1.6 Para além da Ginástica, tem outra actividade profissional?

Sim ☐

Não ☒

Se sim, qual? _____

PARTE II

2.1 GUIÃO DA ENTREVISTA – TREINADORES

2.1.1 Anos de actividade na Ginástica Artística:

o como atleta 12 (anos)

o como treinador 21 (anos)

o como juiz 17 (anos)

2.1.2 No âmbito da Ginástica Artística Feminina, que papeis já desempenhou como treinador?

Treino de Jovens (Iniciação)	Treino de Jovens (Aperfeiçoamento)	Treino (Competição)	Treino (Alto Rendimento)
☐	☐	☒	☒

2.1.3 No âmbito da Ginástica Artística Feminina, que papel desempenha actualmente como treinador?

Treino de Jovens (Iniciação)	Treino de Jovens (Aperfeiçoamento)	Treino (Competição)	Treino (Alto Rendimento)
☐	☐	☒	☒

2.1.4 No seu ver é importante ter sido atleta (ex-ginasta) de GA, para ser um bom treinador da modalidade? (Justifique/Argumente a resposta dada)

Sim ☐

Não ☐

Sim, não é obrigatório mas tem algumas vantagens. Acho que, primeiro quem foi ginasta e tem aquela experiência toda, acho que entende mais, mais o interior, do que quem não fez. Deste ponto de vista acho que é importante. Pode transmitir muito daquilo por que já passou e pelas quais as ginastas não passam, para quando se começa a ensinar, se entenda melhor, seja técnica ou basicamente outra coisa qualquer. Mas também quem não passou por isso, não é um factor impeditivo para ser um bom treinador, é muito incerto. Há pessoas que nunca passaram pela ginástica artística e é um bom treinador, sendo portanto muito subjectivo.

2.1.5 Em relação ao Código de Pontuação de Ginástica Artística Feminina (CP 2006), considera terem existido grandes mudanças/alterações em relação ao último Código em Vigor (CP 2001)?

Sim ☐

Não ☐

2.1.5.1 Se sim, quais considera terem sido as mais significativas?

Sim. Do meu ponto de vista mais para os saltos e para a trave, teria mais em atenção a estes dois.

2.1.5.2 Das mudanças/alterações verificadas, quais são no seu entender, as vantagens e desvantagens?

O código está a favorecer quem tem mais dificuldade, tem nota de partida mais alta e quem é bom cada vez melhor, quem é fraca cada vez mais distante, mais distancia em relação aos bons. Eu acho que para a parte de Portugal, que estamos aqui a viver, não é tão bom, não favorece, mas depende de cada ginasta. Se tu encontrares uma ginasta que tem uma característica fantástica se calhar é bom. Mesmo nos saltos, se encontrares uma ginasta assim de perna poderosa pode-se aproveitar e fazer esse aparelho mais a sério, a alto nível, uma aprendizagem mais à altura. Para Portugal não tanto. Não há tantas vantagens. E outra parte, também exige muito em termos de execução, em qualidade de execução. Para quem não tem qualidade mesmo na fase de dificuldade, na parte da dificuldade é uma desvantagem, logo é dois lados. Do meu ponto de vista eu não costumo, depender do código, eu tenho sempre a minha linha e sigo-a, e acho que a minha linha está sempre um bocadinho alta em relação… nunca vai… código é código, e nós temos de optar e dentro do nosso código tento logo fazer desde o início, tento desde o principio optar para que não se note tanto as desvantagens, para que não seja tão desvantajoso e tentar preparar o melhor possível o terreno.

2.1.5.3 Está satisfeito com estas mudanças/alterações do CP? (Justifique em função da sua participação presente no treino)

Sim ☐

Não ☐

Algumas não. Está muito exigente. Por exemplo paralelas, os ângulos nas paralelas, tudo isto é muito exigente, e muitas vezes é demais, ninguém faz todas como a China ou como a Ucrânia, que são aquelas… logo treino de…, é logo meio ponto, mais daí logo meio ponto, é demais, acho que é muito exagerado, agora no último momento alterou o

código e é mais difícil, por exemplo, eu entendo, não sei se… ainda não nos encontrarmos para tiramos dúvidas, por exemplo na trave, tem que ter 3 direcções de mortais, mortais à frente e atrás, mesmo que seja uma série acrobática, se não tem um movimento de lado ou à frente não conta a exigência. E gímnicos muito exigentes, e gímnicos baixar a valorização, de ligação já não conta, agora só conta a ligação de acro-gímnica. E muito exigente, agora mais pormenores, por exemplo anel, tipo salto de anel, tem que ser perna afastada ou perna junta, muito exigente. Não fiquei muito satisfeita com estas mudanças no treino, é complicado, complicado. Tem várias desvantagens, ou faz bem ou tira.

2.1.6 Em relação ao seu trabalho como treinador, procedeu a mudanças ao nível da metodologia de treino, em virtude das alterações verificadas no CP 2006? Ou por outro lado, essas mudanças não alteraram de forma significativa a sua metodologia de treino aplicada ao longo de uma época ou de um ciclo olímpico?

Sim ☐

Não ☐

2.1.6.1 Se respondeu não, justifique porque considera que não terem sido necessárias alterações ao nível do treino.

2.1.6.2 Se respondeu sim, quais as principais mudanças que teve de fazer na sua metodologia de treino. Quais os exercícios que deixou de treinar (se deixou) e quais os que começou a treinar (se tal se verificou)?

Mudei. Principalmente, mais claramente na trave. Por exemplo, agora é tudo ligações, então temos de treinar tudo ligado. Preparar o terreno para depois ligar os saltos. Um salto de dificuldade recepção ligado…. Mudou mais este ponto de vista. Só mais trave, de resto, é difícil mudar, não mudou tanto. Tecnicamente há mais exigência, aplicação da técnica mais baixa… esse ponto de vista na ginástica não permite muito.

2.1.6.2.1 No aquecimento?

2.1.6.2.2 Na flexibilidade?

2.1.6.2.3 No trabalho de força (preparação física)?

2.1.6.2.4 Na coreografia (ballet)? Neste momento dá a mesma importância a esta componente de

treino da GAF ou mudou alguma coisa?

2.1.6.2.5 Nos saltos?

2.1.6.2.6 Nas paralelas assimétricas?

2.1.6.2.7 Na trave?

2.1.6.2.8 No solo?

2.1.6.2.9 Em relação às novas ligações de elementos possíveis, nas PA, na TR e no SO? (Devido à valorização que é dada actualmente pelo CP às ligações).

2.1.7 Considera que as alterações verificadas no CP vieram trazer mais exactidão no ajuizamento das ginastas e maior credibilidade à modalidade? (Justifique/Argumente a resposta dada)

Sim ☐

Não ☐

Acho que sim. Pelo menos na trave, nota-se, se ela faz assim tiras isto, se ela faz assim tiras quanto, ou não contas, não vale. É mais exacto, mais directo. Em relação por exemplo, ao anel, porque é muito duvidoso, tu podes ficar mais por cima ou mais para baixo, e não sei quê, e anteriormente, antigamente, um bocadinho a baixo passa o nível, não há dedução, se tudo fez bem, agora não, está mais claro, para juízes, está mais fácil distinguir, alguns elementos pelo menos, e no último código não, então tornaram mais difícil de treinar, mais exigência, em termos da escolha de elementos,..., ao ponto, favorece para ginastas, enquanto que para algumas miúdas já... exige a pensar se vai continuar ou não a realizá-los.

2.1.8 Uma vez que actualmente se pode ultrapassar a fasquia máxima dos 10 pontos, concorda com a alteração do CP que veio permitir o estabelecimento de recordes na GA? Não veio este facto deturpar o significado e o objectivo principal da GA (atingir a nota máxima), algo raro e inatingível, a perfeição, que tanto caracterizava a modalidade? (Justifique/Argumente a resposta dada)

Sinceramente no princípio não entendi nem aceitei muito bem... é mais complicado porque nos habituamos a ver os 10 pontos como o máximo, mas acho engraçado, interessante, concordo, agora já aceito bem e acho até que favorece, a equipa está mais fraca e tem qualidade para não ficar com uma grande diferença, distancia em relação às de topo. Se fizermos tudo direitinho e em termos de dedução for o mínimo, até conseguimo-nos aproximar, exactamente. Inicio fez

muita confusão, mas agora acho até mais fácil…

Em relação ao ser mais justo é difícil responder a essa pergunta, a essa questão, mas acho que é interessante, agora a ginasta está a pensar em bater o recorde de ginástica, a pontuação máxima… mais alta possível, em atingir uma nota mais alta, agora é mais interessante, antigamente a nota máxima era 10, agora já pode haver recorde de ginástica, acho interessante isso.

2.1.9 Tendo em consideração que o risco de executar exercícios de maior valor (VD) pode valorizar o exercício de uma atleta e levar a uma vitória, por outro lado, a penalização por queda é muito elevada (0.80 p.) e pode levar à consequente derrota. Na sua opinião, vale ou não a pena correr o risco de executar os elementos mais difíceis, e quais as situações em que colocará os seus ginastas numa ou noutra opção.

Sim ☐

Não ☐

Depende da situação. Se nós estamos a competir por equipa, por exemplo, eu não vou colocar um elemento de risco por um que é seguro, se ela está a lutar por uma final, eu vou arriscar, para ela aproximar mais e conseguir atingir, tentar ser campeã, não perde nada, porque é individual, só depende dela própria, não obriga a resultado de equipa. Vale a pena correr o risco se está a competir a nível individual, apesar de que por vezes o facto de não correr aquele risco é mais certa a vitória, dá uma maior probabilidade de vitória, pode ser mais certo. Também é verdade, também é verdade, mas se ela competir por equipa eu não vou arriscar, não vou correr esse risco, se nós temos a capacidade e a possibilidade de obter uma boa classificação por equipa, cada país tem o seu método, imagina, nós Portugal ficar nas doze melhores, eu não vou porque é mais seguro, tudo que seja seguro. Entretanto se consegui apurar para uma final, ou uma final de aparelhos, estamos em 8º, se calhar eu vou lutar para ficar em 6º ou 5º lugar, aí já vale a pena correr o risco.

2.1.10 Comparativamente ao CP anterior vários elementos deixaram de ter valor de dificuldade (VD) enquanto que outros passaram a ter mais valor de dificuldade (VD). Acha que de uma forma geral isso foi positivo ou negativo? Existe algum ou alguns elementos com que não está de acordo em ter(em) sido alterado(s)?

Quer dizer é positivo, negativo… é sempre está relacionado connosco, eu não tenho uma visão assim muito, eu acho que comparando com o código anterior, nomeadamente em relação aos saltos à frente, por exemplo eu sou da década de 70 e de 80, e naquela altura não tinha exigência de salto à frente e atrás, de série à frente e atrás, então todo o mundo fazia salto atrás, série atrás, tripla, dupla, duplo, duplo encarpado, dupla pirueta, etc…, depois o código tem que ter série à frente… e a selecção chinesa não treina muito à frente, frente é confusão, recepção à frente mais complicado, então este código favorecia mais as ocidentais, Rússia, está a treinar, agora troca, agora, ultimamente este código está a obrigar as pessoas a fazer tudo, à frente atrás, tem que aprender trás e frente, frente e trás, não é aquele, agora tenho que ter à frente e atrás. Em relação aos gímnicos terem baixado de valor, antigamente, no código anterior os gímnicos tinham muito valor, as ligações eram todas valorizadas demais, todo o mundo faz, agora todo o mundo faz e já não tem valor, … eu acho que deveria ser 50/50 para mim, para uma ginasta que seja boa a gímnicos, é obrigatório, não é, gímnicos baixavam e eu treinava menos gímnicos ou menos flexibilidade, é igual, não me afecta muito, claro de afecta mas não senti tanto.

2.1.11 Verifica que as novas alterações vieram facilitar a participação competitiva (resultados) dos seus ginastas?

Sim ☐

Não ☐

Acho que não foi… não facilitou, é igual, não vejo diferenças.

2.1.12 Como treinador, sente-se mais motivado?

Sim ☐

Não ☐

Do ponto de vista de treino, se me sinto mais motivada para dar treino tendo em atenção as novas regras, eu acho que isso, uma ginasta de formação, da iniciação tem que aprender tudo, e quando chegar a um certo ponto e tem que saber contornar os pontos fracos e treiná-los mais e escolher os pontos mais fortes. Em relação a algumas ginastas. Motiva-me para eu ter que ensiná-las mais coisas, agora tenho que escolher, não pode continuar a não fazer aquilo que ela não tem jeito.

2.1.13 Os atletas sentem-se mais motivados?

Sim ☐

Não ☐

Acho que sim. Porque elas não têm certezas se conseguem, o código é mesmo muito exigente, e em relação à trave, a saída tem que ser selectiva, atrás ou à frente, que ser é difícil com as nossas condições aqui. Não tem condições para treinar e muitas situações queria fazer, é para ficar…ficar mais recta, mais direccionada, mais seguro. Eu pelo menos senti isso, as ginastas estão deixando um bocadinho o receio de não conseguir.

2.1.14 Deseja acrescentar alguma informação ou algum pormenor relativamente à alteração do CP, que no seu entender possa ser relevante?

Acho que este código novo é muito exigente em tudo. Artística, dificuldade e execução. Estas 3 coisas obrigaram cada vez mais a que as ginastas tenham que ser perfeitas, tudo perfeito, tem de ser perfeita. Por isso é complexo treinar umas ginastas que têm que ser de base muito boas, flexibilidade muito boas, muito forte fisicamente, é tudo. Eu acho que em Portugal é preciso mais qualidade de execução, porque as nossas ginastas não são tão bem seleccionadas e então temos todo o tipo de ginastas... e somos pouco, e acho que a essência da qualidade tem que se melhorar e cada ginasta tem a sua linha.

Lisboa, 14 de Março de 2007, 17:30 horas

ENTREVISTADO Nº 7

PARTE I – CARACTERIZAÇÃO INDIVIDUAL

Treinador ☒

Juiz ☐

1.1 Sexo: Masculino ☐ Feminino ☒ 1.2 Idade: 41 (anos) 1.3 Nacionalidade: Portuguesa

1.4 Habilitações Académicas:

4ªclasse	6ºano	9ºano	12ºano
☐	☐	☐	☐
Bacharelato	**Licenciatura**	**Mestrado**	**Doutoramento**
☐	☒	☐	☐

1.5 Para além da sua formação académica, qual o seu nível de formação:

o como treinador ___Nível I_____

o como juiz ___Nacional_____

1.6 Para além da Ginástica, tem outra actividade profissional?

Sim ☒

Não ☐

Se sim, qual? ____Professora de Educação Física_____

PARTE II

2.1 GUIÃO DA ENTREVISTA – TREINADORES

2.1.1 Anos de actividade na Ginástica Artística:

o como atleta 14 (anos)

o como treinador 20 (anos)

o como juiz 22 (anos)

2.1.2 No âmbito da Ginástica Artística Feminina, que papeis já desempenhou como treinador?

Treino de Jovens (Iniciação)	Treino de Jovens (Aperfeiçoamento)	Treino (Competição)	Treino (Alto Rendimento)
☒	☒	☒	☒

2.1.3 No âmbito da Ginástica Artística Feminina, que papel desempenha actualmente como treinador?

Treino de Jovens (Iniciação)	Treino de Jovens (Aperfeiçoamento)	Treino (Competição)	Treino (Alto Rendimento)
☒	☒	☒	☒

2.1.4 No seu ver é importante ter sido atleta (ex-ginasta) de GA, para ser um bom treinador da modalidade? (Justifique/Argumente a resposta dada)

Sim ☒

Não ☐

Sim porque acho que se passa por situações que depois é mais fácil explicar às jovens atletas.

2.1.5 Em relação ao Código de Pontuação de Ginástica Artística Feminina (CP 2006), considera terem existido grandes mudanças/alterações em relação ao último Código em Vigor (CP 2001)?

Sim ☒

Não ☐

2.1.5.1 Se sim, quais considera terem sido as mais significativas?

Sim. A importância da correcção, da técnica e a descida de alguns elementos de dificuldade.

2.1.5.2 Das mudanças/alterações verificadas, quais são no seu entender, as vantagens e desvantagens?

As vantagens é que ganha quem faz muito e bem feito, e perfeito. As desvantagens é nos escalões mais novos, que miúdas que fazem mais alguma coisa em relação às outras e que são pontuadas exactamente da mesma maneira. Nós não temos código adaptado. Os rapazes já têm, mas as raparigas como não têm, acho que fazem mais qualquer coisinha mas que ainda não é o suficiente para haver diferença. Por exemplo, uma miúda que faz rondada flic mortal é quase a mesma coisa que uma miúda que faça só rondada, não é?! Não é nada, porque vale tudo a mesma coisa, é tudo o mesmo valor.

2.1.5.3 Está satisfeito com estas mudanças/alterações do CP? (Justifique em função da sua participação presente no treino)

Sim ☐

Não ☐

Pois não sei. Porque veio… achei que aquilo tinha que se mudar, mas ainda não sei se é para melhor ou se é para pior. Não sei. Ainda não estou apta a avaliar. Em termos de treino é igual. Quando se faz a construção dos esquemas tem que se ir buscar os elementos que valem mais, mas em termos de formação faço exactamente o mesmo treino.

2.1.6 Em relação ao seu trabalho como treinador, procedeu a mudanças ao nível da metodologia de treino, em virtude das alterações verificadas no CP 2006? Ou por outro lado, essas mudanças não alteraram de forma significativa a sua metodologia de treino aplicada ao longo de uma época ou de um ciclo olímpico?

Sim ☐

Não ☒

2.1.6.1 Se respondeu não, justifique porque considera que não terem sido necessárias alterações ao nível do treino.

Em termos de formação como já disse não altero nada, fazemos tudo como se fazia. Em relação às mais velhas, claro que depois uma pessoa tem que treinar mais aqueles elementos que valem mais e que preencham as exigências. Mas isso já se fazia. De resto não houve assim uma mudança significativa. Talvez nos saltos gímnicos que se faz mais

aqueles que valem mais, mas de resto tem sido tudo igual. Dou a mesma importância à coreografia que já dava.

2.1.6.2 Se respondeu sim, quais as principais mudanças que teve de fazer na sua metodologia de treino. Quais os exercícios que deixou de treinar (se deixou) e quais os que começou a treinar (se tal se verificou)?

2.1.6.2.1 No aquecimento?

2.1.6.2.2 Na flexibilidade?

2.1.6.2.3 No trabalho de força (preparação física)?

2.1.6.2.4 Na coreografia (ballet)? Neste momento dá a mesma importância a esta componente de treino da GAF ou mudou alguma coisa?

2.1.6.2.5 Nos saltos?

2.1.6.2.6 Nas paralelas assimétricas?

2.1.6.2.7 Na trave?

2.1.6.2.8 No solo?

2.1.6.2.9 Em relação às novas ligações de elementos possíveis, nas PA, na TR e no SO? (Devido à valorização que é dada actualmente pelo CP às ligações).
Não porque as ligações valem muito pouco. Por exemplo, no solo uma miúda faz pirueta e meia pirueta, é dificílimo e é um C. Agora até pirueta engrupada é B, não é nada e é dificílimo.

2.1.7 Considera que as alterações verificadas no CP vieram trazer mais exactidão no ajuizamento das ginastas e maior credibilidade à modalidade? (Justifique/Argumente a resposta dada)

Sim ☐

Não ☒

Depende das idades, como já disse à bocado. Acho que este código para miúdas mais pequenas não se adequa. Agora para as mais velhas, é isso, eu acho que quem faz muito e bem, é a miúda que ganha, não falha. Portanto considero que seja mais exacto.

2.1.8 Uma vez que actualmente se pode ultrapassar a fasquia máxima dos 10 pontos, concorda com a alteração do CP que veio permitir o estabelecimento de recordes na GA? Não veio este facto deturpar o significado e o objectivo principal da GA (atingir a nota máxima), algo raro e inatingível, a perfeição, que tanto caracterizava a modalidade? (Justifique/Argumente a resposta dada)

Sim, no início achei que não era bom, que tinha sido difícil, mas agora até já sinto as miúdas, principalmente as mais velhas, a dizer, já consegui ter 13, já consegui passar os 13, para ela já é uma motivação, o de somar mais, e acho que acaba por ser mais motivante, mas ao principio não gostei nada daquilo. Acho que alterava um bocado a filosofia do que é que era a ginástica e a perfeição do dez, isso sim, mas agora sinto, principalmente nas miúdas, lembrarem-se da nota que tiveram anteriormente, ultimamente e de tentar conseguir fazer mais e melhor. E já tive13 ali, e já consegui outro 13, sinto principalmente e essencialmente nas mais velhas que não ligavam nada a isso nem se lembravam das notas que tinham e agora lembram-se.

2.1.9 Tendo em consideração que o risco de executar exercícios de maior valor (VD) pode valorizar o exercício de uma atleta e levar a uma vitória, por outro lado, a penalização por queda é muito elevada (0.80 p.) e pode levar à consequente derrota. Na sua opinião, vale ou não a pena correr o risco de executar os elementos mais difíceis, e quais as situações em que colocará os seus ginastas numa ou noutra opção.

Sim ☐

Não ☐

Tudo depende da competição e da ginasta. Depende dos objectivos da competição, depende da importância da competição e depende delas, muito. Eu própria, com umas arrisco com outras não arrisco. Depende muito, depende mesmo muito, da competição e das idades. Com as mais novas é para arriscar tudo e mais alguma coisa, não tenho problemas nenhuns delas falharem, com as mais velhas não é bem assim. Mas de uma forma geral, se fosse numa competição muito importante e se o elemento não estivesse seguro, não arriscava. Mas depende de miúdas, estas miúdas (as mais novas) vão arriscar, mesmo sabendo que vão cair mas vão arriscar, o que interessa é elas fazerem muito. Agora com as mais velhas, se fosse num Campeonato da Europa com um elemento falhativo, não, não vale a pena, o que se ia ganhar iria ser inferior ao que se iria perder.

2.1.10 Comparativamente ao CP anterior vários elementos deixaram de ter valor de dificuldade (VD) enquanto que outros passaram a ter mais valor de dificuldade (VD). Acha que de uma forma geral isso foi positivo ou negativo? Existe algum ou alguns elementos com que não está de acordo em ter(em) sido alterado(s)?

Depende, mas há elementos que saíram do código que eu não consigo perceber porque é que saíram, por exemplo, entradas de trave saíram mesmo, não estão lá, e como às vezes uma pessoa quer fazer este elemento porque é mais fácil para uma determinada ginasta, vou lá e já não está lá. Há alguns elementos que não concordo terem sido alterados, neste caso retirados. E em termos de terem baixado de valor, há uns que são aqueles nossos, que nós somos pobrezinhos, aqueles elementos que são bons para nós que também desceram. Em termos de gímnicos, em gímnicos também houve, esses para nós são os mais fáceis para nós fazermos. Há alguns que nos prejudicam imenso. Portanto foram um bocadinho negativas estas alterações para nós.

2.1.11 Verifica que as novas alterações vieram facilitar a participação competitiva (resultados) dos seus ginastas?

Sim ☐

Não ☐

É igual.

2.1.12 Como treinador, sente-se mais motivado?

Sim ☐

Não ☒

É igual.

2.1.13 Os atletas sentem-se mais motivados?

Sim ☐

Não ☒

As mais velhas talvez, notei uma ou duas vezes, numa ou noutra situação. As mais novas não, treinam de igual forma. Para elas é igual. O objectivo é fazerem determinados elementos, não ainda somarem. Nem têm essa noção.

2.1.14 Deseja acrescentar alguma informação ou algum pormenor relativamente à alteração do CP, que no seu entender possa ser relevante?

Lisboa, 16 de Março de 2007, 17:00 horas

ENTREVISTADO Nº 8

PARTE I – CARACTERIZAÇÃO INDIVIDUAL

Treinador ☒

Juiz ☐

1.1 Sexo: Masculino ☐ Feminino ☒ 1.2 Idade: 40 (anos) 1.3 Nacionalidade: Portuguesa

1.4 Habilitações Académicas:

4ªclasse	6ºano	9ºano	12ºano
☐	☐	☐	☐
Bacharelato	**Licenciatura**	**Mestrado**	**Doutoramento**
☐	☒	☐	☐

1.5 Para além da sua formação académica, qual o seu nível de formação:

o como treinador ___Nível I_____

o como juiz ___Nacional – Categoria I_____

1.6 Para além da Ginástica, tem outra actividade profissional?

Sim ☒

Não ☐

Se sim, qual? ___Relações Públicas/Comercial Aquafitness_____

PARTE II

2.1 GUIÃO DA ENTREVISTA – TREINADORES

2.1.1 Anos de actividade na Ginástica Artística:

o como atleta 10 (anos)

o como treinador 22 (anos)

o como juiz 22 (anos)

2.1.2 No âmbito da Ginástica Artística Feminina, que papeis já desempenhou como treinador?

Treino de Jovens (Iniciação)	Treino de Jovens (Aperfeiçoamento)	Treino (Competição)	Treino (Alto Rendimento)
☒	☒	☒	☒

2.1.3 No âmbito da Ginástica Artística Feminina, que papel desempenha actualmente como treinador?

Treino de Jovens (Iniciação)	Treino de Jovens (Aperfeiçoamento)	Treino (Competição)	Treino (Alto Rendimento)
☒	☒	☒	☐

2.1.4 No seu ver é importante ter sido atleta (ex-ginasta) de GA, para ser um bom treinador da modalidade? (Justifique/Argumente a resposta dada)

Sim ☒

Não ☐

Eu acho que ajuda bastante, principalmente em termos da feminina ter sido ginasta. Sendo eu mulher dar treinos à feminina. Porque as raparigas têm a nível cognitivo, emocional, são um bocadinho mais complicadas do que os rapazes. E tendo nós sentido na pele aquilo que passamos no treino, principalmente na fase da adolescência, conseguimos compreender melhor determinadas coisas e determinadas reacções delas. E talvez por entendê-las melhor e conseguimos ajudar também mais. Isto neste sentido. Em termos técnicos também penso que sim, porque o facto de sentirmos e termos noção dos movimentos também conseguimos transmitir melhor a forma de os realizar e alguns "truques" que nós conseguimos executar e fazer para diminuir a dificuldade. Portanto acho que é e foi bastante importante. O que não quer dizer que uma pessoa que não tenha sido ginasta, mas se for interessada, motivada e

tentar aprender sempre mais e mais não consiga atingir e alcançar uma fasquia alta também como treinador. De qualquer das formas penso que ajuda ter sido ginasta também.

2.1.5 Em relação ao Código de Pontuação de Ginástica Artística Feminina (CP 2006), considera terem existido grandes mudanças/alterações em relação ao último Código em Vigor (CP 2001)?

Sim ☒

Não ☐

2.1.5.1 Se sim, quais considera terem sido as mais significativas?

Eu acho que existiram algumas mudanças técnicas neste caso. Para já houve elementos que deixaram de vigorar no código. O que para ginastas mais jovens e nomeadamente no nosso país as coisas tornaram-se bastante mais complicadas, só o facto de não haver determinados elementos para se conseguir compor um exercício, portanto só aí torna-se mais difícil, porque se só conta os elementos que estão no código, logo, se os elementos mais simples não estão no código é mais difícil de construir os exercícios. Portanto, logo a partir daí, só o facto de terem sido retirados alguns elementos vem dificultar a ginástica. Em termos de ligações, é assim, não sabendo ou não conseguindo executar alguns elementos mais difíceis que estão no código também as ligações tornam-se um bocadinho impossíveis. Portanto é assim um bocadinho um rolo, uma bola de neve. E acho que houve uma mudança que para mim, e penso que toda a gente pensa assim, é muito relativa, ou seja, a parte artística, a pontuação da parte artística é muito subjectiva, porque depende muito do gosto de cada juiz e de a juiz gostar de A, B ou C. E quando a nota artística tem um determinado valor, muitas vezes pode-se jogar com isso. Portanto, tudo que seja subjectivo, neste momento acho que o código está um bocado subjectivo em relação a isso, a esse nível também. Para além disso, a alteração dos descontos, das deduções, nomeadamente as quedas, por um lado uma ginasta pode fazer mais e arriscar e o facto de arriscar pode-lhe valer uma queda e perde tudo naquilo que conseguiu adquirir e portanto, será que vale a pena arriscar tanto. Portanto essas são as mais significativas. Portanto em termos da avaliação artística, subjectiva, em termos de haver um valor muito elevado para as penalizações, deduções, nomeadamente para as quedas e o facto de terem sido retirados alguns elementos mais simples que facilitavam muitos países e aqueles países que não estão tão desenvolvidos a nível da ginástica.

2.1.5.2 Das mudanças/alterações verificadas, quais são no seu entender, as vantagens e

desvantagens?

As vantagens são para os países desenvolvidos na ginástica. Países que têm condições têm todas as vantagens porque conseguem lutar sempre por lugares mais altos. A nível das desvantagens é tudo aquilo que já disse anteriormente. Acho que para países que ainda estão em desenvolvimento da ginástica e que não há grandes perspectivas para desenvolver mais acho que isto não veio nem vem ajudar em nada. Isto sinceramente, porque não acho que é pelo código estar com mais dificuldade, ou seja, mais difícil de atingir determinadas coisas que vai motivar as pessoas, pelo contrário, acho que desmotiva, porque nunca se vai conseguir atingir e alcançar determinada fasquia. E não era por ter um nível baixo que outros não poderiam subir ou que não se conseguiria chegar lá em cima, porque quem estava em cima, quem estava lá vai continuar a estar, quem não estava, dificilmente estará um dia.

2.1.5.3 Está satisfeito com estas mudanças/alterações do CP? (Justifique em função da sua participação presente no treino)

Sim ☐

Não ☒

Não. Não estou satisfeita exactamente porque me sinto limitada. Eu neste momento estou a fazer um reiniciar da actividade, estive muitos anos ligada sempre com trabalhos na selecção, com ginastas em alto rendimento, se é que se pode chamar assim (cá em Portugal), neste momento não estou, portanto estou com ginastas mais novas, mais jovens, e a participação delas em competições muitas das vezes é condicionada exactamente pelo código porque se ela, se não se consegue construir um determinado exercício, também é difícil ir competir para ter zero, ou ter menos, não sei quanto. Qual é neste momento o objectivo… não é… ao irmos a uma prova… minimamente ter uma nota positiva, e para ginastas jovens é difícil, apesar de haver um código simplificado cá em Portugal que eu também não estou de acordo em muitas coisas, acho que a fasquia está também um bocadinho alta, acho que há coisas que podiam ser um bocadinho mais simplificadas para as mais jovens, não é para elas terem grandes notas, notas altas, não é para elas pensarem que fazem muito e que já têm notas muito altas, é na tentativa de elas conseguirem fazer e mostrar alguma coisa para as motivar a treinar mais e depois então atingir determinadas fasquias.

2.1.6 Em relação ao seu trabalho como treinador, procedeu a mudanças ao nível da metodologia de treino, em virtude das alterações verificadas no CP 2006? Ou por outro lado, essas mudanças não

alteraram de forma significativa a sua metodologia de treino aplicada ao longo de uma época ou de um ciclo olímpico?

Sim ☒

Não ☒

2.1.6.1 Se respondeu não, justifique porque considera que não terem sido necessárias alterações ao nível do treino.

Na fasquia em que eu estou a trabalhar neste momento, não tive que alterar, na fase de treino em que estou com elas, como elas são jovenzinhas não tive que alterar grandemente porque elas estão na aquisição de elementos básicos, e a aquisição desses elementos básicos são para um código, para outro, para outro e/ou para outro. Sem a aquisição desses elas não podem partir para mais difíceis. E portanto, não tive que fazer grandes alterações ou praticamente não fiz alterações. No entanto eu penso que se estivesse com treino de alto rendimento aí sim teria que fazer algumas alterações, nomeadamente em termos de treino de algumas ligações, etc. E agora não estou a ver assim muito bem aquilo que precisava de alterar mais. A nível de coreografia e do ballet daria a mesma importância ou ainda mais a essa componente porque a parte artística neste momento está fortemente pontuada. Em termos de preparação física mantinha, não acho que tinha que aumentar as cargas.

2.1.6.2 Se respondeu sim, quais as principais mudanças que teve de fazer na sua metodologia de treino. Quais os exercícios que deixou de treinar (se deixou) e quais os que começou a treinar (se tal se verificou)?

2.1.6.2.1 No aquecimento?

2.1.6.2.2 Na flexibilidade?

2.1.6.2.3 No trabalho de força (preparação física)?

2.1.6.2.4 Na coreografia (ballet)? Neste momento dá a mesma importância a esta componente de treino da GAF ou mudou alguma coisa?

2.1.6.2.5 Nos saltos?

2.1.6.2.6 Nas paralelas assimétricas?

2.1.6.2.7 Na trave?

2.1.6.2.8 No solo?

2.1.6.2.9 Em relação às novas ligações de elementos possíveis, nas PA, na TR e no SO? (Devido à valorização que é dada actualmente pelo CP às ligações).

2.1.7 Considera que as alterações verificadas no CP vieram trazer mais exactidão no ajuizamento das ginastas e maior credibilidade à modalidade? (Justifique/Argumente a resposta dada)

Sim ☐

Não ☒

Não. Para já porque já disse que há coisas que são muito relativas. Nomeadamente a parte artística, quer dizer ali algumas diferenças de décimos faz com que uma ginasta possa perder ou ganhar, e portanto a avaliação é muito subjectiva. E depois o facto de não haver uma nota base a atingir, dependendo do número de elementos que se faça e do valor que eles tenham. Em relação à parte artística, coreográfica acho que está muito subjectiva, o facto de não haver um valor fixo, um valor máximo, tudo vai depender da quantidade de elementos e de valor que eles têm portanto, torna-se subjectivo também. Eu acho que não gere mais credibilidade à modalidade, acho que não veio ajudar em nada este novo código. É assim, actualmente o código tudo depende do número de elementos que se faça, o valor deles, etc, etc, o valor de dificuldade vai sendo cada vez maior consoante aquilo que as ginastas conseguem fazer, mas por outro lado, o facto de as deduções, penalizações também estarem muito elevadas, tudo isso torna tudo muito subjectivo. Portanto, não vejo que venha ajudar em alguma coisa em relação à ginástica.

2.1.8 Uma vez que actualmente se pode ultrapassar a fasquia máxima dos 10 pontos, concorda com a alteração do CP que veio permitir o estabelecimento de recordes na GA? Não veio este facto deturpar o significado e o objectivo principal da GA (atingir a nota máxima), algo raro e inatingível, a perfeição, que tanto caracterizava a modalidade? (Justifique/Argumente a resposta dada)

Era aquilo que eu ainda estava a explicar ainda à pouco. Eu não concordo, acho que não faz com que a modalidade seja mais credível, acho que isso do atingir um recorde, quer dizer, isso não é a ginástica. Para isso vamos fazer um concurso para ver quem faz mais acrobacias para conseguir atingir um valor mais alto. A ginástica é ginástica artística, se é artística vem de uma arte, e uma arte tenta-se atingir a perfeição, não se tenta fazer mil e uma coisa para se atingir

muitos pontos, arte é arte, e tem que ser visto como isso mesmo. E por isso talvez por ser vista como uma arte, ou por se tentar ver a ginástica como uma arte é que também o nome foi alterado. Era desportiva, logo deixa de ter esse objectivo, a arte é algo em que uma pessoa tenta atingir a perfeição, e a perfeição não se consegue a fazer quinhentas mil coisas só para ter muitos pontos, a arte consegue-se doutra forma, mais específica, mais limpa.

2.1.9 Tendo em consideração que o risco de executar exercícios de maior valor (VD) pode valorizar o exercício de uma atleta e levar a uma vitória, por outro lado, a penalização por queda é muito elevada (0.80 p.) e pode levar à consequente derrota. Na sua opinião, vale ou não a pena correr o risco de executar os elementos mais difíceis, e quais as situações em que colocará os seus ginastas numa ou noutra opção.

Sim ☐

Não ☐

Pois… isto tem que ser um risco muito relativo, é aquilo que eu penso. Um treinador quando constrói um exercício de uma ginasta tem que ter um risco muito bem calculado. Não pode, actualmente é assim, se tu pões um elemento num exercício em que o elemento tem 50% de risco, de hipótese de ser falhado ou não, acho que não vale a pena arriscar. Porque é exactamente esse risco, tu até podes conseguir e até vais beneficiar bastante, mas se não o conseguires e por exemplo caíres perdes ali não sei quanto de pontuação. Portanto tem que ser um risco calculado, dentro do risco ver aonde há menos probabilidade de não haver esse risco. Portanto é muito relativo, o arriscar ou não e nem sei se valerá a pena, penso que em determinadas alturas se calhar é melhor não correr tanto risco para apresentar e mostrar um esquema, um exercício mais seguro e ter menos probabilidade de ter penalizações.

2.1.10 Comparativamente ao CP anterior vários elementos deixaram de ter valor de dificuldade (VD) enquanto que outros passaram a ter mais valor de dificuldade (VD). Acha que de uma forma geral isso foi positivo ou negativo? Existe algum ou alguns elementos com que não está de acordo em ter(em) sido alterado(s)?

Eu não estou a lembrar-me assim de um elemento que eu ache que… houve muitos gímnicos que baixaram, eu acho que os gímnicos estão com um valor, alguns, alguns não, a maioria dos gímnicos estão com um valor baixo para a dificuldade que eles apresentam o que faz com que tecnicamente as coisas sejam mal executadas. E eu como juiz

também, tenho visto em algumas provas alguns elementos gímnicos que tecnicamente é tudo menos aquilo que o elemento diz, só para se conseguir obter melhor e maior nota nesse elemento. Como eles valem pouco, as pessoas tentam fazer um elemento mais difícil. E atingem, vá lá, a amplitude nesse elemento de uma forma errada na técnica, e vou dar um exemplo muito concreto, tenho visto muitas ginastas a fazer por exemplo, johnson na trave que é tudo menos johnson, mas no entanto como chega à posição mais ou menos correcta, apesar da técnica estar mal, as pessoas contam esse gímnico. Portanto, há determinados elementos gímnicos que pelo facto de terem baixado de valor faz com que a sua técnica seja deturpada, não acho que seja vantajoso, acho que não é por aí. E está-se a valorizar bastante a parte acrobática, até que ponto é que se consegue equilibrar as coisas é um bocadinho difícil. Há alguns elementos acrobáticos são bastante valorizados, o que por um lado não é mau dada a sua dificuldade, por outro lado continua-se a valorizar só a parte acrobática e menos a parte gímnica, porque a parte gímnica bem executada também tem o seu valor.

2.1.11 Verifica que as novas alterações vieram facilitar a participação competitiva (resultados) dos seus ginastas?

Sim ☐

Não ☒

Não, não veio facilitar nada. Não porque, não é só ao nível das minhas ginastas mas mesmo a nível nacional, acho que o nosso país não tem realidade gímnica para um código deste tipo. E cada vez mais é difícil conseguirmos atingir e alcançar determinada fasquia lá fora dada a dificuldade do código, exactamente.

2.1.12 Como treinador, sente-se mais motivado?

Sim ☐

Não ☒

Não. Não me sinto nada motivada com este código.

2.1.13 Os atletas sentem-se mais motivados?

Sim ☐

Não ☒

Não, não se sentem motivados. Não se sentem motivados, até porque, era aquilo que eu te estava a dizer ainda à bocado, o facto de eles saberem que para se construir um exercício minimamente para conseguir ir a uma prova, e não conseguirem, exactamente porque o código está difícil, eles para conseguirem ir a uma prova é preciso fazerem uma série de exigências que à partida já são difíceis e depois ainda por cima quando não há elementos para cumprirem essas exigências, elementos simples para cumprirem essas exigências torna-se difícil e complicado para eles, como é lógico.

2.1.14 Deseja acrescentar alguma informação ou algum pormenor relativamente à alteração do CP, que no seu entender possa ser relevante?

Apenas desejava que cá em Portugal as coisas fossem pensadas um bocadinho à realidade portuguesa e não nos cingirmos ao código que existe lá fora, porque apesar de ter sido simplificado o código, às vezes questiono-me em quê que foi simplificado e inclusive, eu estou a falar, tendo conhecimento das coisas porque participei numa das reunião em que se falava na simplificação do código, numa reunião da Federação (FPG), e para mim não foi simplificado suficientemente, acho, por exemplo, para mim o dos rapazes está muito melhor pensado que o das raparigas.

Lisboa, 16 de Março de 2007, 19:00 horas

ENTREVISTADO Nº 9

PARTE I – CARACTERIZAÇÃO INDIVIDUAL

Treinador ☐

Juiz ☒

1.1 Sexo: Masculino ☐ Feminino ☒ 1.2 Idade: 59 (anos) 1.3 Nacionalidade: Portuguesa

1.4 Habilitações Académicas:

4ªclasse	6ºano	9ºano	12ºano
☐	☐	☐	☐
Bacharelato	Licenciatura	Mestrado	Doutoramento
☐	☐	☐	☒

1.5 Para além da sua formação académica, qual o seu nível de formação:

o como treinador ___Treinadora Nível III_____

o como juiz ___Internacional A_____

1.6 Para além da Ginástica, tem outra actividade profissional?

Sim ☒

Não ☐

Se sim, qual? ___Professora Ensino Superior_____

PARTE II

2.2 GUIÃO DA ENTREVISTA – JUIZES

2.2.1 Categoria como Juiz:

- o Internacional A ☒
- o Internacional B ☐
- o Nacional (categoria I) ☐
- o Nacional (categoria II) ☐

2.2.2 Que tipo de provas é que já pontuou?

Jogos Olímpicos	Campeonatos do Mundo	Campeonatos da Europa	Taça do Mundo	Torneios Internacionais
☒	☒	☒	☒	☒
	Campeonatos Nacionais	Taça de Portugal Dia Olímpico	Outras Provas Nacionais	Campeonatos Distritais
	☒	☒	☒	☒

2.2.3 Anos de actividade na Ginástica Artística:

- o como atleta 14 (anos)
- o como treinador 32 (anos)
- o como juiz 30 (anos)

2.2.3.1 Para além da sua actividade como Juiz, encontra-se actualmente ligada ao treino?

Sim ☒

Não ☐

Coordenadora

2.2.4 Em relação ao Código de Pontuação de Ginástica Artística Feminina (CP 2006), considera terem existido grandes mudanças/alterações em relação ao último Código em Vigor (CP 2001)?

Sim ☒

Não ☐

2.2.4.1 Se sim, quais considera terem sido as mais significativas?

Sim. Claro que houve muitíssimas alterações. O código teve uma mudança radical e principalmente a filosofia de avaliação é que mudou. E portanto, toda a estrutura que os juízes e treinadores estavam habituados ao longo de muitos anos, mudou completamente. Consequentemente, principalmente as mudanças mais significativas foi mesmo na filosofia que eles criaram à volta do novo código, ou seja, que é a prevalência à execução correcta.

2.2.4.2 Das mudanças/alterações verificadas, quais são no seu entender, as vantagens e desvantagens?

Desvantagens…, acho que na maior parte dos casos houve vantagens,… no meu entender as maiores desvantagens são para os países mais fracos, de desenvolvimento mais fraco na ginástica. Porque é mais difícil para as ginastas atingirem notas elevadas do que com o código anterior. Uma vez que a ginasta pode realizar 10 elementos de grande dificuldade, ou 11 ou 12, os que forem, e contar, contabilizar os de mais valor, enquanto que as ginastas de países menos desenvolvidos têm sempre que contar com elementos de menos valor. Quando no outro código era exigido os 3A, 3B e 2C, tanto fazia de ser de Portugal, como ser da América como ser da China, se as ginastas cumprissem aqueles 3A, 3B e 2 C (partes de valor) estavam em igualdade e agora não. As ginastas e os países de nível de desenvolvimento na ginástica mais fraco têm mais dificuldades. Essa acho que foi a maior desvantagem. A vantagem… acho que este código é muito mais justo para as ginastas. Ou seja, nós ultimamente estavamos a assistir nas provas internacionais a ginastas de grande nível a terem notas iguais a outras ginastas com nível inferior só porque aquele topo dos 10pontos já não se podia ultrapassar. Por exemplo, contavam-se, havia ginastas que tinham bonificações de 3 pontos mas só se podia contar 1.20 pontos. Enquanto que agora se pode contabilizar porque não vai haver esse limite.

2.2.5 Em relação ao seu trabalho como juiz, quais as principais mudanças, diferenças e dificuldades verificadas e sentidas?

As dificuldades sentidas prende-se com a "antiguidade". Quando mais antiga é uma juiz, mais dificuldade teve. Ou seja, as juízes mais jovens tiveram menos dificuldade que as juízes mais antigas porque um juiz que já tem, por exemplo, trinta anos de carreira está habituado ao longo de trinta anos a lidar com os graus de dificuldade, a lidar com a estrutura de pontuação e a forma como se pontua, a lidar com aquela organização de pontuação, de repente mudar tudo, foi

muito difícil. Eu devo dizer que para me preparar para o curso de juízes intercontinental estive cerca de 4 meses a uma média de 3 horas por dia. Porque, primeiro para uma pessoa se entrosar no processo de pontuação e depois porque havia muitas dificuldades na interpretação do código, quando o recebemos só tínhamos isso escrito, e depois ao longo do próprio curso é que se foram esclarecendo algumas coisas e depois para o próprio calculo, ou seja, agora para se chegar à nota A é preciso fazer 3 vezes mais cálculos que anteriormente. E muitas vezes, nós sentimos isso lá porque foi o primeiro curso, algumas notas saíram erradas por contas mal feitas. Ou seja, com pressão de se fazer rápido e de termos um determinado tempo (minutos) para dar as notas, as notas saíram erradas pelas contas porque era um factor que não acontecia no código anterior. Portanto acho que as dificuldades foram um bocadinho essas e porque tivemos que mudar a nossa filosofia toda.

2.2.6 Acha mais fácil pontuar com o novo CP? (Justifique/Argumente a resposta dada)

Sim ☐

Não ☒

Acho que é mais difícil pontuar com este código. Embora neste momento eu goste mais de pontuar com este código porque já tenho mais prática, mas é mais difícil, tem que se ver mais pormenores, tem que se ver os oito mais valiosos, tem que se ir ver o pivot, tem que se ver se a saída é A, B ou C, tem que se ver as ligações, acho que era mais fácil pontuar pelo outro código.

2.2.7 Considera que as alterações verificadas no CP vieram trazer mais exactidão no ajuizamento das ginastas e maior credibilidade à modalidade? (Justifique/Argumente a resposta dada)

Sim ☒

Não ☐

Mais exactidão tenho a certeza que sim, como já disse acho que este código é muito mais justo para a generalidade das ginastas, embora haja algumas injustiças com as regras do código, ou seja, podem haver ginastas que vão para uma prova e realizam imensos elementos difíceis mas ainda não estão correctamente executados e têm menos nota que aquelas que fazem exercícios mais simples. Nesse aspecto há injustiça, por exemplo, vamos falar ao nosso nível, ao nível de Portugal, uma ginasta que vai para o número de Solo, e faz rondada flic duplo mortal, rondada flic pirueta, rondada flic dupla com mortal à frente, faz algumas penalizações e tira uma determinada nota, e vai outra ginasta e faz

um exercício só com rondadas flics mortais empranchados, ou uma pirueta ou coisas muito simples e acaba por atingir uma melhor nota. Isto vai de encontro a que nós também, treinadores e juízes, principalmente os treinadores, têm que aprender a construir os exercícios dos seus ginastas. Ou seja, neste momento não vale a pena uma ginasta apresentar em prova e realizar um elemento que não esteja mais de 80% correcto porque vai prejudicar a ginasta. Pelo menos a nível nacional é assim que se tem feito. As nossas ginastas da selecção nacional o ano passado foram aos Campeonatos da Europa, e algumas ginastas foram com elementos pouco seguros e que neste momento já não estão a fazer isso. O que está pouco seguro não se coloca no exercício, só se inclui na competição o que está totalmente seguro, para não dar origem a esses problemas. Ou seja, por causa da execução que tem muito valor, como a execução se desconta de 10 pontos vale muito, comparado com restante, a ginasta que tem muitos descontos vai ter menos nota mesmo que tenha uma nota A muito elevada, acaba sempre por ter sempre nota menor. Acho que mais exactidão há, mais credibilidade à modalidade acho que ainda falta um bocadinho.

2.2.8 Uma vez que actualmente se pode ultrapassar a fasquia máxima dos 10 pontos, concorda com a alteração do CP que veio permitir o estabelecimento de recordes na GA? Não veio este facto deturpar o significado e o objectivo principal da GA (atingir a nota máxima), algo raro e inatingível, a perfeição, que tanto caracterizava a modalidade? (Justifique/Argumente a resposta dada)

Concordo com esta nova alteração, acho que é uma evolução que o código de pontuação tinha que ter e a ginástica em si porque a ginástica está a evoluir de tal maneira, os elementos as ligações, que não se conseguia valorizar as ginastas por essa evolução, e portanto, tudo muda, e quer dizer, este objectivo de atingir os 10 pontos, que era o ponto fulcral da Ginástica Artística, acho que para já ainda não é muito bem compreendido pelo publico e ainda vai faltar um bocadinho, mas acho que é muito melhor porque se consegue evoluir muito mais, as ginastas conseguem ter mais vontade de trabalhar nas coisas difíceis. Concordo com esta alteração, acho que é muito melhor para as ginastas e para a ginástica em si. A ginástica torna-se mais espectacular e essencialmente porque evita alguns problemas que aconteciam com ginastas e países que levavam atletas para as competições a fazer muita coisa e tudo mal feito, e as regras deste código previnem exactamente isso, só se fazer quando se tem o mínimo de qualidade. Por isso, acho que esse problema dos 10 pontos acho que vai passar um bocadinho, rapidamente ao lado e não me parece que isso seja muito significativo para a evolução da modalidade.

2.2.9 Considera que esta mudança irá trazer uma maior justiça na atribuição de notas? (Justifique/Argumente a resposta dada)

Penso que sim, pelo simples facto de no código anterior não se conseguir distinguir as ginastas excelentes das ginastas muito boas.

2.2.10 Deseja acrescentar alguma informação ou algum pormenor relativamente à alteração do CP, que no seu entender possa ser relevante?

Acho que o código desde que foi idealizado até aos dias de hoje, já levou tantas alterações que mostra que estava a ser precisa esta alteração mas que ainda não está totalmente radicado o sistema correcto. Ou seja, por exemplo, havia muitos casos como eu disse atrás, que havia injustiças relativamente às ginastas que faziam muito e que faziam mal feito e as que faziam pouco, etc., por exemplo, a nível do nosso país e como o nível do nosso país há muitos, havia muitas injustiças, por exemplo, se íamos para as paralelas assimétricas que é um aparelho bastante difícil, e uma ginasta que fizesse um exercício com 10 elementos era quase a mesma coisa que uma ginasta que fizesse com 4 ou 5, e quem fizesse 10 elementos tinha mais descontos do que a que fizesse 4 ou 5. E neste momento, já saiu quase outro código novo, já alterou todo outra vez, aliás desde que ele saiu até hoje já alterou para aí seguramente umas 10 vezes, sem exagero. E uma das grandes alterações que eu acho que foi muito bem feito, é que a ginasta que tem um exercício com menos de 7 elementos já não desconta da execução de 10 pontos, já desconta de menos. Se tiver 6 elementos desconta de 6, se tiver 5 elementos desconta de 5, e se tiver entre 1 e 4 já desconta de 2 pontos. Ou seja, a ginasta que faz 4 elementos nas paralelas, como nós temos muitas ginastas pequenas a fazer isso, se tiver muitas falhas, fica a dever notas à juiz. E aí já se consegue ter um bocadinho mais de justiça na avaliação. Nos outros aparelhos igualmente, mas nas paralelas é onde se sente mais. Por isso o código tem sido sempre readaptado à medida que vai havendo provas, depois que o código novo saiu, houve julgo eu, três a quatro provas de alto nível, Campeonato do Mundo, Campeonato da Europa, Taça do Mundo… e após essas provas há sempre grandes alterações, inclusivamente elementos que baixam de valor, situações de orgânica que também se alteraram, por exemplo, dantes a composição era o júri B que descontava, depois chegaram à conclusão que muitas vezes o júri B se esquecia e havia muitas diferenças de notas. Agora a composição é descontada na nota final. Portanto, tem havido muitas alterações que mostra que isto se está a refinar para ficar um código ideal… digo eu… ideal não sei se é.

Porto, 8 de Março de 2007, 20:00 horas

ENTREVISTADO Nº 10

PARTE I – CARACTERIZAÇÃO INDIVIDUAL

Treinador ☐

Juiz ☒

1.1 Sexo: Masculino ☐ Feminino ☒ 1.2 Idade: 30 (anos) 1.3 Nacionalidade: Portuguesa

1.4 Habilitações Académicas:

4ªclasse	6ºano	9ºano	12ºano
☐	☐	☐	☐
Bacharelato	Licenciatura	Mestrado	Doutoramento
☐	☐	☒	☐

1.5 Para além da sua formação académica, qual o seu nível de formação:

o como treinador Grau III - FPG

o como juiz Internacional – Categoria 3

1.6 Para além da Ginástica, tem outra actividade profissional?

Sim ☒

Não ☐

Se sim, qual? Professora de Educação Física e Professora do Ensino Superior

PARTE II

2.2 GUIÃO DA ENTREVISTA – JUIZES

2.2.1 Categoria como Juiz:

- o Internacional A ☐
- o Internacional B ☒
- o Nacional (categoria I) ☐
- o Nacional (categoria II) ☐

2.2.2 Que tipo de provas é que já pontuou?

Jogos Olímpicos	Campeonatos do Mundo	Campeonatos da Europa	Taça do Mundo	Torneios Internacionais
☐	☐	☐	☐	☒
	Campeonatos Nacionais	Taça de Portugal Dia Olímpico	Outras Provas Nacionais	Campeonatos Distritais
	☒	☒	☒	☒

2.2.3 Anos de actividade na Ginástica Artística:

- o como atleta 13 (anos)
- o como treinador 13 (anos)
- o como juiz 14 (anos)

2.2.3.1 Para além da sua actividade como Juiz, encontra-se actualmente ligada ao treino?

Sim ☒

Não ☐

2.2.4 Em relação ao Código de Pontuação de Ginástica Artística Feminina (CP 2006), considera terem existido grandes mudanças/alterações em relação ao último Código em Vigor (CP 2001)?

Sim ☒

Não ☐

2.2.4.1 Se sim, quais considera terem sido as mais significativas?

Em primeiro ter acabado a nota máxima de 10 pontos e não haver uma nota limite. E através disso, na minha opinião,

acho que agora se consegue distinguir os ginastas muito bons dos bons, algo que não se conseguia distinguir quando o código tinha uma nota máxima de 10 pontos. A nível da dificuldade ficou mais exigente, os atletas para conseguirem notas de partida mais altas (nota A) têm que fazer um maior nível de dificuldades e um maior número de dificuldades de elevado nível. A nível da nota B também, na minha opinião, principalmente na GAF, acho que está muito mais exigente do que estava em relação ao último código.

2.2.4.2 Das mudanças/alterações verificadas, quais são no seu entender, as vantagens e desvantagens?

As vantagens, como já tinha referido anteriormente, é o poder distinguir o muito bom do bom porque antigamente, no CP 2001, as juízes só tinham 1.20 pontos para as bonificações, só podiam atribuir 1.20 pontos para bonificações e passando esse limite os que faziam mais do que isso não valia a pena porque só tinham 1.20 pontos e agora esses ginastas que continuam a conseguir fazer, seja através dos valores de ligação, da bonificação de elementos vão conseguir distinguir-se dos outros que só têm aquele determinado número de ligações e aquele determinado número de dificuldades de elevado nível. As desvantagens, o terem acabado com o mítico da ginástica artística, o 10. O dez era a perfeição. A muitas pessoas ainda faz um bocado confusão, as próprias pessoas da modalidade ainda lhes faz um bocado confusão o não haver agora o dez como nota máxima, e terem um doze ou um treze, a mim como juiz ainda me faz confusão o ter que escrever uma nota final, um doze, um treze ou um catorze, ainda não estamos, pelo menos falo por mim, ainda não interiorizei bem o terem terminado com o dez.

2.2.5 Em relação ao seu trabalho como juiz, quais as principais mudanças, diferenças e dificuldades verificadas e sentidas?

Como juiz, primeiro as constantes modificações e alterações que o código de pontuação da ginástica artística feminina tem sofrido, desde que tirei o curso internacional já tenho 3 CP novos e está em constante alteração, sempre a mudar, todas as semanas há uma coisa nova, algo que não se verifica com a ginástica artística masculina que é o CP que saiu é aquele que está em vigor desde o ano passado quando foi alterado o CP. Na feminina essas constantes alterações, a mim como juiz obriga-me a estar permanentemente a fazer as actualizações e estar a pontuar novamente porque são alterações que mexem mesmo a nível de organização e construção de esquemas, não só para mim mas também para os treinadores, e uma pessoa tem que estar sempre… atenta… olha agora mudou isto, e agora já é para a nota A,

agora já não é da nota A é da nota B, por isso, essas são as dificuldades que tenho sentido mais. Em relação às diferenças, acho que é mais difícil pontuar com este CP, porque a nível da nota A, ou do Júri A, este tem muitas mais tarefas do que tinha no último (antigo) CP, além do valor de dificuldade, tem agora também as faltas de composição, tem o valor de ligação, tem isso tudo que fica a cargo do júri A que é o papel normalmente que eu costumo fazer a nível nacional.

2.2.6 Acha mais fácil pontuar com o novo CP? (Justifique/Argumente a resposta dada)

Sim ☐

Não ☒

Em relação ao antigo, não é questão de o achar mais fácil ou mais difícil, o que eu acho é que se ele não tiver as constantes alterações, depois de uma pessoa entrar no ritmo e no esquema, é fácil, porque com o treino isso é como tudo, com treino depois torna-se fácil, eu gosto de pontuar com este código, sinto-me mais capaz, também pela experiência que tenho tido, e pelos anos que pontuo e pelas competições que vou tendo, sinto-me mais capaz de pontuar agora do que a alguns anos atrás. Mas acho que é com o treino. De uma forma geral acho que é mais difícil. Porque tem uma data de coisas, por exemplo, o júri B ficou mais fácil, quem faz de júri B é mais fácil, quem faz de júri A é mais difícil.

2.2.7 Considera que as alterações verificadas no CP vieram trazer mais exactidão no ajuizamento das ginastas e maior credibilidade à modalidade? (Justifique/Argumente a resposta dada)

Sim ☐

Não ☐

Eu não acho que a modalidade não tenha credibilidade, eu acho que a modalidade é uma modalidade exigente e que o ajuizamento, principalmente na GAF é bastante exigente, enquanto que nós sabemos e muitas vezes a GAF, ou digamos as juízes da GAF são criticadas pelos juízes da GAM que dizem que somos muito exigentes porque, enquanto que nós para uma dedução que tiramos 3 ou 5 décimas, eles, para eles é 1 décima. E acho que está muito exigente, a dedução na GAF está muito exigente. E às vezes isso pode desmotivar digamos, quer dizer, uma atleta que faz faz faz faz, fiz mais dificuldade e vou ter mais descontos, por isso vou ter uma nota inferior a um exercício com menos dificuldade, por isso, isto leva a que este código, exige, leva a que eles não arrisquem, só façam aquilo que está

perfeito para não ter dedução. E nós vemos isso, quem está pontuar vê isso, vemos e sabemos que a ginasta pode fazer muito mais mas que não vai fazer porque tem medo da dedução.

2.2.8 Uma vez que actualmente se pode ultrapassar a fasquia máxima dos 10 pontos, concorda com a alteração do CP que veio permitir o estabelecimento de recordes na GA? Não veio este facto deturpar o significado e o objectivo principal da GA (atingir a nota máxima), algo raro e inatingível, a perfeição, que tanto caracterizava a modalidade? (Justifique/Argumente a resposta dada)

Eu penso que isto de ultrapassar os dez pontos e de haver recordes, nós agora falamos um bocado de recorde, o recorde está nos 16 pontos qualquer coisa… acho que é bom para a modalidade porque obriga uma pessoa a querer sempre mais, obriga que o próprio atleta e o próprio treinador pensem em construir o exercício para conseguir obter uma nota superior à que obteve, porque dantes chegava-se aos 10 pontos e pronto, não se pensava mais nisso. E penso também que em comparação com as outras modalidades há isso dos recordes, no atletismo bater o recorde dos 100 metros, bater o recorde dos 5000 metros… e na natação a mesma coisa, há um constante bater de recordes, acho que isso é bom para a modalidade, apesar de ainda não ter assimilado muito isso. Eles não deixam de atingir a perfeição o dez é que estava associado à perfeição, ou seja, uma ginasta que tinha dez era perfeita. Agora, apesar de tudo, o dez na execução, se ela tirar um dez na execução ela é perfeita na mesma, é uma questão de uma pessoa se habituar à mudança.

.2.9 Considera que esta mudança irá trazer uma maior justiça na atribuição de notas? (Justifique/Argumente a resposta dada)

Eu não considero que seja justiça, porque nós sabemos que há sempre uma componente no código da GAF que é bastante subjectiva. O que eu posso, enquanto juiz, o que eu posso gostar de ver, a juiz ao meu lado pode não gostar de ver, isto principalmente no que diz respeito às coreografias, eu posso gostar daquela coreografia, eu posso gostar daquela música, e a juiz que está ao meu lado pode não gostar da música e pode achar que a ginasta não esteve bem com a música. E nós temos um parâmetro que ainda por cima agora é maior neste código, enquanto eu posso descontar uma décima a juiz do meu lado pode descontar 3. E a discrepância é muito maior, é diferente, porque nós agora não temos 2 décimas nem temos 4 décimas, é 1, 3 ou 5, enquanto eu posso tirar só uma décima de cada vez, a juiz que está ao meu lado se tirar sempre 3 décimas vai haver uma grande diferença na nota final.

Mas apesar de tudo, há sempre uma maior justiça, isso sim, para distinguir os tais, os que são muito bons dos bons e os maus dos muito maus. Isso também dá para distinguir.

2.2.10 Deseja acrescentar alguma informação ou algum pormenor relativamente à alteração do CP, que no seu entender possa ser relevante?

Porto, 8 de Março de 2007, 21:00 horas

ENTREVISTADO Nº 11

PARTE I – CARACTERIZAÇÃO INDIVIDUAL

Treinador ☐

Juiz ☒

1.1 Sexo: Masculino ☐ Feminino ☒ 1.2 Idade: 25 (anos) 1.3 Nacionalidade: Portuguesa

1.4 Habilitações Académicas:

4ªclasse	6ºano	9ºano	12ºano
☐	☐	☐	☐
Bacharelato	**Licenciatura**	**Mestrado**	**Doutoramento**
☐	☒	☐	☐

1.5 Para além da sua formação académica, qual o seu nível de formação:

o como treinador Treinadora – Nível I

o como juiz Nacional – Categoria 1

1.6 Para além da Ginástica, tem outra actividade profissional?

Sim ☒

Não ☐

Se sim, qual? Professora de Educação Física

PARTE II

2.2 GUIÃO DA ENTREVISTA – JUIZES

2.2.1 Categoria como Juiz:

- o Internacional A ☐
- o Internacional B ☐
- o Nacional (categoria I) ☒
- o Nacional (categoria II) ☐

2.2.2 Que tipo de provas é que já pontuou?

Jogos Olímpicos	Campeonatos do Mundo	Campeonatos da Europa	Taça do Mundo	Torneios Internacionais
☐	☐	☐	☐	☐
	Campeonatos Nacionais	Taça de Portugal Dia Olímpico	Outras Provas Nacionais	Campeonatos Distritais
	☒	☒	☒	☒

2.2.3 Anos de actividade na Ginástica Artística:

- o como atleta 13 (anos)
- o como treinador 6 (anos)
- o como juiz 6 (anos)

2.2.3.1 Para além da sua actividade como Juiz, encontra-se actualmente ligada ao treino?

Sim ☒

Não ☐

2.2.4 Em relação ao Código de Pontuação de Ginástica Artística Feminina (CP 2006), considera terem existido grandes mudanças/alterações em relação ao último Código em Vigor (CP 2001)?

Sim ☒

Não ☐

2.2.4.1 Se sim, quais considera terem sido as mais significativas?

De um código para o outro as diferenças mais significativas foram, o já não existir um limite, que antigamente era o dez,

agora a ginasta pode tentar obter uma nota cada vez mais elevada, essa foi uma das diferenças mais significativas, outra das diferenças a referir é o facto de agora as penalizações estarem bastante altas, sendo outra das diferenças significativas, e o facto de agora haver elementos com valor bastante elevado, porque agora existe elementos de valor F e valor G e que no código anterior não existiam. Penso que são as diferenças mais significativas.

2.2.4.2 Das mudanças/alterações verificadas, quais são no seu entender, as vantagens e desvantagens?

Para uma ginasta tem vantagens em termos da nota a atingir, o facto de ela não ter um limite a atingir, como acontecia antigamente, que era o dez, e muitas ginastas já tinham obtido esse limite há muito tempo, já obtiveram esse objectivo há bastante tempo. O facto de não haver limite faz com que a ginasta tente trabalhar cada vez mais para conseguir uma nota cada vez mais elevada. Isso faz com que, no meu ver, seja uma vantagem para a ginasta ter sempre um objectivo a atingir. Cada vez pode subir mais, pode cada vez tentar mais e mais, não há um limite, dá para que a ginasta tente evoluir cada vez mais. Dantes o máximo de pontuação que podia atingir com as bonificações era 1,20 pontos quer ela fizesse muito ou pouco, não havia distinção, aí não havia muitas diferenças, agora como ela pode alcançar uma pontuação ilimitada, basta uma ginasta fazer cada vez mais elementos de valor F, de valor G, e tentar apostar em elementos de elevado coeficiente de dificuldade, faz com que ela consiga uma nota A elevada, uma nota mais elevada, isso acho que vai trazer para as ginastas uma motivação acrescida. Eu agora tentei atingir a nota 13, consegui, agora vou tentar alcançar, chegar aos 14 pontos, e isso vai trazer vantagens. Nas desvantagens acho que é um bocado em relação à nota B, acho que estão muito rigorosos os descontos, e isso pode trazer por vezes a desmotivação para as ginastas, e isso é uma desvantagem, porque uma ginasta que realize um bom exercício e com dificuldade, arrisca-se por ter um exercício com dificuldade a ter mais descontos, o que acaba por originar, por vezes, uma nota inferior em relação a uma ginasta que realizou menos dificuldade mas na perfeição. E isso pode levar a ginasta a uma desmotivação. Isso pode ser uma desvantagem para este código porque pode originar desmotivação da atleta, então, está poderá achar que não valerá a pena esforçar-se muito porque basta fazer pouco mas bem, perfeito porque ganha àquela que faz triplos e elementos de grande dificuldade. Isso às vezes pode ser uma desvantagem para a modalidade.

2.2.5 Em relação ao seu trabalho como juiz, quais as principais mudanças, diferenças e dificuldades verificadas e sentidas?

De facto houveram bastantes alterações e mudanças bastante significativas, e no início como juiz senti imensas dificuldades nas alterações que surgiram. Principalmente na nota B, que na nota B eram parâmetros muito mais específicos e tinha a composição, especifico para cada, se falta ou se não falta, foram os próprios descontos que vieram a aumentar, na expressão artística... tudo, todos esses parâmetros eram tão específicos e já tão distribuídos uniformemente que se tornou um bocado mais difícil, para decorar e para ver todos esses pormenores. Na nota A houveram bastantes alterações de facto, mas não senti grandes dificuldades, quer dizer, no início senti, mas neste momento apesar de ainda sentir um bocado na nota B, não sinto isso na nota A porque acho que foi uma questão de hábito, agora adquirir-mos, habituarmo-nos a pontuar com este código. Alterações, em termos de um código para o outro houve, claro, mas em termos de eu pontuar, de dificuldade para mim, para eu pontuar, acho que no início houve porque foi a tal mudança drástica, radical, mas agora não sinto essa dificuldade. Só mais a nível da nota B, dos descontos, etc.

2.2.6 Acha mais fácil pontuar com o novo CP? (Justifique/Argumente a resposta dada)

Sim ☐

Não ☒

Não. Não sei, é assim, também é uma questão de hábito é verdade, só que eu acho que é muito complicado este código e apesar de eu ter dito inicialmente aquilo da nota A, achar que não sinto dificuldades, mas ao ver e analisar o código todo em si, eu acho que está difícil pontuar devido a todos e a tantos pormenores que temos que ver e estar atentas. Está difícil pontuar devido a tantos detalhes, das rotações, se desce de valor, se já não desce, em vez de valer um A, em vez de valor um E já vale um D, são muitos pormenores para as juízes verem tanto na nota A como na nota B, que eu acho que no outro código era muito mais simples. É claro que é uma questão de hábito e o código aos poucos, quando entrar mesmo em vigor, sem essas e as constantes alterações, e quando as alterações começarem a parar e as pessoas entrarem no ritmo, que inicialmente claro que foi uma confusão pontuar com este código. E as próprias juízes mesmo antes de pontuar já encaravam este código de uma maneira, como se fosse um "bicho" realmente, mas na minha opinião este código, sem dúvida, é muito mais complicado que o outro, tem muitas mais coisas para ver, muito mais ligações e pormenores que torna o código, no geral, muito mais difícil de pontuar.

2.2.7 Considera que as alterações verificadas no CP vieram trazer mais exactidão no ajuizamento das ginastas e maior credibilidade à modalidade? (Justifique/Argumente a resposta dada)

Sim ☒

Não ☐

Eu acho que sim, acho que veio em relação ao outro acho que sim, mas não sei explicar porquê. Pode ser justo ou não. De facto pode ser mais exacto como não, porque o facto de os descontos estarem assim tão rigorosos não sei se vai trazer assim tanta justiça à atleta ou não. Porque eu considero que uma boa ginasta não é só perfeita, também tem que ter um nível de dificuldade no seu exercício, isso é que é uma boa ginasta. No fundo uma óptima ginasta consegue conciliar as duas coisas. Mas uma ginasta normal não pode ser só perfeição e não sei se essa parte vai trazer essa credibilidade à modalidade, ou essa exactidão, essa vantagem, ou ser justo. No fundo isso vai distinguir muito bem as ginastas, vai distinguir as boas e as más ginastas, isso sem dúvida alguma. Se calhar poderá trazer mais exactidão. Se calhar este código até vai beneficiar, porque ao separar bem as ginastas, e ao separar com pontuações bastante expressivas, porque antigamente a primeira da segunda tinha décimas e centésimas de diferença, e agora elas até são separadas com uma diferença bastante significativa, se calhar aí vai trazer essa tal exactidão.

2.2.8 Uma vez que actualmente se pode ultrapassar a fasquia máxima dos 10 pontos, concorda com a alteração do CP que veio permitir o estabelecimento de recordes na GA? Não veio este facto deturpar o significado e o objectivo principal da GA (atingir a nota máxima), algo raro e inatingível, a perfeição, que tanto caracterizava a modalidade? (Justifique/Argumente a resposta dada)

Eu na minha opinião, esta tal perfeição, e aquele o dez da Nadia Comanechi, e isso tudo, realmente era um mito… isso da ginástica, toda a gente a conhecia pelo dez, o dez a nota máxima. E isso realmente era o significado da nossa ginástica, toda a gente encarava e via o dez como a Nadia, isso realmente, esse dez era a nossa marca. Mas a ginástica também tem que evoluir. E como tal, essa desvantagem da perfeição e do dez veio dar outro significativo, que é agora, acho que sim, que vai haver muito esse objectivo, de obter o recorde, como noutras modalidades, diminuir o seu tempo no atletismo... na natação... todos tentavam, tentam obter o seu recorde, bater cada vez mais o seu recorde, eu acho que isso na ginástica vai começar a acontecer, vou bater o meu recorde, quanto é que eu vou ter nas paralelas, quanto é que eu vou ter na trave, bati o meu recorde, quanto é que eu vou ter de nota final, estou a bater o meu recorde. E em todas as modalidades isso existia um bocado, todos tentavam obter o seu recorde, e na ginástica

isso não existia, se chegasses ao dez, o teu recorde não podia ser ultrapassado, só podia ser esse. E eu acho eu veio dar um outro ar à ginástica, eu acho que isso veio trazer… por um lado tirou aquilo que se tinha do antigamente do dez, aquele mito, mas acho que veio dar outra mexida na ginástica e que agora esse recorde eu acho que é interessante e que pode trazer coisas bastantes interessantes à ginástica e à própria modalidade em si, e acho que pode ser uma vantagem e é uma evolução que a própria modalidade também tem que começar a sofrer aos poucos.

2.2.9 Considera que esta mudança irá trazer uma maior justiça na atribuição de notas? (Justifique/Argumente a resposta dada)

Considero, claro, sem duvida alguma. Porque, lá está, como antigamente uma muito boa ginasta e uma boa ginasta às vezes eram distinguidas por muito pouco, lá está, porque o máximo era dez, e chegavam aos 4 aparelhos e a pontuação final era muito próxima umas das outras, agora não, uma boa ginasta vai distinguir-se muito lá para cima, e um primeiro lugar de um segundo vai ter uma diferença de notas muito superior. Isto vai trazer uma justiça, vai ver-se quem são as melhore e as piores ginastas, e realmente essa mudança veio trazer isso, de uma pessoa verificar realmente quem são as boas ginastas ou não, e essa justiça, porque ao ultrapassar o dez vê-se realmente quem é bom, não chega ao dez e parou e a partir daí são os descontos, não, ali uma pessoa pode tentar cada vez mais apostar numa nota A elevadíssima e lutar também pela perfeição. E eu acho que sem duvida alguma esta foi uma mudança que veio trazer uma maior justiça na atribuição das notas. Basta ver e haver essa diferença, ser maior entre as ginastas, ser maior entre uma primeira da segunda, para que uma pessoa distinga as melhores das piores e dê mais justiça às ginastas.

2.2.10 Deseja acrescentar alguma informação ou algum pormenor relativamente à alteração do CP, que no seu entender possa ser relevante?

Porto, 8 de Março de 2007, 22:00 horas

ENTREVISTADO Nº 12

PARTE I – CARACTERIZAÇÃO INDIVIDUAL

Treinador ☐

Juiz ☒

1.1 Sexo: Masculino ☐ Feminino ☒ 1.2 Idade: 30 (anos) 1.3 Nacionalidade: Portuguesa

1.4 Habilitações Académicas:

4ªclasse	6ºano	9ºano	12ºano
☐	☐	☐	☐
Bacharelato	Licenciatura	Mestrado	Doutoramento
☐	☐	☒	☐

1.5 Para além da sua formação académica, qual o seu nível de formação:

o como treinador ___Treinador – Nível 1_____

o como juiz ___Nacional – Categoria I_____

1.6 Para além da Ginástica, tem outra actividade profissional?

Sim ☒

Não ☐

Se sim, qual? ___Professora Educação Física_____

PARTE II

2.2 GUIÃO DA ENTREVISTA – JUIZES

2.2.1 Categoria como Juiz:

- o Internacional A ☐
- o Internacional B ☐
- o Nacional (categoria I) ☒
- o Nacional (categoria II) ☐

2.2.2 Que tipo de provas é que já pontuou?

Jogos Olímpicos	Campeonatos do Mundo	Campeonatos da Europa	Taça do Mundo	Torneios Internacionais
☐	☐	☐	☐	☐
	Campeonatos Nacionais ☒	Taça de Portugal Dia Olímpico ☒	Outras Provas Nacionais ☒	Campeonatos Distritais ☒

2.2.3 Anos de actividade na Ginástica Artística:

- o como atleta ___---__ (anos)
- o como treinador 4 (anos)
- o como juiz 4 (anos)

2.2.3.1 Para além da sua actividade como Juiz, encontra-se actualmente ligada ao treino?

Sim ☒

Não ☐

2.2.4 Em relação ao Código de Pontuação de Ginástica Artística Feminina (CP 2006), considera terem existido grandes mudanças/alterações em relação ao último Código em Vigor (CP 2001)?

Sim ☒

Não ☐

2.2.4.1 Se sim, quais considera terem sido as mais significativas?

Este código privilegia mais os elementos acrobáticos, logo dão mais espectacularidade à modalidade. A exigência de

mais dificuldade nos exercícios.

2.2.4.2 Das mudanças/alterações verificadas, quais são no seu entender, as vantagens e desvantagens?

A vantagem é tornar a modalidade mais espectacular. Desvantagens, não vejo nenhumas.

2.2.5 Em relação ao seu trabalho como juiz, quais as principais mudanças, diferenças e dificuldades verificadas e sentidas?

Quando existem mudanças há sempre um período de habituação, eu só tenho pontuado execução, desempenhado o papel de júri B, mas acho que este código é mais fácil de pontuar. Em termos de júri A é realmente mais complicado, mas porque alguns elementos mudaram de valor e é necessário estar sempre a consultar as tabelas para ver se aquele elemento realmente baixou ou manteve o mesmo valor, ou subiu.

2.2.6 Acha mais fácil pontuar com o novo CP? (Justifique/Argumente a resposta dada)

Sim ☒

Não ☐

Pelo facto de ter havido uma separação clara da nota de execução e da nota de dificuldade, e acho que também há uma valorização maior da dificuldade porque antigamente, duas ginastas, se uma delas fizesse muita dificuldade e outra fizesse muita dificuldade acrescida de mais dificuldade não era valorizada porque havia uma nota tecto e a partir daí a diferença não era feita e agora isso acontece.

2.2.7 Considera que as alterações verificadas no CP vieram trazer mais exactidão no ajuizamento das ginastas e maior credibilidade à modalidade? (Justifique/Argumente a resposta dada)

Sim ☒

Não ☐

Exactamente por aquilo que disse na resposta à questão anterior.

2.2.8 Uma vez que actualmente se pode ultrapassar a fasquia máxima dos 10 pontos, concorda com a alteração do CP que veio permitir o estabelecimento de recordes na GA? Não veio este facto deturpar o significado e o objectivo principal da GA (atingir a nota máxima), algo raro e inatingível, a perfeição, que tanto caracterizava a modalidade? (Justifique/Argumente a resposta dada)

Eu confesso que no início quando soube que a nota 10 ia deixar de existir fui completamente contra porque toda a gente identifica a ginástica por isso e sabe que a nota máxima é o 10, mesmo o mais leigo na área. Mas, o facto de não existir nota limite permite comparar ginastas de diferentes ciclos olímpicos por exemplo, e a noção de recorde acho que é uma noção importante. Não só do recorde, mas a comparação, porque muitas comparações até hoje foram feitas, mas foram feitas em códigos diferentes, ou seja, nós estávamos a comparar coisas que foram realizadas com regras diferentes e muitas das vezes é preciso ter cuidado quando essas comparações são feitas porque determinado exercício é realizado ou é feito porque o código o exige.

2.2.9 Considera que esta mudança irá trazer uma maior justiça na atribuição de notas? (Justifique/Argumente a resposta dada)

Sim. Exactamente porque permite fazer essa distinção entre as ginastas que têm dificuldades muito diferentes mas que no código anterior havia ginastas que cumpririam os dez pontos e outras que fariam mais e que não eram valorizadas por isso.

2.2.10 Deseja acrescentar alguma informação ou algum pormenor relativamente à alteração do CP, que no seu entender possa ser relevante?

O facto de o código estar constantemente a mudar e nunca se saber em que pé é que estamos.

Porto, 9 de Março de 2007, 20:30 horas

ENTREVISTADO Nº 13

PARTE I – CARACTERIZAÇÃO INDIVIDUAL

Treinador ☐

Juiz ☒

1.1 Sexo: Masculino ☐ Feminino ☒ 1.2 Idade: 44 (anos) 1.3 Nacionalidade: Portuguesa

1.4 Habilitações Académicas:

4ªclasse	6ºano	9ºano	12ºano
☐	☐	☐	☒
Bacharelato	Licenciatura	Mestrado	Doutoramento
☐	☐	☐	☐

1.5 Para além da sua formação académica, qual o seu nível de formação:

o como treinador Treinador – Nível 1

o como juiz Nacional – Categoria 2

1.6 Para além da Ginástica, tem outra actividade profissional?

Sim ☐

Não ☒

Se sim, qual? _____

PARTE II

2.2 GUIÃO DA ENTREVISTA – JUIZES

2.2.1 Categoria como Juiz:

- o Internacional A ☐
- o Internacional B ☐
- o Nacional (categoria I) ☐
- o Nacional (categoria II) ☒

2.2.2 Que tipo de provas é que já pontuou?

Jogos Olímpicos	Campeonatos do Mundo	Campeonatos da Europa	Taça do Mundo	Torneios Internacionais
☐	☐	☐	☐	☒
	Campeonatos Nacionais	Taça de Portugal Dia Olímpico	Outras Provas Nacionais	Campeonatos Distritais
	☒	☒	☒	☒

2.2.3 Anos de actividade na Ginástica Artística:

- o como atleta 4 (anos)
- o como treinador 26 (anos)
- o como juiz 23 (anos)

2.2.3.1 Para além da sua actividade como Juiz, encontra-se actualmente ligada ao treino?

Sim ☒

Não ☐

2.2.4 Em relação ao Código de Pontuação de Ginástica Artística Feminina (CP 2006), considera terem existido grandes mudanças/alterações em relação ao último Código em Vigor (CP 2001)?

Sim ☒

Não ☐

2.2.4.1 Se sim, quais considera terem sido as mais significativas?

Sim, foram alterações radicais mesmo. As mais significativas foram sobretudo em termos de execução. Porque como

agora se pontua a execução e a dificuldade separadamente dá-se muito mais valor à execução. O que implica que quem arriscar mais pode não ter grandes regalias com isso a não ser que seja tecnicamente muito bem feito e sem falhas.

2.2.4.2 Das mudanças/alterações verificadas, quais são no seu entender, as vantagens e desvantagens?

As vantagens, as pessoas vão treinar muito mais qualidade e com muita mais qualidade, as desvantagens, à mínima falha uma atleta está "perdida". Agora é muito mínima a falha porque qualquer "passinho" ao lado já estragou tudo.

2.2.5 Em relação ao seu trabalho como juiz, quais as principais mudanças, diferenças e dificuldades verificadas e sentidas?

Sobretudo nos valores das dificuldades, nas grandes mudanças dos valores das dificuldades. Essencialmente foi isso.

2.2.6 Acha mais fácil pontuar com o novo CP? (Justifique/Argumente a resposta dada)

Sim ☐

Não ☐

Se pontuar execução sim, se pontuar dificuldade não. Se for juiz de execução é muito mais fácil, mais simples. Se for juiz de dificuldade não, este código é muito mais complicado sobretudo porque ainda não pararam de haver alterações.

2.2.7 Considera que as alterações verificadas no CP vieram trazer mais exactidão no ajuizamento das ginastas e maior credibilidade à modalidade? (Justifique/Argumente a resposta dada)

Sim ☐

Não ☒

Acho que não. Eu espero não me enganar, mas acho que não porque o grande problema da ginástica continua a ser sermos pontuados por pessoas, e as falhas vão continuar a existir, os erros também, mas as inexactidões às vezes são sempre para o mesmo lado e é mais complicado. Aí não sei se vai haver diferenças, não me parece. Quanto à credibilidade estamos muito no início para perceber isso, mas suponho que não.

2.2.8 Uma vez que actualmente se pode ultrapassar a fasquia máxima dos 10 pontos, concorda com a alteração do CP que veio permitir o estabelecimento de recordes na GA? Não veio este facto deturpar o significado e o objectivo principal da GA (atingir a nota máxima), algo raro e inatingível, a perfeição, que tanto caracterizava a modalidade? (Justifique/Argumente a resposta dada)

Quem estava com o antigo código e agora com o novo vai sentir essa diferença muito grande mas eu acho que com o tempo não. É muito mais complicado para quem está a assistir e não percebe o que está a ver. E aí é muito mais complicado poder fazer um ajuizamento e nem sempre aquilo que vêem é a nota que aparece depois. Aquilo que eles vêem parece muito bem muito bonito e depois a nota… e aí vai ser muito complicado para quem está a assistir e que não perceba da modalidade saber o porquê da nota, e aí sim, aí sim poderá prejudicar um bocado a modalidade, mas só com o tempo.

2.2.9 Considera que esta mudança irá trazer uma maior justiça na atribuição de notas? (Justifique/Argumente a resposta dada)

Não, não sei, tenho grandes dúvidas neste momento. Mas ainda estamos muito no início do código. Espero que traga mais justiça, mas não me parece que seja por aí. Em principio não, sobretudo porque o valor de execução como é muito grande e o que me parece uma pequena falha ou uma grande falha, só aí pode ser uma grande diferença para uma nota. E portanto, em termos de justiça não sei se vai ser melhor este código.

2.2.10 Deseja acrescentar alguma informação ou algum pormenor relativamente à alteração do CP, que no seu entender possa ser relevante?

Espero que acabem as alterações e que fique logo tudo direitinho para que se possa trabalhar só num sentido.

Porto, 9 de Março de 2007, 21:30 horas

ENTREVISTADO Nº 14

PARTE I – CARACTERIZAÇÃO INDIVIDUAL

Treinador ☐

Juiz ☒

1.1 Sexo: Masculino ☐ Feminino ☒ 1.2 Idade: 27 (anos) 1.3 Nacionalidade: Portuguesa

1.4 Habilitações Académicas:

4ªclasse	6ºano	9ºano	12ºano
☐	☐	☐	☐
Bacharelato	**Licenciatura**	**Mestrado**	**Doutoramento**
☐	☒	☐	☐

1.5 Para além da sua formação académica, qual o seu nível de formação:

o como treinador Curso Treinadores – Nível I

o como juiz Juiz Nacional – Categoria I

1.6 Para além da Ginástica, tem outra actividade profissional?

Sim ☒

Não ☐

Se sim, qual? Responsável/Estagiária de HACCP Nova Empresa Alimentar

PARTE II

2.2 GUIÃO DA ENTREVISTA – JUIZES

2.2.1 Categoria como Juiz:

- o Internacional A ☐
- o Internacional B ☐
- o Nacional (categoria I) ☒
- o Nacional (categoria II) ☐

2.2.2 Que tipo de provas é que já pontuou?

Jogos Olímpicos	Campeonatos do Mundo	Campeonatos da Europa	Taça do Mundo	Torneios Internacionais
☐	☐	☐	☐	☐
	Campeonatos Nacionais ☒	Taça de Portugal Dia Olímpico ☒	Outras Provas Nacionais ☒	Campeonatos Distritais ☒

2.2.3 Anos de actividade na Ginástica Artística:

- o como atleta 11 (anos)
- o como treinador 7 (anos)
- o como juiz 6 (anos)

2.2.3.1 Para além da sua actividade como Juiz, encontra-se actualmente ligada ao treino?

Sim ☒

Não ☐

2.2.4 Em relação ao Código de Pontuação de Ginástica Artística Feminina (CP 2006), considera terem existido grandes mudanças/alterações em relação ao último Código em Vigor (CP 2001)?

Sim ☒

Não ☐

2.2.4.1 Se sim, quais considera terem sido as mais significativas?

Acho que aumentou a dificuldade de construção dos exercícios, porque como agora tem que se fazer por A-, B-, C-, por

aí adiante, e é isso que dá a nota A acho que é muito mais difícil de construir os exercícios. Além de que como saíram muitas ligações muito mais fáceis, é mais difícil de conseguir atingir uma nota A alta.

2.2.4.2 Das mudanças/alterações verificadas, quais são no seu entender, as vantagens e desvantagens?

Eu acho que as vantagens, em relação ao alto nível distingue-se melhor as ginastas, é mais fácil de conseguir distingui-las no alto nível. Em termos dos países em que a modalidade não está desenvolvida veio acentuar muito mais o "fosso" entre as muito boas e as muito más, eu acho que a grande desvantagem é essa. Em termos de avaliação de muito bom nível é muito mais fácil de as distinguir.

2.2.5 Em relação ao seu trabalho como juiz, quais as principais mudanças, diferenças e dificuldades verificadas e sentidas?

O que eu senti mais dificuldade foi a adaptar-me a um código completamente diferente, a mudança do código foi muito diferente, uma pessoa estava habituada àquele ritmo e mudar radicalmente foi muito diferente. Porque depois o pontuar, depois de uma pessoa estar habituada é sempre igual.

2.2.6 Acha mais fácil pontuar com o novo CP? (Justifique/Argumente a resposta dada)

Sim ☐

Não ☐

Eu acho que é igual, em termos de fácil de pontuar, desde que uma pessoa… tem é que ter mais coisas dentro da cabeça porque há mais a parte da composição que não havia, mas em termos de ser fácil eu acho que é igual.

2.2.7 Considera que as alterações verificadas no CP vieram trazer mais exactidão no ajuizamento das ginastas e maior credibilidade à modalidade? (Justifique/Argumente a resposta dada)

Sim ☐

Não ☐

Acho que em alguns pontos vieram. Porque está muito mais, tem muitos mais pontos no código em que uma pessoa se não faz tem que descontar, portanto, uma pessoa acaba por dizer…não, não fez isto que dantes uma pessoa

descontava ou não ali tem mesmo que descontar, não é critério, porque se não fez, por exemplo, pivot na trave desconta e antes era um bocado subjectivo. Agora há mais objectividade.

2.2.8 Uma vez que actualmente se pode ultrapassar a fasquia máxima dos 10 pontos, concorda com a alteração do CP que veio permitir o estabelecimento de recordes na GA? Não veio este facto deturpar o significado e o objectivo principal da GA (atingir a nota máxima), algo raro e inatingível, a perfeição, que tanto caracterizava a modalidade? (Justifique/Argumente a resposta dada)

É assim, no inicio eu fui um bocado contra, porque achava isso, que eram os dez pontos que era aquela nota... mas neste momento acho que permite uma maior liberdade, permite vermos coisas muito melhores, que dantes as ginastas só faziam até ao dez, portanto não precisavam de fazer mais e não se preocupavam muito com isso. E agora cada vez mais se vê a aparecer muita dificuldade, portanto eu acho que é bom apesar de uma pessoa ter aquela ideia,... o dez continua lá na mesma porque uma pessoa desconta a partir da nota dez, mas permite que elas façam muitas mais coisas e haja muito mais espectacularidade em termos de exercícios.

2.2.9 Considera que esta mudança irá trazer uma maior justiça na atribuição de notas? (Justifique/Argumente a resposta dada)

Não sei, acho que por um lado traz, porque vês muita coisa, mas por outro lado este código penaliza muito quem arrisca e não faz tão correcto. Portanto às vezes não é muito justo porque tu vês uma ginasta que faz muita coisa e como não é tão correcta acaba por ter menos nota do que uma que faz menos. Portanto às vezes não é muito justo, já temos tido casos que não é muito justo. Por exemplo nas miúdas pequenas, uma ginasta que faz muita coisa, se falhar um bocado mais, as outras quase que a "apanham"e fazem muito menos mas mais direitinho.

2.2.10 Deseja acrescentar alguma informação ou algum pormenor relativamente à alteração do CP, que no seu entender possa ser relevante?

Porto, 10 de Março de 2007, 12:45 horas

ENTREVISTADO Nº 15

PARTE I – CARACTERIZAÇÃO INDIVIDUAL

Treinador ☐

Juiz ☒

1.1 Sexo: Masculino ☐ Feminino ☒ 1.2 Idade: 25 (anos) 1.3 Nacionalidade: Portuguesa

1.4 Habilitações Académicas:

4ªclasse	6ºano	9ºano	12ºano
☐	☐	☐	☒
Bacharelato	Licenciatura	Mestrado	Doutoramento
☐	☐	☐	☐

1.5 Para além da sua formação académica, qual o seu nível de formação:

o como treinador ___Curso Treinadores – Nível I_____

o como juiz ___Nacional – Categoria 1_____

1.6 Para além da Ginástica, tem outra actividade profissional?

Sim ☐

Não ☒

Se sim, qual? _____

PARTE II

2.2 GUIÃO DA ENTREVISTA – JUIZES

2.2.1 Categoria como Juiz:

- o Internacional A ☐
- o Internacional B ☐
- o Nacional (categoria I) ☒
- o Nacional (categoria II) ☐

2.2.2 Que tipo de provas é que já pontuou?

Jogos Olímpicos	Campeonatos do Mundo	Campeonatos da Europa	Taça do Mundo	Torneios Internacionais
☐	☐	☐	☐	☐
	Campeonatos Nacionais	Taça de Portugal Dia Olímpico	Outras Provas Nacionais	Campeonatos Distritais
	☒	☒	☒	☒

2.2.3 Anos de actividade na Ginástica Artística:

- o como atleta 12 (anos)
- o como treinador 8 (anos)
- o como juiz 6 (anos)

2.2.3.1 Para além da sua actividade como Juiz, encontra-se actualmente ligada ao treino?

Sim ☒

Não ☐

2.2.4 Em relação ao Código de Pontuação de Ginástica Artística Feminina (CP 2006), considera terem existido grandes mudanças/alterações em relação ao último Código em Vigor (CP 2001)?

Sim ☒

Não ☐

2.2.4.1 Se sim, quais considera terem sido as mais significativas?

Este código, no meu entender teve realmente enormes mudanças, as mudanças que eu acho que se calhar mais se

notam tem a ver com o valor que se dá ao que a ginasta faz actualmente. Ou seja, penso que antigamente dava-se muito mais valor aos elementos de dificuldade ou à ginasta fazer mais coisas e evoluir a nível de elementos e agora não, acho que se dá mais valor à ginasta que pode fazer menos mas mais perfeito. Acho que houve uma grande mudança a nível da perfeição e da correcção dos elementos que a ginasta faz, muito mais exigente a nível de perfeição, correcção e de postura. Nestes aspectos acho que o código ficou extremamente mais exigente. E retirou um bocado aquele valor que eu penso que era um bocadinho a base da ginástica, penso eu, se concordam ou não… não sei, mas que a ginasta que arriscava e que fazia mais elementos de maior dificuldade era bonificada por isso e hoje em dia eu penso que não é assim. Obviamente que quem faz coisas muitas dificuldades e bem feitas vai ser beneficiada por isso, evidentemente, porque antigamente a ginasta tinha uma barreira, a nota dez. Mas quem tem um grupo de trabalho mais baixo, sente-se mais essa diferença a nível da dificuldade, do elemento difícil e ao mesmo tempo do elemento mais baixo mas perfeitinho. Num grupo de trabalho não internacional, mais abaixo, principalmente a nível da faixa etária, uma faixa etária mais baixa, se calhar sente-se mais essa mudança nesse ponto.

2.2.4.2 Das mudanças/alterações verificadas, quais são no seu entender, as vantagens e desvantagens?

Vantagens, claro que há vantagens porque sendo a ginasta actualmente obrigada a fazer as coisas com maior perfeição e com mais elegância, e elementos bonitos eu acho que também é bom para o futuro dela e dá para trabalhar bastante melhor se ela for de base ensinada a fazer as coisas muito perfeitinhas e muito direitinhas, mesmo com um processo mais lento de aprendizagem depois se calhar, futuramente, as coisas são feitas de outra forma e saem muito melhores e se calhar para o futuro dela é capaz de ser mais vantajoso. Em termos de desvantagens, acho que as penalizações se calhar vieram trazer algumas desvantagens ao nosso código. Ainda por cima foi uma mudança grande, que nós juízes não estávamos habituadas, pelo o menos eu só conhecia um código de pontuação, e mudar assim radicalmente há desvantagens, a penalização da ginasta quando faz as coisas não tão bem feitas ou a penalização da ginasta que faz uns exercícios e um exercício muito bem composto de solo e tem uma certa nota e uma ginasta que vai fazer um número que não tem nada a ver, muito inferior, mas perfeitinho, tem uma nota elevada e maior do que a ginasta que arriscou e que fez piruetas e duplos empranchadas, e duplos encarpados, e isso se calhar é uma desvantagem, porque acho que isso se calhar não é motivador para uma ginasta, estando ela numa faixa etária em que já começa a entender e perceber um bocado do código, e se calhar isso não é assim tão bom, tão vantajoso, logo

torna-se uma desvantagem.

2.2.5 Em relação ao seu trabalho como juiz, quais as principais mudanças, diferenças e dificuldades verificadas e sentidas?

Na avaliação senti porque acho que os valores que nós descontávamos antigamente eram muito mais directo, era tudo muito mais directo, era tudo mais fácil, ou era assim ou era assim, também havia o intermédio, claro que nós somos obrigados a ver, mas acho que hoje em dia isso é muito mais exigente. E acho que há mais confusão com as amplitudes, acho que as amplitudes ficaram muito mais complexas, um elemento que conta e que não conta, a rotação está completa ou não está completa, isso na minha pessoa, no meu entender, na minha aprendizagem é a dificuldade que eu mais tenho, é ver as rotações e as amplitudes e descontar entre os parâmetros que nós temos porque agora o valores são totalmente diferentes e eu sinto essa dificuldade. Uma maior dificuldade para mim.

2.2.6 Acha mais fácil pontuar com o novo CP? (Justifique/Argumente a resposta dada)

Sim ☐

Não ☒

Eu não acho isso, mas se calhar é agora que eu não acho por ser um código novo, que todos os dias está a mudar e todos os dias eu tenho que ver essas mudanças, todos, todos mas mesmo todos os dias há coisas novas, há informações novas, há um novo código todos os dias. Portanto, não, não está a ser muito fácil. Penso que quando ele estabilizar se calhar poderá ser mais fácil. Mas também ainda é um código recente que se calhar é normal que esteja a haver dificuldade.

2.2.7 Considera que as alterações verificadas no CP vieram trazer mais exactidão no ajuizamento das ginastas e maior credibilidade à modalidade? (Justifique/Argumente a resposta dada)

Sim ☒

Não ☐

Se calhar concordo com isso, acho que sim, acho que de facto, sim, considero verdadeiro. Porque acho que, como eu disse há bocado e se calhar pode estar a ser contraditório o que estou a dizer em relação ao que afirmei anteriormente, mas exactidão no ajuizamento das ginastas, acho que este código favorece isso, a exactidão do ajuizamento das

atletas, apesar de estar a ser difícil para nós juízes por eu acho que está a ser difícil para todas a adaptação ao novo código. Mas acho que estando tudo decidido e o código assente e sem mais mudanças e é aquilo que nós temos que saber e é assim que vai seguir, acho que sim, seguindo isso, o caminho directo, acho que sim, acho que vai trazer mais exactidão no ajuizamento porque é exigido à ginasta fazer as coisas de outra forma, é também exigido à ginasta de ser mais perfeita e a ginástica também é a perfeição apesar de também ser a espectacularidade, que se calhar agora foi diminuída, pelo menos o valor que tinha isso na ginástica foi diminuído e foi dado mais valor à exactidão e à perfeição da ginasta e da ginástica.

2.2.8 Uma vez que actualmente se pode ultrapassar a fasquia máxima dos 10 pontos, concorda com a alteração do CP que veio permitir o estabelecimento de recordes na GA? Não veio este facto deturpar o significado e o objectivo principal da GA (atingir a nota máxima), algo raro e inatingível, a perfeição, que tanto caracterizava a modalidade? (Justifique/Argumente a resposta dada)

Não, simplesmente acho que houve uma mudança. Concordo, em certa parte concordo porque acho que dar uma nota máxima a uma ginasta acho que é algo, uma coisa muito difícil, antigamente era o dez, dar o dez a uma ginasta acho que era algo muito difícil, já houve situações em que foi dado um dez e depois houve outra ginasta a seguir que se calhar mereceria o dez e a ginasta anterior não mereceria e as coisas, nunca houve dois dez. Portanto acho que sim, acho que isso não é justo, poderia acontecer muitas vezes e muitas mais vezes iria acontecer com certeza, porque um exercício perfeito, perfeito, perfeito, perfeito se calhar nunca vimos ou é subjectivo, portanto acho que sim, acho que se calhar, o aumento dessa escala foi bom porque vai permitir realmente a distinção das melhores entre as melhores.

2.2.9 Considera que esta mudança irá trazer uma maior justiça na atribuição de notas? (Justifique/Argumente a resposta dada)

Com certeza, como respondi anteriormente, responderia agora. Acho que sim.

2.2.10 Deseja acrescentar alguma informação ou algum pormenor relativamente à alteração do CP, que no seu entender possa ser relevante?

Não, não vou acrescentar, também diariamente vamos discutindo o código e vamos falando sobre ele. Talvez as mudanças e alterações constantes que este sofre que se torna complicado para as juízes, devia estabilizar o mais

depressa e rapidamente possível, pode ser que a minha opinião,… claro que as nossas opiniões deveriam ser importantes e ter algum valor, mas sei que isso ainda vai demorar algum tempo, e isto do código ainda tem muito para vir, muito para mudar e muito para aprender e muita coisa ainda vai mudar aqui no código.

Porto, 10 de Março de 2007, 13:30 horas

ENTREVISTADO Nº 16

PARTE I – CARACTERIZAÇÃO INDIVIDUAL

Treinador ☐

Juiz ☒

1.1 Sexo: Masculino ☐ Feminino ☒ 1.2 Idade: 34 (anos) 1.3 Nacionalidade: Portuguesa

1.4 Habilitações Académicas:

4ªclasse	6ºano	9ºano	12ºano
☐	☐	☐	☐
Bacharelato	**Licenciatura**	**Mestrado**	**Doutoramento**
☐	☒	☐	☐

1.5 Para além da sua formação académica, qual o seu nível de formação:

o como treinador ___Nível I_____

o como juiz ___Nacional – Categoria I_____

1.6 Para além da Ginástica, tem outra actividade profissional?

Sim ☒

Não ☐

Se sim, qual? __Professora de Educação Física_____

PARTE II

2.2 GUIÃO DA ENTREVISTA – JUIZES

2.2.1 Categoria como Juiz:

- o Internacional A ☐
- o Internacional B ☐
- o Nacional (categoria I) ☒
- o Nacional (categoria II) ☐

2.2.2 Que tipo de provas é que já pontuou?

Jogos Olímpicos	Campeonatos do Mundo	Campeonatos da Europa	Taça do Mundo	Torneios Internacionais
☐	☐	☐	☐	☐
	Campeonatos Nacionais ☒	Taça de Portugal Dia Olímpico ☒	Outras Provas Nacionais ☒	Campeonatos Distritais ☒

2.2.3 Anos de actividade na Ginástica Artística:

- o como atleta 13 (anos)
- o como treinador 12 (anos)
- o como juiz 13 (anos)

2.2.3.1 Para além da sua actividade como Juiz, encontra-se actualmente ligada ao treino?

Sim ☐

Não ☒

2.2.4 Em relação ao Código de Pontuação de Ginástica Artística Feminina (CP 2006), considera terem existido grandes mudanças/alterações em relação ao último Código em Vigor (CP 2001)?

Sim ☒

Não ☐

2.2.4.1 Se sim, quais considera terem sido as mais significativas?

A mais significativa de todas foi a não existência de um tecto, isto é, antigamente existia a nota máxima de 10 valores,

agora neste novo código já não existe isso, e as ginastas não têm limite da nota A. Para mim foi a principal alteração.

2.2.4.2 Das mudanças/alterações verificadas, quais são no seu entender, as vantagens e desvantagens?

Relativamente a esta grande alteração eu penso que uma das desvantagens é que se perdeu um bocado aquela mística que existia em torno da nota 10, da Nadia Comanechi, a nota da perfeição, uma pessoa associava a ginástica ao 10, à nota máxima, que era a perfeição de tudo. No entanto veio alterar esta forma de ver a ginástica como uma coisa estanque, era só a nota dez só a nota dez. Agora as ginastas não têm limite, podem sempre superar e tentar atingir outras notas superiores e pode-se introduzir a noção de recorde, por exemplo, ver quem é que consegue mais.

Em relação às desvantagens, acho que ainda estamos e está tudo muito no início. Para já não estou a ver, pelo menos no meu entender, não vejo assim grandes desvantagens, muito pelo contrário. Quer dizer ao início pensava que ia-se perder, lá está, aquela mística toda da ginástica mas penso que este novo código traz mais vantagens do que desvantagens, não estou a ver assim grandes desvantagens.

2.2.5 Em relação ao seu trabalho como juiz, quais as principais mudanças, diferenças e dificuldades verificadas e sentidas?

É assim uma pessoa adapta-se aos códigos rapidamente, mas nas primeiras provas houve grandes dificuldades. Uma pessoa sabia, por exemplo, na nota A tinha que ter aquele determinado valor de dificuldade, tinha que ter um determinado valor e agora já não existe isso, mas não senti grandes dificuldades porque uma pessoa adapta-se rapidamente ao novo código. Não acho que seja mais difícil pontuar com este código ou menos difícil, uma pessoa vai adaptando-se.

2.2.6 Acha mais fácil pontuar com o novo CP? (Justifique/Argumente a resposta dada)

Sim ☐

Não ☐

Para mim é igual.

2.2.7 Considera que as alterações verificadas no CP vieram trazer mais exactidão no ajuizamento das

ginastas e maior credibilidade à modalidade? (Justifique/Argumente a resposta dada)

Sim ☐

Não ☐

Isso é relativo, é muito relativo, e como é que hei-de responder a esta pergunta sem divagar muito… tentando ser o mais objectiva possível… é assim veio trazer mais exactidão porque aquilo está tudo muito certo, sabes que tens que cumprir aqueles dez elementos. Na nota B não é tão credível porque uma ginasta que se calhar faça os dez elementos mas com um valor de dificuldade mais baixo mas correctos, se calhar vai ter uma nota superior a uma ginasta que faz uns dez elementos mais difíceis mas com mais incorrecções. E depois a ginasta tem a nota A superior, mas no entanto de nota B, a execução neste código está muito exigente. E se calhar as ginastas que são mais fraquinhas mas são mais correctas beneficiam mais com este código. A nível da execução o código privilegia muito a perfeição. Por um lado, na nota A é pedido que a ginasta faça cada vez mais, e contam os valores de maior dificuldade, os elementos de maior dificuldade, mas no entanto se esses elementos não forem feitos correctamente não beneficiam nada a ginasta, não adianta de nada. Por isso vai beneficiar se calhar aquelas ginastas que são mais correctas. Logo, a credibilidade não sei até que ponto é que dará uma maior credibilidade à modalidade, se calhar não.

Exactidão, penso que sim, que veio trazer uma maior exactidão no ajuizamento. Relativamente à credibilidade, penso que não, pelo facto de que se calhar nem sempre as melhores ginastas são aquelas que têm as melhores notas.

2.2.8 Uma vez que actualmente se pode ultrapassar a fasquia máxima dos 10 pontos, concorda com a alteração do CP que veio permitir o estabelecimento de recordes na GA? Não veio este facto deturpar o significado e o objectivo principal da GA (atingir a nota máxima), algo raro e inatingível, a perfeição, que tanto caracterizava a modalidade? (Justifique/Argumente a resposta dada)

Foi aquilo que falei ao início, nós estávamos habituados à nota 10, a primeira vez, Nadia Comanechi, mas no entanto é mais aliciante, pelo menos do meu ponto de vista, é mais aliciante não existir. Por exemplo, uma pessoa quando vê provas de atletismo, ou de natação, uma pessoa está ali à espera para ver quem é que bate o recorde, que é muito mais aliciante. Eu ainda de lembro por exemplo, nos Jogos Olímpicos, penso eu que foram os JO de Barcelona, que as notas eram às milésimas e depois haviam muitos dez, e depois como é que se fazia ou se faz a diferenciação das ginastas. Havia muitas atletas no antigo código que faziam muita dificuldade e no entanto a nota máxima que elas poderiam ter era o dez, não adiantava nada estarem ali a fazer aqueles elementos todos. Agora neste aspecto e neste

código não, isso não acontece, elas agora podem cada vez fazer mais e superar cada vez mais as suas notas e os seus limites, penso que esta ideia do recorde e de não existir mais limite de nota, é bom, concordo plenamente.

2.2.9 Considera que esta mudança irá trazer uma maior justiça na atribuição de notas? (Justifique/Argumente a resposta dada)

Penso que sim, como aquilo que ainda disse anteriormente, porque agora as ginastas tudo aquilo que fazem é contabilizado enquanto antigamente existia aquele máximo. Elas por muito que fizessem não podiam atingir mais que aquela nota, havia ginastas que por acaso se fossem a contabilizar todos os elementos passavam a nota dez à vontade. Por isso, agora acho que há maior justiça na atribuição das notas, acho que sim.

2.2.10 Deseja acrescentar alguma informação ou algum pormenor relativamente à alteração do CP, que no seu entender possa ser relevante?

Porto, 11 de Março de 2007, 10:30 horas

ENTREVISTADO Nº 17

PARTE I – CARACTERIZAÇÃO INDIVIDUAL

Treinador ☐

Juiz ☒

1.1 Sexo: Masculino ☐ Feminino ☒ 1.2 Idade: 47 (anos) 1.3 Nacionalidade: Portuguesa

1.4 Habilitações Académicas:

4ªclasse	6ºano	9ºano	12ºano
☐	☐	☐	☐
Bacharelato	Licenciatura	Mestrado	Doutoramento
☐	☐	☒	☐

1.5 Para além da sua formação académica, qual o seu nível de formação:

o como treinador ___Curso Internacional de Treinadores_____

o como juiz ____Curso Intercontinental de Juízes de GAF_____

1.6 Para além da Ginástica, tem outra actividade profissional?

Sim ☒

Não ☐

Se sim, qual? ___Professora de Educação Física_____

PARTE II

2.2 GUIÃO DA ENTREVISTA – JUIZES

2.2.1 Categoria como Juiz:

- o Internacional A ☒
- o Internacional B ☐
- o Nacional (categoria I) ☐
- o Nacional (categoria II) ☐

2.2.2 Que tipo de provas é que já pontuou?

Jogos Olímpicos	Campeonatos do Mundo	Campeonatos da Europa	Taça do Mundo	Torneios Internacionais
☐	☒	☒	☒	☒
	Campeonatos Nacionais ☒	Taça de Portugal Dia Olímpico ☒	Outras Provas Nacionais ☒	Campeonatos Distritais ☒

2.2.3 Anos de actividade na Ginástica Artística:

- o como atleta 12 (anos)
- o como treinador 6 (anos)
- o como juiz 24 (anos)

2.2.3.1 Para além da sua actividade como Juiz, encontra-se actualmente ligada ao treino?

Sim ☐

Não ☒

2.2.4 Em relação ao Código de Pontuação de Ginástica Artística Feminina (CP 2006), considera terem existido grandes mudanças/alterações em relação ao último Código em Vigor (CP 2001)?

Sim ☒

Não ☐

2.2.4.1 Se sim, quais considera terem sido as mais significativas?

A diferença mais significativa tem haver com o facto de não termos nota máxima agora, somar a nota de dificuldade

com a nota de execução, por isso não há tecto agora, está aberto.

2.2.4.2 Das mudanças/alterações verificadas, quais são no seu entender, as vantagens e desvantagens?

As vantagens é que obriga as pessoas a treinarem muitos elementos diferentes, arranjar mais e uma maior variedade nos seus exercícios de maior dificuldade, por outro lado, a desvantagem, é que… principalmente em determinados aparelhos como o solo e a trave, isso tornou os exercícios mais feios, é uma grande seca ver um exercício de trave hoje em dia, um exercício de solo… já há exercícios de solo com 5 séries acrobáticas e tirou a beleza, portanto aquilo que nós dizemos da parte artística, tirou completamente da trave e do solo, não há… há um exercício para aí nos Campeonatos do Mundo em solo que nos emociona, enquanto antigamente havia vários, neste momento há um, no máximo. Nas paralelas tornou os exercícios muito variados, muito difíceis e muito mais emocionantes, nas paralelas é o onde eu vejo. Agora, qual é a grande desvantagem que eu vejo aqui, abriu muito o caminho para ginastas especialistas, pronto, pessoas que só fazem saltos e solo, ou que só fazem paralelas, ou que só fazem trave, e eu não gosto muito dessa ideia de ginastas especialistas, mas sim de ginastas que fazem todos os aparelhos, atletas completos.

2.2.5 Em relação ao seu trabalho como juiz, quais as principais mudanças, diferenças e dificuldades verificadas e sentidas?

Quando estou a trabalhar, isto é difícil, em Portugal é diferente de lá fora, mas em termos internacionais as principais, … está completamente separado, ficou muito claro do que é do júri A e do que é que é do Júri B, não há sobreposição de penalizações por exemplo, embora elas não sejam todas objectivas mas não há sobreposições, dependendo, antigamente havia… dependendo do que é que o júri A vai considerar depois o júri B devia ter tirado mais ou menos, e isso deixou de haver, não há sobreposições nesse aspecto. Há coisas que são mais claras, há coisas que são excessivamente fixas e que tornou mais difícil. Temos que fazer muitas contas, às vezes as pessoas erram não por desonestidade, não por uma certa subversão, mais uma coisinha para aqui mais uma coisinha para ali, não, porque quando estão a fazer contas se esquecem do… e vai um, estás a somar seis e cinco, onze, dois e três, cinco e esqueceste que ali vai um, e isto acontece milhares de vezes. E são tantas coisas que temos que ter em consideração tanto a nível do júri A como a nível do júri B, que às vezes nos esquecemos de somar mais um décimo, ou de tirar mais um décimo porque nos esquecemos, porque são tantas picuinhisses, ninharias, que isso acontece muito.

2.2.6 Acha mais fácil pontuar com o novo CP? (Justifique/Argumente a resposta dada)

Sim ☐

Não ☐

Não. Não em dois aspectos. Um dos aspectos é por uma pessoa tem que fazer imensas contas e para além da possibilidade de errar quando fazes as contas, induz a um cansaço superior ao que era habitual. Por outro lado, quando nós estamos à volta de um aparelho, as penalizações, neste momento temos umas penalizações que são muito diferentes de uns valores para os outros, com a ideia de ser tão objectivo tão objectivo só podes tirar 1 décimo, 3 décimos, 5 décimos e 8 décimos, há uma grande diferença, quando as pessoas se dispõem à volta do aparelho não vêem todas a mesma coisa, como é evidente, o que para mim é um desvio da vertical, se eu estiver a pontuar com o júri B6, o que para mim é um desvio da vertical de 1 décimo, para uma pessoa que esteja na posição de B3 ou B4, pode ser uma penalização de 5 décimos. E isto vai trazer uma grande confusão. Não sou mais ou menos incompetente que a outra pessoa mas não tenho é a mesma percepção porque é fisicamente impossível. Em relação às rotações exactamente a mesma coisa, ainda estou a falar em termos de penalizações, em relação às rotações exactamente a mesma coisa, quer dizer o que para mim pode ser uma pirueta que terminou completamente, às vezes doutra posição, na trave isso é muito claro, mas no solo não é assim tão claro se a pirueta terminou exactamente ou se terminou 10º antes. Eu não… é difícil de perceber. Em termos de júri A é fácil, tirando a parte de fazer contas. Em termos de júri A tornou-se muito fácil tirando a parte de fazer contas.

2.2.7 Considera que as alterações verificadas no CP vieram trazer mais exactidão no ajuizamento das ginastas e maior credibilidade à modalidade? (Justifique/Argumente a resposta dada)

Sim ☐

Não ☐

Eu não acredito nisso, não acredito nisso, precisamente pela grande amplitude, que independentemente de nós pode existir no ajuizamento, e por um erro que não me é atribuível. Por um erro de por exemplo, de posição à volta do aparelho, e são erros que não me podem ser atribuíveis. É só nesse aspecto. Não creio que isto vá dar mais exactidão.

2.2.8 Uma vez que actualmente se pode ultrapassar a fasquia máxima dos 10 pontos, concorda com a alteração do CP que veio permitir o estabelecimento de recordes na GA? Não veio este facto deturpar

o significado e o objectivo principal da GA (atingir a nota máxima), algo raro e inatingível, a perfeição, que tanto caracterizava a modalidade? (Justifique/Argumente a resposta dada)

Eu sou uma grande defensora da nota máxima, do dez. Sempre achei que não devíamos ter deixado o dez, porque da mesma maneira que no atletismo, houve uma altura, que de acordo com a técnica, nós sabemos que os recordes mudam muitas vezes não é porque os dos atletas são melhores, ás vezes é porque o tartan é melhor as sapatilhas de bicos são melhores, o dardo mudou, as varas têm um material diferente, os recordes vão mudando mas acabam por ser sempre relativos e tem a ver com a técnica, por isso também não é assim muito significativo. Agora na ginástica nós tínhamos uma referência, e essa referência era a perfeição. A referência era fazer o mais possível dentro da perfeição, e a perfeição era perceptível para toda a gente como sendo o 10. E qualquer pessoa que não percebesse nada de ginástica, conseguia mais ou menos, olhar para um exercício, ver um exercício na televisão do Campeonato do Mundo, olhar para aquilo e dizer, 9.70, porque achava que estava mais longe ou mais perto da perfeição. Hoje em dia, quer 16.400, eu neste momento digo-te que sei de uma nota de 16.400 na trave e que acho que é uma barbaridade, não sei como terá sido conseguido aquele 16.400 deve ter um grau de dificuldade aquele exercício que é uma coisa completamente inimaginável, mas para uma pessoa normal, e isso sou eu que estou aqui, mas para uma pessoa normal, 16.400 é bom, ou será que 13 é bom, não sei, e por comparação com os homens que têm notas muito melhores que nós porque os exercícios deles acabam sempre por ser mais validados que os nossos, nós continuamos a parecer que somos uma porcaria, porque para nós uma nota de 16 é rara e para eles ter um 16 é tu cá tu lá. Mas eu sou uma grande defensora do dez e acho que o facto deste ter deixado de existir veio deturpar a ginástica. E o que é facto e o mais engraçado, é que com esta coisa toda de que se vai tornar muito mais evidente quem é a melhor ginasta e mais não sei quê, o primeiro Campeonato do Mundo que se realizou com este novo código, as duas ginastas que ficaram no 1º e 2º lugar, a campeã do Mundo e a vice-campeã do Mundo ficaram separadas por 1 décima. É uma coisa incrível, uma coisa incrível, que disseram que nunca mais vai haver dúvidas e afinal, logo no primeiro Campeonato do Mundo isto verificou-se.

2.2.9 Considera que esta mudança irá trazer uma maior justiça na atribuição de notas? (Justifique/Argumente a resposta dada)

Não, por causa daquele pequeno defeito que ele tem, de nós por questões como a subjectividade, porque uma coisa era assim, nós antigamente tínhamos aquela coisa, ah.. é um desequilíbrio… é um desequilíbrio de meio décimo ou de

um décimo, agora não, ou é de 1 décimo ou é de 3 décimos ou é de 5 décimos. E antigamente com aquela história do meio décimo, uma pessoa tirava sempre, tirava sempre meio décimo. Agora às vezes ficamos com uns certos pruridos para tirar 1 décimo, para tirar 3 décimos já é…, agora para tirar 5 décimos meu deus, é porque no nosso subconsciente 5 décimos era uma queda, embora neste momento não seja, mas na nossa cabeça ainda está… enquanto que antigamente com a existência dos 2 décimos (não era 3 décimos) não eram muito, …, mas já fazia ali uma diferença, ou 1e meio, ah é um desvio de 2 décimos, não 1 e meio. E isso dava, pronto, … nós, principalmente na feminina, tínhamos um certo rigor em avaliar aquilo correctamente, de acordo com o código, e agora não sei se… se às vezes… pelas dúvidas que pode suscitar…

2.2.10 Deseja acrescentar alguma informação ou algum pormenor relativamente à alteração do CP, que no seu entender possa ser relevante?

Nas paralelas assimétricas é o único aparelho, porque no exercício de paralelas não precisa de ter elementos de ligação, é o único aparelho em que realmente este código funciona em termos de dificuldade.

Lisboa, 15 de Março de 2007, 14:00 horas

ENTREVISTADO Nº 18

PARTE I – CARACTERIZAÇÃO INDIVIDUAL

Treinador ☐

Juiz ☒ Membro CT/FIG – Júri de Apelo

1.1 Sexo: Masculino ☐ Feminino ☒ 1.2 Idade: 64 (anos) 1.3 Nacionalidade: Portuguesa

1.4 Habilitações Académicas:

4ªclasse	6ºano	9ºano	12ºano
☐	☐	☐	☐
Bacharelato	**Licenciatura**	**Mestrado**	**Doutoramento**
☐	☒	☐	☐

1.5 Para além da sua formação académica, qual o seu nível de formação:

o como treinador _____

o como juiz ___Membro do Comité Técnico/Federação Internacional de Ginástica_____

1.6 Para além da Ginástica, tem outra actividade profissional?

Sim ☒

Não ☐

Se sim, qual? ____Escritora de Livros Didácticos_____

PARTE II

2.2 GUIÃO DA ENTREVISTA – JUIZES

2.2.1 Categoria como Juiz:

- o Internacional A ☒
- o Internacional B ☐
- o Nacional (categoria I) ☐
- o Nacional (categoria II) ☐

2.2.2 Que tipo de provas é que já pontuou?

Jogos Olímpicos	Campeonatos do Mundo	Campeonatos da Europa	Taça do Mundo	Torneios Internacionais
☒	☒	☒	☒	☒
	Campeonatos Nacionais	Taça de Portugal Dia Olímpico	Outras Provas Nacionais	Campeonatos Distritais
	☒	☒	☒	☒

2.2.3 Anos de actividade na Ginástica Artística:

- o como atleta 15 (anos)
- o como treinador 35 (anos)
- o como juiz 40 (anos)

2.2.3.1 Para além da sua actividade como Juiz, encontra-se actualmente ligada ao treino?

Sim ☐

Não ☒

2.2.4 Em relação ao Código de Pontuação de Ginástica Artística Feminina (CP 2006), considera terem existido grandes mudanças/alterações em relação ao último Código em Vigor (CP 2001)?

Sim ☒

Não ☐

2.2.4.1 Se sim, quais considera terem sido as mais significativas?

Houveram mudanças muito grandes. A mais significativa de todas é o facto de a nota máxima ter deixado de ser o 10 e

agora ser considerada uma espécie de recorde, em que a nota A e a nota B são adicionadas. Foram criados novos factores de avaliação da nota A, além das dificuldades que já havia agora há os grupos estruturais. E as bonificações deixaram de ser incluídas e passaram para a nota A, durante muito tempo esteve incluído na nota A, depois passou para a nota B, depois passou para a nota A, agora tornou a passar para a nota B, e quando eu falo de bonificações é em relação à expressão artística, porque houve um tempo em que o código tinha virtuosismo, originalidade, e... já não me lembro da outra palavra... tenho que ir consultar os código antigos. Agora de 2001 foram criados uma série de factores que não estavam incluídos na nota A e a última versão do código que foi agora modificada há questão de 2 meses é que a composição tornou a passar para a nota A, e isto torna a ter que modificar todo o sistema informático relativo à competição, à entrada da nota pelo júri A e pelo júri B, outra coisa que também sofreu grandes alterações foram uma série de pequenos pormenores da composição que não existia e que era mais subjectivo, porque o objectivo principal deste código é torná-lo objectivo, que no meu entender é praticamente uma coisa impossível.

2.2.4.2 Das mudanças/alterações verificadas, quais são no seu entender, as vantagens e desvantagens?

As vantagens são que tornou-se e pretende-se que haja uma diferenciação muito maior entre as ginastas muito boas, as boas, as médias e as fracas, está muito mais exacto na execução da técnica portanto isso também faz a diferenciação. As desvantagens é que se por um lado faz essa diferenciação, por outro desanima e desmotiva um pouco os países mais fracos porque vêem que nunca mais podem chegar lá acima. Enquanto que dantes havia uma diferença digamos de uma ginasta média que chegava aos 9 pontos, 9.20 e aos 9.30, e havia essa diferença até aos 9.80, 9.90, agora a nota melhor é, digamos, de 17 pontos e as atletas mais fracas ficam-se pelos 10, 8 pontos e como ainda só houve um Campeonato do Mundo, aliás, dois Campeonatos do Mundo com este novo código, ainda não se pode propriamente fazer uma estatística e isso também é interessante porque à medida que as pessoas vão tendo noção do que é que uma nota no fundo significa começam a aparecer mais protestos, porque dantes quando tinha um 16, um 15 ou um 14, ninguém sabia exactamente o que é que isso significava, e agora já há um critério que os melhores terão 16, 17 pontos, mas como isso está muito dependente na aceitação da dificuldade, como por exemplo, não há já tolerância nas rotações, isso no fundo acaba por tornar a avaliação mais subjectiva, quando o que se pretendia e queria é que esta fosse mais objectiva e no fundo tornou-a ainda mais subjectiva, porque ninguém sabe a diferença entre 10 graus e 11 graus.

2.2.5 Em relação ao seu trabalho como juiz, quais as principais mudanças, diferenças e dificuldades verificadas e sentidas?

As grandes dificuldades sentidas como juiz, … em relação aos saltos gímnicos na trave e no solo o reconhecimento da dificuldade, quer dizer, se afastava as pernas exactamente a 180º ou superior a 180º se a perna estava perto da cabeça ou não nos saltos "cambré", nos saltos com rotações no eixo longitudinal, nos saltos gímnicos se rodava exactamente ou não, isso deixou de ter importância porque como os saltos gímnicos desceram todos de valor, já não há problema em saber se foi um C, ou se foi um D, porque isso é que contava para a nota e agora como é praticamente tudo A e B, deixou de ter uma importância relevante, mas a dificuldade continua, quer dizer nessa altura a dificuldade era essa muito mais do que nos elementos acrobáticos. As principais mudanças, diferenças de pontuar de um código para o outro, o código 2001 e 2006, é a matemática, a aritmética. A aritmética é evidente e indiscutivelmente… aliás, tem graça que nos últimos Campeonatos do Mundo, quer dizer, nos primeiros com este código e também nos Campeonatos da Europa seguintes, o que houve de mais gritante foram os erros nas somas, quer dizer, se teve tantas dificuldades, teve tantos elementos estruturais, teve isto, teve aquilo, ao somar tudo são parcelas que nunca mais acabam, e com a pressão para dar a nota depressa houve erros realmente muito grandes, e … o grande erro principal que toda a gente se queixa é o facto de que nas deduções passar de 0.1 para 0.5, quer dizer é uma questão de critério ás vezes e de posição do juiz, de disposição do juiz, que também é verdade, até de simpatia da juiz para com a ginasta, isto no fundo é tudo humano, não é uma máquina, e há diferenças gritantes entre uma juiz que tire 0.3 num elemento, que faz uma dedução de 0.3 e outra que faz 0.5 e se somarmos uma série de elementos há diferenças de 2, 3 pontos entre as notas da júri B.

2.2.6 Acha mais fácil pontuar com o novo CP? (Justifique/Argumente a resposta dada)

Sim ☐

Não ☒

Não, de maneira nenhuma. Porque precisamente está muito matemático e quer dizer as pessoas estão tão preocupadas, as juízes estão tão preocupadas em ver se é 0º ou 180º, ou 360º ou 359º que acabam por não ver o exercício no seu conjunto, na sua beleza na sua estética. Quer dizer, sentem-se mais máquinas do que pessoas a avaliar o exercício.

2.2.7 Considera que as alterações verificadas no CP vieram trazer mais exactidão no ajuizamento das ginastas e maior credibilidade à modalidade? (Justifique/Argumente a resposta dada)

Sim ☐

Não ☐

Mais exactidão talvez, na nota A. Na nota B acho que está muito mais confuso. Mas como agora a composição torna a ir para a nota A embora a pessoa continua a ser pessoa e na avaliação da composição há muita coisa pequenina que escapa, porque são listas que nunca mais acabam para deduzir. Quer dizer, não é só o decorar, até pode decorar e depois não saber aplicar na altura porque tem segundos para fazer aquilo. E tem havido imensas, imensas sugestões que também já foi experimentado, numa espécie de computador, em que cada vez que há uma dedução de 0.1 se toca num botão, uma dedução de 0.3 noutro, de 0.5 noutro, e depois a máquina soma automaticamente e a juiz não pode voltar atrás. Porque até agora no fundo a juiz fez sempre a nota comparativamente, por mais que o código não diga há sempre uma comparação, nem que seja a ideal. E fez sempre e acaba por ter uma nota digamos de nove pontos e depois pensa, aquela que fez na outra equipa no fundo foi muito melhor e apanhou só 8.90, logo tirei demais e portanto agora passar, vou tirar mais 2 décimas e vou pôr 8.80. Isso agora é muito difícil porque já não há tempo para isso. E aliás não se sabe qual é, esse problema continua, há um elemento qualquer que é considerado D, por exemplo, dupla ½ para mortal à frente, mortal empranchado com dupla ½, depois no fim faz tripla, mas na tripla a tolerância não há, vai portanto vai repetir o elemento e não conta, e não conta na sua multiplicação de deduções, não conta como elemento, não conta como última série, não conta como dificuldade, etc, etc… mas a júri B continua a não saber se contou ou não contou, portanto se considera que foi faz a dedução, e então a ginasta apanha uma dupla dedução, dedução no sentido em que o elemento não é contado, quer dizer, conta-se como duas ½ , como duas e ½ está bem, mas a júri B pensa que foi 3 e fez a dedução em relação ao critério como tinha anteriormente. E o que é mais engraçado, é que quem tem mais dificuldade em entrar neste novo código são as juízes antigas, que trabalharam durante 3, 4 ciclos com o código antigo, porque as que começam agora se souberem ginástica têm mais facilidade em entrar neste novo critério do que as antigas. Então, apesar de tudo, este novo código não veio trazer mais credibilidade à ginástica? *A ginástica continua a mesma. E este código foi mudado por motivos políticos, não foi por motivos desportivos. Quer dizer, depois do escândalo de Atenas, digamos em que nos homens, … porque o código das mulheres podia ser considerado quase o mais perfeito possível do que estava até agora, trabalhamos nele durante 4 anos, trabalhamos e eu digo trabalhamos, porque eu fui uma grande parte desse trabalho, todas as juízes e treinadores a quem tínhamos mostrado o código*

disseram que era o melhor até agora realmente, o que estava, o anterior, o que estava já feito para ser publicado em Atenas, depois surgiu aquele problema com o ginasta Americano que ganhou a medalha e devia ter sido o Coreano, que até hoje em dia é completamente quase inexplicável, e pessoalmente e porque os conheço a todos muito bem, eu estou convencida que foi um daqueles momentos que sucedem uma vez na vida, em que três juízes ao mesmo tempo baixaram a cabeça para escrever, e nessa altura não viram exactamente aqueles graus que deviam ter visto, se o elemento era em balanço ou se era parado ou lá o que era, que era do Coreano. Além disso nessa altura, o juiz Espanhol tinha visto precisamente de outra maneira, tinha visto um D em vez de ser um C, mas os outros dois disseram que era C e ele pensou, devo ser eu que devo estar enganado. E depois apanharam todos a suspensão, os três. Isso foi uma tragédia para a ginástica e como foi um escândalo enorme, e o Comité Olímpico exigiu que a ginástica tomasse um caminho mais rígido para essas coisas não tornarem a acontecer, o motivo foi político para mudar o código. Quer dizer, vamos fazer uma coisa completamente nova que é para não incorrer nos mesmos erros, e os erros continuam exactamente iguais, porque têm que continuar porque a ginástica continua a ser subjectiva. Quem é que pode dizer se um mortal é alto ou é baixo… é alto para mim, é baixo para ti, é baixo se considerarmos uma campeã do mundo e é alto se considerarmos uma ginasta de 3ª categoria. Quer dizer a amplitude dos movimentos, tudo isso, as deduções que se fazem continuam a ser sempre subjectivas e não é o 0.1, 0.3, 0.5 e 0.8 que vão modificar isso.

2.2.8 Uma vez que actualmente se pode ultrapassar a fasquia máxima dos 10 pontos, concorda com a alteração do CP que veio permitir o estabelecimento de recordes na GA? Não veio este facto deturpar o significado e o objectivo principal da GA (atingir a nota máxima), algo raro e inatingível, a perfeição, que tanto caracterizava a modalidade? (Justifique/Argumente a resposta dada)

Isso por um lado é sim e por outro lado é não. Por um lado é sim, desde que tenhamos que aceitar realmente que o código mudou, as regras são estas, portanto temos que trabalhar segundo estas regras, é verdade, embora hoje ninguém ligue, continue a não ligar se é 17 pontos ou 16 pontos. Dantes era o dez, era o ícone, era uma coisa quase inatingível, agora ninguém fala se teve 17 pontos ou 16 pontos, fui o melhor e isso chega. Por outro lado, isto agora é muito difícil para mim responder, mas isto é anónimo tudo não é?! É que eu sempre fui contra o novo código, sempre. E porronei muito por isto, tive muitas reuniões até às quais fui representar o Comité Técnico, e muita gente como eu, simplesmente o outro ganhou por causa de Atenas, porque senão o código tinha ido para a frente. E a partir do momento que ganhou, democraticamente eu tenho que aceitá-lo. E porque estou no Comité Executivo da FIG, eu não

posso de maneira nenhuma no mundo criticar o código. Porque então se criticasse, dizia, não concordo saio. Se eu estou lá é para democraticamente aceitar o que foi decidido. Portanto, quer goste quer não goste tenho que ensiná-lo como ele é e aproximar-me o mais possível dele. Antes deste código, o código de 2005 estava completamente pronto, ainda o tenho ali, que era uma continuação dos outros mas com ligeiras melhoras que facilitavam ainda mais a avaliação. Depois este foi completamente desvirtuado. E houve dois anos de grandes discussões, mas de grandes discussões, até haver uma ideia como é que se podia à força fazer um código novo quando toda a gente estava embebida no antigo. E isto surgiu de uma ideia que já vinha desde 1992, de um juiz que era do Comité Técnico Masculino (Membro do Comité Técnico Masculino) que teve essa ideia dos recordes, e que em 1992 nos JO de Barcelona distribuiu um código feito por ele. Com a aprovação de dois professores de Educação Física e treinadores e escritores de livros didácticos e isso, tinham tido essa ideia que na altura parecia maluca, de fazer um código parecido com este em que havia essa possibilidade, mas juntava-se sempre os elementos sem limite. Fazia dois A tinha 0.3, e 2 B e aquilo era infindável, mas não havia estrutura de elementos… mas essa ideia ficou a ruminar e ele distribuiu contra a opinião do resto do Comité e sem o Presidente do Comité saber, distribuiu esse código para toda gente para ver se arranjava adeptos, apoiantes. Nessa altura toda a gente detestou, ninguém falou mais do assunto, simplesmente a ideia a semente ficou, e quando se estava à procura de um método para modificar o código, veio isso novamente à baila. Um código de tipo recordes, em que o ginasta ia sempre somando somando somando, somando. E o que isso acaba no fundo por dizer e foi sempre a nossa critica durante esse tempo todo, é que com o andar do tempo e como é da natureza humana cada um tentar sempre fazer melhor que o outro e mais difícil, as pessoas em vez de tentarem, que é o que se pretende, fazer mais perfeito, todos eles querem ser campeões, vão tentar fazer mais perfeito mas mais difícil. E com o mais difícil, com mais dificuldade vêm um maior número de lesões, que é no fundo o que ninguém queria e o que não faz a ginástica popular. Porque há coisas horrorosas que se fazem agora, absolutamente inconscientes para ter um D, ou um E e um F, porque hoje parece que já ninguém é gente se não tiver 2 E ou 3 F, ou lá o que é, estou a exagerar. E essa história de fazer tudo perfeito e quem fizer tudo perfeito tem mais pontuação, é muito bonito para os ginastas médios, muito bem, faz tudo muito certinho, mas não passa de uma pirueta ou de uma dupla pirueta ou seja o que for. Então aí está bem, não deduz 0.80 porque não cai, não deduz 0.50 porque junta as perninhas e isso tudo, mas se ficarmos assim também a ginástica não evolui. Porque quando havia uma "tampa" que era os dez pontos, os ginastas sabiam que tinham que fazer o máximo dentro daquilo mas não havia possibilidade para mais, não valia a pena fazer 3 E, não lhes servia de nada ter 3 E, porque o máximo da dificuldade era "x", mas agora como é a somar,

quem é bom e quer ganhar tenta cada vez mais cada vez mais cada vez mais, e ao tentar cada vez mais arrisca cada vez mais, e isso é que é o grande perigo, nem sequer é para o ginasta médio, porque esse se tiver os pés no chão sabe que não vai fazer triplo mortal com dupla pirueta, mas quem é bom vai tentar.

2.2.9 Considera que esta mudança irá trazer uma maior justiça na atribuição de notas? (Justifique/Argumente a resposta dada)

Aí torna a colocar-se a dúvida porque o objectivo da FIG é menos perigo e mais perfeição. E o que a natureza humana vai tentar, é fazer, também perfeito mas cada vez mais difícil, portanto se é justo ou não, depende de qual é o critério com que se vê. É mais justo porque fica mais bem classificado quem for mais limpo, mas no fundo toda a gente adere à ginástica porque é espectacular, quem fizer hoje em dia um exercício simples, normal, com uns tantos D e isso, e não tem F nem nada disso, já ninguém acha graça nenhuma porque o que toda a gente está à espera é que ele rode 3 vezes no ar antes de apanhar a barra, no fundo exagerando, portanto, justiça não sei, porque o público aplaude mais quem faz mais difícil, e a ginástica precisa de aplausos que é para ser televisionada, porque ninguém vai televisionar para quem faz dupla pirueta, e para televisionarem precisam de fazer coisas difíceis, e para fazerem coisas difíceis têm que arriscar muito, e depois zangam-se quando não ganha aquele que faz as coisas mais difíceis. E isto é tudo um ciclo vicioso. Apesar de o ginasta e o treinador terem de estar consciente do risco, simplesmente há muitos treinadores cuja sobrevivência ainda depende dos resultados que obtém ou não, e essa sobrevivência, indirectamente, falo sacrificar os ginastas, embora evidentemente possa ter amor e interesse pelos ginastas e isso não se discute, mas muitas vezes está a pensar na sua própria posição profissional. Porque se não tiver êxito, é como no futebol, não marca golo pronto, nem é culpa dos treinadores nem nada, toda a gente sabe isso muito bem, mas no entanto os treinadores continuam… como é que lhe chamam no futebol, a primeira "chicotada" da estação, pronto, é a "chicotada", a "chicotada" psicológica. E há muitos treinadores que por esse mundo fora estão um bocado dependentes dessa situação, se a equipa não é qualificada para os Jogos Olímpicos, corta-se o treinador. E um treinador hoje em dia bom, custa muito dinheiro, muito dinheiro.

A justiça na atribuição de notas é relativa, e posso contar outro caso que aconteceu agora e que também foi interessante, nos últimos Campeonatos da Dinamarca em Orods, de um caso que foi muito muito polémico e que demorou meia hora, na parte feminina, a decidir, que foi o seguinte, uma ginasta da Ucrânia fez na trave uma troca de pernas para Igang Bo, portanto, para um máximo de arqueamento do corpo e o júri A considerou como a dificuldade

atribuída no código, o júri Superior não considerou, houve uma discussão de uma data de tempo, foi utilizado o Ircus (o tal programa de filmagem que já vou falar), parou-se a imagem e o que sucedeu foi que se chegou à conclusão que essa ginasta ao finalizar o elemento a perna detrás estava realmente à altura da cabeça, mas a perna da frente estava 10º mais baixo do que a horizontal, que quando se está a ver não se nota, 10º ou 5º, e quando se pára a imagem a perna em vez de estar a 180º devia estar a 175º ou a 170º. Portanto o elemento não foi considerado e perdeu uma medalha por causa disso. E isso suscitou novamente grandes discussões sobre o programa Ircus, que é então um programa desenvolvido pelo Longine, em que em cada júri está filmado todo o exercício, pode-se voltar atrás logo a seguir, e ver-se imagem por imagem e parar a imagem e isso tudo. E então estavam a usar e abusar disso para dar a nota. Quer dizer, evidentemente todos nós sabemos que uma coisa é ver-se na hora e outra coisa é voltar-se atrás e ver-se imagem por imagem. A ginástica é para se dar na hora. Como qualquer desporto. É como no futebol, no futebol, toda a gente… a história de estar fora de campo, está fora de jogo ou não fora de jogo, e depois vê-se que há erros, e hoje em dia no futebol também se está a falar em vídeo, agora isso vai escangalhar todo o sistema montado até agora. De tal maneira isso foi agora escandaloso, se calhar escandaloso não quer dizer… conflituoso essa decisão, que no fundo segundo o código até estava certo, ela não, porque o ponto da Igang Bo, seja depois da troca de pernas ou antes, é as duas pernas estarem acima da horizontal, porque estando a perna da frente mais baixa é muito mais fácil levantar a perna detrás, portanto estando um bocadinho mais baixa não é reconhecido, simplesmente assim de momento, realmente viu-se aquilo que era uma maravilha, voltando atrás não se viu. Foi o júri Superior que baixou, ele viu, estavam a ver porque era uma das ginastas que podia dar uma medalha. E então voltaram para a frente e para trás e para frente e para trás e decidiram informar, obrigar o júri A do aparelho em questão, da trave, a baixar a nota A. Portanto não era considerado um E era considerado um D, e isso suscitou uma grande discussão, porque o júri A continuou a dizer que era era era era, o júri Superior a dizer que não era, a ginasta perdeu a medalha, então agora, nesta última reunião da FIG, isto não é segredo, porque vai sair daqui a um bocadinho na Internet, ficou decidido, embora ainda não seja oficial mas vai ser oficializado já agora para os Campeonatos do Mundo de Estugarda, que o júri A vai ser proibido de ver o programa Ircus durante a sua avaliação. Só se houver um protesto. Mas como os protestos só são em relação à nota A, portanto, nesse caso digamos o treinador está a contar que ela tenha uma nota de partida, uma nota A de 6 pontos, e a júri A dá uma nota A de 5.80, sai lá 5.80 como é que é possível, não pode ser. E então, quando houver um protesto é permitido a utilização do programa Ircus, com a aprovação do júri Superior, isto está cada vez mais burocrático, mais difícil. Então o júri Superior tem que analisar e tem discutir com o júri A, e se necessário

impor, depois a Presidente do júri Superior que é a Presidente do Comité Técnico tem que dar a última palavra e se continuar a haver conflito vem para o júri de Apelo. De maneira que, quer dizer, agora está realmente complicado porque tornaram a ginástica matemática demais. No fundo, aquela sensação de que uma pessoa estava a dar uma nota e estava a ver ginástica, agora está a fazer somas. Hoje em dia os próprios treinadores e países não se retraem de fazer apelos mesmo a ter que pagar porque quem faz os apelos, os protestos são os países que disputam, discutem medalhas, os outros não fazem, de maneira que pagam pagam, pagam uma vez, pagam duas, pagam três vezes, as vezes que forem necessárias, porque têm dinheiro para isso. Porque se investiram tanto dinheiro na preparação dos ginastas e se os treinadores estão convencidos que houve um erro, até pode haver um erro, claro que pode haver um erro, e se não houver protesto ninguém pode reclamar, ninguém pode mudar a nota, se não houver protesto mesmo que haja erro. Mas se for um ginasta com certeza que apareça lá, se for… não quero dar o nome de Portugal, da Índia ou do Sri Lanka ou isso, mesmo que se veja que é um erro, se ninguém protestar, o erro continua, mas errar é humano. Toda a gente pode errar, agora estava-se exageradamente a usar e abusar do programa Ircus, que é voltar cada vez atrás quando não se tinha a certeza se acabava a rotação ou não acabava, e também houve agora aquele problema desgraçado no Campeonato do Mundo, na primeira qualificação antes de Estugarda, na Dinamarca, em que uma ginasta Chinesa realmente fez um salto de mesa com rotação e ficou com os pés talvez a 12º da rotação e consideraram-lhe um salto inferior, numa final… ficou arrumada. Porque a soma dos dois saltos, mais a média aritmética, ela estava a contar com uma determinada nota de partida e consideraram-lhe meia rotação a menos, meia, quando lhe faltavam mais ou menos 10º para a rotação completa. Portanto o que é que é justiça, justiça é muito relativa e muito subjectiva. Porque se realmente formos ver no código está escrito que são 360º exactos e/ou 720º exactos, é realmente justiça. Agora por outro lado estamos a matar um bocadinho a evolução. Por outro lado, continua a haver sempre gente que arrisca porque há sempre juízes que vão no barco, que acabam por ir.

2.2.10 Deseja acrescentar alguma informação ou algum pormenor relativamente à alteração do CP, que no seu entender possa ser relevante?

Bem este código agora não vai mudar até Pequim, agora já é proibido mudar seja o que for, porque já houve alterações agora depois destes últimos Campeonatos do Mundo. A única coisa que se pode fazer é acrescentar porque há sempre elementos novos que vão aparecendo e que têm que ser incluídos. Alterações por exemplo é que a composição vai passar para o júri A, de maneira que o júri A que andou a treinar-se este tempo todo que tinha que tomar atenção a isto

e aquilo, aquilo e aquilo, agora é mais uma porque o júri B de qualquer maneira já tem muitos trabalhos, e há mais problemas, porque as notas neutras que são dadas pelos cronometristas e pelos juízes de linha, são notas neutras portanto são deduzidas pelo júri A no fim do exercício, mas está escrito que os protestos são feitos em relação ao júri A, à nota A, portanto estão a entrar notas neutras que não tem nada a haver, e isto tem novamente que ser alterado até Estugarda, pelo menos a frase tem que ser alterada. Porque um treinador não pode protestar, vê uma nota, estava a pensar que são 6 pontos, e nem reparou que a sua ginasta pôs o calcanhar de fora ou que tem um segundo menos do tempo permito ou um segundo a mais, e a única coisa que vê é um 5.90 ou um 5.80 em vez dos 6 pontos, então protesta. Quer dizer, como vão resolver isso agora é uma questão de informática e disso tudo, mas no código está escrito júri A, nota A, isto é tudo muito complicado, até isto tudo assentar. E agora também já há datas previstas para a apresentação do novo código para 2009, depois de Pequim, mas já se está a fazer durante o ano, o próximo ano, já se vai começar a fazer, a acertar, a aprender com os erros, mas quer dizer a linha do código não vai mudar. A não ser que haja uma revolução na FIG, que o Comité Executivo e o Presidente mudem, e que o novo Presidente queira novamente alterar o código para dizer que ele é que é o Presidente.

Lisboa, 15 de Março de 2007, 18:00 horas

ENTREVISTADO Nº 19

PARTE I – CARACTERIZAÇÃO INDIVIDUAL

Treinador ☐

Juiz ☒

1.1 Sexo: Masculino ☐ Feminino ☒ 1.2 Idade: 35 (anos) 1.3 Nacionalidade: Portuguesa

1.4 Habilitações Académicas:

4ªclasse	6ºano	9ºano	12ºano
☐	☐	☐	☐
Bacharelato	**Licenciatura**	**Mestrado**	**Doutoramento**
☐	☒	☐	☐

1.5 Para além da sua formação académica, qual o seu nível de formação:

o como treinador Nível I

o como juiz Juiz Internacional – Categoria III

1.6 Para além da Ginástica, tem outra actividade profissional?

Sim ☒

Não ☐

Se sim, qual? Professora de Educação Física

PARTE II

2.2 GUIÃO DA ENTREVISTA – JUIZES

2.2.1 Categoria como Juiz:

- o Internacional A ☐
- o Internacional B ☒
- o Nacional (categoria I) ☐
- o Nacional (categoria II) ☐

2.2.2 Que tipo de provas é que já pontuou?

Jogos Olímpicos	Campeonatos do Mundo	Campeonatos da Europa	Taça do Mundo	Torneios Internacionais
☐	☐	☒	☐	☒
	Campeonatos Nacionais ☒	Taça de Portugal Dia Olímpico ☒	Outras Provas Nacionais ☒	Campeonatos Distritais ☒

2.2.3 Anos de actividade na Ginástica Artística:

- o como atleta 5 (anos)
- o como treinador 4 (anos)
- o como juiz 15 (anos)

2.2.3.1 Para além da sua actividade como Juiz, encontra-se actualmente ligada ao treino?

Sim ☐

Não ☒

2.2.4 Em relação ao Código de Pontuação de Ginástica Artística Feminina (CP 2006), considera terem existido grandes mudanças/alterações em relação ao último Código em Vigor (CP 2001)?

Sim ☒

Não ☐

2.2.4.1 Se sim, quais considera terem sido as mais significativas?

Sim, grandes mudanças mesmo. E a maior que salta à vista de toda a gente é realmente ter desaparecido o dez de

nota máxima. O acabarmos com o dez como perseguição do objectivo máximo e passar a ser uma nota ilimitada.

2.2.4.2 Das mudanças/alterações verificadas, quais são no seu entender, as vantagens e desvantagens?

Vantagens é colocar cada ginasta no seu patamar, conseguir distribuir melhor esse leque, essa nota ilimitada permite colocar cada ginasta no seu patamar, graduar mais as ginastas. Desvantagens, para quem não tem as condições para uma prática nas condições optimais de ginástica ficar cada vez mais longe de conseguir chegar lá, em termos de ginástica, de prática de ginástica, em termos de ajuizamento é uma questão de prática, de habituar ao novo código, apagar o velho e colocar na cabeça o novo código e ter outra visão.

2.2.5 Em relação ao seu trabalho como juiz, quais as principais mudanças, diferenças e dificuldades verificadas e sentidas?

Foi uma mudança muito radical, como tal foi difícil esquecer, não em termos dos valores dos elementos mas em termos de reestruturação do código, apagar todas as rotinas que tínhamos de prática de pontuação e eliminar completamente os vícios, os métodos de pontuação e conseguir "mastigar" e colocar o novo código na cabeça. As dificuldades mais sentidas foram, sobretudo, ao nível das funções, há muito mais tarefas, como juiz temos muito mais tarefas para fazer ao mesmo tempo, sobretudo quem é júri A, tem uma série de coisas que tem que contemplar numa nota e que tem que ser feito num tempo mínimo e é difícil criar essa rotina, então com o número de provas que nós pontuamos é mesmo muito difícil conseguirmos ter isso na rotina e aplicar tudo em pouco tempo.

2.2.6 Acha mais fácil pontuar com o novo CP? (Justifique/Argumente a resposta dada)

Sim ☐

Não ☐

Depois de ultrapassar e de apagar o velho acho que sim. Até porque as tarefas são específicas, quem é juiz de execução, quem é júri B, só faz juiz de execução, o que simplifica bastante, e quem é júri A, praticando, criando rotinas, penso que se torna mais fácil, principalmente com as novas alterações, conseguiram depois de se detectarem os erros e de se aperceber o que é que poderia melhorar, com as últimas alterações penso que ainda se torna mais fácil.

2.2.7 Considera que as alterações verificadas no CP vieram trazer mais exactidão no ajuizamento das ginastas e maior credibilidade à modalidade? (Justifique/Argumente a resposta dada)

Sim ☐

Não ☐

Apesar de "chocar" um bocadinho o desaparecer o dez, de criar algum "prurido", alguma "comichão" desaparecer o dez como nota máxima eu penso que sim, porque penso que vai permitir a tal "decálage" entre as ginastas que são menos boas, mazinhas, boas, muito boas e excelentes, isso vai permitir graduar e estabelecer a tal diferença entre as ginastas. O facto da execução estar muito exigente torna o código muito duro, é muito duro o código agora, mas isso por um lado ajuda também a separar as ginastas, a separar o trigo do joio e a quem faz o mesmo mas quem faz muito bem e quem não faz bem.

2.2.8 Uma vez que actualmente se pode ultrapassar a fasquia máxima dos 10 pontos, concorda com a alteração do CP que veio permitir o estabelecimento de recordes na GA? Não veio este facto deturpar o significado e o objectivo principal da GA (atingir a nota máxima), algo raro e inatingível, a perfeição, que tanto caracterizava a modalidade? (Justifique/Argumente a resposta dada)

Eu acho que continua, claro que choca sobretudo quem estava há muito tempo habituado a isso, choca um bocadinho e parece que descaracteriza a ginástica artística. Mas continuamos a ter o dez, continuamos a perseguir o dez em termos de execução, por isso essa perfeição continua a existir, existe só num parcial da nota mas continua a existir.

2.2.9 Considera que esta mudança irá trazer uma maior justiça na atribuição de notas? (Justifique/Argumente a resposta dada)

Devo-me estar a repetir, acho que já disse que sim, acho que vai exactamente permitir graduar as ginastas e distingui-las mais, mais justo.

2.2.10 Deseja acrescentar alguma informação ou algum pormenor relativamente à alteração do CP, que no seu entender possa ser relevante?

Não, acho que não, acho que depois de confrontarmos as últimas alterações acho que está a caminhar no bom sentido, só que, se calhar deveria ser mais "mastigado" e não tão experimentado após as alterações não deveria ser logo aplicado mas mais estudado se calhar mais minuciosamente, para estas alterações não surgirem só de ano a ano mas

surgir logo no primeiro código após o ciclo olímpico, surgir logo com todas as alterações, e não como acontece e se verifica que estamos a entrar em 2007 e ainda estamos a sofrer alterações de 2005, por isso se fosse tudo muito mais "mastigado" na altura se calhar isto não se verificasse. Não sei se isto é uma crítica, se calhar é talvez mais uma sugestão. Se as coisas fossem mais reflectidas, mais aplicadas antes de serem dadas como definitivas, quer dizer isto é um "chorrilho" de alterações, quase mensalmente depois de termos feito o primeiro curso de juízes quase mensalmente surgiam alterações e agora em 2007 parece que surgiram as definitivas até 2009.

Lisboa, 16 de Março de 2007, 12:00 horas

ENTREVISTADO Nº 20

PARTE I – CARACTERIZAÇÃO INDIVIDUAL

Treinador ☐

Juiz ☒

1.1 Sexo: Masculino ☐ Feminino ☒ 1.2 Idade: 31 (anos) 1.3 Nacionalidade: Portuguesa

1.4 Habilitações Académicas:

4ªclasse	6ºano	9ºano	12ºano
☐	☐	☐	☐
Bacharelato	**Licenciatura**	**Mestrado**	**Doutoramento**
☐	☒	☐	☐

1.5 Para além da sua formação académica, qual o seu nível de formação:

o como treinador _____

o como juiz ___Nacional – Categoria I_____

1.6 Para além da Ginástica, tem outra actividade profissional?

Sim ☒

Não ☐

Se sim, qual? ____Professora de Educação Física _____

PARTE II

2.2 GUIÃO DA ENTREVISTA – JUIZES

2.2.1 Categoria como Juiz:

- o Internacional A ☐
- o Internacional B ☐
- o Nacional (categoria I) ☒
- o Nacional (categoria II) ☐

2.2.2 Que tipo de provas é que já pontuou?

Jogos Olímpicos	Campeonatos do Mundo	Campeonatos da Europa	Taça do Mundo	Torneios Internacionais
☐	☐	☐	☐	☒
	Campeonatos Nacionais ☒	Taça de Portugal Dia Olímpico ☒	Outras Provas Nacionais ☒	Campeonatos Distritais ☒

2.2.3 Anos de actividade na Ginástica Artística:

- o como atleta 4 (anos)
- o como treinador 1 (anos)
- o como juiz 10 (anos)

2.2.3.1 Para além da sua actividade como Juiz, encontra-se actualmente ligada ao treino?

Sim ☐

Não ☒

2.2.4 Em relação ao Código de Pontuação de Ginástica Artística Feminina (CP 2006), considera terem existido grandes mudanças/alterações em relação ao último Código em Vigor (CP 2001)?

Sim ☒

Não ☐

2.2.4.1 Se sim, quais considera terem sido as mais significativas?

Sim. O facto da nota 10 ter sido abolida, essencialmente, porque as exigências não foram assim umas alterações …

houve alterações mas não foram mudar aquilo que era a trave ou aquilo que era as paralelas, não mudou, mas a nota 10 acho que foi a mais significativa.

2.2.4.2 Das mudanças/alterações verificadas, quais são no seu entender, as vantagens e desvantagens?

Eu acho que a vantagem é o score, ou seja não há um limite, não sei até que ponto é que será uma vantagem, mas se houver um código definitivo isso é sempre uma vantagem, porque não haverá alterações mas há sempre um tentar progredir cada vez mais e evoluir com uma base. Não é o que tem acontecido, por isso acho que é uma desvantagem porque ainda não se conseguiu encontrar um código que seja o mais justo e o mais correcto e então o facto de haver sempre adaptações não tem ajudado o que poderá ser uma vantagem do meu ponto de vista. Em relação às desvantagens, nós... pela minha experiência ainda não consegui perceber o que é uma boa nota em termos do não existir uma nota 10, portanto, o que é uma nota de excelência, o que é um exercício razoável, não deu ainda para perceber o que é. Eu acho que é uma desvantagem, mas se calhar por inexperiência de aplicação do código visto o escasso número de provas que existe em Portugal e as constantes alterações a que o código está sujeito, é outro ponto que não ajuda nada e que não é nada favorável.

2.2.5 Em relação ao seu trabalho como juiz, quais as principais mudanças, diferenças e dificuldades verificadas e sentidas?

Para já foi a mudança de fazer essencialmente de júri B, e passar a fazer de júri A e de Júri B. Sabendo que no ano anterior, na época anterior, fazia praticamente e fiz sempre de júri B, eu chegava à prova e sabia à partida que iria fazer B, portanto estava habituada a fazer unicamente execução e passei a fazer também dificuldade com uma responsabilidade maior. Outra das dificuldades foram as constantes alterações do código e, sempre as mudanças obrigaram a estarmos sempre a fazer tudo de novo e algumas mudanças foram significativas e fizeram com que tivéssemos que ter outras funções também nas competições. Como há uma mudança de função, ou seja, sabia fazer de júri A mas não tinha aquela responsabilidade de o ter que fazer, e aí é que eu sinto a dificuldade, é o não poder errar porque está em causa o trabalho de um ginasta o trabalho de um treinador. Dentro do próprio código, não consigo ter uma noção do que sinto mais dificuldades de um código para o outro, porque para já consigo fazer uma, até aqui sempre consegui fazer foi, código antigo apagou e começa um novo. E isso dos 3 ciclos que tenho sempre o consegui

fazer, e é isso que eu tenho feito também o ano passado sempre que há uma mudança no código, é esquecê-lo e daí estudá-lo sempre exaustivamente na semana da prova aquilo que vai ser aplicado, porque consigo eliminar e começar de novo. A dificuldade que tenho sentido é mesmo o ter medo de falhar, o tentar ser o mais rigoroso possível, mas não vejo, aliás vejo o código como um todo e não há um ponto que eu diga que tenho mais dificuldade nisto ou que tenho mais dificuldade naquilo. Acho que neste código é difícil ter uma boa nota de júri B se não se fizer simultaneamente A, acho que se não se fizer A pode-se estar a induzir em erros de não contar e de fazer descontos diferentes por se contar ou não o elemento. É a única coisa que eu consigo individualizar, de resto tento cumprir a minha função, não vejo assim dificuldades de maior.

2.2.6 Acha mais fácil pontuar com o novo CP? (Justifique/Argumente a resposta dada)

Sim ☐

Não ☐

Não sei porque tinha funções diferentes. Agora no que respeita se calhar ao júri B, há essa dificuldade que mencionei anteriormente. Não consigo, ou seja, se tivesse que fazer o júri B, tentaria sempre ver se contava ou contava e procurar saber se contava ou não contava para ser rigorosa na nota B, ao fazer de júri A eu acho que para mim é mais difícil pontuar este código porque houve uma mudança. No meu caso existiu uma mudança de funções que leva a que se calhar seja mais difícil de pontuar, porque se o júri A falha pode estar em causa a nota da ginasta, se o júri B falha, há sempre outras notas que podem estar nas pontas e sair e não prejudicar tanto a ginasta.

2.2.7 Considera que as alterações verificadas no CP vieram trazer mais exactidão no ajuizamento das ginastas e maior credibilidade à modalidade? (Justifique/Argumente a resposta dada)

Sim ☒

Não ☐

Sim, tendo em conta que por exemplo, ao nível da composição existe maior objectividade e havendo objectividade e sabendo ao certo o que é que se desconta em quê, o que tem e o que não tem, torna-a mais objectiva e mais credível. Porque não é hoje vamos tirar 0.6 amanha vamos tirar 0.7, porque as ginastas estão num nível e as que estão presentes num nível inferior, e nesse aspecto há mais credibilidade porque há mais objectividade. Acho que existe um maior grau de exigência e um aumento crescente do grau de dificuldade e da complexidade dos exercícios, isso eu

acho que este código veio trazer isso, não sei se isso é bom ou mau, o risco também começa a ser cada vez maior, os exercícios são mais complexos, vai-se aumentando sempre o grau de dificuldade porque o objectivo é fazer sempre cada vez mais, e quanto mais se conseguir ter ao nível da exigência e da dificuldade mais será a pontuação do exercício ao nível da nota A. Não sei se isso credibiliza a modalidade, mas acho que é um facto que eu consigo constatar é o aumento crescente da exigência, mas não sei se credibiliza ou não.

2.2.8 Uma vez que actualmente se pode ultrapassar a fasquia máxima dos 10 pontos, concorda com a alteração do CP que veio permitir o estabelecimento de recordes na GA? Não veio este facto deturpar o significado e o objectivo principal da GA (atingir a nota máxima), algo raro e inatingível, a perfeição, que tanto caracterizava a modalidade? (Justifique/Argumente a resposta dada)

É uma mudança, mas eu não vejo as mudanças como algo de mal mas se elas existem é para trazer algo de bom, há que experimentar e logo ver. Porque eu dá-me a sensação que o código tem estado sempre em experimentação e daí ter tido imensas alterações porque ainda não conseguiram chegar àquilo que consideram que está bem e perfeito, não sei até que ponto é que também não haverá um momento em que vão achar que o que estava antes era melhor, mas acho que é uma evolução, como tudo. Todas as modalidades normalmente é o recorde o recorde, o recorde, a ginástica era diferente, não sei, não consigo ter uma opinião, neste momento acho que pode ser… como evolução acho que possa ser positivo, porque se nós conseguirmos ter uma base, e eu vejo enquanto juiz, e mesmo os ginastas enquanto ginastas, e os treinadores enquanto treinadores, se tiverem uma base que é sempre a mesma e é a partir dali que vão trabalhar sempre, facilita, não há alterações, não há mudanças, não há mudança de exigências, portanto aquilo é a base de trabalho e será continuado, eu acho que este código permite isso. O facto de não ter, de não haver o dez e de existir o score. Por outro lado é uma mudança muito radical daquilo que era a tradição.

2.2.9 Considera que esta mudança irá trazer uma maior justiça na atribuição de notas? (Justifique/Argumente a resposta dada)

Não sei. Eu acho que o código é mais objectivo, mais difícil, mais exigente, mas mais objectivo. Se é mais objectivo poderá trazer uma maior justiça. Mas isso só o tempo o dirá.

2.2.10 Deseja acrescentar alguma informação ou algum pormenor relativamente à alteração do CP,

que no seu entender possa ser relevante?

Em relação à alteração do código de pontuação, a única coisa que eu vejo foi também que houve a alteração da minha função. E aí se calhar eu vejo o código de uma forma diferente como algo de novo a começar, realmente como ele é porque para mim também foi um começar de novo não foi continuar a ter as mesmas funções mas foi um mudar de funções, do B para o A, e se calhar faz-me ver tudo como novo, não com aquela barreira da tradição, mas é novo, é diferente, e não posso dizer que me desagrade, se calhar porque também obrigou que da minha parte houvesse uma maior aplicação, e não tenha sentido tanta aquela diferença.

Lisboa, 16 de Março de 2007, 15:00 horas

ENTREVISTADO Nº 21

PARTE I – CARACTERIZAÇÃO INDIVIDUAL

Treinador ☐

Juiz ☒

1.1 Sexo: Masculino ☐ Feminino ☒ 1.2 Idade: 30 (anos) 1.3 Nacionalidade: Portuguesa

1.4 Habilitações Académicas:

4ªclasse	6ºano	9ºano	12ºano
☐	☐	☐	☐
Bacharelato	**Licenciatura**	**Mestrado**	**Doutoramento**
☐	☒	☐	☐

1.5 Para além da sua formação académica, qual o seu nível de formação:

o como treinador ___Nível I_____

o como juiz ___Nacional – Categoria I_____

1.6 Para além da Ginástica, tem outra actividade profissional?

Sim ☒

Não ☐

Se sim, qual? __Professora de Educação Física_____

PARTE II

2.2 GUIÃO DA ENTREVISTA – JUIZES

2.2.1 Categoria como Juiz:

- o Internacional A ☐
- o Internacional B ☐
- o Nacional (categoria I) ☒
- o Nacional (categoria II) ☐

2.2.2 Que tipo de provas é que já pontuou?

Jogos Olímpicos	Campeonatos do Mundo	Campeonatos da Europa	Taça do Mundo	Torneios Internacionais
☐	☐	☐	☐	☐
	Campeonatos Nacionais ☒	Taça de Portugal Dia Olímpico ☒	Outras Provas Nacionais ☒	Campeonatos Distritais ☒

2.2.3 Anos de actividade na Ginástica Artística:

- o como atleta 9 (anos)
- o como treinador 6 (anos)
- o como juiz 15 (anos)

2.2.3.1 Para além da sua actividade como Juiz, encontra-se actualmente ligada ao treino?

Sim ☒

Não ☐

2.2.4 Em relação ao Código de Pontuação de Ginástica Artística Feminina (CP 2006), considera terem existido grandes mudanças/alterações em relação ao último Código em Vigor (CP 2001)?

Sim ☒

Não ☐

2.2.4.1 Se sim, quais considera terem sido as mais significativas?

Sim. A principal acho que foi o ter deixado de existir o 10 e tudo mudou em termos de elementos, o facto da dificuldade

actualmente ser mais exigente e o facto de agora só contarem os dez elementos de maior valor, os 9 mais a saída, acho que é bastante importante até para a constituição dos exercícios, não tanto para em termos de estar a pontuar, mas para a realização de exercícios é muito importante, acho que foi basicamente isso.

2.2.4.2 Das mudanças/alterações verificadas, quais são no seu entender, as vantagens e desvantagens?

Eu acho que a grande desvantagem foi o dez, deixou-se de ter a referência máxima, ou seja, aquilo que as ginastas querem atingir, e mesmo para os juízes a orientação, o dez, também era um bom orientador. E o facto de, eu acho que está muito exigente o código e a forma como está, faz com que ginastas que não tenham tanta capacidade abandonem, ou pura e simplesmente não tenham formas de ir às provas, ou seja, não conseguem cumprir os mínimos para se sentirem bem numa prova. E apesar de… esta modalidade já era difícil, agora está cada vez mais difícil quanto a mim. A vantagem, sinceramente, quer dizer, acaba por em termos do público ver mais elementos, e acabam por não estar ali a ocupar tempo sem fazer nada. O público não percebe, não vai perceber, aliás, eu acho que até nós próprios da ginástica temos alguma dificuldade, quando me diziam teve 13, e eu, então isso é o quê, isso é bom, teve 12 e eu ficava, 12 então, é bom é mau… o que é que isso é, é complicado nós percebermos, então quem anda à muito tempo nisto é muito complicado porque não funciona logo à primeira. Mas em termos de espectáculo acaba por ser mais espectacular o facto de elas terem que fazer logo as dificuldades, pronto, e não estarem a colocar elementos que não interessam que antigamente acabavam por não contar, e actualmente como contam, convém que coloquem os elementos fortes, e não sei se isso em termos de espectáculo, se o público percebe isso tão bem, os números ficam mais fortes, ficam mais acrobáticos, ficam números mais fortes mas não sei se em termos de espectáculo se o público percebe a beleza, porque para eles basta fazer um mortal com pirueta já está a ser muito bom, por isso não sei se a outro nível percebem o grau de dificuldade das coisas.

2.2.5 Em relação ao seu trabalho como juiz, quais as principais mudanças, diferenças e dificuldades verificadas e sentidas?

O que eu senti é que foi um código novo, e mais do que dificuldade em pontuar com ele, foi depois de termos um completamente diferente na cabeça, apagá-lo que ainda não o apaguei, que ainda olho muito a pensar no outro, apesar de já ter pontuado um ciclo novo, olho muito no primeiro momento olho muito a pensar com o outro, não nas provas

mas quando elas estão no treino ou quando vejo um exercício de ginástica na televisão. A principal diferença foi essa, foi o ter que desfazer tudo e às vezes estar a pontuar e ter que estar constantemente com a impressão que não me posso enganar nas coisas. Agora para quem começa do início acho que se lhe apresentam a coisa assim não é complicado e é fácil de se lá chegar e é fácil de entender a lógica depois de a perceber, acho que não é complicado. A dificuldade que sinto maior é exactamente por já ter o outro, portanto, é a adaptação, adaptar-me ao novo código.

2.2.6 Acha mais fácil pontuar com o novo CP? (Justifique/Argumente a resposta dada)

Sim ☐

Não ☒

Não. Acho que não, acho que temos que estar muito mais atentas exactamente para os elementos que têm que estar dentro daquele intervalo, acho que temos que estar muito mais atentas ou seja não podemos pontuar à vontade e depois ir ver os elementos mais fortes como fazíamos, o à vontade é… apesar de ela fazer aqui no fim já é bom, e agora temos que estar com muita mais atenção nesse sentido, há muitos mais pequenos aspectos que temos que estar concentradas e temos que fazer muito mais coisas. Houve um acréscimo de funções, e temos que estar preocupadas com muitas mais coisas que não tínhamos que estar, e que então no caso das provas portuguesas ainda nos dão mais tarefas, mas mesmo só o código acaba por ser muito mais exaustivo e acabamos por, se calhar, não estar tão atentas como deveríamos estar à função que temos que estar ali a fazer porque estamos a fazer e a pensar em mil e uma coisas e não nos podemos esquecer disto e daquilo e ela acabou de fazer e eu não sei se vou deduzir se calhar aquilo que tenho que deduzir na e com exactidão, muito menos consigo apreciar realmente o exercício que apresentam.

2.2.7 Considera que as alterações verificadas no CP vieram trazer mais exactidão no ajuizamento das ginastas e maior credibilidade à modalidade? (Justifique/Argumente a resposta dada)

Sim ☐

Não ☒

Credibilidade não, de todo. Credibilidade na modalidade não terá nada haver com isto, antes pelo contrário acho que o dez estava muito bem e neste momento o facto de ultrapassar não tem nada haver. Agora relativamente à exactidão, se calhar sim, em termos de exactidão, não digo que não esteja mais exacto, ou seja, se nós conseguirmos ser máquinas a ajuizar e esperemos que o consigamos, acho que é realmente mais preciso e a nota será muito mais exacta. Agora

não sei é se o conseguimos porque apesar de tudo é subjectivo e apesar de tudo somos pessoas que não estamos a analisar um esquema e ponto final vamos para casa, são vários esquemas e depois temos que pensar no grupo que passou na primeira rotação, ou seja, é muita coisa a analisar e por isso se calhar não sei se conseguimos fazer tudo, como ser humanos que somos.

2.2.8 Uma vez que actualmente se pode ultrapassar a fasquia máxima dos 10 pontos, concorda com a alteração do CP que veio permitir o estabelecimento de recordes na GA? Não veio este facto deturpar o significado e o objectivo principal da GA (atingir a nota máxima), algo raro e inatingível, a perfeição, que tanto caracterizava a modalidade? (Justifique/Argumente a resposta dada)

Não concordo nada com a alteração, acho que é uma aberração, quer para as pessoas que estão na ginástica e ainda para mais para as pessoas que não estão na ginástica. Porque toda a gente se lembra da Nadia Comanechi a atingir o dez, e essa perfeição era o que todas as ginastas no ginásio tentavam, e era isso que nós lhes dizíamos, o teu exercício tem que ir para o dez, e era assim que elas... neste momento, eu trabalho com miúdas pequenas, nem lhes falo no código sequer, nem elas sabem que aquilo existe, muito bem, têm algumas noções, mas é complicado elas olharem para uma nota e perceberem se aquilo foi bom ou se foi mau, e é muito complicado transmitir-lhes isso, até porque para nós também é complicado formar-mos uma ideia acerca do que é bom e do que é mau. Por isso achava importantíssimo o dez, e o tentar atingir o dez, e saberem que um nove já estavam lá perto, porque percebiam que as dificuldades eram um caminho para lá chegar, mas que a perfeição do exercício era fundamental e actualmente está a cair-se num risco de tudo o que não está perfeito não se pode colocar no exercício porque é muito penalizado e por isso aquela questão de que a dificuldade também era muito importante para atingir o dez passa a não ter valor porque as pessoas acabam por fazer o mínimo que sabem, perfeito, e o espectáculo deixa também, acaba também por deixar de existir um bocadinho.

2.2.9 Considera que esta mudança irá trazer uma maior justiça na atribuição de notas? (Justifique/Argumente a resposta dada)

Eu da justiça não digo que não, não digo que não seja mais justo, é como o facto da exactidão, é capaz de ser mais justo, deixa é de ser uma modalidade espectáculo, que era, as notas são capazes de ser mais justas, realmente quem faz mais e bem é mais beneficiado.

2.2.10 Deseja acrescentar alguma informação ou algum pormenor relativamente à alteração do CP, que no seu entender possa ser relevante?

Lisboa, 16 de Março de 2007, 20:00 horas

ANEXO 6 – CARACTERIZAÇÃO DO GRUPO DE ESTUDO